

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

ILDRANIS LAQUINI MORO

**AS “TRANSFORMAÇÕES” NO ESPAÇO RURAL E A ATUAÇÃO DA
PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA NO MUNICÍPIO DE RIO NOVO DO SUL-ES**

VITÓRIA
2015

ILDRANIS LAQUINI MORO

**AS “TRANSFORMAÇÕES” NO ESPAÇO RURAL E A ATUAÇÃO DA
PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA NO MUNICÍPIO DE RIO NOVO DO SUL-ES**

Dissertação a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Cesar Scarim.

VITÓRIA

2015

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

M867t Moro, Ildranis Laquini, 1982-
As “transformações” no espaço rural e a atuação da
Pedagogia da Alternância no município de Rio Novo do Sul - ES /
Ildranis Laquini Moro. – 2015.
383 f. : il.

Orientador: Paulo Cesar Scarim.
Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal
do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Educação rural - Rio Novo do Sul (ES). 2. Pedagogia da
alternância. I. Scarim, Paulo Cesar, 1968-. II. Universidade
Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e
Naturais. III. Título.

CDU: 91

**“AS “TRANSFORMAÇÕES” NO ESPAÇO RURAL E
A ATUAÇÃO DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA NO
MUNICÍPIO DE RIO NOVO DO SUL-ES”**

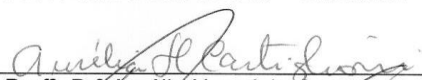
ILDRANIS LAQUINI MORO

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

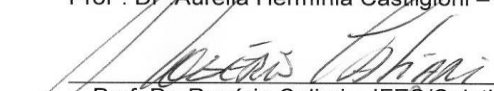
Aprovada em 24 Setembro de 2015



Prof. Dr. Paulo Cesar Scarim – Orientador - UFES



Prof.ª Dr.ª Aurélia Hermínia Castilgioni – UFES



Prof. Dr. Rogério Caljari – IFES/Colatina-ES



Prof. Dr. Anselmo Alfredo - USP

A Deus.

A minha santinha protetora, Santa Rita de Cássia.

Aos meus pais, Nené e Maria.

Aos meus irmãos, Melqui e Silvana.

À minha cunhada, Lucinha.

Aos meus sobrinhos, Kelmer e Kelly.

Ao meu namorado, Edimar.

“Encontra-se para se conhecer
Conhecer-se para caminhar juntos
Caminhar juntos para crescer
Crescer para amar-se mais.”

Padre Humberto Pietrogrande

"A raça humana não pode prosperar
enquanto não aprender que há tanta
dignidade em cultivar campos, quanto em
escrever um poema.”

Booker Washington

AGRADECIMENTOS

Chegou a hora de agradecer, por um caminho que, a princípio, o medo me impedia de percorrer, mas que a força de vontade, o sonho e a fé me fizeram tentar, e aqui estou. Aprendi, além de tudo, que, quando não lutamos por um sonho, ele fica apenas na memória; mas, quando vamos à busca dele, ele vira realidade.

A Deus, primeiro, e a minha santinha protetora, Santa Rita de Cássia, por terem me guiado, em cada momento desta longa caminhada, a superar cada desafio e me dado sabedoria e discernimento para cumprir cada tarefa incumbida a mim.

A minha amada família: meu pai, Nené, minha mãe, Maria, que rezaram por mim, me incentivaram e me apoiaram em tudo; a meu irmão, Melquisedequi, sempre atencioso e prestativo, nunca medindo esforços para me ajudar; a minha irmã, Silvana, que também muito me ajudou a transcrever as entrevistas, muitas vezes abrindo mão de suas atividades para fazê-lo; a minha cunhada, Lucinha, sempre estando presente e me incentivando; a meu sobrinho, Kelmer, que me ajudou, mais do que uma vez, na troca de ideias, que foram muito importantes para minha pesquisa; à minha linda sobrinha, Kelly, que, com seu jeitinho de menina sapeca, aliviava as tensões na caminhada com conversas e brincadeiras; e ao meu namorado, Edimar, que pacientemente compreendeu minha escolha e me apoiou em tudo, sempre pronto a me ajudar em todos os momentos. A vocês todas as palavras seriam poucas para dizer “muito obrigado”.

Ao professor Scarim, que prontamente se disponibilizou a me orientar nesta dissertação, pela dedicação e atenção, principalmente pela liberdade que me deu em desenvolver o meu trabalho da forma que idealizei. Sempre questionador, trazendo grandes contribuições à pesquisa, o que, aos poucos, foi me conduzindo. Com ele aprendi que, além de tudo, conhecimento e humildade caminham lado a lado.

Aos colegas do mestrado da turma de 2013, em especial a Anderson, a Elizete e a Rosilene, com os quais tive momentos de lutas, seminários, aulas, boas risadas, muito conhecimento compartilhado, o que se materializou em uma bela amizade.

À querida Izadora, secretária do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo, sempre muito competente e atenciosa.

Aos professores que encontrei durante as disciplinas do mestrado o meu muito-obrigado. Os conhecimentos e reflexões proporcionados durante as aulas foram de extrema importância para atingir meu objetivo.

A todas as pessoas que colaboraram na minha pesquisa durante o trabalho de campo: as que compartilharam a sua história em relação à fundação do MEPES e da Escola Família Agrícola de Rio Novo do Sul; aos ex-alunos que relataram suas experiências; e aos agricultores (lideranças comunitárias) que me acolheram tão bem e me apresentaram o cenário rural do município de Rio Novo do Sul, dispondo um precioso tempo para contribuir nesta pesquisa.

Aos monitores, secretária e diretor da Escola Família de Rio Novo do Sul que disponibilizaram alguns documentos e prontamente me ajudaram para que eu pudesse embasar a minha pesquisa com informações concisas sobre a EFA.

Ao Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES), por me proporcionar um trabalho que abriu espaço para que eu pudesse realizar este sonho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro recebido durante esta pesquisa. Este foi de extrema importância para o bom desempenho desta.

Enfim, a todos que rezaram, torceram e me apoiaram durante este período. Ademais, a todos que celebram, junto a mim, esta conquista o meu MUITO-OBRIGADO!

RESUMO

Este estudo visa analisar as *transformações ocorridas no espaço rural do município de Rio Novo do Sul-ES, entrelaçando com a atuação do sistema educacional mediado pela Pedagogia da Alternância*, com a qual esse município é contemplado, estabelecendo um paralelo entre a década de 60 e os dias atuais, o qual destaca que a vida rural está mudando, por isso olhar para o rural contemporâneo requer inicialmente que se atente para sua diversidade, da qual emergem possibilidades e simultaneamente preocupações, tendo em vista as novas funções que se vão consolidando e incorporando nas estratégias de reprodução de muitas das famílias que habitam esse espaço. Este trabalho enfatiza a Pedagogia da Alternância, levando em conta sua atuação em meio à dinâmica do espaço rural. Para alcançar o objetivo proposto, delineamos um plano de trabalho que buscou primeiramente realizar uma leitura e discussão bibliográfica, objetivando tanto a compreensão teórica sobre a historicidade da Pedagogia da Alternância quanto à contextualização agrária do estudo, discutindo a agricultura familiar e a pluriatividade e destacando a questão da juventude e a educação do campo. Em seguida, ocorreu um levantamento de indicadores espaciais para compreender a dinâmica rural, enfatizando alguns dados referentes à população rural e urbana do Espírito Santo e do município de Rio novo do Sul. Para a coleta de dados, procedeu-se à pesquisa de campo, a qual buscou pessoas ligadas à fundação da Escola Família Agrícola de Rio Novo do Sul e do MEPES e às lideranças das comunidades rurais de Rio Novo do Sul, bem como alguns ex-alunos da Escola Família Agrícola, o que possibilitou entrelaçar, em seguida, o debate teórico com as questões empíricas levantadas. Entre os resultados, há a necessidade de ressignificar a Escola Família Agrícola no município e despertar um novo olhar para o rural contemporâneo.

Palavras-chave: Transformações. Rio Novo do Sul. Espaço rural. Pedagogia da Alternância.

ABSTRACT

This study aims to analyze the changes occurred in rural area of the municipality of Rio Novo do Sul-ES, interweaving with the performance of the education system mediated by the Pedagogy of Alternation, with which this city is contemplated, establishing a parallel between the 60s and the present day, which points out that rural life is changing, so looking for the contemporary rural initially requires you to watch out for its diversity, from which emerge possibilities and simultaneously concerns, considering the new functions that will be consolidated and incorporated on reproduction strategies of many of the families who inhabit this area. This work emphasizes the Pedagogy of Alternation, considering its performance through the dynamics of rural areas. To achieve the proposed objective, we outlined a work plan which first sought to conduct a bibliographic reading and discussion, aiming both theoretical understanding of the historicity of the Pedagogy of Alternation as agrarian context of the study, discussing family farming and pluriactivity, emphasizing the issue of youth and education in the countryside. Then, there was a survey of indicators of space to understand the rural dynamics, emphasizing some data on rural and urban population of the Espírito Santo and the municipality of Rio Novo do Sul. To collect data, it proceeded to the field research, which sought people linked to the foundation of the Agricultural Family School of Rio Novo do Sul and MEPES and leaders of rural communities of Rio Novo do Sul, as well as some former students of the Agricultural Family School, allowing interweaving, then, the theoretical debate with empirical issues gathered. Among the results, there is the need of reframing the Agricultural Family School in the city and arouse a new look for the contemporary rural.

Keywords: Transformations. Rio Novo do Sul. Rural Area. Pedagogy of Alternation.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Condição de trabalho em Rio Novo do Sul, em 1960.....	140
Tabela 2 – Dados gerais dos alunos matriculados na EFA/RNS – 1969-2014	192
Tabela 3 – Comunidades, data de fundação, distância até a sede e número de famílias.....	214
Tabela 4 – População residente por grupo de idade e sexo – ES – 2010	379
Tabela 5 – Indicadores demográficos do Espírito Santo – 2010	239
Tabela 6 – População residente por sexo e idade – Rio Novo do Sul – 1970.....	380
Tabela 7 – Indicadores demográficos (população total) – RNS – 1970	240
Tabela 8 – População residente por sexo e idade – Rio Novo do Sul – 2010.....	381
Tabela 9 – Indicadores demográficos (população total) – RNS – 2010	241
Tabela 10 – População por sexo e grupo de idade (rural e urbano) – RNS – 1970	382
Tabela 11 – População por sexo e grupo de idade (rural e urbano) – RNS – 2010	383
Tabela 12 – População residente por sexo, situação e grupo de idade – características gerais da população de Rio Novo do Sul	247
Tabela 13 – População residente por sexo, situação e grupo de idade – características gerais da população do Espírito Santo	247

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Criação das EFA no Espírito Santo, em ordem cronológica.....	106
Quadro 2 – Distribuição das EFA por macrorregiões e estados brasileiros	107
Quadro 3 – Associações comunitárias no município de Rio Novo do sul.....	143
Quadro 4 – Procedência dos ex-alunos entrevistados, período em que estudou na EFA/RNS e profissão	270
Quadro 5 – Motivos que fizeram alguns alunos estudar na Escola Família Agrícola (MEPES) Rio Novo do Sul	272
Quadro 6 – A distância percorrida de casa até a Escola Família e como era realizado o percurso	274
Quadro 7 – Atividades realizadas no dia a dia da Escola Família Agrícola (MEPES) Rio Novo do Sul	276
Quadro 8 – O perfil dos alunos por ano que passaram pela Escola Família Agrícola de Rio Novo do Sul	278
Quadro 9 – Atividades realizadas na semana em que os alunos estavam em casa.....	280
Quadro 10 – Aplicação da aprendizagem adquirida na Escola Família Agrícola (MEPES) Rio Novo do Sul no meio sociofamiliar e comunitário	282
Quadro 11 – As contribuições que a Escola Família Agrícola (MEPES) de Rio Novo do Sul trouxe para a vida pessoal e profissional dos alunos e suas famílias	284
Quadro 12 – A Escola Família Agrícola (MEPES) Rio Novo do Sul trouxe resultados para o rural de Rio Novo do Sul que hoje podem ser observados	287
Quadro 13 – A EFA hoje na visão de alguns ex-alunos	289
Quadro 14 – Colocaria seu filho, irmão, sobrinho hoje para estudar na Escola Família Agrícola (MEPES) Rio Novo do Sul?	291
Quadro 15 – Contribuições da Escola Família Agrícola de Rio Novo do Sul para o rural do município	293
Quadro 16 – Análise do meio rural de Rio Novo do Sul hoje em relação à época em que estudava na Escola Família Agrícola.....	294
Quadro 17 – Local onde moravam os ex-alunos em relação ao de hoje	296
Quadro 18 – Atividades desenvolvidas pela família quando aluno(a) da EFA	298
Quadro 19 – Os desafios e realizações como aluno da Escola Família Agrícola (MEPES) Rio Novo do Sul.....	300

Quadro 20 – Análise dos ex-alunos sobre a metodologia aplicada na Escola Família Agrícola (MEPES) Rio Novo do Sul	302
Quadro 21 – Atividades realizadas pelos ex-alunos depois de terem concluído os estudos na Escola Família Agrícola (MEPES) de Rio Novo do Sul....	303
Quadro 22 – Pontos fortes e fracos da Escola Família Agrícola (MEPES) Rio Novo do Sul.....	304
Quadro 23 – Principal fonte de renda por comunidade	216
Quadro 24 – Associação comunitária e situação em relação ao funcionamento	221
Quadro 25 – O rural na década de 1960.....	306
Quadro 26 – Média de idade das pessoas que estão trabalhando na agricultura e quantidade das famílias que migraram para o urbano	310
Quadro 27 – Década de 1960 e atualmente: número de jovens e o que faziam.....	314
Quadro 28 – Desafios das comunidades rurais de Rio Novo do Sul.....	321
Quadro 29 – O rural de Rio Novo do Sul nos dias atuais.....	325
Quadro 30 – Famílias que vivem apenas do rural. Para onde vai o rural de Rio Novo do Sul?	331
Quadro 31 – Pluriatividade (novas ruralidades) em Rio Novo do Sul.....	338
Quadro 32 – Análise de jovens por comunidade que estudaram e estudam atualmente na EFA de RNS e a relação da EFA com a comunidade hoje	344
Quadro 33 – Pessoas entrevistadas por comunidade para a análise do meio rural e da EFA em Rio Novo do Sul. Uma análise da década de 1960 aos dias atuais.....	357
Quadro 34 – Análise da Pedagogia da Alternância – Fundação do MEPES e da Escola Família Agrícola de Rio Novo do Sul-ES	360

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Número total de alunos por ano na EFA/RNS – 1969 a 2014	194
Gráfico 2 – Número total de alunos por ano na EFA/RNS – 1969 a 2014.	197
Gráfico 3 – Número de alunos iniciantes na Escola Família Agrícola de Rio Novo do Sul-ES – 1969 a 2014.....	198
Gráfico 4 – Matrícula inicial por sexo – EFA/RNS – 1969 a 2014	199
Gráfico 5 – População total e por sexo Rio Novo do Sul – 1970.....	245
Gráfico 6 – População total e por sexo Rio Novo do Sul – 2010.....	245
Gráfico 7 – Variação da população total de Rio Novo do Sul – 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010.....	246
Gráfico 8 – Razão de sexo em Rio Novo do Sul – 1970	248
Gráfico 9 – Razão de sexo em Rio Novo do Sul – 2010	248
Gráfico 10 – População rural por sexo em Rio Novo do Sul – 1970	249
Gráfico 11 – População rural por sexo em Rio Novo do Sul – 2010	250
Gráfico 12 – População rural e urbana de Rio Novo do Sul-ES – 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010.....	251
Gráfico 13 – População rural e urbana por sexo – RNS – 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010.....	251
Gráfico 14 – População rural e urbana do Espírito Santo – 1970, 1980, 1991, 2000, 2010.....	252
Gráfico 15 – População rural e urbana por sexo no ES.	252

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Área de estudo desta pesquisa – Área rural do município de Rio Novo do Sul-ES.	22
Mapa 2 – CEFFAs no mundo.	75
Mapa 3 – Imagem ilustrativa da territorialidade do MEPES no Espírito Santo.	109
Mapa 4 – CEFFAS no Brasil.	110
Mapa 5 – População do Espírito Santo em 2010.	141
Mapa 6 – Divisão administrativa de Rio Novo do Sul.	142
Mapa 7 – Uso e cobertura da terra – Rio Novo do Sul em 2010.	145
Mapa 8 – Modelo digital do terreno – Rio Novo do Sul.	146

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Demonstrativo do processo da alternância dos espaços e tempos (escola, família e comunidade).....	71
Figura 2 – Ciclo dos espaços de aprendizagem da Pedagogia da Alternância.....	73
Figura 3 – Os pilares da Pedagogia da Alternância.	77
Figura 4 – Padre Humberto Pietrogrande, fundador do MEPES.....	91
Figura 5 – Funcionamento do Sistema da Alternância.....	115
Figura 6 – Padre João Francisco Confalonieri.	120
Figura 7 – Inauguração da EFA de Rio Novo do Sul em 1969.....	127

LISTA DE SIGLAS

AAES – Associazione degli Amici dello Stato Brasileiro dello Espírito Santo
AEFAR – Escola Família Agrícola Rio-novense
CEFFAS – Centros Formativos Familiares de Formação em Alternância
CNAS – Conselho Nacional de Assistência Social
ECOR – Escolas Comunitárias Rurais
EFA – Escola(s) Família Agrícola
EFASC – Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul
FAO – Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCAPER – Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural
INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
MEPES – Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo
ONG – Organização Não Governamental
PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
UNEFAB – União Nacional das Escolas Famílias do Brasil
UNISC – Universidade de Santa Cruz do Sul

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
1 AGRICULTURA FAMILIAR E SUA DINÂMICA	31
1.1 NOVAS CONFIGURAÇÕES DA AGRICULTURA FAMILIAR – A PLURIATIVIDADE	39
1.2 A EDUCAÇÃO DO/NO CAMPO	53
1.3 A JUVENTUDE NO/DO CAMPO	61
2 A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA	66
2.1 A ORIGEM E EXPANSÃO DA “MAISON FAMILIALE RURALE” NA FRANÇA ..	80
2.2 A EXPERIÊNCIA E EXPANSÃO DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA PARA A ITÁLIA.....	85
2.3 A EXPERIÊNCIA BRASILEIRA: O MEPES – MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO PROMOCIONAL DO ESPÍRITO SANTO.....	87
2.4 AS ESPECIFICIDADES DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA.....	111
2.5 HISTORIANDO A ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE RIO NOVO DO SUL-ES	118
3 CONTEXTUALIZAÇÃO DA HISTÓRIA AGRÁRIA DO ESTUDO: UMA ANÁLISE SOBRE RIO NOVO DO SUL, O ESPÍRITO SANTO E O BRASIL	131
4 ANÁLISE DOS DADOS DE CAMPO DA PESQUISA	161
4.1 A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA E A ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE RIO NOVO DO SUL: O DEBATE ATUAL.	161
4.2 A ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE RIO NOVO DO SUL-ES EM NÚMEROS	192
4.3 ANÁLISE DO DEPOIMENTO DE EX-ALUNOS QUE PASSARAM PELA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE RIO NOVO DO SUL	200
4.4 ANÁLISE DO CENÁRIO RURAL NO MUNICÍPIO DE RIO NOVO DO SUL-ES – DA DÉCADA DE 1960 AOS DIAS ATUAIS	210
4.5 ANÁLISE DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE RIO NOVO DO SUL-ES EM RELAÇÃO ÀS COMUNIDADES RURAIS.....	234

4.6 ANÁLISE DE DADOS POPULACIONAIS DO MUNICÍPIO DE RIO NOVO DO SUL E DO ESPÍRITO SANTO REFERENTE AOS MEIOS RURAL E URBANO	237
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	254
6 REFERÊNCIAS	262
APÊNDICES	269
ANEXOS	375

INTRODUÇÃO

A vida rural em Rio Novo do Sul transformou-se, portanto a Pedagogia da Alternância precisa adaptar-se a essa mudança sem perder sua essência. Eis o debate estabelecido nesta dissertação, levando em conta o tempo, o espaço e as relações neles estabelecidas.

Ao pensar a geograficidade do espaço, Santos (2008, p. 21) salienta que, se a geografia deseja interpretar o espaço humano como fato histórico que ela é, somente a história da sociedade mundial associada à sociedade local pode servir como fundamento da compreensão da realidade espacial [...], pois a história não se escreve fora do espaço, tampouco há sociedade espacial. O espaço – ele mesmo – é social.

Partindo do pressuposto referente à análise das transformações do espaço, Santos (2012, p. 12) destaca que a essência do espaço é social:

Neste caso, o espaço não pode ser apenas formado pelas coisas, os objetos geográficos, naturais e artificiais, cujo conjunto nos dá a Natureza. O espaço é tudo isso mais a sociedade: Cada fração da natureza abriga uma fração da sociedade atual. Assim, temos paralelamente, de um lado, um conjunto de objetos geográficos distribuídos sobre um território, sua configuração geográfica ou sua configuração espacial e a maneira como esses objetos se dão aos nossos olhos, na sua continuidade visível, isto é, a paisagem; de outro lado, o que dá vida a esses objetos, seu princípio ativo, isto é, todos os processos sociais representativos de uma sociedade em um dado momento. Esses processos, resolvidos em funções, realizam-se através de formas. Estas podem não ser originariamente geográficas, mas terminam por adquirir uma expressão territorial. Na verdade, sem as formas, a sociedade, através das funções e processos, não se realizaria. Daí por que o espaço contém as demais instâncias.

Mediada pela essência humana do espaço, esta pesquisa origina-se pela minha¹ vivência enquanto moradora do meio rural do município de Rio Novo do Sul-ES, numa pequena comunidade chamada Vila Alegre, na qual meus pais nasceram, casaram-se e criaram seus três filhos (Melquisedequi, Silvana e eu), tirando da terra o nosso sustento. Meus pais não tiveram oportunidade de frequentar à escola, a

¹ Neste caso, o uso da primeira pessoa no singular se faz presente, pois este estudo se origina da minha vivência como moradora do meio rural, bem como da minha atuação em relação à Pedagogia da Alternância.

qual era distante de casa, mas foram alfabetizados em casa. No entanto, carregam consigo uma sabedoria nata adquirida com o tempo, fruto da vivência em família e em comunidade, do amor e da fé.

Minha comunidade, Vila Alegre, é composta por 20 famílias, as quais, em sua maioria, são descendentes de italianos (todos são agricultores familiares) com uma produção diversificada; porém, o forte da economia gira em torno da produção de banana, café e, em menor escala, gado de leite e corte. Em minha pequena comunidade existem ainda pessoas que atuam em outras atividades, como agroindústria de mariolas, costureira, pedreiros, professoras, auxiliar administrativo, diretor escolar, massagistas, aposentados, técnico agrícola, feirantes e estudantes. Sendo assim, esse fator me motivou a analisar o cenário da agricultura familiar e a inserção da pluriatividade no município de Rio Novo do Sul.

Outro fator determinante, tendo também por base a minha família, sempre incentivado por meu pai, Waldir (Nenê), e minha mãe, Maria, foi o envolvimento na Pedagogia da Alternância, a qual a vivenciei como aluna (da 5.^a à 8.^a séries do ensino fundamental), secretária e monitora da Escola Família Agrícola de Rio Novo do Sul-ES, também como coordenadora do Centro de Formação e Reflexão Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES) em Piúma. Nesses espaços, aprendi e vivenciei o sentido e a prática da Pedagogia da Alternância.

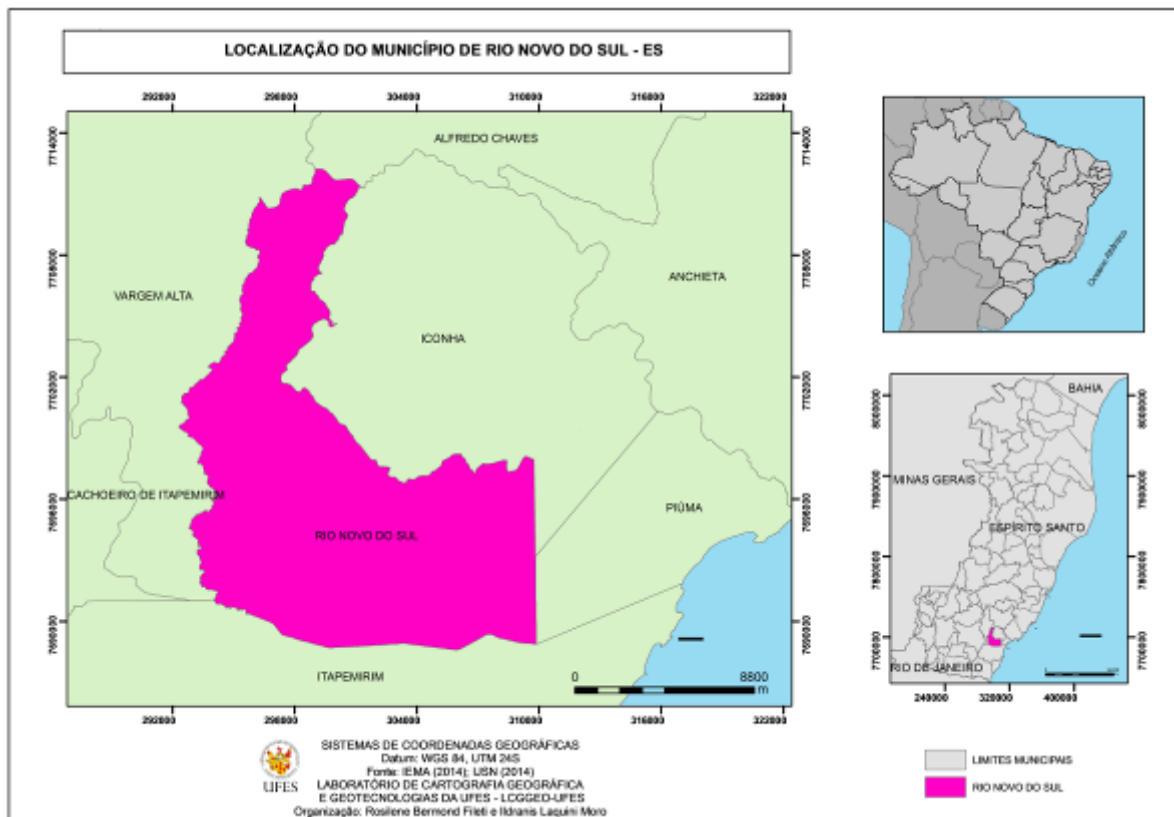
Na minha família, meu irmão, Melquisedequi, estudou na Escola Família Agrícola (EFA) de Campinho em Iconha, hoje cuida com zelo da propriedade do meu pai e agrega valor à produção, com uma agroindústria de mariola; minha irmã, Silvana, estudou na EFA de Rio Novo do Sul, na qual foi secretária e monitora e hoje é diretora da EFA do município Castelo; meu sobrinho, Kelmer, filho do meu irmão, também seguiu por esse caminho, cursando, na EFA de Rio Novo do Sul, o ensino fundamental e, na EFA de Castelo, o ensino médio profissionalizante, atualmente cursa Ciências Biológicas na UFES, em Alegre, porém ainda ajuda em casa e na propriedade, com os conhecimentos adquiridos na EFA; já minha sobrinha, Kelly, como seus pais, optou em estudar próximo de casa, em uma escola estadual, pois

hoje o transporte escolar passa à porta de casa, o que não acontecia em nossa época, facilitando que ela esteja em casa todos os dias. Outra questão é que a EFA de Rio Novo do Sul hoje não está sendo mais um atrativo para os alunos do campo, e vem distanciando-se das comunidades rurais.

Por esses motivos, considero que a Pedagogia da Alternância e o meio rural fazem parte da minha vida e da minha família. Tal fator justifica minha paixão pelo rural e pela Pedagogia da Alternância, o que fez com que surgisse o anseio de realizar esta pesquisa com base nas transformações ocorridas no espaço rural de Rio Novo do Sul, bem como funciona a dinâmica da Pedagogia da Alternância nesse espaço em diferentes contextos.

A área de estudo desta pesquisa é o espaço rural do município de Rio Novo do Sul-ES apresentado no Mapa 1. Rio Novo do Sul é composto de 25 comunidades, das quais 22 são rurais, onde a agricultura familiar constitui a base da economia do município.

Mapa 1 – Área de estudo desta pesquisa – Área rural do município de Rio Novo do Sul-ES



Fonte: Arquivo da autora (2014).

Este estudo objetiva a analisar as “transformações” ocorridas no espaço rural do município de Rio Novo do Sul, entrelaçando com a atuação do sistema educacional mediado pela Pedagogia da Alternância nesse espaço.

Propõe-se, portanto, refletir a seguinte questão: **Quais “transformações” podem ser analisadas no espaço rural do município de Rio Novo do Sul e como a Pedagogia da Alternância se situa em meio a essas transformações?**

Como recorte temporal, esta pesquisa estabelece um paralelo entre as décadas de 1960/1970 e os dias atuais. O período a ser analisado neste estudo se justifica, pois, nessas décadas, a Pedagogia da Alternância chega e se institucionaliza em terras capixabas, mais especificamente em Rio Novo do Sul, em 1969.

Os impactos analisados perpassam as mudanças observadas no espaço geográfico rural em sua dimensão física, o qual abrange também a essência do espaço rural,

no que se refere à relação familiar e seu universo, à juventude no campo, aos valores familiares, culturais, ao modo de vida, à forma de trabalho no campo, bem como à relação do campo com a Pedagogia da Alternância.

Ao citar o termo relação do campo com o sistema educacional, este é de extrema importância, uma vez que o ambiente social, cultural, político, educativo e econômico, dos quais as unidades familiares fazem parte, acabam sendo muitas vezes influenciados por agentes externos, causando expressivas alterações nas especificidades e na lógica de funcionamento do meio rural, pois é sabido que muitos são os fatores capazes de mitificar o campo; logo, o sistema educacional pode ser um divisor de águas e, nesse sentido, lutar contra a cultura e a diversidade do campo.

Ao analisar esse espaço/tempo, tornam-se autênticas algumas preocupações e questionamentos acerca do rural de Rio Novo do Sul, ao citarmos o termo “transformação”, onde a agricultura familiar é analisada tendo como base o sistema capitalista de produção. No entanto, algumas mudanças ocorridas foram positivas, pois trouxeram uma nova perspectiva em relação ao espaço rural e sua dinâmica; outras já trazem consigo incertezas, pois são mediadas por uma desvalorização do trabalho e do trabalhador do campo, embora com uma proposta diferente da vivenciada na década de 1960.

Atualmente emergem novas preocupações, bem como novas possibilidades para o meio rural, mediadas pelos processos de desenvolvimento da sociedade. Nesse sentido, destaca-se a presença da pluriatividade² no município de Rio Novo do Sul, a

² A pluriatividade pode ser entendida como uma estratégia de reprodução social, da qual se utilizam as unidades agrícolas que operam fundamentalmente com base no trabalho da família, em contextos em que sua integração à divisão social do trabalho não decorre exclusivamente dos resultados da produção agrícola, mas, sobretudo, do recurso às atividades não agrícolas e da articulação com o mercado de trabalho (SCHNEIDER, 2003, p. 164).

Este debate será retomado no capítulo 4, ao ser analisado o rural do município de Rio Novo do Sul, em que se estabelece um paralelo entre as décadas de 1960/1970 e os dias atuais, assim será possível compreender essas transformações, tendo como mediador o município de Rio Novo do Sul-ES. No eixo teórico, essa questão foi analisada no capítulo 1, em que se discutem a agricultura familiar e sua dinâmica, compreendendo a pluriatividade nesse meio e levando em conta também o sistema educacional e a juventude, a qual é fundamental na compreensão dessas mudanças por que

qual vem sendo destacada desde a década de 1990, e justifica-se pela necessidade de ampliação da renda familiar, agregação de valor ao produto, desmotivação em relação à atividade primária de produção (plantar e colher). Observa-se, em alguns casos, que o espaço rural vem se tornando local de “dormitório”, onde as pessoas trabalham na sede do município de Rio Novo ou dos municípios vizinhos, e, à noite, retornam para casa, no interior.

Outra questão preocupante quanto ao rural de Rio Novo do Sul se refere à idade das pessoas (em sua maioria, idosas) que permanecem exercendo a atividade agrícola. Os jovens, por sua vez, estão saindo do campo em busca de empregos nos centros urbanos. Mesmo que, em muitos casos, a renda no campo seja maior, eles optam por ter uma renda mensal fixa, questão já vem refletindo no sistema de trabalho e sucessão no campo.

Em se tratando do rural na década de 1960, destacam-se relevantes mudanças em relação às de hoje, tais como maior número de jovens atuando na agricultura junto da família, um rural onde se plantava quase tudo o que precisava para o sustento da família. No entanto, a época era da Ditadura Militar, erradicação dos cafezais, fatores que ocasionaram uma desmotivação em relação ao agricultor, pois a terra e o produto da terra estavam perdendo seu valor, em meio a um novo modelo de desenvolvimento agrícola e industrial.

Assim, muitas pessoas que cuidavam da terra foram impulsionadas a se desfazerem dela a preços baixos, indo à busca de uma proposta que era o trabalho nas indústrias que estavam emergindo na época. No entanto, esse ideal tão almejado nem sempre se tornava realidade, o que agravava, assim, as questões sociais no campo e na cidade.

Em relação à Pedagogia da Alternância, o município de Rio Novo do Sul possui uma Escola Família Agrícola – MEPES, que iniciou suas atividades em 1969, em um contexto social, econômico e político diferente do contexto atual. Nessa perspectiva,

o sistema rural vem passando há algum tempo, não apenas em Rio Novo do Sul, mas também no Espírito Santo e no Brasil.

busca-se compreender a Pedagogia da Alternância no município de Rio Novo do Sul, como uma ação que se materializa por meio da educação, que deve ser mediada pela diversidade imposta pelo tempo no espaço, mediado por questões econômicas, sociais, políticas e culturais. Atualmente esta se insere em um contexto em que a questão é uma nova “transformação” do espaço rural, em um sistema dinâmico em meio às diferentes forças produtivas.

Ao analisar a Pedagogia da Alternância em seus diversos contextos entre a década de 1960 e os dias atuais, esta análise se restringe ao Espírito Santo, mais detalhadamente a Rio Novo do Sul. Todavia, neste estudo, são observados ainda os diversos contextos de criação dessa pedagogia desde seu nascimento na França, perpassando pela Itália e a vinda para o Brasil. Observa-se que, nos diversos contextos, emergem motivos e sentidos, podendo ser analisados como “essência” para a instalação da Pedagogia da Alternância, os quais se assemelham à desvalorização do campo e do trabalho no campo, ressaltando a questão da educação que se caracterizava descontextualizada da realidade rural.

Para compreender a essência da criação da Pedagogia da Alternância no Espírito Santo, em especial no município de Rio Novo do Sul, e o comportamento dela no tempo e espaço, destaca-se, além dos fatores citados, o sentido de “resistência”, enfatizando-se como um projeto contra-hegemônico, em relação às pressões desencadeadas no rural, uma vez que o cenário era de desamor pelo espaço rural, com ausência de apoio governamental e políticas públicas e a Pedagogia da Alternância surge “resistindo” às pressões impostas na época.

À luz da atualidade, a Pedagogia da Alternância será analisada mediante seu debate sobre a educação do campo, a agricultura familiar, sua essência primária, buscando o que mudou (transformou) na Pedagogia da Alternância e nas questões que a envolvem com o meio rural.

A estratégia de pesquisa abrangeu os seguintes procedimentos:

1. Leitura e discussão bibliográfica, que objetivaram a compreensão teórica sobre a historicidade da Pedagogia da Alternância, suas especificidades, a

análise da trajetória agrária do município de Rio Novo do Sul, Espírito Santo e do Brasil, além do debate sobre a Educação do Campo, a juventude no campo, a pluriatividade na agricultura, entre outras questões que emergiram no decurso do texto. Em seguida, entrelaçaram-se as questões empíricas com o debate teórico.

2. Levantamento de indicadores espaciais fazendo um paralelo entre os períodos de 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010 para compreender a dinâmica rural e enfatizando alguns dados referentes à população rural e urbana do Espírito Santo e do município de Rio Novo do Sul-ES. Para esse levantamento, foram consultadas fontes secundárias e também os dados do Censo Populacional do Espírito Santo e de Rio Novo do Sul.
3. Trabalho de campo para a coleta de dados, em que se realiza um paralelo entre as décadas de 1960/1970 e os dias atuais, levando em consideração a forma como as pessoas analisam as “transformações” pautadas no meio rural e a atuação da Pedagogia da Alternância no município de Rio Novo do Sul. Este trabalho de campo foi dividido em três análises, a saber:

A primeira análise foi referente à *área rural do município de Rio Novo do Sul*, na qual foram visitadas as 22 comunidades rurais. Os critérios utilizados para a escolha do entrevistado em cada comunidade foi o tempo em que reside na comunidade, uma vez que a análise se baseava em um paralelo entre as décadas de 1960/1970 e os dias atuais. Os moradores também foram escolhidos por serem lideranças comunitárias e terem conhecimento amplo sobre as questões abordadas nos questionários. Nessa análise, destacaram-se as transformações que vêm sendo vivenciadas nesse espaço, bem como a relação do rural com a juventude, o uso da terra, as perspectivas, a presença da pluriatividade, entre outras questões.

A segunda análise referiu-se às *pessoas que participaram da fundação da Escola Família Agrícola de Rio Novo do Sul* de forma direta ou indireta. Essas pessoas atualmente são residentes em Rio Novo do Sul, Anchieta e Alfredo Chaves, entre as quais sobressaem italianos que vieram para o Brasil com a Pedagogia da Alternância e até hoje contribuem para o movimento, e outras que participaram dos mutirões e campanhas para construção da EFA de Rio Novo do Sul, como senhoras,

ex-prefeito, lideranças da época, ex-diretores da EFA, dos quais alguns foram à Itália para conhecer a experiência das Escolas em Alternância para atuar no Brasil. Com esses dados, ainda buscou-se analisar o contexto em que a Pedagogia foi inserida em Rio Novo do Sul e sua atuação no contexto atual.

A terceira análise foi na EFA de Rio Novo do Sul, mediante uma pesquisa documental referente aos alunos que passaram pela EFA desde o início de suas atividades administrativas e pedagógicas de 1969 a 2014, quando se tem o resultado final dos alunos. Esse levantamento foi realizado com base nas atas de resultado final e nas fichas de matrícula dos alunos. Foi realizada ainda uma análise na qual foram entrevistados alguns ex-alunos da EFA. Vale ressaltar que os alunos pesquisados residiam no município de Rio Novo do Sul na época em que estudaram na escola. Houve a tentativa de buscar alunos em períodos alternados, embora a abrangência não tenha sido tão expressiva.

Desse modo, este estudo foi estruturado em quatro capítulos, trazendo para sua dinâmica um enfoque geográfico para melhor compreender e discutir os debates estabelecidos. A sequência dos capítulos contemplam as seguintes abordagens:

No capítulo 1, apresenta-se uma leitura e discussão bibliográfica objetivando uma compreensão teórica sobre a agricultura familiar e sua dinâmica. Também se analisam a agricultura familiar e suas novas configurações, com enfoque nas questões da pluriatividade no campo, a Educação do/no Campo e a juventude no campo. Este estudo facilitará melhor análise do debate sobre a agricultura familiar e os fatores que contribuíram para sua dinâmica, a fim de compreender o cenário rural atual, onde a educação e a juventude são determinantes diante das transformações que estão emergindo na área de estudo.

No capítulo 2, a abordagem medeia o debate sobre a Pedagogia da Alternância, apresentando a origem e o desenvolvimento dos Centros Familiares de Formação em Alternância, desde sua gênese francesa, passando pela Itália, chegando ao Brasil e pontuando a criação do MEPES, institucionalizado em 1968. Nesse caminho, ainda será apresentada a história da Escola Família Agrícola de Rio Novo

do Sul-ES, compreendendo sua relação e interação com o cenário rural das décadas de 1960/1970. Este capítulo evidencia ainda uma análise mais precisa referente à Pedagogia da Alternância da escala global para a local, com base em seus diversos contextos de inserção. Pensando em nível de Rio Novo do Sul, este fator facilita compreender a atuação da Pedagogia da Alternância, bem como as mudanças e adaptações ocorridas nesta metodologia no decorrer do tempo, pontuando, por meio dessa análise, algumas necessidades de adaptação dessa pedagogia ao novo cenário rural de Rio Novo do Sul, o qual será apresentado no capítulo 4 deste estudo.

No capítulo 3, o debate teórico é retomado para mediar melhor compreensão dos vetores proeminentes no processo que remonta à contextualização agrária do estudo, sobrepondo algumas questões que retomam a chegada da Pedagogia da Alternância e fazendo um paralelo entre o cenário agrário e as “intenções” por detrás desta metodologia naquele contexto. Destaca-se ainda a necessidade de que, para compreender o presente, é necessário analisar os fatores que determinaram algumas mudanças. Para tal, será realizado um apanhado histórico sobre a trajetória do espaço agrário do município de Rio Novo do Sul, bem como a trajetória agrária do Espírito Santo, seguida da trajetória agrária do Brasil. Trata-se de interagir a formação história e geográfica do espaço agrário para melhor compreender as transformações atuais.

No capítulo 4, realiza-se a análise do banco de dados produzidos no decurso do estudo, fazendo então uma análise dos vetores que atuaram na reconfiguração do espaço agrário, bem como a chegada e atuação da Pedagogia da Alternância no município de Rio Novo do Sul-ES, enfatizando as “transformações” que emergiram no espaço/tempo entre a década de 1960 e os dias atuais, além de correlacioná-las com o debate teórico, a fim de propor novos questionamentos a essa temática.

Por fim, nas considerações finais, retomamos a questão principal buscando um diálogo com o contexto atual e “concluindo” este debate.

Vale enfatizar a importância desta pesquisa, pois a realidade do município de Rio Novo do Sul-ES necessita de estudos nessa área, o que faz com que o tema proposto permaneça até então descoberto. De modo geral, em geografia existem estudos sobre o espaço rural e suas transformações, no entanto, aqueles que interagem com a Pedagogia da Alternância são praticamente inexistentes.

Tal estudo se faz ainda importante pelo fato de já existirem diversos debates relacionados à história da Pedagogia da Alternância e suas especificidades mediadas pelos elementos pedagógicos, bem como sua trajetória histórica. No entanto, estudos que abordam seus resultados, suas transformações e sua interação com o meio rural, destacando um olhar mais “de fora para dentro da escola”, são poucos ou quase que inexistentes. Assim, torna-se necessário ler a Pedagogia da Alternância e a Escola Família Agrícola como um objeto de reflexão acadêmica, com olhar crítico, em que serão pontuadas algumas problemáticas que precisam ser analisadas, mais pontualmente.

Em suma, esta pesquisa visa contribuir para o avanço do debate científico sobre o tema proposto, buscando trazer para a área de estudo questões relevantes e pertinentes até o momento descoberta, compreendendo, nesse entrelaço, o caráter geográfico e suas contribuições na compreensão, organização e transformação do espaço geográfico no decorrer do tempo. Diante disso, Santos (1988, p. 5) ressalta:

Decerto, o que estamos vivendo agora foi longamente preparado, e o processo de internacionalização não data de hoje. O projeto de mundializar as relações econômicas, sociais e políticas começa com a extensão das fronteiras do comércio no princípio do século XVI avança por saltos através dos séculos de expansão capitalista para finalmente ganhar corpo no momento em que uma nova revolução científica e técnica se impõem e em que as formas de vida no planeta sofrem uma repentina transformação: as relações do Homem com a Natureza passam por uma reviravolta, graças aos formidáveis meios colocados à disposição do primeiro. Houve mudanças qualitativas surpreendentes, a mais notável das quais foi a possibilidade de tudo conhecer e tudo utilizar em escala planetária, desde então convertida no quadro das relações sociais. Pode-se falar de mundialização, enquanto outrora se tratava de mera internalização.

Santos (2012, p. 13) ainda enfatiza que o movimento dialético entre forma e conteúdo a que o espaço, soma dos dois, preside é igualmente o movimento dialético do todo social, apreendido na realidade geográfica e por meio dela. Cada localização é, pois, um movimento do imenso movimento do mundo, apreendido em

um ponto geográfico, um lugar. Por isso, cada lugar está sempre mudando de significação graças ao movimento social: a cada instante, as frações da sociedade que lhe cabem não são as mesmas.

Levando em conta o sistema social e econômico, e a diferenciação das frações da sociedade em que estamos inseridos, a dinâmica que os envolve é mediada por uma mundialização do mundo mediado por “transformações”. Sobre essa questão, Santos (1988, p. 56) ressalta:

A universalização do mundo pode ser constatada nos fatos. Universalização da produção, incluindo a produção agrícola, dos processos produtivos e do *marketing*. Universalização das trocas, universalização do capital e de seu mercado, universalização da mercadoria, dos preços e do dinheiro como mercadoria-padrão, universalização das finanças e das dívidas, universalização do modelo de utilização dos recursos por meio de uma universalização relacional das técnicas, universalização do trabalho, isto é, do mercado do trabalho e do improdutivo, universalização do ambiente das firmas e das economias, universalização dos gostos, do consumo, da alimentação. Universalização da cultura e dos modelos de vida social, universalização de uma racionalidade a serviço do capital erigida em moralidade igualmente universalizada, universalidade de uma ideologia mercantil concebida do exterior, universalização do espaço, universalização da sociedade tornada mundial e do homem ameaçado por uma alienação total.

Assim, para compreender a dinâmica do meio rural em Rio Novo do Sul e a atuação da Pedagogia da Alternância nesse espaço, a pesquisa que segue compreende uma série de reflexões e análises que permeiam tal debate, partindo do pressuposto de que as questões analisadas perpassam pelas várias instâncias social, econômica, cultural, entre outros aspectos que se entrelaçam as abordagens dessa temática.

1 AGRICULTURA FAMILIAR E SUA DINÂMICA

O rural não é homogêneo, ele se caracteriza em meio a uma diversidade histórica e geográfica, na qual Oliveira (2007, p. 6) ressalta que tentar compreender a questão agrária sob o aspecto capitalista de produção sempre foi tarefa difícil e complicada, não porque muitos autores não a tenham praticamente esgotada, mas porque os estudos trazem mais discordâncias do que convergências. Por isso, esta temática cria atritos e sempre haverá pressupostos interpondo-se e abrindo espaço para discussões. Não há como encerrá-la no mundo político, ideológico ou teórico, pois sempre haverá um novo texto e contexto para reavivá-la, ou mesmo o devir da história para (re)propô-la.

Silva e Jesus (2010, *apud* GONÇALVES; COSTA, 2012, p. 95) apontam que a situação em que se encontra a agricultura familiar na atualidade, no caso brasileiro, é resultado de um processo histórico iniciado desde a colonização, sendo influenciada principalmente pelos acontecimentos políticos, econômicos e sociais dos últimos séculos, mormente das últimas décadas.

Nesse espaço de discussão, a agricultura brasileira deve ser compreendida como atividade econômica que envolve um conjunto de fatores, direta ou indiretamente, vinculados à agricultura, desde o trabalho no campo e a propriedade fundiária até o modelo de exploração agrícola vigente. Então, partindo das “relações de produção”, depara, em última instância, o próprio modo de produção. Quando se trata da questão agrária, o debate está inevitavelmente ligado às consequências da penetração do capitalismo no campo; portanto, não se trata de qualquer relação de produção, mas de relações capitalistas de produção (COBÉRIO, 2011, p. 1).

Harvey (2012), nesse sentido, aponta que não se pode fugir do sistema, pois estamos nele e por ele somos mediados. Afirma que o capital é o sangue que flui através do corpo político de todas as sociedades que chamamos de capitalistas, espalhando-se, às vezes, como um filete e, outras vezes, como uma inundação, em cada canto e recanto do mundo habitado. Assim, compreender o fluxo do capital,

seus caminhos sinuosos e sua estranha lógica de comportamento é, portanto, fundamental para entendermos as condições em que vivemos.

Ilustrando a opinião de Harvey (2012), observa-se que os anos 1960 e 1970 foram marcados pelo aumento significativo da utilização de máquinas pesadas, insumos específicos, adubação química, resultando no aumento da produtividade, sem ao menos acabar com a fome da população. Esse conjunto de alterações caracterizado pela “modernização agrícola” foi de grande valia para a consolidação dos grandes complexos agroindustriais (CAIs), incapazes, diga-se de passagem, de amenizar a pobreza rural, agravando ainda mais as discrepâncias da estrutura agrária nacional em relação ao pequeno agricultor familiar. Entretanto, a forma como ocorreu o desenvolvimento capitalista no campo levou a agricultura brasileira a se subordinar à lógica do capital, tendendo pela concentração tanto da propriedade quanto dos meios de produção.

A expressão "agricultura familiar" emergiu no contexto brasileiro desde os meados da década de 1990, na qual se evidencia a efervescência dos movimentos sociais no campo. No entanto, o debate sobre a essência da agricultura familiar, que a designa como produto social, destaca-se a reflexão sobre o espaço também como social e este como produto social, que é carregado de relações que se fundamentam como um complexo meio de produção, um meio de controle e simultaneamente de dominação e de poder.

Para Lefebvre (2006, p. 31), “[...] o espaço (social) é um produto (social)”. Muitas pessoas não aceitaram que, no modo de produção atual e na “sociedade em ato” tal como ela é o espaço tenha assumido, apesar de maneira distinta, uma espécie de realidade própria; outras, diante desse paradoxo, analisaram o espaço assim produzido servindo de instrumento ao pensamento, como à ação, que ele é concomitantemente um meio de produção e um meio de controle; portanto, de dominação e de potência {poder} – mas que ele escapa parcialmente, como tal, aos que dele se servem. As forças sociais e políticas que o engendraram tentam controlá-lo e não conseguem; aqueles mesmos que levam a realidade espacial em

direção a uma espécie de autonomia impossível de dominar se esforçam para esgotá-lo, fixá-lo e subjugá-lo. De acordo com Santos (1988, p. 10):

O espaço não é nem uma coisa, nem um sistema de coisas, senão uma realidade relacional: coisas e relações juntas. Eis por que sua definição não pode ser encontrada senão em relação a outras realidades: a natureza e a sociedade, mediatizadas pelo trabalho. Não é o espaço, portanto, como nas definições clássicas de geografia, o resultado de uma interação entre o homem e a natureza bruta, nem sequer um amálgama forma pela sociedade de hoje e o meio ambiente. O espaço deve ser considerado com um conjunto indissociável de que participam de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, seja a sociedade em movimento. O conteúdo (da sociedade) não é independente, da forma (os objetos geográficos), e cada forma encerra uma fração do conteúdo. O espaço, por conseguinte, é isto: um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento as formas, pois, têm um papel na realização social.

Contudo, Wanderley (2000)³ enfatiza algumas considerações sobre o espaço rural e seu entendimento: este o caracteriza como um espaço suporte de relações sociais específicas que se constroem, se reproduzem ou se redefinem sobre esse mesmo espaço e que, portanto, o conformam como um singular espaço de vida. Desse modo, para compreendê-lo, é preciso considerar sua dinâmica social interna, isto é, aquela que resulta da maior ou menor intensidade e complexidade da vida local e, por outro lado, as formas de sua inserção em uma dinâmica social "externa"⁴.

O mesmo autor ainda esclarece que este é fundamentalmente o "lugar" da família, centrado em torno do patrimônio familiar, elemento de referência e de convergência, mesmo quando a família é pluriativa e seus membros vivem em lugares diferentes. Evidentemente, as coletividades locais assim constituídas não são isoladas, mas estão integradas aos espaços sociais mais amplos, sobretudo por meio das complexas relações associadas ao mercado e à vida urbana. Na verdade, essa dinâmica é considerada "externa" em razão de sua origem, mas, em várias circunstâncias, ela age no interior do próprio meio rural⁵.

³ Maria de N. B. Wanderley. A valorização da agricultura familiar e a reivindicação da ruralidade no Brasil – Universidade Federal de Pernambuco. Professora Visitante. Bolsista do CNPq. Brasil. Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 2, p. 29-37, jul./dez.2000. Editora da UFPR.

⁴ Este debate vai efetivar-se no capítulo 4, na análise dos dados, na qual esta dinâmica do rural se concretizará como um espaço de relações específicas, ao analisar o rural do município de Rio Novo do Sul, este que vem com o tempo, em médio e longo prazo, tomando novas dimensões e alterando sua dinâmica social local.

⁵ Esta análise está diretamente ligada à realidade levantada na pesquisa de campo no município de Rio Novo do Sul, visto que as famílias estão se tornando pluriativas e, em muitos casos, seus

A vida social local é, assim, o resultado do entrelaçamento de relações sociais que atravessam o espaço rural ou urbano, atribuindo-lhe significações e integrando-o a redes de relações que se estendem por espaços sociais mais amplos. Isso faz com que os espaços sejam socialmente construídos, conforme suas especificidades de proximidade, família, cultura, religião, economia, entre outras funções e relações que ele aborde.

Ao pensar no espaço da agricultura familiar, Elesbão (2007) ressalta a importância que a produção “familiar” desempenha no espaço rural. Segundo Abramovay (1992, p. 209, *apud* ELESBÃO, 2007, p. 57), “[...] não há atividade econômica em que o trabalho e a gestão estruturam – se tão fortemente em torno de vínculos de parentesco e onde a participação de mão-de-obra não contratada seja tão importante”.

No Brasil, a agricultura familiar é vista também como um fenômeno social, no entanto a agricultura familiar no Brasil não é nem protagonista nem subalterna, esta surge como uma forma de produção alternativa à monocultura e ao latifúndio, embora tenha se efetivado com maior destaque no Espírito Santo ante o fortalecimento da pequena propriedade.

Destaca-se também o fortalecimento dessa categoria com base nos impactos sociais, culturais e ambientais desde a década de 1950.

Na última década do século XX, o conceito de agricultura familiar é proposto por alguns autores como substituto para o de camponês enquanto conceito-síntese e aceito sem maiores reflexões por muitos, seja na academia, na burocracia do Estado, ou também entre os próprios agricultores, seus sindicatos e movimentos sociais. Essa substituição se dá com base na adoção de uma abordagem evolucionista sobre o desenvolvimento da história e contribui para o empobrecimento do debate político em torno da questão agrária. Diferentemente do que ocorreu com o conceito de pequena produção, que aparece de forma articulada ao de camponês em algumas situações, o emprego do conceito de agricultura familiar passa pela afirmação de sua diferença em relação ao de camponês, que não mais se aplicaria às novas realidades criadas a partir do desenvolvimento do capitalismo na agricultura (MARQUES, 2008, p. 61).

membros estão integrados a espaços urbanos. No entanto, permanecem no campo enquanto moradia. É o que o autor considera de dinâmica interna e externa. Esta análise será ilustrada melhor no capítulo 4 deste estudo.

Para Anjos (2003, p. 245, *apud* ELESBÃO, 2007, s/p), finalmente a agricultura familiar se estrutura, enquanto categoria política,

[...] como uma nova categoria política, portadora de uma considerável fonte de legitimidade social, que simultaneamente representa os interesses dos pequenos produtores rurais, das famílias assentadas, dos arrendatários, dos agricultores integrados aos complexos agroindustriais e de outros atores sociais do campo brasileiro.

Jesus e Silva (s.d.) consideram o conceito do Dossiê Estatístico elaborado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e o Fundo das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação FAO (1996) define a agricultura familiar com base em três características centrais:

- a) A gestão da unidade produtiva e os investimentos nela realizados são feitos por indivíduos que mantêm entre si laços de sangue ou de casamento;
- b) A maior parte do trabalho é igualmente fornecida pelos membros da família;
- c) A propriedade dos meios de produção (embora nem sempre da terra) pertence à família e, em seu interior, realiza-se sua transmissão em caso de falecimento ou de aposentadoria dos responsáveis pela unidade produtiva.

A agricultura familiar sobressai pela sua função econômica, ambiental e social. Nesse sentido, Carneiro e Maluf (2003, p. 22) enfatizam as dimensões ou funções da agricultura familiar, a saber⁶:

- a) Reprodução socioeconômica das famílias: os principais aspectos abordados são as fontes geradoras de ocupação e de renda para os membros das famílias rurais, as condições de permanência no campo, as práticas de sociabilidade, as condições de instalação dos jovens e as questões relativas à sucessão do chefe da unidade produtiva.
- b) Promoção da segurança alimentar da sociedade e das próprias famílias rurais: este campo abrange a produção para o auto-consumo familiar e também a produção mercantil de alimentos, bem como as opções técnico-produtivas dos agricultores e os canais principais de comercialização da produção.
- c) Manutenção do tecido social e cultural: esse campo se refere a preservação e ao melhoramento das condições de vida das comunidades

⁶ No capítulo 4 deste trabalho, ao analisar o rural de Rio Novo do Sul, observa-se que as dimensões ou funções sociais da agricultura familiar em Rio Novo do Sul não estão sendo concretizadas em relação à sucessão da juventude enquanto chefes da propriedade familiar. A produção para o autoconsumo não está sendo fundamentada, uma vez que muitos alimentos que eram consumidos antigamente e produzidos pela família são comprados hoje por elas mesmas. Relativamente à preservação dos recursos naturais, observa-se uma preocupação, no entanto, na prática, não se faz muita coisa. O que está se efetivando é a manutenção do tecido social e cultural, em que as condições de vida no campo, em meio a tantas transformações, estão melhorando com novas técnicas e maior desenvolvimento.

rurais, levando em conta os processos de elaboração e legitimação de identidades sociais e de promoção de integração social.

d) Preservação dos recursos naturais e da paisagem rural: essa dimensão foi observada tendo como referência o uso de recursos naturais, as relações entre as atividades econômicas e a paisagem, e a preservação da biodiversidade.

Para Gonçalves e Costa (2012, p. 95-94), a categoria que compõe a agricultura familiar não é nova, tendo em vista que é composta pelos produtores antes designados mini/pequenos agricultores pelos agricultores de subsistência ou camponeses; entretanto, o termo adquire, desde os anos 1990, novas significações. Em 1996, pelo Decreto Presidencial n.º 1.946 foi criado o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar, que representa o reconhecimento e a legitimação do Estado em relação às especificidades desse grupo social, denominado de “agricultores familiares”. Contudo, sob o aspecto legal, esse segmento social passa a ser reconhecido como segmento produtivo apenas em 2006, quando é promulgada a Lei n.º 11.326/2006, conhecida como a Lei da Agricultura Familiar, sendo a primeira a fixar diretrizes para o setor.

Neste debate, torna-se relevante destacar que a Lei n.º 11.326, de 24 de julho de 2006, estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Esta reconhece a agricultura familiar como segmento produtivo, garantindo a institucionalização de políticas públicas para esse setor.

No entanto, apesar de ser expressiva a participação da agricultura familiar na produção agrícola brasileira, torna-se imprescindível citar algumas partes da Lei n.º 11.326, na qual a agricultura familiar foi assim definida⁷:

Art. 3.º Para os efeitos desta Lei considera-se agricultor familiar e empreendedor familiar rural aquele que pratica atividades no meio rural, atendendo, simultaneamente, aos seguintes requisitos:

I - não detenha, a qualquer título, área maior do que quatro módulos fiscais;

II - utilize predominantemente mão de obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento;

⁷ Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br>>. Acesso em: 26 jun. 2014.

III - tenha renda familiar predominantemente originada de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento;

IV - dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família.

§ 1.º O disposto no inciso I do caput deste artigo não se aplica quando se tratar de condomínio rural ou outras formas coletivas de propriedade, desde que a fração ideal por proprietário não ultrapasse 4 (quatro) módulos fiscais.

§ 2.º São também beneficiários desta Lei:

I - silvicultores que atendam simultaneamente a todos os requisitos de que trata o caput deste artigo, cultivem florestas nativas ou exóticas e que promovam o manejo sustentável daqueles ambientes;

II - agricultores que atendam simultaneamente a todos os requisitos de que trata o caput deste artigo e explorem reservatórios hídricos com superfície total de até 2ha (dois hectares) ou ocupem até 500m³ (quinhentos metros cúbicos) de água, quando a exploração se efetivar em tanques-rede;

III - extrativistas que atendam simultaneamente aos requisitos previstos nos incisos II, III e IV do caput deste artigo e exerçam essa atividade artesanalmente no meio rural, excluídos os garimpeiros e faiscadores;

IV - pescadores que atendam simultaneamente aos requisitos previstos nos incisos I, II, III e IV do caput deste artigo e exerçam a atividade pesqueira artesanalmente.

Ao referir-se na Lei n.º 11.326, ela aborda os módulos fiscais, estes, por sua vez, são uma unidade de medida de área, que é expressa em hectares. No entanto, não é uma medida fixa, pois para cada município o módulo fiscal varia de acordo com as particularidades locais⁸.

Observa-se que, na Lei n.º 11.326, a agricultura familiar em seu contexto é caracterizada, partindo do pressuposto de análise a sua essência, porém ela mesma apresenta características distintas conforme o meio e atividades desenvolvidas. Ao partir dessa análise, Elesbão (2007, p. 57) adverte que, mesmo entre os agricultores caracterizados como familiares, há uma grande diversidade, principalmente em relação ao valor do que é produzido em cada estabelecimento.

⁸ De acordo com a Lei n.º 8.629, de 25 de fevereiro de 1993, a qual dispõe sobre a regulamentação dos dispositivos constitucionais relativos à reforma agrária, previstos no Capítulo III, Título VII, da Constituição Federal, o módulo fiscal também é parâmetro para a classificação fundiária do imóvel rural quanto a sua dimensão.

Os aspectos fundiários de um município refletem, grosso modo, a forma como a terra está sendo distribuída entre as pessoas e os grupos. Existem muitas formas de observar e conceituar com base nesses números. Optei por utilizar dados do Incra em que a quantidade de módulos fiscais define a propriedade em minifúndio pequena (entre um e quatro módulos fiscais), média (acima de quatro a 15 módulos fiscais) e grande propriedade (superior a 15 módulos fiscais). Os módulos fiscais variam de município para município, levando em consideração principalmente o tipo de exploração predominante no município, a renda obtida com a exploração predominante e o conceito de propriedade familiar (entre outros aspectos, para ser considerada familiar, a propriedade não pode ter mais que quatro módulos fiscais). Em Rio Novo do Sul-ES, o módulo fiscal equivale a 20 hectares.

No que se refere à agricultura familiar no Brasil, segundo último Censo Agropecuário realizado em 2006 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), citado no *site* do INCRA⁹, foram identificados 4.367.902 estabelecimentos de agricultura familiar que representam 84,4% do total (5.175.489 estabelecimentos), mas ocupam apenas 24,3% (ou 80,25 milhões de hectares) da área dos estabelecimentos agropecuários brasileiros. Apesar de ocupar apenas um quarto da área, a agricultura familiar responde por 38% do valor da produção (ou R\$ 54,4 bilhões) desse total. Mesmo cultivando uma área menor, a agricultura familiar é responsável por garantir a segurança alimentar do país gerando os produtos da cesta básica consumidos pelos brasileiros.

De acordo com o IBGE, no Censo Agropecuário de 2006, a agricultura familiar foi responsável por 87% da produção nacional de mandioca, 70% da produção de feijão, 46% do milho, 38% do café, 34% do arroz, 58% do leite, 59% do plantel de suínos, 50% das aves, 30% dos bovinos e ainda 21% do trigo. A cultura com menor participação da agricultura familiar foi a soja (16%). O valor médio da produção anual da agricultura familiar foi de R\$ 13,99 mil. Enfatiza-se ainda, com base nos dados elaborados pelo Censo 2006, que o número de pessoas ocupadas na

⁹ < Disponível em: <<http://www.incra.gov.br>>. Acesso em: 1 jun. 2014.

agricultura soma 12,3 milhões de trabalhadores no campo em estabelecimentos da agricultura familiar (74,4% do total de ocupados no campo).

Ou seja, de cada dez ocupados no campo, sete estão na agricultura familiar que emprega 15,3 pessoas por cem hectares. Enfatiza-se que, dois terços do total de ocupados no campo são homens, no entanto o número de mulheres é bastante expressivo: 4,1 milhões de trabalhadoras no campo estão na agricultura familiar. As mulheres também são responsáveis pela direção de cerca de 600 mil estabelecimentos de agricultura familiar.

Parece, pois, ser inquestionável a importância da agricultura familiar no processo de desenvolvimento rural. Seu potencial na atualidade vai além da produção de alimentos. Discute-se hoje o seu papel na *oportunização* de ocupação e renda nos espaços rurais, assim como a responsabilidade pela utilização sustentável dos recursos naturais. Dentro dessa perspectiva, devem ser ressaltados os recentes fenômenos que vêm acontecendo no meio rural brasileiro. “Novos espaços surgiram, permitindo que houvesse inúmeras manifestações sobre o papel da agricultura familiar e do próprio desenvolvimento rural” (FLORES, 2002, p. 347, *apud* JESUS; SILVA, 2010).

1.1 NOVAS CONFIGURAÇÕES DA AGRICULTURA FAMILIAR – A PLURATIVIDADE

De acordo com Del Grossi e Graziano da Silva (2000, *apud* por SILVEIRA NEUMANN, 2009, p. 3), a expansão das atividades não agrícolas foi divulgada de forma pioneira por Anderson e Leiserson (1980), originada da rápida expansão em regiões agrícolas da África, Ásia e América Latina, levando o nível do emprego não agrícola nesses locais a índices entre 20% e 30% já em 1970, ou 30% a 40% se fossem adicionados às vilas e povoados.

Souza (1999) caracteriza dois períodos históricos da discussão teórica da pluriatividade: 1.º - Iniciado nos anos 1970, na América do Norte e Europa Ocidental, tentando compreender a natureza e significância da renda agrícola e externa a ela,

bem como as rendas dos membros do grupo, correspondendo principalmente às dinâmicas internas do desenvolvimento do sistema alimentar que produziram desarranjos na produção mundial; 2.º - No fim dos anos 1980, levando em conta o desenvolvimento na produção agrícola e a produção agrícola de negócio, correspondendo à ideia da pluriatividade associada à reestruturação “pós-fordista”.

Para atender às configurações propostas na agricultura familiar, em que o meio rural vai ganhando novas atribuições (transformações) e aparecendo como um ambiente social em que se desenvolvem múltiplas atividades produtivas, o espaço não mais pode ser associado apenas à produção agrícola para cultivos de produtos alimentares e matérias-primas, porém essa relação de produção vai além da proposta inicial¹⁰.

Vale destacar que antes as pessoas vivam propriamente da agricultura, pois esta supria a demanda da família, hoje emerge outras necessidades e junto a estas surgem no campo outras atividades não agrícolas.

Antes ninguém pensava nisso, em fazer suco de açaí, ou fazer mariola, não é nem para enriquecer e sim manter as despesas. Não precisava porque o meio rural, o produto do rural tinha muito valor, o café tinha valor e produzia muito, alta produção. As terras eram novas, oriundas das matas que tinham sido desmatadas, hoje para ter um café melhor tem que adubar, você tem que colocar calcário, que vai encarecendo o produto. Quer dizer é uma série de coisas, não foi uma coisa só que contribuiu para surgir estas outras atividades aqui em Rio Novo do Sul e em outros lugares também (Entrevista realizada com o senhor JUSTINO MAMERI, em 2/10/2014).¹¹

Segundo Oliveira (2007, p. 36), as relações de produção são na essência relações estabelecidas entre os homens no processo de produção social. São, portanto, relações sociais de produção. Essas relações são a essência do processo produtivo. Elas são estabelecidas independentemente da vontade individual no processo de

¹⁰ Esta questão da pluriatividade está nitidamente presente no município de Rio Novo do Sul-ES. Ao analisar o rural estabelecendo um paralelo entre a década de 1960 e o período atual, fica visível essa mudança, em que a atividade primária de plantar e colher vai “perdendo” espaço para as outras atividades que são inseridas no campo, ou que são praticadas fora do campo. Nesse sentido, o campo passa a ser pensado como “dormitório” para muitos, pois as pessoas trabalham nos centros urbanos, porém moram no campo, indo para lá apenas para dormir. No capítulo 4, esse debate será retomado levando em conta as vozes e visões do campo em relação à pluriatividade e a presença desta no município de Rio Novo do Sul em meio às mudanças ocorridas no seu espaço rural.

¹¹ Utilizo a fonte em itálico nas citações das entrevistas para diferenciá-las das citações dos autores citados, mantendo o próprio nome do entrevistado em caixa alta.

produção. Os níveis de desenvolvimento dessas relações dependem do grau de desenvolvimento das forças produtivas materiais da sociedade. Desse modo, as relações de produção devem ser entendidas como o conjunto das relações que se estabelecem entre os homens em uma sociedade determinada, no processo de produção das condições materiais de sua existência.

Para tanto, é necessário interagir no debate proposto por Santos (1988), ao analisar o pensar e o agir geográfico diante das transformações mundiais em suas diversas perspectivas, e, no debate aqui estabelecido, pensar as transformações no espaço rural.

Para tal, Milton Santos enfatiza a emergência de novas realidades propostas, em que a historização e a geografização das possibilidades estão sujeitas às leis das necessidades.

As novas realidades são ao mesmo tempo causa e consequência de uma multiplicação de possibilidades, potenciais ou concretizadas, cuja multiplicidade de arranjos é fator de complexidade e de diferenciação crescentes. Não se trata aqui de adaptação do passado, mas de subversão das concepções fundamentais, das formas de abordagem, dos temas de análise. Isso equivale a dizer que mudam ao mesmo tempo o conteúdo, o método, as categorias de estudo e as palavras-chave. Enquanto promessa, o crescimento das possibilidades diz respeito ao mundo inteiro e a toda a humanidade, mas a historização e a geografização das possibilidades estão sujeitas à lei das necessidades. A divisão dos domínios nem sempre é nítida, mas se pode pensar que num mundo assim construído são as ciências do homem que ganham em alcance. Ademais, inúmeras combinações doravante possíveis não são desejáveis; outras, igualmente numerosas, não convêm a todos os países ou regiões (SANTOS, 1988, p. 8-9).

Ao analisar o “Novo Cenário Rural”, é necessário saber olhar esse espaço, uma vez que o rural contemporâneo apresenta “Novas Realidades” e requer primeiramente que se atente para sua diversidade (palavra que não pode ser esquecida ao analisar o rural em suas diversas funções). É nesse contexto que a visão simplista do rural somente como agrícola vai ficando totalmente superada, pelo menos como campo de análise, já que novas funções vão sendo consolidadas e incorporadas nas estratégias de reprodução do espaço.

Desse modo, as sociedades que habitam o espaço rural, bem como seus arranjos de objetos geográficos (natural e social), segundo Santos (1988), participam, de um

lado, de certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais e, de outro, da vida que os preenche e os anima, seja a sociedade em movimento.

O espaço deve ser considerado com um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, seja a sociedade em movimento. O conteúdo (da sociedade) não é independente, da forma (os objetos geográficos), e cada forma encerra uma fração do conteúdo. O espaço, por conseguinte, é isto: um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento. As formas, pois têm um papel na realização social. Enquanto totalidade, a sociedade é um conjunto de possibilidades. A totalidade, segundo Kant, é a "pluralidade considerada como unidade" ou a "unidade da diversidade", de acordo com A. Labriola (1982) e E. Sereni (1970). Essa unidade nada mais é que a essência nova ou renovada, cuja vocação consiste em deixar de ser potência para tornar-se ato. Tal conteúdo – a essência – pode ser comparado a uma sociedade em andamento, em evolução, em movimento. Ou, melhor ainda, ao seu presente ainda não realizado (SANTOS, 1988, p. 10).

Nota-se que o espaço rural passa a ser analisado com base nessas transformações, em que o capital cria e recria relações de produção alargando o seu enfoque, que outrora recaía somente na produção de alimentos e matérias-primas, para considerar também a relação com as atividades não agrícolas, as quais, praticadas por componentes de muitas famílias rurais, ganham relevada importância na busca pela compreensão das transformações em que o espaço rural vem sendo palco, as quais se intensificaram nos últimos tempos.

O debate sobre a pluriatividade na agricultura familiar difere do debate da modernização da agricultura (o agronegócio) sob o modelo capitalista de produção, o qual já foi citado nesta pesquisa, o qual deixou à margem milhares de agricultores que por vários aspectos, não conseguiram adequar-se a este modelo de produção.

De acordo com Lamarche (1997, *apud* JESUS; SILVA, s.d.), parte dos pequenos produtores

[...] é excluída do processo de modernização, conservando muitas de suas características tradicionais como a dependência em relação à grande propriedade, a precariedade do acesso aos meios de trabalho, a pobreza dos agricultores e sua extrema mobilidade social.

No município de Rio Novo do Sul, por exemplo, o capital está presente em todos os espaços, no entanto não há, nesses grandes projetos industriais e grandes latifúndios, monocultores. Isso faz com que o pequeno produtor rural, com sua

produção diversificada e também pluriativa, ainda tenha mais força no caso local e regional.

No entanto, se compararmos em nível nacional ou mundial, a situação se inverte, pois a política de preços dos produtos é uma cadeia por que, muitas vezes, o pequeno produtor se sente sufocado, o que o leva assumir novas funções, ou seja, "formas de trabalho acessório". De acordo com Kautsky (1980, *apud* SCHNEIDER, 2003, s/p)¹².

O desenvolvimento do capitalismo na agricultura tende a uma "lenta e gradual" subordinação à indústria. Para ele, o processo é comandado pela dinâmica do progresso tecnológico na agricultura (especialmente devido aos efeitos da agroquímica), que acaba por transformá-la em um ramo da indústria, completando-se, assim, uma longa evolução que resulta na afirmação da superioridade técnica da grande propriedade sobre as pequenas (ou unidades camponesas, como também são chamadas). No entanto, Kautsky afirma que o processo de transformação estrutural da agricultura sob o capitalismo não elimina, necessariamente, as pequenas propriedades desde que elas desenvolvam "formas de trabalho acessório" (que podem ou não estar ligadas à agricultura) que lhes permitam manter sua reprodução social.

Complementando a ideia das consequências da modernização da agricultura e acrescentando outros elementos ao debate, Hugues Lamarche destaca que "a agricultura familiar foi profundamente marcada pelas origens coloniais da economia e da sociedade brasileira, com suas três grandes características: a grande propriedade, as monoculturas de exportação e a escravatura" (LAMARCHE, 1997, p. 179, *apud* JESUS; SILVA, s.d.).

As atividades não agrícolas surgem como uma quarta proposta, compondo a pluriatividade de uma parcela significativa das famílias que residem no rural brasileiro, a qual é muito importante para a permanência de muitas famílias no campo. No entanto, no meio rural brasileiro, em meio às suas transformações significativas, já se podem observar até mesmo mudanças em relação ao um fluxo migratório, gerando um fluxo migratório inverso (cidade–campo), embora ainda em pequena proporção do acontecido historicamente (campo–cidade).

¹² Rev. bras. Ci. Soc. v.1 8, n. 51, São Paulo, fev. 2003.

É nesse contexto que essa nova fase do rural, o novo mundo rural, tem aflorado um amplo debate na busca de uma (re)definição do conceito de rural. No entanto, esta (re)definição ainda vem acompanhada de grandes desafios, uma vez que o rural se desenvolveu e novas perspectivas afloraram, porém ainda prevalece o descaso em relação ao poder público nas esferas federal, estadual e municipal, fator que gera consequências inestimáveis para o espaço rural e para quem dele vive e sobrevive. Relativamente a essas observações, Silva (2004, p. 51) assinala a presença de duas perspectivas sobre o rural, a saber:

1 - Aquela que encontra cada vez mais indícios do desaparecimento das sociedades rurais e, portanto, da sujeição desse espaço social à hegemonia do industrialismo e da urbanização. Nessa primeira perspectiva, as diferenças entre rural e urbano deixam de existir, e se considera que o campo é cada vez mais identificado com a cidade, submetido à homogeneidade nas formas econômicas e sociais de organização e da produção. O que se observa, portanto, é uma retomada da teoria do *continuum* destacando-se que os processos rurais contemporâneos são uma continuidade espacial dos processos urbanos.

2 - Aquela que, observando os mesmos processos, identifica as transformações profundas por que passa a modernidade, mas entende que o rural não se “perde” nesse processo, ao contrário, reafirma sua importância e particularidade.

Nesse sentido, é interessante a análise de Wanderley (2000, p. 4, *apud* SILVA, 2004), na qual afirma que “[...] as diferenças espaciais e sociais das sociedades modernas apontam não para o fim do mundo rural, mas para a emergência de uma nova ruralidade”.

Wanderley (2000)¹³ destaca que, para entender o contorno social que o meio rural tem assumido mais recentemente na sociedade brasileira, é necessário considerar, como ponto de partida, três constatações que se referem às particularidades históricas dos espaços rurais brasileiros e sua diversidade. Em primeiro lugar, a constatação de que, em seu conjunto, a grande propriedade fundiária é forma dominante de controle da terra no meio rural brasileiro. Com base nesse quadro, é possível afirmar que os espaços rurais no Brasil foram historicamente marcados profundamente por uma dissociação entre a apropriação da terra e a função residencial. Assim, a grande propriedade apresenta uma forma urbana de

¹³ Ibidem 9.

apropriação do meio rural, destacando, nesse sentido, os investimentos produtivos e a especulação fundiária, a forma precária de acesso a terra. A autora ainda menciona que o que mais desafia o meio rural é o êxodo de sua população, perdendo, assim, sua vitalidade social¹⁴.

A segunda constatação refere-se ao fato de que o meio rural e sua população recebem, no Brasil, uma definição oficial muito particular, da qual decorrem consequências importantes para o dinamismo interno dessas áreas¹⁵. Aqui, toda sede municipal, independentemente da dimensão de sua população dos equipamentos coletivos de que dispõe, é considerada cidade, cuja população é contada como urbana. O meio rural corresponde ao entorno da cidade, sendo referido apenas como espaço disperso, em que se predominam as paisagens naturais, os usos da terra, a produção, ou até mesmo os espaços improdutivos. É relacionado ao urbano como “periferia espacial precária”¹⁶.

Todavia, esses não são espaços separados; são espaços que se complementam, embora nem sempre esta visão prevaleça, levando o rural a segundo plano em relação ao urbano. Por essa questão, Abramovay (1998, p. 3, *apud* WANDERLEY, 2000) afirma que,

[...] quanto maior for o dinamismo e a diversificação das cidades, impulsionados pela interiorização do processo de crescimento econômico, mais significativas serão também as chances para que a população rural preencha um conjunto variado de funções para a sociedade e por aí deixe de ser encarada como um reservatório de mão-de-obra sobrando.

Contudo, a agricultura familiar precisa ser ressignificada, apresentando um novo perfil, visto que o conceito de agricultura familiar é relativamente recente no Brasil.

¹⁴ Fator marcante, ao analisar o Espírito Santo, bem como o município de Rio Novo do Sul, onde em sua maioria a juventude está indo embora do campo.

¹⁵ Para melhor compreensão desta análise p DECRETO-LEI N.º 311, DE 2 DE MARÇO DE 1938, Rio de Janeiro, 2 de março de 1938, 117.º da Independência e 50.º da República. Por Getulio Vargas e Francisco Campos. Dispõe sobre a divisão territorial do país, e dá outras providências.

¹⁶ Infelizmente, esta é uma análise que vem sendo aplicada no município de Rio Novo do Sul. No entanto, no município, a economia em grande parte gira em torno das atividades agrícolas, sua sede (urbana) é bem pequena em relação à área rural (conforme ilustra o Mapa 6 – Divisão Administrativa de Rio Novo do Sul, na página 142 desta pesquisa). Alguns rio-novenses ainda contestam em separar esses espaços, gerando entre ambos um distanciamento ilusório que não se aplica. No capítulo 4, serão abordadas as transformações vividas pelo espaço rural de Rio Novo e observar-se-á que esse distanciamento não se aplica nos dias atuais, uma vez que o espaço rural e o urbano são complementares entre si.

Antes, falava-se em pequena produção, pequeno agricultor, agricultura de baixa renda ou de subsistência e até mesmo o termo camponês. Esses conceitos foram aglutinados nascendo uma nova versão: o agricultor familiar ou ainda o agricultor familiar pluriativo. Flores (2002, p. 347, *apud* SILVA; JESUS, 2010, p. 4) ressalta que a agricultura familiar é fundamental no desenvolvimento rural.

Parece, pois, ser inquestionável a importância da agricultura familiar no processo de desenvolvimento rural. Seu potencial na atualidade vai além da produção de alimentos. Discute-se hoje o seu papel na *oportunização* de ocupação e renda nos espaços rurais, assim como a responsabilidade pela utilização sustentável dos recursos naturais. Dentro dessa perspectiva, devem ser ressaltados os recentes fenômenos que vêm acontecendo no meio rural brasileiro. “Novos espaços surgiram, permitindo que houvesse inúmeras manifestações sobre o papel da agricultura familiar e do próprio desenvolvimento rural”.

Os empreendimentos familiares caracterizam-se por serem administrados pela própria família, podendo ou não ter o auxílio de terceiros, como nos períodos de colheita, outros ainda de forma permanente. Pode-se dizer que um estabelecimento familiar é simultaneamente uma unidade de produção e de consumo. Destaca-se, nesta questão, a relação do capital com o trabalho no campo, sendo o termo trabalho temporário questionado por alguns autores como fundamentalismo do capital.

De acordo com Graziano da Silva (1981, *apud* MARTINS, 2006, p. 175), este autor que se dedicou com profundidade às questões relativas ao emprego agrícola

[...] o trabalho temporário sazonal foi uma estratégia eficiente do capital, num momento histórico específico, para solucionar o impasse colocado pelo processo produtivo agrícola reduzindo a disfunção entre tempo de trabalho e tempo de produção. Mesmo assim, o trabalho temporário na agricultura seria um forte indício da insuficiência e fraqueza do desenvolvimento capitalista na produção agrícola, uma vez que, por representar as discrepâncias existentes entre os tempos de trabalho necessários às diversas fases que envolvem o período de produção – plantio, tratamentos culturais e colheita –, o mesmo evidenciaria fragilidades que dificultariam a total subordinação da natureza ao capital.

Nesse sentido, o cenário rural brasileiro do século XXI está tornando-se um espaço de múltiplas finalidades e potencialidades com a multiplicação das atividades não agrícolas e a complementaridade entre o urbano e o rural, o que fez com que o espaço rural passasse por uma série de transformações, em que a agricultura familiar é observada sob nova perspectiva, como portadora de grande importância social e econômica.

Carneiro (1998, p. 148, *apud* ELESBÃO, 2011, p. 59) enfatiza que a pluriatividade das famílias rurais se refere “[...] às atividades complementares ou suplementares à produção agrícola exercida por um ou vários membros de um grupo doméstico”. Esse fator abordado pelo autor ressalta uma observação importante, ao mencionar o termo complementar, quando a família pluriativa não deixa de lado a função primária da terra; pelo contrário, com as novas atividades não agrícolas, a família complementa sua gestão da propriedade, agregando valor econômico e social ao campo e seus agentes.

Entre os desafios do rural, o agricultor familiar busca novos anseios e melhores condições de vida no campo, e este espaço vai-se reconfigurando, surgido à figura de um “novo rural”, e levando o agricultor familiar a sair da condição de invisibilidade que simultaneamente traz um alerta sobre a produção primária. Quem vai plantar e colher em meio à pluriatividade?

Uma vez que, nesse contexto, a função primária da terra de colher e plantar se junta a outras atividades não agrícolas, vão incrementando a renda familiar e diversificando as atividades do campo, isto é, ao mesmo tempo uma possibilidade para o homem do campo, pois vai agregar valor ao produto e buscar novos meios de trabalho, seja no campo, seja fora dele. No entanto, emerge uma preocupação em que as atividades agrícolas primárias estão sendo “esquecidas” em relação ao agricultor familiar.

No caso de Rio Novo, uma série de alimentos que se plantavam não se planta mais, as pessoas que estão no campo são as mais idosas, todos os jovens estão saindo, e as novas atividades estão tendo destaque. Assim, questiona-se: Para onde vai o rural dentro dessa dinamização?

Com esta materialização do espaço rural, os próprios conceitos tomam uma nova função, sendo então necessário um debate sobre os termos agricultura familiar ou camponesa, sobre os quais existem várias concepções e pontos de vistas em relação à significância destes, com base às mudanças por que historicamente vem passando o meio rural.

Dentro desse contexto, torna-se difícil distinguir e definir agricultura familiar. O conceito do Dossiê Estatístico, elaborado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA e o Fundo das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação – FAO (1996), define a Agricultura Familiar a partir de três características centrais:

- a) gestão da unidade produtiva e os investimentos nela realizados são feitos por indivíduos que mantêm entre si laços de sangue ou de casamento;
- b) a maior parte do trabalho é igualmente fornecida pelos membros da família;
- c) a propriedade dos meios de produção (embora nem sempre da terra) pertence à família e é em seu interior que se realiza sua transmissão em caso de falecimento ou de aposentadoria dos responsáveis pela unidade produtiva (SILVA; JESUS, 2010, p. 2).

No entanto, Lima e Figueiredo (2006, p. 59, *apud* SILVA; JESUS, 2010, p. 2) argumentam que adotar a expressão de agricultor familiar e não de camponês “[...] pode ter sido uma estratégia, em um momento de transição política, uma vez que o camponês é fundamentalmente uma identidade política e ideológica de sujeitos que através dos anos resistiram e resistem à dominação”.

Porém, para Felício (2006, p. 210), os teóricos do paradigma do capitalismo agrário acreditam que o único futuro para o campesinato está na metamorfose do camponês em agricultor familiar. Ou seja, como é inevitável a tendência ao desaparecimento do campesinato, a única possibilidade de sobrevivência do camponês consiste na sua transformação em agricultor familiar, inserindo-o plenamente no mercado e racionalizando ao máximo à sua produção.

Para Abramovay (1992, p. 127, *apud* MARQUES, 2008, p. 62), o agricultor familiar moderno corresponde a uma profissão, diferentemente do campesinato, que constitui um modo de vida. Enquanto este último apresenta como traço básico à integração parcial a mercados incompletos, o primeiro representa um tipo de produção familiar totalmente integrada ao mercado, sem apresentar nenhum conflito ou contradição em relação ao desenvolvimento capitalista. O autor salienta ainda a natureza empresarial, o dinamismo técnico e a capacidade de inovação como traços da forma contemporânea de produção familiar.

Mas, para Lamarche (1993, p. 10, *apud* MARQUES, 2008, p. 63), a relevância desse tipo de estudo também se deve ao fato de o modelo produtivista de agricultura estar em crise, causando sérios problemas de desenvolvimento em praticamente todos os

países do mundo, como em países de passado socialista em transição para a economia capitalista ou em países onde a agricultura se organiza numa base produtivista.

Apesar de ambos os estudos conceberem a agricultura familiar como uma forma de produção baseada no trabalho familiar, a análise de Abramovay privilegia a dimensão econômica, enquanto o estudo coordenado por Lamarche aborda a produção familiar como um objeto sociológico.

Lamarche (1998, p. 67-68, *apud* MARQUES, 2008, p. 63) identifica quatro lógicas ou modelos teóricos de funcionamento das unidades de produção mediante uma interação entre laços familiares e grau de dependência em relação ao exterior, assim definidos: Empresa; Empresa Familiar; Agricultura Familiar Moderna e Agricultura Camponesa ou de Subsistência.

Curiosamente, o que Abramovay (1992, *apud* MARQUES, 2008, p. 63) denomina de Agricultura Familiar Moderna está mais próximo do que é definido por Lamarche (1998) como Empresa Familiar. O desencontro entre autores e classificações parece decorrer, neste caso, da ênfase dada por Abramovay à fase empreendedora do “novo tipo” de produtor familiar que estaria sendo formado no campo em desacordo com uma existência mais restrita, atribuída a essa mesma categoria pelo estudo de Lamarche, que busca realçar as gradações existentes entre tipos de produção familiar mais ou menos dependentes do mercado.

Em vista desse debate conceitual, utiliza-se nesta pesquisa o termo agricultor familiar ou agricultura familiar, baseando-se na realidade local a ser analisada, uma vez que, na área de estudo desta pesquisa, do meu ponto de vista o termo camponês em sua essência e estilo de vida e modo de produção não mais se aplica, levando em conta a transformação do espaço e sua relação com a forma capitalista de produção. Emerge, então, na realidade pesquisada, o termo Agricultor Familiar Pluriativo.

Como respaldo para utilizar o termo agricultura familiar, têm-se os critérios abordados no Censo Agropecuário 2006, determinados pela Lei n.º 11.326, de 24 de julho de 2006, que estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais.

Com essa reflexão, este novo padrão de rural ganhou destaque com a modernização da agricultura iniciado desde a década de 1950, que alterou a organização do processo de trabalho, exigindo uma nova postura dos protagonistas desse meio. No caso de Rio Novo do Sul, esse novo padrão ganha destaque desde as décadas de 1980/1990, segundo apresentou a análise de campo.

Como recorda Veiga (2001, *apud* ELESBÃO, 2011, p. 58), a sociedade brasileira tem que escolher entre dois projetos para o campo, um dos quais tem por objetivo maximizar a competitividade do *agribusiness* por meio da minimização dos custos de produção. Com isso, a busca por tecnologias mais avançadas leva à especialização crescente da produção agropecuária, o que torna desnecessária a mão de obra menos qualificada, reduzindo cada vez mais os postos de trabalho. Já o outro projeto tem por objetivo diversificar as economias locais. Enquanto o primeiro projeto tem caráter setorial, o segundo busca a diversidade multissetorial, valorizando a dinâmica gerada por famílias que se vão tornando pluriativas.

Vale destacar e apoiar uma crítica realizada por Veiga (2003, p. 136, *apud* ELESBÃO, 2011, p. 58), na qual “[...] é inimaginável que a sociedade brasileira não venha a se dar conta do preço que está pagando por acreditar no mito da maior eficiência da agricultura patronal”. E, ainda segundo o autor, “[...] um dia acabará percebendo que a periclitante eficiência alocativa de um punhado de ‘reis’ do gado, da cana, do arroz ou da soja, nem de longe compensa sua absurda ineficiência distributiva”.

Para compreendermos melhor, Elesbão (2011, p. 58) ainda enfatiza que, mais do que priorizar um setor ou outro dentro da agropecuária, é fundamental que se olhe para o rural como um território que não só desempenha as funções de produção de alimentos, matérias-primas e moradias, mas que também sofre mudanças,

implicando novas funções incorporadas e suscitando oportunidades diversificadas para a população ali residente.

No debate sobre o modelo da pluriatividade no campo, esta é tida como o conjunto de atividades agrícolas ou não agrícolas dentro ou fora do estabelecimento, uma forma de diversificar as fontes de renda por meio de múltiplas ocupações assumidas pelos membros de uma mesma família, garantindo maior sustentabilidade das famílias do campo e gerando novas fontes de autossustento.

O processo, junto ao processo de modernização da agricultura a partir da década de 1950, e mais recentemente o processo de globalização deflagrado nos anos 1990, tem trazido ao cenário atual mudanças nos padrões de funcionamento das unidades produtivas de base familiar, assim como a relação dessas unidades com a economia e com a sociedade (SILVA; JESUS, 2010, p. 3).

As chamadas famílias pluriativas, ou agricultores familiares pluriativos, distribuem seus integrantes para novas atividades econômicas, como as agroindústrias, o agroturismo, ecoturismo, comércio, entre outros, fazendo com que o setor produtivo não seja mais autárquico como antigamente, mas integrado ao restante da economia, agregando valor ao campo e às pessoas do campo, que, apesar do domínio do capital, buscam novas alternativas para melhorar seu modo de vida no campo.

Uma série de fatores contribui para o surgimento de novas funções no espaço rural e a busca de novas rendas. Entre eles, a modernização da agricultura e dos sistemas agrários convencionais, a mudança do perfil no mercado de trabalho, a baixa remuneração agrícola, a interiorização das indústrias e o reconhecimento da sociedade para a agricultura familiar. Não é verdade que quem mora no meio rural esteja ocupado somente com atividades agropecuárias. A pluriatividade agora é uma realidade irreversível. Há um conjunto de ocupações profissionais ligadas ao lazer, a prestação de serviços, ao beneficiamento de produtos, ao comércio e à organização de agricultores familiares. São atividades que dividem espaço com as tradicionais práticas rurais, como plantar e colher, criar e vender animais (PHILIPPI, 2011, s/p)¹⁷.

O mesmo autor destaca que diversos estudos confirmam a importância e a forte influência da pluriatividade no cenário da agricultura familiar atual, que encara a agricultura como um estilo de desenvolvimento, e não um mero setor da economia.

¹⁷ Entrevista concedida por Luciano Philippi, engenheiro agrônomo e educador do Centro de Desenvolvimento do Jovem Rural (Cedejor), à Revista Sustentabilidade do Campo – Instituto Souza Cruz (2011).

Em conjunto elevam a renda das unidades familiares minimizando a sazonalidade, inibem o êxodo rural, diversificam a produção e a economia local, geram trabalho e fortalecimento da agricultura familiar. Destaca-se ainda a importância da agricultura familiar para segurança alimentar, cuja característica de distribuição de renda e geração de empregos e produção diversificada de alimentos possibilita que milhões de pessoas tenham condições de acessar os alimentos todos os dias. De acordo com (MULLER, 2012, s/p)¹⁸:

A influência deste enfoque sobre a agricultura tem levado a uma série de rupturas do modo clássico de interpretação do desenvolvimento agrário. A principal delas é em relação ao conceito de “rural” e que incide de forma especial sobre o universo das unidades familiares de produção. Em passado recente, predominava uma visão de um rural como sendo equivalente ao espaço agrícola, principalmente em função do modelo de desenvolvimento, baseado em uma visão essencialmente produtivista e “homogeneizadora” da realidade. Sendo assim, alguns aspectos podem ser apontados como centrais na mudança deste conceito. Um deles é que em função da “modernização” da agricultura, muitas atividades manuais passam a ser substituídas pela mecanização. Em decorrência disso, o processo de trabalho sofre profundas alterações, levando a uma certa desagregação das formas tradicionais de alocação da mão-de-obra. O excedente da força de trabalho é deslocado para outras atividades, além daquelas de caráter exclusivamente agrícola, com destaque para o fenômeno da pluriatividade.

Para Wanderley (2003, p. 9, *apud* MULLER (2012)¹⁹,

[...] mais que focalizar a atividade agrícola, entendida pura e simplesmente como um setor econômico, o que se privilegia é a própria família de agricultores, em suas complexas relações com a natureza e a sociedade que moldam as formas particulares de produção e de vida social [...].

No entanto, observa-se a importância dessa temática para os espaços rurais e da agricultura, de forma especial a familiar, na dinâmica do desenvolvimento rural/territorial, oferecendo as bases para que sejam repensadas as políticas agrícolas em vigor no tocante às transferências sociais de benefícios aos agricultores e suas famílias.

¹⁸ Jovania Maria Muller – engenheira agrônoma; Msc em Agroecossistemas; orientadora de Projetos de Assentamento do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA/SC; Florianópolis-SC, jovania.muller@fns.incra.gov.br. Disponível em: <http://paraiso.etfto.gov.br/docente/admin/upload/docs_upload/material_de0046932c.pdf>. Acesso em: 5 maio 2014.

¹⁹ *Ibidem* 9.

No entanto, de acordo com Alentejano (2001, p. 169, *apud* ELESBÃO, 2011, p. 61), a pluriatividade não deve ser considerada como única saída, pois, em algumas regiões, as condições para o seu desenvolvimento não estão presentes, enquanto em outras as atividades agrícolas poderão produzir melhores resultados. Para o autor,

[...] não devemos cair no equívoco de criar mais uma dicotomia, mas, sim, criar condições para a multiplicação de estratégias de desenvolvimento no meio rural, de forma a garantir condições de vida mais digna para a população que habita hoje o meio rural, assim como para aqueles que poderão vir a buscá-lo como alternativa de sobrevivência.

Todavia, a pluriatividade se estabelece como uma prática social, decorrente da busca de formas alternativas para garantir a reprodução das famílias de agricultores, sendo mecanismos de desenvolvimento por meio da diversificação da produção primária.

1.2 A EDUCAÇÃO DO/NO CAMPO

Ao analisar as transformações ocorridas no meio rural, observa-se que muitos foram os fatores que contribuíram para tal fato. No entanto, esses fatores devem ser analisados e trabalhados por diversas instâncias, entre as quais se destaca a função social da escola, cuja metodologia trabalha contra a cultura, os saberes, os espaços, ou seja, trabalha uma realidade que não é a do aluno, levando-o a perder o apego ao espaço rural e não enxergar seus valores.

Ao pensar a função social da escola, o município de Rio Novo do Sul, contemplado é por Escola Família Agrícola da rede MEPES trabalha com o sistema da Pedagogia da Alternância, oferecendo uma educação voltada para o campo e seus agentes, pela qual passaram vários alunos residentes no município de Rio Novo do Sul e em municípios vizinhos a ele.

No decurso do tempo, sua função social como essência ainda permanece, no entanto algumas características estão sendo transformadas, por exemplo, a ligação da escola com as comunidades rurais de Rio Novo do Sul. Isso representa uma preocupação em relação à função social da Escola Família Agrícola, fator que causa

preocupações, pois a escola é o meio, o fim é o resultado do seu trabalho no espaço em suas diferentes percepções.

Outra questão refere-se às duas escolas da rede estadual localizadas no município de Rio Novo do Sul. Uma está localizada no interior do município na comunidade de Virgínia Nova, região serrana de Rio Novo do Sul, a qual trabalha com uma metodologia fora do contexto dos alunos, pois não se realiza um trabalho de Educação do Campo, aplicando uma educação totalmente urbana, o que desmotiva muitos jovens bem como suas famílias em relação às atividades do campo, ao amor a terra e à valorização do campo e das pessoas que nele vivem.

Outra escola estadual localiza-se na sede do município, também atende a um grande número de alunos do meio rural e nela também nada é feito em relação à Educação do Campo; é uma escola descontextualizada em relação às atividades campo. As escolas municipais multisseriadas localizadas no campo, as que não foram fechadas, também não realizam um trabalho voltado para realidade dos alunos de forma concisa, contextualizada e permanente, somente realiza alguns projetos isolados em alguns períodos.

É dita educação preparatória para o trabalho nos centros urbanos, visando atender às necessidades da indústria em detrimento da agricultura familiar. Em relação às escolas municipais multisseriadas do campo, diversas foram fechadas e os alunos foram transferidos para escola polo ou a sede do município de Rio Novo do Sul. Como função social da escola, o fim torna-se preocupante, o que se observa na passagem a seguir:

Eu acho que se o estado, os governos não tomarem providencia, por exemplo de incluir nas disciplinas da escola pública também como se trabalha na roça e se produz as coisas, vai estar “ferrado” e todo mundo passando fome. Então eu acho que eles deveriam também ensinar isso as crianças, pois talvez tenha alguma que tem amor em estudar e também de trabalhar na roça. Pois a realidade é assim, você faz a faculdade para você ir morar na cidade e ir arrumar um emprego lá. No entanto, o estudo esta todo focado na cidade e não no campo. Os meus meninos estudaram em Campinho e depois para Olivânia, mais todos eles tem aquela disciplina, de saber que tem que ajudar a fazer as coisas são muito caprichosos, na roça eles fazem enxerto nas laranjas, precisa de ver, e um é professor hoje, mais vem aqui faz enxerto na laranja, ele olha as coisas na roça com carinho e cuidado (Entrevista realizada com o integrante da COMUNIDADE DE MONTE ALEGRE, em 20/11/2014).

Pensando na Educação do Campo como elemento fundamental para o desenvolvimento da cultura e da valorização desse espaço e das pessoas que o ocupam, não se pode negar o avanço tecnológico gerado pela modernização na agricultura²⁰. Porém, o que não se pode é aceitar isso como um fim em si mesmo.

Nesse debate é que a Educação do Campo necessita apoiar-se, levando em consideração as transformações vivenciadas no campo, necessita também resgatar os valores e conhecimentos empíricos em domínio dos agricultores para que estes se sintam mais valorizados. Ademais, a educação deve ser direcionada para um significado que leve as pessoas a refletir sobre o seu meio, apresentando relação entre o conteúdo estudado e a realidade do aluno²¹.

A educação ela tem que ser direcionada com um significado, para transformar as pessoas, o conhecimento tem que ser transformador, ele não pode ser um conhecimento para nada. Mais a intenção é esta, de dar significado ao conteúdo que eles estão aprendendo, e despertar para que ele possa onde ele estiver ir crescendo, desenvolvendo ele ver o que ele pode fazer da vida dele, naquele lugar, com aquele espaço em que ele tem (Entrevista realizada com a senhora VERA BORTOLOTE, em 21/10/2014).

O debate sobre a agricultura familiar e a pluriatividade perpassam por diversas questões, nas quais o sistema de educação pode ser ou é um interventor para que o espaço rural não se perca e caia no descaso social. Assim, a Educação do Campo vem com a proposta de trabalhar o campo e suas especificidades para levar ao jovem do campo uma educação voltada para sua realidade.

Educar não é fácil! Então eu acho que o envolvimento das pessoas, das famílias, dos pais, na formação dos filhos é fundamental. Mais muitas vezes eu não vejo isso (Entrevista realizada com o senhor JOÃO BRÁZ BORTOLOTE, em 21/10/2014).

²⁰ Hoje o rural vive um novo momento se comparado com o da década de 1960. As relações de trabalho no campo não são mais as mesmas, e, nessa relação de tempo, observa-se que mudar foi preciso, pois o sistema mudou, no entanto essa mudança trouxe questões ora positivas, ora negativas. E o sistema educacional tem um importante papel nessa questão, uma vez que a escola é formadora de opinião e, se nela o ensino não for contextualizado, as consequências para o espaço rural são preocupantes. Esse debate permanece no decurso desta pesquisa e no capítulo 4, com a análise dos dados de campo, na qual será possível observar as transformações do rural no município de Rio Novo do Sul, compreendendo a importância do sistema de educação nesse processo.

²¹ Não se generaliza a Educação do Campo neste debate como a solução para os problemas do campo. Todavia, ela é considerada objeto de reflexão das questões do campo como ponto de partida para reivindicações e propostas que gerem a valorização contínua desse espaço e das pessoas que nele vivem.

Para falar em Educação do Campo, faz-se necessário compreender o sentido de “campo” e o sentido de “educação”, penetrando no seu contexto internalizando-os. Essa compreensão nos permite uma reflexão mais dinâmica e aberta desses conceitos; caso contrário, serão realizadas reflexões acerca de uma dimensão sem e/ou com duplo sentido, bem como às avessas, deturpando o sentido propriamente dito de campo.

Como diz Schopenhauer (2005, p. 43), “[...] o mundo é minha vontade”, “o mundo é minha representação”. Ou seja, tudo o que pertence e pode pertencer ao mundo está inevitavelmente investido desse estar condicionado pelo sujeito, existindo apenas para este.

Fernandes (2000, *apud* VERGUTZ, 2012, p. 6) traz a definição do termo campo, que, como território, significa compreendê-lo como espaço de vida, com função multidimensional relacionada à educação, à cultura, ao trabalho, ao mercado e às relações sociais voltadas à organização da sua existência, e não apenas como espaço de produção de mercadorias.

A palavra campo traduz-se em ambiente de ligação dos seres humanos e de sua existência relacionada etimologicamente ao camponês, ao trabalho camponês, agregando os sujeitos identificados com a agricultura familiar, a reforma agrária, os assentamentos, os acampamentos, os quilombos, o povo indígena, os trabalhadores assalariados rurais, os pescadores artesanais e tantos outros que lutam pela sua identidade e dignidade cultural, política, social, humana.

Partindo de tudo aquilo que foi dito, destaca-se outra palavra-chave, que é educação. Conforme Relatório A Centralidade do Alimento (2012-2016, p. 21). Não pode haver mudança de comportamento ou cultura sem a educação como parte integrante dessa mudança. Um empenho educacional deverá questionar e, quando necessário, transformar as metodologias e os conteúdos daquilo que se pretende ensinar [...] «educar significa fazer futuro», a qualidade do futuro que estamos preparando depende da qualidade e da quantidade da educação que seremos capazes de oferecer. [...] Observa-se, assim, que o próprio sistema de ensino precisa de uma revolução antes de poder ser útil à mudança desejada, visando à justiça e ao bem-estar universal.

O mesmo relatório ainda destaca que sabemos, portanto, qual deverá ser o conteúdo principal de nossas ações educacionais: a complexidade, as conexões. É preciso estudar os elementos individualmente, é claro, mas é preciso também estudar as dinâmicas de reciprocidade que os ligam. De nada adiantam os degustadores de mel que não conhecem o papel das abelhas nas produções agrícolas e os prejuízos que esses insetos estão sofrendo devido à agricultura baseada no uso de produtos químicos. Sem educação não há consciência do valor dos alimentos, e, faltando esta competência – reconhecer a qualidade e o valor –, o único critério de escolha será o preço. E, nesse caso, obviamente, a agricultura industrial sairá vencedora: uma agricultura orientada para o mercado, que pode reduzir os preços, pois tem o poder ou a arrogância para fazê-lo.

Diante do modelo de desenvolvimento mediado pelo sistema capitalista, a educação é um fator determinante como formação de sujeitos críticos e atuantes no meio. Valorizar a agricultura familiar, os saberes e os fazeres do campo é uma questão que perpassa também pelo sistema de educação, a qual precisa estar contextualizada, uma vez que vivemos em um mundo mediado por uma globalização perversa.

Pensando no interior em relação à década de 60, tem as drogas hoje, e o interior não tem muito apoio, as pessoas, principalmente jovens vão saindo este negócio de descer para estudar. Outra coisa erradíssima foi aquela lei de privatizar as escolas, tirar as crianças do seio da família, de perto, era até uma caminhada boa ia e voltava para a escola, aos domingos tinha o catecismo. Daí tirar daquela educação, daquela boa educação e hoje vir estes ônibus, uma coisa horrível grandes e pequenos todos juntos, aonde os pequenos vão aprendendo a falta de educação dos grandes que não devia, lá ele não aprenderiam isso, chegam no colégio crescem e não querem nada parecem até irracionais. É triste, triste a educação, fora da realidade dos alunos (Entrevista realizada com a senhora GLÍCIA MAMERI DE AZEVEDO, em 23/10/2014).

O ensino tradicional praticado atualmente no meio rural apresenta falhas de concepção, no qual se inclui até mesmo a Pedagogia da Alternância se engloba nessa questão, uma vez que, de certa forma, a realidade rural é ignorada, a qual constitui historicamente um instrumento de fundamental relevância para o desenvolvimento do espaço rural.

A consolidação da Educação do Campo é resultado de um processo histórico, com avanços e dilemas teóricos e práticos em meio aos modelos de desenvolvimento

econômicos que surgem abarcando concepções que objetivam o fortalecimento do capital e sufocando, em grande parte, os pequenos agricultores familiares.

A educação é tida como um processo que envolve o homem e a sociedade. Esta deve mudar no tempo e no espaço e, mesmo diante de desafios, apresentar propostas novas e criativas, possibilitando condições indispensáveis ao desenvolvimento, o qual obriga modificação no processo de aprendizagem; logo, resultados no meio.

A Educação do Campo deve ser pensada de forma ampla e democrática, como forma de consolidar os valores do homem do campo, respeitando seu meio de origem, formando seres ativos dentro e fora do meio rural, ordenando instrumentos de descoberta, interagindo com os diversos saberes e entendendo que os espaços rural e urbano não se excluem, mas se completam.

A demanda advinda dos diferentes movimentos pedagógicos existentes no campo, por políticas específicas para o campo, ante as problemáticas enfrentadas no processo de educação, depara, em meio a uma educação até então adotada, propósitos urbanos. A Educação do Campo tem o propósito de desmitificar a imagem de atraso do campo, de vergonha e de submissão ao urbano, onde deve nascer com projetos diferenciados de educação, construindo métodos e teorias próprias para as pessoas do campo.

A Educação do Campo deve proporcionar uma reflexão sobre o sentido de inserção do campo, rompendo com ideais que colocam o agricultor familiar como algo à parte, fora do comum e da totalidade, referenciando a representação urbana. Sendo assim, é preciso romper com as visões dicotômicas: moderno/atrasado, ruim/bom, desenvolvida/não desenvolvido.

A demanda advinda dos diferentes movimentos pedagógicos existentes no campo, por políticas específicas para o campo são movidas por sonhos e esperanças de pessoas e organizações sociais, ante as problemáticas enfrentadas no processo de educação para o campo, em meio à educação até o momento adotada com

propósitos urbanos, torna-se necessária a um modelo de educação baseado no fortalecimento e valorização do meio rural, além de promover o campo em sua totalidade e de forma sustentável.

As escolas urbanas servem para formar cidadãos para a cidade. Quantos verdadeiros agricultores você tem visto sair das escolas oficiais de agricultura? Para nós agricultores, é sempre a mesma coisa, ou instruir-se e deixar a terra, prosseguindo num tom um tanto desanimado, ou para não deixar a terra, ficar ignorante a vida toda! (NOVE-JOSSEREND, 1998, *apud* BEGNAMI, 2004, p. 4).

Arroyo, Caldart e Molina (2009, p. 9) comentam: “A Educação do Campo não fica na denúncia do silenciamento; ela destaca o que há de mais preservado nesse esquecimento: o direito à educação que vem sendo negado à população trabalhadora do campo”.

A Educação do Campo foi afirmando-se no Brasil, porém, no caso de Rio Novo do Sul, ainda é incipiente. Destacam-se também a desvalorização do povo do campo e a limitação no que se refere às políticas públicas. Nesse contexto, busca-se resposta à ausência de educação voltada à realidade rural.

As políticas educacionais no Brasil padecem de uma indefinição de rumos. E as políticas para o campo ainda mais. A escola no meio rural passou a ser tratada como resíduo do sistema educacional brasileiro, e, conseqüentemente, à população do campo foi negado acesso aos avanços havidos nas duas últimas décadas no reconhecimento e garantia no direito à educação básica. O que aconteceu para que nem se quer o movimento pedagógico progressista e o movimento docente tão politizado e as políticas públicas sociais mais inclusivas tenham chegado a incluir o povo do campo como sujeitos de direitos? (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2009, p. 10).

Nesse mesmo sentido, instigam-se as propostas pedagógicas para atender aos processos da educação nas dimensões que atendem os povos do campo. De acordo com Arroyo, Caldart e Molina (2009, p. 162): “A Educação do Campo deve prestar especial atenção às raízes da mulher e do homem do campo, que se expressam em culturas distintas, e perceber os processos de interação e transformação”.

Então, a Educação do Campo deve emergir, contribuindo para a formação de sujeitos que dialoguem entre si. Destaca-se a necessidade de uma Educação do Campo que esteja pautada no contexto atual do campo, na qual as transformações geradas nesses espaços sejam não apenas compreendidas de forma passiva, mas

também analisadas em sua magnitude, de forma que as mudanças observadas no campo sejam analisadas de maneira tributária ao sistema capitalista de produção.

Nesse sentido, a Pedagogia da Alternância recupera, mediante sua proposta, uma realidade que integra o teórico e o prático entre a educação e o meio, superando a dicotomia sentida na educação rural tradicional entre a vida cotidiana e a educação. Porém, a Pedagogia da Alternância não carrega consigo a única responsabilidade referente à Educação do Campo no espaço no qual está inserida. Surge a necessidade de uma integração entre as diversas unidades escolares, bem como integração com outras instâncias sociais.

Essa integração se faz de forma sistemática e progressiva representando, assim, um significativo avanço no sentido de garantir uma educação motivadora, inovadora e participativa, sendo esta passível de mudanças e adaptações que vão ao encontro do contexto mediado pelo tempo e pelo espaço no qual há de se instalar.

A Escola Família não basta dar uma boa formação técnica para o jovem, porque o objetivo da Escola Família, é ter o jovem bem formado, está certo, mas bem formado pra que? Bem formados para tanto dentro de sua pergunta, pra ajudar nas transformações e no desenvolvimento do território ou da comunidade e, nesse sentido precisa estar atento, porque as mudanças são rápidas, o meio rural passa por mudanças muito rápida, a estrutura familiar está mudando muito, a realidade do campo está mudando muito, a realidade da sociedade como um todo, então a educação ela tem que ser bem dinâmica. E a Pedagogia da Alternância, ela precisa ir respondendo essas novas realidades que estão postas. E esta questão analisando a Escola Família dentro da contextualização da Educação do Campo, eu coloco assim o perigo de você ter uma proposta pedagógica forte e achar que é só a Pedagogia da Alternância por si só já resolve, a gente precisa colocar a Pedagogia da Alternância dentro dessa contextualização que nós estamos falando (Entrevista realizada com o senhor IDALGIZO JOSÉ MONEQUI, em 29/12/2014).

Neste caso, a escola deve proporcionar uma formação que instrua o jovem a analisar o seu espaço e atuar sobre o mesmo buscando melhores meios para desenvolver-se, principalmente na qualidade de atuante. No entanto, é preciso colocar a Pedagogia da Alternância dentro dessa contextualização, entrelaçando escola, família e comunidade; caso contrário, ela não obedece a seus princípios e não se efetiva no espaço como função social e transformadora.

1.3 A JUVENTUDE NO/DO CAMPO

Faz-se necessário analisar o termo juventude, uma vez que o seu significado tem sido analisado e explicado de formas bem diferentes ao longo do tempo e também na atualidade. Nesse sentido, o debate referente à juventude do campo também se torna um fator determinante e preocupante no meio rural, a qual historicamente está indo embora do campo por uma série de fatores, como a falta de incentivo e políticas públicas para os jovens, a falta de diálogo entre o sistema educacional que não trabalha sua realidade, o qual lhe impõe uma educação descontextualizada.

O fato de o jovem estar indo embora do campo torna-se motivo de preocupações, embora o objetivo maior não seja fixar o jovem no campo, porém tentar mostrar-lhe que o campo, assim como o espaço urbano, também oferece uma série de possibilidades. Ademais, as atividades realizadas no campo fazem com que esse espaço também precise de conhecimento, de capital intelectual, seja este voltado tanto para o ato de cuidar da terra quanto para o âmbito da pluriatividade.

Segundo Abramovay e Camarano (1998), nas últimas décadas ocorreu no Brasil um intenso esvaziamento no campo, principalmente de jovens em busca de melhores oportunidades de trabalho, com predominância da migração feminina para centros urbanos. Essas são duas faces de uma realidade que vem acarretando o envelhecimento da população e a masculinização do meio rural. Observam também que a queda de fecundidade no meio rural contribui igualmente para a diminuição da população camponesa no Brasil.

Assim, o debate sobre a categoria “juventude/juventudes” torna-se central na medida em que as muitas concepções se entrecruzam. Trata-se também de uma categoria que permite aprofundarmos o próprio fazer, analisando o campo da juventude do campo no campo, pensando ainda no sistema educacional e nas políticas públicas voltadas para a valorização dos espaços, em que os jovens estão inseridos.

Desse modo, a construção da categoria “jovem” vem proporcionando a visibilidade das demandas da juventude e nos traz um olhar da diversidade, fugindo da

homogeneidade. Mas é importante reconhecer a juventude como sujeito social de direito e agente estratégico de desenvolvimento.

Na sociedade moderna, a juventude é compreendida como um período de construção de identidades que configura um universo social descontínuo e em constante transformação e pode ser definida cronológica, sociológica e psicologicamente. Cronologicamente é o período que varia dos doze aos vinte e cinco anos (essa faixa etária não possui um consenso entre seus estudiosos, como será explicado posteriormente). Sociologicamente é um período de transição do estado de dependência para o de autonomia – principalmente da dependência dos pais –, ou seja, é quando se começa a assumir as responsabilidades de um mundo considerado adulto. E psicologicamente, a juventude é considerada um período crítico, onde acontece a definição do ego, com grandes mudanças na personalidade (XAVIER, 2009, p. 17)²².

Atualmente parece haver um consenso sobre a necessidade de pensá-la como uma construção social, cultural, histórica e dinâmica sobre a qual impõe diferentes mecanismos de inserção no meio. Ao invés de um grupo homogêneo, a juventude é cada vez mais percebida como uma realidade múltipla, devendo ser compreendida como a fase que fica, mesmo que o sujeito não seja sempre jovem.

A juventude do campo apresenta-se como um capital estratégico de desenvolvimento e fortalecimento da agricultura familiar. Porém, essa juventude está indo embora do campo, fator preocupante no que se refere à sucessão familiar. No caso de Rio Novo do Sul, a juventude, em grande parte, não está no campo, está indo em busca de “novas oportunidades” nos centros urbanos.

[...] A juventude rural está indo embora do campo [...] Esta expressão sintetiza a imagem do jovem no Brasil. A juventude do campo é constantemente associada ao problema da “migração do campo para a cidade”. Contudo “ficar” ou “sair” do meio rural envolve múltiplas questões em que a categoria jovem é construída e seus significados, disputados. A própria imagem de um jovem desinteressado do campo contribui para a invisibilidade da categoria como formadora de identidades sociais e, portanto, de demandas sociais (CASTRO, p. 439, *in* DICIONÁRIO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO).

Torna-se relevante pensar o jovem na condição de capital intelectual, que deve estar articulando com a experimentação de novos processos que qualifiquem sua inserção produtiva, especialmente na busca de meios que otimizem o espaço rural, visando

²² XAVIER, Leonardo Henrique Sousa. **Juventude rural e mídia televisiva**: influências no comportamento dos jovens rurais (2009). Projeto de Pesquisa de Monografia em Bacharel em Ciências Sociais da UFRN.

ao estímulo à agroecologia, ao desenvolvimento sustentável e à valorização do rural. Nesse sentido, retoma-se o debate da Educação do Campo e sua importância nessa dinâmica do campo em relação à juventude.

Os debates sobre a realidade e as tendências da agricultura familiar deixam dúvidas sobre a possibilidade de que os jovens rurais de hoje possam representar os possíveis agricultores do futuro. Percebe-se que este público, afasta-se cada vez mais das atividades agropecuárias desenvolvidas por seus pais, o que implica na busca de oportunidades de ocupação e renda fora da realidade rural (SILVA; JESUS, 2010, s/p).

Em meio ao atual sistema, a juventude rural está afastando-se do campo em detrimento das consequências de um modelo de desenvolvimento que estimula à concentração populacional em grandes centros urbanos, incentiva a migração do campo para as cidades, muitas vezes gerando uma mazela social nesses centros urbanos, desencadeando uma série de problemas também no campo, como a sucessão familiar, onde um dos grandes desafios que se coloca para o meio rural é a formação de uma nova geração de agricultores.

De outro lado, há o problema do relacionamento entre pais e filhos no meio rural que inviabiliza, na maioria dos casos, a sucessão na Unidade Produtiva Familiar e fortalece ainda mais o fenômeno do êxodo da juventude, mesmo entre jovens de agricultores familiares consolidados. Conforme dados da PNAD/IBGE (2007), o ponto máximo de migração do meio rural está entre homens de 20 a 24 anos e mulheres entre 15 a 19 anos. São as jovens mulheres que mais saem das áreas rurais, consequência de uma dupla discriminação baseada na invisibilidade de sua condição juvenil e pela desvalorização do seu papel social enquanto mulher e trabalhadora. As consequências são os problemas de sucessão hereditária, masculinização, esvaziamento e envelhecimento do meio rural (Entrevista realizada com o senhor JOEL DUARTE BENÍSIO, em 27/10/2014).

Desse modo, as modificações socioeconômicas vêm interferindo diretamente nos rumos da agricultura familiar e da juventude do campo, levando os jovens a buscar novos horizontes, muitas vezes desconhecidos e com poucas possibilidades²³.

Assim, a escola, com sua metodologia de ensino aplicada, é percebida como um espaço para a juventude obter melhor formação, seja para quem pretende gerenciar

²³ Esta questão em relação à saída do jovem do campo para os centros urbanos é uma realidade presente no município de Rio Novo do Sul, uma vez que eles não estão mais “interessados”, ou melhor, “motivados” a permanecer no campo e cuidar da terra. Vão em busca de um emprego, podendo até ganhar menos que no campo, porém um trabalho menos “pesado” que, no fim do mês, lhe oferece uma renda ainda baixa em muitos casos.

com mais eficiência a unidade de produção, tendo condições de conhecer novas formas de gestão da propriedade agrícola, seja para quem tem a intenção de se empregar em outras atividades, uma vez que, na diversidade do campo, várias profissões são necessárias. *“Se você não quer ser agricultor, mais você quer permanecer na área rural você tem que estudar pra levar uma profissão qualquer que seja pra lá”*. (Entrevista realizada com o senhor RONALD DE SOUZA ROHR, em 27/11/2014).

Tanto a educação como a família e comunidade são elementos decisivos no horizonte profissional de qualquer jovem, no entanto, o foco não é fixar o jovem no campo, mas mostrar a ele as possibilidades que o campo oferece, tendo-o como opção de vida. Para isso, o sistema educacional é um pilar fundamental para ter um novo olhar sobre o campo, é um vetor estratégico para o desenvolvimento territorial sustentável, é uma força motriz capaz de articular as inovações que se pretendem para transformar a realidade produtiva, ambiental, política e social.

Uma verdadeira política de desenvolvimento rural deve associar a atribuição de ativos aos jovens - dos quais o mais importante é uma educação de qualidade - com o estímulo a um ambiente que estimule a formulação de projetos inovadores que façam do meio rural, para eles, não uma fatalidade, mas uma opção de vida (ABRAMOVAY, 2005, p.1-2).

No entanto, a escola sozinha não dá conta de interferir nesta realidade da agricultura familiar e dos trabalhadores rurais em geral, mas também a realidade não mudará sem uma escola diferenciada, contextualizada, que interaja continuamente com seus sujeitos e as suas organizações. A despeito de todas as dificuldades internas e externas que podem limitar a sucessão do jovem na Unidade Produtiva Familiar e sua continuidade no meio rural, a educação do campo em alternância praticada pelas EFAs pode oportunizar aos jovens o direito de poder optar livremente por sair ou ficar no campo (Entrevista realizada com o senhor JOEL DUARTE BENÍSIO, em 27/10/2014).

Na Escola Família Agrícola, escola, família e comunidade são inseparáveis no processo de ensino-aprendizagem da juventude do campo, mostrando um campo de possibilidades, pois para a Pedagogia da Alternância, a vida também ensina, é a primazia da vida sobre a escola²⁴.

²⁴ É uma das essências pedagógicas da Pedagogia da Alternância desde seu princípio. Ver páginas 25, 53 e 80 deste trabalho.

Nesse sentido, a escola não pode isolar-se nem mesmo trabalhar fora da realidade do jovem rural, pois sua função é interferir na realidade possibilitando-lhe o direito de ir para a cidade ou ficar no campo, por meio de reflexões acerca dos aspectos históricos, culturais e sociais que circunscrevem o universo da juventude no meio rural, relacionando o acesso à educação e à qualificação profissional.

2 A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA

A primeira Maison Familiale Rurale nasce na França, em 21 de novembro de 1935. Esta história é fruto de uma ideia contra o sistema de opressão em que vivia o homem do campo em detrimento do projeto ilusório de desenvolvimento urbano. Sobre essa questão, Zamberlam (2003, p. 27) destaca o primeiro momento de ascensão da Pedagogia da Alternância.

A origem da experiência foi a atitude de um jovem filho de Jean Peyrat, de deixar a propriedade agrícola do pai para continuar os estudos longe de casa. A escolarização obrigatória findava aos 13 anos, e Yves, no ano de 1934/35, seguia as lições dos “cursos complementares”, sucessivos ao Certificado de Estudos Primários, saindo de casa na segunda-feira e retornando no fim de semana. Por causa da rejeição do filho de continuar a escola no ano seguinte, o pai Jean Peyrat, agricultor e presidente do Sindicato Rural Comunal, começou a tomar consciência da necessidade de uma formação complementar, para atender às necessidades do filho. Jean Peyrat foi procurar o padre Granerau, também militante no Secretariado Central para as Iniciativas Rurais (SCIR), para ver o que podiam fazer para a educação do jovem. O padre declarou-se disponível desde que a questão não fosse individual, mas envolvesse também outros jovens do lugar.

Essa iniciativa aponta com convicção que uma mudança era necessária em relação ao homem do campo e sua família, levando em conta também o sistema de educação até então aplicado. Era preciso devolver ao homem do campo a sua dignidade e a valorização do seu trabalho no campo. Segundo Nosella (2013, p. 45) esta é a história de uma convicção que permanece viva até os dias atuais.

Foi a convicção de um homem, filho de camponês, que por toda sua vida se comprometeu diretamente com o meio rural, vivendo no meio do povo do interior Francês, compartilhando a mesma vida, carregando o mesmo passado de injustiças, sofrendo as mesmas pressões. Foi a ideia de uma escola realmente para o meio rural e do meio rural; uma escola que rompesse radicalmente com o modelo urbano, não nascida de um estudo teórico, nem de uma tese pedagógica, nem de um levantamento sociológico. É a convicção que um homem teve e manteve de que alguma coisa podia ser feita “que mudará tudo”, devolvendo ao homem que trabalha a sua terra e sua dignidade.

Essa é a história de uma época e de um homem com base em um fato, bem como a dos problemas vividos por ele e tantos outros nesse contexto²⁵. Ele se chama padre Abbé

²⁵ Contexto de origem da Pedagogia da Alternância na França.

Granereau²⁶, filho de camponeses, que, durante toda sua vida, se comprometeu com o meio rural e, desde jovem, preocupava-se com o descaso do governo e da igreja em relação aos problemas vividos pelo homem do campo, em que o sistema de educação foi também um vetor influenciador desse descaso, que se ilustra no relato que segue:

O Estado através de seus professores(as) do primário, salvo algumas maravilhosas exceções, não sabia mesmo o que dizer aos agricultores a não ser o seguinte: seu filho é inteligente; não pode ser deixado na roça (...) é preciso encaminhá-lo nos estudos (...) vencerá na vida melhor que seu pai (...) conseguirá uma boa posição social (GRANEREAU, 1969, p. 22, *apud* NOSELLA, 2013, p. 46).

Com isso, os pais estavam convictos de que o centro urbano era a solução para que os filhos se tornassem sábios e instruídos. Nesse modo de pensar, a terra opunha-se à sabedoria, mitificando o valor do trabalho do campo e os saberes que as pessoas do campo trazem, contrastando a cultura e a agricultura. Nesse sentido, outro relato ilustra o dilema vivido na época:

O jovem do interior tornava-se, muitas vezes, orgulhoso de si mesmo e olhava de cima para baixo os que foram tão bestas de permanecerem na lavoura. Não passou vergonha, muitas vezes, de sua origem? (...). Desta forma o mundo agrícola vinha sendo depauperado de suas melhores inteligências e, às vezes, de seus verdadeiros chefes (GRANEREAU, 1969, p. 22, *apud* NOSELLA, 2013, p. 46).

Diante desse contexto vivido na França, Nozella nos alerta sobre uma “crise”²⁷ no sentido de que o estado aparece desinteressado com os problemas do campo, voltado para uma fórmula educacional com um modelo urbano, descontextualizado do modelo rural, e nos apresenta uma igreja com “Boas intenções” em relação ao homem do campo, porém sem um modelo educacional capaz de responder aos problemas da época²⁸.

²⁶ O padre Abbé Granerau nasceu em uma pequena localidade rural, em 1884 e morreu em 10 de junho de 1988. Em sua longa existência, acompanhou boa parte do movimento da Casa Familiar Rural (CFR) francesa.

²⁷ O interesse que suscita uma nova iniciativa educacional para o mundo rural decorre da evidente crise do ensino rural e, num sentido mais geral, da própria crise do homem contemporâneo com relação à terra. Se a crise da escola é universalmente proclamada, a crise da escola no meio rural é ainda mais evidente, embora suas conotações específicas sejam menos claras. Em todo caso, o interesse para novas alternativas educacionais, até hoje é muito forte (NOSELLA, 2013, p. 35).

²⁸ A discussão em relação à intenção da Igreja em agir em contextos diversos quanto à implantação das Escolas em Alternância, traz inquietações a respeito da intenção dessa intervenção, uma vez que a Igreja resolve agir nas questões sociais pelo viés da educação. Com isso, questionam-se quais suas reais intenções. Em análises realizadas com diversas pessoas envolvidas na Pedagogia da Alternância, principalmente no Brasil, no Espírito Santo, desde seu princípio, a Igreja visou apenas às

É necessário recontextualizar a escola e o modelo de escola. E, assim, surge a primeira Maison Familiale, ou Escola Família Agrícola. As denominações variaram conforme foram surgindo unidades com essa filosofia e proposta pedagógica da Pedagogia da Alternância, a saber: Maisons Familiares Rurales (MFR), Escola Família Agrícola (EFA), Casas Familiares Rurais, entre outras denominações.

Desde 1911, o padre Granerou tinha fundado um sindicato rural no intuito de ajudar os camponeses a superar o isolamento e o individualismo. Em 1914, chegou à conclusão de que o problema agrícola nada mais era que um problema de educação, isto é, de uma formação capaz de preparar chefes de pequenas empresas rurais. Em 1930, deixou voluntariamente uma grande paróquia urbana para se instalar na pequena paróquia rural de Sérignac-Péboudou. Exatamente aqui, após muitas dificuldades, no dia 21 de novembro de 1935, quatro alunos se apresentaram à casa paroquial. O padre Granereau mostra-lhes a Igreja, o presbitério, a casa paroquial, sublinhando que tudo aquilo tinha um aspecto de ruína e acrescentava: “Tudo isto é símbolo do mundo rural... se quiserem começaremos algo que mudará tudo”. Naquele dia começou a primeira Maison Familiale, ou Escola Família Agrícola (NOSELLA, 2013, p. 47).

Com base nos estudos de Nosella, observa-se que, para trabalhar com esses jovens, a semente estava lançada, porém ainda era preciso pensar no método dessa nova escola, afinal ela precisava atender os jovens do campo e suas necessidades, os quais, além de necessitarem de uma educação contextualizada, precisavam trabalhar no campo, na lavoura que, na época, estava escassa. Assim, o padre Abbé Granereau com alguns agricultores chegaram à “fórmula mágica”: os jovens permaneceriam unidos alguns dias por mês, em tempo integral e, logo em seguida, retornariam a sua propriedade agrícola. Essa fórmula satisfez os agricultores e também o anseio do padre.

Logo, os jovens foram organizados em pequenos grupos para realizar um rodízio, um tempo em casa e outro na escola, nascendo assim à Escola em Alternância, sendo chamada, por muito tempo, de “Fórmula de Lauzun”, por ter sido em Lauzun a primeira Escola Família estruturada. Porém, até então, a escola não tinha um currículo pré-formulado, mas, assim que a ideia foi sendo aperfeiçoada, é que começaram a esboçar o próprio currículo e mais complexo.

questões sociais, não havia outros interesses por detrás dessa ação mediada pela Igreja. Destaca-se, ainda, que não foi somente a Igreja Católica que se dedicou à construção da EFA de Rio Novo do Sul-ES, outras igrejas também se disponibilizaram e ajudaram muito.

A partir de então, a experiência em alternância foi sendo adaptada, reformulada e disseminada em outros países e continentes. Vale destacar que a Maison Familiar nunca foi uma escola isolada da ação e do desenvolvimento socioeconômico de seu meio, nem pode ser, pois ela se faz mediante a interação entre escola e meio (família e comunidade), na qual essa perspectiva está presente até os dias atuais.

Diante da experiência francesa, berço das *Maisons Familiales Rurales*, entende-se a importância da escola no processo de formação dos jovens e desenvolvimento rural local, uma vez que ela emerge da necessidade de uma educação pautada na realidade dos sujeitos, que busca valorizar o espaço, a cultura, a fim de promover uma revalorização do espaço rural, onde a escola precisa estar integrada com outros espaços e sujeitos, que são fundamentais nesse processo. Nessa perspectiva, Nosella (2013, p. 24) destaca:

A partir das premissas históricas, resulta compreensível o vínculo da escola com a cidade, com o meio urbano. Entende-se, então, a queixa do abade Granereau, fundador das Escolas Família Agrícola, ao constatar que os jovens tendiam a abandonar o campo transferindo-se para a cidade na medida em que avançavam no processo de escolarização.

Conforme Arroyo, Caldart e Molina (2009, p. 14), a escola pode ser um lugar privilegiado de formação, conhecimento e cultura, valores e identidades das crianças, adolescentes, jovens e adultos. Não para fechar-lhes horizontes, mas para abri-los ao mundo desde o campo, ou desde o chão que pisam. Desde suas vivências, sua identidade, valores e culturas, é preciso abrir-se ao que há de mais humano e avançado no mundo.

Nessa perspectiva, a escola pode e deve ser parte importante na elaboração de estratégias de desenvolvimento rural e social, para isso, precisa desenvolver um projeto educativo contextualizado, trabalhando a produção do conhecimento com base em questões relevantes para intervenção na realidade, em que escola, família e comunidade façam parte conjuntamente desse processo.

A Pedagogia da Alternância para ela ter sucesso, ela precisa ser bem desenvolvida e aplicar todos os seus elementos pedagógicos. A Pedagogia da Alternância não é apenas uma Pedagogia, mais é uma proposta pedagógica que tem os seus objetivos bem claro que é desenvolver uma formação de qualidade própria e apropriada para o campo e que envolva a família, envolva a comunidade (Entrevista realizada com o senhor IDALGIZO JOSÉ MONEQUI, em 29/12/2014).

A Pedagogia da Alternância brota do desejo de não cortar raízes, e sim buscar interagir o espaço/tempo da formação em que interagem a escola, família e comunidade do educando, fortalecendo os laços comunitários e familiares, ao alternar períodos no meio sócio familiar comunitário e meio escolar.

Podemos pensar a escola atuando em regime de alternância ou de Pedagogia da Alternância. Para isso podemos olhar e/ou fazer a escola com dois momentos distintos e complementares:

- O **tempo escola**, onde os educandos têm aulas teóricas e práticas, participam de inúmeros aprendizados, se auto – organizam para realizar as tarefas que garantem o funcionamento da escola, avaliam o processo e participam do planejamento das atividades, vivenciam e aprofundam valores.
- O **tempo comunidade**, que é o momento em que os educandos realizam atividades de pesquisa da sua realidade, de registro desta experiência, de práticas que permitem a troca de experiências por vários aspectos. Este tempo precisa ser assumido e acompanhado. (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2009, p. 105, grifo dos autores).

O tempo comunidade contempla ainda o tempo no espaço familiar, pois são espaços dentro da Pedagogia da Alternância geradores de aprendizado. Esses espaços são a essência, a base para fomentar os conhecimentos no meio escolar, numa perspectiva de OBSERVAR – REFLETIR – TRANSFORMAR, conforme ilustra a Figura 1 num processo contínuo e interminável. Assim, o jovem busca sua realidade em seu meio de vivência familiar e comunitário (Observar), traz para a escola uma reflexão e embasamento teórico (Refletir) e, na sequência, retorna a seu meio com novos olhares e perspectivas (Transformar).

Figura 1 – Demonstrativo do processo da alternância dos espaços e tempos (escola, família e comunidade)



Fonte: Vergutz (2012, p. 11).

Nesses espaços de Pedagogia da Alternância (Figura 1), os alunos são os autores da própria formação, num processo permanente de práxis socioprofissional fazendo da escola, família e comunidade espaços mútuos de ensino e aprendizado. Por isso, a formação em alternância diferencia-se do modelo de ensino tradicional porque têm, no seu processo de aprendizagem, situações vividas pelos jovens em seu meio, em vez da simples aplicação de aulas teóricas descontextualizadas.

Destaca-se que, para essa teoria se concretizar, é preciso ter uma Escola Família Agrícola atualizada, que busca estar sempre atenta às questões do novo rural, nunca ficando atrás dos alunos em relação a conhecimento e desenvolvimento.

A Pedagogia da Alternância permite que os conteúdos de ensino da Escola Família Agrícola sejam verdadeiramente vinculados ao meio de vida do aluno. A família, a propriedade não é apenas o lugar onde o aluno vai colocar em prática as suas experiências escolares, mas é o lugar onde o aluno vai incorporar ao seu trabalho as interrogações e as preocupações levantadas nas reflexões feitas na escola. A família e/ou meio sócio profissional é reconhecido pela Pedagogia da Alternância como lócus de formação do educando, é nela, a partir do trabalho de seu meio, que emergirão os questionamentos que necessitarão de aprofundamento na escola ou nos espaços de estágio (JESUS, 2011, p. 68).

Para Gimonet (2007, p. 130, *apud* VERGUTZ, 2012, p. 14), o sujeito alternante na proposta metodológica da Pedagogia da Alternância assume o “sentido das aprendizagens em alternância” e vivencia o movimento da alternância, ou seja, sessões escolares e sessões familiares. O movimento alternado proposto pela Pedagogia da Alternância tende a potencializar a aprendizagem. O jovem estudante torna-se alternante no movimento metodológico da alternância, ou seja, nas experiências, na complexidade das relações e situações, amplia as possibilidades de aprendizagem em espaços e tempos diversos. Assim, enquanto se aproxima da família com um olhar mais observador e com sentimento de pertença, também pode se integrar ao campo familiar para partilhar saberes e conhecer outros.

A formação pela alternância se organiza em torno do “aprender a conhecer”, “aprender a fazer”, “aprender a viver com os outros” e “aprender a ser”. Aprender a conhecer, para que o jovem conheça, relacione e integre os elementos de sua cultura ao conhecimento técnico-científico. Aprender a fazer aponta para o desenvolvimento de habilidades para enfrentar problemas, solucionar conflitos e adquirir qualificação profissional. Aprender a viver com os outros para realizar projetos comuns, compreendendo o outro e fortalecendo as relações dentro da comunidade. Aprender a ser sujeito e cidadão, agindo com autonomia e estabelecendo relações entre sujeito, escola, comunidade e propriedade (DIAS, 2006, *apud* GRABOWSK; PACHECO, s.d., p. 2).

Grabowsk e Pacheco (s.d., p. 2) afirmam que a formação por meio da Pedagogia da Alternância é centrada em quatro grandes pilares, que podem ser observados na Figura 2. Quanto aos meios: a) a gestão do CEFFA²⁹ é desempenhada por uma associação de agricultores; b) a metodologia utilizada é a Pedagogia da Alternância; quanto aos fins: c) uma formação integral para duas gerações – pais e filhos; d) o compromisso com o desenvolvimento econômico e social local.

Observa-se, assim, que o significado da Pedagogia da Alternância é uma forma de organização do processo de ensino-aprendizagem em tempos e espaços diferenciados.

A denominação “Pedagogia da Alternância” se refere a uma forma de organizar o processo de ensino-aprendizagem alternando espaços diferenciados: a propriedade familiar e a escola. Liga-se, pois, tanto pela sua origem como pelo seu desenvolvimento, a educação no meio rural. Seus princípios básicos podem assim ser enunciados:

1.0. Responsabilidade dos pais e da comunidade local pela educação dos seus filhos;

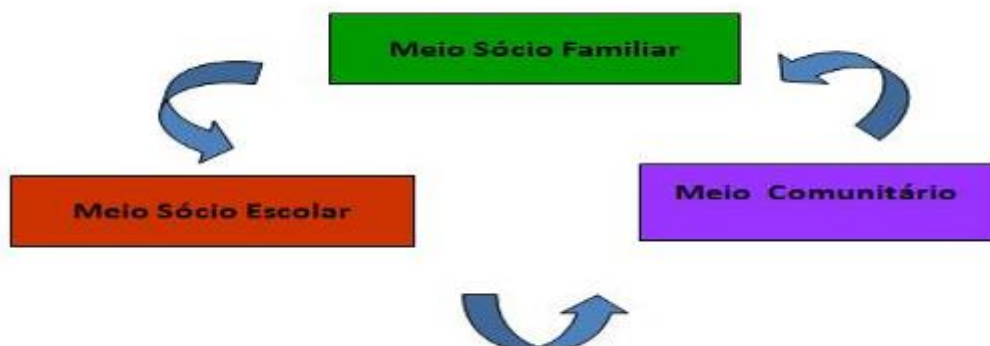
²⁹ Centros Familiares de Formação por Alternância.

- 2.0. Articulação entre os conhecimentos adquiridos por meio do trabalho na propriedade rural e aqueles adquiridos na escola;
- 3.0. Alternância das etapas de formação entre espaço escolar definido pelas “Escolas Família Agrícola” e a vivência das relações sociais de produção na comunidade rural (NOSELLA, 2013, p. 28-29).

A família, a escola, e a comunidade, enfim, todos aqueles que vivenciam a formação do sujeito alternante, são extremamente significativos nas relações e na comunhão das práticas que advêm desse meio e vão acontecendo ao longo desse processo.

Busca-se, através dessa partilha, melhor aprendizado, no qual a organização de diversas ideias e saberes acaba por provocar e aguçar ainda mais a curiosidade e a procura por mais informações. Essa questão está ilustrada na Figura 2, em que se observa um ciclo que não se fecha entre a escola, família e comunidade e a educação no sistema em alternância permeia esses espaços.

Figura 2 – Ciclo dos espaços de aprendizagem da Pedagogia da Alternância



Fonte: Arquivo da autora (2014).

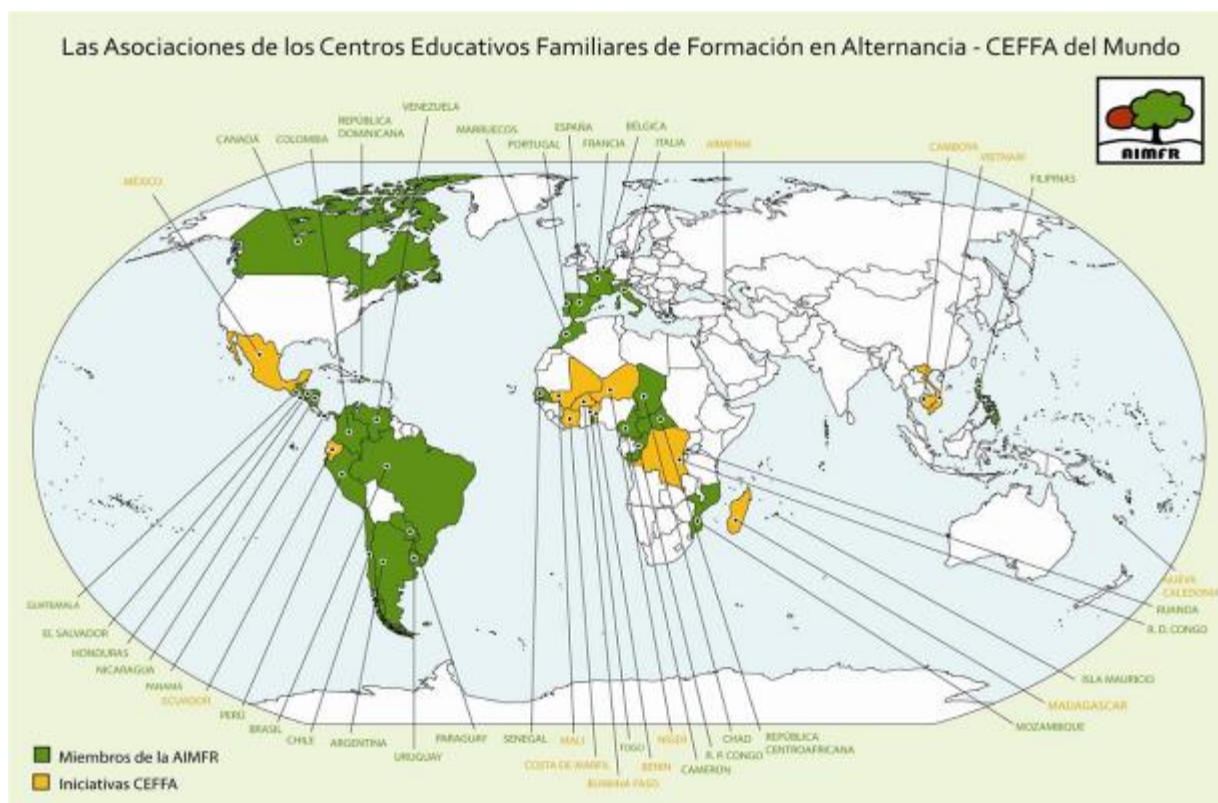
No debate acerca da Pedagogia da Alternância, os diferentes espaços possuem uma grande significância no processo de formação do sujeito. Nesse sentido, trazendo para o pensar geográfico, destaca-se o conceito de espaço vivido, elaborado por Armand Frémont é citado por Gomes (2011), o qual deve ser compreendido como um espaço de vida, construído e representado pelos atores sociais que circulam em cada espaço.

Assim como a Pedagogia da Alternância, os estudos sobre espaço vivido também começaram a surgir na França. No entanto, Gomes (2011) enfatiza que se pretende renovar e revalorizar o estudo das regiões sob o ângulo do espaço vivido, o qual toma o espaço como uma dimensão da experiência humana dos lugares onde o espaço vivido visa substituir a noção de espaço alienador, tornando-se uma categoria que acentua a constituição atual dos lugares e levando em conta a rede de valores e de significações materiais e efetivas.

A ciência geográfica, definida pelo viés do espaço vivido, não tenta criar leis, nem observar regularidades generalizadas. Seu ponto de partida é, ao contrário, a singularidade e a individualidade dos espaços estudados. Ela também não procura avançar resultados prospectivos e normativos, como as ciências ditas racionalistas. Seu objetivo principal é fornecer um quadro interpretativo às realidades vividas espacialmente. A objetividade não provém de regras estritas de observação, mas do uso possível das diversas interpretações na compreensão do comportamento social dos atores no espaço. Por seu contato e por sua participação direta no conjunto de significações criadas em uma comunidade espacial, o geógrafo torna-se personagem ativo no próprio desenvolvimento desta comunidade (GOMES, 2011, p. 320).

Retomando o debate prático e histórico da Escola Família Agrícola e de sua metodologia específica que se relaciona com o conceito de espaço vivido apresentado, essa experiência alcançou novos horizontes, esse modelo pedagógico ultrapassou as fronteiras estabelecendo-se com sucesso na Itália, na Espanha, em Portugal e depois foi para o Continente Africano, em seguida para a América do Sul e o Caribe, depois para a Polinésia – a Ásia e, por último, foi para a América do Norte, em Quebec, no Canadá. São hoje aproximadamente mil escolas no mundo, contribuindo na formação de jovens e adultos do meio rural. O Mapa 2 apresenta a distribuição de CEFFAs no mundo – União Nacional das Escolas Famílias do Brasil (UNEFAB).

Mapa 2 – CEFFAs no mundo



Fonte: <<http://www.unefab.org.br/>>. Acesso em: 8 jun. 2014.

No Brasil, essa ideia é disseminada tendo como ponto de partida o Espírito Santo desde a fundação do MEPES, aos 26 de abril de 1968. Este será analisado mais detalhadamente no capítulo 2 desta dissertação, especificamente na seção 2.3 (ver p. 87), na qual analisamos a história, atuação e expansão do movimento. Seguindo para a análise de uma Escola Família Agrícola localizada no município de Rio Novo do Sul, sul do Espírito Santo, onde também se destacam alguns relatos da chegada dessa ideia coletados por meio de entrevistas realizadas em campo com algumas pessoas que foram envolvidas nesse processo de implantação da Pedagogia da Alternância em terras capixabas.

Nesse sentido, pensando pelo prisma da aplicabilidade das Escolas Família Agrícola (EFA), Andrade e Andrade (2012)³⁰ afirmam que é importante analisar que as EFA não são homogêneas no que concerne às práticas pedagógicas. Existe uma grande diversidade de experiência. As EFA surgem a partir de demandas concretas nas

³⁰ REVISTA ENTRELAÇANDO, n. 7, v. 2, ano III (2012), p. 61-72, set./dez. ISSN 2179.8443.

mais variadas realidades, contudo existem elementos comuns que as identificam, refletindo na realidade atual das EFA.

Essa diversidade se faz no tempo e no espaço (diferentes contextos e períodos). No entanto, a Escola Família Agrícola constitui-se como uma organização escolar que mantém a aprendizagem e qualificação profissional para os jovens do meio rural, pautada nas suas demandas, a fim de garantir uma educação que vise à formação integral e contextualizada, valorizando a terra e os povos que dela retiram o seu sustento.

Ao demonstrar a importância que exerce a agricultura familiar no desenvolvimento do meio rural, sugere-se a necessidade de estabelecer uma política educacional voltada para as pessoas que residem nesse meio, a fim de conseguir melhoria na qualidade de vida.

Para tal função, o sistema da Pedagogia da Alternância se “molda” de forma a ofertar aos jovens das EFA uma formação integral que abranja aspectos profissionais, humanitários, sociais, éticos, espirituais e ambientais, qualificando-os legalmente, tanto para continuar os estudos quanto para se dedicarem à vida profissional, na propriedade familiar ou fora dela.

Calvo (1999, p. 17, *apud* ANDRADE, 2012)³¹ enfatiza as características das EFA, a saber: a) metodologia pautada no princípio da alternância que integra o meio socioprofissional (família/comunidade) e o centro escolar; b) associação responsável nos diversos aspectos – econômicos, jurídicos, de gestão, etc.; c) educação e formação integral da pessoa; d) desenvolvimento do meio local por meio da formação dos próprios atores.

Para melhor compreendermos essa essência, pensamos melhor nos quatro pilares (Figura 3), em que as EFA se caracterizam ainda pautadas em:

³¹ *Ibidem* 5.

1) ASSOCIAÇÃO: A presença de uma Associação responsável nos diversos aspectos: econômicos, jurídicos, e administrativos, assegurando autonomia filosófica e gerencial. Ou seja, presença efetiva das famílias.

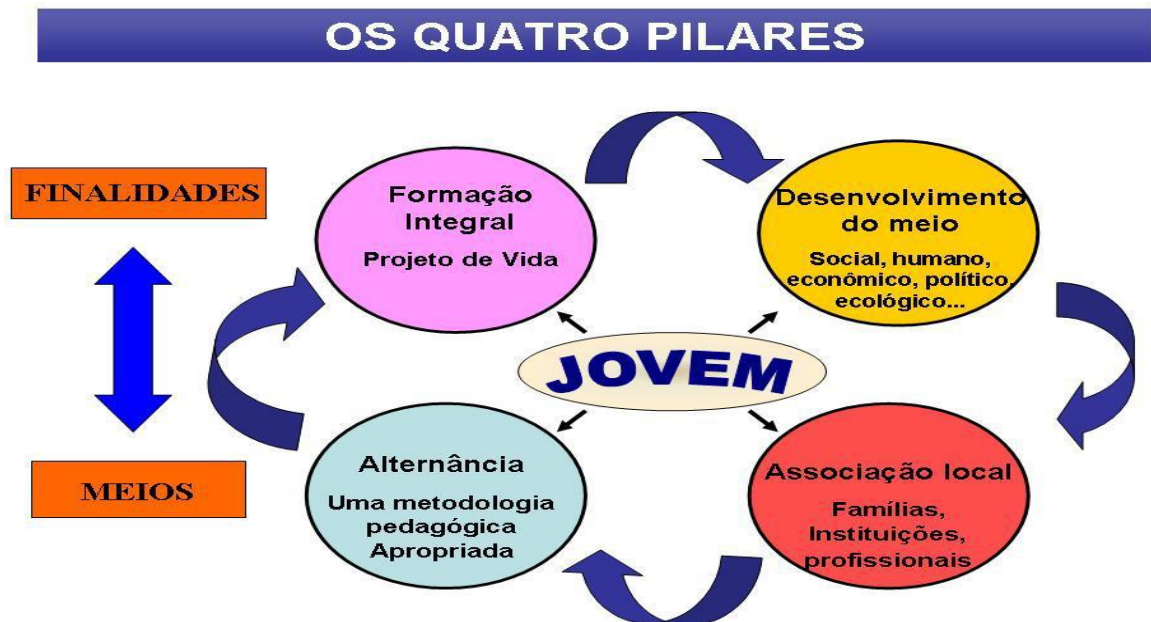
2) PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA: Uma metodologia pedagógica específica: a Alternância Integrativa, alterando momentos no ambiente escolar e momentos no ambiente familiar comunitário, organizados em três etapas sucessivas: observar/pesquisar (meio sócio-profissional). refletir/aprofundar (meio escolar). experimentar/transformar (meio sócio-profissional).

Assim a Pedagogia da Alternância se torna a pedagogia do interesse e do concreto, em que a formação se desenvolve a partir da realidade específica de cada jovem e na troca de experiências com os colegas, famílias, monitores e outros atores envolvidos.

3) FORMAÇÃO INTEGRAL: Promove a educação e formação integral da pessoa, pois considera o ser como um todo. Além da formação geral e profissional leva em consideração todas as dimensões da pessoa humana, buscando descobrir, valorizar e desenvolver as capacidades de cada jovem, num tratamento personalizado, através do espírito da iniciativa, criatividade, trabalho de grupo, senso de responsabilidade e de solidariedade, ajudando a construir o Projeto de Vida/Profissional junto com a família e o meio em que vive.

4) DESENVOLVIMENTO LOCAL: Busca o Desenvolvimento Local Sustentável, através da formação dos jovens, suas famílias e demais atores envolvidos, tendo como enfoque principal o fortalecimento da agricultura familiar e inserção profissional e empreendedora dos jovens no meio rural. O sucesso da Pedagogia da Alternância só acontece se estes quatro pilares são desenvolvidos e aplicados conjuntamente (SITE UNEFAB. Disponível em: 26 ago. 2014).

Figura 3 – Os pilares da Pedagogia da Alternância



Fonte: Calvó (2005, p. 29, *apud* GRABOWSK PACHECO (s.d., p. 1).

Sobre o esquema da Figura 3, Costa³² (s.d., p. 6) enfatiza que essa prática educacional está calcada no que se traz de casa, servindo para a (re)criação, transformação, ressignificação ou afirmação do conhecimento trazido da família, constituindo um processo dialógico de aprendizado e reafirmando um compromisso educacional histórico, de valorização de todos os saberes na sua mais completa plenitude, em que os homens se educam entre si, num processo de interação sem hierarquia, no formato mais humanista possível.

Eis aí o princípio calcado na primeira ideia do padre Granereau, que deve fundamentar-se nos dias atuais, porque traz, na sua concepção metodológica e científica, a potencialidade de transformar as relações sociais no campo.

Segundo o *site* MEPES (2014), a Escola Família Agrícola é um projeto voltado para a população do campo. Consolidou-se porque acreditou no homem do campo e na possibilidade de promover uma educação diferente que resgatasse o valor da terra e que tornasse o agricultor familiar autossustentável. Nesse sentido, sua principal característica é a dimensão pedagógica, denominada como “Pedagogia da Alternância” pelas Escolas Família Agrícola e pelos seus agentes. De acordo com o *site* MEPES (2014), as EFA têm por objetivos:

1. Buscar a promoção e o desenvolvimento do meio com base na formação de indivíduos que se sintam capazes de encontrar em si e no contexto em que vivem motivações e meios que proporcionem o engajamento em mudanças.
2. Proporcionar, por intermédio de suas atividades educativas, um desenvolvimento que dê ao meio uma liderança motivada e devidamente preparada para que possa estimular e orientar o desenvolvimento técnico em geral e comunitário em particular.
3. Privilegiar o ambiente familiar como meio da aprendizagem e ampliação do saber e o ambiente escolar e trabalho, em sentido restrito, como local de sistematização científica e ponto de partida para organizar pesquisas, alternando momentos de prática com teoria, ação com reflexão.

³² Graduado em História pela UNISC; especialista em História do Brasil pela UNISC; mestrando em Desenvolvimento Regional pela UNISC/CAPES; professor na Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul (EFASC).

4. Possibilitar a participação das famílias, comunidades, lideranças e instituições no processo educativo da escola.
5. Proporcionar um ambiente educativo fundamentado em princípios de responsabilidade, liberdade, participação e cooperação, voltados para o bem comum.
6. Respeitar a individualidade do aluno como cidadão, garantindo uma educação para o respeito à sua dignidade, liberdade, cultura e tudo o que possa colocar o seu crescimento nas dimensões pessoal, comunitária, transcendente e ser político.
7. Motivar a identificação das várias profissões necessárias ao desenvolvimento sustentável, favorecendo ao aluno uma definição da sua escolha profissional.
8. Proporcionar meios para que o aluno adote um posicionamento crítico construtivo e responsável diante da realidade, questionando com respeito e usando o diálogo como meio de resolver conflitos.
9. Favorecer condições para que haja aprofundamento sobre a problemática do meio, a manutenção dos hábitos culturais e a preservação ambiental.
10. Estimular no educando a interpretar a realidade em nível local, estadual e nacional, relacionando-a com o mundo, visando criticar as ideologias de dominação e marginalização desse meio e valorizar a sua cultura.

Vale destacar que, as Escolas Famílias sempre nascem de uma situação local, de uma necessidade local detectada por algumas lideranças, pelas lideranças da igreja, das organizações sociais, normalmente nasce assim, que tem necessidades de fazer um trabalho de educação pra valorizar o campo, valorizar os jovens do campo, e a partir daí se começa então o projeto implantação de Escola Família, eu diria que a metodologia utilizada para a implantação das Escolas Famílias no Espírito Santo, elas em parte foram, repassada, em cada Estado, em cada região tem suas motivações próprias e seu jeito próprio de começar a Escola Família, mas acredito que tendo sempre uma questão principal que foi respeitada que é começar sempre com o envolvimento das famílias e das comunidades no processo de implantação da escola, isso em todos os Estados essa questão foi respeitado, o que às vezes assim em algum lugar foram o sindicato que puxou, outro foi à igreja, o outro foi uma cooperativa... Em outros lugares foram o movimento do poder público, em outros menos. Mas, a essência assim de que ela é de certa forma foi mantida na revolução da proposta de diferentes Estados. (Entrevista realizada com o senhor IDALGIZO JOSÉ MONEQUI, em 29/12/2014).

2.1 A ORIGEM E EXPANSÃO DA “MAISON FAMILIALE RURALE” NA FRANÇA

O berço da Pedagogia da Alternância é França, com data oficial de 21 de novembro de 1935, dando origem às *Maisons Familiales Rurales*³³. Conforme pode ser analisado neste trabalho, referente à essência, a Escola Família Agrícola e a Pedagogia da Alternância³⁴.

Nesse sentido, sequenciando o debate, para que a metodologia da Pedagogia da Alternância funcionasse, foi preciso garantir um princípio em que a escola fosse governada pelo próprio agricultor – nasce, então, o princípio político baseado na gestão do agricultor. E, para que essa escola funcionasse respeitando esses termos, foi necessário também respeitar o princípio pedagógico que era a Pedagogia da Alternância, a qual, por sua vez, possui uma técnica apropriada à sua função metodológica, com a qual sua essência pedagógica (Pedagogia da Alternância) se sustenta em algumas especificidades, tais como a *Primazia da Vida sobre a Escola*, o *Método sobre o Conhecimento* (Aprender a Aprender) e o *Protagonismo do Sujeito*.

Com esse pensar, as *Maisons Familiales Rurales* começam a se expandir na França nos anos 1944 e 1945, período em que os franceses estavam em profunda reflexão sobre si mesmos, seus destinos, suas possibilidades, diante do desastre da ocupação alemã, conforme afirma Nosella. Esse novo tipo de reflexão encontrou apoio com a iniciativa das Casas Familiares Rurais, uma vez que elas trouxeram à tona o debate sobre os valores e a vida no campo.

Porém, em relação a essa experiência, primeiro o movimento francês entra em crise, quando os pais iam cada vez mais tomando responsabilidades sobre o movimento junto aos líderes sindicais e à Ação Católica. Em seguida, a crise se fundamentou em relação ao sacerdote fundador das EFA, que foi um bom sacerdote, porém não era um bom administrador, e ainda bem desorganizado e sem disciplina, o que

³³ Casas Familiares Rurais.

³⁴ Páginas 25, 53 e 80.

causou incômodos por parte dos agricultores. É sabido que esse padre não tinha um bom relacionamento com o poder público, faltando-lhe um pouco de movimento.

Observa-se, então, que as escolas mediadas pela Pedagogia da Alternância precisavam interagir com outros espaços, não podendo comportar-se como “ilhas” isoladas. Porém, o sacerdote cogitava a possibilidade, ser uma escola camponesa no sentido total e extremo, sem abertura para a cidade e outros modelos de educação. Evidentemente essa foi uma hipótese não aceita, pois os agricultores e o modelo implantado necessitavam de uma abertura, porque não era possível nem desejável que todos os jovens ficassem no campo.

Ainda seguindo o pensamento de Nosella (2013, p. 51), vale refletir essa situação à luz das Escolas Família Agrícola atualmente:

Este aspecto é importante a ser levantado, porque caracteriza uma “tentação” que ainda hoje se encontra, mesmo aqui na América Latina, isto é, a de realizar uma obra em si, uma escola para os camponeses, uma espécie de “reserva indígena” ou de “redução jesuítica agrícola”. É uma tentação que decorre de uma concepção separativista, isolacionista: Já que o sistema geral é mau, é preciso realizar uma “Ilha do bem” fora do sistema.

Esse é também o debate proposto por esta dissertação, uma vez que o modelo rural vem mudando a Escola Família Agrícola deve, por obrigação e necessidade, adaptar-se a essas mudanças. Assim, a Pedagogia da Alternância precisa ser lida à luz da atualidade, porém não perdendo sua essência inicial. Conforme já discutido, vale destacar que, ao questionarmos a mudança do sistema mundo, devemos fazer algumas indagações: Se o mundo mudou a Pedagogia da Alternância, a Escola Família Agrícola também mudou? Levando em conta que hoje estamos vivendo um processo acelerado de desenvolvimento, fruto do sistema capitalista de produção, é então necessário fazer uma análise de sua essência de criação em que algumas características não podem ser perdidas, porém adaptadas ao contexto atual.

Retomando o debate sobre as Escolas em alternância na França, ocorreu então o afastamento do padre Granereau do Movimento, o que significou um novo rumo na história das Maisons Familiares, as quais foram reestruturadas administrativa, financeira e pedagogicamente, dando às escolas um novo quadro teórico e técnico baseado em outras experiências e na relação com espaços e visões diversas.

O sacerdote e os primeiros agricultores inventaram a alternância, mas para eles isso nada mais era do que uma prática, sem refletires sobre o que isso poderia representar para a educação. Inventaram o internato, mas não construíram uma teoria sobre o ambiente educativo. Neste momento registra-se a importante presença do educador André Duffaure (1946-1947), quando foi elaborado o Plano de Estudo (NOZELLA, 2013, p. 52).³⁵

Nos anos seguintes a fórmula da Pedagogia da Alternância foi divulgada amplamente, mas, só após a Segunda Guerra Mundial, as escolas em alternância se desenvolveram com maior intensidade na França, contribuindo significativamente para o desenvolvimento e transformação da agricultura francesa, sendo preciso até frear um pouco essa expansão para não perder a essência de origem. Uma organização tão grande ficava vulnerável ao perigo da burocratização. Evidentemente é um perigo normal, porém poderia ter sido tão forte a ponto de “matar” a originalidade da fórmula primitiva.

Faz-se necessário analisar o cenário rural da França no contexto de surgimento da Pedagogia da Alternância, que era o período antecedente à Segunda Guerra Mundial, para fazer frente ao fenômeno do êxodo rural, em cujas comunidades o predomínio era da pequena propriedade com poucas tecnologias, o mercado de produtos agrícolas estava em crise, entrava em ascensão o êxodo rural ocasionando a concentração urbana que causava abandono do rural. Os jovens agricultores pouco recebiam formação profissional, pois no campo a experiência de educação não atendia aos anseios dos jovens.

Esses foram os desafios vividos por aquelas pessoas que ajudaram a criar e pôr em prática a experiência que deu origem à Maisons Familiale Rurale, entre os quais se destacava um rural desfavorecido pelo sistema e uma educação pautada no princípio urbano em detrimento do rural.

³⁵ O Plano de Estudo é um elemento pedagógico específico da Pedagogia da Alternância, é desta a chave mestra. Ele se caracteriza por uma pesquisa feita em casa, com base na realidade dos alunos e, na escola, é posto em comum e, em seguida, analisado em sala de aula, mediado por uma série de conteúdos das diversas disciplinas, momento em que, na sala de aula, ocorre a interdisciplinaridade, partindo da realidade dos alunos, fator importante no processo de ensino-aprendizagem. Em seguida, o aluno retorna para casa com um conhecimento maior acerca de sua realidade. Esse elemento ainda será analisado com maior precisão de detalhes, ao trabalhar as especificidades da Pedagogia da Alternância na páginas 82 e 112 desta pesquisa.

Em meio aos debates estabelecidos por Nosella (2013), destaca-se ainda, de um lado, o Estado desinteressado pelos problemas do campo, direcionando-se apenas para o ensino escolar do modelo urbanocêntrico, e, de outro, a Igreja intencionalmente voltada para o homem do campo, porém sem nenhuma solução ou fórmula que partisse da realidade da época em relação aos problemas do campo. No entanto, a solução era criar uma nova prática educacional.

Seguindo essa análise, entre as suas indignações estava o discurso da época, quando se elevavam os centros urbanos em detrimento do meio rural e quando, nos debates realizados, a terra se tornava o oposto da sabedoria, da ciência e do sucesso. Com isso, os pais acreditavam que, ao estudarem e se tornarem instruídos, os filhos deveriam migrar para os centros urbanos, deixando suas raízes para trás, muitas vezes com vergonha da vida no campo. E, assim, o meio agrícola vinha sendo depauperado de suas inteligências.

Uma educação, cuja formação, durante décadas, era destinada às classes populares do campo, vinculou-se a um modelo “importado” da educação urbana, fato que gerou o descaso aos valores do meio rural, pois marcava inferioridade quando comparada ao espaço urbano. Contudo, esse processo assume contornos mais nítidos com o advento da grande indústria.

A dominância da indústria no âmbito da produção corresponde à dominância da cidade na estrutura social. Se a máquina viabilizou a materialização das funções intelectuais no processo produtivo, a via para se objetivar a generalização das funções intelectuais na sociedade foi à escola. A partir dessas premissas históricas resulta compreensível o vínculo da escola com a cidade, com o meio urbano. Entende-se, então, a queixa do abade Granereau, fundador das Escolas Famílias Agrícolas, ao constatar que os jovens tendiam a abandonar o campo transferindo-se para a cidade a medida que avançavam no processo de escolarização (NOSELLA, 2013, p. 25).

Também Gramsci (1968, p. 130, *apud* NOSELLA, 2013, p. 25) assevera que “[...] a escola mediante o que ensina, luta contra o folclore, contra todas as sedimentações tradicionais de concepções do mundo, a fim de difundir uma concepção mais moderna [...]”.

A Pedagogia da Alternância surge contrapondo-se a essa visão, propondo uma educação integral do jovem do campo, na qual se caracterizava a formação de períodos alternados de tempo e espaço.

A Pedagogia da Alternância³⁶ caracteriza-se, portanto, de uma formação em períodos alternados de vivência e estudo na escola e na família e/ou meio sócio-profissional, acompanhados pelos monitores³⁷ e também pelos pais. Essa pedagogia permite uma formação global onde a experiência e a sistematização ficam presentes, da experiência emergem os novos conhecimentos que são retomados pela escola para aplicação imediata em outras situações de aprendizagem. Por meio da alternância o aluno analisa sua realidade por meio das atividades trabalhadas nos períodos escolares e a partir de observações constantes que fazem no meio sócio-profissional, no meio sócio-familiar. A Pedagogia da Alternância permite que os conteúdos de ensino da Escola Família Agrícola sejam verdadeiramente vinculados ao meio de vida do aluno (JESUS, 2011, p. 68).

Todavia, não basta ter um modelo “ideal”, pois é preciso tanto pensar nas pessoas que serão parte desse modelo quanto analisar que planejar uma escola para o campo é pensar no ofício de agricultor como sua totalidade.

Nesse sentido, Calvo e Marirrodriaga (2010, p. 26) destacam que o ofício de agricultor é complicado, minucioso e cheio de riscos. Necessita-se de um longo aprendizado prático e de observações sobre o terreno. Deve-se levar em conta que o ofício do camponês frequentemente necessita de ajuda dos filhos para assegurar a execução do trabalho, quando o jovem agricultor deve conhecer o porquê de se realizar e assim poder, dessa maneira, melhorar as técnicas se deseja obter um bom resultado. Eis aí a necessidade de uma educação específica para os jovens do campo, não para fixá-lo no campo, mas mostrar a ele os valores e oportunidades que o campo lhe oferece.

Nesse caso, acreditava-se ser possível criar uma escola que atendesse às necessidades do meio rural, que rompesse com a ascensão do modelo urbano e que viabilizasse educação para os jovens rurais na tentativa de resolver o problema da escola do campo, visto que a escola, desde suas origens, foi colocada ao lado do trabalho intelectual, cabendo-lhe preparar os futuros dirigentes que se exercitavam

³⁶ A Pedagogia da Alternância aqui será analisada como meio de desenvolvimento do espaço rural e de seus agentes, assim como sua atuação e contribuições referentes ao espaço rural.

³⁷ Monitores são os professores que atuam nas Escolas Famílias Agrícolas.

além das funções de guerra, como a liderança militar, e das funções de mando, como as lideranças políticas, e atender às demandas do capital, descartando o contexto local dos jovens alunos, bem como sua cultura, credo, costumes e valores do seu espaço de vivência familiar e comunitário. Esse modelo se expandia pela França porque as pessoas passaram a refletir sobre si mesmas e seus destinos, possibilitando a redescobertas dos valores do campo.

Atualmente as escolas em alternância permanecem na França, porém, na Itália, essa experiência não perpetuou. Na França é muito mais variado, pois há, mais ou menos, 130 cursos e profissões diferentes ofertados pelas escolas em alternância, dos quais 30% são exclusivamente agrícolas ou para o ambiente do campo (Entrevista realizada com o senhor SÉRGIO ZAMBERLAM, em 7/11/2014)³⁸.

2.2 A EXPERIÊNCIA E EXPANSÃO DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA PARA A ITÁLIA

Partindo da França, a experiência da Pedagogia da Alternância se expande também para a Itália, onde a *Maison Familiale* passou a se chamar *Scuola Della Famiglia Rurale*, abreviando-se como *Scuola – Famiglia*. Segundo Nozella (2013), as Escolas-Família italianas nasceram em Soligo (Treviso), em 1961/62, e em Ripes (Ancora), em 1963/64, em um contexto social, político e econômico do pós-guerra.

Destaca-se a realidade da época, que levou o surgimento da Escola Agrícola, não distante da França e do Brasil, onde o meio rural também estava desfalecendo em razão da perda de incentivo de quem estava no campo, bem como ao sistema educacional que fechava os olhos para a realidade do campo, além da falta de empregos e infraestruturas, deixando a classe operária sempre de lado. Desse modo, não teria como desenvolver-se, e se opta por mudar a situação, a formação e a cooperação.

³⁸ Sérgio Zamberlam é um italiano, Mestre pela Universidade Francesa e Portuguesa, um mestrado promovido pela UNEFAB, o qual possui caráter pedagógico e político, tendo por tema de sua pesquisa *O Lugar da Família na Vida Institucional da Escola-Família: Participação e Relações de Poder*. Ele é um dos precursores da Pedagogia da Alternância no Brasil e um dos primeiros monitores a atuar nas EFA do Espírito Santo. Ele foi aluno de Escola Agrícola na Itália e trouxe essa grande experiência em sua bagagem na vinda para o Brasil, na qual permanece até os dias atuais trabalhando na luta em prol ao movimento.

Mediante a situação vivida na época pelo povo na Itália, em 1954, surge a necessidade de se fomentar a implantação de uma nova experiência educacional, apoiada no Instituto Profissional para a Agricultura de Brusegada (Pádua), sendo essa experiência financiada em parte tanto pelo Ministério da Educação quanto pela prefeitura local. Com essa tentativa, forma-se uma cooperativa que, mais tarde conhecendo a experiência da França, passa a constituir uma Escola Família, seguindo a metodologia francesa e adaptando-a à realidade local da Itália.

A experiência francesa se expande também para outros continentes, como a África, onde, mais precisamente em Senegal, a situação socioeconômica era diferente daquela da Europa. Com famílias numerosas, baixa escolaridade e poucos jovens que tinham o primário, ou apenas algumas séries, não havia interesse pela terra. Em outra questão, destaca-se a agricultura em que as técnicas utilizadas eram totalmente primárias em relação às utilizadas na Europa. Por esses fatores, era necessário existir na África uma escola em alternância que atendesse às suas realidades, que eram diferentes da francesa, alcançando, com o passar do tempo, novos horizontes.

No entanto, foi da Itália que a experiência da Pedagogia da Alternância chega ao Brasil, mediada pelo padre jesuíta Humberto Pietrogrande, porém não veio sozinho, trouxe consigo, além da “novidade metodológica”, pessoas para contribuir com o movimento que viera a ser instalado.

O relato a seguir mostra-nos como os Italianos influenciaram nesse processo, pois, além da ideia principal, trouxeram sua experiência doando-se aqui no Brasil para a elaboração e execução do projeto da alternância. Além de padre Humberto, alguns exemplos podem ser mencionados, como o italiano Mário Zuliani, uma pessoa que muito contribuiu e ainda contribui com o MEPES, sendo professor das *Scuola Della Famiglia Rurale* na Itália. Vinha ao Brasil em alguns momentos, até fazer do Brasil sua morada, contribuindo, de forma significativa, para o movimento. Outra pessoa que muito contribuiu foi Sérgio Zamberlam, aluno de Escola Família Agrícola na Itália, que encontra nessa experiência um elo com o Brasil, ao estudar na mesma escola onde os brasileiros do sul do Espírito Santo estavam buscando o objetivo de

adquirir conhecimentos e prática referentes à Pedagogia da Alternância para trazer para o Brasil.

[...] O que aconteceu, no caso meu, Mário Zuliani passou lá em casa em começo de novembro e disse olha, se você quiser podemos viajar juntos, mais eu não tinha ainda, primeiro não tinha feito nem passaporte, segundo faltava ainda terminar uma pequena formação minha a nível sócio teológico, aí eu falei agora bom...aí eu preparei terminei aquilo ali, preparei o meu documento, eu acho que em 15 dias preparei lá, passaporte e logo me comuniquei com o pessoal do AAES (Associação dos Amigos do Espírito Santo na Itália) e eles arrumaram uma condução para mim, um navio cargueiro, no Sul da Itália, eu saí lá na segunda quinzena de dezembro de 1968, dia 16 por aí, sei que eu tive que ficar uma semana em Nápolis, na casa dos Jesuítas, porque o navio não conseguia atracar por causa da maré alta, e o mar era muito agitado, e aí Natal eu acho, não, um pouquinho antes, alguns dias antes de natal eu saí. Passei o Natal e o final de ano no mar. Nove dias de viagem, cheguei aqui nos primeiros dias de 1969, no Porto de Tubarão. E aí quem foi me buscar foi Humberto Noventa, com um Jeep, pernoitei uma semana ali no Cespa em Anchieta, nem uma semana depois, nem uma semana depois, nem sabia português, sabia nada, fomos para Alfredo Chaves, e ali nos encontramos com todos, seja com os brasileiros, seja com os outros brasileiros que já compunham um pouquinho a equipe inicial, para começar a escola de Olivânia e Rio Novo do Sul, e lá que preparamos um pouquinho, esboçamos durante o mês de janeiro, esboçamos lá em Alfredo Chaves na escola, e estava quase pronto praticamente, esboçamos o programa para as duas escolas, Olivânia, Alfredo Chaves e uma pequena coisa para Rio Novo, porque Rio Novo começou depois. Pronto é com isso aí que nós começamos (Entrevista realizada com o senhor SÉRGIO ZAMBERLAM, em 7/11/2014).

2.3 A EXPERIÊNCIA BRASILEIRA: O MEPES – MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO PROMOCIONAL DO ESPÍRITO SANTO

“Esta história é muito bonita, pois teve o esforço da comunidade em construir. Nós precisamos disso hoje!” (Relato da entrevista realizada com o senhor JOÃO BRÁS BORTOLOTE, em 21 de outubro de 2014). Levando em conta a necessidade de um modelo de educação que se adequasse à realidade, assim foi inserida a Pedagogia da Alternância no Brasil, tendo como ponto de partida o Espírito Santo. Esta aqui foi sendo adequada conforme a realidade que se acenava no rural, na época.

Desde que nós começamos a minha visão de Pedagogia da Alternância eu fiquei conhecendo o método e as ferramentas que tinha, eu sempre disse: A Pedagogia da Alternância, a importância de tudo é que ela procure se adequar aquela realidade ela tem que ter efeito de resposta para a realidade, quando nós a implantamos aqui, nós não copiamos da Espanha ou da França ou da Itália, nós a adequamos o sistema que eles tinham a nossa realidade. E isso deve ser feito sempre (Entrevista realizada com o senhor JOÃO BATISTA MARTINS, em 14/9/2014).

Em 2 de fevereiro de 1962, chega ao Brasil, com 32 anos de idade, o seminarista Humberto Pietrogrande, desembarcando em Salvador-BA, permanece na cidade por alguns dias e dirige-se para o Rio Grande do Sul, onde foi cursar Teologia. Italiano natural de Padova, cidade localizada na região de Veneto, norte da Itália, Pietrogrande seria o percussor da inserção de um projeto social no estado do Espírito Santo, visando à melhoria da qualidade de vida do povo campesino que, em sua grande maioria, eram descendentes de imigrantes italianos e alemães (PETRI, 2014, p. 201).

No Espírito Santo, esta história então começa em 1964, com a vinda de padre Humberto Pietrogrande, que veio para o Espírito Santo com sua missão jesuítica e, com base na análise do contexto social e econômico em que se encontrava o estado, resolve agir de alguma forma, o que se fez pelo viés da educação, da saúde e da ação social.

Eu acho que não foi o Padre Humberto que escolheu o Espírito Santo, foi o Espírito Santo que adotou o Padre Humberto, porque aqui tinha a casa dos jesuítas, ele veio pra trabalhar nos colégios jesuítas, ele terminou seus estudos em São Leopoldo no Rio Grande do Sul, de lá ele veio pra trabalhar nos colégios jesuítas aqui e aí o Padre Humberto sempre contou isso, ele falou várias vezes pra mim que, durante o curso dele em Rio Grande do Sul se debatia muito naquela época sobre a Encíclica Papal da Populorum Progresso, que colocava uma nova dimensão da igreja que ela saía pra evangelizar com ações mais concretas, o Padre Humberto falava que foi muito debatido isso lá no curso dele de Teologia, o papel da igreja lá no Rio Grande do Sul. Quando ele chegou no Espírito Santo ele já tinha isso batendo na cabeça dele, eu não quero ser um padre que fica dentro da igreja, quando ele chegou aqui e foi dar aula, ele se deparou com uma realidade e começou a se perguntar, que era a realidade assim que os jovens estudavam nos colégios jesuítas, eles não tinham vínculo nenhum com a realidade da família, uma vez diz que ele conversou com um estudante, um jovem sobre a família dele e o jovem não disse onde ele morava, o que a família fazia e depois descobriu que era uma família simples da roça e o jovem não queria que o Padre conhecesse essa realidade, aí Padre Humberto foi lá conhecer a realidade da família percebeu e aí entendeu então, porque que o jovem não queria, família simples, com muita simplicidade. E aí que Padre Humberto então começou, de um lado ele tinha já uma reflexão sobre qual deveria ser o trabalho da igreja a partir da nova dimensão que estava sendo colocada através daquela encíclica Populorum Progresso e encontrou aqui essa realidade que é trabalhar num colégio jesuíta que normalmente era um colégio que de certa forma selecionava quem estudava também, aí ele começou a se perguntar e aí quando ele ia para as comunidades percebia então essa triste realidade que eu falei anteriormente do campo, jovens desanimados, agricultores desanimados e com poucas perspectivas no campo e percebeu que “olha, temos que fazer alguma coisa, essa educação que nós temos aqui não dá, não está dando conta de resolver esses problemas”. A educação dos jesuítas não está dando conta, precisamos pensar em outra forma e foi aí que começou aquele trabalho sócio econômico nas comunidades, ação social, de animação comunitária pra animar esse

espaço rural e Padre Humberto então foi se envolvendo nisso até um determinado momento as comunidades já começaram a formar grupos, as organizações, precisavam criar organizações para liderar, coordenar um pouco esse trabalho, foi aí que surgiu o MEPES, então eu acho que Padre Humberto ele encontrou no Espírito Santo um espaço, uma demanda importante de trabalhar a educação, a saúde, a ação social que fez com que ele se motivasse a criar o MEPES, criar as Escolas Famílias junto com as lideranças comunitárias (Entrevista realizada com o senhor IDALGIZO JOSÉ MONEQUI, em 29/12/2014).

Padre Humberto vem para o Espírito Santo com o papel missionário e aproveita ver a realidade daqui para transformar. E ele transformou uma realidade. E importante é que ele envolveu os padres, envolveu os prefeitos, envolveu as lideranças, e envolveu os produtores rurais (Entrevista realizada com o senhor JOÃO BRÁZ BORTOLOTE, em 21/10/2014).

Neste sentido, padre Humberto não escolheu o Espírito Santo entre os estados brasileiros para desenvolver o projeto da alternância aqui, conforme analisado. Ele veio para o Espírito Santo a fim de realizar sua missão jesuítica e aqui depara uma realidade que, ante seus princípios cristãos, atua por meio da educação, ação social e saúde.

Neste estudo, atentamo-nos para a questão da educação. Assim, pensando pelo viés da educação, surgem então as Scuola Della Famiglia Rurale, e, entre os municípios contemplados com esse modelo de escola adotando o princípio da Pedagogia da Alternância na época, Rio Novo do Sul foi um dos privilegiados. Atualmente essa metodologia já se faz presente em diversos municípios do Espírito Santo e também no Brasil³⁹.

Não existe a possibilidade de pensar a Pedagogia da Alternância no Brasil sem antes pensar em padre Humberto Pietrogrande, apresentado na Figura 4 deste estudo. Homem de origem Italiana, advogado e filho de burgueses, que, mesmo pertencendo à alta classe social, nunca deixou de buscar meios para ajudar e apoiar as questões sociais.

No relato que segue, enfatiza-se tanto a atuação de padre Humberto na Itália e no Brasil quanto seu envolvimento nas questões sociais. Atenta-se para a questão de

³⁹ Para melhor compreender essa difusão das Escolas em Alternância no Espírito Santo e no Brasil, observe os mapas nas páginas 109-110 neste trabalho, que ilustram a expansão das Escolas Família Agrícola no Espírito Santo e no Brasil.

que padre Humberto, na Itália, não fazia parte das Escolas em Alternância, apenas as conhecia, fora delas, como uma prática social. Ele nunca atuou em escola na Itália e, ao chegar a terras capixabas, seus princípios sociais e cristãos fizeram emergir o sistema em Alternância no Espírito Santo.

Ildranis: *E o Padre Humberto lá na Itália, ele fazia parte destas escolas agrícolas?*

Sérgio: *Não. Ele não conhecia nada disso de Escola Família, ele nunca conheceu uma Escola Família.*

Ildranis: *Ele nunca atuou em Escola Família?*

Sérgio: *Não, Não. Ele era um Jesuíta, mais ele era advogado, fez parte da ação católica lá em Pádova, e depois em 1958 se não estou equivocado, 57, decidiu entrar na Companhia eu não sei se ele fez a filosofia lá na Itália, ou se ele veio fazer aqui a teologia. Em 1961, finalzinho de 61, ele veio para... em janeiro de 1962 ele chegou aqui no Brasil. E depois ele foi para o Rio Grande do Sul, em São Leopoldo, onde tinha na época o teologado dos jesuítas. E ele como todo Jesuíta durante as férias fazem visitas de estudo e saem a campo, para atuam em uma paróquia, em geral sempre dos Jesuítas. Eu não sei quem que mandou ele para cá, não sei para dizer a verdade. Sei que ele veio aqui, porque aqui (Anchieta) era uma região dos Jesuítas e aqui que ele encontrou uma situação um pouco realmente triste, porque uma região onde tinha muitos italianos, mais pobres, extremamente pobres e ele ficou um pouco impressionado, daí que se motivou e começou um pouco toda a caminhada dele. O que fazer?*

Ildranis: *Porque Padre Humberto escolhe primeiro o Espírito Santo para implantar a Pedagogia da Alternância no Brasil? Na verdade não foi uma escolha então, foi um acaso.*

Sérgio: *Não foi uma escolha! Foi um acaso sim, ele veio aqui e o que fazer aqui? A ideia sempre tinha aqui uma visão de desenvolvimento ela pode superar os próprios, a própria realidade carente através de três coisas: o trabalho comunitário, educação e saúde. Estes são os três setores que sempre tem que andar neste sentido, bom isto fazia parte também das duas encíclicas a Popollorium Progresso e a Encíclica Mater et magistra, que deu uma virada na igreja, e também orientou a igreja a realmente se livrar e atuar no meio do povo. De fato, isto foram as linhas básicas das encíclicas, e também foram aquelas que sustentaram no começo, Pietrogrande e assim o MEPES. E ele não sabia de certo o que vamos fazer?*

Ildranis: *Ele era de uma família com status?*

Sérgio: *Ele era de família burguesa. Filho de advogados, uma família burguesa de classe média alta. E portanto bem, podiam estudar e na época eram os privilegiados, eles puderam estudar até se formar em nível superior eram privilegiados, até final da década de 40, imagina, eram poucos aqueles que chegavam a isso. Portanto, mais ele era filho de um advogado, a mãe dele era uma dona de casa muito bem instruída também. Mais então ele não sabia o que vamos fazer na área de educação, na área de movimentos social, se encontrava, já tinha propostas, já tinha movimentos, etc... aqui no Brasil, mais também na Europa, mais na área de educação, aqui a educação era muito precária até o primário só, no interior não tinha quase, fora que as escolas pluridocentes com uma só professora etc. Portanto, e não em todas a comunidades, só nos distritos e mais algumas, em localidades maiores. Aí começou a atuar em três setores, educação*

primeiro, depois vinha a saúde, o que fazer na educação? (Entrevista realizada com o senhor SÉRGIO ZAMBERLAM, em 7/11/2014).

Figura 4 – Padre Humberto Pietrogrande, fundador do MEPES



Fonte: Arquivo da autora (2012).

Em meio a tantas inquietações sociais, com um cenário carente de intervenções que lutassem contra o sistema, a Pedagogia da Alternância chega ao Brasil, na década de 1960, por razões semelhantes às que lhe fizeram nascer na França e na Itália.

Essa metodologia chegou ao Brasil, em uma época marcada por grandes transformações no cenário rural, em meio ao regime militar ditatorial, fator que gerava exclusão e incertezas; ademais, concomitantemente a isso, o espaço rural oferecia oportunidades que eram ofuscadas pelo poder do Estado. E foi nesse cenário que a Pedagogia da Alternância chega trazendo mudanças no modo de pensar e agir, proporcionando ao homem do campo um novo horizonte e saindo da obscuridade.

Essa experiência chega ao Brasil nos anos 60 com o padre jesuíta Humberto Pietogrande e sob a influência das Scuole Della Famiglia Rurale da região de Veneto, na Itália, local de origem do jesuíta. Nessa época o Brasil estava passando por grandes transformações econômicas e políticas. O êxodo rural era intenso, muitas famílias estavam deixando suas terras e migrando para os centros urbanos em busca de melhores condições de vida. Por outro lado, crescia o processo de industrialização e a necessidade

de mão de obra que servisse ao sistema capitalista industrial. A situação política, por sua vez, era de obscuridade, de censura, tratava-se do regime ditatorial dos militares. Em meio a esse contexto de crise política, com êxodo rural acentuado, descrença no campo e precárias condições de acesso à educação, surgiram as primeiras Escolas Famílias Agrícolas, sendo o Espírito Santo o pioneiro na implantação das mesmas (FOERSTE; JESUS, s.d., p. 2).

No cenário da década de 1960, o Espírito Santo, assim como o Brasil, passava por um momento de crise também em relação à erradicação do café, quando a reprodução da estrutura produtiva sempre esteve fortemente dependente da monocultura cafeeira, que entrava em crise. Outra questão foi à chegada do imigrante europeu, configurando uma nova estrutura produtiva.

Essa estrutura produtiva, constituída por agricultores familiares, reproduziu-se de forma hegemônica no território capixaba no período entre a introdução do imigrante europeu, na segunda metade do século XIX, até a sua crise, na década de 1960. As consequências das políticas oficiais favorecendo o surgimento e a reprodução da pequena propriedade expressam-se espacialmente através da estrutura fundiária constituída. Em 1960, quase um século após a chegada do imigrante europeu, o Espírito Santo apresentava a distribuição da terra menos desigual do país (SOUZA FILHO, 1990 in BERGAMIN; JÚNIOR, s.d., p. 2). No entanto, a reprodução da estrutura produtiva sempre esteve fortemente dependente da monocultura cafeeira. Atividade, cujo manejo era realizado de forma precária, sem a utilização de recursos técnicos compatíveis com o momento histórico. Os contornos dessa postura dos agricultores conferiram baixos níveis de qualidade e produtividade o que resultou no pagamento dos menores preços ao café capixaba (BERGAMIN; JÚNIOR, s.d., p. 2).

Concomitantemente ao processo de implantação das EFA no Brasil, havia um espaço rural em processo de total abandono por parte dos poderes públicos, os quais foram excluindo a agricultura familiar do cenário das políticas públicas no campo. Todavia, naquela época, as políticas públicas estavam centradas na grande produção agropecuária, no modelo de agricultura patronal, voltado para monoculturas e o mercado externo, associado à sofisticação tecnológica, conhecida como modernização da agricultura. Destaca-se ainda o processo de industrialização.

[...] pequenas unidades familiares conviviam, no início da década de 1960, com uma conjuntura de empobrecimento e incentivo ao abandono de suas lavouras. Essa situação vivida é um desdobramento da política governamental da erradicação da monocultura da cafeeira, bem como da inexistência de uma proposta alternativa de novas culturas viáveis. Resta ao agricultor cultivar os sonhos da cidade e aos jovens, incentivados pelo discurso da educação oficial, alimentarem seu imaginário com a expectativa oriunda do cenário urbano (CALIARI, 2002, p. 85).

Observa-se que o sentimento daqueles agricultores em 1935, na França, em relação ao que se vivenciava no Brasil na década de 1960, bem como na Itália, não é muito

diferente. Pode-se dizer que a necessidade de um pensar voltado para as questões sociais, educacionais, econômicas e culturais do campo transcende gerações no tempo e no espaço.

No entanto, ao analisar o contexto em que nasce a Pedagogia da Alternância no Brasil, mais especificamente no Espírito Santo, ele leva-nos a compreender a razão e o sentido da inserção dessa metodologia. Faz-se necessário analisar, de forma crítica, tal contexto e o objetivo de implantar essa metodologia diante do que viviam as pessoas do campo, uma vez que o pequeno produtor da década de 1960 estava à mercê do descaso social. Para Gonçalves e Costa (2012, p. 95),

[...] os maiores beneficiados naquela época no Brasil foram os grandes produtores rurais, em detrimento de outros pequenos produtores, tendo em vista que os investimentos não alcançaram de forma democrática a todos os estabelecimentos, já que as maiores parcelas de financiamentos se destinaram a grandes e médios produtores que no decorrer da história foram os principais tomadores de crédito para agricultura, deixando de fora os pequenos, que representavam a ampla maioria. A modernização do campo alterou a estrutura agrária do país; se por um lado promoveu o aumento da produtividade do setor, contribuindo para o *boom* do agronegócio brasileiro, por outro houve um grande custo para a sociedade e para o meio ambiente.

Em meio a esse cenário, a solução de amenizar a situação vem por intermédio da Igreja mediada pelo padre Humberto, que, nesse contexto, age com uma proposição mediada por um agir necessário, o qual se fez então por meio da educação, alavancado por pessoas que abraçaram a proposta idealizada. O debate em relação à Igreja é amplo, visto que, em todos os contextos de surgimento de Pedagogia da Alternância, de forma mais ou menos atuante, ela estava presente⁴⁰.

Partindo desse pressuposto, quando se pensou em trazer a Pedagogia da Alternância para o Espírito Santo, foi porque a realidade se mostrava excludente, emergindo a necessidade de algo que mostrasse os valores da vida e do trabalho no campo, pois as pessoas que tinham acesso à escola eram poucas, e esse pouco era orientado a sair do campo, tinha uma educação que não apresentava os valores do campo e das pessoas que nele habitavam. Todavia, tal educação camuflava esses

⁴⁰ Foi estabelecida, à página 67 deste trabalho, uma análise sobre a Igreja e sua atuação nas análises sociais, bem como suas reais intenções do seu agir mediante o sistema da Pedagogia da Alternância.

valores expulsando os jovens, bem como suas famílias do campo, gerando uma desordem social.

Com a Pedagogia da Alternância, implantou-se, então, uma escola “própria e apropriada para as famílias do campo”, adaptando-as à realidade brasileira, quando Padre Humberto, em visitas ao Espírito Santo em sua missão jesuítica, faz essa constatação e une forças para realizar tal ação.

Na época da implantação das primeiras Escolas-Família no estado do Espírito Santo, no fim da década de 1960, a sociedade capixaba era predominantemente rural, segundo a pesquisa do Instituto Superior da Religião (ISER) do Rio de Janeiro.

Era predominantemente rural com 68,1% de sua população economicamente ativa ligada a atividades agropecuária, 30,9% da área rural do Estado ocupada por matas naturais, 40,6% dos estabelecimentos agrícolas na faixa de 20 a 40 ha, 54,% da população rural sem instrução formal, 55,9% do pessoal ocupado em atividades agropecuárias era formado por mão-de-obra familiar não remunerada e 24,5% em regime de parceria (ISER – CARVALHO; STEIL, 1991, p. 5, *apud* ZAMBERLAM, p. 34).

A expansão do sistema capitalista na agricultura brasileira agravou a situação dos pequenos produtores rurais, sobretudo com o processo de modernização preconizado pelo que ficou conhecido nas décadas de 1960 e 1970 como “Revolução Verde”, a qual consistiu em um conjunto de estratégias e inovações tecnológicas com o objetivo de alcançar maior produtividade por meio do desenvolvimento de pesquisas em sementes, fertilização de solos, utilização de agrotóxicos e mecanização no campo, promovendo a industrialização da agricultura (SANTOS et al., 2010, *apud* GONÇALVES; COSTA, 2012, p. 95-96).

Ainda para Gonçalves e Costa (2012, p. 95), no Brasil esse processo foi incentivado pelo governo militar, que preferiu aumentar a produtividade agrícola do país defendendo a adoção de pacotes tecnológicos pelos agricultores a ter de aumentar a produtividade por meio de uma reforma agrária justa e de um desenvolvimento rural sustentável. Esse modelo deixou à margem milhares de pequenos produtores rurais que, por diversas razões, não conseguiram adequar-se ao padrão capitalista de produção. Todavia, do meu ponto de vista, a reforma agrária não saiu dos planos e o desenvolvimento não foi nada sustentável.

Nessa época ocorreu um intenso êxodo rural em detrimento das políticas agrícolas, e as famílias, em sua maioria, migravam para a cidade em busca de melhores condições de vida, o que nem sempre acontecia, encontrando na vida urbana uma realidade diferente da almejada com a saída do campo. Nessa época, também a educação era baseada em um currículo totalmente urbano, fator que impulsionava ainda mais o êxodo rural.

A pesquisa de Paolo Nosella reflete sobre sete problemas que afetam a experiência relatada na época da chegada da Pedagogia da Alternância no Espírito Santo. Embora o movimento EFA tenha conseguido superar alguns deles, outros persistem, impossibilitando, muitas vezes, desenvolver todas as potencialidades que a Pedagogia da Alternância oferece, quais sejam: a implementação de uma alternância verdadeiramente integrativa; a formação e permanência dos educadores/monitores nas EFA; a participação das famílias na gestão e exercício do poder educativo; o financiamento e a ambiguidade do “novo rural” ante o processo de desenvolvimento e modernização da sociedade brasileira.

Nesse contexto, a educação dos filhos dos agricultores precisava ser transformada para que o campo e seus sujeitos tivessem uma educação de qualidade e baseada nas suas especificidades, bem como o valor de pertença desses espaços fosse restabelecido. Assim, a primeira experiência no Brasil com a Pedagogia da Alternância foi no estado do Espírito Santo, antecedida pelo surgimento do MEPES.

Foi justamente neste contexto de crise e com a pretensão de ser uma alternativa ao ensino tradicional que apareceu a experiência educacional do MEPES. De fato, a metodologia que as Escolas Família Agrícola do MEPES propõem, não apenas pretende solucionar alguns problemas concretos específicos de certa área geográfica, mas também, em sua significação mais profunda, em sua história e organização mundial, pretende se constituir como válida alternativa a todo o sistema escolar tradicional. (NOSELLA, 2013, p. 35).

A proposta foi lançada pelo Padre Humberto em 1964 e 1965, ao conhecer a realidade agrária deste estado⁴¹. Seguindo o processo de implantação das EFA, foi então criado o movimento “Ítalo-Brasileiro”, que tinha como meta o desenvolvimento

⁴¹ Seguindo o senhor João Batista Martins, que relata o seu primeiro contato com padre Humberto Pietrogrande, quando foram colocados os primeiros tijolos na ideia inicial para a implantação do MEPES. Ver relato na página 97-98 desta pesquisa.

religioso, cultural, econômico e social do Espírito Santo. Foi criada ainda, em 11 de dezembro de 1966, em Pádova, na Itália, uma associação juridicamente reconhecida sob o nome de *Associazione degli Amici dello Stato Brasiliano dello Spirito Santo* (AAES), firmando, daí em diante, parcerias e convênios e possibilitando a assinatura de convênios e arrecadação de recursos. Ocorreram também intercâmbios entre a Itália e o Brasil para que se conhecesse o movimento de educação já implantado na Itália, bem como os técnicos italianos que vieram ao Brasil para conhecer a realidade brasileira e apoiar o desenvolvimento das EFA.

A visita de padre Humberto Pietrogrande à EFA italiana, em Castel Franco com o apoio da AES, propiciou a oferta de sete bolsas de estudos para brasileiros na Itália. Os objetivos dessas bolsas de estudos, conforme afirma Nosella (2013), não eram claros. Acreditava-se que esses jovens brasileiros, ao serem formados na Itália, poderiam ajudar o padre Humberto Pietrogrande e demais envolvidos nessa missão capixaba, quando regressados ao Brasil. A escolha dos jovens a serem enviados à Itália foi realizada por esses sacerdotes amigos do padre Humberto Pietrogrande, que atuavam nas paróquias de Anchieta, Alfredo Chaves, Iconha e Rio Novo do Sul (PETRI, 2014, p. 211).

Enquanto os brasileiros estagiavam na Itália, três técnicos italianos, um economista, um sociólogo, um educador, vinham ao Brasil para analisar a região e a situação local e traçar, juntamente com o Jesuíta Padre Humberto Pietrogrande que já tinha regressado ao Espírito Santo, um plano de ação concreta na área de atuação dos vigários colegas do Pe. Humberto, isto é, cinco municípios capixabas: Anchieta, Alfredo Chaves, Iconha, Piúma e Rio Novo do Sul. Nesta ocasião o projeto de promoção social foi se especificando em termos de educação, inclusive de Pedagogia da Alternância, no modelo da Escola Família Agrícola (NOSELLA, 2013, p. 63-64).

Ilustrando o debate acima, o senhor João Batista Martins⁴², residente no município de Rio Novo do Sul, desde muito novo já era envolvido nas questões sociais de sua comunidade rural e via que a comunidade tinha muitas demandas, tais como

⁴² Em entrevista cedida no dia 14/9/2014, em sua residência na comunidade de Cachoeirinha, Rio Novo do Sul-ES. Ele relata sua experiência com a Pedagogia da Alternância, sendo um dos precursores do movimento no Espírito Santo. Nas páginas seguintes, outros relatos deles serão encontrados, bem como de outras pessoas que muito contribuíram para que esta semente fosse lançada aqui no Espírito Santo e caísse em terra boa.

educação, saúde, transporte, e dificuldades em dar oportunidades e encontrar soluções para tais questões.

Um dos grandes problemas que eu também tinha na própria família era a questão da educação, é claro que na época não via a questão da saúde, a gente não tinha médico, hospital, era tudo muito difícil, as pessoas ganhavam neném em casa, minhas filhas nasceram todas em casa. Mais a educação eu mesmo senti que minhas filhas quando chegaram ao terceiro e quarto ano não tinham como estudar, aonde ir e como fazer, e tal, então era difícil e como eu não tive oportunidade de estudar eu senti isto muito na carne, e eu era muito às vezes procurado e cobrado e às vezes eu não conseguia dar solução (Relato do senhor JOÃO BATISTA MARTINS em 14/9/2014).

Pelo seu dinamismo, o senhor João Martins era muito ligado ao então pároco de Rio Novo do Sul, padre João Confalonieri, este era um padre muito dinâmico sendo um dos grandes incentivadores para a implantação do MEPES neste, e em seguida, da EFA de Rio Novo do Sul. Foi o padre João Confalonieri quem intermediou o primeiro contato entre o padre Humberto Pietrogrande com o senhor João Martins, no município de Rio Novo do Sul, onde foram colocados os primeiros tijolos para a ideia inicial de implantação do MEPES.

Os jovens do campo, nessa época, não tinham acesso à educação, pois o ingresso na escola era difícil e os que conseguiam estudar recebiam uma educação totalmente descontextualizada, que, com o sistema e o contexto da época, expulsava o jovem do campo, englobando uma ideia de urbano, em suma ilusória, conforme mencionado anteriormente. Segue o relato do primeiro contato entre o senhor João Martins e padre Humberto Pietrogrande, bem como a visão do padre Humberto ao chegar ao Espírito Santo.

O Padre Humberto quando chegou, veio em Anchieta a primeira vez, veio visitar Anchieta, e ele chegando aqui ao Espírito Santo, ele querendo, tinha na cabeça de fazer alguns projetos, assim de desenvolvimento para a região e tal porque ele sabia que era importante, então numa reunião desta com os padres da região da diocese aqui na época não era diocese de Cachoeiro, então pertencia e Rio Novo se juntava com Piúma, Alfredo Chaves, então numa reunião desta dos padres, o Padre Humberto colocou para eles que ele era um italiano que estava aqui, tinha se formado e tal e estava querendo, via da importância de se fazer alguma coisa de promoção, sobretudo em uma região de muitos imigrantes italianos e tudo. Então ele queria saber se tinha alguém do campo que ele pudesse conversar para ver, queria ouvir alguém do interior, do meio rural e tal. Aí padre João Confalonieri, que estava na reunião disse para eles assim: Se você for a Rio Novo você procura João Martins que é uma pessoa que me ajuda muito, participa de tudo, e eu tenho certeza que ele contribuirá e é bom também você ouvir as opiniões dele. Então foi assim o primeiro contato, aí Padre Humberto veio até Rio Novo, pegou o Jeep do Padre João na

Paróquia e veio para encontrar comigo em Cachoeirinha, pois disseram a ela que eu morava em Cachoeirinha. E nesta vinda dele, eu na época vereador, era Presidente da Câmara, eu estava indo para uma reunião da Câmara que era numa segunda-feira uma hora da tarde, eu ia a cavalo, daqui pra lá, foi quando eu cheguei ali no meio do caminho vinha o Jeep, parou e disse assim, aonde que eu encontro o Sr. João Martins? A casa de João Martins. Aí falei o senhor esta falando com João Martins mesmo. (Entrevista realizada com o senhor JOÃO BATISTA MARTINS, em 14/9/2014).

Seguindo o relato do senhor João Batista Martins, a pessoa que ele havia encontrado pelo caminho entre a comunidade de Cachoeirinha e a sede de Rio Novo do Sul era o padre Humberto Pietrogrande. Isso datava o fim de 1963 e início de 1964.

Observa-se que o MEPES foi fundado em 1968, em um contexto de Ditadura Militar, erradicação dos cafezais, dentre outras questões sociais e econômicas. No entanto, a discussão para sua implantação se deu bem antes, ou seja, mediante a chegada do padre Humberto Pietrogrande com um olhar observador, voltado para o bem-estar social de todos, por intermédio de seu ministério jesuítico.

Aí ele (Padre Humberto) disse assim, eu sou um padre italiano, e o Padre João disse para eu te procurar, eu tenho algumas ideias e tal, você teria algum tempinho para conversar comigo? Eu falei, eu estou indo para Rio Novo, pois eu tenho uma reunião da Câmara de vereadores, mais eu tenho um tempinho ainda sim, a gente pode chegar lá, marcar um lugarzinho e a gente senta. Aí eu voltei ele me esperou em Rio Novo, enquanto dava a reunião ele disse assim, eu estou aqui, eu vi que o Espírito Santo tem isso, tem aquilo, eu estou vendo que a juventude é importante aqui, e na época a gente via, ele já tinha percebido alguma coisa. E eu tenho ideia de fazer algum trabalho aqui, sobretudo na área de educação. Eu acho que educação seria uma coisa importante aqui, você teria como reunir um grupinho maior para a gente voltar a conversar aqui sobre isso? Ele falou alguma coisa assim, eu gostei da fala dele, e achei que era alguma coisa que vinha de encontro com aquilo que eu realmente achava que era importante. Eu falei, eu arrumo sim, eu organizo e vamos marcar um dia, e ele foi e marcou. Era uma segunda feira e nós marcamos logo para a quinta feira, eu falei eu reúno algumas pessoas pra gente conversar, daí foi o primeiro contato com ele, e aí reuniu um grupinho, e eu convidei algumas pessoas e nestas pessoas que eu convidei, também estava Getulinho Mota, convidei Justino Mameri, que era uma liderança. Mais, [sic] nós já participávamos de muitos movimentos para questão do ginásio de Rio Novo nós na época que fundamos e tal. Aí reuni este pessoal e o Padre Humberto veio e falou da ideia dele de criar um movimento na época não falava, não tinha nome ainda. Aquele grupinho constituía já um comitê, para começar a discutir esta ideia, de fazer um movimento de promoção, mais não tinha nome, se era MEPES ou outra coisa ainda não sabia (Entrevista realizada com o senhor JOÃO BATISTA MARTINS, em 14/9/2014).

A partir daí, começaram a formar Comitês Local e Regional, que se iniciaram os debates para criação primeiramente do MEPES e seguindo para os municípios com a criação das Escolas Família Agrícola. É interessante destacar como que Padre Humberto percebeu a situação em que se encontrava o rural de Rio Novo e municípios vizinhos e logo resolver agir neste contexto. Os comitês que foram criados se estabeleceram como o estopim para ganhar forças e conseguir recursos para a fundação das Escolas Família Agrícola.

E este comitê nós criamos também em cada município, aí criamos em Alfredo Chaves. Rio Novo foi um dos pioneiros, aliás, o primeiro mesmo foi em Rio Novo. Aí depois nós começamos e ali eu fui o Padre Humberto me pediu para eu fazer parte junto com ele na divulgação em nível da região. Na época não pegava o estado todo, pegava os cinco municípios aqui do Sul, que era Rio Novo, Iconha, Alfredo Chaves, Anchieta e Piúma. E eu fiquei fazendo parte deste comitê central, e depois se transformou em comitês locais. O que aconteceu no futuro, com o andamento este comitê local, que começou a fazer o trabalho depois de organização para implantação da escola. Dentre os municípios que criaram este comitê o único que participava e que não tinha criado escola ainda que foi criado bem depois foi Piúma. Piúma participou de todas as discussões. A primeira EFA a funcionar foi Olivânia, porque lá já tinha o prédio que era da LBA, então quando nós começamos, quando o nosso comitê começou a discutir aonde conseguir terreno, por exemplo para construir a escola, então aí nós conseguimos, em Iconha Sr. Onório Bonadimam que doou o terreno, teve outros que doaram também, tinham vários proprietários interessados em ajudar. No caso de Rio Novo foi à prefeitura que comprou e doou. (Entrevista realizada com o senhor JOÃO BATISTA MARTINS, em 14/9/2014).

Diante do comitê central e dos comitês locais formados, partimos para uma análise e compreensão do cenário rural do Espírito Santo, bem como de Rio Novo do Sul na época de inserção da Pedagogia da Alternância em terras capixabas. O senhor João Batista Martins, com seu depoimento, também ilustra o cenário rural, pois vivenciou aquele momento histórico.

O cenário rural do Espírito Santo se entrelaça com o rural de Rio Novo do Sul à época da implantação da Escola Família Agrícola na década de 1960. Destaca-se um momento de desordem no campo, com uma carência generalizada, mediado pelo sistema capitalista de produção, em que emergia a indústria nos centros urbanos em detrimento do pequeno produtor. Uma indústria que necessitava de mão de obra barata, e em época abundante, fazia com que muitos pequenos proprietários vendessem suas terras a preços ilusórios e, conseqüentemente, a

desordem social no campo e na cidade estava anunciada⁴³. O relato que segue apresenta tal questão.

João: *Foi o seguinte, a gente via que a nossa região, justamente uma carência que nós tínhamos saúde não tinha um hospital, não tinham atendimento, não tinha nada, mais na educação também, que dizer o campo não tinha, nem todas as comunidades tinham escolas, até o terceiro ou quarto ano primário, tinha comunidades que nem tinham isso, então as crianças do interior não conseguiam estudar além do terceiro ano, não tinham para onde ir, não tinha transporte escolar, não tinha como ir. Então a questão da Pedagogia da Alternância foi muito importante porque a gente começou ver que os nossos meninos iam ter oportunidade de estudar e aí sem dúvidas foi muito importante isso aí na época. Então esta era uma carência que a gente tinha, a outra coisa é que na época tinha outro fenômeno que estava acontecendo, como tinha havido aquela política da erradicação dos cafezais que era a principal atividade nossa do campo, era o café, muitos não entenderam qual era a política do governo como estava implantando a indústria nos grandes centros e nós tínhamos na época 70% da população ou mais vivia no campo e não tinha mão de obra na cidade para a indústria e a forma de ter mão de obra lá era arrancar os cafezais e as pessoas não entenderam que o governo pagava X para você arrancar o seu pé de café, e as pessoas achavam que era um bom negócio.*

Ildranis: *Mais já era uma estratégia.*

João: *Sim já era uma estratégia. Aí o pessoal arrancou os cafezais e ficaram sem nada para fazer na roça, sem renda, aí começaram ir para lá para poder dar mão de obra na cidade.*

Ildranis: *Que foi justamente nesta época que teve um grande êxodo rural.*

João: *Sim um grande êxodo rural, e uma das coisas que nós, porque o MEPES, além da questão da Pedagogia da Alternância, como uma forma da promoção das famílias e tal, ele fazia este papel político de conscientização então estes detalhes que as pessoas não conseguiam perceber a gente começava a falar sobre isso, que era um problema sério que a gente enfrentava, porque nós começávamos a falar, olha gente vocês estão vendendo a propriedade indo para a cidade cuidado com as consequências, vamos estudar, vamos estudar os filhos, vamos colocar os filhos para estudar na Escola Família para ele poder encontrar outras alternativas para ficar no campo (Entrevista realizada com o senhor JOÃO BATISTA MARTINS, em 14/9/2014).*

Diante desse cenário de exclusão e expulsão do homem do campo para os centros urbanos, a erradicação dos cafezais em detrimento de grandes indústrias, pois estas necessitavam de mão de obra, a Escola Família Agrícola surge no Espírito Santo como um sentido de resistência ao sistema, pois ela remava contra o debate da

⁴³ O município de Rio Novo do Sul não nasce para atender às exigências de povoamento da província, e sim para fornecer braços aos latifúndios. Nesse sentido, historicamente o município de Rio Novo do Sul traz esse afago homem do campo, intensificando-se na década de 1960, por meio da erradicação dos cafezais gerando o forte êxodo rural. Mais detalhes deste debate na página 131 desta dissertação, capítulo 3, ao discutir a trajetória agrária deste estudo em Rio Novo do Sul, no Espírito Santo e no Brasil.

época que fomentava o campo como um espaço de atraso econômico e intelectual em relação ao espaço urbano.

Na época como as pessoas venderam as propriedades, sem o café, sem a renda as pessoas estavam vendendo a propriedade a “preço de banana” e os fazendeiros estavam comprando, os mais orientados estavam comprando. E nós falávamos o seguinte: olha não vende sua propriedade... Ó rapaz coloca seu filho para estudar, porque uma pessoa com formação e educação profissional ele vai conseguir ficar na propriedade e produzir. Então nós éramos uma resistência a isto. Sem dúvidas o MEPES teve um grande papel nesta questão da conscientização, porque depois com o tempo, as pessoas foram, mais ainda isto era um grande trabalho que a gente fazia (Entrevista realizada com o senhor JOÃO BATISTA MARTINS, em 14/9/2014).

O senhor Sérgio Zamberlam também relata a época da chegada da Pedagogia da Alternância aqui no Espírito Santo e aborda outra visão na relação do homem com a terra, a qual as pessoas utilizavam como objeto de exploração. Ele destaca que, na época, não se cultivava a terra, explorava-se a terra.

Depois de um ou dois anos que a gente estava aqui (Espírito Santo), uma das coisas que pra gente ficou marcado, porque depois também alguns outros que vinha pra cá e que o pessoal achava meio estranho. Qual era o cenário? Me lembro bem que também um outro que veio para cá, um ano depois disse aqui é uma agricultura de rapina, o que quer dizer uma agricultura de rapina? O que é uma rapina? É um assalto, rapinar significa você assaltar, e de fato o que acontece, na época a agricultura era de subsistência, e não muito o desmatamento estava ainda em fase de expansão, e portanto de rapina no sentido de que? Não se cultivava a terra, se explorava a terra. Inclusive um das palavras que eu aprendi aqui é que era explorar a terra, não cultivar a terra. Meu pai me ensinou que a terra se cultiva. (Entrevista realizada com o senhor SÉRGIO ZAMBERLAM, em 7/11/2014).

Para o senhor Sérgio Zamberlam, usava-se, à época, a expressão “explorar a terra”, e atualmente não se faz isso. Mas hoje você explora a terra do mesmo jeito, basta só olhar pela janela para certificar-se de tal fato.

Em relação ao surgimento da Escola Família Agrícola como sentido de resistência, como um projeto contra-hegemônico, o senhor João Batista Martins, então, enfatiza que, na época, conforme o cenário em que o estado e o município de Rio Novo do Sul se encontravam, a EFA surge como um sentido de “resistência”⁴⁴ à pressão

⁴⁴ Este sentido de resistência será analisado no capítulo 4 novamente, pois, quando se analisa a Pedagogia da Alternância como sentido de resistência, discute-se a década de 1960. Porém, hoje há a necessidade de repensar esse sentido da Pedagogia da Alternância para Rio Novo do Sul, com base em sua função educacional e na interação com o meio.

exercida pelo sistema. Por esse motivo, alguns militantes foram bastante ameaçados, pois pregavam uma doutrina que se opunha ao sistema excludente e dominador da época, na qual oprimia o homem do campo, o pequeno produtor rural.

Na época, os proprietários começaram a vender suas propriedades a preços relativamente baixos, outros erradicaram seus cafezais pela desvalorização do preço do produto. Assim, sem o café, uma das principais atividades agrícolas vigentes na época, as pessoas estavam vendendo as terras e iam à busca de trabalho nas indústrias que estavam emergindo nas cidades. Todavia, a Pedagogia da Alternância, no Espírito Santo, é institucionalizada lutando contra essa questão.

O senhor João Batista Martins, em 14/9/2014, ressalta que o MEPES teve um papel muito importante nessa resistência, sobretudo o fato de ter conseguido diminuir bastante a questão da venda das pequenas propriedades, porque todos estavam vendendo, principalmente no norte do estado.

Já para o senhor Sérgio Zamberlam, a implementação da Pedagogia da Alternância seria uma mudança de paradigmas, pois o agricultor estava desanimado e o sistema não o incentivava, pelo contrário, excluía-o do campo ilusoriamente.

Olha para nós era um pouco buscar mudar algum paradigma, um deles qual era? Você imagina se encontra adiante um agricultor completamente desanimado, e que te diz que para puxar cabo de enxada não precisa de ir para a escola e você ao invés de propor o contrário, não, todo mundo tem que aprender a melhorar o nosso trabalho, todos, indistintamente quem seja, primeiro. Segundo, uma agricultura que é feita só para retirar não se sustenta, na época não tinha a palavra sustentabilidade, mais não se sustenta e o que acontecia? A Pedagogia da Alternância pelo fato de partir da realidade surge do mundo do trabalho, surgiu do mundo do trabalho, porque o mundo do trabalho é aquele que ajuda a estruturar a personalidade, portanto, ajuda a aprender...olha não diz que a vida ensina mais que a escola!? Bom, ela surgiu desta dialética e portanto que a vida cotidiana ela ensina e se ela ensina ela tem que ser valorizada. Como valorizada? Através da sistematização dos próprios conhecimentos e aprofundamento de outros, esta ia contra em parte daquilo que existia aqui que tinha que ser colocado para dentro toda uma tecnologia que estava sendo desenvolvida, os pacotes já começaram a ser desenvolvidos. Tinha na época os técnicos da ACARES acompanhavam as culturas, tinha técnico que era do feijão, tinha técnico só do café, era especialista em café, bom até hoje tem isso, um especialista em café, mais que "cassete", escuta se você tem que acompanhar na época tivemos discussões ferrenhas até com alguns deles porque nós tínhamos o contato direto com o pessoal da ACARES e mais quem que cuida deste negócio? Quem cuida da terra? Não é o homem? A cultura é o meio, aquilo que nós plantamos é o meio depois mais tarde...não também o fim, a terra é começo, meio e fim. Mais isso veio mais tarde e isso não surgiu da Pedagogia da Alternância, mais nós

contestávamos que o agricultor tinha que ser como aquele que vê-se não sabia porcaria nenhuma e portanto tinha que aprender as novas tecnologias. Não! Nós primeiro temos que valorizar aquilo que ele sabe e depois se ampliar as coisas que ele sabe, ampliar assim. Portanto, ali que as visitas as famílias, as visitas as propriedades, as visitas as localidades, etc. a gente se encontrava muitas vezes nos finais de semana e tudo isso. E nós fazíamos muito mais do que os técnicos...Por isso que era também necessário saber utilizar a linguagem do agricultor. Então ele se sentiu através destas pequenas coisas iniciais, até que começou a superar um pouquinho a própria desconfiança para com o mundo, um saber um pouquinho mais sistematizado, mais também com um agente externo, porque nós éramos um agente externo, um agente estranho. Ele começou a ver que não, este pode ser um bom companheiro, no lugar de ser alguém que olha atravessado, concorda mais não concorda, entendeu? Muitas vezes os dois com o pé atrás. E é claro, viveu a vida inteira dando conta do recado, e escuta você vem aqui me ensinar agora? (Entrevista realizada com o senhor SÉRGIO ZAMBERLAM, em 7/11/2014).

A estratégia encontrada por padre Humberto Pietrogrande foi agir com base na educação, pois, somente formando seres pensantes, intelectuais no campo, com uma visão transformadora desse espaço, essa realidade poderia ser mudada, e assim se fez.

Em 25 de abril de 1968, entre lutas, desafios e conquistas, foi criado, na Câmara Municipal de Anchieta, por meio de assembleia de agricultores, o MEPES, tendo por objetivo a promoção da pessoa humana ante a melhoria da qualidade de vida no meio rural, o qual é voltado para as questões agrícola, social, cultural e econômica.

Eu me lembro que eu fiz a ata de fundação do MEPES, do movimento. A ata eu datilografei naquelas máquinas antigas, datilografei todas as ocorrências da fundação e depois todos os presentes assinaram a ata e ficou assim. Foi na Câmara Municipal de Anchieta (Entrevista realizada com o senhor GETÚLIO DE OLIVEIRA MOTA, em 18/9/2014).⁴⁵

O interessante dessa história é compreender como o MEPES passou a ser importante na visão das pessoas com o passar do tempo, embora hoje nem todos os municípios, como o de Rio Novo do Sul, abracem a causa de forma contínua e faça o movimento crescer e mostrar seus resultados. Atualmente a EFA de Rio Novo do Sul contradiz o que aconteceu no início da década de 1960 em relação ao envolvimento das pessoas.

⁴⁵ Anexo A – Ata de Fundação do MEPES.

As pessoas não compreendiam, de forma concreta, sua metodologia mediada pela Pedagogia da Alternância, estando longe de compreender o seu funcionamento, que está ilustrado na Figura 4⁴⁶, a qual nos remete a uma análise das especificidades dessa metodologia.

Então foi assim que eu comecei e ali quando nós começamos a discutir a implantação do MEPES que no decorrer do tempo, nós começamos a ver qual seriam as ações do MEPES, e uma das ações que o MEPES se propôs a primeira seria a Pedagogia da Alternância, que aí o Padre Humberto falou da questão da escola que eles tinham na Itália, que tinha surgido na França e vindo para a Itália onde os jovens da agricultura podiam estudar em alternância e tal. Aí me despertou, eu falei puxa era onde o jovem poderia ter oportunidade de estudar mais. Aí veio aquele negócio de que a gente via que a questão da educação era o ponto chave, então por isso que a gente começou fazer um movimento de um lado de estar passando para as pessoas fazendo reuniões nas comunidades, passando o que seria mais ou menos a educação, a Pedagogia da Alternância, onde o jovem podia estudar e trabalhar, ir para escola e coisa. Isto era uma coisa muito nova, muito nova, como pode (Entrevista realizada com o senhor JOÃO BATISTA MARTINS, em 14/9/2014).

O MEPES foi reconhecido juridicamente como uma instituição filantrópica (Declaração de Fins Filantrópicos n.º 224.165/74) atuando nas áreas de Educação do Campo por meio das Escolas Família Agrícola (Ensino Fundamental e Ensino Médio Profissionalizante). Além da Educação do Campo seguindo a metodologia da Pedagogia da Alternância, o MEPES ainda atua na área de saúde (Hospital e Maternidade no município de Anchieta) e Ação Comunitária (Creches no município de Anchieta) e um Centro de Formação e Reflexão localizado no município de Piúma.

O MEPES tem por objetivo a promoção integral da pessoa humana, interagindo na saúde, educação e ação comunitária, sem fins econômicos, numa ampla atividade voltada principalmente ao meio rural, integrando campo e cidade naquilo que

⁴⁶ Este esquema está disponível na página 115 deste trabalho, na Figura 5 – Funcionamento do Sistema da Alternância, que permite compreender o que é a alternância e como a Escola Família Agrícola está estruturada pedagogicamente com elementos específicos para que o tempo e o espaço não sejam empecilhos no processo de ensino-aprendizagem, mas que sejam compreendidos como facilitadores deste processo, partindo do pressuposto da necessidade da interação entre escola, família e comunidade. Na Pedagogia da Alternância, esse é um ciclo que não se fecha nem termina, pois entende o ensinar e aprender como algo contínuo no tempo e no espaço, abrangendo o saber empírico e o intelectual. Para facilitar a compreensão dos elementos disponíveis nesse esquema, é feita uma análise mais detalhada de cada um na página 111 e seguintes deste trabalho, quando se debatem as especificidades da Pedagogia da Alternância.

concerne à elevação humano-social, especialmente do agricultor, nas dimensões da vida espiritual, intelectual, sanitária, técnica, econômica e ambiental.

A metodologia se baseia no princípio da alternância que intercala na formação do jovem, tanto em períodos de vivência na escola e na família quanto em princípios de valorização da cultura comunitária e da participação dos pais na condução do projeto educativo das escolas. Assim, as EFA foram sendo consolidadas no Espírito Santo como uma filosofia e uma experiência inovadora de educação no meio rural. A partir da década de 1980, assistimos à expansão desse movimento para diversos outros estados e regiões do Brasil.

A criação do MEPES foi uma “ação transformadora”, uma ideia criada pelo padre Humberto Pietrogrande há mais de 45 anos, a qual se materializou e se disseminou pelo Espírito Santo, propagando a metodologia da Alternância também para outros estados brasileiros.

A história desse movimento foi marcada por ações pioneiras dentro de uma visão de futuro, buscando a promoção integral do ser humano e melhoria da qualidade de vida no campo. Isso pode ser analisado, ao observar o relato do senhor João Batista Martins, segundo o qual hoje há outros fatores que contribuem para tal promoção, mas na época, no início, praticamente não existia essa questão das oportunidades de conhecimento, de busca de alternativas para o campo.

Então uma das coisas que o MEPES teve um papel muito importante, foi nesta resistência, sobretudo de um fato que sem dúvidas nós conseguimos diminuir bastante é a questão da venda das pequenas propriedades, porque estava todo mundo vendendo, por fim estava todo mundo vendendo, aí conseguimos ainda segurar no próprio Norte do estado conseguimos segurar muitas propriedades. Então foi mais ou menos isso aí. Foi assim o início então você vê que quando se fala da realidade da época nós tínhamos esta realidade da falta das ações da saúde que não tinha de educação não tinha, então a Escola Família contribuiu e sobretudo para que as famílias despertassem que tinham como encontrar alternativas e aí que começou surgir a questão do cultivo da banana, fomos nós através do trabalho que começamos a fazer que a bananicultura foi a primeira atividade que nós conseguimos introduzir para começar a substituir o café e aí começamos a ver como chegou até hoje e aí que vem a questão da diversificação agrícola, nós conseguimos melhorar vamos dizer, aí começamos a introduzir a questão do leite que também não tinha praticamente não existia. Começou a produção de leite, outras atividades começaram a surgir e com hoje você vê que tem também algumas agroindústrias, a pessoas estão fazendo seu negócio em casa. Como você pega por exemplo você vê a importância do intercâmbio na Pedagogia da

Alternância, porque também começou a trazer, vim gente de fora, para estudar aqui, porque o intercâmbio também teve um papel muito importante nesta relação da Pedagogia da Alternância. Primeiro que já faz parte do currículo a questão dos estágios, das viagens de estudo, isso da ao jovem uma abertura de conhecimento muito grande (Entrevista realizada com o senhor JOÃO BATISTA MARTINS, em 14/9/2014).

Hoje o MEPES possui uma territorialidade extensa que abrange diversos municípios capixabas. A criação das EFA no Espírito Santo está ilustrada em ordem cronológica no Quadro 1. Em seguida, apresenta-se o Quadro 2, que destaca a distribuição das EFA por macrorregiões e estados brasileiros. Observa-se, nessas tabelas, que as escolas em alternância no Brasil se expandiram desde a década de 1960, tendo por território inicial o Espírito Santo.

Quadro 1 – Criação das EFA no Espírito Santo, em ordem cronológica

Escola Família Agrícola – MEPES		Data de fundação
01	Escola Família Agrícola de Olivânia, Anchieta	1969
02	Escola Família Agrícola de Alfredo Chaves	1969
03	Escola Família Agrícola de Rio Novo do Sul	1969
04	Escola Família Agrícola de Campinho	1971
05	Escola Família Agrícola de Jaguaré	1972
06	Escola Família Agrícola de Km 41	1972
07	Escola Família Agrícola de Ensino Fundamental e Médio e Educação Profissional do Bley	1972
08	Escola Família Agrícola de Rio Bananal	1978
09	Escola Família Agrícola de Pinheiros	1985
10	Escola Família Agrícola de Ensino Médio e Educação Profissional de Boa Esperança	1986
11	Escola Família Agrícola de Chapadinha	1988
12	Escola Família Agrícola de Vinhático	1988
13	Escola Família Agrícola de São João de Garrafão	1990
14	Escola Família Agrícola de Marilândia	1997
15	Escola Família Turismo Pietrogrande	2005
16	Escola Família Agrícola de Castelo	2006
17	Escola Família Agrícola de Mimoso do Sul	2008
18	Escola Família Agrícola de Cachoeiro de Itapemirim	2010
19	Escola Família Agrícola de Ibitirama	2014

Fonte: Relatório das atividades do MEPES (2013).

Quadro 2 – Distribuição das EFA por macrorregiões e estados brasileiros

REGIÃO	ESTADO	REGIONAL	N.º DE EFA
Sudeste	<i>Espírito Santo</i>	<i>MEPES</i>	19
	<i>Espírito Santo</i>	<i>RACEFFAES/MEPES</i>	
	Minas Gerais	AMEFA	17
	Rio de Janeiro	IBELGA	03
Subtotal			56
Nordeste	Bahia	AECOFABA	20
	Bahia	REFAISA	10
	Sergipe	REFAISA	01
	Ceará	EFA Dom Fragoso	01
	Maranhão	UAEFAMA	19
	Piauí	AEFAPI	16
Subtotal			67
Norte	Amapá	RAEFAP	05
	Pará	EFA de Marabá	01
	Rondônia	AEFARO	06
	Tocantins	AEFACOT	02
	Acre	EFA Jean P. Mingan	01
Subtotal			15
Centro Oeste	Goiás	AEFACOT	03
	Mato Grosso	AEFACOT	01
	Mato Grosso do Sul	AEFACOT	03
Subtotal			07
Sul	Santa Cruz do Sul	AGEFA	02
Total Geral			147

Fonte: Pesquisa (2013)⁴⁷. Grifos da autora.

Segundo a (UNEFAB, 2014), após sua consolidação no Espírito Santo, desde a década de 1970 ocorreu rápida expansão para outros estados brasileiros, beneficiando cerca de 20.000 alunos e 100.000 agricultores. Essas escolas já formaram mais de 50.000 jovens, dos quais mais de 65% permanecem no meio rural, desenvolvendo o próprio empreendimento com as respectivas famílias ou exercendo vários tipos de profissões e lideranças.

De acordo com Caliari (2002), essa expansão ocorreu devido a uma efetiva participação das comunidades e a ampliação do número de EFA pelo Brasil consolidou a criação da UNEFAB (União Nacional das Escolas Família Agrícola do Brasil).

Com a expansão e aumento do número de EFA no Brasil, em 1982 foi criada a UNEFAB. A finalidade da UNEFAB é representar e defender os princípios e

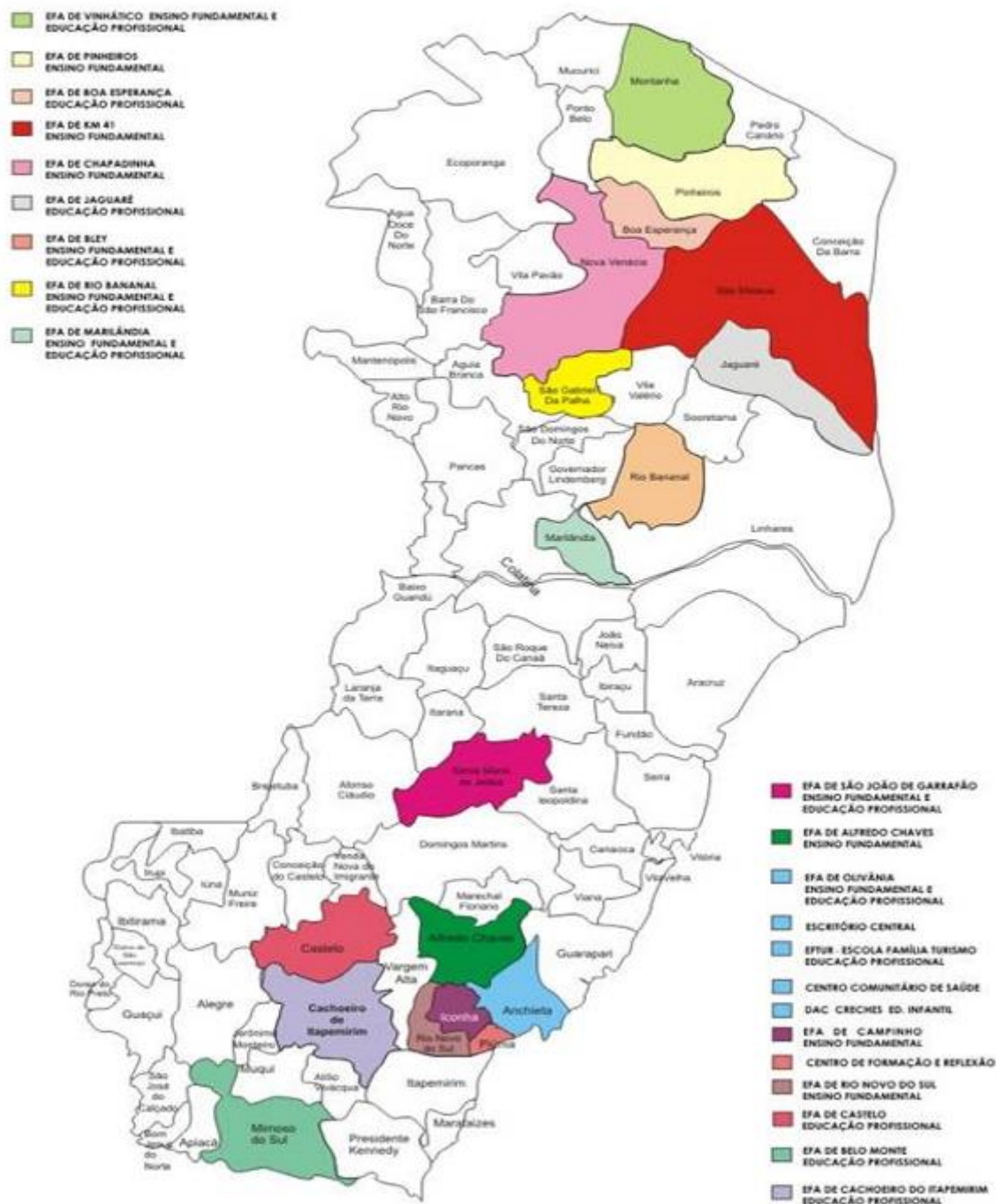
⁴⁷ Ibidem 16.

objetivos da Pedagogia da Alternância, prestar assessoria pedagógica e administrativa, promover o intercâmbio e divulgação dos trabalhos, acompanhar o processo de formação dos monitores (professores das EFA) e de seus dirigentes, estabelecer parcerias e outras formas de cooperação técnico-financeira. A UNEFAB é uma Organização Não Governamental (ONG), sem fins lucrativos e possui registro no Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS). Elabora assessoria às EFA, as Escolas Comunitárias Rurais (ECOR) e outras instituições que adotam práticas educativas com os mesmos princípios pedagógicos (UNEFAB, 2014).

Assim, no Espírito Santo, inicia-se, aos 9 de março de 1969, a primeira experiência educativa em Alternância com a implantação da Escola Família Agrícola de Olivânia, no município de Anchieta. Nesse mesmo ano, iniciam-se as atividades da Escola Família Agrícola de Rio Novo do Sul-ES, na qual é meu campo de pesquisa. Em 1971, surge a Escola Família de Campinho, localizada no município de Iconha. Em seguida, outras EFA foram sendo implantadas, primeiramente no Sul do Espírito Santo e, tendo resultados positivos, elas também se expandiram para o norte do Espírito Santo. Daí em diante, essa experiência alastrou-se para as outras regiões do Brasil, conforme pode ser observado nas imagens do Mapa 3 – Mapa ilustrativo da territorialidade do MEPES no Espírito Santo – e do Mapa 4 – CEFFAS no Brasil.

Mapa 3 – Imagem ilustrativa da territorialidade do MEPES no Espírito Santo

Áreas de Atuação do MEPES



Fonte: Arquivo Escritório Central – MEPES (2014).

Mapa 4 – CEFFAS no Brasil



Fonte: UNEFAB in Begnami (2013).

2.4 AS ESPECIFICIDADES DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA

Uma forma de apresentar a Pedagogia da Alternância é destacar que ela parte da experiência do tempo e do espaço, do alternar o diferente, situar o indivíduo ante as diferentes relações, finalidades, objetivos, modos de pensar, espaços e tempos que permeiam a sociedade. É nessa diversidade que a educação se projeta como um elemento de relevante importância e o sistema da alternância contribui para facilitar a compreensão das mudanças, modificar os processos sociais, bem como acelerar a capacidade de adequação e atuação nos territórios diversos.

As Escolas Família Agrícola, trabalhando no sistema da Pedagogia da Alternância, visam à formação integral que se concretiza quando compreendida na formação do ser como um todo, levando em consideração todas as dimensões da pessoa: a dimensão individual, social, afetiva/emocional e intelectual, profissional e lúdica, psicológica, ética, ecológica, espiritual, política e econômica.

As Escolas Família Agrícola possuem elementos pedagógicos em um plano de formação específico da Pedagogia da Alternância, estas geram o diferencial que promove uma educação de valor para o espaço rural e dos sujeitos que nele vivem, bem como valorização das particularidades que esse espaço possui, objetivando uma ligação entre escola, família e comunidade, relação primordial no sistema da Pedagogia da Alternância. Dessa maneira, Caliari (2002, p. 82) destaca.

Para viabilizar seu modelo pedagógico, a Pedagogia da Alternância utiliza diversos instrumentos metodológicos, elaborados com base na experiência adquirida pelo aluno com sua família, no seu meio. Não só dinamizam sua operacionalização, como também garantem uma interação permanente entre família – escola – jovens.

Os elementos pedagógicos efetivam a práxis da alternância, na qual realizam a participação e interação entre família – escola – comunidade. É por meio deles que a Pedagogia da Alternância se efetiva e se materializa no tempo e no espaço. Salienta-se a importância do monitor⁴⁸ na mediação e efetivação desses elementos em todos os momentos, uma vez que há um conjunto de elementos e atividades que

⁴⁸ Monitor – Designação dada ao professor que atua nas Escolas Família Agrícola.

possibilitam a pedagogização da alternância em seus diversos espaços de atuação, nos quais se destaca ainda o Plano de Formação, no qual entrelaça o plano pedagógico mediando o debate das diversas disciplinas, bem como as intervenções no decorrer das atividades da escola extracurriculares.

A alternância integrativa pressupõe um Plano de Formação baseado na lógica temática e não disciplinar. Os Temas Geradores e os Planos de Estudo possibilitam um itinerário metodológico que parte da realidade, passa pelo aprofundamento teórico e retorna à realidade numa perspectiva de intervenção, experimentação e transformação. Há um conjunto de instrumentos e atividades que possibilitam a pedagogização da alternância entre a escola e o meio. Manejar esses instrumentos requer uma abertura para o diálogo e a interlocução dos diferentes saberes, bem como para o trabalho interdisciplinar, conhecimento da pedagogia da alternância, disciplina, planejamento e um dedicado trabalho em grupo pela equipe da EFA (Entrevista realizada com o senhor JOEL DUARTE BENÍSIO, em 27/10/2014).

Os elementos pedagógicos são caracterizados e conhecidos como:

- **Plano de estudo** — Elemento-chave da Pedagogia da Alternância, pois os demais elementos pedagógicos se originarão das temáticas abordadas com base nos planos de estudos aplicados em cada série. Esse elemento integra a relação entre a escola, a família e o meio em que vive o aluno, gerando uma abordagem de saberes empíricos. É uma pesquisa participativa realizada no meio socioprofissional e familiar e sistematizada na escola. Trata-se de uma aproximação entre o saber popular e o conhecimento científico. No plano de estudo, o aluno atua como um pesquisador e, na escola, o monitor interage nessa pesquisa.
- **Colocação em comum** — Trata-se da socialização das questões abordadas no plano de estudo, na qual todos os alunos têm contado com realidades diferentes, ocorrendo uma troca de experiências muito rica nesse momento. Essa colocação em comum é a base para o monitor trabalhar suas disciplinas, quando, após uma reflexão, o aluno retorna ao seu meio com um novo olhar sobre sua realidade.
- **O caderno da realidade** — Um elemento de fundamental importância de caráter histórico este é o caderno da vida do aluno, em que ele registra suas reflexões acerca da sua vivência escolar, familiar e comunitária. Nele estarão arquivadas as sínteses, redações ilustradas e respostas dos planos de estudos, bem como relatórios de visitas de estudos e experiências. É um

elemento que facilita o aluno a observar seu desenvolvimento no decorrer das atividades e fomentar sua função de pesquisador.

- **Folha de observação** — Esta constitui uma complementação da abordagem gerada do plano de estudo, uma vez que algumas questões levantadas são mais polêmicas, necessitando de um aprofundamento maior e uma nova pesquisa com base na realidade dos alunos. Assim, alunos e professores elaboram um novo questionário com base em uma problematização e encaminham para casa para uma nova pesquisa, mais centrada em algo mais específico.
- **Cursos e palestras** — São atividades mais práticas e são realizadas com base nos temas dos planos de estudos, com o objetivo de levar aos alunos novas aprendizagens, além dos conteúdos curriculares que são trabalhados.
- **Visitas e viagens de estudo** — Este elemento interliga-se ao plano de estudo, pois, de acordo com a temática abordada, os alunos são encaminhados, sempre acompanhados por monitores que orientam e organizam a realização das visitas e viagens de estudo, as quais objetivam conhecer novas realidades e incorporar conhecimentos que poderão ser utilizados em sua realidade local, a fim de perceber contradições, tirar hipóteses, superar dúvidas.
- **Estágio** — É uma importante mediação da Pedagogia da Alternância, pois possibilita ao aluno o contato direto com outra realidade além da sua, vivenciando novas práticas e podendo assim melhorar as atividades em sua propriedade. O estágio é sempre acompanhado por um tutor, que é um monitor da escola, e também por um mestre de estágio, a pessoa que vai receber o aluno no período e local do estágio. O estado sempre é orientado para que vá ao encontro do projeto profissional que o jovem está realizando.
- **Serões** — São espaços e tempo de reflexão no período noturno, nos quais geralmente acontecem atividades artísticas, culturais, lazer, entre outros, que, em sua maioria, são organizados pelos próprios alunos e pelo monitor acompanhante do dia.
- **Visitas às famílias** — Este elemento é fundamental, pois possibilita ao monitor também conhecer a realidade dos alunos e trocar experiências, em que a escola e a família têm uma aproximação maior, o que favorece o processo

ensino-aprendizagem do aluno. Elas são realizadas pelo menos uma ou duas vezes por ano, na casa de cada aluno.

- **Caderno de acompanhamento** — Este é um elemento de ligação fundamental entre a escola e família, na qual a escola fica a par das atividades dos alunos no meio sociofamiliar comunitário que fica a par das atividades dos alunos no meio escolar, dialogando as aprendizagens construídas nos espaços e tempos.
- **Projeto profissional do jovem** — Nele o jovem escolhe um tema de seu interesse profissional, sobre o qual faz uma pesquisa teórica e o aplica em sua propriedade, conforme as técnicas exigidas e sua escolha. Ele é realizado no final do ensino médio profissionalizante.
- **Atividade de retorno** — Aqui o aluno realiza atividades concretas em sua comunidade com base em temas trabalhados nos planos de estudo e, em seguida, volta para a escola e socializa a experiência.
- **Avaliações** — O processo de avaliação na Pedagogia da Alternância é dinâmico e participativo, pois envolve aluno, escola, família e comunidade, numa interação contínua e dinâmica. O aluno é avaliado em diversos aspectos, não se restringindo apenas aos conteúdos curriculares, e a avaliação perpassa pela convivência, pela realização das propostas de cada elemento pedagógico, pela família e comunidade conforme a atividade. Avalia-se o aluno mediante diversas dimensões, levando em conta a importância dos parceiros da escola nesse processo e do próprio aluno como um agente ativo, e não apenas passivo dentro e fora do ambiente escolar.

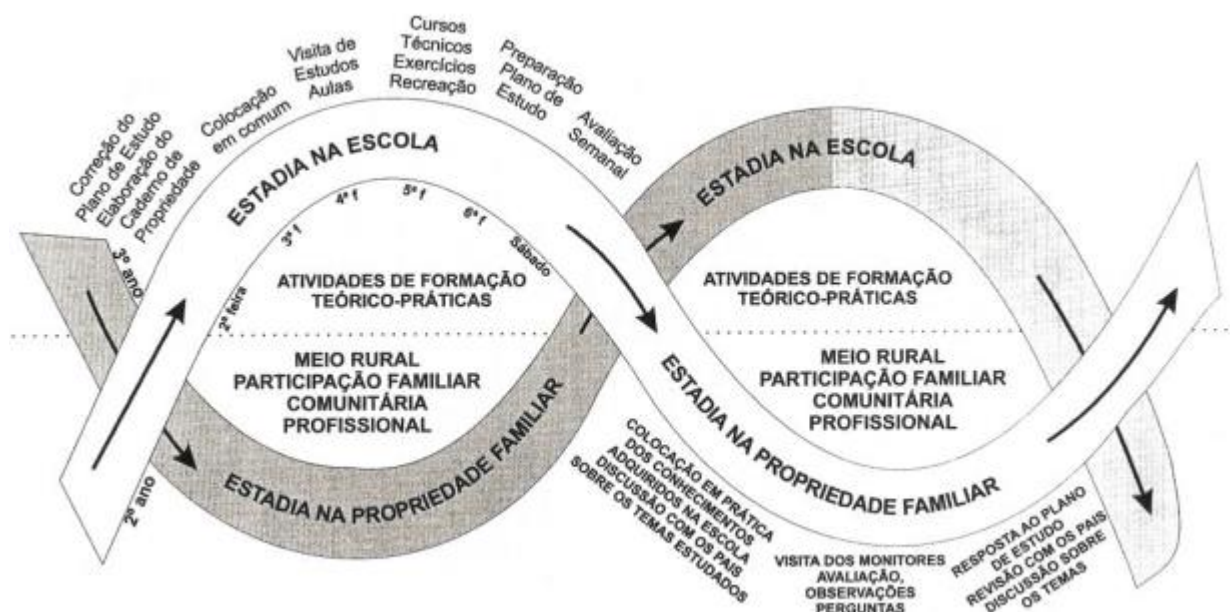
Com base nesses elementos pedagógicos específicos, a Pedagogia da Alternância deve empenhar-se na realização de uma formação objetivando o crescimento do jovem educando e constituindo-o como protagonista da promoção e do desenvolvimento integral de todo seu processo de formação. Eles fazem com que a escola não seja um mundo separado da vida do aluno, da família e da comunidade, mas que represente um meio para alcançar o desenvolvimento individual, local e coletivo, pois, por meio da alternância, o aluno fortalece o elo e a experiência com o meio em que vive. Assim, escola, família e comunidade são espaços/tempos que se completam na construção do conhecimento.

Vale destacar que, para esta proposta se efetivar e trazer os efeitos mencionados no decorrer deste debate, a escola deve estar sempre atualizada, trabalhando as questões sociais, econômicas, ambientais, entre outras questões, como as mudanças que vêm ocorrendo no espaço, em suas diversas dimensões. A escola ainda não deve perder o vínculo com a família e a comunidade, pois não existe Pedagogia da Alternância fora do contexto familiar, comunitário, bem como fora do contexto atual.

A Figura 5 apresenta um esquema do funcionamento do sistema da Pedagogia da Alternância. Observa-se como essa metodologia veio ganhando forma apropriada para o estudo da realidade do campo, bem como para o de qualquer outra realidade.

É possível verificar, nesse sentido, a ampliação e aplicação dos seus instrumentos nos momentos alternados da aprendizagem. No momento em que uma turma está desenvolvendo as atividades na escola, outras estão na propriedade, e, assim, ocorre na Escola Família Agrícola a alternância, que se concretiza atualmente com permanência do aluno durante uma semana na escola e uma no ambiente familiar. Desse modo, observa-se que ambos os espaços e tempos são geradores de conhecimentos.

Figura 5 – Funcionamento do Sistema da Alternância



No sistema de funcionamento da Pedagogia da Alternância apresentado na Figura 5, é necessário que o monitor seja atuante porque o seu papel vai além da sala de aula. Ele exerce um papel fundamental nesse processo, pois a Pedagogia da Alternância é uma educação que alterna espaços. No que se refere às suas especificidades de aplicação e execução, essa pedagogia precisa interagir com os diferentes espaços – escola, família e comunidade – e o monitor deve ser o facilitador de tal interação.

O trabalho de docência se faz num âmbito de maior abrangência, uma vez que na alternância o aluno fica em sistema de internato na escola e a metodologia aplicada em ambos os períodos seja o espaço escolar ou espaço sócio profissional familiar e comunitário deve ter o acompanhamento do monitor em todas as atividades, pois esta dinâmica se faz na aplicação e acompanhamento dos elementos pedagógicos já mencionados.

Além disto, a alternância exige adequadas condições de trabalho para os educadores em tempo integral, motivação de carreira etc. O monitor além de ministrar aulas, dinamiza o grupo de estudantes, o internato, faz acompanhamento personalizado, facilita o processo da alternância, visita e anima as famílias e comunidades, propiciando a sua participação no processo educativo dos filhos e da gestão associativa da EFA. A falta das condições de trabalho para a dedicação exclusiva das equipes educativas e o despreparo técnico sobre a Pedagogia da Alternância limitam as potencialidades da alternância, podendo a EFA se tornar uma escola convencional, conteudista, descontextualizada e desinteressante (Entrevista realizada com o senhor JOEL DUARTE BENÍSIO, em 27/10/2014).

As práticas e atividades de organização da vida em grupo, manutenção da escola, entre outros elementos, também competem ao monitor, o que exige dele uma dedicação integral, levando em conta que, para exercer tal função de tamanha complexidade e responsabilidade, deve ter amor e identificação com ela, uma vez que a realização de um bom trabalho vem acompanhada de muitas realizações. Nas aulas, a interdisciplinaridade deve ser uma constante e os conteúdos devem partir das questões vivenciadas pelos alunos por meio do Plano de Estudo.

O monitor, mais que um professor que trabalha num ou para um Centro Educativo, é alguém que, através do seu trabalho específico de educador, se associa à responsabilidade de quem dirige e acompanha o projeto de um CEFFA. Tudo isto nos permite falar de CEFFA como um Projeto Educativo e de promoção do território, protagonizado por seus sujeitos, que devem conhecer profundamente. Ser monitor requer umas aptidões para o conhecimento (reconhecimento) do meio e de seus atores. Levando em conta que a Alternância marca uma clara diferença entre a formação praticada no CEFFA e a clássica (MARIRRODRIGA; CALVÓ, 2010, p. 76).

Para atuar na Alternância, o monitor precisa ter o perfil específico, pois a Alternância não se faz por atividades descontínuas. Sendo assim, o monitor que ignora aquilo que é vivido pelos jovens em seu espaço de vivência familiar e comunitário não realiza um trabalho de forma correta, deixando de lado elementos que são imprescindíveis para o trabalho com a Alternância. Nesse sentido, se o monitor não conhece o jovem e sua família, bem como as especificidades da Pedagogia da Alternância seu entorno, ele está rompendo com os princípios da formação a que se submeteu.

Em relação à atuação do monitor, ainda é preciso ressaltar outros desafios: o novo retrato da juventude rural ou das juventudes rurais e a nova realidade do campo brasileiro. Tudo isso exige um novo perfil de educador da alternância. Ele precisa entender esse novo quadro, estar atento às perspectivas das famílias e dessa nova juventude rural em relação à escola. Precisa compreender a realidade atual, tanto no aspecto do momento educacional geral como do cenário da sustentabilidade da agricultura familiar, quanto compreender o mundo, as expectativas e possibilidades da juventude que está sendo formada. Significa também compreender o contexto institucional da EFA, a opção pelo sistema de educação em alternância, identificado como uma alternativa pelos agricultores familiares do Brasil. Neste contexto, o educador da alternância se apresenta como educador social e agente de desenvolvimento local (Entrevista realizada com o senhor JOEL DUARTE BENÍSIO, em 27/10/2014).

A função do monitor na Pedagogia da Alternância possui um caráter generalista, não sendo responsável apenas pela disciplina que lhe compete. Exige um trabalho interdisciplinar, e interescolar em equipe, no qual o sucesso da relação entre escola, família e comunidade, que são a essência da Pedagogia da Alternância, perpassa totalmente pelo monitor; por isso, tanta importância é dada ao seu papel dentro e fora de uma Escola Família Agrícola, bem como na sala de aula, para que tal função seja realizada da forma dinâmica, prática, contextualizada. No entanto, essa função ainda é mediada por uma série de desafios, tanto para o monitor quanto para a Pedagogia da Alternância.

Os principais desafios, eu digo assim que todo projeto bom, todo projeto que tem uma essência boa como você colocou como é caso da Escola Família, evidentemente que os desafios também são grandes, mas os principais desafios que eu sempre enfrentei eu vou citar alguns: primeiro está na própria equipe de monitores, tem uma equipe que pudesse compreender bem a proposta da Pedagogia da Alternância e a partir daí integrar com os demais colegas para desenvolver esse projeto, a gente tem, a gente percebe que muitos educadores eles se empolgam com a Pedagogia da Alternância, mas depois na prática deixa a desejar, que a Pedagogia da Alternância ela exige muito comprometimento do educador com o projeto, exige muita dedicação e conhecimento digamos da realidade de onde está a escola, então o meu maior desafio que eu encontrava era ter equipes que tenha, equipes de fato, monitores, todos os seus membros

fossem comprometidos, conhecem bem a proposta e se empenhasse o suficiente para fazer acontecer (Entrevista realizada com o senhor IDALGIZO JOSÉ MONEQUI, em 29/12/2014).

O monitor na EFA deve estar preparado para as adversidades do dia a dia, vencer os obstáculos da falta de políticas que favoreçam o seu trabalho, pertencendo a um movimento com muitas limitações, entre as quais se destaca a questão econômica do movimento e pessoal, correndo risco de ter salários atrasados ou mesmo defasados em relação ao salário do estado, destacando ainda a inexistência de um plano de carreira, que desmotiva muitas vezes o monitor a buscar mais formação.

Outra questão desafiadora é o reconhecimento da escola para com o poder público. Para uma EFA sobreviver, nem sempre é fácil, e a rotatividade de monitores devido às questões levantadas também é grande, o que, para o movimento, é avaliado como fator negativo.

Para ingressar no MEPES como um monitor, é necessário participar de uma formação em alternância, que é oferecida pelo Centro de Formação e Reflexão do MEPES, a qual é organizada em módulos e também trabalhada no sistema em alternância, em que o monitor permanece um período no centro de formação e outro na escola, aplicando na prática os conhecimentos adquiridos.

A manutenção e formação específica dos educadores/monitores da alternância é um imperativo constante. Uma formação em alternância requer educadores diferenciados, atuando em tempo integral, preferencialmente, com uma formação inicial específica em Pedagogia da Alternância e formação continuada para atualização permanente. Na realidade, as EFAs sempre enfrentaram o problema da elevada rotatividade de seus educadores. Na atual conjuntura, de um Brasil em crescimento econômico e com mais oportunidades de emprego, este fenômeno acontece de uma forma mais acirrada, sobretudo, nos Estados aonde não se avançou nas políticas de financiamento público. De outro lado, houve um esforço das Equipes Pedagógicas Regionais (EPR) e da Equipe Pedagógica Nacional (EPN) na implementação da formação pedagógica inicial e da formação emergencial para qualificar suas equipes educativas (Entrevista realizada com o senhor JOEL DUARTE BENÍSIO, em 27/10/2014).

2.5 HISTORIANDO A ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE RIO NOVO DO SUL-ES

Na década de 1960, Rio Novo do Sul e o Espírito Santo viviam o contexto da erradicação dos cafezais, conforme será apresentado no decorrer deste estudo. A

cafeicultura representava a principal atividade econômica do estado e houve uma ampla adesão, por parte dos agricultores, à política de erradicação.

Proporcionalmente, o Espírito Santo constituiu-se como o estado que mais erradicou café. A crise, nesse sentido, estava relacionada à própria dinâmica da estrutura produtiva, que, devido às suas características, se tornou antieconômica, trazendo para o campo a perda da credibilidade no produto da terra. Todavia, a EFA ainda encontrou dificuldades no início de sua proposta, cujos resultados foram aos poucos sendo concretizados no espaço rural.

Já naquela época a gente sentiu que a escola foi bem aceita no município. Depois da escola feita as reuniões eram sempre lá embaixo no salão da escola, um bom número de pais, aparecia, davam idéias, e tudo mais. Os próprios pais se mostravam interessados de ver o desenvolvimento dos filhos depois que começaram a freqüentar a escola. De início também, houve uma certa, não rejeição, mas o filho chegava em casa e dizia, pai, o senhor esta plantando a bananeira com espaçamento errado não é assim não pai, e o pai então dizia, meu avô plantava assim e sempre colheu, não pai vamos tentar modificar, vamos fazer o seguinte, o senhor me dá aquele pedaço ali e eu vou fazer uma experiência e o senhor planta do seu jeito que eu vou plantar do meu e vamos ver quem é que vai colher primeiro a banana e dava certo que o aluno, sempre no espaçamento certo colhia primeiro do que o pai. Foi uma época difícil, de conscientização, porque era novo (Entrevista realizada com o senhor GETÚLIO DE OLIVEIRA MOTA, em 18/9/2014).

A história da Escola Família Agrícola de Rio Novo do Sul é marcada pela união de pessoas que acreditaram no projeto apresentado por padre Humberto Pietrogrande, um estranho Italiano que chega ao município de Rio Novo do Sul, na década de 1960, com uma proposta de educação diferente, ao mesmo tempo provocante, assustadora e motivadora para os contextos social, econômico e político da época.

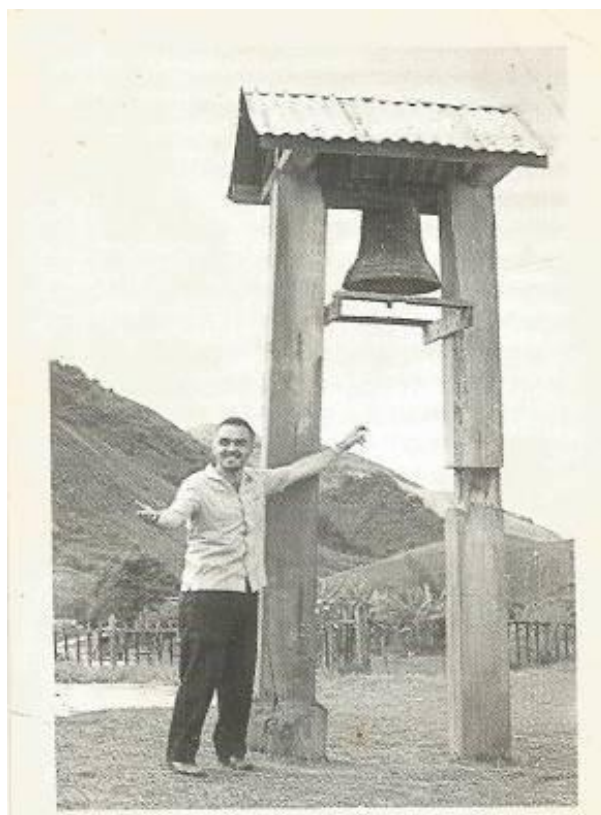
Rio Novo do Sul apresentava um cenário de descrença pelo trabalho no campo, assim como no Espírito Santo, conforme analisado. E foi nesse cenário que a semente da Pedagogia da Alternância foi lançada, que encontrou terra boa, germinou mesmo em meio às intempéries e se destacou produzindo bons frutos.

Essa história se inicia com o primeiro contato entre o padre Humberto Pietrogrande e o município de Rio Novo do Sul, que se fez por intermédio do então pároco da

época de Rio Novo do Sul, padre João Francisco Confalonieri⁴⁹. Este era muito presente nas comunidades e se envolvia nas questões sociais do município, fator que levou a comunidade a se envolver, de forma precisa, no projeto da EFA em Rio Novo do Sul.

Conforme mostra a Figura 6, o padre João Francisco Confalonieri estava em visita às comunidades rurais de Rio Novo do Sul.

Figura 6 – Padre João Francisco Confalonieri



Fonte: Arquivo João Bortolote (2014).

Padre João Confalonieri não era um Padre distante, era um padre muito presente, ia para tudo quanto é lado, falava, animava, ajudava, mandava mais do que o prefeito. O pessoal respeitava mais que o prefeito, mais isso

⁴⁹ Este foi pároco, de origem Italiana, do município de Rio Novo do Sul no período de 1965 a 1969. Era um jovem dinâmico, com espírito revolucionário, democrático, que sempre se envolvia nas questões sociais do município. Ele era um padre muito presente, visitava as famílias da sede e do interior. De início, ia a cavalo e, com o passar do tempo, de Jeep. Ele foi um dos principais articuladores do comitê para fundação do MEPES, bem como para a construção da Escola Família Agrícola de Rio Novo do Sul e o próprio MEPES em sua totalidade. Nas páginas que se seguem no decorrer do texto, observam-se vários depoimentos que transcrevem sua atuação no município e no movimento de construção da EFA de Rio Novo do Sul e também a fundação do MEPES.

por amor, por amizade, para ajudar (Entrevista realizada com a senhora GLÍCIA MAMERI DE AZEVEDO, em 23/10/2014).

Nesse primeiro contato, padre João Francisco Confalonieri indica a Padre Humberto o senhor João Batista Martins, um morador da comunidade de Cachoeirinha no município de Rio Novo do Sul. João Martins era um jovem articulador e ajudaria muito no projeto da Pedagogia da Alternância para Rio Novo e demais regiões do Espírito Santo. Isto data 1964, conforme já discutido anteriormente.

Para entender a chegada da Pedagogia da Alternância a terras rio-novenses, é necessário entender o cenário rural em que o município se encontrava na década de 1960, uma vez que a Pedagogia da Alternância é implantada com um propósito que vai mediado pela realidade, pelo contexto e pela demanda.

É um contexto esfacelado, um contexto muito preocupante, pois a população era menor a produção tinha caído muito devido a erradicação dos cafezais entre 60 e 65. Então o meio rural estava passando por uma crise existencial de permanência do jovem no campo, também naquela época por que o governo pagava para você arrancar o café (Entrevista realizada com o senhor EDINYS ANTÔNIO ORLANDI, em 27/11/2014).

Em sua maioria, como foi o caso de Rio Novo, tal pedagogia é implantada com a proposta de fortalecimento do rural e seus agentes em âmbito social, econômico, bem como no sistema de educação e em outros espaços onde foi institucionalizada a Pedagogia da Alternância. Entender o contexto rural de Rio Novo do Sul nos remete ao debate estabelecido, ao compreender o contexto do cenário rural do Espírito Santo, pois ambos se entrelaçam. *“O pessoal arrancava os cafezais e ficaram sem nada para fazer na roça, sem renda, aí começaram ir para acidade para poder dar mão de obra na cidade”* (Entrevista realizada com o senhor JOÃO BATISTA MARTINS, em 14/9/2014).

Sequenciando o debate referente ao contexto no município de Rio Novo do Sul o senhor João Batista Martins, um dos fundadores do MEPES e concomitantemente da Escola Família Agrícola de Rio novo do Sul, relata, em entrevista realizada, o contexto das décadas de 1960/1970 desde sua vivência naquela época e o seu envolvimento nas questões sociais desse período, tendo enfoque a questão da educação.

Desde muito novo eu via que a comunidade tinha muitas demandas e que a gente tinha dificuldade de dar oportunidades e encontrar solução, isso era um fato e um dos grandes problemas que eu também tinha na própria família era a questão da educação, eu mesmo senti que minhas filhas quando chegaram ao terceiro e quarto ano não tinham como estudar, aonde ir e como fazer, e tal. Então era difícil e como eu não tive oportunidade de estudar eu senti isto muito na carne, e eu era muito às vezes procurado e cobrado e às vezes eu não conseguia dar solução. Por isso eu me envolvi muito cedo nestas questões da organização do sindicato, eu fui um dos fundadores do sindicato dos trabalhadores rurais de Rio Novo do Sul, o padre que chegava em Rio Novo ele me procurava para ajudar resolver os problemas, nós fazíamos mutirões, na época eu lembro padre João quando chegou aqui, o Padre João que era muito dinâmico, quando chegou aqui aí, ele via em mim um aliado forte nestas coisas. Então eu saía com ele por aí, nós fazíamos um movimento abrimos estrada de Mundo Novo a base do enxadão, fazendo mutirão, aquelas coisas (Entrevista realizada com o senhor JOÃO BATISTA MARTINS, em 14/9/2014).

Vale destacar que, para a construção da EFA, a comunidade rio-novense se envolveu completamente no projeto. De início, foi criado um comitê geral de implantação do MEPES e, logo em seguida, foram criados comitês locais nos municípios onde existia a demanda de construção de uma escola, conforme mencionado, os quais tiveram o padre João Francisco Confalonieri como grande incentivador e aliado para a criação da EFA em Rio Novo do Sul e do MEPES, conforme o relato a seguir:

Padre João Francisco Confalonieri, que era o pároco da época aqui em Rio Novo que era muito dinâmico, entusiasmado com a escola, fazia movimentos na época da colheita do café, ele pedia quem pudesse dar da parte da agricultura um pouco de café, então cada um doava o que podia, ele fazia bingos de sacos de café aqui na barraquinha da igreja naquela época, fizemos também um pedágio na BR 101, com faixas, muitas senhoras, muitos senhores, na beira da estrada, policiais rodoviários ajudando e tal. E assim surgiu a ideia de construção da escola. O terreno foi doação da prefeitura municipal. Então foi surgindo assim o movimento. E foi crescendo, dando certo. Muitas senhoras trabalhavam na barraquinha do MEPES, à noite, sempre domingo tinha barraquinha do MEPES após a missa. Na época da construção quando começou a fazer os alicerces, que agora modificou um pouco lá, mais tem muita coisa que ainda continua do mesmo jeito, não tinha aquelas alas novas ainda. Então tinha muitas senhoras com soquete na mão, socando terra junto com areia para poder construir, para fazer o piso da escola. Eu me lembro mamãe, uma turma enorme trabalhando, se doando para isto. Naquela época, mamãe raspava tijolo velho de construção que o pessoal às vezes demolia então vinha aquele mutirão de senhoras para raspar tijolo para levar para baixo para reaproveitar. A escola nasceu assim, com muita dificuldade (Entrevista realizada com o senhor GETÚLIO DE OLIVEIRA MOTA, em 18/9/2014).

Rio Novo do Sul parecia que estava com animação, estavam empolgados com essas novas descobertas da Escola Família Agrícola (Entrevista realizada com o senhor IDALGIZO JOSÉ MONEQUI, em 29/12/2014).

Padre João Francisco Confalonieri abraçou radicalmente a proposta lançada por padre Humberto e lançou-se na perspectiva de buscar apoio comunitário para a construção da até então desconhecida Escola Família Agrícola. Mediante a determinação e incentivo de padre João, a comunidade rio-novense realmente abraçou a proposta e, por meio de mutirões e campanhas regados de muito trabalho e força de vontade, a escola foi aos poucos sendo construída.

Aí começamos a nos mobilizar, por aí já começa a construção de escolas, mobilizar para a questão de terreno, depois para a construção da escola, aí este comitê nosso foi ampliando, tinha os grupos de trabalho que eles faziam campanha para isso, fazia para outros tipos de ajuda, e paralelamente nós começamos a trabalhar quem seriam os nossos primeiros professores, pois precisavam dos primeiros professores... nós tínhamos um comitê central, este comitê central era formado por pessoas aqui da região, e por algumas pessoas de fora, depois este comitê se tornou a junta diretora. E os comitês locais, se transformaram no conselho da escola, que foi também interessante, aquele comitê trabalhou na construção da escola e tal e depois que a escola começou a funcionar, ela tinha um conselho ao invés da associação era o conselho administrativo. Que deste comitê já tinha alguém da prefeitura, alguém da Paróquia, na época tinha alguém da EMATER, também participava, então era um grupo assim (Entrevista realizada com o senhor JOÃO BATISTA MARTINS, em 14/9/2014).

Segundo o senhor João Batista Martins, Rio Novo do Sul foi um dos pioneiros a pensar a proposta de implantação de uma Escola Família Agrícola e ele um dos que, desde a primeira vinda do padre Humberto ao Espírito Santo, já o apoiavam nessa discussão.

Rio Novo foi um dos pioneiros, aliás, o primeiro mesmo foi em Rio Novo. Aí depois nós começamos e ali eu fui, o padre Humberto me pediu para eu fazer parte junto com ele na divulgação em nível da região. Na época não pegava o estado todo, pegava os cinco municípios aqui, que era Rio Novo, Iconha, Alfredo Chaves, Anchieta e Piúma. E eu fiquei fazendo parte deste comitê central, e depois se transformou, o que aconteceu no futuro, com o andamento este comitê local, que começou a fazer o trabalho depois de organização para implantação da escola... (Entrevista realizada com o senhor JOÃO BATISTA MARTINS, em 14/9/2014).

Mediante a formação dos comitês, foi dado início à construção da EFA em Rio Novo do Sul, e necessitava-se primeiramente de um terreno, já que havia um comitê local de criação da escola, bem como uma comunidade empolgada com a nova proposta, esta trazia para o município uma proposta de desenvolvimento. Hoje se observa um debate contrário a essa proposta, conforme se registra no capítulo 4 desta pesquisa.

Eu acho que hoje a escola foi perdendo aos poucos a relação com as comunidades, ela foi perdendo um pouco disso e se tornou um pouco, ela foi ficando muito escola, mais escola do que diria assim comunidade, do que família, ela foi perdendo um pouco, foi reduzindo aos poucos o número de

alunos, foi reduzindo a idade dos alunos, você sabe que no início era o sistema supletivo, o jovem pra poder entrar para a Escola Família tinha que ter no mínimo 14 anos, e depois com a questão do Ensino Fundamental, regular, aí com qualquer idade, a idade dos jovens diminuíram, então a idade diminuía, quer dizer e acredito que escola foi perdendo aos poucos essa relação, esse papel de fomentar as questões do município, parece que agora nos últimos anos está se tentando recuperar, estamos falando da importância de tudo isso, do desenvolvimento comunitário, a escola mais integrada as questões do município, é isso um pouco, eu sinto que precisa de uma escola mais presente, acho nas comunidades (Entrevista realizada com o senhor IDALGIZO JOSÉ MONEQUI, em 29/12/2014).

A escola era naquela época colocada aí como uma animadora do processo de desenvolvimento do município, a escola era uma boa referência (Entrevista realizada com o senhor IDALGIZO JOSÉ MONEQUI, em 29/12/2014).

Naquela época, em Rio Novo do Sul, os jovens do campo também viviam um momento em que a educação estava totalmente descontextualizada da sua realidade e o sistema também os impulsionava a sair do campo rumo a uma ideologia ilusória da cidade. Foi nesse sentido que essa grande caminhada seguia, agora com a aquisição do terreno. No caso de Rio Novo do Sul, foi a prefeitura que comprou e doou. O prefeito, na época, era o senhor Áureo Viana, e a doação se deu conforme relato do senhor João Batista Martins:

Nós começamos a fazer um movimento aqui, então nós fizemos uma reunião com os prefeitos e quando o padre Humberto em Anchieta com os prefeitos ele disse, eu estou precisando de uma área para construir escola, cada prefeitura vê se tem como comprar, se tem como conseguir, com um proprietário um terreno para a gente construir a escola, e eu lembro que eu fui, foi eu e Aureo Viana, aí já era Aureo Viana o prefeito já tinha acabado o mandato do outro e já era Aureo Viana. Aí no meio do povo, Aureo Viana levantou e disse assim, Rio Novo do Sul, pode colocar Rio Novo que nós vamos fazer escola em Rio Novo, ele falou assim, todo mundo ficou olhando, mais Aureo era um cara que tinha visão, ele era danado, aí no caminho ele falou assim, João Martins você viu, coloquei todo mundo quieto. Ninguém falou nada eu levantei e Rio Novo ó. Eu falei mais vem cá, e qual o terreno que você tem para fazer esta escola? Deixa comigo, já sei onde eu vou arrumar, ele já sabia que estava mais ou menos a venda aquele terreno todo ali onde funciona a escola. Resultado. Ele na época, no dia seguinte ele já propôs a compra do terreno todo e ele conseguiu comprar o terreno todo e doou aqueles dois alqueires de terra, a prefeitura pagou a parte do terreno e doou para fazer a escola (Entrevista realizada com o senhor JOÃO BATISTA MARTINS, em 14/9/2014).

E assim se fez de posse do terreno, foram realizados os movimentos comunitários para conseguir construir a escola. Uma vez que esta foi erguida com o apoio de todos os homens, mulheres, jovens e idosos. Destaca-se que as pessoas do município, sejam do campo, sejam da cidade, abraçaram a causa para a

implantação da EFA, e todos quantos podiam contribuir para a efetivação do projeto da escola.

Eu ajudei neste movimento comunitário para construção da escola, porque eu achei importante, quem dera que ficasse mesmo cheia de alunos, vindos do interior, que viesse e voltasse. Então a gente achava isso minha filha, era muito importante para o pessoal do interior que não tinha facilidade de condução. Hoje não, qualquer um sai, pega ônibus, esta mais fácil para a educação aqui, mais para a educação no interior não bem pior. O pessoal esta saindo muito do interior e isso não é bom (Entrevista realizada com a senhora GLÍCIA MAMERI DE AZEVEDO, em 23/10/2014).

E conseguimos na prefeitura naquela época o terreno que seria o básico, para fazer a escola e dali se desenvolver, depois de termos o terreno, nós fizemos os movimentos comunitários, nas comunidades, isto em nível de construção do prédio da escola, não é a fundação (início das atividades), primeiro nós trabalhamos o prédio, três alqueires de terra e o prédio. Foi mais ou menos nesta época, depois eu fui eleito o prefeito em 1970, era o mandato de 1971 e 1972, nesta época nós fizemos aqueles movimentos comunitários, de conseguir dinheiro e depois veio a contratação dos professores, começou o MEPES a funcionar (Entrevista realizada com o senhor JUSTINO MAMERI, em 2/10/2014).

Com o engajamento comunitário, participavam homens, mulheres e crianças, programando festas, promovendo leilões e sorteios com prendas oferecidas pela própria comunidade e cobrando pedágio na BR-101, mutirões, doação de donativos, com o intuito de arrecadar recursos para a construção da escola.

O trabalho para construção da escola... Era assim minha filha, como foi da igreja também, o pessoal daqui ia buscar doações como frangos, alguma coisa na roça, feijão e pediam, olha é lá para a escola do MEPES aí um dava uma coisa, outro dava outra. Eu ajudava na cozinha, nas refeições levava muita coisa de casa, fazia aqueles pães. Era tudo voluntário. Era aquela coisa gostosa, que a pessoa vai para ajudar, isso é muito importante (Entrevista realizada com a senhora GLÍCIA MAMERI DE AZEVEDO, em 23/10/2014).

Segundo relatos, quem muito contribuiu para a vinda da Escola Família Agrícola para Rio Novo, além de padre Humberto foi padre João Confalonieri, conforme já citado, com Dona Ocirema Santos Elyan, a qual era uma líder popular, dona de casa que, na vida pública, nunca assumiu nada, porém estava sempre atenta às necessidades do município e sempre disposta a ajudar nas questões sociais.

Porque a igreja, o Padre João foi um líder, então você sabe o padre liderando, sempre tem um bucado de gente que ele leva junto. Porque o padre estando na frente como um pastor, sempre transmite uma seriedade, uma coisa séria, então pessoal ajudava e ele como era influente na igreja, embarcaram todos (Entrevista realizada com o senhor JUSTINO MAMERI, em 2/10/2014).

Para a construção da escola, houve muito empenho de toda a comunidade, a participação do poder público, da igreja, das comunidades, das pessoas do campo e da cidade. Destaca-se que foi um momento de união do povo, sempre mediado pelos padres João Confalonieri e Humberto Pietrogrande. Porém, não é só uma religião católica que colaborou, mas pessoas de todas as igrejas que também contribuíram.

Uma coisa que influenciou muito é a colônia Italiana, você vê que Anchieta, Alfredo Chaves, Iconha, Rio Novo, é onde a colônia Italiana [...] os padres naquela época eram também italianos, eles criaram lá na Itália e você deve saber a Associação dos Amigos do Espírito Santo, em Pádua, então eles lá tinham um movimento (Entrevista realizada com o senhor JUSTINO MAMERI, em 2/10/2014).

Rio Novo do Sul já então se apossa do terreno e dos trabalhos que estavam sendo realizados para a construção da EFA. Concomitantemente a isso, uma coisa interessante foi que, depois de bastante trabalho, fazendo reuniões constantes com os comitês locais e o comitê central, surge a necessidade de enviar alguns jovens da região sul do Espírito Santo para a Itália, a fim de fazerem um “estágio” intercâmbio nas *Scuola Della Famiglia Rurale*, para conhecer na prática as Escolas Família Agrícola, bem como a sua metodologia, a Pedagogia da Alternância.

O padre Humberto Pietrogrande, com o comitê central, decidiu enviar alguém para a Itália. Para isso, deveriam ser selecionados alguns jovens de Rio Novo, entre os quais foram escolhidos João Braz Bortolote e Mazinho Longui, que foram para a Itália fazer o curso para conhecimento, um curso de formação para ser monitor de Escola Família Agrícola, pois, por aqui, não sabiam na prática ainda como funcionava a Escola Família Agrícola. Chegaram lá em outubro de 1966. Por ironia do destino, nessa viagem, o jovem de Rio Novo Osmar Longui faleceu vítima de um infarto fulminante. Em sua homenagem, a EFA de Rio Novo do Sul foi inaugurada como Escola Família Agrícola Osmar Longui, porém hoje não se aplica mais essa nomenclatura, apenas Escola Família Agrícola de Rio Novo do Sul.

Datada de 1969, mediada e motivada pelo MEPES, a Escola Família Agrícola de Rio Novo do Sul estava pronta, foi uma das primeiras escolas criadas no Brasil contando com as participações de diversas comunidades e entidades locais, bem como de municípios vizinhos. A Figura 7 mostra a comemoração de inauguração da escola.

Figura 7 – Inauguração da EFA de Rio Novo do Sul em 1969



Fonte: Arquivo do senhor Justino Mameri (2014).

A construção que foi feita à base de mutirões, e hoje se encontra em perfeitas condições de uso. Com grande esforço, foi inaugurada no início de 1969. A primeira turma contava 20 alunos matriculados, somente do sexo masculino, todos de precedência rural, utilizando a Pedagogia da Alternância, uma inovação para o Brasil. O curso ministrado tinha a duração de dois anos e os alunos, ao término, adquiriam o título de “Agricultor Técnico”.

Por necessidades diversas, inclusive a de reconhecimento oficial, em 1975 passou-se, então, para o curso Supletivo de Suplência, e o período letivo foi ampliado para três anos. Esse tipo de curso durou 16 anos e a escola, até então, funcionava atendendo ainda apenas clientela masculina. As famílias eram muito tradicionais e não aceitavam que meninos e meninas estudassem juntos, principalmente porque a escola era regime de internato, por isso acreditavam que meninos e meninas juntos não era uma proposta aceitável.

Para atender às necessidades do meio e da própria visão da escola, foram necessárias mudanças em sua caminhada. Em 1984, os pais em assembleia aceitaram a inclusão de suas filhas para o curso Supletivo de Suplência, demonstrando, assim, uma quebra do machismo e a valorização da própria mulher.

No entanto, a escola também passou por diversas dificuldades, na qual se destaca o período de 1979 a 1985, um período de crise financeira, queda no número de alunos e forte distanciamento comunitário, bem como a pouca participação dos pais, sendo este um fator crucial no sistema da Pedagogia da Alternância, chegando até, em 1985, a cogitar o fechamento da escola.

Um dos problemas que fizeram com que a escola entrasse em crise foi a questão da idade, pois, no regime de Supletivo de Suplência, só era permitida a entrada de alunos que tivessem idade superior a 14 anos e o 4.º ano primário completo. Porém, os alunos normalmente concluíam bem mais novos a 4.ª série, com 10 a 11 anos. Portanto, para ingressarem na escola, teriam que esperar completar seus 14 anos, fator de desestímulo, o que levava os alunos a buscar outras escolas “tradicionais”. Essa situação, no entanto, foi repensada, e a solução foi mudar o curso, passando de Supletivo de Suplência para Seriado (da 5.ª à 8.ª série).

O curso seriado começou em 1989, com duração de quatro anos (séries), não tinha exigência de idade mínima para ingressar na EFA. Essa mudança provocou um grande aumento no número de alunos, pois, concluindo o ensino primário, já podiam ingressar na EFA. Devido ao aumento da demanda, houve necessidade de ampliar as instalações físicas, e assim se fez. Foi realizado, nesse período, um bom trabalho de base com diversos trabalhos de divulgação da escola nas comunidades.

A Escola Família Agrícola de Rio Novo do Sul é reconhecida oficialmente e regulamentada pelos Pareceres n.º 24/71 e 130/74 do Conselho Estadual de Educação.

Atualmente a EFA de Rio Novo do Sul tem 45 anos de experiência educacional no meio rural, a Escola Família Agrícola, contribuindo para o desenvolvimento das comunidades e oportunizando às famílias o acesso a uma educação de acordo com sua realidade no campo, atendendo, desse modo, às necessidades e perspectivas dos agricultores.

No entanto, depois de passados os 45 anos, percebe-se que a EFA está perdendo sua magnitude no município de Rio Novo do Sul, está sendo apagada por falta de apoio e incentivo. Destaca-se também a responsabilidade da EFA nessa questão, porque ela se afastou das comunidades, o que, para o sistema em alternância que nasceu mediado pelo esforço das comunidades, não tê-la por aliada é quase um “Suicídio Pedagógico”⁵⁰.

Não foi a Pedagogia da Alternância imposta de fora pra dentro, mais foi uma pedagogia que foi surgindo foi uma proposta de dentro da comunidade, o que é que você quer? O que é que você pretende pra si? E o que parte de dentro da discussão ela é uma força interior, é uma resistência ao que vem de fora e essa questão da política da participação, ela é muito forte sobretudo, no início, a participação da comunidade, a participação da família, a participação dos alunos no cotidiano da escola, isso no início era muito mais forte, hoje em dia a comunidade está ausente, a família com a participação muito pouca e os alunos muitas vezes tem que obedecer aquilo que alguns monitores querem (Entrevista realizada com o PADRE FIRMINO COSTA MARTINS, em 31/10/2014).

Essa questão será mais bem ilustrada no capítulo 4, o qual apresenta a visão das comunidades para com a EFA hoje, visto que este distanciamento entre a escola e a comunidade vem sendo percebido em todas as comunidades visitadas. E isso para a EFA e para o movimento se torna um alerta e uma necessidade de resgatar o vínculo escola, família e comunidade para que a Pedagogia da Alternância volte a se efetivar no município.

A Escola Família Agrícola de Rio Novo do Sul, assim como as demais EFA, possuem como parceira uma associação formada pelos pais dos alunos e também de alguns ex-alunos. Em Rio Novo do Sul, a Associação da Escola Família Agrícola Rio-novense (AEFAR) surge a fim de impulsionar a construção da Escola Família Agrícola em Rio Novo do Sul, em 1968, que primeiramente se iniciou como comitê de construção, rumo a uma organização associativa, mais tarde, foi criado um conselho administrativo que funcionou até 1991, quando foi criado a AEFAR, que data de 90 de novembro de 1991. Foi à primeira associação criada por agricultores das EFA do Sul do estado do Espírito Santo.

⁵⁰ O termo “Suicídio Pedagógico” parece muito forte neste debate, no entanto este foi estabelecido fruto do trabalho de campo realizado nas comunidades do interior de Rio Novo do Sul. Estas em sua maioria destacaram um distanciamento entre a EFA e as comunidades, e isto para o sistema em alternância tornam-se uma questão problemática muito séria.

Essa associação surgiu definitivamente, pois havia a necessidade de uma organização que tivesse personalidade jurídica e também participasse da vida da escola nas decisões político-administrativas, tornando-se parceira número um do MEPES e facilitando a administração da unidade.

A AEFAR tem por objetivo realizar um trabalho ligado aos pais de alunos, ex-alunos e lideranças que comungam os ideais dessa associação e da Pedagogia da Alternância. Conforme o art. 3.º, a AEFAR tem por finalidade a promoção integral da pessoa humana, buscando promover a educação e desenvolvimento da cultura por meio da ação comunitária, num leque de atividades inerentes ao interesse da agricultura, e principalmente a elevação social do agricultor sob o aspecto religioso, intelectual, técnico, sanitário, econômico, incentivando a tecnologia alternativa na agricultura regenerativa.

Os sócios da AEFAR contribuem mensalmente com 1% do salário mínimo. Esse recurso é disponibilizado para ações que promovam o desenvolvimento da instituição educacional em que ela está inserida. Por intermédio da AEFAR, são firmados convênios com as Prefeituras Municipais de Rio Novo do Sul e de Itapemirim para repasse de recurso para a EFA, que é revertido para suprir gastos da escola.

Nesse sentido, a EFA, no município de Rio Novo do Sul, surge como uma proposta dentro da comunidade, fator que a fez ganhar força nas décadas de 1960/1970. No entanto, hoje se tem uma nova visão dessa metodologia, pois a participação das comunidades não está se efetivando, conforme estabelecido em sua proposta inicial.

3 CONTEXTUALIZAÇÃO DA HISTÓRIA AGRÁRIA DO ESTUDO: UMA ANÁLISE SOBRE RIO NOVO DO SUL, O ESPÍRITO SANTO E O BRASIL

Contextualizar o estudo na perspectiva da geografia agrária requer uma análise do território partindo de uma escala local, ou seja, a área de estudo do município de Rio Novo do Sul, relacionando-a com a do Espírito Santo e o Brasil, partindo de olhares ora diversos, ora semelhantes sobre o contexto e o período de análise.

Historicamente esses espaços se entrelaçam, pois a agricultura historicamente se caracterizou pelas diversas formas organizar o espaço geográfico, sendo ainda hoje constituída de funções sociais, econômicas e culturais diversas. Esse fator revela a necessidade de uma análise geral para melhor compreensão dos fenômenos oriundos do desenvolvimento rural.

Para mediar o debate, Zamberlan (2003, p. 8-9) destaca que, durante mais de um século, o território capixaba ficou “abandonado”. Tal abandono serviu como “muralha vegetal” para evitar a ocupação estrangeira do território mineiro durante a época de mineração (minas de ouro e pedras preciosas, desde o fim do séc. XVII até parte da segunda metade do séc. XVIII). O estado começou sua recuperação socioeconômica durante o império, após a vinda da Corte Portuguesa para o Brasil, em 1821, com a lavoura cafeeira e a imigração europeia: primeiramente, por meio dos imigrantes portugueses, seguidos dos suíços (pequeno grupo na década de 1840), dos alemães, desde o fim da década de 1840 até quase o fim do séc. XIX, dos italianos, desde 1875 (a maioria proveniente do nordeste da Itália, regiões de Veneto, Lombardia, Trentino Alto-Adige, Emilia Romagna, Piemonte, Friuli e outros), dos poloneses, quase contemporâneos dos italianos, além de outros que se instalaram no interior, em pequenas colônias, vilas e ajudaram a desbravar o território.

Referentemente ao nascimento da colônia de Rio Novo, esta se contradiz em relação à do Espírito Santo, no que se refere à forma de colonização, pois Rio Novo nasce não para atender às exigências de povoamento da província. Porém, Rio Novo foi construído a partir de um pequeno núcleo de pequenos proprietários

agricultores, inspirados nos grandes latifúndios, uma vez que, no Sul do Espírito Santo, havia algumas fazendas, porém não eram tão importantes, tanto que depois elas se esfacelaram, foram repartidas, porque não conseguira sobreviver.

Comparando a colônia de Rio Novo do Sul com a lógica de produção do espaço capixaba, este segundo estabeleceu um processo inverso ao verificado na maioria dos estados brasileiros e tinha uma situação particular, uma vez que os fazendeiros não conseguiam atrair muitos imigrantes para trabalhar em suas terras, como acontecia em outros lugares, por exemplo, São Paulo. Os imigrantes aqui tinham condições muito mais favoráveis como de parcerias, pois para eles aquilo era coisa passageira e logo conseguiam dinheiro para comprar suas terras.

Assim, enquanto nesses estados se consolidava o latifúndio no fim do século XIX e durante grande parte do XX, no Espírito Santo a formação espacial caracterizava-se pelo predomínio de uma estrutura produtiva fundada na pequena propriedade, no trabalho familiar e na ausência de recursos técnicos mediado na fragmentação do latifúndio.

A construção da pequena propriedade no Espírito Santo deu-se pela abolição da escravidão e pela chegada do imigrante europeu. Assim, a política de imigração desenvolvida no Espírito Santo proporcionava ao imigrante o acesso à pequena propriedade, ao contrário do que acontecia nos demais estados do Brasil.

Uma das particularidades fundamentais da formação sócio espacial do Espírito Santo reside na constituição da pequena propriedade rural, fundada no trabalho familiar. No âmbito da transição do trabalho compulsório para o trabalho livre, a forma pela qual o governo central conduziu a política imigratória para a Província capixaba, promoveu a fragmentação da grande propriedade e a difusão da pequena propriedade. Como estratégia para atrair imigrantes para outras regiões do país, utilizaram o Espírito Santo como propaganda, pois nessa Província o imigrante europeu teve acesso à propriedade da terra e não substituiu o trabalho escravo nas fazendas de café, conforme ocorrido em outras regiões cafeeiras do país (BERGAMIM, 2004, p. 160).

O município de Rio Novo do Sul participou da dinâmica Sul do Espírito Santo. As terras em que atualmente se encontra o município de Rio Novo do Sul constituíram a antiga Imperial Colônia do Rio Novo, sendo fundada no interior do município de Itapemirim. O povoamento da região deve-se à pertinácia do português Major

Caetano Dias da Silva, proprietário no município de Itapemirim, que, em 1855, por intermédio da Associação Colonial do Rio Novo, obteve do governo autorização para explorar as terras devolutas que formavam toda aquela região, excetuadas apenas as terras pertencentes à Família Salles, hoje denominada São Domingos. Major Caetano Dias da Silva possuía um engenho movido a vapor para a produção de açúcar, que, naquela época, era o auge da produção e da economia.

A fazenda do Limão no município de Itapemirim fazia parte do litoral capixaba, na qual a ocupação da capitania do Espírito Santo, até o século XIX, restringia-se apenas à fundação de alguns núcleos populacionais esparsos e localizados nesse litoral. Nesse período, a produção de açúcar traduzia-se na principal atividade econômica do Espírito Santo, a qual sustentava a economia capixaba. O açúcar era o principal produto agrícola até meados do século XIX, destacando-se, nessa produção, a região de Itapemirim, que era responsável por mais da metade dela.

Grosselli (2008) revela que a iniciativa do Major Caetano nasceu de uma solicitação do governo brasileiro que, com a Lei 601, de 18 de setembro de 1850, a Lei de Terras⁵¹, estabeleceu uma normativa referente à colonização. Assim, a colônia Rio Novo surgiu nas vizinhanças da fazenda de cana-de-açúcar, denominada Limão em Itapemirim, a qual se situava no sul do Espírito Santo, à margem esquerda de Rio Novo. Mediada pelo Decreto Imperial 1.566, de 24 de fevereiro de 1855, fornecia base jurídica ao novo estabelecimento colonial.

Anteriormente a isso, a história do município de Rio Novo do Sul-ES se iniciou em 30 de dezembro de 1854, quando foi fundada, no Rio de Janeiro, a Associação Colonial de Rio Novo, cujo presidente foi Major Caetano. De acordo com Grosselli

⁵¹ Chegavam ao país os primeiros trabalhadores imigrantes. Era a transição da mão de obra escrava para assalariada. Senão houvesse uma regulamentação e uma fiscalização de empregados pelo governo, esses estrangeiros se tornariam proprietários, fazendo concorrência aos grandes latifúndios. Ficou estabelecido, desde essa data, que só poderiam adquirir terras por compra e venda ou por doação do Estado. Não seria mais permitido obter terras por meio de posse, a chamada usucapião. Aqueles que já ocupavam algum lote receberam o título de proprietário. A única exigência era residir e produzir nessa localidade. Promulgada por D. Pedro II, essa lei contribuiu para preservar a péssima estrutura fundiária no país e privilegiar velhos fazendeiros. As maiores e melhores terras ficaram concentradas nas mãos dos antigos proprietários e passaram às outras gerações como herança de família. Essa análise será retomada no capítulo 3 desta dissertação com maior detalhamento, bem como na página 155 desta pesquisa.

(2008, p. 235), esse foi talvez o primeiro empresário agrícola do Espírito Santo a se aperceber que a época da escravidão estava chegando ao fim e era necessário voltar-se para a Europa ou outros continentes em busca de braços para a agricultura brasileira, os imigrantes.

Rio Novo do Sul é um território desmembrado de outro, no caso Itapemirim, este se constituía pela grande fazenda do Limão. Com o desmembramento, cria-se a colônia de Rio Novo, formada por pequenas propriedades cultivadas pelos imigrantes europeus.

Também no território capixaba, e com as modificações realizadas nas relações de trabalho, começa a surgir e a propagar-se a pequena propriedade rural, principalmente na região Sul. No entanto, essa nova estrutura produtiva baseia-se ainda na monocultura do café. A agricultura familiar foi, assim, expressiva para a ocupação do estado, a qual vem contrapondo-se à hegemonia do latifúndio.

Observa-se, então, que, na história agrária do Brasil, a pequena propriedade rural no Espírito Santo surge com essa contraposição, por meio da qual Bergamin e Júnior (s.d., p. 2) remetem uma crítica à Lei de Terras em relação ao acesso à agricultura familiar.

A constituição do latifúndio é um fato que permeou o processo histórico de formação socioespacial brasileiro. Das Capitânicas Hereditárias aos incentivos fiscais da década de 1970, as políticas oficiais implementadas consolidaram e asseguraram a reprodução da grande propriedade. Em contrapartida, a formação da pequena propriedade esbarrou-se nos limites impostos à sua constituição pela hegemonia do latifúndio. Para exemplificar, a Lei de Terras, aprovada em 1850, trouxe em seu bojo mecanismos para dificultar o acesso à propriedade da terra a determinados segmentos sociais e, dessa forma, reafirmar a instituição do latifúndio como opção para o desenvolvimento do país.

Ainda para os autores citados, contrariando essa lógica, destaca-se o processo de formação socioespacial do Espírito Santo. No âmbito da transição do trabalho compulsório para a mão de obra livre, não só a província foi palco da implementação de políticas oficiais voltadas para a constituição da pequena propriedade rural de caráter essencialmente familiar, bem como a grande propriedade, então constituída, passou por um processo de fragmentação.

Para explicar as alterações na estrutura fundiária dois aspectos precisam ser considerados. Em primeiro lugar, destaca-se a utilização do Espírito Santo como propaganda para atrair imigrantes europeus para trabalhar no país. Nessa Província o imigrante teve acesso à propriedade da terra e não substituiu a mão-de-obra escrava nas lavouras de café, conforme verificado em São Paulo, por exemplo. Em segundo lugar os fazendeiros capixabas, devido a algumas questões que não cabem ser analisadas no momento, mantiveram-se alheios ao processo abolicionista em curso no país e tampouco interferiram na condução da política migratória para a Província. Tal comportamento levou-os a não se prepararem para as transformações nas relações de trabalho, o que resultou na falência e consequente fragmentação das fazendas, quando ocorreu a abolição da escravidão. (BERGAMI; JÚNIOR, s.d., p. 2).

Na análise sobre Rio Novo do Sul, o desbravamento da então colônia surge para fornecer braços aos latifúndios. Partindo da localidade denominada Pau D'Alho, cujas terras eram banhadas pelo rio Rio Novo e alguns afluentes, mas as raras e provisórias construções que ali se fizeram paulatinamente foram sendo abandonadas. Desse modo, o atual território que compreende hoje o município de Rio Novo do Sul foi sendo conquistado aos poucos.

O primeiro território era composto das seguintes seções: Capim Angola, Deserto, Mundo Novo, Pau D'Alho, São Caetano, Santa Rita e São Vicente. Quando Major Caetano adquiriu, por concessão, o primeiro território, já existia uma posse, que foi respeitada. Essas eram as terras pertencentes aos Salles, a qual hoje é denominada comunidade de São Domingos. Por volta dos anos 1860 e 1870, começou a projetar-se outra sede colonial, sendo então denominada Santo Antônio.

Para colonizar as terras na colônia de Rio Novo, bem como no Espírito Santo, foi necessário buscar mão de obra estrangeira, principalmente Europeia, e, assim, o Major Caetano Dias da Silva buscou colonos estrangeiros e, por volta de 1875, a colônia já era tomada por diversas nacionalidades, como os suíços⁵², belgas, holandeses, franceses, italianos, alemães e austríacos. Destaca-se que Major Caetano era um traficante negreiro e tinha, sob sua custódia, mais de 70 escravos, sendo essa sua principal força de trabalho naquela época e também aqui na colônia.

⁵² Hoje ainda, em grande quantidade, no município de Rio Novo do Sul, que conserva a tradição, e todos os anos, realiza-se uma festa da cultura suíça no município.

Ao destacar a questão da imigração, deve-se levar em consideração que a Lei de Terras, levou o governo a tomar medidas que em nada os beneficiou.

É impossível falar do espaço agrário brasileiro, sobretudo da renda da terra, sem mencionar a Lei de Terras de 1850, na qual estabeleceu que todas as terras devolutas do território nacional pertenciam ao Estado brasileiro e somente poderiam ser adquiridas por meio da compra. A edição dessa lei está intimamente ligada às estratégias adotadas pelas classes dominantes frente às restrições ao tráfico de trabalhadores escravos que vão se conformando na primeira metade do século XIX, já que como forma de suprir a demandas de mão-de-obra nos latifúndios, dar-se-ia início aos incentivos a imigração estrangeira. Todavia, esses trabalhadores estrangeiros não eram cativos e não teriam, ao menos em tese, a obrigação de se sujeitar ao trabalho nos latifúndios, sobretudo em virtude da infinidade de terras livres e não utilizadas para fins agrícolas onde poderiam vir a se estabelecer e trabalhar de forma autônoma. Por isso, para assegurar o propósito de utilizá-los em substituição aos escravos, era necessário impedir-lhes de ter acesso a terra (NETO, 2012, p. 127).

Zamberlam (2003) enfatiza que foi a maioria dos imigrantes europeus que introduziu a “propriedade familiar” no Espírito Santo, expulsos de territórios europeus, onde a reestruturação dos países e das economias, de alguma maneira, obrigava amplos contingentes de trabalhadores do campo e das vilas a sair de suas regiões à busca do cultivo de terras.

Esses imigrantes, ao chegarem às terras de Rio Novo, recebiam lotes para trabalhar neles. No entanto, a terra não era toda do governo, grande parte das terras era reivindicada pelos índios, os quais infelizmente, como em tantos outros lugares, também perderam suas terras para a colônia. É um grande equívoco, portanto, definir o território do Espírito Santo, assim como o de Rio Novo do Sul, durante o século XIX como um enorme “vazio demográfico”, conforme citado anteriormente, totalmente disponível à ação colonizadora oficial e aos novos imigrantes.

Também em Rio Novo, os primeiros imigrantes que receberam suas terras não a recebiam em sua totalidade, mas podiam gozar do domínio das terras, embora não fossem seus proprietários. Muitos terrenos também eram de péssima qualidade, pedregosos ou em pântanos alagados, o que os tornava inadequados para o plantio.

Outro fator interessante destacado por Grosselli (2008) é que um dos motivos dos atrasos do desenvolvimento de Rio Novo foi o fato de haver nessas terras uma diversidade muito grande de nacionalidades. Assim, os colonos viviam em pequenas

comunidades fechadas, não sendo oferecidas aos colonos ainda condições de vida que permitissem um rápido e fácil processo de adaptação e aculturação. Destaca-se que a maior parte dos colonos que chegaram em 1861 não conseguiu saldar sua dívida com a associação, fazendo com que muitos se tornassem meeiros. Outros, porém, se tornavam proprietários de terra; outros eram submetidos a contratos diversos.

Por volta de 1861, a colônia de Rio Novo tornou-se propriedade do Estado. Desse modo, entre os bens adquiridos pelo Estado, destacam-se os terrenos de alta qualidade e adequados ao cultivo, mas também outros poucos ou nada produtivos. Em 1862, foi demarcado um segundo território para fazer também parte da colônia, o qual, por sua vez, possuía terras de excelente qualidade e extremamente férteis. Em 1869, estabeleceram-se, nessa nova região, alguns colonos brasileiros, porém essas terras permaneceram sem a continuidade de colonização, durante algum tempo.

Até por volta de 1860, ainda faltavam na colônia serviços mínimos, porém indispensáveis à vida dos colonos, como assistência médica e religiosa. Dom Pedro II, em sua visita à colônia, concede-lhe o título de “Imperial” e relata que não havia, em Rio Novo, nem padre nem igrejas, muitos colonos reclamavam por quebra de contrato, falta de transportes, preços exorbitantes das mercadorias; ademais, destaca-se uma colônia desorganizada, infestada por malárias e outras doenças. Em 1866, instalam-se, na colônia, um sacerdote católico e um médico. E, em 1868, a capela começa a ser construída.

A situação da colônia ainda era precária, faltavam estradas, com presença de muitas florestas impenetráveis, torrentes invencíveis, os sistemas agrícolas em vigor caíam em vícios de rotina, com considerável inferioridade de qualidade quanto à produção do café local, uma vez que os sistemas de cultivo utilizados eram inadequados.

Mesmo diante de tantas dificuldades, segundo Grosselli (2008, p. 246), em 7 de outubro de 1871, iniciou-se uma nova fase e, no curso de menos de uma década, ocorreu um desenvolvimento considerável, bem como a criação de bases para a

ocupação de uma ampla faixa de território espírito-santense, por parte dos colonos europeus. Nessa data, foi nomeado diretor Joaquim Adolpho Pinto Pacca, homem que ligaria indissolavelmente seu nome aos acontecimentos da colônia, o qual esteve na direção de Rio Novo até sua emancipação.

Concomitantemente a isso, muitos imigrantes iam chegando às terras de Rio Novo, no sentido de promover o desenvolvimento da região, e as terras da antiga colônia eram vendidas, em pequenos lotes, aos imigrantes que o major Caetano trouxera da Europa, e o cenário ia transformando-se com o passar do tempo.

Em Rio Novo do Sul, outro fator a ser destacado no desenvolvimento da colônia foi o cultivo do café, que teve seus preços em constante progresso, melhorando a economia provincial e das colônias. No entanto, apenas em dinheiro podia ser traduzido o café, cujo cultivo foi em massa, pois era o produto que mais representava as exportações. Em 1871, destaca-se a madeira como um importante produto para a colônia, por ser de fácil aquisição, em abundância e de boa qualidade, o que fez com que alguns comerciantes desse produto comprassem lotes de terra apenas com esse objetivo.

Para Grosselli (2008), em 1874 não haviam sido abertos muitos estabelecimentos de artesãos e de trabalho dos produtos agrícolas em Rio Novo. Nessa época, contava a colônia com duas padarias, seis moinhos, uma serra a água, uma serraria, duas pequenas fábricas de tijolos e telhas, além de oito maquinarias para limpeza do café. Nessa mesma época, podiam-se destacar algumas profissões que existiam na colônia, em 1874, além dos agricultores, um padre, um médico, um farmacêutico, diretor ajudante médico, contador, três professores, um capelão, um diretor, um contador, dois agrimensores, também um pastor protestante que vinha periodicamente de Santa Leopoldina.

No entanto, faltava um pequeno hospital, enfermeira e uma prisão. Inicia-se também a construção de uma escola feminina e uma igreja para os protestantes. Construiu-se ainda uma escola para meninos em 1873; no entanto, poucos se interessavam pela instrução, pela ida à escola, e um dos fatores em questão era a grande

distância percorrida da casa à escola, o que gerava a desmotivação dos jovens e crianças para o conhecimento.

Em 6 de março de 1880, segundo o IBGE, Rio Novo passou a se constituir distrito do município de Itapemirim. Em seguida, em 1893, foi então criado o município de Rio Novo, com território desmembrado do município de Itapemirim. Sua instalação ocorreu em 6 de janeiro de 1894. Finalmente, o município passou a denominar-se Rio Novo do Sul, por motivo do rio que serve de limite municipal; ao sul e sudeste, deu origem ao topônimo Rio Novo do Sul.

No entanto, na década de 1960, mais precisamente em 1968, a zona rural de Rio Novo do Sul era formada por comunidade geograficamente isolada, onde cada comunidade tinha o seu núcleo principal, formado de igreja, escola, um pequeno comércio em alguns lugares e algumas moradias. Observava-se que as famílias em geral residiam em casas muito distantes umas das outras, o que dificultava o contato das pessoas entre si⁵³. Os meios de comunicação com o interior eram considerados precários, devido à deficiência ou inexistência de estradas.

O mesmo relatório registra que, nessa década, Rio Novo do Sul, destacando a área rural, apresentava uma população muito jovem e também criança, com 70,9% de pessoas com idade até 29 anos⁵⁴.

Referindo-se à situação profissional da população economicamente ativa que residia na área rural, na década de 1960, ilustrada na Tabela 3, se destacava a atividade agrícola, composta de 73,2% da população residente no campo. Esses dados também se encontram ilustrados nas análises coletadas em campo.

⁵³ Texto extraído do Levantamento Socioeconômico do Município de Rio Novo do Sul/1968. Realizado pelo Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo.

⁵⁴ Este dado está ilustrado na análise de dados no capítulo 4, quando se discute a juventude no rural hoje e na década de 1960. Foi possível observar que o quantitativo de jovens hoje é menor e, em suma, não está se envolvendo nas atividades agrícolas como sucessão da família. No capítulo 1, também se engloba o debate da juventude do campo.

TABELA 1 – CONDIÇÃO DE TRABALHO EM RIO NOVO DO SUL, EM 1960

2.4 - Situação Profissional

2.4.1 - Condição atual de trabalho das pessoas
acima de 12 anos - Quadro XVI

Ocupação	Total		Zona Urbana		Zona Suburbana		Zona Rural	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Pessoas de 12 anos e Mais -----	2.754	100,0	644	100,0	538	100,0	1.572	100,0
Lavoura -----	2.014	73,2	145	22,5	362	32,6	1.507	95,7
Pecuária (braçal) ----	20	0,7	2	0,3	8	1,5	10	0,6
Indústria (proprietário)-	12	0,4	10	1,5	2	0,4	-	-
Indústria (operário)-	41	1,5	29	4,5	11	2,0	1	0,1
Comércio(proprietário)-	67	2,4	53	8,2	11	2,0	3	0,2
Comércio(assalariado)-	31	1,1	23	3,6	4	0,7	4	0,3
Construção Civil -----	32	1,2	19	3,0	12	2,2	1	0,1
Transporte -----	55	2,0	45	7,0	9	1,7	1	0,1
Oficina -----	47	1,7	35	5,4	10	1,8	2	0,1
Serviço Público -----	114	4,2	94	14,6	16	3,0	4	0,3
Profissão Liberal -----	6	0,2	6	1,0	-	-	-	-
Serviço Doméstico -----	144	5,2	88	13,6	36	6,6	20	1,2
Biscate -----	151	5,5	83	12,9	52	9,6	16	1,1
Outras Profissões ----	20	0,7	12	1,9	5	0,9	3	0,2

(1) - Refere-se ao Serviço Doméstico remunerado

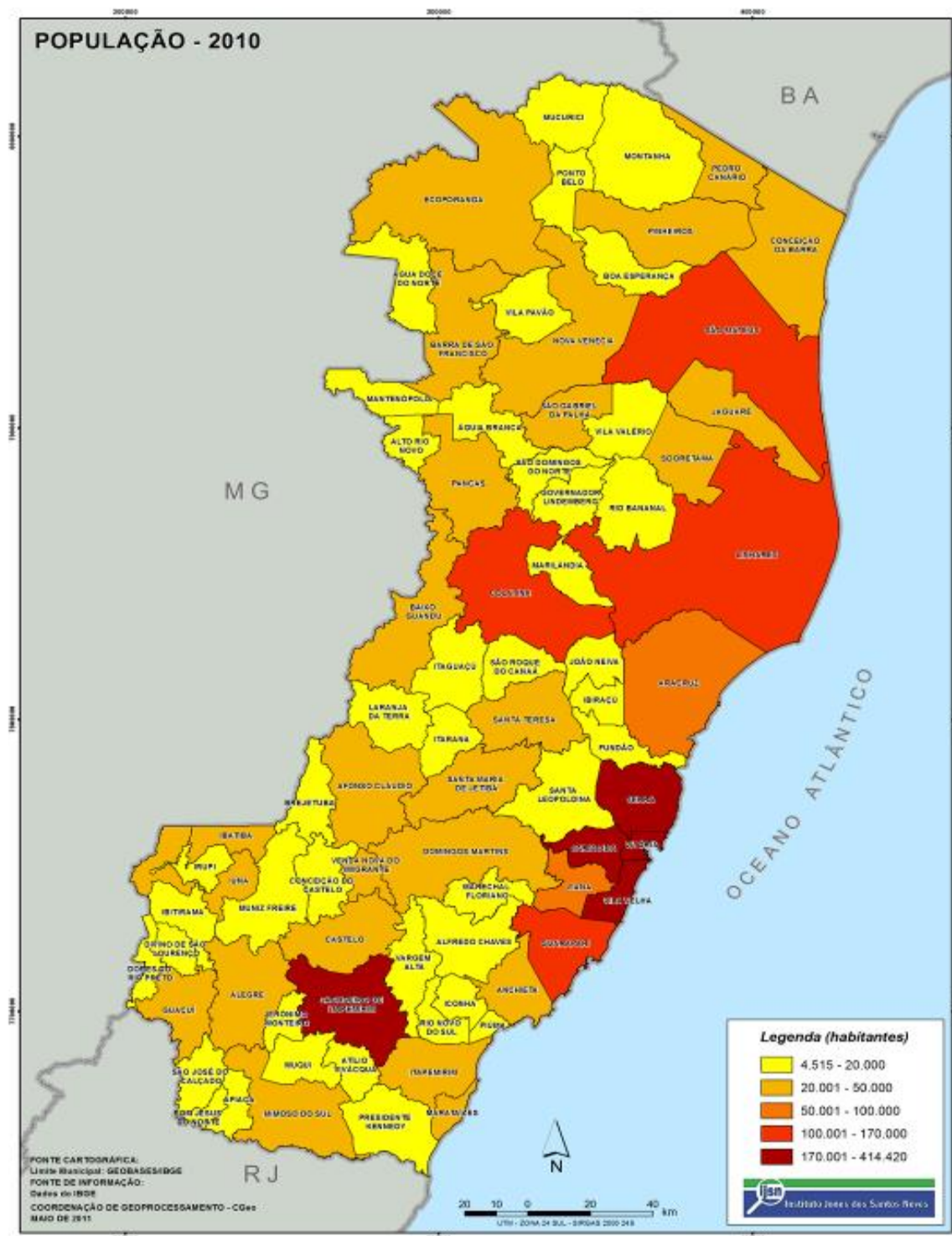
A Comunidade estudada é eminentemente agrícola; haja vista que a sua população ativa é em grande parte composta de agricultores (73,2%).

A propósito das pessoas inseridas em outros ramos de trabalho (27,8%), observa-se que a maioria se dedica ao Biscate (5,5%), Serviço Doméstico (5,2%), Serviço Público (4,2%) e ao Comércio em geral (3,5%).

Fonte: Levantamento Socioeconômico do Município de Rio Novo do Sul/1968, realizado pelo Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo.

Rio Novo do Sul está localizado na Região Sul (4) do Espírito Santo, Microrregião (11) Polo Cachoeiro (litoral sul), tendo como municípios limítrofes Alfredo Chaves ao norte, Iconha e Piúma ao leste, Vargem Alta ao oeste e Itapemirim ao sul. Possui uma área territorial de 204Km² segundo dados do IBGE, apresentando uma população, segundo o censo de 2010, de 11.325 habitantes, conforme ilustra o Mapa 5.

Mapa 5 – População do Espírito Santo em 2010



Desse total, 5.397 estão localizados na área rural e 5.946 na área urbana. Observa-se que, embora o município seja predominantemente rural, a maior parte de sua

associados. Segundo o Escritório Local do INCAPER de Rio Novo do Sul – 2014, as associações rurais do Município de Rio Novo do Sul e as respectivas comunidades são as seguintes (Quadro 3)⁵⁵:

Quadro 3 – Associações comunitárias no município de Rio Novo do sul

Sigla	Nome	Comunidade
AAVV	Associação dos Agricultores de Virgínia Velha	Virgínia Velha
ADERIR	Associação de Desenvolvimento Comunitário de Ribeirão	Ribeirão
AFAMA	Associação das Famílias de Monte Alegre	Monte Alegre
AFANOVA	Associação das Famílias Rurais de Virgínia Nova	Virgínia Nova
AGRICON	Associação Agrícola e Comunitária de Concórdia e Cananeia	Concórdia e Cananeia
AMCM	Associação dos Moradores de Couro dos Monos	Couro dos Monos
AMISF	Associação dos Moradores de Itataíba e São Francisco	Itataíba e São Francisco
AMOCA	Associação dos Moradores de Cachoeirinha	Cachoeirinha
APMCCM	Associação de Produtores e Moradores de Copaíba e Cachoeira do Meio	Copaíba e Cachoeira do Meio
ASCOCAN	Associação Comunitária de Capim Angola	Capim Angola
ASCODEP	Associação Comunitária de Princesa	Princesa
ASCOQ	Associação Comunitária de Quarteirão de Sant'Ana	Quarteirão de Sant'Ana
ASCOSV	Associação Comunitária de São Vicente	São Vicente
ASCOV	Associação Comunitária de Vila Alegre	Vila Alegre
ASCSD	Associação Comunitária de São Domingos	São Domingos
ASFAR	Associação das Famílias Rurais de Arroio das Pedras	Arroio das Pedras
ASFASAR	Associação das Famílias de Santa Rita	Santa Rita
ASNOVO	Associação Comunitária de Mundo Novo	Mundo Novo
AEFAR	Associação da Escola Família Agrícola Rio-novense	EFA – Rio Novo do Sul

Fonte: Escritório local do INCAPER de Rio Novo do Sul (2014).

A estrutura fundiária do município de Rio Novo do Sul retrata o predomínio das pequenas propriedades, onde se observa um forte potencial para a diversificação agrícola. Os trabalhos de cuidar da terra, bem como outras atividades existentes, são realizados pela própria família ou no regime de parcerias agrícolas, com colonos formalizados por contratos agrícolas, ou de maneira informal na época de colheita do café, quando a mão de obra aumenta significativamente e apenas a mão de obra familiar não supre a demanda. No município não existem assentamentos rurais e as terras foram adquiridas por herança ou compradas pelas famílias.

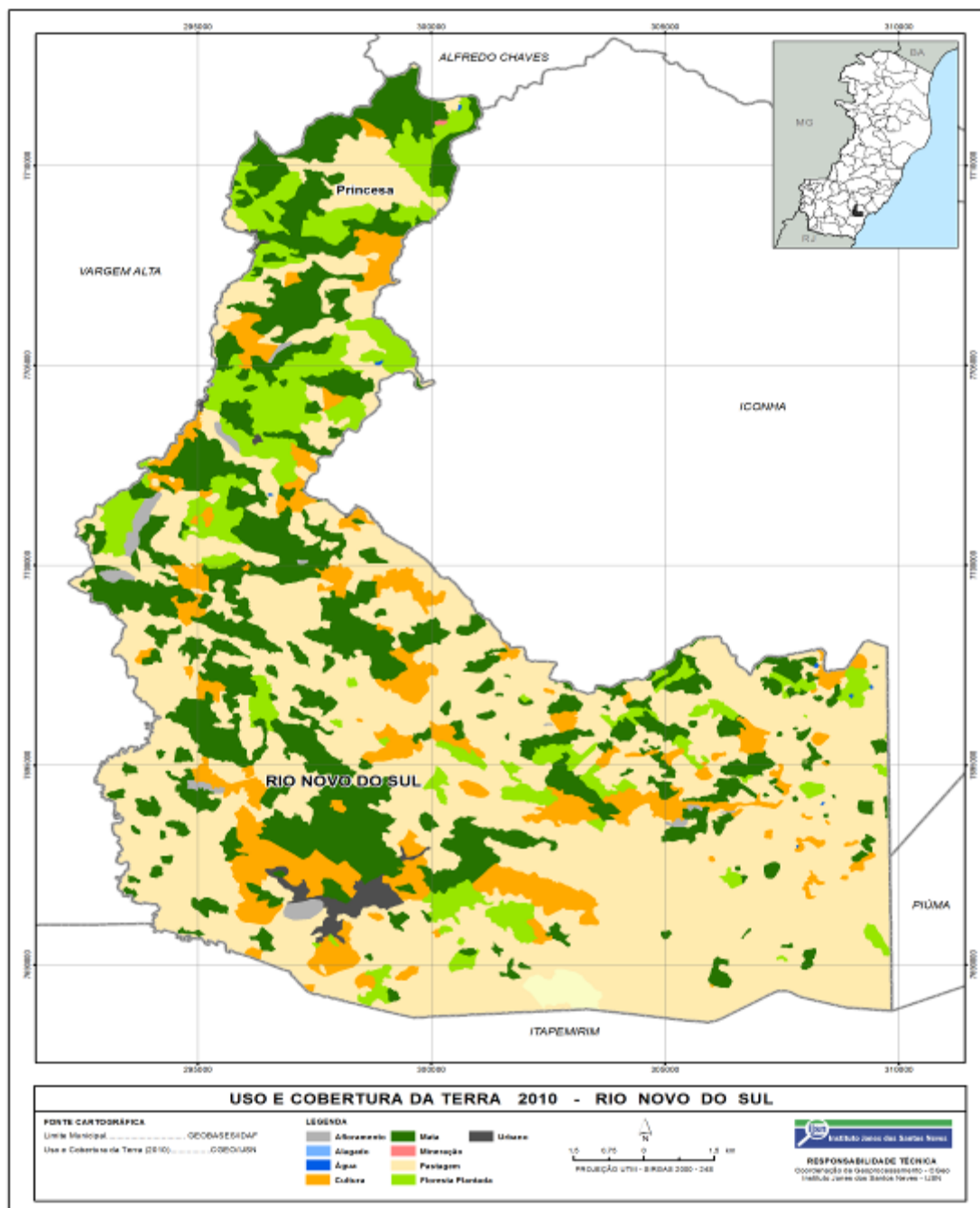
⁵⁵ Vale mencionar que nem todas as associações estão ativas e devidamente legalizadas. Estes dados serão analisados no capítulo 4 desta pesquisa, com base no campo realizado.

Em Rio Novo do Sul, todas as comunidades rurais estão organizadas em pequenas propriedades familiares, em algumas das quais se destacam também as atividades não agrícolas, podendo ser analisada a presença da pluriatividade. Em muitos casos, as pessoas residem na comunidade, porém, em sua maioria, trabalham na sede dos municípios de Rio Novo, Iconha e Itapemirim.

Sobressaem também algumas atividades e profissões não agrícolas, a saber: agroindústria familiar (mariola, polpa de açaí e doces), artesanato, costureiras, comerciantes, empresários, extração de mármore e granito, fabricação de cachaça, pedreiros, professores, secretários, merendeiras de escola, marceneiros, diretores de escola. As atividades voltadas para o agroturismo ainda são incipientes, mas já começam a despontar em algumas comunidades do município. Destacam-se, na agricultura, os cultivos de café, de banana, as pastagens (gado de corte e leiteiro) e algumas culturas perenes, como feijão e milho, conforme ilustra o Mapa 7 mais à frente.

O bioma predominante é de mata Atlântica e, na indústria, destacam-se a extração e o beneficiamento de mármore e granito. Ainda se observa um grande uso de agrotóxicos e outros produtos químicos nas lavouras. Observam-se também resquícios de mata Atlântica, o que antigamente prevalecia, pouco hoje se tem, por ter sido bastante devastada em algumas áreas, porém, em outras pequenas áreas, apresentam-se algumas reservas ambientais.

Mapa 7 – Uso e cobertura da terra – Rio Novo do Sul em 2010

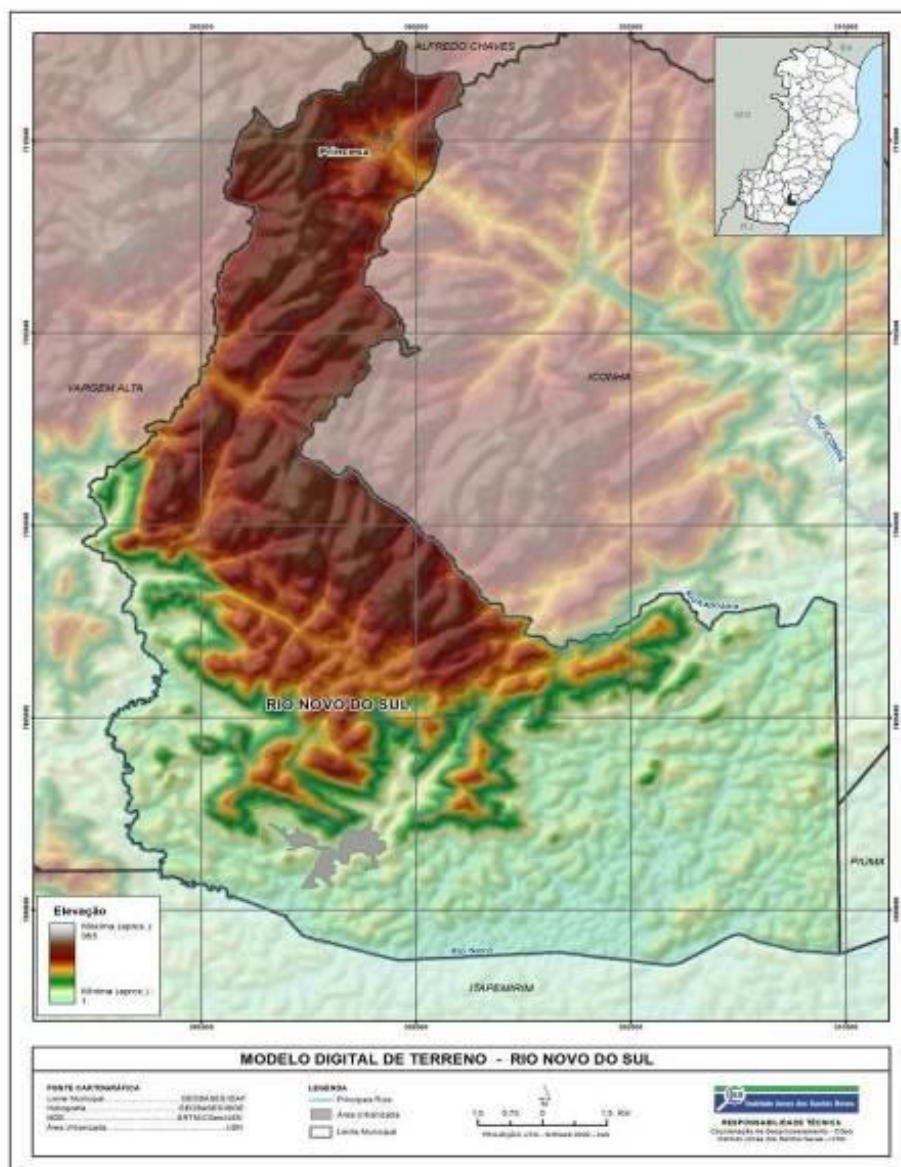


Fonte: Instituto Jones Santos Neves (2014).

O clima varia em conformidade com as altitudes das localidades e a mudança das estações climáticas do ano. A média da temperatura é de 22° a 30° nas regiões mais baixas e de 20° a 27° nas mais altas, na estação do verão. No inverno, a temperatura cai alguns centígrados, o que é natural. O município apresenta, em sua

maioria, um relevo bastante acidentado e, em algumas partes, caracteriza-se por planícies, conforme ilustra o Mapa 8⁵⁶.

Mapa 8 – Modelo digital do terreno – Rio Novo do Sul



Fonte: Instituto Jones Santos Neves (2014).

Retomando o debate sobre o Espírito Santo, a chegada do imigrante europeu a terras capixabas, associada às transformações nas relações de trabalho, projetou-se

⁵⁶ O capítulo 4 traz um debate prático desta pesquisa, quando é possível observar que o clima é um dos fatores que mais influenciam na atividade agrícola, bem como nas suas transformações, pois, segundo relatos nas comunidades, antes podiam “confiar” no clima para plantar, pois sabiam que a chuva viria; hoje não se pode mais ter essa “confiança”, que é um dos fatores que causam desmotivação em relação ao trabalho no campo.

por meio da difusão da pequena propriedade rural, ou seja, a “agricultura familiar”. Iniciando a formação de uma nova estrutura produtiva, que, embora ainda caracterizada por manter a dependência da monocultura do café, se assentava em uma nova relação de trabalho, o trabalho familiar, configurando uma nova estrutura fundiária, com o predomínio da pequena propriedade rural. O cerne dessa estrutura, de caráter essencialmente agrícola e familiar, é a agricultura familiar. E foi justamente a agricultura familiar que promoveu a ocupação da maior parte do território capixaba, entre os quais o município de Rio Novo do Sul.

Analizada como um conceito genérico e que envolve uma gama de tipologias de agricultores, a agricultura familiar funda-se sobre a relação entre propriedade, trabalho e família (WANDERLEY, 2001), ou seja, ao mesmo tempo em que a família é proprietária do meio de produção fundamental (terra), também realiza a maior parte dos trabalhos no estabelecimento. Numa perspectiva de análise “genérica”, a tipologia de agricultores que integrou a estrutura produtiva do Espírito Santo, no momento em questão, pode ser definida como agricultura familiar. (BERGAMI; JÚNIOR, s.d., p. 2).

A dinâmica da reprodução da agricultura familiar relacionava-se estritamente com a subsistência da unidade familiar, tanto que a crise nos preços do café, desencadeada na década de 1960, período em que a Pedagogia da Alternância chegava ao Brasil pelo Espírito Santo, não representava uma ameaça à reprodução dos agricultores, mas apenas uma retração no consumo de alguns poucos produtos adquiridos no mercado, uma vez que produziam quase todos os bens que consumiam. Porém, não havia uma especialização da produção, e a acumulação de capital permitia apenas a reprodução simples da família sem se desdobrar em outras atividades econômicas; desse modo, cada estabelecimento familiar produzia um volume muito pequeno de café.

Em Rio Novo, esse cenário também pôde ser vivenciado, quando a descrença pelo campo vem de cima para baixo, fazendo com que grande parte dos pequenos agricultores fosse “iludida” pela intensificação da indústria que necessitava de mão de obra barata, levando o homem do campo para a cidade, sem mesmo lhe dar condições necessárias para sobreviver, gerando, além de sérios problemas sociais, uma aculturação dos saberes e fazeres do campo, bem como uma imagem errônea desse espaço. Vale destacar, em nível de Espírito Santo e paralelamente do município de Rio Novo do Sul, a questão da “Crise do Café” na década de 1960,

período em que o sistema de educação também levantava a bandeira de “Campo atrasado” e “urbano desenvolvido”. Eis que algo precisa ser feito em relação a essa realidade.

Sérgio Zamberlam, em relato referente à sua chegada ao Espírito Santo na década de 60 para atuar nas Escolas Famílias Agrícolas – MEPES. Chegamos da época bem da erradicação dos cafés, portanto uma crise também econômica, e uma crise também de identidade do agricultor completamente desanimado, uma das frases que andava na época era: “Para puxar cabo de enxada não precisa de ir a escola”. Era isso que se dizia que para puxar cabo de enxada não precisa ir a escola. O que queria dizer isso? Que quem estava no cabo da enxada podia ficar analfabeto e não precisava aprender, porque a profissão não era nem promissor, tanto é verdade que se dizia lavrador e não agricultor, na carteira de identidade era lavrador, é verdade que a origem da palavra lavrador é lavrar, bom, mais lavrar você pode lavrar um pau, você pode lavrar a terra, você pode lavrar uma pedra, lavrar alguma coisa certo. Mais não agricultor, não tem na carteira agricultor, não sei se hoje existe agricultor, deve ter colocado porque ele disse agricultor, portanto o camarada que fez a carteira dele vai e coloca. Aí quando viemos para cá outro problema era a Ditadura Militar, que não se podia nem falar muitas palavras tipo conscientização, mudanças societária, você não podia eu me lembro que teve épocas aqui principalmente em torno de 1969... até músicas sim claro, os teatros foram completamente banidos, e por aí vai (Entrevista realizada com o senhor SÉRGIO ZAMBERLAM, em 7/11/2014).

Diante desse cenário, onde o trabalho e as pessoas do campo estavam desanimados, Bergamin e Júnior (s.d., p. 3) destacam que, numa estrutura produtiva desenhada por um volume de produção incipiente e pelo predomínio do trabalho familiar, o capital encontrou no comércio a principal forma de subordinação da agricultura familiar. Como praticamente não havia assalariamento, a sujeição do trabalho ao capital dava-se mediante a subordinação acentuada da produção ao comércio. Nas relações comerciais entre o agricultor familiar (produção) e o primeiro elo da cadeia comercial, o vendeiro baseava-se em práticas pessoais e, em muitos casos, o vendeiro fornecia as mercadorias ao agricultor e este lhe pagava com sacas de café.

Os autores procuram demonstrar que essa agricultura familiar, no Espírito Santo, se reproduziu de forma hegemônica até os anos 1960, quando ela entra em crise e ocorre a erradicação do café. No entanto, não se tratava de uma agricultura familiar dinâmica, mas que se reproduzia de forma bastante precária, e, ao longo de quase um século, poucas transformações ocorreram na dinâmica produtiva e o café continuou sendo cultivado sem a incorporação de tecnologias.

A cafeicultura representava a principal atividade econômica do estado e houve uma ampla adesão, por parte dos agricultores, à política de erradicação. Esse comportamento dos agricultores resultou na superação da cota estipulada de café a ser erradicado no Espírito Santo. Proporcionalmente o Espírito Santo constituiu o estado que mais erradicou café.

A crise, nesse sentido, estava relacionada à própria dinâmica da estrutura produtiva, que, devido às suas características, se tornou antieconômica.

Em face das mudanças que se processaram no Espírito Santo a partir da década de 1960, o café era o principal produto de exportação do Espírito Santo e, logo, a principal fonte de arrecadação do Estado. Era também o café que mantinha o comércio e a indústria nascente do Espírito Santo. Com a queda dos preços do café na segunda metade da década de 1950 a acumulação capitalista se vê limitada, e isso teve uma grande repercussão sobre a arrecadação do Estado e sobre os lucros da elite urbana capixaba. Diante desse quadro, a estratégia adotada foi a de romper com a dependência da economia cafeeira. Visando a integração do estado ao mercado nacional e internacional, a solução apontada foi a “diversificação” da estrutura produtiva, orientada pela indústria e pela produção de exportáveis (DARÉ, 2010, p. 23).

Para Rocha e Morandi (1986, p. 14, *apud* DARÉ, 2010, p. 108), esta “crise” não se diferenciava das outras, mas a política implementada pelo governo federal para solucioná-la – a erradicação dos cafezais – trouxe como consequência “uma profunda crise social”. Explicam os autores que a erradicação atingiu mais da metade do cafezal capixaba, liberando 71% da área plantada com café e deixando 60 mil pessoas sem emprego na área. Os autores afirmam que essas pessoas migraram especialmente para a região da Grande Vitória, “[...] que não dispunha de infraestrutura urbana suficiente para abrigar o número elevado de pessoas que se deslocaram e, muito menos, não oferecia empregos para esta massa de trabalhadores desempregados”.

Daré (2010, p. 29) enfatiza que, se, em nível nacional, o problema da estrutura agrária estava relacionado à concentração fundiária e, por isso, a burguesia industrial rompe com a oligarquia cafeeira e passa a buscar novos mecanismos de renda, no Espírito Santo o problema agrário que se coloca nesse mesmo período está ligado à pequena propriedade familiar. As propriedades agrícolas do Espírito Santo nesse período, sobretudo as propriedades que produziam café, eram predominantemente familiares e utilizavam pouco trabalho assalariado; por isso, elas

tinham pouco consumo e apresentavam certo grau de autonomia em relação ao mercado.

Observa-se que a política de erradicação dos cafezais, por meio do pagamento de indenizações por cova, possibilitou, de certa forma, a expansão de outras atividades alternativas à cafeicultura, na qual se destacam a extração madeireira e a pecuária bovina. Essas duas atividades apresentavam-se como negócios altamente rentáveis devido ao crescimento urbano e industrial do país.

O que é evidente nas análises de Rocha e Morandi, é que para esses autores, em que pese a “profunda crise social” gerada pela erradicação dos cafezais, essa política foi fundamental para romper com a “estrutura econômica estabelecida” de caráter familiar, que “pouco ou nada” era afetada em épocas de queda dos preços do café. Mas quando houve a erradicação essa estrutura foi enfim afetada e o “círculo vicioso” e o “atraso econômico” que caracterizavam a economia do Espírito Santo foram “alterados e rompidos”, pois o setor industrial, ao contrário da agricultura, passou a apresentar grande “dinamismo” e a extração madeireira e a pecuária bovina se expandiram. Rocha e Morandi chegam a essa conclusão, pois não problematizam o fato da agricultura familiar, que era quem produzia o café, não ficar com a renda gerada pelo café, embora tenha pagado o preço da “crise” (mesmo não sofrendo com ela, como os próprios autores reconhecem), pois a solução pensada foi a erradicação e a “diversificação da estrutura produtiva”, a qual deveria se “fundamentar no desenvolvimento do setor industrial” (DARÉ, 2010, p. 114).

Segundo Harvey (2012, p. 18), as crises financeiras servem para racionalizar as irracionalidades do capitalismo. Geralmente levam as reconfigurações novos modelos de desenvolvimento, novos campos de investimentos e novas formas de poder de classe. Tudo isso pode dar errado politicamente.

Para Buffon (1992, p. 222, *apud* DARÉ, 2010, p. 120), a “crise” de 1960 não foi uma “crise de preços”, mas uma “crise” da agricultura familiar, pois, além do esgotamento das terras na década de 1950, essa era uma estrutura que gerava e concentrava poucos excedentes, assim como absorvia poucas tecnologias. E por isso essa estrutura não era “estável”. A situação se agravava, pois essa estrutura estava situada “num contexto nacional caracterizado pela rápida integração dos mercados e pelos acelerados processos de urbanização e industrialização”.

De acordo com Bergamim (2004, p. 14):

Nos anos 1960, a reprodução dessa estrutura produtiva esbarra-se nos seus próprios limites e entra em crise, cujos efeitos acentuaram-se ainda

mais com a erradicação do café, ocorrida no mesmo período. Este se constituiu no primeiro grande golpe sofrido pela agricultura familiar, porque a crise desestruturou as bases em que se assentava a sua reprodução. O segundo golpe ocorreu com a modernização da agricultura. A crise destruiu a estrutura produtiva, mas esta não foi substituída de imediato por outra, de forma que no hiato temporal existente entre a crise e o início da modernização, ou seja, durante quase uma década, a agricultura capixaba ficou totalmente estagnada. Nessas condições, os impactos desencadeados pela modernização da agricultura surtiram efeitos mais intensos, cuja dimensão lhe conferiu a denominação de “modernização violenta”. A violência desse processo, expressa pela intensificação da concentração fundiária e do êxodo rural, promoveu o desaparecimento de inúmeros estabelecimentos familiares.

Entre 1970 e 1980, destaca-se como um período mais intenso da modernização da agricultura a concentração fundiária em que o êxodo rural ocorreu de forma mais acentuada. Os desdobramentos dessas transformações recaíram sobre a agricultura familiar, resultando em um processo de expropriação e expulsão de grande parcela da população rural. Esse êxodo rural em relação a Rio Novo do Sul e ao Espírito Santo está exemplificado em gráficos no capítulo 4, nas páginas 251-252.

Para Bergamim (2004, p. 162), nos anos 1980, inicia-se um processo de recomposição da agricultura familiar. Além da expansão da área e do número de estabelecimentos potencialmente familiares, amplia-se a participação do trabalho conduzido pelos membros não remunerados da família. Uma das explicações para o predomínio da agricultura familiar reside na sua extraordinária capacidade de adaptação aos diferentes contextos socioeconômicos em que se insere. A recomposição da agricultura familiar no Espírito Santo expressa o comportamento adaptativo dessa forma de organização da produção. Excluída pelo Estado brasileiro em sua trajetória de reprodução, a agricultura familiar passou a figurar como a protagonista do desenvolvimento rural nos anos 1990.

Em relação aos dias atuais, há controvérsias em relação à análise do rural de Rio Novo do Sul, no entanto observa-se que hoje existe um rural que oferece maiores possibilidades e condições de vida, porém em meio a uma série de intempéries.

O rural de Rio Novo do Sul mudou para melhor, sem dúvidas. Hoje você vai ao meio rural você só vê casa de primeira, estes dias eu subi aqui fiquei encantado, todo mundo mudou sua residência, houve um crescimento muito grande. E também a economia ajudou, todo mundo tem seu carro, quer dizer em 1968 o crescimento era triste (Entrevista realizada com o senhor JOÃO BRÁZ BORTOLOTE, em 21/10/2014).

Todavia, não se deve pensar em uma temporalidade das formas espaciais de maneira linear. No entendimento de Santos (2002, *apud* NETO, 2012, p. 37), a emergência de um novo momento histórico, com mudanças nas relações de produção e na divisão social e territorial do trabalho, não necessariamente desfaz as formas espaciais pretéritas. Pelo contrário, as dinâmicas socioeconômico-espaciais, emergentes de cada novo momento, são influenciadas e condicionadas por formas que se originaram em períodos anteriores. Algumas de fato se desfazem, cedendo lugar a novas formas; outras se mantêm, mas adquirem uma nova função, adequando-se ao novo momento. Mas há aquelas, entretanto, que mantêm sua morfologia e função pretéritas, tornando mais explícita a sobreposição de temporalidade.

Em meio a essas mudanças por que o rural passou, em nível tanto de Rio Novo quanto de Espírito Santo e Brasil, de certa forma a Pedagogia da Alternância trouxe contribuições pontualmente para tais mudanças, seja na prática em relação à agricultura, seja no modo de ver e analisar o espaço rural e sua dinâmica.

Esse debate será retomado com maior precisão, não só ao analisar a influência da Pedagogia da Alternância e seus resultados no meio, como também ao pensá-la dentro do contexto atual, em que a alternância, com sua metodologia específica, facilitou uma atuação mais ativa no meio rural.

Eu não diria a alternância, eu diria a escola, o MEPES que trouxe esta transformação, um conjunto de coisas, a alternância, a visita as famílias, a presença da escola na comunidade. Um conjunto de todas as ações, como o envolvimento com a prefeitura, com as igrejas, todo mundo contribuiu, o INCAPER também, todo mundo contribuiu para alavancar este desenvolvimento. Houve também uma conscientização das pessoas, houve uma mudança de ideia (Entrevista realizada com o senhor JOÃO BRÁZ BORTOLOTE, em 21/10/2014).

Realizando uma análise em nível de território brasileiro, observa-se que a questão que se propõe a analisar se entrelaça com o debate estabelecido até então sobre Rio Novo do Sul e Espírito Santo, uma vez que, o processo de desenvolvimento social e econômico do Brasil se faz com base numa proposta mais abrangente, partindo do pressuposto de análise, objetivando pensar no rural com base em sua dinâmica, processos e transformações. E, para facilitar essa compreensão, retomar-se-á o debate partindo da relação com a terra desde os primórdios da nossa

sociedade até os dias atuais, levando em conta ainda que, em nível de Brasil, os latifúndios sobressaem em detrimento à agricultura familiar.

Para Stedile (2005), desde os primórdios da nossa sociedade até 1.500 d.C., a história registra que as populações que habitavam nosso território viviam em agrupamentos sociais, famílias, tribos, clãs, a maioria nômade, dedicando-se basicamente à caça, à pesca e à extração de frutas e dominando parcialmente a agricultura. Ou seja, como a natureza era pródiga no fornecimento dos alimentos para suas necessidades básicas, os povos de nosso território pouco desenvolveram a agricultura. Domesticaram apenas algumas plantas existentes na natureza, em especial a mandioca, o amendoim, a banana, o abacaxi, o tabaco; muitas frutas silvestres também eram cultivadas. Essas tribos, em 1500, já cultivavam o milho, originário de outras regiões do continente, em especial da América Andina e da América Central, o que comprova a existência de intercâmbio e contato entre esses povos.

O mesmo autor ainda enfatiza que não havia entre eles nenhum sentido ou conceito de propriedade dos bens da natureza. Todos os bens da natureza existentes no território – terra, águas, rios, fauna, flora – eram de posse e de uso coletivo e utilizados com a única finalidade de atender às necessidades de sobrevivência social do grupo, vivendo na condição de nômades.

A formação do campesinato brasileiro guarda as suas especificidades, em que o campesinato é criado no seio de uma sociedade situada na periferia do capitalismo e à margem do latifúndio escravista, sendo marcado por uma forte mobilidade espacial, na qual a concentração de terra no Brasil se originou desde a colonização, mediada pelo regime de sesmarias, da monocultura e do trabalho escravo, fatores que, juntos, deram origem ao latifúndio, que é a propriedade rural sobre a qual se centrou a ocupação do espaço agrário brasileiro⁵⁷.

⁵⁷ Fazendo um paralelo entre a questão agrária no nascimento da colônia de Rio Novo do Sul e a do Espírito Santo, como ainda a do Brasil, o nascimento da colônia de Rio Novo se contradiz em relação à colônia do Espírito Santo, no que se refere à forma de colonização, pois Rio Novo nasce não para atender às exigências de povoamento da província, este nasce para fornecer braços aos latifúndios. Porém, Rio Novo foi construído a partir de um pequeno núcleo de pequenos proprietários

Na análise da formação econômica do Brasil, existem alguns principais ciclos econômicos, o do açúcar, o da mineração e o do café, bem como a pecuária e a borracha. O declínio do ciclo do café marca uma maior diversificação tanto da base da economia quanto principalmente da produção agropecuária. Destaca-se ainda no Brasil uma história urbana, uma história dos que participam do pacto político, do qual o camponês é excluído.

Quando se estuda historicamente a estrutura fundiária no Brasil, ou seja, a forma de distribuição e acesso a terra, verifica-se que, desde o início do período colonial, essa distribuição de terras foi considerada desigual, pois primeiro foram às capitanias hereditárias e seus donatários, depois foram as sesmarias, as quais estão na origem de grande parte dos latifúndios do país e constituem o fruto da herança colonial.

Durante todo o período colonial, predominou o desenvolvimento de monoculturas no Brasil, como a cana-de-açúcar, algodão, cacau e café associados aos grandes latifúndios. Contudo, paralelamente surgiu a agricultura voltada exclusivamente para o abastecimento alimentar interno.

Jacob Gorender (*apud* STEDILE, 2005), foi quem tentou aportuguesar a expressão, traduzindo-a para "plantagem", mas a tradução não se firmou e, na prática, a maioria dos estudiosos segue utilizando a expressão original em inglês. O que caracteriza a *plantation*? É a forma de organizar a produção agrícola em grandes fazendas de área contínua, praticando a monocultura, ou seja, especializando-se num único produto, destinando-o à exportação, seja a cana-de-açúcar, o cacau, o algodão, gado e utilizando mão de obra escrava. Produzindo apenas para o mercado externo, sua localização deveria estar próxima dos portos para diminuir custos com transporte.

Essas unidades de produção adotavam modernas técnicas, ou seja, apesar de utilizarem a força de trabalho da mão-de-obra escrava, do ponto de vista dos meios de produção, das técnicas de produção, os europeus adotaram o que havia de mais avançado. Havia também, nessas unidades, a produção de bens para a subsistência dos trabalhadores escravizados, visando reduzir o seu custo de reprodução (STEDILE, 2005, p. 5).

agricultores, inspirados nos grandes latifúndios. No Brasil, campesinato é criado no seio de uma sociedade situada na periferia do capitalismo e à margem do latifúndio escravista.

Em 1822, o Brasil tornou-se independente e o processo de concessão de terras foi paralisado, surgindo uma nova fase na ocupação sem nenhuma restrição legal, criou-se a Lei de Terras n.º 601, de 18 de setembro de 1850, que é considerada um marco jurídico-institucional. Segundo Stedile (2005, p. 283), essa lei foi considerada muito importante, concebida no bojo da crise da escravidão, e preparou a transição da produção com trabalho escravo nas unidades de produção tipo *plantation*, para a produção do trabalho assalariado.

Stedile (2005, p. 283) destaca que essa lei representou a introdução do sistema da propriedade privada das terras e ela foi a transformação das terras em mercadoria, pois, desde 1850, as terras não poderiam ser adquiridas se não fosse pela compra e venda, o que, até então, era apenas objeto de concessão de uso, hereditária, por parte da coroa, àqueles capitalistas com recursos para implantar, nas fazendas, monoculturas voltadas para a exportação.

Essa nova lei surgiu em um “momento oportuno”, quando o tráfico negreiro passou a ser proibido em terras brasileiras. A atividade que representava uma grande fonte de riqueza teria de ser substituída por uma economia em que o potencial produtivo agrícola deveria ser mais bem explorado. Simultaneamente ela também responde ao projeto de incentivo à imigração que deveria ser financiado com a dinamização da economia agrícola e regularizaria o acesso à terra ante os novos camponeses assalariados.

Com relação ao uso da terra, essas transformações incidiram diretamente nas tradições que antes vinculavam a posse de terras como símbolo de distinção social. O avanço da economia capitalista tinha um caráter cada vez mais mercantil, em que a terra deveria ter um uso integrado à economia e seu potencial produtivo explorado ao máximo.

É impossível falar do espaço agrário brasileiro, sobretudo da renda da terra, sem mencionar a Lei de Terras de 1850, a qual estabeleceu que todas as terras devolutas do território nacional pertenciam ao Estado brasileiro e somente poderiam ser adquiridas por meio da compra. A edição dessa lei está intimamente ligada às estratégias adotadas pelas classes dominantes frente às restrições ao tráfico de trabalhadores escravos que se vão se conformando na primeira metade do século XIX, já que como forma de suprir a demandas de mão-de-obra nos latifúndios, dar-se-ia início aos incentivos a imigração estrangeira. Todavia, esses trabalhadores

estrangeiros não eram cativos e não teriam, ao menos em tese, a obrigação de se sujeitar ao trabalho nos latifúndios, sobretudo em virtude da infinidade de terras livres e não utilizadas para fins agrícolas onde poderiam vir a se estabelecer e trabalhar de forma autônoma. Por isso, para assegurar o propósito de utilizá-los em substituição aos escravos, era necessário impedir-lhes de ter acesso a terra (NETO, 2012, p. 46).

Esse fato tirou a possibilidade de os pobres, ex-trabalhadores escravizados, se tornarem proprietários de terra, uma vez que a lei era clara, a qual dizia que as terras públicas poderiam ser privatizadas, desde que o comprador tivesse dinheiro, e pagasse à coroa. Assim sendo, o fim da escravidão era inevitável, cada vez mais fugiam escravos, o que seria o fim da escravidão, conquistado pelos próprios trabalhadores escravizados que fugiam e se organizavam em quilombos, enquanto outros migravam para as cidades formando novos grupos. Porém, mesmo com o fim da escravidão em 1888, os ex-escravos ainda não podiam ter acesso a terra, pois não tinham dinheiro para pagar à coroa a posse.

A Lei de terras de 1850 entregou as terras como propriedade privada apenas para os fazendeiros, para os capitalistas. Nascia, assim, o latifúndio excludente e injusto socialmente. E os trabalhadores negros, impedidos de se transformarem em camponeses, foram para as cidades. Nascia também a favela, pois, mesmo nas cidades, esses trabalhadores não dispunham de condições para comprar seus terrenos, normatizados pela mesma lei. Subiram morros ocuparam manguezais e locais de difícil acesso, e construíram suas moradias, únicos espaços dos quais a sanha do capital não havia se apropriado. A Lei n.º 601, de 1850, escravizou, portanto, a terra e transformou um bem da natureza que deveria ser democrático, em um bem privado, acessível apenas aos ricos (STEDILE, 2005, p. 283).

A Lei de Terras, em sua essência, não beneficiou em nada as classes menos favorecidas, os escravos “livres”, pois ela, na verdade, impedia que os ex-trabalhadores escravizados, ao serem libertos, pudessem transformar-se em pequenos proprietários de terras, pois estes não tinham recursos para “comprar” as terras e pagar à coroa. Assim continuariam à mercê dos fazendeiros como assalariados. Essa Lei n.º 601, de 1850, foi então o pontapé para o desenvolvimento do latifúndio no Brasil.

O resultado da Lei de Terras de 1850, que impediu os trabalhadores negros de continuar no meio rural, pois estes não tinham condições financeiras para adquirir as terras, foi o esvaziamento do campo de trabalhadores agrícolas. No entanto, no intuito de resolver esse problema, a coroa foi à Europa à busca de mão de obra dos

camponeses europeus pobres. Para isso, usaram de uma intensa propaganda na intenção de convencê-los a emigrar para o Brasil, para aqui trabalhar na agricultura.

E assim se fez, intensificando a imigração para o Brasil, onde os imigrantes foram divididos pelas regiões brasileiras, cultivavam suas lavouras cujas terras eram compradas e vendidas de acordo com a Lei de Terras pelo governo federal ou pelo governo estadual, ou ainda por empresas colonizadoras agenciadas pelo governo. Com o passar do tempo, os imigrantes compravam os lotes de terras que mediam de 25 ha a 75 ha, tendo de trabalhar muito para pagá-las. Esse fato repercutiu no Espírito Santo, bem como em Rio Novo do Sul, no que diz respeito à colonização desses espaços mediados pela imigração, que a Lei de Terra em nada beneficiou.

Em 1888, ocorre à promulgação da Lei Áurea, que consolidou legalmente aquilo que já era praticado de certa forma. A demora na abolição legal do trabalho escravo fez com que o Brasil fosse o último país do hemisfério ocidental a abolir a escravidão. Segundo relata Stedile (2005, p. 8), a Lei de Terras foi a “mãe” das favelas brasileiras.

Com a libertação dos trabalhadores escravizados – oficializada pela Lei Áurea, de 1888 – e, ao mesmo tempo, com o impedimento de os mesmos se transformarem em camponeses, quase dois milhões de adultos ex-escravos saem das fazendas, das senzalas, abandonando o trabalho agrícola, e se dirigem para as cidades, em busca de alguma alternativa de sobrevivência, agora vendendo "livremente" sua força de trabalho. Como ex-escravos, pobres, literalmente despossuídos de qualquer bem, resta-lhes a única alternativa de buscar sua sobrevivência nas cidades portuárias, onde pelo menos havia trabalho que exigia apenas força física: carregar e descarregar navios. E, pela mesma lei de terras, eles foram impedidos de se apossarem de terrenos e, assim, de construir suas moradias: os melhores terrenos nas cidades já eram propriedade privada dos capitalistas, dos comerciantes etc. Esses trabalhadores negros foram, então, à busca do resto, dos piores terrenos, nas regiões íngremes, nos morros, ou nos manguezais, que não interessavam ao capitalista.

Esse mesmo autor destaca que a saída encontrada pelas elites para substituir a mão de obra escrava foi atrair os camponeses pobres excluídos pelo avanço do capitalismo industrial no fim do século XIX, na Europa. E, assim, com a promessa do "eldorado", com terra fértil e barata, a coroa atraiu para o Brasil, no período de 1875-1914, mais de 1,6 milhão de camponeses a Europa, onde o regime de produção era sob a forma de colonato.

O surgimento do campesinato ocorreu em duas vertentes: a primeira trouxe camponeses da Europa para habitar e trabalhar na agricultura nas Regiões Sudeste e Sul, do estado do Espírito Santo; a segunda vertente de formação do campesinato brasileiro teve origem nas populações mestiças que foram sendo formadas ao longo da colonização, com a miscigenação entre brancos e negros, negros e índios, índios e brancos, além de seus descendentes.

De 1930 a 1945, marca-se uma nova fase da história econômica brasileira, intercalando também a questão agrária. Baseado na crise do modelo agroexportador, tal fator gerou a imposição de um novo modelo econômico para o país, o modelo de industrialização, em que se caracteriza pela subordinação econômica e política da agricultura em relação à indústria. Surge também o setor da indústria vinculado à agricultura, às indústrias produtoras de insumos para a agricultura, como ferramentas, máquinas, adubos químicos, venenos, entre outros.

Segundo Stedile (2005, p. 11), além de seu caráter de integração no sistema capitalista da industrialização dependente, o modelo reservou aos camponeses agricultores familiares algumas funções claramente determinadas, bem como excludentes, as quais se caracterizam como fornecedores de mão de obra barata:

- a) Os camponeses cumpriram o papel de fornecer mão-de-obra barata para a nascente indústria na cidade. O êxodo rural era estimulado pela lógica do capitalismo, para que os filhos dos camponeses – em vez de sonharem com sua reprodução como camponeses, em vez de lutarem pela terra, pela reforma agrária – se iludissem com os novos empregos e salários na indústria. Foi, assim, um período histórico em que praticamente todas as famílias camponesas enviaram seus filhos para as cidades, no Sudeste e no Sul do país, para serem operários nas fábricas.
- b) O êxodo contínuo de mão-de-obra camponesa cumpria também o papel de pressionar para baixo o salário médio na indústria. Ou seja, havia sempre um exército industrial de reserva nas portas das fábricas, à espera de emprego.
- c) Os camponeses também cumpriram a função de produzirem, a preços baixos, alimentos para a cidade, em especial para a nascente classe operária. O Estado brasileiro administrava rigorosamente os preços dos produtos alimentícios, produzidos pelos camponeses, para que os mesmos chegassem a preços baixos na cidade. E, com isso, viabilizava a reprodução da força de trabalho operária, com baixos salários, garantindo que a industrialização brasileira obtivesse altas taxas de lucro e, assim, crescesse rapidamente. Por essa razão, existe até hoje uma relação direta entre o preço da cesta básica dos produtos alimentícios de sobrevivência da classe trabalhadora urbana e o preço da força de trabalho, que é fixado no salário mínimo.
- d) Os camponeses foram induzidos a produzirem matérias-primas agrícolas para o setor industrial. Surgiu e se desenvolveu, então, o fornecimento de

matéria-prima para energia, carvão, celulose, lenha etc. (STEDILE, 2005, p. 11-12).

Mediante essas questões, os camponeses tiveram parcelas crescentes de seus membros, migrando para as cidades e se transformando em operários. A década de 1960 apresenta um cenário de agricultura modernizada, capitalista e um setor camponês completamente subordinado aos interesses do capital industrial.

No Espírito Santo, a erradicação dos cafezais foi o golpe que faltava para o desenvolvimento de grandes projetos voltados para a monocultura, como plantações de eucalipto e cana-de-açúcar, principalmente no norte do estado. A pecuária também se tornou uma importante atividade no estado desde 1970.

A erradicação foi o golpe que faltava nos camponeses. Com o corte dos cafezais enormes áreas foram liberadas para serem apropriadas pelo capital local e internacional. Entre as décadas de 1970 e 1980, em que a área total apropriada permaneceu praticamente estável as propriedades menores de 100 ha perderam aproximadamente 300 mil ha, enquanto as propriedades acima de 500 ha tiveram um aumento correspondente em torno de 300 mil ha. Entre as atividades que se destacaram no Espírito Santo após a inserção da ideologia desenvolvimentista, a silvicultura apresentou extraordinário crescimento. A década de 1970 foi marcada pelo surgimento de grandes latifúndios monocultores de eucalipto no litoral norte do Espírito Santo (DARÉ, 2010, p. 174).

A mesma autora ainda destaca que, em relação à estrutura fundiária do Espírito Santo, os dados do censo indicam uma significativa concentração fundiária desde 1970. Por outro lado, houve também uma fragmentação dos estabelecimentos menores que 100 ha nas últimas décadas. Essa situação é preocupante, pois impede que muitas famílias permaneçam no campo, uma vez que a fragmentação reduz o espaço destinado à produção⁵⁸. O avanço das áreas de pastagens e a

⁵⁸ Segundo a metodologia adotada por Bernardo Neto (2009), os municípios que apresentam estrutura fundiária classificada como Muito Fragmentada são aqueles em que as pequenas propriedades rurais (com menos de 100 ha) ocupam um percentual elevadíssimo da área agrícola e os grandes imóveis (com mais de 1.000 ha) são inexistentes; os municípios que apresentam estrutura fundiária classificada como Fragmentada são aqueles que também possuem a maior parte de sua área agrícola ocupada por pequenas propriedades, mas isso ocorre em percentual consideravelmente inferior ao dos municípios da categoria Muito Fragmentada, ou, nos casos em que esse percentual é quase tão alto quanto, verifica-se que os grandes imóveis rurais se fazem presentes em alguns casos ocupando uma parcela considerável da área agrícola; os municípios que apresentam estrutura fundiária classificada como Intermediária 1 – Predomínio de Médias e Pequenas Propriedades – são aqueles em que as pequenas propriedades ocupam um percentual menor da área agrícola que o verificado nos municípios de estrutura Fragmentada, havendo certo equilíbrio com a área ocupada pelos imóveis de média extensão (entre 100 ha e 1.000 ha); os

expansão das monoculturas de eucalipto e de cana-de-açúcar desenvolvidas em grandes extensões de terra e utilizando pouca mão de obra contribuíram consideravelmente para a formação de latifúndios no norte do estado.

municípios que apresentam estrutura fundiária classificada como Intermediária 2 – Predomínio de Médias Propriedades – são aqueles em que as médias propriedades ocupam a maior parte da área agropecuária e o espaço ocupado por grandes imóveis é, em geral, bem mais significativo que o das regiões anteriores; e os municípios que apresentam estrutura fundiária classificada como Concentrada são aqueles em que a área ocupada pelos pequenos imóveis é pequena, havendo predomínio de médios e grandes imóveis rurais. São as áreas onde a concentração fundiária é mais intensa no Espírito Santo (DARÉ, 2010, p. 182).

4 ANÁLISE DOS DADOS DE CAMPO DA PESQUISA

4.1 A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA E A ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE RIO NOVO DO SUL: O DEBATE ATUAL

Para pensar nessa perspectiva, inicialmente é preciso pensar no tempo e no espaço, levando em conta as mudanças por que a sociedade e o espaço geográfico passaram, o que ocasionou cenários diferentes em épocas diferentes.

Nesse sentido, sendo a Pedagogia da Alternância uma metodologia adaptável a qualquer época, esta não pode perder sua essência inicial, que é a formação integral partindo da realidade dos jovens do campo e de sua ligação com a família e comunidade. Vale frisar que *“a ideia da Alternância é válida em qualquer época. Mais precisa fazer uma adaptação”* (Entrevista realizada com o senhor JOÃO BRÁZ BORTOLOTE, em 21/10/2014).

A Pedagogia da Alternância não pode ser pensada fora da mudança no espaço rural, sobre a qual se debateu anteriormente. Ela necessita de se estruturar dentro da mudança e sua prática deve ser constantemente atualizada. Desde seu nascimento no Brasil, essa metodologia foi mediada por grandes desafios e, sem dúvida, por grandes realizações e adaptações.

Para compreender a Pedagogia da Alternância, partiu-se do pressuposto de sua criação e, ao pensá-la na atualidade, é necessário fazer uma análise no tempo e no espaço e neles compreender o seu debate mediante os diversos contextos vivenciados, relacionando-a com o “desenvolvimento” do espaço rural.

Esta discussão pautou-se em análises de pessoas que vivenciaram os primeiros debates para implantação da Pedagogia da Alternância tanto no Espírito Santo quanto em Rio Novo do Sul, analisando, concomitantemente a isso, as mudanças ocorridas no modo de produção do rural de Rio Novo do Sul e situando a função da Pedagogia da Alternância em meio a tais mudanças.

Mas a introdução da Pedagogia da Alternância no Brasil, digamos que foi ventilada ainda em 1966. Eu diria que ela começou a se concretizar desde

que os brasileiros foram lá na Itália, em outubro de 1966, antes ninguém sabia nada, aqui não tinha ninguém que sabia nada sobre a Pedagogia da Alternância. Nem padre Pietrogrande sabia disso, e, portanto, ele foi descobrindo realmente para valer lá, através de outros colegas. Em 1968 por quê? Porque uma vez que estava lá este grupo de brasileiros, frequentando as Escolas Famílias no Vêneto, lá que foi se articulando, esta experiência. A gente, chamava agora nós temos que pensar concretamente o que nós vamos fazer lá, e aí que começou, já em 1967 a ideia qual era, fazer três Escolas Família, em 1968 que isso se concretizou, em Alfredo Chaves, em Rio Novo, não em 1967 já, é em 1967 em Alfredo Chaves e Rio Novo e em 1968 em Anchieta Olivania, com que se deram aquele prédio lá antigo que era da LBA. Portanto, o pessoal já recebia notícia lá e diziam olha, tem esta possibilidade já, e aí se pensou já como fazer, portanto, o marco mesmo é quando a garotada começou a conhecer, os brasileiros começaram a conhecer as Escolas Famílias em outubro de 1966. Em 1968 foi quando nós começamos (Entrevista realizada com o senhor SÉRGIO ZAMBERLAM, em 7/11/2014).

Esse projeto foi marcado por diversos desafios, tanto pessoal como comunitário, sendo este analisado no relato a seguir. Destaca-se, ainda, que a Pedagogia da Alternância era algo novo, uma vez que, na época, as famílias eram mais numerosas e os filhos em casa representavam força de trabalho na agricultura. E a Escola Família surge onde o jovem teria que ficar 15 dias fora de casa, logo, essa força de trabalho seria reduzida.

Olha bem, os maiores desafios quais foram? E continuam em partes a meu ver, hoje estou fora há alguns anos já, mas os maiores desafios são: Primeiro – A questão política ideológica, as entidades mantenedoras, nem todas são associações, um caso típico o MEPES, e portanto, em geral não são os agricultores, os pais que são os donos das experiências em Alternância, este é o maior desafio, foi e continua sendo. Porém tem experiências, onde a associação é a “dona”. Segundo maior desafio, no começo foi fazer com que a Pedagogia da Alternância tivesse o mínimo de reconhecimento público, aqui nós conseguimos mais em outros estados foi relativamente difícil. Terceiro: O fato de entrar no ensino regular, principalmente aqui, fez com que uma experiência educativa que é para o mundo do trabalho e do mundo do trabalho, a França continua sendo uma experiência do mundo do trabalho, para o mundo do trabalho, ela não é uma escola pública, não é uma escola regular, não senhora, até hoje são centros profissionais, não são escolas, nunca se chamaram escolas, se chamavam sempre Maisson Familiar, e entrar na educação regular é um desafio, continua até hoje, se aqui nós fizemos passos adiante, positivos, por outro lado, o regular amarra, hoje menos, muito menos mais na época era bastante. Na verdade é que a educação é que nem a matemática, você pode aprender a matemática de frente para trás e de trás para frente. Não é verdade que matemática tem que ter medidas de forma progressiva? O saber não se constrói progressivamente, portanto, mas, o que acontece numa estrutura que se torna regular você tem que buscar uma série de requisitos, este também é outro desafio. Hoje, outro desafio, o estado avançou, muito, portanto ocupou muitos espaços que antes eram estas escolas e estes movimentos que ocupavam, no caso a Escola Família Agrícola, hoje puramente no ensino fundamental, a Prefeitura tem que dar conta, elas têm recursos exclusivos para isso. E nós estamos simplesmente tapando buracos, recebendo o que sobra deste ensino público, muitas vezes... até os alunos que foram que não se adaptaram ao público vão

parar na Escola Família Agrícola... (Entrevista realizada com o senhor SÉRGIO ZAMBERLAM, em 7/11/2014).

Outro desafio era para levar a escola até as comunidades para que realmente abraçassem a causa. Para isso, foi feito um trabalho nas comunidades para explicar o que era a escola, qual era o seu objetivo, o que se pretendia com os jovens rurais. Foi feito, então, um trabalho de base para conscientização e informação e, aos poucos, todos abraçaram a causa e compreenderam o real objetivo da EFA, comprometendo-se com o projeto.

A pedagogia empolga, a Pedagogia da Alternância, que coisa boa, mas a sua prática ela exige muito comprometimento, esse é um desafio, outro desafio é fazer com que as organizações sociais, com o poder público, quer dizer compreender-se bem a proposta, hoje nós já podemos dizer que o poder público já entende melhor, já até se apropriou mais da proposta, mais ao longo da história, nós sempre tivemos que trabalhar muito pra fazer com que as famílias e as comunidades, as organizações sociais, o poder publico entendesse o projeto. E reconhecesse da forma como ele é, esses sempre foram desafios, coloco assim a questão de manutenção acho que isso ai é um desafio manter a proposta pedagógica, ter os recursos humanos, financeiros e técnicos para manter a proposta pedagógica e desenvolver essa proposta pedagógica. A nossa história nem sempre isso foi tão fácil (Entrevista realizada com o senhor IDALGIZO JOSÉ MONEQUI, em 29/12/2014).

Rio Novo do Sul estava ruim, muito difícil, na agricultura a erradicação dos cafezais, a economia muito baixa, havia só monocultura. Aí depois que o MEPES, que a escola entrou aqui na nossa região, é que nós começamos a diversificar a produção, iniciando o cultivo de banana. O que foi muito importante e teve grande representatividade para a economia do município (Entrevista realizada com o senhor JOÃO BRÁZ BORTOLOTE, em 21/10/2014).

Hoje se observa que está emergindo a necessidade de reviver a EFA nas comunidades e no município como um todo, promovendo uma releitura de sua proposta. “*A Pedagogia da Alternância ela tem que reler a sua proposta, reler, sem perder sua essência*” (Entrevista realizada com o PADRE FIRMINO COSTA MARTINS, em 31/10/2014).

Mesmo diante desses desafios, a Pedagogia da Alternância no município de Rio Novo do Sul e em outros municípios, na qual estava sendo implantada na década de 1960, era vista com bons olhos, pois o aluno não ficava fora do seu ambiente familiar e comunitário, o que fazia com que o ensino produzisse bons resultados. Segundo relato do senhor João Bortolote,

[...] o aluno voltava para trabalhar, então ele não ficava totalmente fora do ambiente familiar e do trabalho, outra coisa importante era o diálogo que ele

vinha pra cá, via umas coisas novas e ia para casa falava com os pais, fazia uma ponte entre a escola e a família, então isso transformava o diálogo. Havia todo um crescimento, também tinha produtores com experiências muito boas, pois tem agricultor que apesar de ser semi-analfabeto, entende na prática as coisas. Sabe muito! Então isso era um enriquecimento para nós (Entrevista realizada com o senhor JOÃO BRÁZ BORTOLOTE, em 21/10/2014).

Nos relatos ao longo da coleta de dados, foi possível observar que a EFA de Rio Novo do Sul teve uma atuação mais ativa no município em seu início, entando, essa relação se desgastou com o passar do tempo. Isso nos remete a um alerta, uma vez que a Escola Família Agrícola foi um grande alicerce para o desenvolvimento do meio rural de Rio Novo do Sul, ao pautar as discussões dos conteúdos mediados pela realidade dos alunos.

Naquele tempo, a alternância era 15 dias o aluno passava na escola e 15 dias em casa, então neste período da alternância, o aluno levava para casa o que a gente chamava de plano de estudo, a gente preparava um plano para que nesse período que ele passava em casa estudar, ajudar a família, também o objetivo também era esse dos 15 dias em casa, na qual ajudavam os pais na cultura do café, na colheita, no plantio de banana, colheita dos frutos e tal. Então o período da alternância eu acho que foi muito válido e trouxe o aluno para a escola e a alternância também serviu de experiência para a gente conhecer a família do aluno, porque quando ele estava em casa, à gente ia fazer a visita, cada professor tinha o seu setor. Eu bem me lembro, que meu setor eu sempre ia para São Vicente – RNS, visitar ali os Bortolote, eu chegava lá, tomava um cafezinho, como é que vai, você tem alguma dificuldade? A Família: Não Getúlio estou indo bem, estou resolvendo bem aqui as questões. E ele (o aluno) está ajudando em casa? (Entrevista realizada com o senhor GETÚLIO DE OLIVEIRA MOTA, em 18/9/2014).

Desde o início da EFA de Rio Novo do Sul, destaca-se uma série de desafios em que a EFA começa a ser analisada apenas com a função de escolarização, sendo muito escola, pouco família e nada de comunidade. Entre os desafios, destacam-se a questão política e ideológica do movimento, o reconhecimento público, a educação regular, dentre outros. Outra questão é em relação ao Estado, que avançou muito, portanto ocupou muitos espaços que antes eram das EFA, na qual o ensino fundamental deve ser repensado de acordo com o contexto atual.

Eu acho que nós estamos indo mais para dentro de nós, e sendo menos agricultor, então temos que ser mais agricultor, mais comunidades, mais trabalho comunitário. Este que é o desenvolvimento que a Escola Família Agrícola tem que ter e fazer tem que fazer isso lá e a gente não consegue (Entrevista realizada com o senhor EDINYS ANTÔNIO ORLANDI, em 27/11/2014).

Eu estou falando o ensino fundamental, portanto ele tem que ser repensado. Qual a função social da Escola Família Agrícola de ensino fundamental? Função social, não função pedagógica, tendo que ver

também a função social, pois tem escolas ali que tem 50% que não são do campo (Entrevista realizada com o senhor SÉRGIO ZAMBERLAM, em 7/11/2014).

A Pedagogia da Alternância, tem um papel muito importante hoje ainda, só que temos que rever algumas coisas... Eu falei já passou da hora de discutir, tem aquelas coisas que nós temos que estar vendo se vale a pena ainda, E o ensino fundamental? Temos que estar olhando, vale à pena manter este tamanho todo, ou você reduz e proporciona mais objetivo, mais qualidade? (Entrevista realizada com o senhor JOÃO BATISTA MARTINS, em 14/9/2014).

Observa-se que, diante do cenário rural apresentado, em meio aos desafios e realizações, a Pedagogia da Alternância também precisa ser repensada dentro do contexto em que se encontra. Em Rio Novo do Sul, território de análise desta pesquisa, essa mudança é perceptível, ao analisar os diferentes contextos das décadas de 1960/1970 aos dias atuais. Todavia, questiona-se: Qual é o debate atual do rural mediado pela Pedagogia da Alternância?

Se o rural de Rio Novo do Sul mudou, se o mundo mudou, a Pedagogia da Alternância também precisa mudar e não pode ficar para trás⁵⁹.

Eu acho que mudou um pouco, porque hoje a realidade sócio econômica é totalmente diferente. Então as pessoas hoje tem televisão, tem internet, tem todo um aparato, uma estrutura que é diferente da época, hoje se você ver as pessoas do meio rural hoje, você não observa diferença entre as pessoas do campo e da cidade. Uns ou outros ainda, mais muito pouco. Se vestem muito bem, acompanham a moda, tem seu carro, sua moto, então mudou totalmente. Hoje precisava de outro avanço deste tipo de alternância para poder dar um passo a mais, dentro desta nova perspectiva, até que a escola ficou um pouco abandonada. Ela não conseguiu acompanhar este desenvolvimento. Ela não acompanhou, por que é diferente (Entrevista realizada com o senhor JOÃO BRÁZ BORTOLOTE, em 21/10/2014).

Por este motivo, tem que ser repensado completamente a educação fundamental em alternância, ela tem que ser repensada, e se tem alguém que deveria pensá-la deveríamos ser nós. Como? Repensar toda a dinâmica, não só a didática mais também a parte pedagógica do ensino fundamental, se nós queremos ficar no ensino fundamental. Segundo: Qual a função da Escola Família hoje para o ensino fundamental? Para mim nós temos que definir, pois nós temos também uma função social e portando se temos uma função social, porque nós estamos recebendo alunos, tem os que foram expulsos de outras escolas (Entrevista realizada com o senhor SÉRGIO ZAMBERLAM, em 7/11/2014).

São épocas completamente diferentes, o sentido da época era um sentido de um desenvolvimento diríamos tecnológico, mais um desenvolvimento

⁵⁹ Ao discutir esta questão, retoma-se o debate referente à chegada da Pedagogia da Alternância ao Brasil, na década de 1960. O contexto vivido naquela época é diferente em relação ao contexto atual, e a Pedagogia da Alternância dessa década nasce com um sentido de resistência conforme alguns relatos (Ver página 168 desta dissertação).

equilibrado, se falava colaborar para que haja um desenvolvimento equilibrado e importante, que se tornaria mais tarde, um desenvolvimento sustentável. Mas, na época o ambiente rural era extremamente carente de trabalhos seja de caráter educativo como de caráter social. Com o passar do tempo, e, portanto quem se inseria fazia também uma escolha de caráter, digamos motivacional, porque foi uma época muito dura. Para quem também entrou no movimento não era só, a Escola Família Agrícola era também um motivo para se engajar em área social. Hoje, tem uma série de outras forças sócias que também fazem isso e nós temos que reencontrar qual é o nosso papel. Qual é o nosso papel hoje no século XXI de fazer a escola em Alternância? (Entrevista realizada com o senhor SÉRGIO ZAMBERLAM, em 7/11/2014).

Porém é preciso levar em consideração sempre a essência dessa metodologia, seu sentido, podendo ser adaptada de acordo com o tempo e o espaço, porém nunca perdida ou transformada em sua totalidade. Nos relatos que se seguem, é possível perceber essa necessidade de repensar a EFA, e isso está presente não só em Rio Novo do Sul, senão em outras EFA em nível de Espírito Santo⁶⁰.

Ildranis: *Rio Novo é uma Escola que precisa ser repensada?*

Sérgio: *Sim, mais não é só Rio Novo, têm muitas é só olhar. Bom, então precisa ser repensado a função social da Escola Família Agrícola. Segundo, a dinâmica tempos ela tem que ser repensada, hoje o meio rural não é mais o que ele era antes, o pré-adolescente hoje no meio rural a maioria não ajuda mais os pais no campo. Terceiro, os pais um dos dois não trabalha mais no campo a tempo integral, muitas vezes a mãe trabalha fora, faz outras coisas, outras atividades. Tem questões a nível associativo, onde um grupo que se organiza, acrescenta valor, agrega valor ao produto. Portanto transforma, o produto fazem doces, bolachas, licores e muitas outras coisas...Tem que ser revista a dinâmica da alternância, ela tem que ser completamente ao meu ver reinventada, este é o desafio maior. Além do mais porque o estado hoje os papéis deles são muito mais amplos e o poder público municipal ampliou a sua ação, ampliou muito (Entrevista realizada com o senhor SÉRGIO ZAMBERLAM, em 7/11/2014).*

A Pedagogia da Alternância trouxe ainda muitas realizações para o campo no Espírito Santo e também para o município de Rio Novo do Sul, o que implicou mudanças significantes em relação à época de sua chegada, no final da década de 1960 e hoje. Ela colaborou com muitos movimentos para o campo, dando a esse espaço maior visibilidade.

⁶⁰ A respeito da EFA de Rio Novo do Sul, por ser uma escola de ensino fundamental, os objetivos pensados para a Escola Família Agrícola, estão sendo alcançados em parte. Diante disso, falta aos professores uma boa formação. Mas como estão as famílias dos alunos: desenvolvendo-se e capacitando-se com o projeto da escola? Que outras ações a escola tem com as comunidades além dos alunos? Qual é a ideia das Escolas Família Agrícola? A ideia das Escolas Família é que o trabalho não se deve resumir às dificuldades e à sala de aula. As atividades internas da escola exigem muito de sua equipe, o que impede a articulação entre ela e a comunidade.

Quanto à atuação da EFA no meio rural, era muito maior que hoje, não existia o meio rural sem a EFA, como não existia a EFA sem o meio rural e Rio Novo tinha duas EFAS, a de Rio Novo e a de Campinho, pois a maioria dos Jovens da Serra (Monte Alegre e Rodeio), estudavam em Campinho. Na época a facilidade que tínhamos para desenvolver nossas atividades se dava principalmente pela atuação das EFAS, pois todos os jovens do meio rural eram alunos ou ex-alunos das EFAS. Posso dizer que o MEPES com suas Escolas foi a grande base para o desenvolvimento rural de nossa região, e pena que com a mudança na logística, principalmente da Educação de Base implantada pelos nossos Governos, de transportar todos os dias nossos jovens para os centros urbanos para estudarem, acabando com a maioria das escolas do nosso interior, isto está e irá causar um grande prejuízo ao nosso meio rural e às Escolas Família, Agrícola porque esse sistema conduz ao Jovem o desejo de migração para as cidades (Entrevista realizada com o senhor ARTHURILDO, em 18/10/2014).

A Pedagogia da Alternância passou a ser minha resposta no anseio de trabalhar na educação popular, quando eu cheguei aqui, comecei aprender essa Pedagogia, comecei a me envolver com essa pedagogia e ela hoje representa o meu compromisso com a transformação, com a libertação, com a dignificação do ser humano, ela é um tesouro precioso (Entrevista realizada com o PADRE FIRMINO COSTA MARTINS, em 31/10/2014).

As realizações com a Pedagogia da Alternância foram ver o crescimento do povo. O povo se desenvolver. Ter uma nova visão, uma nova consciência, isso foi importante para nós. Isso foi o mais gratificante (Entrevista realizada com o senhor JOÃO BRÁZ BORTOLOTE, em 21/10/2014).

Vejo a Pedagogia da Alternância com muito bons olhos, achando que ela ia influenciar como influenciou no desenvolvimento social, educativo do pessoal, principalmente da zona rural, que ela era direcionada para o meio rural (Entrevista realizada com o senhor SÉRGIO ZAMBERLAM, em 7/11/2014).

Rio Novo do Sul é um município aonde tem Escola Família, é um município com certa consciência tranqüila, porque o município, a igreja, ajudou as famílias de um modo geral a se colocarem melhor, esta ajuda a gente hoje o público não valoriza, mais quem esta dentro percebe a ajuda. Você vê o ex aluno o que estão fazendo estes ex-alunos por aí, pelas comunidades todas por aí, é muita coisa, o que significa isto, em mais valia, o que significa isso em dinheiro para a comunidade, o que significa isto em produtividade, em formação, e tal? Eu tenho para mim que, não tem dinheiro que pague, o estado se fosse pagar esta atividade aqui nossa, ele só paga salário, este é o pecado do estado, não tem como, se o MEPES, o estado e o município, por exemplo se for pagar o que a saúde fez para o município é muito dinheiro. Por exemplo, você trabalhar em um município de graça, a escola de Rio Novo trabalhou quarenta e poucos anos de graça para o município, para as famílias, de graça que eu digo a mais receberam um salário. Mais “caramba” em qualquer situação do mundo você tem que ter o salário, você tem que ter o mínimo. Você entendeu a questão humanitária e a questão econômica das comunidades é muito significativo e grande, mais este é um assunto que ninguém quer entrar, nem a própria equipe quer entrar. Olha você Rio Novo do Sul esta colaborando financeiramente muito pouco, nós temos que questionar isto, pode dar mais, pelo trabalho que ela realizou e pode realizar ainda, eu acho que é um Maná, a Escola Família é um Maná, mais os prefeitos eles tem, não sei se nós influenciemos um pouco, estamos distantes dos prefeitos, talvez teria que cada equipe aproximar mais os secretários e o prefeito da escola, para realmente ele contribuir para que se realize isto dentro do município e da região, não só deixar os

pais, os pais já fizeram muito mandar seus filhos para a escola (Entrevista realizada com o senhor EDINYS ANTÔNIO ORLANDI, em 27/11/2014).

Para o senhor Sérgio Zamberlam, suas maiores realizações tanto para sua vida pessoal quanto para as questões sociais podem ser observadas no relato que segue.

A realização qual é? Bom, as maiores eu acredito que a Pedagogia da Alternância colaborou com outros movimentos sociais inclusive na formulação de correntes pedagógicas... Ninguém é dono desta metodologia, concordo que ninguém é dono, mais precisa dar crédito a quem colaborou na implantação de uma corrente pedagógica. Portanto uma relação qual é? Ter colaborado com outros movimentos na difusão não desta pedagogia assim só, mais também para torná-la híbrida, quem hibridou isso aí foram outros movimentos. Segundo, eu acredito que mais ou menos, a Escola Família ajudou a movimentar lideranças do campo, sem dúvidas alguma, ajudou, colaborou, a movimentar e também a formar lideranças novas no campo. Eu me arriscaria a dizer que em várias regiões ela foi muito mais que os movimentos sociais, os movimentos sociais absorveram esta liderança que surgiu a partir da Escola Família. Esta que ao meu ver colaborou. Fora disto é que a Pedagogia da Alternância hoje chegou até a academia, antes não tinha “merda” nenhuma. A primeira tese foi em 1978, na década de 70 foram feitas duas, e a última em 1980, durante mais de 15 anos não se viu se quer mais nenhuma tese, a outra tese só partiu a partir de 1995 ou 1996. Portanto, a primeira tese foi Paulo Nozella, que trabalhou conosco, no começozinho do movimento, a segunda de Alda Pessoti (Entrevista realizada com o senhor SÉRGIO ZAMBERLAM, em 7/11/2014).

A alternância trouxe para a gente esta experiência nova, de poder conhecer, não só a comunidade de São Vicente, porque era a minha área, mas eu ia também a Mundo Novo, São Caetano, onde tinha alunos naquela época. No setor de Cachoeirinha também tinha alunos e tal, então a experiência que a alternância me deu no caso, foi esta de conhecimento, de ver o que acontecia em casa (Entrevista realizada com o senhor GETÚLIO DE OLIVEIRA MOTA, em 18/9/2014).

Retomando o debate sobre o sentido da chegada da Pedagogia da Alternância ao Brasil, iniciando pelas terras capixabas, viu-se que o cenário não era dos melhores para o campo e para quem tirava seu sustento do campo. A pressão para sair ganhava força cada vez maior.

Assim, a Pedagogia da Alternância, dentro do contexto da década de 1960, nasce com o sentido de “resistência”, como um projeto contra-hegemônico, ao sistema capitalista, sobre a qual se discursou nesta pesquisa.

Sobre a questão de “Resistência”, destaca-se também a análise do senhor Sérgio Zamberlam, vindo da Itália, o qual, ao chegar aqui na década de 1960, faz suas observações em relação ao contexto vivido e uma análise no sentido do termo

“resistência”, uma vez que aqui se encontra adiante um agricultor completamente desanimado e desmotivado, não voltado para o mundo do trabalho, porque o mundo do trabalho é aquele que ajuda a estruturar a personalidade, levando a acreditar que a vida ensina mais que a escola.

Dramático, a palavra resistência talvez?! O MEPES surgiu logo após o Regime Militar e na década uma das décadas digamos assim, mais dramáticas para o homem do campo na década de 1960, porque em 1965, 1966, por um período ai 1967 ocorreram à erradicação dos cafezais, meu pai por exemplo eu lembro, papai recebia para arrancar o pé de café, cafezais novos até, como o café segurava muito, precisava de muita mão de obra, até hoje muita mão de obra, então com a erradicação dos cafezais, muitas pessoas ficaram sem ter o que fazer no campo, sem perspectivas, sobretudo os colonos, porque os fazendeiros com a erradicação dos cafezais, o espaço foi ocupado com pastagens que exige pouca mão de obra, então, muitas famílias começaram a sair do campo, sobretudo os jovens que estavam sem perspectivas, com o café erradicado, pouca procura de trabalho no campo, o jeito era migrar do campo para a cidade, primeiro começava os jovens, depois as famílias e a nossa realidade, a realidade da nossa família era assim, sem perspectivas, eu me preparando pra sair do campo, meus irmãos também e, provavelmente se nós tivéssemos feito, se nós não tivéssemos estudado na Escola Família provavelmente eu teria saído depois meus irmãos, depois minha família, eu também, graças ao estudo da Escola Família a minha família ficou no campo, parte dos meus irmãos ficaram no campo e isso aconteceu com muitas famílias onde os filhos estudaram na Escola Família, mais têm que colocar outro elemento que também no momento em que surgiu o MEPES se tinha um quadro do crescimento industrial do país e ai que era mais dramático ainda, ai pode entender que a erradicação dos cafezais foi uma forma que na época o governo encontrou de ter mão de obra pra trabalhar em grandes projetos industriais barato, uma coisa perversa, né? Então, por isso que podemos dizer que o projeto do MEPES e das Escolas Famílias foi um projeto de tentar reverter esse quadro, por que na época usava-se a expressão de nadar contra a maré, o projeto do MEPES e da Escola Família foi exatamente um projeto contrario ao que estava em curso pelo governo, quer dizer quando o governo estimulava a saída do homem do campo para trabalhar nos grandes projetos industriais o MEPES chegou dizendo não, vamos formar os jovens para que permaneçam no campo, existem possibilidades no campo, era exatamente o contrário do que se pregava (Entrevista realizada com o senhor IDALGIZO JOSÉ MONEQUI, em 29/12/2014).

Olha bem em partes eu acredito que, sem dúvidas ela tem sentido de resistência, porque para nós era um pouco buscar mudar algum paradigma. Você imagina se encontra adiante um agricultor completamente desanimado, e que te diz que para puxar cabo de enxada não precisa de ir para a escola. E você ao invés de propor o contrário não, todo mundo tem que aprender a melhorar o nosso trabalho, todos, todos, indistintamente quem seja. Segundo, uma agricultura que é feita só para retirar não se sustenta, na época não tinha a palavra sustentabilidade, mais não se sustenta e o que acontecia? A Pedagogia da Alternância pelo fato de partir da realidade...surgiu na França do mundo do trabalho, surgiu do mundo do trabalho, porque o mundo do trabalho é aquele que ajuda a estruturar a personalidade. Portanto, ajuda a aprender, olha não diz que a vida ensina mais que a escola! Bom, ela surgiu desta dialética e portanto que a vida cotidiana ela ensina e se ela ensina ela tem que ser valorizada. Como valorizada? Através da sistematização dos próprios conhecimentos e aprofundamento de outros, esta ia contra em parte daquilo que existia aqui

que tinha que ser colocado para dentro toda uma tecnologia que estava sendo desenvolvida, os pacotes já começaram a ser desenvolvidos, inclusive mesmo a ACARES, tinha na época os técnicos que não era acompanhar o agricultor isso veio muito depois acompanhavam as culturas, tinha técnico que era do feijão, tinha técnico só do café, era especialista em café, bom até hoje tem isso, um especialista em café, mais que “cassete”, escuta se você tem que acompanhar na época tivemos discussões ferrenhas até com alguns deles porque nós tínhamos o contato direto com o pessoal da ACARES e mais quem que cuida deste negócio? Quem cuida da terra? Não é o homem? A cultura é o meio, aquilo que nós plantamos é o meio, a terra é começo, meio e fim. Mais isso veio mais tarde e isso não surgiu da Pedagogia da Alternância, mais nós contestávamos que o agricultor tinha que ser como aquele que vê-se não sabia porcaria nenhuma e portanto tinha que aprender as novas tecnologias. Não! Nós primeiro temos que valorizar aquilo que ele sabe e depois se ampliar as coisas que ele sabe. Portanto, ali que as visitas as famílias, as visitas as propriedades, as visitas as localidades, etc. a gente se encontrava muitas vezes nos finais de semana e tudo isso. E nós fazíamos muito mais do que os técnicos. Por quê? Escuta aqui, o que você quer dizer com este plano de estudo? Porque muitas vezes nem todas as perguntas eram entendidas, então como você faz, por exemplo, escolher o solo depois aprendemos, não era escolher o solo, não existia a palavra solo para o agricultor. Qual o terreno, qual você escolhe para plantar o café? Entendeu? Por isso que era também saber utilizar a linguagem do agricultor. Então ele se sentiu através destas pequenas coisas iniciais, até que começou a superar um pouquinho a própria desconfiança para com o mundo, um saber um pouquinho mais sistematizado, mais também com um agente externo, porque nós éramos um agente externo, um agente estranho. Ele começou a ver que não, este pode ser um bom companheiro, no lugar de ser alguém que olha atravessado, concorda mais não concorda, entendeu? Muitas vezes os dois com o pé atrás. E é claro, o agricultor que viveu a vida inteira dando conta do recado, e escuta você vem aqui me ensinar agora (Entrevista realizada com o senhor SÉRGIO ZAMBERLAM, em 7/11/2014).

Desse modo, muitos desses agricultores da década de 1960 acabaram não “Resistindo”, rendendo-se ao sistema capitalista de produção, e a Pedagogia da Alternância chega lutando contra esse sistema e assim o fez em meio às intempéries diversas. Ainda sobre a questão de resistência, o senhor João Bortolote descarta essa possibilidade, na qual considera a chegada da Pedagogia da Alternância como possibilidade que surge em sentido de mudança.

[...] a escola surge como colaboradora para esta transformação em que o rural vinha passando na época, ela não cria uma resistência, eu acho que quando você desenvolve uma pessoa, você desenvolve o conhecimento de uma pessoa, você está dando a ela oportunidade para descobrir novos métodos de trabalho, a ter um novo olhar em relação ao que está a sua volta. Ela surge no sentido de mudança, como resistência não. É que algumas pessoas a entendiam errado. A ideia era desenvolver, era dar um crescimento ao pessoal (Entrevista realizada com o senhor JOÃO BRÁZ BORTOLOTE, em 21/10/2014).

Outras visões sobre o sentido de resistência são destacadas, uma vez que ela era contra a “opressão” do governo para com o homem do campo e sua relação com a

terra, com o produto da terra. E a Escola Agrícola, no entanto, dependia do governo para se efetivar e institucionalizar. Daí surge uma nova visão desse sentido de resistência:

Abertamente não nasce com este sentido, porque o MEPES também dependia do Estado, de verbas do governo, pois ele recebia do Estado. Mais o espírito do MEPES, ia contra o que acontecia mais ninguém levava isto em conta, tanto é que este grupo lá em Pádova – Itália, eles eram mais ligados ao socialismo italiano, eles foram contra a ditadura do Mussolini, mais eles aqui precisavam do governo, das verbas do governo, mais havia restrições. A gente observa nas fotos que o MEPES era muito ligado ao estado, na inauguração da escola daqui tinha governador, deputado tudo ali (Entrevista realizada com o senhor JUSTINO MAMERI, em 2/10/2014).

Então no início ela deu esta Resistência, ela entrou e a comunidade estava motivada para isto realmente, a comunidade devagar percebeu que a escola era para o campo, mais dentro de um contexto (Entrevista realizada com o senhor EDINYS ANTÔNIO ORLANDI, em 27/11/2014).

O MEPES também surge como sentido de resistência a essas questões, o MEPES surge depois de uma análise, espera ai o campo está se esvaziando, o homem do campo está sem perspectivas, os jovens estão saindo do campo, precisamos fazer alguma coisa e naquela época o MEPES com sua proposta de Escola Família Agrícola, com as ações sociais era valorizar a família do campo, a fortalecer as comunidades para que permaneçam no campo, com os jovens com formação, porque também o que se percebia era de que os jovens não acreditavam mais no campo, não tinha e muitos não tinham formação nenhuma, então era preciso formar esses jovens para que permanecessem no campo, que pelo menos encontrassem oportunidade de continuar (Entrevista realizada com o senhor IDALGIZO JOSÉ MONEQUI, em 29/12/2014).

Observa-se, assim, que há controvérsias em relação à opinião dos envolvidos nessa análise sobre o sentido de resistência na chegada da Pedagogia da Alternância a terras capixabas e também a Rio Novo do Sul. Contudo, o que se pode considerar é que ela surge para dar visibilidade às questões que o campo estava enfrentando, tentando então “abrir os olhos” do homem do campo, para que ele, munido de informação e conhecimento, fosse contra o modelo imposto pelo governo que tornava invisível a importância do trabalho e da vida no campo.

A questão de “resistência” pode e deve ser entendida, ao analisar o contexto em que se encontrava o Espírito Santo na década de 1960⁶¹, no qual se enfatiza a questão da industrialização. Assim como o programa de erradicação dos cafezais, o homem

⁶¹ Este debate foi estabelecido no tópico referente ao contexto agrário do estudo, bem como no contexto da chegada da Pedagogia da Alternância a terras capixabas. Este então aparece em diversos momentos deste estudo.

do campo abandona suas terras por um valor ilusório e vai para os centros urbanos servir de mão de obra barata para a indústria. Levando em conta os primeiros tempos da Pedagogia da Alternância, não nada foi fácil, pois era preciso buscar meios para as escolas se autossustentarem, e esse apoio era um dos grandes desafios, pois o movimento era algo novo, “um estranho no ninho”. Por isso, em alguns casos, era preciso conhecer para colaborar.

Muito difícil os primeiros tempos. Porque, primeiro não tinha dinheiro, o salário nosso era extremamente miserável, fora que nunca era em dia, teve época que nós passamos mais de oito meses sem ver a cor do dinheiro, esta era uma barra para lado dos monitores, mais para o lado do agricultor, quer dizer, a escola com agricultor nos primeiros tempos, foram tempos de muitas descobertas, de ambos os lados, uma descoberta do que o mundo que nós vivíamos como monitores, mais também que os agricultores viviam era uma época em que havia muitas mudanças, e portanto estas mudanças tinham que ser acompanhadas. E em bom tempo, foi uma mudança tipo light, em sentido de brando, sem contestação, contestação ideológica já a partir da metade da década de 1970, começou a mudar, a discutir também questões muito mais não só técnicas mais também políticas, as técnicas e as mudanças entraram nesta questão política de justiça social, etc. também antes se tratava disso, muito menos, por isso que ali fala que as Escolas Famílias aqui primeiro foram brancas, depois passaram para o vermelho, para chegar ao verde, as cores tem sentido, o branco significa centrista, na Europa, na Itália o branco é democracia cristã. Vermelho são a esquerda, e o verde, bom, os verdes são os ecologistas. As Escolas Famílias tiveram mais ou menos esta trajetória (Entrevista realizada com o senhor SÉRGIO ZAMBERLAM, em 7/11/2014).

Quando se pensa nas escolas em alternância hoje e se faz um paralelo com a década de 1960, emerge a necessidade de repensar o que hoje podemos dizer do “novo” (nunca foi dito) sobre a Pedagogia da Alternância? Que questões ainda não foram apresentadas, no entanto precisam ser refletidas com mais precisão?

É preciso analisar essas questões, pois o capitalismo está transformando-se, e, se a Pedagogia da Alternância não caminhar rumo a essas transformações – caminhar, neste caso, significa não se deixar manipular pelo sistema, e sim caminhar na perspectiva de compreender as transformações e usá-las a nosso favor –, a escola permanecerá estática e muito distante da família e do aluno.

Atualmente é preciso que as escolas estejam recontextualizadas no debate da Educação do Campo, no debate sobre a Agricultura Familiar, analisando as mudanças por que o sistema rural vem passando. Assim, se a Agricultura Familiar

se transformou que tipo de Educação do Campo hoje estamos fazendo em nossas escolas em alternância⁶²?

É necessário ainda repensar a Pedagogia da Alternância em relação à forma de trabalho, levando em conta a transformação do campesinato no sistema capitalista de produção no qual estamos vivendo. O cenário atual é este; é preciso, portanto, formar o jovem para essas mudanças, contextualizando o ensino.

Observa-se nesta pesquisa, partindo da análise do município de Rio Novo do Sul, que essa realidade abrange ainda outras escolas. O que não pode acontecer é essa questão passar por despercebido, porque, se a EFA hoje com sua metodologia específica não trabalhar a transformação do campesinato no sistema capitalista, mediado pelas novas ruralidades, ela se tornará retrógrada e, ao invés de ser um fermento para o desenvolvimento rural, tornar-se-á algo comum.

Eu acho que nós na época, fomos um fermento de desenvolvimento. Hoje eu não vejo isso mais. De partir para as comunidades, de falar sobre cooperativismo, união de produtores, criar novos projetos agrícolas, fazer uma mudança de mentalidade, passar o agricultor ao invés de ser de subsistência, passar a ser um micro empresário. Eu acho que para a escola eu acho que sim, porque a escola teria que ser mais um fermento. Hoje ela virou uma coisa mais comum (Entrevista realizada com o senhor JOÃO BRÁZ BORTOLOTE, em 21/10/2014).

Nessa observação, vale ressaltar a atuação do monitor na Escola Família Agrícola, o qual deve ser um articulador dos elementos pedagógicos, bem como toda a dinâmica específica da escola, uma vez que esta vai além de sua função na sala de aula. Ser monitor é mais que ser um professor⁶³: ele tem a responsabilidade de fazer a Pedagogia da Alternância acontecer na prática, estabelecendo boa relação entre a escola, família e comunidade. Atualmente na EFA de Rio Novo do Sul, essa relação

⁶² O debate sobre a Educação do Campo foi estabelecido no início deste estudo, no capítulo 1, e nos remete a uma reflexão que começa na sala de aula, na metodologia da escola, a qual vai refletir no espaço rural, pois, se a escola vai bem e é recontextualizada e inserida no seu espaço, o resultado será positivo. No entanto, uma escola com uma educação descontextualizada significa que o resultado no espaço rural será repulsivo aos que ali estão. Destaca-se a função social da escola nesse sentido, bem como a necessidade de estar sempre contextualizada, conforme sua clientela.

⁶³ Em relação à atividade do monitor na Escola Família Agrícola, ele desempenha um papel fundamental, por isso que, para tal função, é necessário ter um perfil que se identifique com a causa da alternância. O capítulo 2 faz uma abordagem sobre o “Ser Monitor”. Este tem uma função primordial na EFA, pois é na EFA que a Pedagogia da Alternância se concretiza. A EFA é o “ventre” da Pedagogia da Alternância.

está dissolvendo-se em algumas questões, pois, com o tempo, as atividades do monitor se tornam mais complexas e o fazer “fora” da escola mais difícil. Isso faz com que a escola caia na escolarização.

Olha, eu digo o seguinte: que no passado a relação da escola a família e a comunidade era maior, porque também existia, menos exigência para o monitor trabalhar as questões ligadas a comunidade, então isso é um fator, os monitores hoje estão mais distantes das comunidades, isso é um problema para a escola (Entrevista realizada com o senhor VANDEIR SPADETTI, em 18/9/2014).

Em relação aos monitores que atuam nas Escolas Família Agrícola, uma questão positiva é que antes tinham uma formação bem superficial, apenas o ensino médio e a formação ofertada pelo Centro de Formação do MEPES. Atualmente essa formação tomou uma nova tendência que, no entanto, necessita de revisão nos moldes do contexto atual.

Os monitores também hoje já têm um nível de formação maior, em sua maioria todos com curso superior, bem como a formação em serviço, oferecida pela MEPES, o que faz com que o nível da escola seja também mais elevado. Para tanto, o monitor precisa ter perfil, caso contrário, por mais formação que tenha o monitor, ele se perde, pois a dinâmica da Pedagogia da Alternância é complexa em relação ao “ensino tradicional”⁶⁴.

Pedagogia da Alternância era vista muito como uma pedagogia diferente, mais não se tinha fundamentação por que os monitores também não tinham uma fundamentação acadêmica que levassem a discutir as correntes pedagógicas com aprofundamento com o que seja da própria pedagogia, hoje já acho que há um embasamento maior, hoje os nossos monitores todos tem graduação, outros já tem mestrado, outros tem doutorado, isso tudo facilita muito o aprofundamento de uma melhor compreensão da Pedagogia da Alternância e as suas diferenças com as demais (Entrevista realizada com o PADRE FIRMINO COSTA MARTINS, em 31/10/2014).

⁶⁴A questão do monitor da Escola Família Agrícola é muito importante, pois ele faz a Pedagogia da Alternância acontecer de fato, além de ser responsável pela interação da escola com a família e comunidade. Essa questão está mais bem detalhada no capítulo 2 desta pesquisa e nos alerta sobre a importância de ser “monitor”, e não apenas um “professor” dentro da Escola Família Agrícola. Em relação à formação, além da formação superior, é necessário, ao ingressar no movimento, o monitor realizar a formação inicial e continuada de monitores, a qual lhe oferece meios de interagir nas especificidades do movimento. Quanto à formação do monitor nas Escolas Família Agrícola, realiza-se a formação em alternância, pois essa metodologia requer educadores diferenciados atuando em tempo integral.

É preciso pensar no “Futuro da Pedagogia da Alternância” e das EFA em meio às transformações do meio rural, pois o sistema, bem como as relações de trabalho no campo, está em constante transformação e o rural que se tem hoje, no caso de Rio Novo do Sul, fazendo um paralelo com o da década de 1970, apresenta essa mudança, principalmente no que se refere ao modo de produção. As pessoas que ainda estão no campo, as que “resistiram”, estão desmotivadas, pois as perspectivas infelizmente são poucas, mas, tanto do meu ponto de vista quanto do de algumas pessoas pesquisadas, viver no campo está melhor atualmente do que na década de 1960. No entanto, a EFA precisa ter, para lidar com tais mudanças, flexibilidade metodológica e criatividade pedagógica.

Quanto ao futuro da Pedagogia da Alternância... A equipe deve estar bem sintonizada e preparada pedagogicamente. Dentro da Pedagogia da Alternância o aluno usufruir da tecnologia que está emergindo no meio rural, mesmo que a escola tenha menos propriedade, ela pode ter mais alunos e neste sentido, o espaço campo tem que ajudar nesta formação. Pois é, então se você, agora não sei como que está os estágios, as visitas de estudo, estágio de um dia só, isso não tem cabimento. O nosso estágio era de seis a sete dias, até o sábado. Agora este mundo rural está avançando, aí pode ser que alguém questione porque a Escola Família tem um começo, um começo bom, tem um começo mais ou menos, depois tem um meio bom, e depois ela vai decaindo, tem que ter cuidado, pois, lá na frente como na Itália e desaparece (Entrevista realizada com o senhor EDINYS ANTÔNIO ORLANDI, em 27/11/2014).

No futuro... Esta diversidade de situações também existe no mundo das EFAs e requer cada vez mais flexibilidade metodológica, criatividade pedagógica. Isso é um dos grandes desafios que o movimento terá de enfrentar e vencer se quiser se afirmar como opção de educação para as gerações vindouras (Entrevista realizada com o senhor JOEL DUARTE BENÍSIO, em 27/10/2014).

Veja bem, eu penso, não sou dono da verdade, porém eu acho que nós, eu digo até pelo próprio fruto do trabalho, o resultado, que na verdade é o seguinte, temos uma escola que se preocupa e como nós temos um sistema diferenciado eu acho que a EFA teve um papel muito importante e continua tendo um papel importante para mim. Mais no passado teve um papel muito importante e os alunos que passaram a gente vê por aí, que os resultados saíam mesmo! Eu acho que faltou no nosso caso, tem faltado e no meu ponto de vista nós teríamos que estar adequando melhor à realidade hoje... A Pedagogia da Alternância ela tem ferramentas extraordinárias no meu ponto de vista e que nós podemos continuar utilizando e também eu vejo nesta questão, quando nós estamos falando no desenvolvimento sustentável, em nível de país, com a potencia que nós temos sem dúvidas eu vejo que nós podíamos estar liderando isto, aí nós perdemos tempo, aí começa vir escola agrotécnica, a escola não sei o que, então nós podíamos ter e estar ocupando estes espaços... Nós podíamos estar ocupando estes espaços com escolas de ensino médio, ensino superior em Pedagogia da Alternância, buscando também as alternativas hoje de atividades que você pode estar trabalhando não só na agricultura, mais você tem a questão de várias outras frentes (Entrevista realizada com o senhor JOÃO BATISTA MARTINS, em 14/9/2014).

Em relação ao “Futuro da Pedagogia da Alternância” e às EFA em meio às transformações do meio rural no sistema capitalista de produção, emergem algumas preocupações em que se discute um mundo em conflito, mediado por uma época de transição. Nesse processo alienante, a EFA precisa situar-se dentro dessas mudanças, refletindo seu papel em cada contexto.

Não sei, estou para te dizer à verdade eu não sei. Eu acho que elas estão simplesmente em grande parte alienadas, na verdade é que hoje o mundo atual é extremamente conflitante, muito ambíguo, uma época de transição extremamente violenta, até ideologicamente, centralização de capital, centralização de idéias, quer dizer unificação das idéias, estão destruindo tudo. Qual é a alternativa, eu não sei acho muito complexo. Em parte a Pedagogia da Alternância está bastante alienada (Entrevista realizada com o senhor SÉRGIO ZAMBERLAM, em 7/11/2014).

Em meio às transformações, a Pedagogia da Alternância, terá que encontrar os seus, encontrar não, é preciso discutir mais qual é o lugar da Escola Família Agrícola dentro de todas essas mudanças que estão ocorrendo no campo, é precisa refletir um pouco sobre o seu papel, hoje. Já se falou anteriormente tem que discutir, é a questão da diversificação do campo, precisa discutir isso, diversificação das produções, diversificações das produtividades e a Escola Família Agrícola inserida neste novo contexto, nós ficamos um bom tempo com uma Escola Família focada mais no agrícola, no produtivo, claro falar do social também, então hoje você precisa colocar a Escola Família dentro dessa nova perspectiva da diversificação do campo. Considerando que as famílias têm poucos filhos, considerando que o acesso hoje está mais facilitado, considerando as inúmeras possibilidades que o jovem do campo já encontra pra estudar e aí a minha preocupação é de que talvez o futuro da Escola Família Agrícola do Espírito Santo é não ter tantas escolas, não ter tantas escolas, mas ter escolas bem contextualizadas, porque mais do que formar muitos jovens, ela contribui para o fortalecimento de uma filosofia de educação que nós acreditamos que é o que dá base ao projeto da Escola Família Agrícola. Eu acho que nós temos que verticalizar um pouquinho, eu acho que as Escolas Famílias do Espírito Santo já estão na hora de dar passos para um curso superior, para outras modalidades, eu penso que nós temos que ter no futuro, ampliar, pra ter escolas, trabalhar a questão de um nível superior, mestrado ou outras coisas mais e ter também um Centro de Formação e animação comunitária e que não seja caracterizada apenas como uma Escola Família, mas como uma ação de formação que atenda os diferentes públicos do campo (Entrevista realizada com o senhor IDALGIZO JOSÉ MONEQUI, em 29/12/2014).

É preciso pensar em relação ao método da alternância e a sua aplicabilidade no contexto atual, analisando pelo viés da Educação do Campo, da agricultura familiar, da relação entre o rural e o urbano, buscando uma compreensão do espaço rural, do urbano na sua totalidade e completude, bem como de todas as relações que neles são estabelecidas. Vale destacar o cuidado para que, em meio às mudanças, a Pedagogia da Alternância não perca o seu foco que a formação integral do jovem.

Nesta transformação do rural, a Pedagogia da Alternância, deveria também mudar, este seria o ideal, a gente precisa ficar atento nesta mudança, nesta

transformação, tinha que incluir uma formação para os monitores neste sentido, para que a escola se diversifique também, da sua maneira de ensinar. Ou talvez até também que hoje já se fala em outros tipos de Escola Família, como Escola Família de Turismo. Será que é isso aí? Ou esta realidade vai à frente da Escola Família? Pode ser que o meio rural, com as tecnologias que estes hoje, insumos, técnicas, maquinários, transformação dos produtos talvez já esta na frente da escola, e isso pode ser perigoso (Entrevista realizada com o senhor EDINYS ANTÔNIO ORLANDI, em 27/11/2014).

Qual é a mudança, qual é o cuidado de não deixar que a Escola Família seja apenas uma escola e que a Pedagogia da Alternância não é apenas uma pedagogia para resolver um problema de aprendizagem, não é apenas uma pedagogia pra ser uma escola boa, é uma escola, uma pedagogia insisto que tem como objetivo a promoção dos jovens, das famílias, das comunidades, do desenvolvimento territorial local, esse é o projeto, o perigo que tem da pedagogia se transformar em projeto escolar, de pouca relação com a comunidade, de pouco vínculo com a comunidade, eu estou falando muito sobre isso, então esse é ainda o debate que se precisa fazer (Entrevista realizada com o senhor IDALGIZO JOSÉ MONEQUI, em 29/12/2014).

Nessa dinâmica espacial e temporal, Milton Santos enfatiza a questão da mudança do mundo em relação à geografia, ou seja, se o mundo mudou, a geografia precisa mudar. Pensando nessa questão pelo viés do rural e da Pedagogia da Alternância hoje, se o mundo rural mudou a Pedagogia da Alternância, as Escolas Família estão acompanhando tal mudança? Eis o outro grande desafio.

Os principais desafios da Pedagogia da Alternância estão em sua essência, ou seja, na primazia da vida sobre a escola, é um olhar constante e atento aos problemas do meio e ao exercício do planejamento coletivo; é um repensar efetivo da práxis pedagógica da escola e do trabalho do monitor. Há sempre algo inacabado, a ser feito... cada Plano de Estudo representa um novo diálogo com a realidade a ser pesquisada, refletida e transformada (Entrevista realizada com o senhor JOEL DUARTE BENÍSIO, em 27/10/2014).

Nos dia de hoje, o campo mudou, também mudaram as profissões, as atividades, a forma de trabalhar e a relação do homem com a terra. Mudam a visão e o espaço, e a escola, nesse sentido, precisa mudar e ter um novo diálogo com a realidade.

Existe uma questão ainda em relação à clientela que chega hoje à escola: quem é este aluno? Qual o perfil dele? Quem é sua família? Onde mora? Em que estava atuando? Porém, ao pensar na EFA de Rio Novo do Sul na década de 1960, seus alunos eram todos 100% do campo, filhos de agricultores, e atuavam diretamente na agricultura com seus pais, na semana de alternância em casa.

Antigamente no meu tempo eu olhava da varanda da escola, eles (alunos) lá embaixo os rapazes já formados com as enxadas fazendo os canteiros de alface, couve, cenoura, rabanete, abobrinha. A escola se mantinha desses

alimentos sem ser preciso comprar (Entrevista realizada com o senhor GETÚLIO DE OLIVEIRA MOTA, em 18/9/2014).

Sempre tinha bastante [sic] alunos. Até porque quem ia à escola naquela época? Tudo gente de quinze anos para cima, vários jovens que estavam meio perdidos no campo a gente ia e convidava para ir à escola e todos eram filhos de agricultores (Entrevista realizada com o senhor JOÃO BRÁZ BORTOLOTE, em 21/10/2014).

Essa clientela mudou em relação tanto à idade quanto à atividade de produção desenvolvida pelas famílias, uma vez que a maioria dos pais que hoje trabalham na agricultura também exerce outra atividade não agrícola, sendo empregados, ou possui uma atividade extra na própria propriedade, pois existe a necessidade de outra renda para suprir as necessidades de casa.

E, quando comparada à do início da escola, essa clientela era totalmente rural, uma clientela que significava força de trabalho para a família, pois a família toda trabalhava na roça e dela tirava o seu sustento. Hoje essa clientela já se transformou, com um grande número de alunos do meio urbano, o que muitas vezes compromete o desenvolvimento e o êxito dos elementos pedagógicos.

Quem são os pais dos alunos hoje? Eles são agricultores e trabalham em atividades na cidade como doméstica ou empresa de granito ou em umas atividades da BR. São atividades que rendem um recurso por mês, porque a agricultura, por exemplo, hoje voltou a ser a cultura do café a agricultura dá dinheiro uma vez por ano, então o agricultor trabalha durante o dia num emprego fixo pra manter a roça nos feridos e período de escala pra trabalhar na roça, então eles não estão tão fixados na questão agrícola e os filhos também não tem ficado muito na agricultura e isso é um desafio pra escola, porque dificulta a nossa vivência na comunidade, dificulta essa relação de troca de parceria de propriedade com a escola e a educação do filho. Mudou também um pouco essa clientela, porque antigamente não tinha vaga pra crianças de meio urbano, hoje a escola se vê obrigada a atender também o urbano na escola, é uma dificuldade, é uma coisa que nós não queríamos, queria simplesmente ter a escola cheia e cheia de agricultores. Os agricultores não valorizam muito as suas atividades, por isso cai no que estou falando (Entrevista realizada com o senhor VANDEIR SPADETTI, em 18/9/2014).

Hoje vivemos outra realidade, por isso a escola deveria ser pensado com outras forças sociais. Ao pensar na EFA de Rio Novo do Sul hoje, sua clientela se inverte, e muitos dos alunos são provenientes de realidades que não vão ao encontro da escola. Longe de eu dizer que a EFA não pode atender alunos do meio urbano, porém isso deveria ser regrado, pois muitas vezes o rendimento, a funcionalidade e a aplicabilidade dos elementos da alternância ficam comprometidos e,

consequentemente, seus resultados no meio, emergindo a necessidade de fazer uma profunda reflexão à luz da atualidade sobre a atuação da Pedagogia da Alternância, visto que esta precisa ser “adaptada” à realidade atual.

Nota-se o seguinte: que a maioria dos alunos que estão aqui que mora na área rural, os pais trabalham na cidade, ou trabalham como foi dito anteriormente ali com as culturas ou com algum tipo de criação, eles trabalham como pedreiro, outros trabalham como doméstica, secretária do lar, outros as vezes trabalham de empregado em algum comércio, a maioria deles são poucos os pais hoje em dia que trabalham realmente só na atividade rural mesmo, todos eles tem um outro vínculo empregatício, trabalha na propriedade, mas trabalham e buscam recursos também em outros lugares (Entrevista realizada com o senhor RONALD DE SOUZA ROHR, em 27/11/2014).

Precisamos repensar algumas questões na Escola Família, a questão do acesso, a questão da atratividade da escola, a questão da jornada educativa, a questão de que no passado, os pais não se importavam muito em ficar longe dos filhos, porque tinham muito filhos, os pais hoje, eles fazem muita questão de ter o filho perto dele por uma série de outras razões, então a gente precisa, qual é a escola hoje? O que a gente percebe é de que precisa fortalecer ainda mais o vínculo, precisa trabalhar ainda mais a questão comunitária, eu acho, eu insisto nessa questão, a Pedagogia da Alternância precisa fortalecer a questão comunitária dela, o envolvimento das famílias, das comunidades, das organizações sociais, as escolas se colocar um pouco mais inserida nas discussões do desenvolvimento, nas políticas e não apenas com o objetivo de formar os jovens (Entrevista realizada com o senhor JOSÉ MONEQUI, em 29/12/2014).

A Escola Família de Rio Novo teria que ser mais um fermento. Hoje ela virou uma coisa mais comum (Entrevista realizada com o senhor JOÃO BRÁZ BORTOLOTE, em 21/10/2014).

Então eu vejo assim se não fizermos uma reflexão mais profunda sobre a Pedagogia da Alternância, a tendência é ir caindo. Então eu sempre digo com muita frequência, é melhor perder um dedo do que perder a mão. Então tem aquelas coisas que esta na hora de rever se vale a pena a gente continuar, esta aqui já cumpriu o seu papel, nós temos agora em pensar em centrar fogo aqui, então se não tivermos uma ação assim, para mim vai chegar como foi na Itália, a Itália hoje não tem mais escolas famílias, não tem mais. Mais eu acredito que nós temos sim espaço e eu vejo assim, se não se adequar, se não buscar uma outra forma ver melhor a tendência é ate fechar (Entrevista realizada com o senhor JOÃO BATISTA MARTINS, em 14/9/2014).

Então por isso que eu sempre disse que a Pedagogia da Alternância ela tem que estar adequada para responder aquela realidade, então uma coisa é você trabalhar aqui por exemplo nós tivemos um papel na época, o papel também além da educação, da formação profissional e tal, nós tínhamos uma realidade, nós tínhamos uma ditadura militar, tinha um contexto de resistência. Então hoje a gente continua assim, então se ela sempre foi, quer dizer aqui mesmo no próprio país, uma coisa é ter uma escola aqui em Rio Novo do Sul, você chega lá em Rondônia onde os alunos andam de barco onde a realidade da economia deles é outra, você tem que ver os planos de estudo é justamente para isso para você estar respondendo os desafios daquela situação, então nós aqui quer dizer como a realidade vai mudando, nós tínhamos que estar adequando as nossas ações para dar

respostas as demandas de hoje. Então é por isso que nós estamos parados nisto aí. Aí a tendência de quando você fica parado você fica para trás e aí perde o interesse também, porque na medida em que o aluno não vê, a perspectivas hoje são outras (Entrevista realizada com o senhor JOÃO BATISTA MARTINS, em 14/9/2014).

A escola não é o fim, ela é o meio e precisa produzir resultados que façam a diferença, pois o papel social da educação é este: “Fazer a diferença”. O relato a seguir ilustra essa questão. A escola teve um papel muito importante, pois ela é e deve ser percebida para fora da escola.

Algumas lideranças que se encontra em Rio Novo é fruto da Escola Família, que ainda estão no meio rural, isso sim. Segundo que talvez também a melhoria de várias coisas ao aspecto do ambiente rural, principalmente da profissão do agricultor teve colaboração direta da Escola Família, sem dúvida alguma. Só que nos últimos anos não tem mais, porque hoje a sociedade não só mudou, mais outros segmentos como o estado ocupou muito mais espaço. O município hoje ocupa todo o espaço que antes era quase nosso da Escola Família, tanto que a LDB de 1996 modificou completamente a estrutura do ensino (Entrevista realizada com o senhor SÉRGIO ZAMBERLAM, em 7/11/2014).

A Pedagogia da Alternância, como metodologia, trouxe bons resultados para o meio rural, bem como para o desenvolvimento das pessoas que por ela puderam compreender na prática. Seguem-se alguns relatos dessa experiência:

Nossa, acho que representou tudo assim, eu digo que a primeira coisa é que a Pedagogia da Alternância, ela mudou radicalmente a minha história, eu era um na época um jovem lá do campo que tinha parado de estudar e, estava esperando na verdade completar 18 anos pra tirar documentos e aí arrumar um emprego na cidade ou então eu tinha muita vontade de ser caminhoneiro na época, então essa era um pouco da minha ideia. Então a Escola Família, abriu um novo horizonte, um novo caminho, aí eu fiz o curso lá em Campinho, depois continuei os estudos, voltei a ser educador na Escola Família e estou até hoje, acho que a minha historia toda até hoje a Pedagogia da Alternância, não é só isso, porque toda a minha família, todos os meus irmãos também estudaram na Escola Família, começando por mim e depois na sequência todos estudaram na Escola Família. E hoje, de uma forma ou de outra estão se virando bem nas suas propriedades onde tenho dois irmãos e os outros nos seus empregos, mas, podemos dizer que a minha história se confunde com a História da Escola Família, da Pedagogia da Alternância (Entrevista realizada com o senhor IDALGIZO JOSÉ MONEQUI, em 29/12/2014).

A Pedagogia da Alternância também contribuiu para as transformações no espaço rural. No momento em que ela se insere no município, começa a lançar um novo olhar para o campo, com novas propostas e alternativas, valorizando o espaço rural e seus agentes. Assim, novas oportunidades foram surgindo mediante um olhar

diferenciado, principalmente nos seus primeiros tempos de criação⁶⁵. Observa-se que, para ficar no campo, não basta apenas produzir, é preciso transformar também os seus produtos, promovendo a diversificação das atividades agrícolas.

Com certeza a Pedagogia da Alternância trouxe bons resultados para o rural e influenciou na sua transformação, é o que nós sempre falamos isso quando nem se falava nos anos de 1970 já se usava assim o tema lá a indústria caseira, eu me lembro dos temas de planos de estudos, isso lá em 1970 e já se estimulava, dava curso para ensinar as mulheres, os pais a transformarem seus produtos, porque a partir do princípio de que o campo ele não é só agrícola, ele é também agrícola e cada vez está se confirmando mais isso, hoje, o homem pra ficar no campo não basta só produzir, ele precisa produzir, ele precisa produzir bem, mas ele precisa também transformar os seus produtos, isso sempre foi trabalhado nas Escolas Famílias, a diversificação das atividades agrícolas no espaço rural. É verdade que nós tivemos num primeiro momento insistir mais no processo produtivo, isso é verdade, porque também nós tínhamos muitos problemas pra produzir, hoje não mais, hoje você precisa trabalhar toda a cadeia, desde a produção até a transformação e a comercialização dos produtos do espaço rural. Pra ver como que isso era trabalhado, um grupo de ex-aluno que na época se chamou AERGIA lá de Rio Novo, ele mostrou que o campo não era só produzir, nos seus projetos, era preciso produzir o arroz, beneficiá-lo e já vender na propriedade e isso aconteceu com aquele grupo e ex-aluno, isso foi em 1970, 1973, 1974 saíram motivados da escola para trabalhar o espaço rural não apenas no aspecto produtivo, eles tinham produção, eles tinham transformação e posto de venda dos seus produtos, em 1973, 1974 (Entrevista realizada com o senhor IDALGIZO JOSÉ MONEQUI, em 29/12/2014).

Para continuar produzindo bons resultados, esse modelo de educação tem de permanecer dinâmico, pois a educação não é nada estática, tampouco tem de ser sempre do mesmo jeito. É preciso que todo projeto de educação vá sendo desenvolvido com base nas transformações que ocorrem também espaço em que estão inseridas. Faz-se necessário pensar nos resultados que ela trouxe para as comunidades e para as pessoas. Seus resultados não se quantificam em números, porém se quantificam em ações que devem materializar-se na dinâmica do rural em seus diversos contextos.

Com certeza a Pedagogia da Alternância trouxe bons resultados, talvez nós ainda não temos medidas exatas, mas a gente ainda pode apontar muitas coisas, eu vou dar alguns exemplos, a minha família é um, a minha família que estava se preparando para sair do campo e todo mundo ia embora e era a conversa que se fazia, ela não saiu do campo, lá na minha

⁶⁵ Este debate remete ao conceito de pluriatividade, a qual foi discutida no primeiro capítulo desta pesquisa e pode ser observada nos municípios onde se implantou a Pedagogia da Alternância, entre os quais Rio Novo do Sul está inserido. Nas próximas análises deste trabalho, será apresentada essa questão sobre o município de Rio Novo do Sul, tendo um olhar para todas as comunidades agrícolas e suas transformações e, como ponto de partida dessa análise comunitária, a década de 1960, ou seja, a chegada da Pedagogia da Alternância a terras capixabas.

comunidade em São Caetano tem muitos jovens que estudaram na Escola Família que estão lá, construíram suas famílias, não só as famílias deles, como eles também construíram famílias, um lar. Hoje podemos dizer a preocupação com a preservação ambiental, a preocupação com a natureza, a preocupação com a diversificação das produções, tudo isso tem, digamos a contribuição da Escola Família. As Escolas Famílias do MEPES, tiveram uma contribuição enorme nessas transformações no campo que nós estamos percebendo hoje que são: Melhoria na qualidade da produção, dos produtos, melhorias das construções, melhoria da vida do campo, eu acho que pensar na minha época com os dias de hoje tem uma mudança enorme, não quer dizer que todos os problemas estão resolvidos, mas houve uma evolução grande, você pega os municípios onde tem as Escolas Famílias, talvez não está bem claro onde foi a contribuição da escola, mas basta ir numa família onde o jovem passou pela escola que você vai perceber as mudanças naquela comunidade, na propriedade dele, o jeito de agir, o jeito de se comportar (Entrevista realizada com o senhor IDALGIZO JOSÉ MONEQUI, em 29/12/2014).

A experiência da Pedagogia da Alternância pra mim é minha vida, porque são 34 anos, eu não tive nem outra experiência profissional que não fosse à Pedagogia da Alternância, então eu acho que não saberia viver outra atividade. É claro que antes, quando eu era jovem antes de vir para o MEPES eu era agricultor, filho de agricultor, eu trabalhava na roça e eu gostava daquela vida do meio do campo e continuo gostando, mais a Pedagogia da Alternância pra minha vida é tudo. Estudei meus dois filhos aqui no Ensino Fundamental, fui professor dos meus dois filhos, meus dois filhos até hoje só me dão satisfação pelas pessoas que são e, eu acho que a escola contribuiu muito pra formação da personalidade e pra formação enquanto cidadãos (Entrevista realizada com o senhor VANDEIR SPADETTI, em 18/9/2014).

A Pedagogia da Alternância contribuiu e acho que vai continuar contribuindo, por que ela parte de fato da problematização da realidade de quem vive no meio rural e, a partir dessa realidade ela tenta buscar através dos elementos da Pedagogia da Alternância a transformação desse meio (Entrevista realizada com o PADRE FIRMINO COSTA MARTINS, em 31/10/2014).

Diante de bons resultados, a Escola Família Agrícola de Rio Novo do Sul também precisa ser repensada conforme já mencionado, pois se questiona até que ponto sua função social na utilização do método da Pedagogia da Alternância continua trazendo resultados para o meio rural, pois, analisando sua clientela e tendo por base 2014, grande parte dos alunos é proveniente do meio urbano e de faixa etária baixa, fator que dificulta a objetivação das especificidades da Pedagogia da Alternância. Destaca-se também a participação da família que, em alguns casos, pouco se aproxima da escola para acompanhar o desenvolvimento do filho, lembrando que a família é fator fundamental para que a proposta da Pedagogia da Alternância se concretize.

[...] a Pedagogia da Alternância em Rio Novo do Sul, hoje não está se concretizando da forma que gostaríamos isso devido a vários fatores que não deixa isso se concretizar. Tem a questão da idade que já foi discutido,

hoje os alunos não tem muita maturidade, e a família também por onde, que muitas vezes, por que a escola aqui depende muito das famílias. Assim, o que se pode fazer aqui na escola se faz pra que a Pedagogia da Alternância realmente ocorra, só que quando chega em casa que é parte pra concretizar todo aquele ciclo chega lá tem o impasse da família que não faz realmente atingir o objetivo, não tem aquela participação efetiva (Entrevista realizada com o senhor RONALD DE SOUZA ROHR, em 27/11/2014).

Voltando ao principio da Alternância no Brasil, o Espírito Santo teve um papel primordial, o que nos remete à responsabilidade, em nível nacional, de manter viva a chama da Pedagogia da Alternância, mesmo em meio às mudanças da sociedade e às da metodologia da Alternância. É necessário levar em conta que, no tempo e no espaço, ela precisa de ajustes, pois se faz numa caminhada de experimentações, sem nunca perder seu sentido primário.

Eu até hoje falo isso, as EFAs do Espírito Santo elas tiveram, tem e terão um papel importante a nível nacional também, foi aqui que começou, o Espírito Santo foi o berço da Pedagogia da Alternância, começou aqui em Olivânia, no município de Anchieta e, eu sempre vi e hoje, até hoje as Escolas Famílias do Espírito Santo elas conseguiram durante seus 46 anos de atuação fazer uma caminhada de experimentações e de ajustes. Se for lembrar como era o primeiro curso que eu fiz, depois até chegar ao formato que é hoje, que está dando muito certo em todo o Estado do Espírito Santo, eu sempre, eu vejo as Escolas Famílias do Espírito Santo como assim, de destaque nacional (Entrevista realizada com o senhor IDALGIZO JOSÉ MONEQUI, em 29/12/2014).

A Alternância é um projeto pedagógico, que não termina na escola, onde a escola é um meio para promover os jovens e o espaço rural, as famílias, o que eu acho que nós temos que ter cuidado é que com o passar dos tempos, dos anos vão ocorrendo algumas simplificações do projeto em função das mudanças também, as políticas e das realidades que de uma certa forma se não tivermos cuidado, você pode perder um pouco da essência da Pedagogia da Alternância, eu ainda acho que o sentido ele ainda permanece, o que a gente percebe é que tem algumas simplificações, alguns ajustes que precisa ser bem monitorados e bem acompanhados pra não perder a essência que é um projeto educativo que precisa contar com a efetiva participação das famílias das comunidades e que não é um projeto onde a escola é o fim, é um projeto onde a escola é o meio, isso precisa ficar bem claro e ai você sabe bem, fica bem presente aqueles quatro pilares que sustentam a Pedagogia da Alternância, que é a base associativa, a promoção integral das pessoas, o sistema organizado que nos chamamos de Pedagogia da Alternância e o desenvolvimento do meio, quer dizer isso tem que estar sempre presente, senão a gente perde a essência, eu acho que, eu não sou contra, mas não podemos dizer assim: olha, vamos ser sempre iguais? Numa época que não havia políticas, ou quase nada de políticas sociais e políticas voltadas para o campo, hoje nós temos um Estado, um país que evoluiu nas políticas, existem políticas para educação, embora com muita coisa a ser resolvidas, políticas para a saúde, então nós temos que ajustar a proposta dentro desse novo contexto, mas essa adaptação ela tem de ser feita com muito cuidado para não perder a essência e ai é um desafio, talvez os desafios que a gente está encontrando lá atrás é sempre esse, adequar a proposta os novos desafios e demandas sem perder a essência, esses são os desafios que a gente encontra, vai

encontrando ao longo da história (Entrevista realizada com o senhor IDALGIZO JOSÉ MONEQUI, em 29/12/2014).

Sendo assim, há necessidade de rever tanto o debate da Pedagogia da Alternância hoje, diante do cenário rural que está acenando para novas perspectivas, como algumas questões dentro da EFA e do próprio movimento. Ressalta-se um debate atual em relação às transformações na Pedagogia da Alternância, o qual precisa ser único, porém adaptável às diversas realidades.

Ildranis: *Qual é o debate hoje da Pedagogia da Alternância?*

Sérgio: *Essencialmente aquilo que eu falei antes, pra mim tem que rever o próprio princípio, não o princípio da Alternância, mais o princípio, o próprio princípio da escola. Quer dizer, continuar na escola fundamental, para fazer o que? No ensino fundamental.*

Ildranis: *Isto se torna uma preocupação dentro do movimento?*

Sérgio: *Claro. Torna-se uma preocupação porque, hoje em Rio Novo ou em Alfredo Chaves tem muito poucos alunos. Não, se torna uma preocupação porque tem pouco aluno, mas o problema não é o pouco aluno, o problema é o resultado dele "Cacilda", é claro, primeiro. Segundo, quem é este aluno que vai para a Escola Família hoje? Quem é ele? (Entrevista realizada com o senhor SÉRGIO ZAMBERLAM, em 7/11/2014).*

Atualmente a realidade dos jovens é diferente daquela na década de 1960, pois a família mudou e, neste caso, a Pedagogia da Alternância precisa retratar a realidade atual para continuar produzindo fruto, caso contrário, à produção poderá estar ameaçada. Hoje infelizmente a visão do município de Rio Novo do Sul, sobre a EFA não se efetiva e, embora continue fazendo um bom trabalho, este fica retido na própria escola. O poder público também não investe na escola também como prioridade, este, não consegue pontuar as contribuições da EFA para o município.

As famílias de hoje não são as mesmas famílias de antigamente. A participação na Escola Família Agrícola é uma construção permanente. Assim como a formação é um imperativo para os formadores, a participação é uma necessidade em igual peso para as famílias poder conhecer e aderir à proposta de uma forma militante. O desafio torna-se ainda maior pelo fato de os educadores/monitores serem os responsáveis do processo de formação permanente e da construção da participação das famílias na gestão e partilha do poder educativo da EFA (Entrevista realizada com o senhor JOEL DUARTE BENÍSIO, em 27/10/2014).

Sabe por que naquela época a Pedagogia da Alternância era novidade? Tinha mais fluxo dentro da escola tinha mais atividades comunitárias, de doações, hoje o estado e o município também abraçaram, ou seja, já tomaram conta disto também. Organizaram a educação estadual, a educação municipal, que naquela época era tudo Estado tinha pouco trabalho de aproximar o agricultor, então, Escola Família através da Pedagogia da Alternância foi um instrumento aproximar e vivenciar com mais fervor o agricultor. Hoje é a mesma coisa, porém, nós estamos mais

distanciados deste fervor. Mas de qualquer maneira hoje, pode estar faltando e ocorrendo o pecado de o monitor visitar pouco, não participar muito, nós, íamos à festa de sábado e domingo hoje o monitor está mais distanciado. Você entendeu? Mas mesmo assim o instrumento ele é válido, é a mesma coisa. Hoje os municípios também se retraíram, eles têm a preocupação da escola dele que antigamente não tinha, hoje o Estado está entrando também dentro do MEPES. Eu acho que o instrumento ainda é vivo, mas é claro que isso também depende do MEPES, de reavaliar tudo isso, agente entrar em um esquema de formação forte (Entrevista realizada com o senhor EDINYS ANTÔNIO ORLANDI, em 27/11/2014).

Não conseguimos fazer com que a EFA seja um ponto de prioridade para o município e para as atividades da Educação do Campo, não é prioridade para a sustentabilidade rural do município (Entrevista realizada com o senhor VANDEIR SPADETTI, em 18/9/2014).

Na época em que chegou a escola, o objetivo da escola era alcançado, e hoje em dia este objetivo não é tão alcançado porque naquela época o povo gostava da roça, hoje em dia eles só querem de saber em ir para a cidade (Entrevista realizada com a senhora ELENITA MAMERI, realizada em 2/10/2014).

Destaca-se ainda a influência do transporte escolar e o ensino paralelo às EFA, pelo fato de os alunos chegarem à idade de ir para a EFA ainda novos. Atualmente os pais têm receio de deixar os filhos longe de casa por uma semana. Concomitantemente a isso, existe a facilidade de o transporte escolar, que busca o aluno à porta de casa todos os dias, o que lhes permite optar por outra metodologia de ensino. Vale destacar que isso é um fator, o que não justifica por completo a queda de clientela na EFA de Rio Novo do Sul, bem como não impede a EFA de adentrar novamente os debates comunitários, a exemplo da década de 1960.

Hoje a escola ela não tem mais influencia nenhuma quase, sabe por quê? Por causa destes ônibus que trazem as crianças para estudar aqui. Antes não traziam então o pai que queria que o filho galgasse uma posição superior mandava para o MEPES, deve ter acontecido isto com vocês lá também... Também um distanciamento da escola com as comunidades e da comunidade com a escola... Eu acho que é preocupante, mais não é culpa da sociedade é culpa do ensino paralelo ao MEPES. O paralelo a ela se desenvolveu muito, porque foi à custa do poder público, então não abriu espaço para o MEPES. Pelo contrário, fechou o espaço (Entrevista realizada com o senhor JUSTINO MAMERI, em 2/10/2014).

Pensando nesse sentido e em todas as questões levantadas no decorrer deste debate, mais uma vez vem à tona a Pedagogia da Alternância em meio à atualidade. Tal pesquisa não cessa, pois esta metodologia precisa compreender melhor a realidade para nela atuar de forma concisa. Agora, pensando um pouco mais a Pedagogia da Alternância hoje, o que dizer de novo “novidade” sobre a Pedagogia da Alternância e as Escolas Família Agrícola? É preciso pensar em questões que

ainda não foram apresentadas, porém precisam, diante do contexto, ser repensadas, refletidas mais profundamente sobre o atual modelo de sociedade rural em que vivemos hoje, levando em conta que a Pedagogia da Alternância, guarda promessas para o futuro.

De modo geral, pode-se afirmar que a Pedagogia da Alternância, praticada pelas EFAs, está cada vez mais presente no campo da educação em geral e da formação profissional em particular, tanto no Brasil quanto no mundo. Essa pedagogia trouxe resultados concretos no mundo da educação e forjou, ao longo dos anos, senão uma unanimidade, o respeito e o reconhecimento de várias instituições e setores de ensino. Não se trata aqui de afirmar qualquer superioridade da formação em alternância sobre outros tipos de formação. O fato é que a Alternância adquiriu hoje uma notoriedade de caráter universal. Pertence definitivamente ao passado o tempo em que a prática da alternância era considerada como inferior superficial ou até mesmo socialmente discriminada. A alternância, diz Gimonet, “[...] está longe de ter desvendado todos os seus segredos. É por isso que ela contém promessas para o futuro” (2007, p. 153) (Entrevista realizada com o senhor JOEL DUARTE BENÍSIO, em 27/10/2014).

E nisso emerge a preocupação com a expansão dessa metodologia, uma vez que expandir a ideia corre o risco de produzir diversas “Alternâncias”, mas é preciso compreender que ela se adapta à diversidade. Portanto, é necessário repensar sua expansão no que se refere a sua função primária conforme já discutido nesta análise.

Toda proposta pedagógica precisa se adaptar, precisa se inovar, com certeza. Agora, o perigo está que essas inovações, que essas adaptações não mate a sua essência, o seu sentido, embora alguns educadores acham que até o princípio também não é, não pode ser uma coisa interna, porque o princípio está ligado a uma crença, está ligado a uma coisa que você defende, que você acredita, por isso, que no princípio tudo é mágico, você precisa acreditar que foram pessoas bem formadas, mas você de vez em quando precisa dar uma revisitada nos seus princípios para dizer assim, espere aí! Eu estou defendendo isso, hoje já tenho uma contextualização diferente sobre determinadas questões, muda o princípio, mas eu posso fazer uma aplicação diferente daquele princípio que eu defendia que foi construído dentro do contexto daquela época. O problema é que tem alternância, pedagogia da alternância, sistema de alternância e a gente tem que começar a falar de uma coisa só, nós não queremos deixar que os outros falem o que eles querem (Entrevista realizada com o senhor IDALGIZO JOSÉ MONEQUI, em 29/12/2014).

Tais preocupações necessitam ser pontuadas e analisadas com precisão porque a Pedagogia da Alternância precisa seguir uma lógica que poderá ser posta em “risco” se esta for manuseada de forma contrária a seus princípios. Num futuro não distante, essa questão precisa servir de alerta.

E tem um problema ainda que nós discutir, tem muita gente falando de Alternância e que existe uma diferença entre Alternância e a Pedagogia da Alternância. Fazer alternância pode ser até simples, mas usar o método da

Pedagogia da Alternância em um projeto educativo que tenha como objetivo a promoção das pessoas, o desenvolvimento territorial, as questões do campo, aí o discurso muda, aí vem a preocupação. Surge a questão das alternâncias, qual é a Pedagogia da Alternância que nós estamos fazendo? Veja bem, você ainda fala, não está correto você dizer as alternâncias, você deve falar da Pedagogia da Alternância e qual é a Pedagogia da Alternância em que nós estamos falando? Que nós acreditamos e que nós defendemos? Aí vem à preocupação da expansão dessa proposta, como é que eu diria assim esse modismo da alternância, precisa formar um modismo olha a alternância resolve, a alternância é boa, espera aí se não for bem feita não resolve, e aí como colocar a Pedagogia da Alternância dentro do debate da Educação do Campo, você tem que colocar a Pedagogia da Alternância também dentro da agricultura familiar, tem que colocar a Pedagogia da Alternância dentro das lutas, dos movimentos que acontecem no campo? Não é só discutir o projeto educativo dos jovens, quer dizer é preciso colocar a educação também dentro dos campos dos direitos, dos sujeitos do campo, nós estamos falando em Educação do Campo (Entrevista realizada com o senhor IDALGIZO JOSÉ MONEQUI, em 29/12/2014).

Assim, para onde vai a Pedagogia da Alternância e as Escolas Família Agrícola em nível de Espírito Santo em meio a essas transformações que o rural está vivendo? O rural, as famílias, as pessoas? Como ela está se referindo hoje à juventude do campo⁶⁶?

A Pedagogia da Alternância ela é hoje, eu acho que está se descobrindo que ela tem uma capacidade enorme de resolver algumas questões que ao longo da história da educação não conseguiu resolver, que nós sempre falamos que a escola, ela é um, como é que eu poderia lhe dizer? É uma extensão de certa forma das famílias, das comunidades e a Pedagogia da Alternância ela tem essa grande importância de envolver as famílias no projeto educativo, que pra mim é o grande segredo do sucesso é esse, contar com a participação das famílias no desenvolvimento da proposta, embora isso requeira sempre uma formação constante dos professores, educadores (Entrevista realizada com o senhor IDALGIZO JOSÉ MONEQUI, em 29/12/2014).

Outra grande preocupação é em relação à escolarização da Pedagogia da Alternância: a escola está sendo muito escola, pouco família e nada de comunidade. E isso na Pedagogia da Alternância é uma questão preocupante, pois tal metodologia não vai à frente sem a participação efetiva da família e da comunidade.

A Escola Família, esta passando por um processo de escolarização a partir dos anos 2000 pra cá, é um processo de escolarização muito forte dentro

⁶⁶ Em relação à juventude no campo, observa-se, na análise do rural do município de Rio Novo do Sul, que a juventude está indo embora do campo, pois o trabalho no campo hoje é feito por pessoas acima de 35/40 anos. Esta foi uma realidade detectada em praticamente todas as comunidades analisadas. Para retomar essa temática sobre a juventude no campo, ela foi discutida com maior precisão no capítulo 1 desta pesquisa e apresenta a relação entre Juventude X Campo X Cidade. Uma análise que, embora alguns tenham uma nova visão sobre o campo, no caso de Rio Novo é preocupante.

das nossas escolas, era importante isso, era, inclusive pra uma identidade da própria escola, eu digo foi quase como uma auto defesa, mas só que não estamos dando os passos, está sendo muito custoso o passo do retorno a família e a comunidade (Entrevista realizada com o padre FIRMINO COSTA MARTINS, em 31/10/2014).

Outra questão é a financeira, uma vez que, para a manutenção da escola, são formalizados convênios de subvenção social com o poder público e este se torna um desgaste para a EFA, pois nem sempre é atendida a demanda de gastos, pois o valor ofertado é baixo, não suprimindo por completo as demandas econômicas da escola e, em muitas vezes, ocorre atraso no repasse de verbas. A família contribui com um valor simbólico, o que, mediante o gasto mensal, fica longe de suprir a demanda. E assim a EFA vai vivendo e sobrevivendo. É válido frisar que o poder público ainda não se deu conta da importância social que a EFA representa para o município, por isso não a tem enquanto prioridade.

Um dos principais desafios vividos na escola é administrativo e financeiro, hoje é um desafio principal, visto que nós temos um problema muito grande financeiro nesse sentido, que tira muito tempo da gente, demanda um tempo muito grande, mas pra manter a escola direitinho temos que correr atrás de recursos, aí esse tempo que gasta pra correr atrás atrapalha muitas vezes outras atividades. E outro desafio também seria o acompanhamento dos pais, a gente vê, como foi dito anteriormente que na correria do dia a dia por conta de trabalho ou até mesmo de planejamento do tempo da família, a gente vê que a família está um pouco distante da escola, não vou dizer todas, tem uns familiares que liga toda semana, que está em contato com a gente toda a semana, conversando, mais existem ainda alguns pais que tem essa dificuldade de entrar em contato com a escola, deixa o filho largado, chega aqui no começo do ano, só vai voltar aqui no final do não se o filho estiver de recuperação, se passou nem aqui vem, só vem aqui no outro ano pra refazer a matrícula, essa é uma das dificuldades. A Escola Família trabalha de forma mais sistemática pra que possa levar uma qualidade de vida melhor no meio rural, ao homem do campo, só que em Rio Novo do Sul, não sei se é por que a escola é de 1969, então santo de casa não faz milagres, como diz o ditado, já acostumou com a escola aqui e tal, a ajuda hoje em dia está muito devagar, a gente vê que o município hoje está devagar. Em Rio Novo a gente vê que o poder público não olha com carinho a escola, muitas vezes tem que mendigar os recursos pra poder fazer algo, fazer alguma coisa na escola, sendo que se faz um trabalho para o município muito grande, as vezes diferenciado e que o próprio município não faz e não dá valor a isso (Entrevista realizada com o senhor RONALD DE SOUZA ROHR, em 27/11/2014).

Hoje a Escola Família Agrícola de Rio Novo do Sul tem projetos de mudar de segmento, passando então para o ensino médio técnico, mas antes é preciso organizar toda a estrutura física da escola. Em suma: é preciso ter apoio do poder público, das famílias e retomar a boa relação com as comunidades, para que a EFA

seja mais forte e tenha mais significância dentro do município, seja nos meios rural e urbano, seja nas diversas esferas políticas.

Atualmente ela não é prioridade no município, ao contrário do que aconteceu na década de 1960, no período de sua implantação, quando todos abraçaram a causa da Escola Família Agrícola de Rio Novo. O debate hoje mudou em relação à escola e o envolvimento desta com o município também.

Nesse sentido, pensar a Pedagogia da Alternância em nível de Rio Novo e o movimento como um todo, no tempo e no espaço, requer uma análise minuciosa, pois sua metodologia é dinâmica e se adapta a diversos contextos. É válido lembrar que por “adaptação”, neste caso, se entende “Adaptar sem perder sua primazia”. E o futuro da Pedagogia da Alternância? Embora já tenhamos discutido, é preciso desvendar ainda mais segredos sobre tal metodologia.

Desta maneira, é chegada a hora de se debruçar seriamente sobre o seu futuro para garantir seu crescimento. Há de se perguntar, de que formação e de que alternância se trata? Com efeito, a diversidade de situações a serem levadas em conta representa um perene desafio. A forma possível de alternância pensada no seu início, talvez não seja mais adequada hoje. Acabou o tempo em que se podia montar de maneira geral e linear uma engenharia pedagógica que atendesse de forma satisfatória às exigências de formação. Hoje, o que serve para uma situação específica não serve necessariamente para outra. Como encontrar soluções que permitam enfrentar as especificidades das situações sem prejuízo da essência da alternância? (Entrevista realizada com o senhor JOEL DUARTE BENÍSIO, em 27/10/2014).

Joel Duarte Benísio ainda destaca que

[...] a diversidade de situações se encontra em vários níveis e planos: nos tipos de profissões e de diplomas para os quais existe uma formação, na especificidade territorial, na faixa etária do público em formação, na introdução de novas tecnologias, para citar só alguns deles. A depender da diversidade de situações e da especificidade de cada uma delas, o centro de formação por alternância será levado a repensar suas estratégias pedagógicas, podendo mexer no próprio ritmo da alternância, o que poderá trazer uma transformação profunda da sua organização geral. Isto inclui, entre outras prioridades, um plano de formação ambicioso para os educadores para que possam contribuir mais com a qualidade da alternância, melhorando suas condições de trabalho e garantir-lhes uma remuneração que obedeça a um plano de carreira específico. É preciso ter a flexibilidade necessária para adaptar a formação por alternância às exigências de cada uma das situações encontradas, sem por isto perder em qualidade, nem se afastar dos princípios metodológicos e filosóficos que a regem (Entrevista realizada com o senhor JOEL DUARTE BENÍSIO, em 27/10/2014).

Todavia, no caso de Rio Novo do Sul, estamos diante de uma escola que precisa ser repensada, interagir com as comunidades, fortalecer sua base associativa, estar presente, ser presente; precisa também de apoio e de reconhecimento em nível municipal, primeiramente é preciso retomar o espírito da década de 1960.

Destaca-se numa EFA a participação efetiva das famílias na gestão e no processo educativo. Pelo visto, uma EFA pode perder suas características e identidade se não tiver efetiva base associativa e envolvimento das famílias interessadas (Entrevista realizada com o senhor JOEL DUARTE BENÍSIO, em 27/10/2014).

Pensar em Escola Família Agrícola no Espírito Santo hoje é pensar numa dinâmica heterogenia em um mesmo movimento. É pensar em territórios diferentes, em opiniões diferentes, contextos e conceitos e mesmo ideologias diferentes. No entanto, sua essência ainda permanece de norte a sul.

Quando o debate é Pedagogia da Alternância, muitas questões se tornam empecilhos. O próprio reconhecimento do governo em esfera estadual para com as EFA ainda é incipiente e em Rio Novo essa questão é histórica. Esta, por sua vez, precisa ser repensada em nível tanto institucional quanto municipal e estadual, já que existem, por detrás das EFA, pessoas, territórios, lugares que formam uma diversidade de ideias e ações, que, no entanto, precisam de uma atenção especial. Emerge uma série de questões que não são levadas em conta, quando, em muitos casos, sobressai o descaso delas, apesar de elas, conforme analisado nesta pesquisa, já terem produzido bons resultados.

A Pedagogia da Alternância precisa responder melhor a mais nova realidade do campo, entendido não apenas como um campo de produção, um lugar só de produzir, mas entender o campo como um espaço diversificado de atividades econômicas e de profissões, então eu acho que a gente precisa trabalhar melhor a diversificação das formações, acho que deveríamos começar a pensar um pouco isso, não dá pra continuarmos formando sempre Técnico em Agropecuária durante muito tempo e por muitas escolas, com a questão da diversificação das formações para entender que o campo é isso, tem lugar pra veterinário, tem lugar pra agrônomo, pessoas formadas em questão ambiental, tem lugar precisando de profissionais para cuidar de idosos, um lugar para pensar que no campo existe tudo isso e nós estamos caminhando pra isso. Quantas pessoas estão no campo esse número é diferente, uma coisa é agricultor, outra coisa é ter no campo indústria A, indústria B, gente fazendo agro turismo, gente... Entendeu? Tudo isso é o campo, então a diversificação é o primeiro, o segundo é, você tem que ajustar a escola hoje, a escola hoje ela precisa ser repensada em todo o seu sentido e nesse sentido precisa então ser repensada a Escola Família, quer dizer qual é a escola para o campo hoje? O jovem hoje há! Tem a escola o jovem vai, não, na minha época sim, porque não tinha escola, hoje tem ofertas de escolas, têm ofertas de cursos, oferta eu estou falando no Espírito Santo, oferta de... Então você precisa

hoje começar a pensar que o jovem não deve ir para a Escola Família apenas porque não tem escola, não tem opção, ele tem que ir para a Escola Família porque vai encontrar lá a proposta que atenda as suas expectativas enquanto jovem, de futuro, de formação, hoje não tem só o problema de resolver o problema do acesso, hoje não podemos colocar a escola apenas assim: olha! É preciso ter a escola do campo porque o jovem precisa estudar. Não, é preciso ter escolas do campo para oferecer uma educação que seja adequada, de qualidade para os jovens do campo (Entrevista realizada com o senhor IDALGIZO JOSÉ MONEQUI, em 29/12/2014).

4.2 A ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE RIO NOVO DO SUL-ES EM NÚMEROS

TABELA 2 – DADOS GERAIS DOS ALUNOS MATRICULADOS NA EFA/RNS – 1969-2014

	1969/2	1970	1971	1972	1973	1974	1975/3	1976	1977	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989/4	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	Total
Número de alunos iniciantes:	20	22	18	23	18	18	33	17	16	13	25	13	14	10	17	29	16	22	15	17	36	25	36	35	31	37	28	34	40	37	16	29	28	38	50	31	47	30	21	34	29	18	30	32	52	27	1227
Masculino iniciantes	20	22	18	23	18	18	33	17	16	13	25	13	14	10	17	29	12	18	13	8	24	11	25	20	21	27	19	18	7	24	13	26	22	28	32	21	30	24	18	22	21	14	20	24	34	19	921
Feminino iniciantes	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4	5	2	9	12	14	11	15	10	10	9	16	33	13	3	3	6	10	18	10	17	6	3	12	8	4	10	8	18	8	307	
Aprovados total	20	28	27	37	40	28	44	40	37	27	35	27	28	20	26	28	20	19	32	32	49	58	85	98	61	99	84	59	83	82	67	74	63	58	67	53	76	73	54	42	47	40	41	38	48	43	2237
Reprovados total	0	0	0	0	0	0	0	0	2	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	7	2	4	9	4	6	8	0	0	4	11	7	12	2	4	4	5	0	8	3	9	6	4	125
Transferidos total	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	3	1	0	2	0	3	3	8	7	4	7	5	10	6	7	9	9	9	10	108
Desistentes total	0	14	7	0	0	3	12	2	3	5	4	8	7	8	2	14	5	3	4	5	4	6	4	7	0	8	13	5	5	4	1	4	6	1	11	3	5	2	0	6	4	1	3	2	7	6	224
Concludentes	0	16	13	14	22	13	16	14	12	9	10	7	9	9	8	13	5	12	11	7	8	17	0	31	13	20	23	23	19	19	19	19	22	12	13	13	8	13	3	10	6	8	12	11	5	8	575
Número total de alunos	20	42	34	37	40	31	56	42	42	36	39	35	34	28	28	41	27	36	36	35	60	81	89	113	63	111	110	89	95	96	70	78	77	75	93	77	88	88	66	63	57	57	56	58	72	63	2764

Fonte: Arquivo EFA – Rio Novo do Sul-ES (2014).

A Tabela 2 apresenta um quadro geral dos alunos, os sujeitos alternantes⁶⁷, contabilizando todas os segmentos e séries por ano que foram regularmente matriculados na Escola Família Agrícola de Rio Novo do Sul, desde o período de fundação da EFA (1969 a 2014). Essa tabela apresenta informações referentes ao número total de alunos iniciantes (por alunos iniciantes, foram contabilizados todos os alunos matriculados a cada ano, independentemente da série em que foi matriculado e do segmento em que mediava a escola). Foram analisados também os alunos por sexo masculino e feminino, aprovados e reprovados, transferidos e desistentes, bem como os alunos concludentes e o número total de alunos que passaram pela EFA.

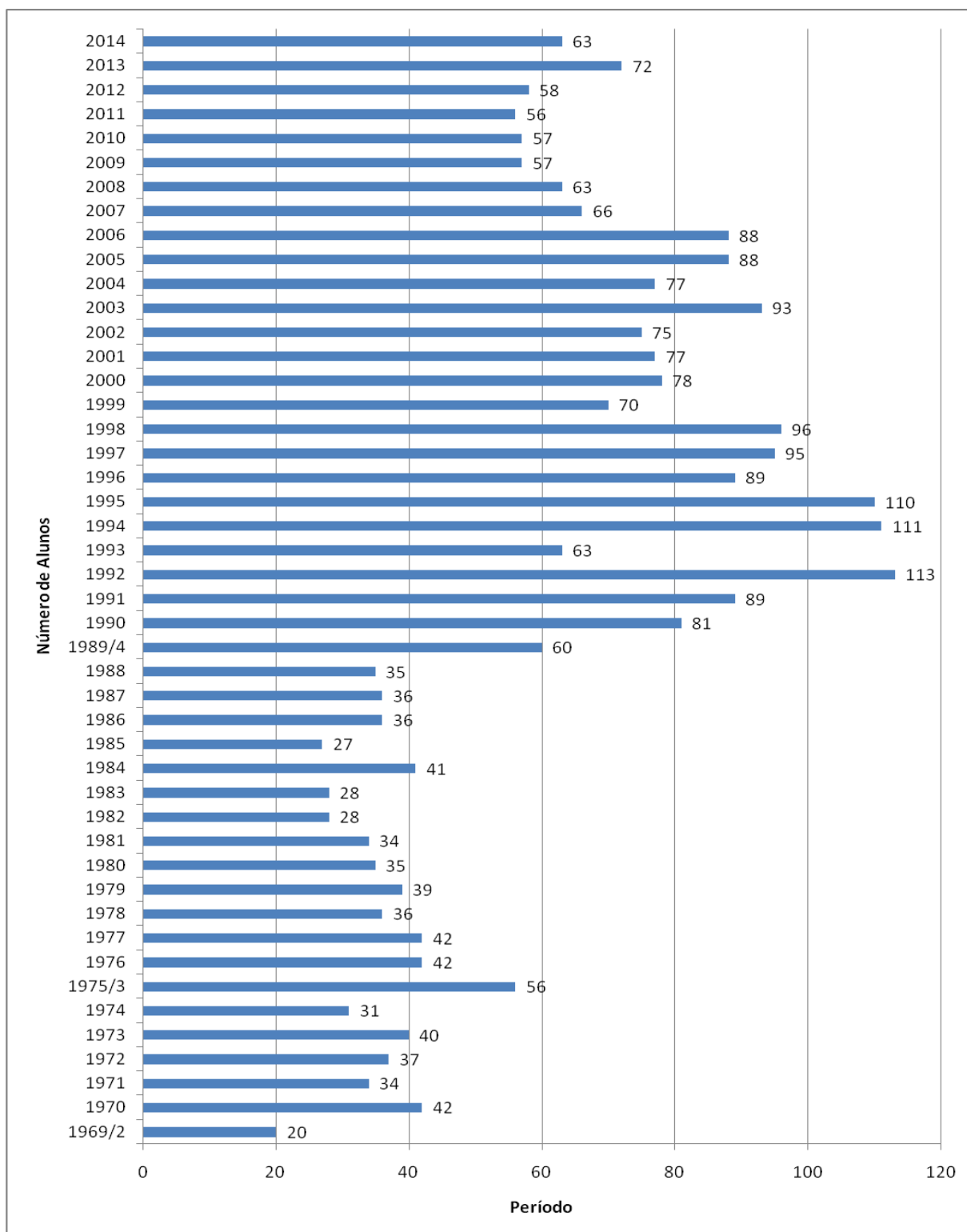
Nesse sentido, observa-se que a EFA teve um número relevante de alunos, considerando a Pedagogia da Alternância como sistema de ensino, visto que, nesse sistema, os alunos permanecem em tempo integral na escola (dia e noite), durante uma semana, por isso o número de alunos deve ser condizente com os espaços físicos da escola, o que exige alojamento adequado para meninos e meninas, salas de aula, refeitórios, banheiros, enfim, um ambiente que ofereça aos alunos boas condições de vivência e estada. A equipe de professores também é reduzida de acordo com a modalidade e número de alunos, e os elementos da Pedagogia da Alternância requerem uma atenção integral que vai além do espaço da sala de aula.

Diante das exigências da Pedagogia da Alternância, durante o período já mencionado, 1969 a 2014, a EFA de Rio Novo do Sul contabilizou um total de 1.227 alunos, dados contabilizados conforme o número de alunos matriculados a cada ano, independentemente da série.

Mediante os dados referentes à Tabela 2, serão apresentados alguns gráficos para melhor ilustrar a temática em questão.

⁶⁷ Segundo Jean Claude Gimonet (2007, *apud* VERGUTZ, 2012, p. 2), este sujeito do campo, ao tornar-se estudante na proposta metodológica da Pedagogia da Alternância, caracteriza-se também como sujeito alternante. Ou seja, pertencente e envolvido no movimento alternado da Pedagogia da Alternância, caracteriza-se como sujeito que, nas experiências, na complexidade das relações e situações, amplia as possibilidades de aprendizagem mediante o movimento metodológico da alternância.

Gráfico 1 – Número total de alunos por ano na EFA/RNS – 1969 a 2014



Fonte: Arquivo EFA – Rio Novo do Sul-ES – Elaborado pela autora (2014).

Em relação ao número de matrículas geral da EFA de Rio Novo do Sul, apresentado no Gráfico 1, observa-se que houve uma oscilação no decorrer do tempo, com

períodos com maior procura pela EFA e outros com uma procura menos significativa pela escola. No tempo, observa-se uma queda no número de alunos, fator que deve ser analisado com maior precisão, pois se torna uma preocupação para a escola e um alerta para a necessidade de mudanças no sistema e na modalidade do estudo. Essa queda no número de alunos foi sendo observada melhor na década de 1980; em seguida, ocorre um novo crescimento e, nos dias de hoje, começa a oscilar novamente.

Destacam-se algumas causas para essa queda, que pode ser observada durante visitas às comunidades rurais de Rio Novo do Sul, onde foi relevante a observação delas, ao mencionarem o distanciamento entre a escola e as comunidades e entre as comunidades e a escola, bem como a presença de escola polo ou a da sede do município que oferecem ensino desde as séries iniciais, ensino fundamental e médio, quando os alunos estão em casa todos os dias. Destaca-se ainda, nessa questão, o transporte escolar que leva e traz os alunos para a escola com mais facilidade e comodidade.

Atualmente os trabalhos da escola também não são divulgados, o que torna a escola esquecida no município em todas as comunidades, embora já tenha trazido bons resultados no tempo, hoje ela está perdendo a sua luz. Esse fator faz com que a procura pela EFA seja baixa, a qual já recebeu alunos não só de diversos municípios, mas também de outros estados brasileiros.

Outra análise foi em relação à descrença do poder público na EFA, pois este ainda não a vê com “bons olhos”, ou não quer vê-la, conforme discutido, fazendo um repasse financeiro ilusório e atrasado, o que leva a escola a passar por condições financeiras difíceis, dificultando a boa dinâmica da EFA na praticidade de seus elementos pedagógicos, ademais, a parte física da escola não se apresenta de forma atraente.

No Gráfico 1, em relação à oscilação no número de alunos da EFA de Rio Novo do Sul, pode-se observar ainda que as maiores oscilações ocorreram no final de cada modalidade, quando a escola passou de curso Agricultor Técnico para Supletivo de

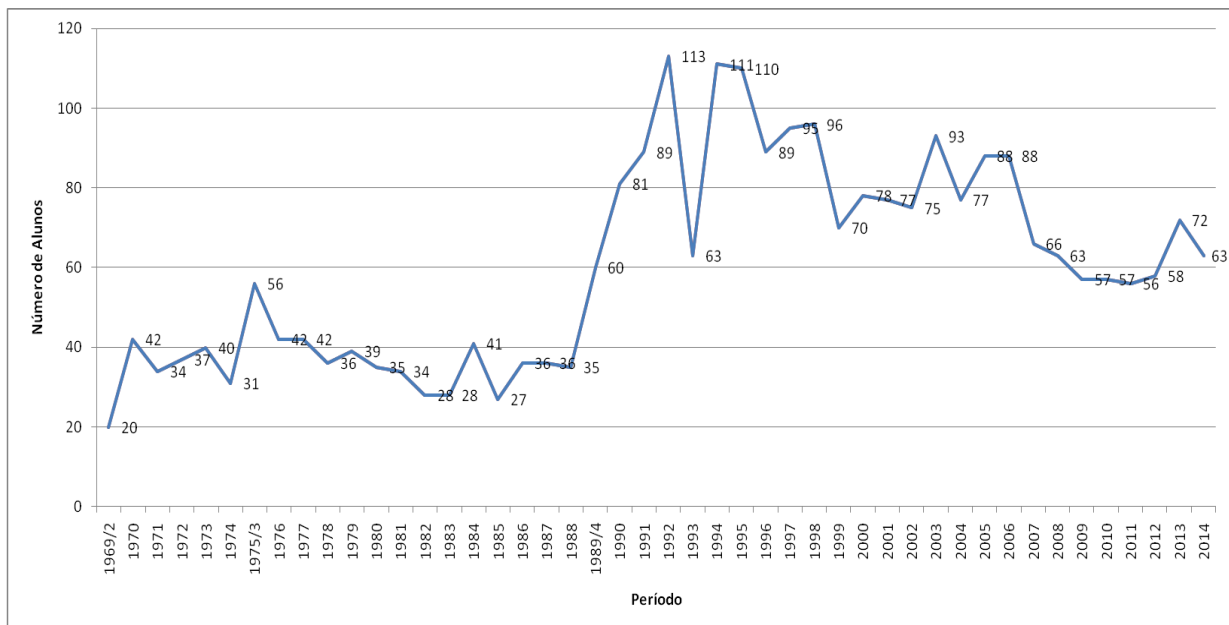
suplência e de supletivo de suplência para seriado (da 5.^a à 8.^a séries). Isso atenta para a necessidade de, mais uma vez, repensar a escola e sua modalidade de ensino, pois novamente a queda de alunos está acentuada. No início, com o curso de Agricultor Técnico – Supletivo de suplência, com duração de dois anos, a estimativa de alunos era baixa porque a idade para ingressar no curso era de 14 anos, o que gerava desmotivação, e a escola estava em fase de experimentação. Para ingressar na EFA, o aluno tinha de terminar o primário e esperar até atingir a idade para dar sequência aos estudos.

No que tange a alunos, vale destacar quem são esses alunos e de onde vêm. Tendo em vista que se trata de uma escola agrícola com maioria de clientela urbana, até que ponto seus objetivos serão concretizados?

Destaca-se também a entrada das meninas na escola em 1985, o que gerou um aumento no número de alunos. Em 1989, muda mais uma vez a modalidade de ensino para seriado (5.^a, 6.^a, 7.^a e 8.^a séries) do ensino fundamental, que foi um período em que as matrículas aumentaram consideravelmente, porém com períodos de grandes oscilações. Em períodos com um bom número de alunos e em outros em que a escola ficou a ponto de fechar as portas, foram elaboradas novas estratégias de divulgação da escola, melhorias na estrutura física onde foram feitas algumas reformas e ampliações, o que fez com que a escola retomasse aos poucos sua clientela, porém a queda continua sendo relevante até os dias atuais.

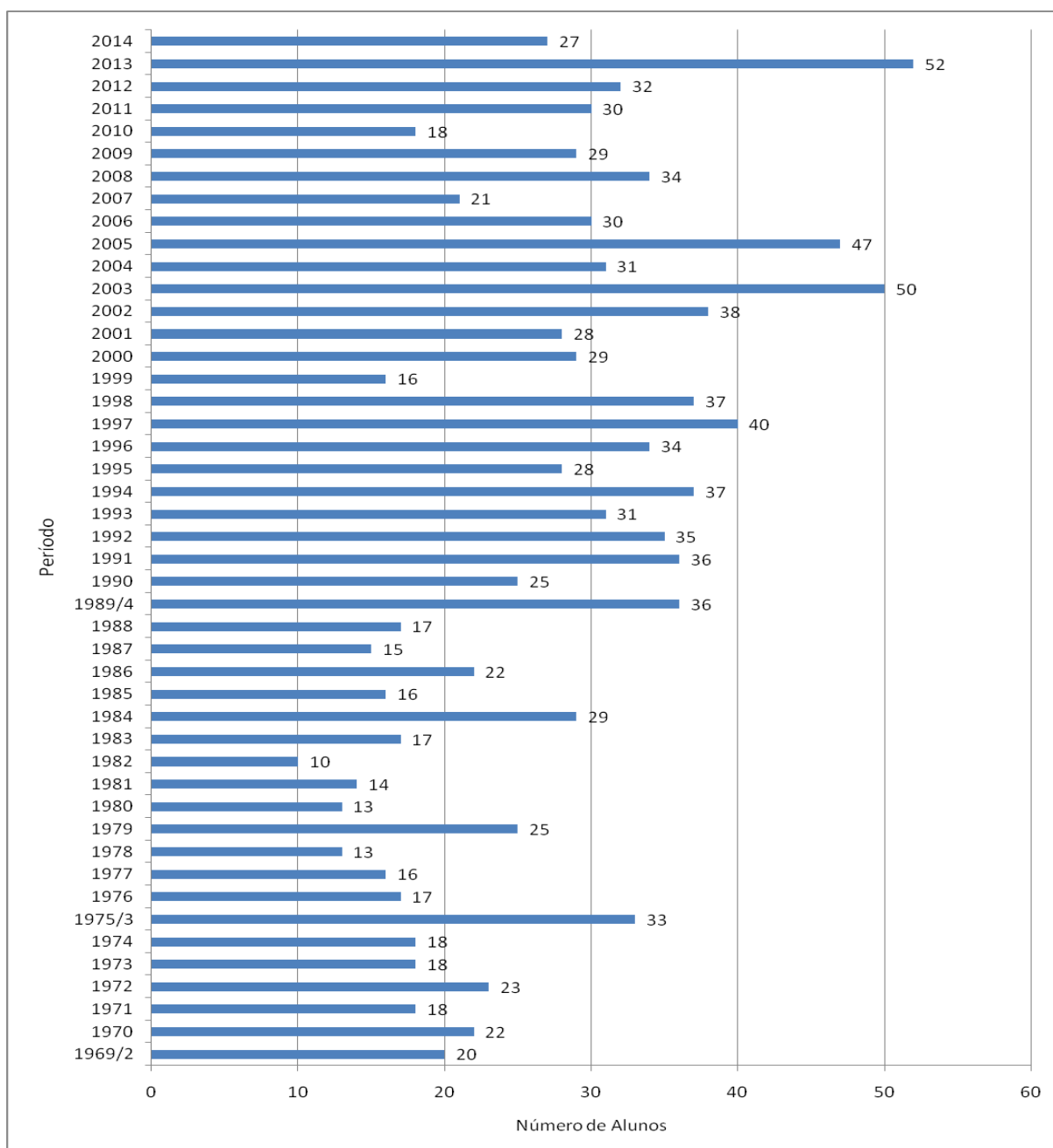
Essa mesma análise referente ao Gráfico 1 também pode ser realizada no Gráfico 2, que apresenta o número total de alunos da EFA, porém este foi confeccionado em forma de linha para facilitar a visão histórica em relação à entrada de alunos no decorrer do tempo.

Gráfico 2 – Número total de alunos por ano na EFA/RNS – 1969 a 2014



Fonte: Arquivo EFA – Rio Novo do Sul-ES – Elaborado pela autora (2014).

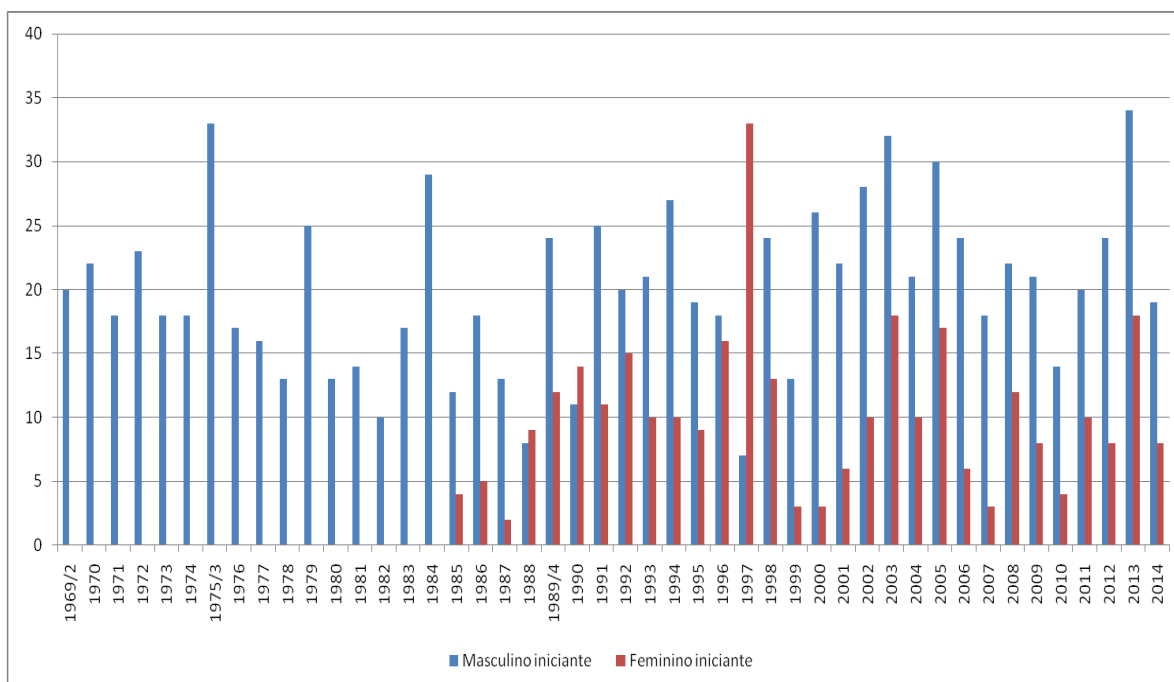
Gráfico 3 – Número de alunos iniciantes na Escola Família Agrícola de Rio Novo do Sul-ES – 1969 a 2014



Fonte: Arquivo EFA – Rio Novo do Sul-ES. Elaborado pela autora (2014).

O Gráfico 3 apresenta o número de alunos iniciantes na Escola Família Agrícola de Rio Novo do Sul-ES. Observa-se que a dinâmica prevalece oscilando em relação à entrada de alunos na EFA, emergindo, conforme já citado, uma nova preocupação em relação à queda da procura de alunos pela escola. Essa queda se deve a uma série de fatores, entre os quais se destaca o distanciamento da EFA das comunidades.

Gráfico 4 – Matrícula inicial por sexo – EFA/RNS – 1969 a 2014



Fonte: Arquivo EFA – Rio Novo do Sul-ES. Elaborado pela autora (2014).

Outro fator interessante a ser observado nessa dinâmica é a informação contida no Gráfico 4, que apresenta o número de matrícula por sexo na EFA, pois, no início da escola, que era voltada apenas para o sexo masculino. De 1969 a 1884, só meninos podiam ser matriculados na EFA, pois existia um certo machismo em que não seria ideal meninos e meninas, em sistema de internato, estudarem juntos, em tempo integral, fator que, por um bom tempo, fez com que as meninas não pudessem ser matriculadas na EFA de Rio Novo do Sul. Estudar muitas vezes não era objetivo para as meninas, as quais dedicavam seu tempo à agricultura e também faziam bordados, aprendiam corte de costura, entre outras atividades artesanais, bem como as próprias atividades de casa, preparando-se para o casamento.

No entanto, somente em 1986, houve a quebra desse paradigma, quando as meninas puderam ser matriculadas na EFA de Rio Novo do Sul. Esse fato gerou maior valorização da mulher com direitos iguais aos dos homens no que se refere à educação no sistema de alternância, bem como outros direitos sociais. Assim, até hoje tem um procura significativa por matrículas do sexo feminino na EFA, com destaque para 1997, quando o número de matrículas femininas era superior ao de matrículas masculinas.

4.3 ANÁLISE DO DEPOIMENTO DE EX-ALUNOS QUE PASSARAM PELA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE RIO NOVO DO SUL-ES

Os ex-alunos da escola analisados nesta pesquisa foram selecionados, tendo por primeiro critério o fato de serem residentes no município de Rio Novo do Sul na época em que estudaram na EFA/RNS. A proposta inicial era buscar alunos que passaram pela EFA em períodos diferentes, no entanto os alunos analisados se concentraram mais nas décadas de 1980/1990. Destaca-se que, enquanto logística, não foi possível relacionar alunos que representassem a EFA desde a década de 1960. Nesse sentido, vale ressaltar que a análise que segue faz referência a um grupo de alunos analisados, uma vez que ela não é uma análise generalizada⁶⁸.

Todavia, os ex-alunos que foram contemplados nesta pesquisa externaram à EFA um enorme carinho. Eu mesma fui ex-aluna dessa escola e me lembro dela com muitas saudades, influenciando muito na minha formação de forma integral, assim como os demais alunos analisados. Em sua maioria, segundo os entrevistados, a escola foi um divisor de águas na vida de muitos, visto que era uma das únicas oportunidades de estudar e todos iam com determinação para a EFA, pois não era fácil, começando pelo transporte desde casa até chegar à escola, o que implicava muitos casos de risco. Outra questão era a situação econômica dos pais que labutavam para conseguir pagar a mensalidade, mas não deixavam os filhos fora da escola.

Observa-se que, na visão dos ex-alunos contemplados nesta pesquisa, muita coisa se perdeu ou mudou em relação à escola hoje, no entanto, ainda se acredita na escola. Cada um deles seguiu seu rumo, embora poucos tenham ficado na agricultura, os quais ainda reconhecem o valor do espaço rural.

O Quadro 4 (APÊNDICE A) destaca a procedência dos alunos do município de Rio Novo do Sul, onde estes moravam na época em que estudavam na EFA de Rio Novo do Sul e estão morando atualmente. Nesta questão, observar-se que, dos

⁶⁸ A relação dos ex-alunos contemplados nesta pesquisa encontra-se no apêndice A – Quadro 4, deste documento.

alunos analisados, alguns não residem mais no mesmo local, muitos foram para outros lugares e alguns deles migraram para o meio urbano e assumiram outras profissões. Na maior parte dos ex-alunos que migraram para outros lugares, sejam urbanos, sejam rurais, as famílias permanecem no campo, portanto, quem migrou foi o jovem.

Outra questão analisada no Quadro 4 está relacionada à profissão que esses ex-alunos da EFA seguiram: dos 33 alunos pesquisados, apenas seis permanecem trabalhando na agricultura. Os demais assumiram diversas profissões, seguindo novos rumos que não fossem a agricultura, contudo levaram consigo os diversos ensinamentos da formação integral oferecida na EFA.

O Quadro 5 (APÊNDICE B) apresenta os motivos que fizeram alguns alunos estudar na Escola Família Agrícola Rio Novo do Sul, entre os quais vale destacar a questão do interesse pela EFA, por ser uma escola voltada para a agricultura e os pais, por morarem no interior, incentivavam os filhos a estudar nela; muitas vezes também por influência de outras pessoas da família, de amigos ou vizinhos. Em alguns casos, a EFA também era o único meio de alguns alunos estudarem, pois existia uma grande carência (ausência) de transporte escolar. Assim, para estudar, a única opção dos que moravam no interior era a Escola Família Agrícola. Destaca-se, em outros casos, que a escola era uma escolha dos pais, que, por já terem estudado na EFA, queriam também que os filhos trilhassem o mesmo caminho.

O Quadro 6 (APÊNDICE C) destaca a distância percorrida de casa até a escola, e observa-se que essa distância era grande e, muitas vezes, a EFA se tornava a única e melhor opção, pois, com o sistema em alternância, os alunos percorriam esse longo percurso a cada 15 dias, ou com a mudança de modalidade, apenas de segunda e sexta feira. Isso facilitava para os pais e evitava o desgaste dos próprios alunos que ficavam menos cansados, tendo maior desempenho nos estudos. O percurso era realizado a pé, de ônibus, carro de leite, bicicleta e, em alguns casos, os pais levavam e buscavam de carro próprio.

Hoje a Escola Família Agrícola, não tem mais influencia nenhuma quase, sabe por quê? Por causa destes ônibus que trazem as crianças para estudar aqui. Antes não traziam então o pai que queria que o filho galgasse uma posição superior mandava para o MEPES, deve ter acontecido isto

com vocês lá também... (Entrevista realizada com o senhor JUSTINO MAMERI, em 2/10/2014).

O dia a dia na Escola Família Agrícola em Rio Novo do Sul está ilustrado no Quadro 7 (APÊNDICE D), quando eram realizadas atividades rotineiras, como as aulas, atividades de limpeza, atividade prática na propriedade, os horários de alimentação, lazer, banho e serão. Essas atividades eram programadas sempre acompanhadas de um monitor responsável do dia, que acompanhava os alunos nas atividades extraclasse. Destaca-se que, na semana em que se encontravam na escola, os alunos estavam mediados pelos elementos pedagógicos que, conforme especificado na página 112 desta pesquisa, na qual eram concretizados na semana em que os alunos estavam no meio sociofamiliar comunitário.

O dia a dia na escola era e continua sendo intenso, destacando a intensa vida em grupo, a qual leva o aluno a assumir uma série de responsabilidades, sua personalidade, sua autonomia, enfim, são momentos diversos de aprendizagem em que o aluno leva para a vida, qualquer que seja a profissão a ser seguida, quer no campo, quer na cidade.

A análise do perfil dos alunos que passaram pela Escola Família Agrícola de Rio Novo do Sul também se encontra no Quadro 8 (APÊNDICE E). O perfil era bem diversificado e os alunos, em sua maioria, eram provenientes do meio rural. No período analisado, havia um número balanceado entre meninos e meninas, ao contrário dos primeiros tempos das EFA, quando eram apenas meninos. Além dos alunos do município de Rio Novo do Sul, havia uma série de alunos provenientes de outros municípios, como Iconha, Vargem Alta, Itapemirim, Cachoeiro de Itapemirim, Guarapari, entre outros. A média de idade era diversificada: nos primeiros tempos da EFA, havia alunos com idade maior e, com o tempo, a idade foi diminuindo em virtude da mudança também dos níveis das modalidades de cursos oferecidos.

No sistema de alternância, a semana do meio sociofamiliar comunitário é uma extensão da EFA, pois, para esse sistema de ensino, a aprendizagem se faz em tempos e espaços variados. Essa análise está apresentada no Quadro 9 (APÊNDICE F), em que se destacam as atividades realizadas na semana em que os

alunos estavam no meio sociofamiliar. Ao longo dessas atividades, muitos ajudavam os pais na agricultura, outros ajudavam as mães em casa e compartilhavam as aprendizagens vivenciadas na semana em que estavam na EFA. Estudavam realizando as tarefas escolares encaminhadas para casa, sequenciando ainda os elementos pedagógicos, como respondendo aos planos de estudo, estágios, entre outras atividades, como experiências de casa que eram precedidas de cursos ministrados na EFA para os alunos.

A aprendizagem adquirida na Escola Família Agrícola Rio Novo do Sul no meio sociofamiliar e comunitário era aplicada conforme ilustra o Quadro 10 (APÊNDICE G), tais como práticas agrícolas, diálogos com as famílias, outros eram mais difíceis de aplicar na prática, uma vez que a EFA estava voltada para a agricultura e, mesmo em épocas anteriores à da EFA, já era contemplada por alunos do meio urbano.

Destaca-se o incentivo de realizar uma produção orgânica, livre de produtos químicos, cujo plantio começou a ser aplicado, mediado por técnicas que facilitavam e melhoravam a produção, o que ia sendo disseminado nas comunidades. No entanto, uma das dificuldades era convencer os pais a mudar a forma de trabalho na agricultura, cuja função era mediada pelo tempo e pelo convencimento.

As contribuições que a Escola Família Agrícola de Rio Novo do Sul trouxe para a vida pessoal e profissional dos alunos e suas famílias, bem como as atividades desenvolvidas na propriedade ou em outra atividade não agrícola, estão apresentadas no Quadro 11 (APÊNDICE H). Segundo os alunos analisados, essa escola trouxe contribuições para a vida tanto pessoal quanto profissional, independentemente de ser na agricultura ou em outra atividade profissional. Mostrou aos seus alunos a importância do rural e as múltiplas possibilidades que ele oferece. Trouxe o aprimoramento das responsabilidades, compromissos, e o convívio intenso com outras pessoas torna as pessoas mais tolerantes. Salienta-se que a formação da EFA torna as pessoas mais críticas, visto que o ensino e aprendizagem são mediados pela realidade dos alunos.

Na EFA, desenvolve-se uma consciência ecológica, e o vínculo familiar se torna mais intenso, ao qual se aprende a dar mais valor. A EFA possibilitou a seus alunos a reconhecer que da terra-mãe tiramos todo nosso sustento e que precisamos sempre cuidá-la com carinho. Ressaltam-se, ainda, a educação e o respeito às diferenças de ideias, o que contribuiu para definir os objetivos da vida pessoal e profissional. O resultado pessoal e profissional teve uma grande contribuição na vida familiar como resultado da formação que a EFA possibilitou, pois aumentou o gosto e motivação pela permanência da vida no campo e o desenvolvimento das atividades na terra. Outra contribuição foi o aumento da renda familiar e qualidade de vida.

O Quadro 12 (APÊNDICE I) também apresenta a Escola Família Agrícola Rio Novo do Sul, enquanto seus resultados para o rural de Rio Novo do Sul podem ser observados. Esses resultados se materializam na permanência de alguns alunos no campo e garantem a sucessão familiar na atividade agrícola, embora pouco ao analisar o rural de Rio Novo do Sul na atualidade. Os alunos levaram para a família e comunidades novas técnicas de plantio, favorecendo a vida no campo. O estudo na EFA facilitou melhor gestão nas propriedades. A EFA contribuiu ainda para o surgimento de novas atividades no rural, como as agroindústrias que estão ganhando espaço no município. Alguns alunos acreditam que a EFA não tenha trazido tantas influências, visto que o poder público também não investe no interior. Então, os alunos têm conhecimentos, porém não lhes são ofertadas condições adequadas para pô-los em prática.

O Quadro 13 (APÊNDICE J) mostra a visão dos ex-alunos analisados em relação à Escola Família Agrícola Rio Novo do Sul atualmente. Nessa análise, destaca-se uma escola com uma intensidade de atuação menor hoje do que em outras décadas anteriores, uma escola distante das comunidades. Essa relação de distância se faz pela descrença do poder público na escola, a qual hoje está mais urbanizada, pouco valorizada pelos agricultores e na qual o aluno não fica mais integralmente. Acredita-se na escola, sabe-se que existe uma mudança muito grande no meio rural e observa-se, ainda, que o processo de educação hoje como um todo está difícil e que muitos alunos não levam a sério o ensino. No entanto, ainda se tem uma escola que continua preservando os valores da família, os valores do campo, os valores da fé,

resumindo o valor da vida. Ademais, parece uma luta em vão, pois não existe reconhecimento no trabalho da EFA, principalmente por parte do poder público, bem como das comunidades.

Percebe-se que a Escola Família aparentemente não atende aos seus reais objetivos, por isso reivindicam mudanças no seu funcionamento. Ela ainda é considerada uma escola que pode trazer benefícios para o município, porém, precisa de maior divulgação, pois infelizmente muitos têm uma visão errônea dela, visto que estudar nessa escola proporciona melhor relacionamento com a família. Todavia, falta-lhe empenho na produção (verduras, legumes, alimentos) em abundância, pois ela precisa ser modelo de experiências que vise ao melhor desenvolvimento do meio rural. Pensa-se que muita coisa deveria mudar, pois a escola não consegue passar para os alunos aquilo que se aprendia em outras épocas. Houve avanços enormes em vários sentidos da sociedade, e isso influencia na EFA; no entanto, poderia manter o modelo de trabalho, acompanhamento que antes existia. Nota-se que houve melhorias na infraestrutura física da escola, porém, do ponto de vista da maioria dos entrevistados, a escola hoje está esquecida, adormecida no município.

Essa é uma percepção preocupante para a escola, pois, mesmo sabendo que ainda preserva muitos valores de décadas anteriores, algumas questões importantes estão ficando esquecidas, tais como seu distanciamento das comunidades. Tal análise foi também feita nas comunidades do interior de Rio Novo do Sul, e os resultados da escola não são mais os mesmos hoje: mudanças provenientes de uma clientela diversa, não só muito nova e pequena, senão muito urbana. Mais uma vez, observa-se que a escola precisa ser repensada e mostrar mais seus trabalhos, pois ela não está para a comunidade, assim como a comunidade não está para a escola.

Ao serem questionados se matriculariam seu filho ou sobrinho na EFA, conforme mostra o Quadro 14 (APÊNDICE K), a maioria disse que sim, por acreditarem na escola e no seu potencial. No entanto, outros disseram que talvez o fizessem, por não verem hoje muita divulgação dos trabalhos da EFA e por não saberem como se encontra a escola. Evidenciam-se ainda preocupações em relação à idade dos alunos para ingressar na EFA hoje (são muito novos), o que gera preocupação maior

para os pais. Outra questão são as mudanças vivenciadas pela EFA e o distanciamento da família, além de a comunidade ser uma questão preocupante. Ademais, de uns tempos para cá, a escola já atendeu a uma série de alunos, filhos dos ex-alunos que passaram pela EFA.

De acordo com a análise estabelecida no Quadro 15 (APÊNDICE L), a Escola Família Agrícola Rio Novo do Sul contribuiu em termos nas mudanças que hoje vêm acontecendo no meio rural. A EFA constituiu uma série de lideranças comunitárias e formou muitos jovens que permaneceram no campo; outros, porém, buscaram novos horizontes, novos meios de sobrevivência. As técnicas aplicadas no rural, os cursos e estágios oferecidos pela escola possibilitaram aos alunos uma nova visão do espaço rural, surgindo novas atividades, apesar de estas não serem exclusivamente agrícolas, e as pessoas começaram a ver o rural com um novo olhar, pautado em conhecimentos. A escola contribuiu ainda com uma visão de valores para o espaço rural. Entretanto, tal análise hoje se faz de forma mais crítica, fruto do distanciamento da EFA (não está disseminando seus resultados no meio) da família e comunidade.

O Quadro 16 (APÊNDICE M) faz uma análise do meio rural de Rio Novo do Sul hoje em relação à época em que o aluno estudava na Escola Família Agrícola de Rio Novo do Sul. Apresenta-se uma série de mudanças em âmbito social, cultural, econômico, social e ambiental e destacam-se muitas mudanças, como o êxodo rural intenso, hoje não muito, aplicação de tecnologias no trabalho, estradas, meios de comunicação e transportes. Atualmente existem mais conhecimentos para trabalhar no campo, o município sofre com o descaso político e a falta de infraestrutura, de investimentos na área agrícola para que os alunos permaneçam no meio rural, que hoje tem muita influência do meio urbano. Enfim, hoje parece que trabalham menos e vivem melhor no campo.

O Quadro 17 (APÊNDICE N) destaca as mudanças percebidas, ao analisar o local onde moravam os ex-alunos. Em relação ao de hoje, observa-se que muitas coisas mudaram e o local se desenvolveu gerando novas oportunidades. Vale destacar que algumas mudanças foram positivas, outras geraram e ainda geram preocupações.

Mudar até que ponto?

Quanto às atividades desenvolvidas pela família de ex-alunos(as) da EFA em relação ao momento atual, observa-se, no Quadro 18 (APÊNDICE O), que muitas mudanças ocorreram, entre as quais a agregação de valor aos produtos do campo com a instalação de agroindústrias, uma diversificação na produção, surgimento de novas atividades, formas de trabalho que não seja a produção primária de plantar e colher. Hoje não se planta tudo – arroz, milho, feijão – como antigamente. Com o desenvolvimento de técnicas de irrigação, a maioria hoje não vive somente da agricultura, busca outras formas de serviço para garantir a despesa das famílias, seja na nova atividade no campo, seja na sede do município.

Ser aluno de uma Escola Família Agrícola é estar disposto a passar por grandes desafios e grandes realizações (Quadro 19) (APÊNDICE P). Na Escola Família Agrícola de Rio Novo do Sul, destacam-se como desafios: o transporte até chegar à EFA; manter as despesas; incentivar as pessoas a preservar o meio ambiente; levar as pessoas da comunidade a valorizar a EFA e colocar seus filhos para estudar; incentivar os agricultores a trabalhar com o novo.

Salienta-se a questão do transporte para ir até a EFA de Rio Novo do Sul. De acordo com os ex-alunos pesquisados, era muito difícil, pois não existia o transporte escolar nem todos os pais tinham transporte próprio para levar os alunos. Portanto, a melhor opção para os que queriam estudar era a Escola Agrícola, por oferecer o sistema em alternância. Mas vale enfatizar que a EFA surge por meio de uma demanda local em relação à educação do jovem do campo.

A realização dos elementos pedagógicos se efetivava com melhor precisão, uma vez que os alunos pesquisados eram maiores, o que facilitava tanto o trabalho prático na escola como a efetivação dos elementos pedagógicos no meio sociofamiliar comunitário.

Outra questão relaciona-se à infraestrutura da escola, que era precária, e, apesar disso, a clientela era maior, pois matriculavam-se alunos de idade mais avançada do

que atualmente. Ressalta-se o desafio de estudar e conseguir conciliar-se com as novas transformações, ou seja, trazer a teoria para a realidade.

No início, a escola deparou uma questão, que foi a sociedade aceitar um ensino diferencial e mostrar que tal ensino pode prosperar e envolver toda a comunidade, visto que ele oferecia oportunidades de aplicar o aprendizado teórico na prática, além de, na época, o fato de estar estudando era a maior de todas as realizações, pois muitos não tiveram acesso a ela, e uma educação que se identifica com o trabalho no campo seria uma novidade ainda maior.

Em relação à aceitação por parte da comunidade, hoje se observa que, à época, quando surgiu a escola, a aceitação foi acontecendo aos poucos, pois a alternância era algo novo que estava chegando ao município. Hoje, a EFA passa pelo desafio de a comunidade estar distante, não por falta de conhecimento sobre a Pedagogia da Alternância, mas pela perda do vínculo entre escola e comunidade, uma vez que as comunidades não mais a buscam como referência de educação do campo, tampouco o poder público, que tanto colaborou no início da EFA, mas, de uns tempos para cá, também não atribui à EFA o seu devido valor, como função social que exerce dentro do município.

O estudo e a metodologia aplicados na Escola Família Agrícola Rio Novo do Sul estão apresentados no Quadro 20 (APÊNDICE Q), os quais se destacam como muito importantes para quem vive do rural, cujos conhecimentos eram desenvolvidos com os educandos de forma crítica e reflexiva. No entanto, ainda pode haver melhorias no se refere à escola de forma geral, no que se refere tanto à escola quanto às parcerias.

O Quadro 21 (APÊNDICE R) mostra que, depois de terem concluído os estudos na Escola Família Agrícola de Rio Novo do Sul, os alunos pesquisados seguiram rumos diversos, grande parte seguiu os estudos, alguns concluíram o ensino médio, outros cursaram faculdade, enquanto outros não estudaram mais e permaneceram ajudando os pais na agricultura, casaram-se e continuaram na agricultura. Muitos não residem mais nos mesmos lugares, grande parte migrou para a área urbana,

onde trabalha em outras funções. Outros ainda seguiram para outras EFA para estudar o ensino médio.

Foram analisados no Quadro 22 (APÊNDICE S), os pontos fortes e fracos da Escola Família Agrícola Rio Novo do Sul, a fim de promover uma análise em que fossem trabalhados os pontos fortes para que estes se sobrepujassem aos fracos, retomando a função social primária da EFA, e, nessa mesma perspectiva, analisar os pontos fracos e trabalhar sobre eles, buscando melhorias para a escola como um todo, retomando e buscando soluções para a dinâmica da EFA renascer.

Nessa análise, destacam-se como pontos fortes: incentivar o aluno a estudar, trabalhar e permanecer no campo, contribuindo para o crescimento do meio rural (a Pedagogia da Alternância é um ponto extremamente positivo); desenvolver trabalho contextualizado, sempre partindo da realidade do aluno, por meio do método de investigação, proporcionando ao educando ser agente de seu conhecimento; desse modo, o aluno se sente valorizado, ao partilhar suas experiências, e aprende de forma mais significativa com base no seu contexto, podendo comparar realidades e agir posteriormente em seu meio. Destacam-se, ainda, a relação entre pais, alunos e professores, a continuidade dos estudos na semana em que o aluno fica em casa, o respeito rigoroso às normas da escola, o convívio em grupo, a abordagem de agricultura sustentável e relacionada à preservação ambiental, a associação de pais, a qualidade do ensino e a formação do jovem, entre outras questões.

Como pontos fracos, destacam-se: a carência de profissionais que se identifiquem com a EFA; a falta de recursos para investimento e aprimoramento da infraestrutura da Escola; falta de divulgação dos seus trabalhos para a sociedade; falta de valorização do próprio município com o trabalho da EFA; o despreparo de alguns funcionários e professores para lidar com esse tipo de escola que tem uma proposta diferenciada de ensino; a falta de investimentos do governo; pouca visibilidade pela sociedade; reformas no prédio antigo; monitores sem perfil para atuar nas EFA; a necessidade de uma revisão curricular da escola; abandono por parte dos órgãos públicos do município de Rio Novo do Sul; a perda do vínculo da escola com as comunidades; a falta de credibilidade da comunidade na escola e a de recursos.

4.4 ANÁLISE DO CENÁRIO RURAL NO MUNICÍPIO DE RIO NOVO DO SUL-ES – DA DÉCADA DE 1960 AOS DIAS ATUAIS

As análises mencionadas neste item fazem referência ao meio rural do município de Rio Novo do Sul, para as quais, conforma já destacado, foram analisadas as lideranças comunitárias e/ou pessoas que residem nas comunidades há mais de 40 anos. São pessoas que têm um amplo conhecimento em relação à comunidade. Os responsáveis pelas informações estão elencados no Apêndice BB e Quadro 33 deste documento.

A década de 1960 foi marcante para o município de Rio Novo do Sul. Trata-se do período em que houve mudanças na dinâmica da educação para o campo com a chegada da Escola Família Agrícola, bem como para o meio rural, com a erradicação dos cafezais, que gerou uma desvalorização do campo e de quem estava no campo.

A atividade no campo estava desacreditada por parte dos agricultores, uma vez que o governo não lhes oferecia políticas de apoio, muito pelo contrário, criou medidas de expulsão do homem do campo com a erradicação dos cafezais, isso para favorecer a mão de obra industrial que estava emanando com vigor na área urbana. No entanto, essa mão de obra era ilusória e muitos que venderam suas terras a preço barato ficaram à margem do descaso social⁶⁹.

Com a erradicação houve uma evolução para o plantio de banana, houve um incremento da bananicultura, aqui nesta região, envolvendo os municípios de Alfredo Chaves, Iconha, Rio Novo, e esta evolução abriu um

⁶⁹ O cenário rural da década de 1960 pode ser analisado nas questões anteriores deste trabalho. Tanto na parte da história e agrária de Rio Novo e do Espírito Santo quanto na do Brasil, ao citar a chegada do MEPES ao Espírito Santo. Nessa análise, devem-se levar em consideração algumas questões, visto que, naquela época, o campo estava desacreditado, porém a maioria das pessoas que viviam no campo tirava da terra o seu sustento, as famílias trabalhavam unidas (pai, mãe e filhos). Estes, em casa, representavam mão de obra para a família; a juventude estava no campo. No entanto, hoje temos um rural mais avançado, com novas tecnologias, porém a juventude está indo embora do campo (ver página 61 desta pesquisa). As idades citadas das pessoas que estão trabalhando na agricultura são de 35 a 40 anos para cima, e as preocupações com o futuro são grandes. Do meu ponto de vista, hoje temos um rural mais avançado do que na década de 1960, com melhores condições de trabalho, mais planejamento e utilização de técnicas adequadas, apesar de um rural que carece de políticas públicas que valorizem o homem do campo e o produto da terra. Ainda não se leva em consideração o velho ditado: “Se o homem do campo não planta, a cidade não janta”.

novo mercado para a nossa produção que já saia daqui direto para o Rio de Janeiro. Surgiram também nesta época várias cooperativas agrícolas, aqui no município (Entrevista realizada com o senhor JUSTINO MAMERI, em 2/10/2014).

No entanto, pode-se observar que naquela época se colhiam muito mais produtos agrícolas do que hoje, uma vez que se produzia o que consumia (arroz, feijão, farinha) e a produção era para o autoconsumo, hoje não mais. Produz-se em maior quantidade o café, banana e pastagens (gado de leite e corte), já os demais alimentos, em sua maioria, são comprados, inclusive, em alguns casos, as hortaliças.

Já na década de 1980, o rural de Rio Novo do Sul já estava numa situação melhor, com uma diversificação de culturas, que ajudava ainda mais na renda familiar, bem como existia um grande número de comunidades organizadas em associações.

Analisava na década de 80, como uns dos Municípios com o meio rural mais promissor do Estado, tinha uma liderança rural forte em todos os segmentos produtivos do Município, tínhamos uma Juventude unida e atuante em todas as Comunidades. O nosso meio rural estava no caminho certo da prosperidade dentre às famílias e as Comunidades, tínhamos uma das melhores produtividades agropecuárias do Estado nas suas principais atividades rurais; tais como: Pecuária Leiteira, Bananicultura, Café, lavouras de subsistência, além de um Associativismo crescente entre as Comunidades. Hoje não vejo o nosso meio rural com os mesmos olhos, além de ter ocorrido uma grande migração do povo rural para as cidades próximas, principalmente com a juventude, houve uma redução significativa na produção Agropecuária do Município e uma desmotivação no processo Associativista que existia naquela época (Entrevista realizada com o senhor ARTHURILDO, em 18/10/2014).

Destaca-se, nessa questão, uma forte associação que foi formada por ex-alunos da EFA de Rio Novo do Sul⁷⁰ e de grande importância para o desenvolvimento dos jovens sócios, bem como para o espaço rural do município. No entanto, com o passar do tempo, ela foi desfeita, e todos seus sócios tiveram uma grande oportunidade, ao participarem dessa associação.

As atividades da área rural na década de 1960 eram, em sua totalidade, a produção agrícola, todas as famílias estavam envolvidas em suas propriedades, vivendo com a produção dos frutos da terra.

⁷⁰ AERGE – Associação de agricultores formada por ex-alunos da Escola Família Agrícola de Rio Novo do Sul-ES.

Tinha três atividades economicamente fortes no Município; a pecuária leiteira, na qual tínhamos a maior produtividade animal do Estado e essa atividade se concentrava na parte baixa do Município, depois vinha a Bananicultura em segunda e o Café em terceiro lugar. Além dessas três atividades principais, o município era um grande produtor, autônomo em seu consumo, nas produções de arroz e feijão, as maiores produções desses cereais se concentravam na região serrana, principalmente no Vale de Mundo Novo, Virgínia, Alto São Vicente, Arroio das Pedras e Monte Alegre (Entrevista realizada com o senhor ARTHURILDO, em 18/10/2014).

Ao analisar os municípios do Sul do Espírito Santo, em ambos os casos, o rural foi desenvolvendo-se aos poucos e sendo ocupado pela tecnologia, muito mais externa do que internamente.

O que você vê o rural aqui do nosso Sul do estado, é um rural que foi sendo ocupado por toda uma ampliação do urbano e de todas as novas tecnologias, e a escola tentou um pouco de adequar a isso, porém a partir do final da década de 70 e da década de 80 em diante, de forma mais crítica, muito mais crítica (Entrevista realizada com o senhor SÉRGIO ZAMBERLAM, em 7/11/2014).

O rural está mudando, “evoluindo”, o rural de Rio Novo do Sul também está mudando! “Agora o pessoal do interior não faz diferença com o da cidade não. Não faz mesmo!” (Entrevista realizada com a senhora NIEDY ATHAIDE, em 16/10/2014).

Essas transformações no rural não somente se referem ao município de Rio Novo do Sul, mas também estão pautadas principalmente quanto ao uso da terra, ao sentimento de pertença, ao amor ao campo, ao respeito, à forma de trabalhar, entre outras questões.

Desse modo, questiona-se: As atividades realizadas na agricultura são as mesmas da década de 1960? A forma de trabalhar mudou? Quem fica no campo hoje? Quem ficará no campo daqui a 10, 20, 30, 100 anos? Considerando a Pedagogia da Alternância, esta acompanhou tais transformações? Como esta se situa hoje em meio a esse cenário?

É isso, essas mudanças estão acontecendo, antes você via mais o pessoal trabalhando mais com o pai e a mãe, permanecendo um pouco mais, a gente vê a pesquisa hoje que, a comunidade rural, os trabalhadores rurais hoje estão envelhecendo, os jovens já não estão mais permanecendo no campo, às vezes pode permanecer no campo, mas não como agricultor, como foi dito, como costureira, como mecânico, como eletricitista, como pedreiro... No entanto, os jovens não estão ficando mais lá, só que a gente vê o seguinte, que os jovens do campo tem muito mais possibilidades que os jovens da área urbana, ontem eu estava dizendo isso na aula. Estávamos falando sobre organização social, que o jovem organizado no campo hoje em dia menos de 18 anos já tem sua moto, já tem o carro,

sendo que aqueles da área urbana não tem dinheiro nem pra comprar uma bicicleta e o da área rural já tem, a facilidade da área rural está boa nesse sentido, mais quem é organizado (Entrevista realizada com o senhor RONALD DE SOUZA ROHR, em 27/11/2014).

Na Escola Família de Rio Novo, a gente não está aqui só ensinando a ser agricultor, mas com a visão de que não precisa ser agricultor pra ajudar na sua comunidade pra ajudar no meio rural, você pode ter outras profissões e voltar pra cá, pode ser médico, pode ser dentista, pode ser qualquer uma coisa, mais que você possa ter um contato com o meio rural pra ajudar as comunidades para a transformação, aqui tentamos levar para a comunidade, só que existem as transformações negativas, principalmente de consumo, se for olhar a alimentação modificou toda, ninguém hoje em dia quer comer um produto típico da região, quer comer produto industrializado, comprar no supermercado, vê agricultor comprando verdura, comprando cebolinha verde, couve, alface, comprando ovos, comprando frango. Claro que o agricultor não vai produzir tudo como antigamente, mas vir comprar cebolinha verde no supermercado?... (Entrevista realizada com o senhor RONALD DE SOUZA ROHR, em 27/11/2014).

Destaca-se, então, em nível de comunidades do município de Rio Novo do Sul (das décadas de 1960/1970 aos dias atuais), uma análise levando em consideração alguns aspectos, tais como:

- ✓ principais culturas;
- ✓ destino da produção;
- ✓ principal renda da comunidade;
- ✓ atividades não agrícolas na comunidade (pluriatividade);
- ✓ rural da comunidade na década de 1960;
- ✓ desafios enfrentados no rural;
- ✓ média de idade das pessoas que hoje estão trabalhando no rural;
- ✓ transformações do rural em relação à década de 1960;
- ✓ famílias que vivem apenas das atividades primárias do rural;
- ✓ o futuro do rural do município de Rio Novo do Sul;
- ✓ os jovens e sua relação com as atividades agrícolas.

Para elaboração da Tabela 3⁷¹, que apresenta a relação das comunidades por data da fundação, distância até a sede de Rio Novo do Sul e o número de famílias que compõem cada comunidade. Vale frisar que, nessa análise e nas seguintes, foram catalogadas apenas as comunidades que se localizam no espaço rural. Nesse

⁷¹ Esta tabela foi produzida com base nos dados coletados nas entrevistas de campo, bem como nas informações cedidas pela Igreja Matriz de Rio Novo do Sul.

sentido, as comunidades de Nossa Senhora da Penha, bem como a de São José, ambas localizadas no território de Rio Novo do Sul, não foram catalogadas nesta pesquisa por apresentarem caráter totalmente urbano. Observar-se, nesse caso, que o município de Rio Novo do Sul apresenta uma extensão territorial com uma extensa representatividade, em sua maioria rural.

Tabela 3 – Comunidades, data de fundação, distância até a sede e número de famílias
continua

Comunidade	Data da fundação	Distância até a sede de RNS	Número de famílias total
Arroio das Pedras	1893 122 anos	13km	59
Baixo São Vicente	1940	4km	26
Cachoeirinha	1856 159 anos	12km	40
Capim Angola	1916 99 anos	10km	480
Copaíba	1915 100 anos	14Km	60
Couro dos Monos	1992 23 anos	4,5km	78
Itataíba	1975 40 anos	20km	50
Monte Alegre	1880 135 anos	46km por Iconha 25km por Rio Novo	34
Mundo Novo	1934 81 anos	13km	130
Pau D'Alho	2007 08 anos	2km	71
Princesa	1869 146 anos	37,5 km por Iconha	110
Quarteirão de Sant'Ana	1957 58 anos	2km	350
Santa Cruz	2006 9 anos	12km	30
Santa Helena	1970 45 anos	6,5km	250
Santa Rita	1952 63 anos	6km	42
São Caetano	1909 106 anos	8km	35
São Domingos	1998 17 anos	3Km	70
São Francisco	1924 91 anos	20km	70
São Vicente	1820 195 anos	7km	95
Vila Alegre	1992 23 anos	22km	20
Virgínia Nova	1885 130 anos	18km	82

Tabela 3 – Comunidades, data de fundação, distância até a sede e número de famílias
conclusão

Virgínia Velha	1857 158 anos	18,5km	22
----------------	------------------	--------	----

Fonte: Dados coletados pela autora (2014).

A Tabela 3 informa por comunidade a data de fundação, distância até a sede de Rio Novo do Sul, o número de famílias por comunidades. Observa-se que algumas comunidades datam sua fundação desde o início da colônia de Rio Novo e que outras surgiram do desmembramento de comunidades mais antigas, formando, assim, o núcleo de comunidades atuais.

O marco inicial das comunidades aqui relatadas se caracteriza pela construção da Igreja Católica, realidade de todas as comunidades pesquisadas. Com exceção apenas de Baixo São Vicente, que ainda não tem uma igreja (templo), porém possui um espaço em que são realizadas as celebrações, embora seja uma comunidade bem antiga, atualmente está se revigorando e ganhando força novamente.

Em relação à distância até a sede municipal, algumas comunidades se localizam distantes da sede e, muitas vezes, as péssimas condições de estradas dificultam esse acesso, o que leva os moradores a buscar apoio e recursos, ou mesmo realizar compras em outros municípios que são mais próximos e de maior acessibilidade, como Vargem Alta e Iconha. Isso gera perda econômica para o município, porém as autoridades locais ainda não se atentaram para tal questão de elaborar propostas de políticas públicas que facilitem a ligação entre o homem do campo e a sede municipal, bem como políticas que viabilizem o trabalho no campo.

Outra questão se refere à distância e ao escoamento dos produtos agrícolas que, em muitos casos, é comprometido pela distância. Outras comunidades se localizam bem próximas à sede, com a qual estabelecem um contato mais direto. Nas comunidades mais próximas à sede, o número de pessoas que saem para trabalhar fora da agricultura é bem maior em relação ao das comunidades da região serrana do município.

Vale destacar que, mesmo algumas comunidades estando distantes da sede, elas não estão isoladas, pois, em sua maioria, seus moradores possuem meio de transporte próprio, seja moto, seja carro. A distância hoje se torna pequena em relação ao desenvolvimento do rural, já que este, em sua maioria, além de meios de transporte, possui acesso aos meios de comunicação, como telefone e *internet*, o que facilita muito a vida no campo.

O Quadro 23 apresenta o município de Rio Novo do Sul-ES destacando sua principal fonte de renda, que é proveniente da agricultura. Conforme já citado, sua área urbana é relativamente pequena em relação à área agrícola, ilustrada no Mapa 6⁷² deste trabalho. Observa-se, no município, que a utilização da terra se faz de forma diversificada, onde existe uma divisão enquanto forma de trabalho, visto que na região serrana ainda prevalece uma agricultura familiar mais fortalecida, embora com muitos desafios. Já na área mais próxima à sede municipal, destacam-se os serviços diversos, porém a agricultura ainda é parte significativa na economia.

Quadro 23 – Principal fonte de renda por comunidade

Comunidade	Principal fonte de renda da comunidade
Arroio das Pedras	Agricultura
Baixo São Vicente	Agora misturou, o pessoal trabalha muito fora em outras funções, está bem dividido.
Cachoeirinha	A agricultura. Mas hoje tem outra coisa aqui que contribui bastante, na verdade são duas. Uma são os serviços, hoje tem muita gente aqui que trabalha fora nas marmorarias, nas pedreiras, a juventude, tem também as aposentadorias, hoje a receita contribui muito também pelos aposentados, hoje se você pegar, começa aqui em casa tem dois aposentados, quase toda casa tem um aposentado.
Capim Angola	Agricultura
Copaíba	Olha eu te falo uma coisa, da agricultura são bem poucos os que ficam, porque a agricultura não dá. Hoje aqui a principal fonte de renda é o emprego. Quase ninguém fica a maioria trabalha fora.
Couro dos Monos	Fazendo uma avaliação o seguinte, lá 89 pessoas são empregadas fora, de umas 230 pessoas que moram lá, juntando com crianças e adultos. Então nós temos uma faixa de 47 crianças, 33 jovens, 32 aposentados, empregados fora tem 89 pessoas e trabalhadores rural temos uma média de umas 29 pessoas, que mexem com café, banana alguns com leite também. Ali este muito próximo da BR, e isto influenciam a saída das pessoas a buscar outras atividades. Então a maioria das pessoas ali trabalha fora.
Itataíba	Agricultura
Monte Alegre	Agricultura

⁷² Página 142 – Divisão Administrativa de Rio Novo do Sul.

Mundo Novo	Agricultura
Pau D'Alho	Na verdade eu acho que a maioria vive empregado, muitos trabalham em empresas fora daqui da comunidade, que trabalham na roça aqui são poucos. No caso a principal fonte de renda da comunidade são os empregos.
Princesa	Agricultura
Quarteirão de Sant'Ana	A maior parte é empregada, agricultores são poucos
Santa Cruz	A principal é a agricultura, mas tem outras também, muitas pessoas trabalham de empregados
Santa Helena	É emprego
Santa Rita	Para os mais antigos ainda é a agricultura, mas os mais novos estão buscando trabalho fora, trabalhando pedreiras, e as mulheres procurando o comércio em Rio Novo
São Caetano	A agricultura predomina, são poucos agricultores mais ela predomina
São Domingos	Divide porque tem muita gente aqui que trabalham empregados, mais ainda tem alguns que cuidam da agricultura
São Francisco	Agricultura e serviços.
São Vicente	A agricultura e a maioria empregados
Vila Alegre	A agricultura
Virgínia Nova	A agricultura
Virgínia Velha	A agricultura

Fonte: Dados coletados pela autora (2014).

Atualmente se destaca, no município, a presença de outras atividades não agrícolas, bem como a presença de pessoas que têm a comunidade como espaço de dormitório e trabalham na sede em outros serviços. Rio Novo está tornando-se um município pluriativo, o que será discutido adiante, porém a atividade agrícola ainda persiste. Relacionando-a com a das décadas de 1960/1970, hoje com mais facilidades e novas técnicas de trabalho, porém ainda carece de investimentos.

Em relação à atividade agrícola, as principais culturas agrícolas cultivadas no município de Rio Novo do Sul atualmente são café, banana, pastagens com criação de gados. É importante ressaltar a pecuária de leite para o consumo familiar interno e, em alguns casos, para a venda, além da criação de gado de corte. Cultivam-se ainda, abacate, laranja, aipim, pastagem, feijão, milho, arroz (porém não vendem, colhem para o autoconsumo), *citrus*, que estão começando a plantar, e plantação de eucaliptos.

No entanto, a venda dos produtos agrícolas é basicamente feita por meio de atravessadores. Ainda não se criaram no município políticas que facilitassem a venda direta dos produtos, um fator que, de certa forma, tende a valorizar o preço

dos produtos agrícolas, incentivando assim o trabalho na agricultura, porque a política de preços é um fator primordial para alavancar e incentivar o produtor.

Algumas famílias diversificam a produção e a comercializam na feira do produtor em Rio Novo do Sul, Iconha ou Cachoeiro de Itapemirim; outras vendem diretamente, por exemplo, nas casas.

Em sua totalidade, o rural de Rio Novo do Sul tem-se modificado ao longo do tempo, com visões otimistas e também negativas em relação à atividade rural, o que ocasiona preocupações e concomitantemente a isso muitas realizações.

Culturas como arroz, milho, feijão, que eram antigamente cultivadas com antigamente, hoje não são mais produzidas, apenas em algumas comunidades isoladas. Atualmente esses produtos são todos comprados em supermercados. Essa queda no plantio de alguns produtos essenciais na alimentação ocorreu, pois, para o plantio e cultivo dessas culturas, existe uma série de gastos que elevam a produção ao alto custo para quem produz; porém, ao vender a política de preço, faz com que o valor dele seja baixo. Assim, o comprar no supermercado se torna a melhor opção, com menos trabalho, menos gasto e mais facilidade. *“Hoje se compra arroz, feijão, milho, ninguém planta mais. Todo mundo vai comprar. Nós plantávamos feijão, milho, mais agora plantou tudo café.”* (Entrevista realizada com o integrante da COMUNIDADE DE ARROIO DAS PEDRAS, em 21/11/2014)⁷³.

Até a horta caseira, que exige um tempo menor de trabalho e uma mão de obra leve e barata, hoje em dia são poucos os agricultores que a fazem, alguns saem de sua propriedade e vêm à sede do município comprar alface. Daí surge o questionamento: Até quando teremos um pé de alface para comer se todos estão parando de plantar e indo até a sede comprar?

Aqui ninguém torra mais café, tem aquelas coisas que você vê assim até a própria horta, eu tenho uma hortinha aqui em casa, aqui, por exemplo, uma vez por semana vem um carro de verdura (Entrevista realizada com o integrante da COMUNIDADE DE CACHOEIRINHA, em 14/9/2014).

⁷³ Os nomes dos entrevistados representando as comunidades rurais de Rio Novo do Sul encontram-se no apêndice BB, Quadro 33 deste documento, conforme já mencionado.

Todavia, o fato de não plantar mais alguns produtos ocorre por alguns motivos, como falta de água, o que exige irrigação e eleva o preço de produção, mão de obra escassa, manutenção do terreno e tratos culturais com preço elevado. E, no ato da venda do produto ao mercado, o preço é muito baixo em relação ao trabalho e gastos na produção, fazendo que o produtor fique no prejuízo ou não alcance o lucro esperado. Com isso, para o agricultor muitas vezes se torna mais fácil comprar o produto do que produzir, mesmo que a produção seja apenas para o consumo familiar. Existe uma preocupação, pois os agricultores familiares nem sempre são incentivados a plantar, as políticas públicas que favorecem o pequeno agricultor são, muitas vezes, barradas por tanta burocracia, causando a desmotivação e a queda no plantio. *“Eu imagino que teria eu ter um alerta, uma maneira de colocar as pessoas para refletir sobre isto. Até quando e até quando as pessoas que estão plantando elas vão ser motivadas a plantar?”* (Entrevista realizada com o integrante da COMUNIDADE DE COURO DOS MONOS, em 12/11/2014).

Em Rio Novo do Sul, existe um rural que se situa mediado pela pequena propriedade familiar, em que prevalece a mão de obra familiar, porém está tornando-se escassa com o passar do tempo. Em épocas de colheita como a do café, essa mão de obra fica escassa na família e na comunidade, tendo os produtores de ir buscar mão de obra fora; em alguns casos, a mão de obra para a agricultura vem da área urbana, que se condiciona a um trabalho temporário.

Essas questões mencionadas são fruto de uma série de transformações que vêm, ao longo do tempo, ocorrendo no espaço rural. E essa escassez de mão de obra acarreta uma série de problemas: hoje as famílias, em sua maioria, exceto alguns casos, não têm mais os filhos para ajudar no trabalho familiar na agricultura, o que dificulta a sucessão da propriedade de forma diversificada e familiar e, em muitos casos, suscita uma preocupação em relação ao termo sucessão familiar. Hoje no município de Rio Novo do Sul tem um total de 1.017 imóveis cadastrados no INCRA, regularmente. Porém existem outras várias não cadastradas, sobre as quais os órgãos responsáveis não têm informação.

Para pensar o rural, é preciso, antes de tudo, pensar nas pessoas que vivem nesse espaço. Analisando nesse sentido, pergunta-se: Que motivações estão tendo as pessoas para trabalhar na agricultura hoje? Qual a relação das pessoas com a atividade na agricultura? Visto que o trabalho na agricultura é um trabalho que exige um esforço maior, e depende de uma série de questões, entre as quais o amor à terra, vencer as intempéries do tempo, ter dinamismo para trabalhar atento às mudanças que estão ocorrendo. No município de Rio Novo do Sul, essas motivações, na verdade, são traduzidas em desafios, as quais, com o esforço do homem do campo, são superadas.

Na verdade não está tendo muito incentivo, porque você vê que nós estamos tendo pouca ajuda, você pode ver que se fala, fala, fala, mais pouco de faz pelo agricultor. Isso desmotiva muito (Entrevista realizada com o integrante da COMUNIDADE DE ARROIO DAS PEDRAS, em 21/11/2014).

Um dos fatores positivos do rural é a própria organização comunitária, que, em Rio Novo do Sul, se destaca por estar, em grande parte, organizado em associações comunitárias, embora somente algumas estejam regularizadas, e em dia com suas cotações. Porém, as que estão em dia trazem para a comunidade diversos benefícios, como secador de café, construção de galpões comunitários, telefonia rural, compra direta de adubos com preço menor, entre outros benefícios.

Nós temos, infelizmente é outro caso, a gente não se dedica muito, não se valoriza a questão da organização social, têm coisas muito importantes que se poderia fazer, algumas coisas, principalmente algumas coisas se tivessem uma associação se tivesse uma associação organizada. Eu sempre tive na cabeça que se cada comunidade tivesse sua associação organizada a gestão pública seria coisa muito tranquila, porque você poderia estar passando pra lá uma máquina para ensaiar as estradas com uma forma tranquila sem precisar burocratizar demais, a própria prefeitura poderia ter um convênio com a associação para contratar uma pessoa, seria coisa muito fácil, se resolvia aquelas estradas lá de cima todinha, sem precisar de muita coisa. Só que em alguns casos não funciona (Entrevista realizada com o senhor JOÃO BATISTA MARTINS, em 14/9/2014).

Esses dados estão ilustrados no Quadro 24, que apresenta as associações por comunidades e sua situação em relação ao funcionamento. Sabe-se da importância de ter uma associação comunitária, porém nem todas as comunidades se mobilizam para tal atividade, ou ainda não encontraram ou não buscaram apoio para sua criação e regularização.

Quadro 24 – Associação comunitária e situação em relação ao funcionamento

Comunidade	Possui associação comunitária	Em funcionamento
Arroio das Pedras	Sim	Sim
Baixo São Vicente	Não	Não
Cachoeirinha	Sim	Não
Capim Angola	Sim	Está caduca, mais é capaz de ser reativada
Copaíba	Sim	Não
Couro dos Monos	Associação de artesãos Associação comunitária	Sim Não
Itataíba	Sim	Não
Monte Alegre	Sim	Sim
Mundo Novo	Sim	Sim
Pau D'Alho	Não	Não
Princesa	Sim	Sim
Quarteirão de Sant'Ana	Não	Não
Santa Cruz	Não	Não
Santa Helena	Sim	Sim
Santa Rita	Sim	Não
São Caetano	Não Tem um grupo de mulheres começando a organizar-se	Não
São Domingos	Não	Não
São Francisco	Não	Não
São Vicente	Sim	Sim
Vila Alegre	Sim	Sim
Virgínia Nova	Sim	Sim
Virgínia Velha	Sim	Sim

Fonte: Dados coletados pela autora (2014).

Para pensar o rural de Rio Novo do Sul hoje e compreender as mudanças que estamos vivenciando, é preciso entender como ele se encontrava em relação à década de 1960.

Não tinha quase nada antigamente, porém tinha muita gente pra trabalhar, pois os jovens estavam todos plantados ai, só que não tinha estrada, não tinha energia, não tinha telefone, não tinha nada, pronto. É nós carregávamos tudo no lombo de burro e longe pra poder vender alguma banana, vender alguma coisinha, o café saia tudo no lombo de burro pra Rio Novo e a dificuldade era essa. O resto não existia nada. Não existia supermercado, não se comprava nada, o que comia era da roça, nós tínhamos porco, galinha [...] (Entrevista realizada com o integrante da COMUNIDADE DE VILA ALEGRE, em 27/12/2014).

Nesta época em Rio Novo do Sul, segundo informações coletadas em campo nas comunidades rurais, a maioria das famílias vivia apenas do campo, trabalhava no campo e todo o seu sustento era fruto do trabalho no campo, bem como a mão de

obra era toda familiar. Aquela foi uma época em que filho significava força de trabalho no campo e para a família.

Antes as pessoas trabalhavam com mais alegria, tinha mais esperança, hoje negócio ta mudando muito. Estão desacreditando (Entrevista realizada com o integrante da COMUNIDADE DE CAPIM ANGOLA, em 12/11/2014).

A família completa para a roça, isso aí sem dúvida (Entrevista realizada com o integrante da COMUNIDADE DE COPAÍBA, em 23/11/2014).

Eu cheguei a plantar arroz no morro e colher 30 a 40 sacos de arroz que dava na época a família era pequena dava para vender arroz e em casa tinha uma fatura muito grande. Milho também (Entrevista realizada com o integrante da COMUNIDADE DE SÃO DOMINGOS, em 18/11/2014).

Apesar das tantas dificuldades que enfrentavam, tinham mais alegria em trabalhar no campo em relação a algumas pessoas. Vale destacar que ainda existem pessoas que acreditam no campo, basta saber trabalhar de forma atualizada, inovando e buscando novas alternativas.

Hoje, na maior parte das comunidades pesquisadas, a maioria das famílias que vivem do rural não tem mais a agricultura como única fonte de renda. Conforme pode ser observado, a agricultura se tornou, no município de Rio Novo do Sul, uma fonte de renda que é completada por outras fontes secundárias. Antigamente havia bem mais dificuldades do que hoje em relação ao acesso a transportes, informação, comunicação, energia elétrica. As pessoas do campo viviam de forma mais isolada, ao contrário do que se vê hoje no campo, o acesso à informação era precário, não existia energia elétrica, enfim cada um se ajeitava como podia.

Balbino: *Eu na época sabe eu tinha uma energia aqui eu graduava ela com limão, eu fiz uma lagoa pertinho daqui a uns 100 metros, comprei um gerador pequeno e aí eu catava tudo quanto era água que descia das serras com um canos de uma polegada, cano mais grosso de duas polegadas, cano de três quartos, eu pegava de uma lado e de outro e ia jogando tudo dentro desta lagoa, aí acendia a energia em baixo, isso foi quando nós casamos, já faz uns 40 anos.*

Maria: *A primeira televisão foi a nossa. O primeiro rádio também.*

Balbino: *Então o que eu fazia de tarde eu assistia televisão e vinha gente a nossa casa Ildranis dava até 120 pessoas para assistir televisão, na época tinha o Didi, Dedé, Mussum e o Zacarias, nossa Senhora a casa nossa nós não tomávamos conta, era os outros, quando acabava os Trapalhões era uma nuvem todo mundo ia embora e nós ficávamos sozinhos. Aí então o que eu fazia, de tarde eu ia lá puxava uma manivela daqui e enrolava uma manivela o cano subia e a água voltava, aí de tarde quando eu não queria ir lá fechar eu pegava dois limões jogava na água e o limão ficava boiando, aí a lagoa ia secando, secando o limão descia e puf embaixo do jato e entupia, quando era de manhã a lagoa estava cheinha. Aí de tarde [...]*

Maria: *nós ligávamos para duas horas, ligava seis horas da tarde a energiazinha só uma lampadazinha só para a televisão, tinha que apagar tudo e deixar só a televisão e aí nós ficávamos assistindo, daí quando a água secava acabava a energia e desligava a televisão e aí o limão descia e fechava para encher para o outro dia* (Entrevista realizada com os integrantes da COMUNIDADE DE MUNDO NOVO, em 2/1/2015).

O Quadro 25 (APÊNDICE T) apresenta o rural de Rio Novo do Sul na década de 1960, vale destacar que era um rural mais rudimentar, porém o campo era cheio de gente, a família trabalhava unida no campo, o amor à terra era mais vivenciado; em contrapartida, os desafios eram enormes, as condições de trabalho eram precárias, não havia estradas como existem hoje em dia, embora nem sempre estejam em boas condições, nem se compara quando não havia. A educação a que poucos tinham acesso era precária, em sua maioria a quarta série primária.

O cenário rural da década de 1960 é o mesmo cenário analisado no capítulo 2, ao trabalhar a chegada da Pedagogia da Alternância a Rio Novo do Sul. Observa-se que os relatos se entrelaçam, uma vez que a situação que se instalava na época era de descrença, porém o rural estava cheio de gente para morar e trabalhar e o êxodo rural ainda não tinha se efetivado. Hoje se tem um rural com maiores “vazios demográficos”. Embora haja melhores condições de trabalho do que na década de 1960, ainda falta muito para chegar ao cenário desejado: um rural com apoio do poder público, com o produto da terra e o homem do campo sendo valorizados.

Outra mudança fortemente citada foi em relação às mudanças climáticas, antes se plantava na certeza de chover e fazer a semente brotar, hoje se planta na incerteza, pois as chuvas são mal distribuídas e as condições climáticas não mais favorecem o agricultor, que depende desse meio para colher o fruto do seu trabalho.

Na sequência do debate, outra questão que chama a atenção é em relação à média de idade das pessoas que estão trabalhando na agricultura e a quantidade das famílias que migraram para o urbano, conforme mostra o Quadro 26 (APÊNDICE U).

Na maioria das comunidades de Rio Novo do Sul, a idade das pessoas que estão trabalhando na agricultura atualmente está entre 35 e 40 anos para cima e, em

muitas comunidades, a maioria é de idosos trabalhando no campo. As pessoas que prevalecem no campo hoje é a juventude da década de 1960, que atualmente se encontra em idade mais avançada e logo não mais terá forças para continuar com o trabalho na agricultura.

O jovem de hoje busca novos rumos, estudando ou trabalhando em outros serviços fora da agricultura. Hoje o próprio estudo faz com que os jovens não fiquem na roça, embora devam ter a mentalidade de que, para trabalharem no campo, precisam ter conhecimento como em qualquer outra profissão, lembrando que o campo não precisa apenas de agricultor, em suas várias funções, necessita de múltiplas habilidades, pois a dinâmica do espaço rural vai além do plantar e colher, conforme já vem sendo percebido. O campo se tornou um espaço de múltiplas vivências e habilidades.

Por esse motivo, a dinâmica não é fixar o jovem no campo, é mostrar a ele meios que o façam ver os valores do campo, para, assim, buscar novas alternativas para esse espaço, seja qual for sua profissão. Outra questão para a grande saída do jovem do campo de forma maciça é a falta de apoio de políticas públicas aos jovens agricultores, o que faz com que o jovem se desmotive do trabalho na agricultura.

Em relação às famílias que migraram da zona rural para a zona urbana no município de Rio Novo do Sul, conforme apresenta o Quadro 26 (APÊNDICE U), observa-se que houve um número relevante de famílias que migraram, sendo em algumas comunidades, em maior quantidade, e em outras, em menor. Em comunidades mais próximas à sede essa situação é contrária, no caso da comunidade de Quarteirão, aonde está chegando muita gente, uma vez que ela está se tornando uma extensão da sede de Rio Novo e se urbanizando.

O êxodo rural de Rio Novo do Sul se concretizou na década 1990 (entre 1991 e 2000), conforme ilustram os Gráficos 12 e 13: População rural e urbana Rio Novo do Sul – 1970, 1980, 1991, 2000, 2010, à página 251 deste trabalho, quando houve a inversão, pois antes a maior concentração da população estava no rural e, desse período em diante, o quadro se inverteu. No Espírito Santo, essa inversão ocorreu

anteriormente a Rio Novo, já na década de 1980, conforme ilustram os Gráficos 14 e 15 referentes à população rural e urbana do Espírito Santo – 1970, 1980, 1991, 2000, 2010, apresentado à página 252 desta pesquisa.

Diante dos dados referentes a quem ainda prevalece no campo, a juventude, em sua grande maioria, não está mais interessada em ficar no campo, em levar à frente o serviço dos pais. E isso faz com que o rural esteja envelhecendo e gerando uma realidade que preocupa a um futuro breve, conforme pode ser observado no Quadro 27 (APÊNDICE V), referentemente ao número de jovens e ao que fazem em 2014 e ao que faziam na década de 1960. Observa-se uma inversão, em que os jovens da década de 1960 estavam todos no campo, trabalhando com a família na atividade agrícola. Atualmente esses não querem mais essa atividade, indo à busca de outras funções: estudar ou estar empregado na sede do município ou em outros.

É um “troço” meio perdido, o problema todo que eu vejo é o seguinte, o jovem chega à idade dele o que está acontecendo é que como ele está junto do pai dele ele não tem o salário separado, como o jovem antigamente não ansiava de comprar uma moto, na minha época quando eu tinha quinze anos, eu não ansiava em comprar minha moto, não tinha então o jovem não tinha perspectiva de pegar, pedir dinheiro ao pai pra comprar uma moto. Hoje não, os jovens querem ter o dinheiro dele pra comprar o que ele quer e o pai não quer dar porque fica pão duro, resultado, perde os jovens, isso é uma bola de neve, a invés de você dar um dinheiro para o jovem para você segurar ele, não quer guardar dinheiro para comprar terra, ai perde o jovem, eu penso que é dessa forma, eu acho que se os pais investirem mais nos jovens eles estariam na roça, mas investir assim, olha! Isso aqui vai dar lucro. Tem famílias aqui que vive muito bem, vive muito bem e é colono, tem computador em casa, colono, veio aqui passando fome, falta ter uma cabeça diferente, ser trabalhador, às vezes vejo pessoas que param quatro horas, mas pega as seis horas.

Então você acha que é culpa do governo? Ou que o café é barato? Não. Não é culpa do governo que é o café é barato, é culpa da vontade de trabalhar, porque se você analisar como algumas pessoas no campo, melhoram a vida em dez anos e analisar os outros todos em volta, você vai ver uma diferença grande e ele não roubou de ninguém não, porque ele é honestíssimo.

As vezes até quem é dono da terra não faz o que alguns com vontade de trabalhar fazem. Ai você fala assim: Então é ruim a agricultura? E o que ele tem hoje do que ele chegou aqui? Ele tirou da terra que nem é dele, ele trabalha a meia, então eu penso assim, eu acho que diferença está na pessoa vir com cabeça diferente (Entrevista realizada com o integrante da COMUNIDADE DE VIRGÍNIA NOVA em 15/11/2014).

Jovens trabalhando no campo também você não encontra mais (Entrevista realizada com o integrante da COMUNIDADE DE COPAÍBA, em 23/11/2014).

Se a juventude de hoje não quer trabalhar no campo, qual é a nossa expectativa em relação ao futuro da agricultura em Rio Novo do Sul?

Eu acho que é falta de influencia do governo, porque se o governo incentivar o jovem a ficar e se desse mais valor eu acho que o jovem não sairia do campo para procurar um emprego. É bom é mais neste mesmo tempo começa as ruas superlotar e começa gerar a fome, então é preocupante por isso (Entrevista realizada com o integrante da COMUNIDADE DE ARROIO DAS PEDRAS, em 21/11/2014).

Hoje quem ainda continua na roça são os matriarcas no rural, da década de 90 para cá, o meio rural ficou mais vulnerável a questão da indústria. E por poucas perspectivas de políticas públicas também, que não conseguiu segurar o jovem no meio rural (Entrevista realizada com o integrante da COMUNIDADE DE SÃO CAETANO, em 17/11/2014).

No trabalho na agricultura só vai ficando mesmo os antigos, mais velhos, a juventude não fica (Entrevista realizada com o integrante da COMUNIDADE DE CAPIM ANGOLA, em 12/11/2014).

Outro fator que leva o jovem a desinteressar-se do trabalho na agricultura é a resistência de mudar a forma de trabalhar no campo, pois muitas vezes os pais têm um modelo tradicional de trabalho e não aceitam tal mudança. Com isso, o jovem perde a motivação para a agricultura, pois não têm abertura para inserir novas técnicas, novas culturas, fatores estes que o leva a buscar novas alternativas de trabalho geralmente nos centros urbanos.

Essa resistência dos pais é um dos motivos que fazem a jovem saia do campo muitas das vezes, na minha comunidade, com certeza a maior parte foi à resistência dos pais. Quem quer ficar num lugar sem ter renda, hoje na agricultura você tem celular, tem automóvel, você um rapaz de moto e você não ter, então infelizmente você olha com o olho e quer também (Entrevista realizada com o integrante da COMUNIDADE DE SÃO CAETANO, em 17/11/2014).

Eu sempre tive uma curiosidade muito grande referente à questão da agricultura, sempre tive esta preocupação, o que vai acontecer com o agricultor? Tanto que eu sempre procurei incentivar meu filho, para ver se ele voltava para a agricultura, para ele dar continuidade, mais acontece que o pai nunca incentivou, ele fala não ele está lá, tem o salário dele, está garantido. Mais garantido em que? Eu falo ele está se estressando, acabando com a saúde, isso vale à pena? (Entrevista realizada com o integrante da COMUNIDADE DE COURO DOS MONOS, em 12/11/2014).

Eu vejo que ele demonstra vontade de voltar, mais tem um receio por isso. Não vai ter autonomia de fazer aquilo que gostaria de fazer na propriedade. Porque a cabeça do pai é café e banana, e às vezes ele quer mudar e não vai ter abertura (Entrevista realizada com o integrante da COMUNIDADE DE COURO DOS MONOS, em 12/11/2014).

Na verdade, os jovens da década 1960 são as pessoas com mais idade que trabalham na agricultura hoje, conforme já citado. Assim, daqui a dez, vinte, trinta,

cinquenta anos, quem vai trabalhar na roça em Rio Novo do Sul, visto que a terra é nossa mãe e dela tiramos nosso sustento?

A terra é o sustento do homem, agora de um tempo pra cá os pais mandam os filhos estudar falando: “vai estudar meu filho, não seja burro igual seu pai não, seu pai ta ai carregando esse monte de troço nas costas”, não quero dizer que o agricultor deve ser ignorante, analfabeto, mas tem que ter conhecimento: “meu filho, papai não estudou muito, mas é daqui que estamos tirando nosso sustento, a terra é um bem que nós temos, o nosso futuro é a terra” (Entrevista realizada com o integrante da COMUNIDADE DE SÃO CAETANO, em 17/11/2014).

A educação se tornou uma possibilidade mais próxima dos jovens do campo em Rio Novo do Sul com a vinda da Escola Família Agrícola, onde o sistema em alternância colaborou para que os jovens tivessem acesso aos estudos e um estudo que condissesse com a sua realidade. Antes da alternância, além de pouco acesso aos estudos, estes se configuravam totalmente descontextualizados, embora hoje, ainda se encontram descontextualizadas.

No entanto, se caracteriza hoje enquanto um desafio. Muitas escolas no campo do município de Rio Novo do Sul foram fechadas e os alunos são levados para outras escolas polo ou sede. Atualmente a Educação do Campo no município não está se efetivando, as escolas rurais apresentam um ensino totalmente descontextualizado (urbano) e isso faz com que o aluno perca o vínculo e o amor ao campo, visto que a escola, que é formadora de opinião, traz uma metodologia contrária à realidade do aluno, levando-o a ver o seu espaço como lugar de atraso. Até mesmo a Escola Família Agrícola está apagada no município e este não a vê mais pelo mesmo prisma da década de 1960.

Hoje se vê que o jovem está perdendo o interesse em trabalhar na agricultura, deixando à mercê a sucessão familiar do trabalho na agricultura e se tornando um assalariado, enquanto com o trabalho da terra poderia trabalhar no que é seu e ganhar até mais talvez, com melhor qualidade de vida⁷⁴.

⁷⁴ Os jovens estão indo embora do campo... Essa questão foi destacada no capítulo 1, ao discutir a temática sobre a juventude no campo. A juventude do campo, em especial neste debate, apresenta-se como um capital estratégico para o desenvolvimento das áreas rurais. No entanto, ela está indo embora do campo, em detrimento do modelo de desenvolvimento que vem interferindo diretamente nos rumos da agricultura familiar, gerando a desvalorização e o desamor ao campo, levando os

No entanto, nessa questão se observa que as políticas a favor do jovem do campo deveriam oferecer-lhe possibilidades e novas visões, neste caso o objetivo não é fixar o jovem no campo, senão buscar alternativas de desenvolver-se nesse espaço, trabalhando na atividade agrícola, ou seja, um jovem pluriativo. *“Não adianta falar assim eu vou fixar esse jovem no campo como um poste. Ele não é poste. Você tem que dar alternativas de políticas públicas que ele vá ficar no meio rural.”* (Entrevista realizada com o integrante da COMUNIDADE DE SÃO CAETANO, em 17/11/2014).

Hoje, por mais avançado que esteja o rural, com facilidades que não havia na década de 1960, com tecnologias a favor do homem do campo, ainda existem muitos desafios, um dos quais é a própria sucessão da atividade agrícola, conforme já destacado. Quem vai cuidar da propriedade daqui alguns anos que hoje é cuidada pelo pai, que já está em idade mais avançada?

Este e outros são os desafios do rural de Rio Novo do Sul, destacados no Quadro 28 (APÊNDICE X), os quais se materializam nas diversas instâncias: sociais, econômicas, culturais, econômicas e ambientais.

Destacam-se preocupações com o tempo em relação ao que vai acontecer com o rural daqui a alguns anos. Observa-se ainda a questão do descaso pelo poder público local, com estradas em péssimas condições dificultando o escoamento da produção, o incentivo na política de preços que cada vez está menor em relação à venda do produto, porém maior em relação ao seu cultivo, a mão de obra escassa, influências negativas da tecnologia que chegou e trouxe comodidades, como a energia elétrica, telefone e *internet*, os quais se tornaram ferramentas alienadoras se utilizadas de forma incorreta.

No entanto, hoje ainda se destacam muitas coisas boas nas comunidades rurais de Rio Novo do Sul, começando pela divisão das propriedades, em sua grande maioria, entre agricultores familiares, com pouca uma produção, mas diversificada, já com a aplicação de técnicas de plantio e meios tecnológicos que facilitam o trabalho.

jovens a buscar novos horizontes, muitas vezes desconhecidos e com poucas possibilidades de inserção.

Destacam-se, ainda, diversos momentos em comunidade como o círculo bíblico e a ida à igreja aos domingos. De maneira geral, as comunidades estão bem, sempre unidas. A comunidade está num patamar bom, à vivência com os vizinhos é boa. Embora se vejam tantas coisas ruins acontecerem, na roça é uma tranquilidade, se bem que hoje não se tem mais, pois sobressai a questão da violência e das drogas, que estão invadindo o meio rural.

Hoje nós tivemos alguns avanços no campo, eu acho que continua estamos vendo que as pessoas estão buscando alternativas de renda, antes as pessoas ficavam limitadas aquela questão do café, mais hoje a família toda se mobiliza (Entrevista realizada com o senhor JOÃO BATISTA MARTINS, em 14/9/2014).

No meio rural, podem-se colher frutas frescas, não precisando comprar, há criações como galinha. Carne de porco é, sobretudo, saudável, assim como a água que chega as nossas casas. Nas comunidades, ainda existem outras coisas que são muito boas, como a igreja de que as pessoas participam, o posto de saúde, escolas e campo de futebol. Na comunidade, todos conhecem todos, a boa convivência com as pessoas e a união são fatores importantes: ainda existe confiança no outro e ajuda mútua.

Observa-se, no meio rural, a paisagem natural, que é muito bonita, destacando algumas cachoeiras e belas montanhas. Enfim, nas comunidades de Rio Novo do Sul há muita coisa boa, sobretudo a terra boa para quem nela quer trabalhar: o que se planta colhe. Atualmente a estrada, em alguns lugares, é asfaltada. Há energia elétrica, telefone, *internet*. Enfim, há muita coisa boa no rural, porém um grande potencial econômico, cultural, ambiental, dentre outros ainda fica camuflado em meio às dificuldades vivenciadas pelo homem do campo na luta diária.

Ao pensar o rural de Rio Novo do Sul hoje, apresentado no Quadro 29 (APÊNDICE W), observa-se uma grande mudança em relação à década de 1970: hoje existem estradas, informações técnicas para fazer um plantio correto, meios de comunicação, novas tecnologias, meios de transportes, o desenvolvimento chegou ao rural de Rio Novo do Sul, nas pequenas propriedades familiares. Nota-se um rural desenvolvido técnica, social, cultural e economicamente. Rio Novo possui um espaço rural com um potencial muito grande, porém este não é “explorado” como

deveria, pois ainda carece de incentivos públicos das diversas esferas que animem o produtor rural a aproveitar melhor esse espaço.

Outra questão é o uso de produtos químicos que, muitas vezes, acontece de forma descontrolada e sem proteção, causando forte degradação ambiental. Destaca-se ainda a existência de um processo de urbanização do campo onde o modo de viver é modificado, pois muitos elementos do urbano se instalaram no meio rural, como a droga, que era uma realidade das cidades chegou também ao campo e está ameaçando a juventude rural. A segurança e a paz encontradas no rural hoje estão ameaçadas, muitas pessoas vivem com medo, pois há índices de assaltos violentos em algumas residências e comércios.

Na questão ambiental, hoje a questão embora se trabalha, mais a agressão é muito grande. Por exemplo, a questão dos riscos, a violência, você pega a questão da violência, umas das coisas que nós pregávamos muito lá atrás o Padre Humberto a gente falava na época do início do MEPES a gente falava na questão da tranquilidade, da questão do campo tinha mais tranquilidade, tanto assim que a gente levava muito, mostrava muito esta questão, orientava muito, olha vocês tomem cuidado, vocês estão indo para a cidade sem uma orientação, a questão da prostituição, a questão da droga. Porque na época não tinha praticamente então a gente sabe que hoje com o chamado desenvolvimento também a gente vê que aqui mesmo no interior, o campo não fica fora, estamos vendo questão desta relação, quer dizer sobretudo através da relação hoje as pessoas estão se envolvendo em drogas muito novo, aí você vê os meninos do interior se matando andando de moto para qualquer lado. Valorizando certas coisas que não seriam tão importantes (Entrevista realizada com o senhor JOÃO BATISTA MARTINS, em 14/9/2014).

Enfim, hoje não tem distinção entre as pessoas do campo e do rural, todas são munidas de informações, tecnologias, meios de transportes e possuem um linguajar correto. Ou seja, o estereótipo do “Jeca Tatu” em relação à realidade do homem do campo, hoje não se aplica mais em nenhuma hipótese. “Está o rural está bem melhor do que num tempo atrás, da década de 60.” (Entrevista realizada com o integrante da COMUNIDADE DE MUNDO NOVO, em 2/1/2015).

Tem-se que levar em consideração a importância da terra no desenvolvimento da humanidade, pois é dela que tiramos nosso sustento, ela é um bem precioso. Pôde ser observado, em Rio Novo do Sul, que a forma como se analisa o rural por parte das pessoas deve ser repensada, pois muitos que moram no rural não o vêem como

um espaço de oportunidades. Tal visão deve ser superada porque o rural é um espaço de múltiplas oportunidades.

Fazendo uma relação entre a década de 1960 e os dias atuais, o Quadro 25 (APÊNDICE T) apresenta o rural da década de 1960, sendo possível observar que muita coisa mudou, tanto para melhor quanto para pior. Antes, conforme relatado, não havia estradas no interior, o transporte era feito a cavalo ou a pé, a longas distâncias. Não havia tecnologias, como roçadeiras, máquinas, energia elétrica, meios de comunicação, secadores e pilas de café, tratores, entre outras tecnologias que existem hoje. Faltavam informações técnicas para produzir mais e com melhor qualidade.

Realmente, hoje tem muito poucos jovens na zona rural. Agora o rural, o problema nosso aqui, que é o problema do sul do Espírito Santo todo eu acho que é a falta de investimento do poder público, não é que a agricultura de prejuízos, o problema é que o agricultor não investe, aí o que acontece, o camarada fica só agarrado naquele cantinho de café dele. Eu acho que está na hora das pessoas trocarem um pouco quem tem café que plante banana, que plante fruta pra ter uma renda extra, só que isso que não está tendo aqui, eu não estou vendo isso. Eu não estou vendo ninguém investir em tecnologia, o que tem no norte em tecnologia hoje, aqui no sul do Estado não existe tecnologia, eu fico olhando, ninguém procura fazer nada de novo, ninguém quer uma muda de café nova, ninguém quer uma muda de banana nova. As pessoas falam que não tem produção, mas não plantam meu Deus do Céu. Querem viver exclusivamente do café, assim não funciona, só que isso aí só se conseguir colocar na cabeça dos jovens (Entrevista realizada com o integrante da COMUNIDADE DE VIRGÍNIA NOVA, em 15/11/2014).

O rural foi melhorando. Outra coisa que a gente notou também, é que os agricultores aceitaram as mudanças que a escola trouxe e a gente via também não só no modo de trajar, mas eles já compravam uma moto, já compravam um Jeep naquela época tinha muito Jeep, foram adquirindo porque com a nova conscientização eles colhiam duas vezes por ano (Entrevista realizada com o senhor GETÚLIO DE OLIVEIRA MOTA, em 18/9/2014).

No entanto, hoje é preciso pensar no termo desenvolvimento, tendo uma nova forma de conscientização. “O chamado progresso, o chamado desenvolvimento, ele tem duas faces.” (Entrevista realizada com o senhor JOÃO BATISTA MARTINS, em 14/9/2014).

Mediante as análises do rural de Rio Novo do Sul, surge um questionamento: Para onde vai o rural de Rio Novo do Sul em meio a tantas transformações? (Quadro 30), (APÊNDICE Y). Essa análise leva em consideração o amor a terra, os incentivos ao homem do campo, as transformações nas relações de trabalho, nas relações

sociais, econômicas e culturais. É necessário fazer uma reflexão minuciosa, pois, embora as condições de trabalho no campo hoje sejam bem melhores do que nas décadas 1960/1970, ainda existe uma extrema desmotivação por parte de alguns agricultores. Isso realmente é uma preocupação.

Outra questão apontada pelo Quadro 30 (APÊNDICE Y) se refere ao número de famílias no meio rural que vivem apenas das atividades agrícolas que são bem poucas, e, em algumas comunidades, inexistente essa questão, pois, segundo depoimentos, hoje em dia, em alguns casos, somente com a atividade agrícola torna-se difícil sustentar a casa e a família, o que faz com que seus membros se distribuam em outras atividades, não ficando somente na agricultura.

Eu me lembro que quando eu tinha meus filhos pequenos, eu e meu esposo trabalhávamos na roça, minha sogra era costureira, ela ficava com as crianças pequenas para eu ir para a roça. Depois mudou, eu comecei a trabalhar fora, os filhos cresceram, cada um seguiu seu rumo, o filho que trabalhava na roça passou em um concurso e foi trabalhar, hoje ele ajuda tem a parte dele da roça que ele cuida, mas só aos sábados depois do meio dia, e nos dias que tem feriados porque ele trabalha aos sábados também. E hoje meu marido é aposentado, eu trabalho fora, ele trabalha na roça ainda, mais já tem outra renda. Na década de 70 esta situação era inversa, era bem diferente. Igual tem famílias lá que era o marido, a mulher e os filhos todos na roça. Praticamente eram todas as famílias assim (Entrevista realizada com o integrante da COMUNIDADE DE COURO DOS MONOS, em 12/11/2014).

Pensar o futuro do rural de Rio Novo do Sul é pensar no futuro do município, pois este é predominantemente rural e sua economia basicamente gira em torno dessa atividade. Se comparar o hoje com a década de 1960, muitas mudanças ocorreram e atualmente o campo tomou uma nova dimensão, com a presença de atividades pluriativas (Quadro 31) (APÊNDICE Z) com uma série de pessoas que trabalham em outros lugares e apenas moram no campo. O trabalho na agricultura, em sua maioria, está por conta dos mais idosos, com algumas exceções. E isso é preocupante, uma vez que, se hoje a mão de obra já está escassa, daqui a uns 50 anos como estará?

Do meu ponto de vista trabalhar no campo hoje é como trabalhar em uma grande empresa, é um trabalho que precisa organização, conhecimento, planejamento e inovação em meio a uma série de “transformações”. Não basta ficar sempre no mesmo ritmo de trabalho e nunca buscar novas técnicas; algo novo é necessário

mudar a forma de trabalho, buscar investimentos embora nem sempre seja fácil. É importante agregar valor ao produto e organizar-se em associações, buscando o que o rural tem de melhor a oferecer, além de cobrar dos órgãos públicos ações voltadas para o campo, exigindo os direitos de um cidadão eleitor que vive em um espaço que, assim como o meio urbano, mediado por possibilidades.

Uma das alternativas encontradas para melhor viver no rural de Rio Novo do Sul se refere à pluriatividade (Quadro 31) (APÊNDICE Z), a qual se faz presente e se intensificou nas décadas de 1980/1990 para cá em Rio Novo do Sul, uma vez que, nesse período, ocorreu maior procura por outras profissões, seja no espaço urbano, seja no meio rural, para diversificar as atividades que não estavam mais suprindo as demandas das famílias. Hoje essas novas ruralidades são uma realidade em todas as comunidades do município de Rio Novo do Sul.

De uns quinze anos para cá, uns vinte anos pra cá, saia um, saia outro, inventava uma coisa porque não estava dando mais pra viver, que a coisa estava ficando feia, outro inventou a mariola, outro inventou as massagens, outro inventou a feira, cada um inventou alguma coisa porque não estava dando só pra viver na roça (Entrevista realizada com o integrante da COMUNIDADE DE VILA ALEGRE, em 27/12/2014).

O campo, em muitos casos, torna-se dormitório apenas, e as atividades primárias de plantar e colher são substituídas por outras atividades não agrícolas, seja dentro do espaço rural, seja fora dele. Isso reflete em alguns casos como juízo de preocupação.

Isto me preocupa, porque o êxodo rural só esta no emprego, eles estão indo e voltando, mais pode ser que com o tempo vai e fica. Então a turma não está se importando mais, com o plantar para se manter a família, acham assim, vou lá ao mercado, vou comprar e pronto. Tem que alguém ficar para plantar, porque alguém tem que colocar no mercado para vender. Ainda bem que tem umas associações por aí que estão funcionando direitinho (Entrevista realizada com o integrante da COMUNIDADE DE COPAÍBA, em 23/11/2014).

O rural do município de Rio Novo do Sul hoje está caracterizado por uma série de novas atividades, as quais surgiram para promover maior renda familiar, uma vez que somente a atividade primária de plantar e colher não estava suprindo as necessidades das famílias. Essas novas atividades surgiram trazendo novas oportunidades para o rural, as mulheres, por exemplo, destacaram-se nesse sentido, realizando atividades em casa, tendo a própria renda e ganhando sua autonomia. Em outros casos, houve a agregação de renda ao produto e, em vez de vender o

produto *in natura*, este é transformado ganhando mais valor de venda, como no caso das agroindústrias familiares.

A questão da mulher rural também é muito importante, a gente vê que primeiro a mulher era só aquela dona de casa, hoje não, a mulher ela tem mais liberdade, ela está indo buscar outro trabalho, ela aproveita o tempo dela, dá um jeitinho mais para ter as coisas em casa, o que eu acho que é natural esta visão de você ter os bens de consumo e você vê que a gente hoje não consegue separar se você vê uma menina da roça e uma menina da cidade elas se vestem igual, o rapaz da cidade e da roça também e estas coisas se tornaram hoje muito importante. E eu acredito que sem dúvidas a educação teve um papel importante nisto aí também (Entrevista realizada com o senhor JOÃO BATISTA MARTINS, em 14/9/2014).

4.5 ANÁLISE DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE RIO NOVO DO SUL-ES EM RELAÇÃO ÀS COMUNIDADES RURAIS

Esta seção se propôs a analisar a EFA de Rio Novo do Sul mediante a visão das comunidades rurais do município. Nota-se que esse olhar “de fora” faz emergir uma série de questionamentos, ao pensar a EFA hoje em relação às décadas de 1960/1970. No entanto, no decorrer do tempo, ela também se materializou em bons resultados, uma vez que a escola não é o fim, mas o meio, e precisa produzir resultados, é o que rege sua missão.

Para quem tiver interesse de ir lá aprender e praticar nossa mãe a EFA é sucesso. Eu falo também que se hoje em dia tem as técnicas na roça os cafés, banana, foi lá pelo MEPES. Foi de lá que veio para cá, porque ninguém sabia plantar um pé de banana, um pé de café, ninguém sabia plantar nada, plantava tudo doido assim de morro acima. Aí depois que alguns jovens foram estudar no MEPES, ele veio e fez as técnicas para eles aqui que foram os primeiros que começaram a plantar café, que depois dali o pessoal falava vocês são doidos plantar, que eles plantavam tudo certinho e eles falavam assim quando vocês verem as carretas saindo e pocando o paredão de café que eu vou vender aí vocês vão correr para plantar, e foi dito e feito. Aí o pessoal começou a ver a fatura que nós tínhamos. Quando nós incentivávamos os outros a plantar eles riam (Entrevista realizada com o integrante da COMUNIDADE DE MUNDO NOVO, em 2/1/2015).

Outra questão analisada foi referente ao Quadro 32 (APÊNDICE AA) sobre a relação da Escola Família Agrícola de Rio Novo do Sul com a comunidade, destacando as contribuições da escola para o desenvolvimento das comunidades rurais, bem como a relação das comunidades para com a escola e vice versa. Observa-se que a EFA, em seu início, trouxe maiores resultados e, até a década de 1990, ainda seus resultados no meio eram nítidos.

A alternância é um sistema diferenciado que eu acho que teve um papel muito importante e continua tendo um papel importante para mim, mais no passado teve um papel muito importante e os alunos que passaram a gente

vê por aí, que resultados saiam mesmo. Eu acho que faltou no nosso caso, tem faltado do meu ponto de vista nós teríamos que estar adequando melhor à realidade hoje (Entrevista realizada com o senhor JOÃO BATISTA MARTINS, em 14/9/2014).

Esses resultados, em alguns momentos, foram deliberativos para o desenvolvimento econômico de algumas comunidades e pessoas, pois os alunos retornavam para suas casas com novas técnicas e aplicavam em suas propriedades, o que muitas vezes servia como espelho para os vizinhos. Embora alguns encontrassem resistência em trabalhar com o novo, muitos venceram e mostraram o que aprendiam na EFA e isso ia sendo disseminado nas comunidades.

A EFA também trouxe muitas contribuições como formação de cidadãos, formação de intelectuais no campo, críticos e conscientes, com uma visão de rural com oportunidades, pois o rural necessita de pessoas pensantes e com conhecimento, para trabalhar de forma mais dinâmica e agregar mais lucros.

Essa contribuição ocorreu em algumas de forma mais atuante, outras menos, outras quase nada. Para tal função na Escola Família Agrícola, sabe-se que o processo de educação, de forma geral, exerce grande influência na vida das pessoas. Por esse fator, o sistema educacional deve constantemente ser atualizado e recontextualizado. A modalidade Educação do Campo é fundamental para o desenvolvimento do espaço rural, pois traz uma visão e reflexão sobre o mesmo.

Assim também deve ser a escola em alternância; em momento algum, ela pode perder o vínculo com a comunidade e com as famílias, para que coloquem em prática seus princípios e atue na realidade de forma concreta.

Então, eu acho que hoje a educação é primordial a tem que colocar uma visão no jovem em que ele tem que amadurecer um pouco mais, pois eu vejo muito jovem que sai trabalham num emprego e acham que está ganhando muito e depois de repente quando ele chegar numa idade razoável ele vai voltar pra roça ele vai ver que tem mais lucro. Então eu acho que a realidade da gente, a educação ela tem que ser bastante voltada pra realidade do jovem pra ele, fora a realidade que se encontra por ai a fora que não é fácil (Entrevista realizada com o integrante da COMUNIDADE DE PRINCESA, em 15/11/2014).

Hoje a relação entre a EFA de Rio Novo do Sul e as comunidades está apagada, visto que a escola e a comunidade se distanciaram (opinião unânime nas

comunidades pesquisadas), tornando-se ainda uma escola voltada para uma clientela mais urbana: “A escola se tornou muito urbana.” (Entrevista realizada com o integrante da Comunidade de Copaíba, em 23/11/2014).

Tal fator está comprometendo os resultados da EFA no meio. Além de uma clientela muito urbana, a escola atua com uma clientela em idade baixa “crianças”. Nos dias de hoje, o aluno chega ainda pequeno, à 5ª série, com pensamento de criança. Em razão disso, aplicar os elementos pedagógicos da Pedagogia da Alternância a essa clientela não é fácil, pois sua função metodológica e reflexiva fica muito limitada, assim como as atividades práticas da escola, muitas não garantem bons resultados, pois não se pode exigir muito dos alunos.

Para a escola, o distanciamento dela das comunidades, a mudança de clientela somente rural para muito urbana, bem como a idade dos alunos, isso reflete, de forma negativa, como efetivação de sua proposta pedagógica, uma vez que o sistema já vai ao encontro de uma proposta contrária à sua, e hoje os meios facilitaram o acesso do aluno à escola “Regular”, como o transporte escolar. A família quer o filho pequeno em casa todos os dias. Por isso, a Escola Família precisa ser presente no meio sociofamiliar e comunitário, mostrar sua cara, seu trabalho, seus resultados, para assim conquistar alunos pelo seu trabalho e pelos bons resultados já efetivados no meio.

Ficando a EFA distante das comunidades, a sua tendência é cada vez mais decair e conforme já citado, esta então precisa ser repensada, pois a alternância para o ensino fundamental em Rio Novo do Sul não está influenciando como anteriormente.

Ao estabelecer um paralelo com o rural do município, observa-se que este vem mudando constantemente desde a década de 1960, conforme analisado nos debates anteriores. Hoje se tem um rural mais moderno, com a implantação de novas tecnologias, um rural conectado, informado e com conhecimentos. Carente ainda de muitas coisas, como uma educação voltada para o campo. Cabe à EFA pensar nessa transformação do rural, adequar-se e atuar nela com uma proposta

inovadora, como um curso técnico, um ensino médio, ou cursos de curta duração, conforme a demanda a ser analisada.

Para mim tem que ser repensado completamente a educação fundamental em alternância, ela tem que ser repensada, e se tem alguém que deveria pensá-la deveríamos ser nós. Como? Repensar a dinâmica, não só a didática mais também a parte pedagógica do ensino fundamental, se nós queremos ficar no ensino fundamental. Segundo: Qual a função da Escola Família hoje para o ensino fundamental? Para mim nós temos que definir, pois nós temos também uma função social (Entrevista realizada com o senhor SÉRGIO ZAMBERLAM, em 7/11/2014).

Vale destacar que Escola Família sem a família e a comunidade não gera resultados no meio e o seu produto final, que é o aluno e sua atuação no meio, não se materializa na prática.

Retomando o debate sobre a transformação do cenário rural de Rio Novo do Sul, observa-se que a Escola Família Agrícola com a Pedagogia da Alternância atuou pontualmente nessas transformações, pois, além de trazer este “novo” olhar para o campo, contribuiu com elementos que subsidiaram o trabalho no campo, como novas técnicas de plantio e cultivo, bem como novas aprendizagens com base nos Temas Geradores e nos Planos de Estudo, partindo da realidade dos alunos, em que os alunos aprendem trabalhos manuais, a questão do associativismo, a agregação de valor aos produtos, enfim, uma série de atividades executadas com base nos elementos pedagógicos que facilitaram o trabalho no campo em diversos aspectos.

4.6 ANÁLISE DE DADOS POPULACIONAIS DO MUNICÍPIO DE RIO NOVO DO SUL E DO ESPÍRITO SANTO REFERENTE AOS MEIOS RURAL E URBANO

A mudança na população é a força mais vigorosa do desenvolvimento social. Seria ingênuo achar que os padrões e estilos de vida permaneceriam inalterados quando a base da sociedade está passando por um estreitamento. Algumas destas consequências são inevitáveis e estão contidas nas tendências atuais, e podemos prevêê-las sem hesitação. Outras dependem da possibilidade de contermos, com o tempo, a tendência decrescente de população⁷⁵ (RINGEN, 2002, *apud* OLIVEIRA, 2015).

⁷⁵ **Citação extraída do artigo:** “Menos Gente: Um futuro sombrio para a Europa”. STATE OF THE WORLD POPULATION. People, poverty and possibilities. New York: United Nations Publications, 2002. 88p. 0897146506 – Stein Ringen. Texto publicado originalmente sob o título **Fewer people:** a

A dinâmica da população observada no município de Rio Novo do Sul, no tempo e no espaço, ocasionou mudanças que podem ser observadas tanto no meio rural quanto no espaço urbano. Essas mudanças vêm acompanhadas de uma série de questões que, para o rural, se torna uma questão problemática, pois o êxodo rural foi intenso. Hoje o rural está envelhecendo e a população ativa está indo embora do campo em busca de outras fontes de trabalho no meio urbano, e no campo está ficando apenas a população idosa.

Esse debate se faz importante neste estudo, uma vez que a população de Rio Novo do Sul, em seus diversos espaços rural e urbano, foi historicamente influenciada e responsável pelas mudanças na estrutura de trabalho no espaço rural e no urbano.

Os dados seguintes enfatizam o rural de Rio Novo do Sul estabelecendo um paralelo com o Espírito Santo, os quais foram trabalhados com base nos dados do IBGE. Com base nesses dados, é possível analisar a dinâmica da pesquisa realizada em campo no que se refere à população rural, tanto em Rio Novo como no Espírito Santo.

Observa-se que os dados apresentados na Tabela 4 (ANEXO B) apresentam a população por grupo de idade e sexo no Espírito Santo em 2010. Mostra uma razão de sexo em que o equilíbrio da população entre homens e mulheres é relativo conforme o aumento da idade. Entre as idades de 0 a 24 anos, o número de mulheres prevalece em relação ao de homens; todavia, após os 24 anos, essa razão se inverte, sendo a diferença mais relevante entre pessoas com idade de 80 anos ou mais. A média da razão é de 66 mulheres para cada cem homens.

TABELA 5 – INDICADORES DEMOGRÁFICOS DO ESPÍRITO SANTO – 2010

Grupo de idade	Grupo de idade	%	Razão de dependência	Razão de dependência: jovem	Razão de dependência: idoso	Índice de envelhecimento
0-14	811.642	23,09	43,25	33,08	10,17	30,75
15-64	2.453.693	69,81				
65+	249.617	7,1				
Total	35.14.952	100				

Fonte: IBGE – Censo Demográfico. Elaborado pela autora (2014).

Com base nos dados da Tabela 4 (ANEXO B), foi gerada a Tabela 5, que apresenta alguns indicadores demográficos em relação ao Espírito Santo em 2010. Essa foi elaborada mediante grupos de idade de 0 a 14 anos, 15 a 64 anos e 65 anos ou mais. Observa-se que a maior parte da população está concentrada no grupo de idade de 16 a 64 anos. Isso significa que o Espírito Santo está vivendo o “Bônus Demográfico”, ou seja, possui uma população ativa em evidência, embora a tendência seja a inversão dessa análise futuramente, uma vez que estão ocorrendo menos nascimentos e a perspectiva de vida está aumentando.

Segundo o IBGE, o "bônus demográfico" é o período em que a população ativa é mais numerosa, o que configura um facilitador para a realização de reformas do estado, inclusive da Previdência. É o momento em que a estrutura etária da população atua para facilitar o crescimento econômico.

Em relação à razão de dependência total que analisa a razão da população de 0 a 14 anos, somada à população de 65 anos ou mais, e o segmento da população de 15 a 64 anos, observa-se que, no Espírito Santo, em 2010, para cada cem pessoas em idade ativa, existem 43,25 em idade inativa (crianças e idosos). Outra análise foi referente à razão de dependência de jovens, esta que se refere ao resultado da razão entre a população de 0 a 14 anos e o segmento da população entre 15 e 64 anos. Significa que, no Espírito Santo, em 2010, entre as 43,25 pessoas em idade inativa, 33,08 são jovens e crianças e 10,17 são idosas. Uma proporção relativamente em crescimento do segmento de idosos se comparada à de épocas anteriores.

Em relação à razão de dependência de idosos, esta se refere ao resultado da razão entre a população de 65 ou mais e o segmento da população de 15 a 64 anos. Na Tabela 5, esse índice corresponde a 10,17, ou seja, para cada cem pessoas em idade ativa, 10,17 são pessoas em idade inativa.

Em relação ao índice de envelhecimento, que mede o número de idosos para cada cem crianças, no Espírito Santo esse índice equivale a 30,75, ou seja, para cada cem crianças, tem-se um total de 30,75 de idosos.

Pensando em um cenário futuro, a tendência em relação ao índice de envelhecimento tende a aumentar, uma vez que, assim como no Brasil, o Espírito Santo também está vivendo o Bônus Demográfico, este que possui uma população em idade ativa bem mais elevada. No entanto, as projeções futuras são para uma inversão desse cenário, pois nasce menos crianças e a expectativa de vida tende a aumentar.

Com base na Tabela 6 (ANEXO C), que apresenta a população residente, por sexo e idade, em Rio Novo do Sul em 1970, foram gerados alguns indicadores demográficos, destacados na Tabela 7:

TABELA 7 – INDICADORES DEMOGRÁFICOS (POPULAÇÃO TOTAL)
RNS – 1970

Grupo de idade	Grupo de idade	%	Razão de dependência	Razão de dependência: jovem	Razão de dependência: idoso	Índice de envelhecimento
0 – 14	3.979	43,73	85,56	81,15	4,41	5,43
15 – 64	4.903	53,89				
65 +	216	2,37				
Total	9.098	100,00				

Fonte: IBGE – Censo Demográfico. Elaborado pela autora (2014).

TABELA 9 – INDICADORES DEMOGRÁFICOS (POPULAÇÃO TOTAL)
RNS – 2010

Grupo de idade	Grupos de idade	%	Razão de dependência	Razão de dependência: jovem	Razão de dependência: idoso	Índice de envelhecimento
0 - 14	2.403	21,22	44,39	30,63	13,76	44,90
15 – 64	7.844	69,26				
65 +	1079	9,53				
Total	11.326	100,00				

Fonte: IBGE – Censo Demográfico. Elaborado pela autora (2014).

Foram gerados para esta análise alguns indicadores demográficos, conforme apresentados nas Tabelas 7 e 9 referentes à população total – RNS, em 1970 e 2010, respectivamente. Ambas as tabelas foram elaboradas com base na Tabela 6 (ANEXO C), e Tabela 8 (ANEXO D) – População residente por sexo e idade – Rio Novo do Sul, População residente por sexo e idade – Rio Novo do Sul – 1970 e 2010.

Nelas observa-se que a *porcentagem da população total* em 1970 está concentrada, em maior proporção, no grupo de idade de 15 a 64 anos, somando 53,89%, levando em conta que a população de Rio Novo do Sul em 1970 era de 9.098 habitantes. Já em 2010, com uma população de 11.326 habitantes, essa concentração se intensifica nesse mesmo grupo de idade, porém com uma porcentagem bem acima de 69,26%, ficando bem nítido o bônus demográfico vivido por Rio Novo do Sul até os dias atuais.

Destaca-se, em 1970, uma *porcentagem* relativamente alta de nascimentos, 43,73%, se comparado a 2010, com 21,22%. Vale destacar o pequeno número de pessoas em idade de 65 anos ou mais em 1970, que era apenas de 2,37%, enquanto, em 2010, foi de 9,53%, fator que determina um aumento significativo na população de idade mais avançada, comprovando ainda mais as análises já realizadas, em que o número de nascimentos é menor e a expectativa de vida tende a aumentar.

Outro fator analisado foi à *razão de dependência total*, que estabelece uma relação entre as pessoas em idade ativa e os inativos. Em 1970 era de 85,56, ou seja, para

cada cem pessoas em idade ativa, existem 85,56% inativos, entre os quais crianças e idosos. Já em 2010 esse dado é reduzido, totalizando 44,39; logo, para cada cem pessoas em idade ativa, existem 44,39 em idade inativa. Mais uma análise ilustrativa do bônus demográfico, em que o maior segmento da população está em idade ativa. Levando isto para o meio rural, é uma mão de obra que não se aplica.

Referindo-se ainda à *razão de dependência total* em 1970, ela foi de 85,56, que se analisa pela *razão de dependência de jovens*, que, em 1970, foi 81,15, e a *razão de dependência de idosos*, que foi de 4,41. Nesse caso, a razão de dependência total foi de 85,56, dos quais 81,15 são jovens e 4,41 idosos.

Já em 2010, a *razão de dependência total* foi de 44,39, e a *razão de dependência de jovens* em 2010 foi de 30,36, enquanto a *razão de dependência de idosos* foi de 13,76. Nesse caso, a razão de dependência total foi de 44,3, dos quais 30,36 são jovens e 13,76 são idosos.

Outra análise foi em relação ao *índice de envelhecimento* no município de Rio Novo do Sul, o qual mede o número de idosos para cada grupo de cem crianças. Em 1970 para cada cem crianças havia 5,43 idosos, no entanto esse número aumenta em relação a 2010, quando para cada grupo de cem crianças havia 44,90 idosos.

Observa-se que, em nível tanto de Espírito Santo quanto de Rio Novo do Sul, o número de idosos está aumentando em relação ao de crianças, emergindo necessidades de novas análises para implementação de políticas públicas voltadas para essa população. Em Rio Novo do Sul, a concentração de idosos no rural ficou nítida na pesquisa de campo.

Os Gráficos 5 e 6 abordam, respectivamente, a população total (urbana e rural) de Rio Novo do Sul nos anos de 1970 e 2010, elaborados com base nos dados presentes na Tabela 10 (ANEXO E) e na Tabela 11 (ANEXO F), respectivamente, que apresentam a população residente por sexo, situação e grupos de idade rural e urbano.

Com base nas informações dos Gráficos 5 e 6, fica claro a dinâmica populacional no decorrer do tempo. Pode-se destacar que, em 1970, o número de nascimentos no município de Rio Novo do Sul era maior do que o de 2010. Ressalta-se que, de maneira geral, em 1970, os filhos representavam na família força de trabalho, já, em 2010, eles não significam mais essa força de trabalho, pelo contrário, o valor para educar e criar um filho é bastante elevado, fator que pesa na decisão pelo número de filhos.

Todavia, em 1970, a população idosa era pequena em virtude das condições de vida que ainda eram precárias. O índice de natalidade era bem mais elevado, porém a expectativa de vida era menor, uma vez que a população era desprovida de condições que aumentassem a expectativa de vida, como saúde, informação, entre outros. Hoje, pode-se considerar o envelhecimento da população como uma conquista social, a qual se dá por uma série de fatores que, acoplados, elevam a estimativa de vida, os quais podem ser citados como o desenvolvimento de meios para prevenção de doenças, vacinas, mais informações, mais recursos, higiene, alimentação.

O envelhecimento pode ser resultado de alterações na base ou no topo da pirâmide etária. Enquanto o envelhecimento pela base tem como principal determinante a queda da fecundidade, o envelhecimento pelo topo é determinado pela queda da mortalidade com a conseqüente elevação da expectativa de vida (OLIVEIRA, 2015, p. 35).

Outra observação em relação à década de 1970 prevaleciam as pessoas do sexo masculino, em 2010, esse quadro se inverteu porque o número de mulheres passou a ser maior, principalmente em idades mais avançadas. “O predomínio feminino se acentua na medida em que a idade avança, devido à maior longevidade das mulheres, operando-se, assim a feminização do envelhecimento” (CASTIGLIONI, 2006, p. 3).

No caso da população de 2010, observa-se que Rio Novo do Sul também está vivendo o Bônus Demográfico, este que se caracteriza pelo aumento da população economicamente ativa, representando maior força de trabalho, fruto da transição demográfica, na qual Rio Novo do Sul e o Brasil se inserem.

De acordo com Wong (2006, *apud* OLIVEIRA, 2015, p. 45),

[...] o termo Transição Demográfica envolve as mudanças produzidas pela queda da fecundidade e que depois são sentidas no tamanho relativo e absoluto dos grupos de idade. Essas mudanças resultantes da redução da fecundidade são mediadas por alterações na esperança de vida, resultado da queda da mortalidade e também em muitos casos pela movimentação dos fluxos migratórios.

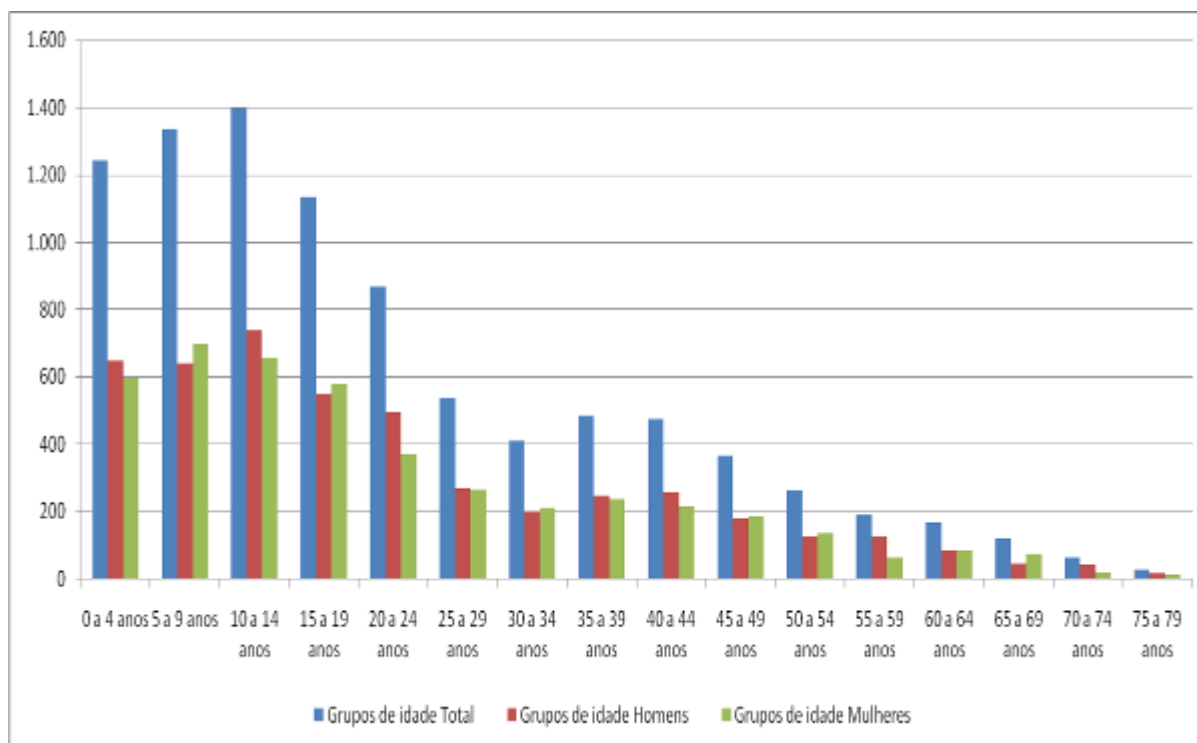
O processo de transição demográfica é originário da queda dos índices de mortalidade e natalidade, que têm provocado uma mudança na estrutura etária da população brasileira, com uma redução da proporção jovem da população, uma elevação imediata da população adulta e uma elevação significativa, em longo prazo, da população idosa.

Este aumento da proporção da população de mais de 65 anos no total da população brasileira provocado pela queda da fecundidade e aumento da longevidade é chamado de envelhecimento populacional. Isto se dá em detrimento da diminuição do peso da população jovem no total da população. Entre 1940 e 1970, o grupo de menos de quinze anos de idade deteve aproximadamente 43% da população brasileira. Em 1996, este percentual caiu para 31,5%. Esta é uma característica nova da população brasileira que, até 1970, era considerada jovem (BELTRÃO; CAMARANO⁷⁶ *apud* OLIVEIRA, 2015).

Observa-se, de modo geral, que, em Rio Novo do Sul, em 2010, apesar de estar vivendo o bônus demográfico, a tendência da população segue a média de envelhecimento, gerando questões que precisam ser mais bem analisadas nos diversos espaços, rural e urbano.

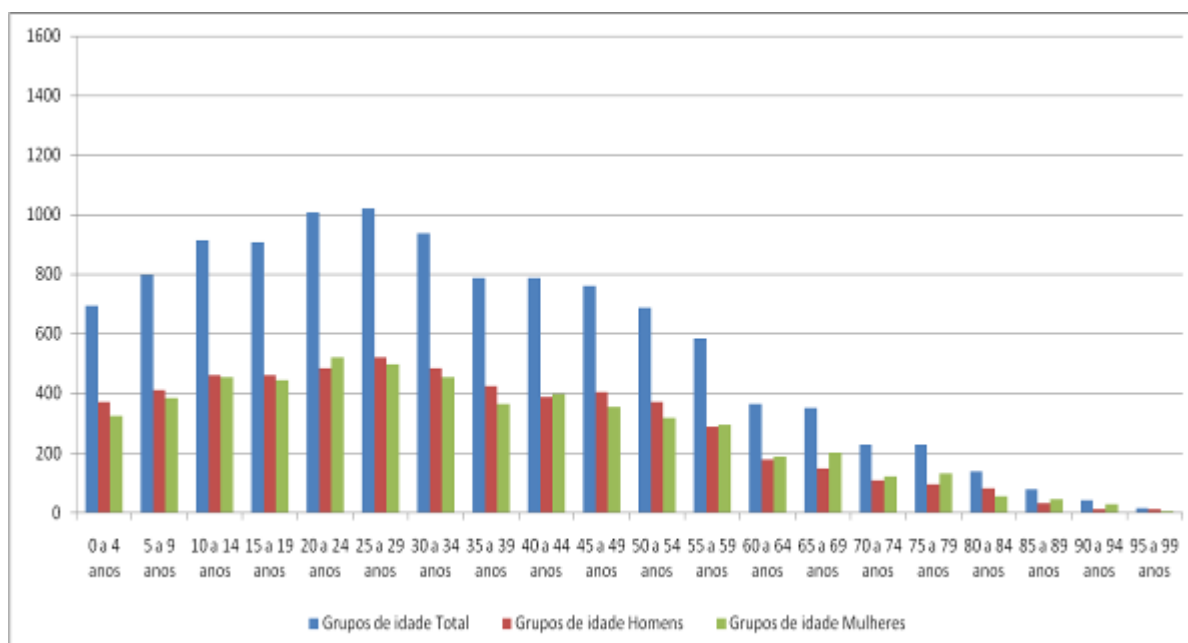
⁷⁶Citação extraída do artigo “O Bônus Demográfico e o crescimento econômico do Brasil”, de José Eustáquio Diniz Alves.

Gráfico 5 – População total e por sexo em Rio Novo do Sul – 1970



Fonte: IBGE – Censo Demográfico. Elaborado pela autora.

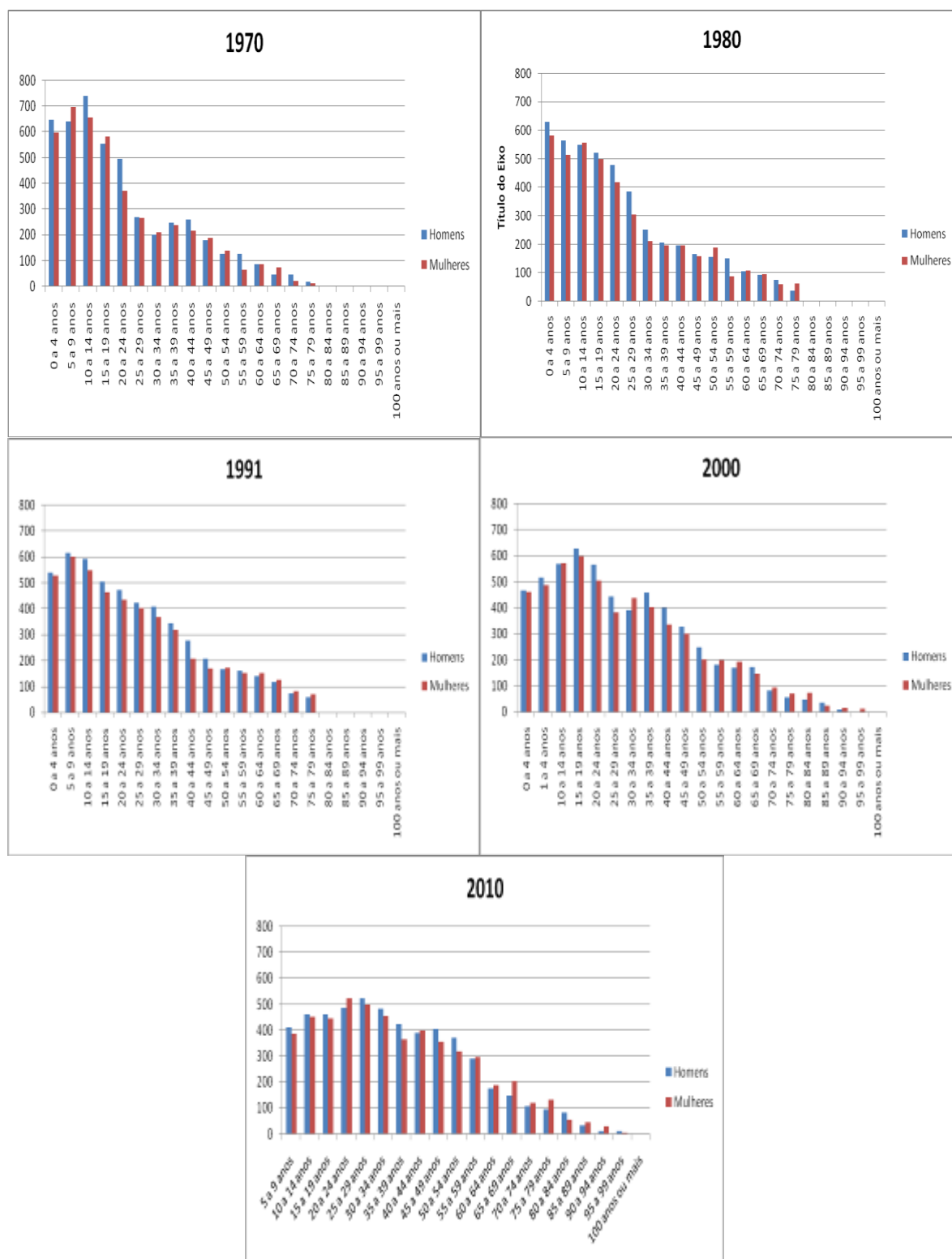
Gráfico 6 – População total e por sexo em Rio Novo do Sul – 2010



Fonte: IBGE – Censo Demográfico. Elaborado pela autora (2014).

Esses dados também analisados no Gráfico 7, que apresenta a variação da população total do Rio Novo do Sul – 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010, mostrando minuciosamente, no decorrer do tempo, a dinâmica populacional em questão.

Gráfico 7 – Variação da população total de Rio Novo do Sul – 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010



Fonte: IBGE – Censo Demográfico. Elaborado pela autora (2014).

Esses vários gráficos foram gerados da Tabela 12, a qual apresenta detalhadamente a população de Rio Novo do Sul nos anos de 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010. Vale

destacar que essa mudança não apenas gerou alterações na relação entre sexos, mas também representou uma alteração na dinâmica social do município de Rio Novo do Sul, quando ocorreu um “esvaziamento” do campo, que hoje se reflete no envelhecimento da população rural e na falta de mão de obra. O mesmo fator ocorre em relação ao Espírito Santo, analisado na Tabela 13.

TABELA 12 – POPULAÇÃO RESIDENTE POR SEXO, SITUAÇÃO E GRUPO DE IDADE – CARACTERÍSTICAS GERAIS DA POPULAÇÃO DE RIO NOVO DO SUL

Município = Rio Novo do Sul-ES									
Variável = População residente (pessoas)									
Grupos de idade = Total									
Ano	Sexo X situação do domicílio								
	Total			Homens			Mulheres		
	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural
1970	9.161	3.120	6.041	4.703	1.540	3.163	4.458	1.580	2.878
1980	8.900	3.503	5.397	4.603	1.726	2.877	4.297	1.777	2.520
1991	10.004	4.932	5.072	5.148	2.450	2.698	4.856	2.482	2.374
2000	11.271	5.780	5.491	5.765	2.893	2.872	5.506	2.887	2.619
2010	11.325	5.946	5.379	5.737	2.915	2.822	5.588	3.031	2.557

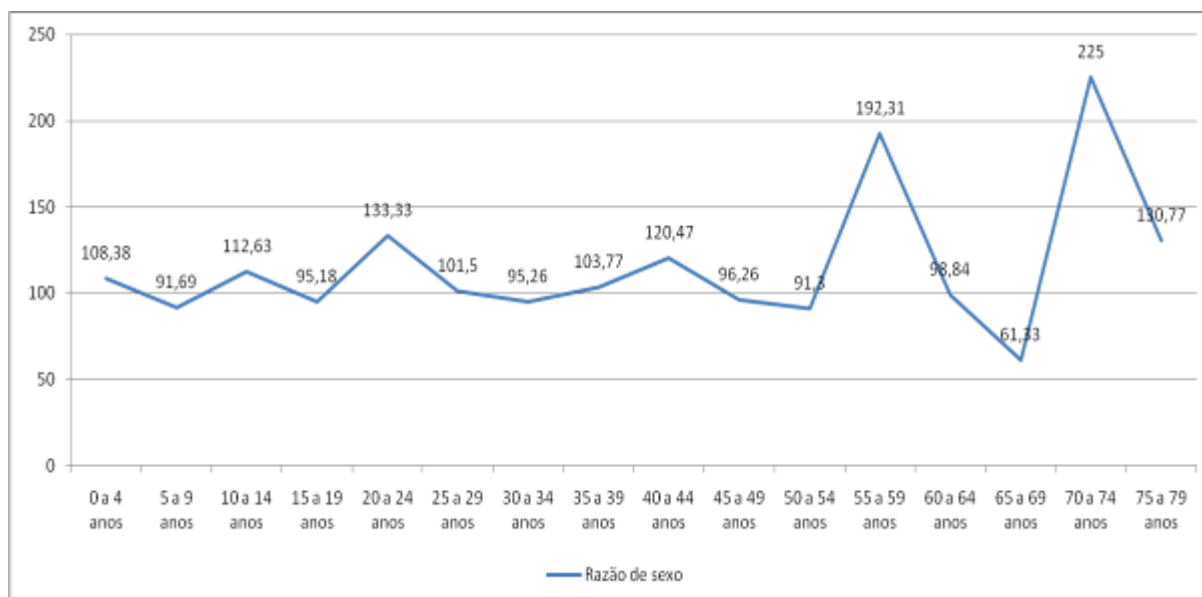
Fonte: IBGE – Censo Demográfico. Elaborado pela autora (2014).

TABELA 13 – POPULAÇÃO RESIDENTE POR SEXO, SITUAÇÃO E GRUPO DE IDADE – CARACTERÍSTICAS GERAIS DA POPULAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

Unidade da Federação = Espírito Santo									
Variável = População residente (pessoas)									
Grupos de idade = Total									
Ano	Sexo X situação do domicílio								
	Total			Homens			Mulheres		
	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural
1970	1.599.324	722.214	877.110	805.489	350.841	454.648	793.835	371.373	422.462
1980	2.023.338	1.293.139	730.199	1.019.583	637.696	381.887	1.003.755	655.443	348.312
1991	2.600.618	1.924.588	676.030	1.297.557	940.710	356.847	1.303.061	983.878	319.183
2000	3.097.498	2.462.437	635.061	1.534.847	1.199.669	335.178	1.562.650	1.262.768	299.882
2010	3.514.952	2.931.570	583.382	1.731.218	1.422.673	308.545	1.783.734	1.508.898	274.836

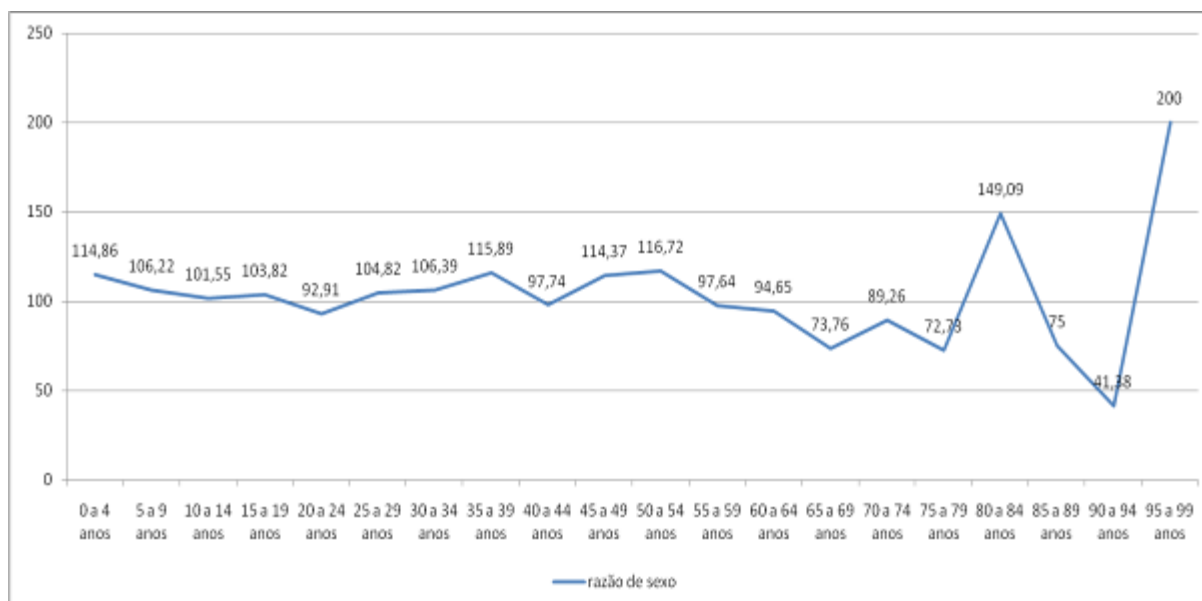
Fonte: IBGE – Censo Demográfico. Elaborado pela autora (2014).

Gráfico 8 – Razão de sexo em Rio Novo do Sul – 1970



Fonte: IBGE – Censo Demográfico. Elaborado pela autora (2014).

Gráfico 9 – Razão de sexo em Rio Novo do Sul – 2010



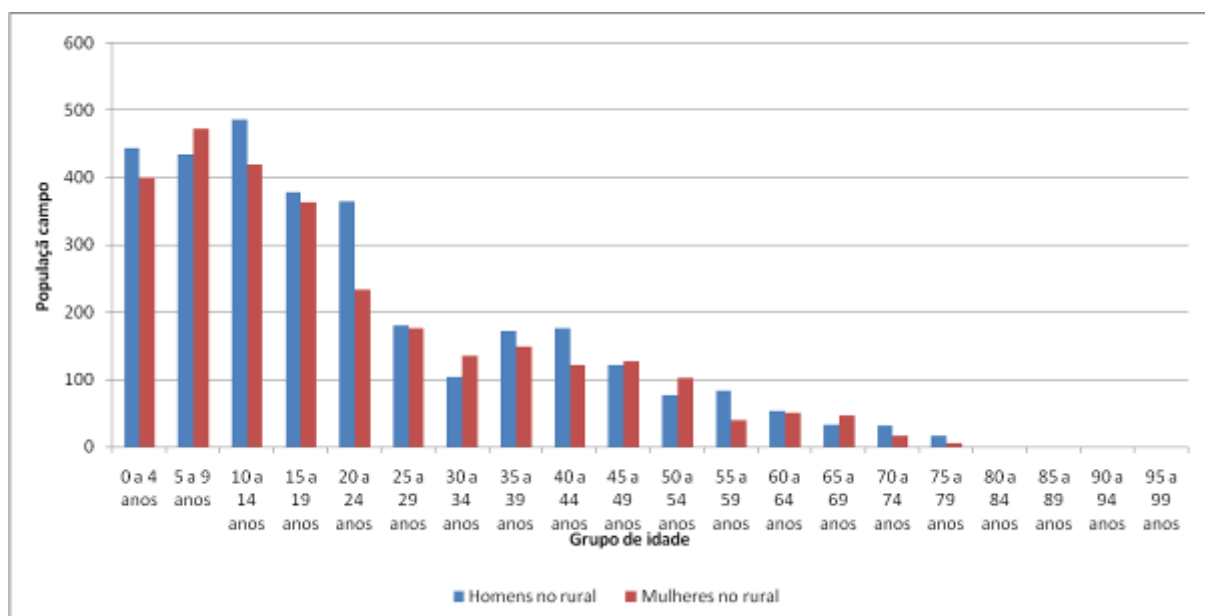
Fonte: IBGE – Censo Demográfico. Elaborado pela autora (2014).

Os Gráficos 8 e 9 ilustram, respectivamente, a razão de sexo em Rio Novo do Sul, de 1970 e 2010. Elaborados com base na Tabela 6 (ANEXO C) e Tabela 8 (ANEXO D), nas quais a razão de sexo é um indicador que demonstra uma característica do aumento do número de idosos na população, que é a feminização da velhice, resultando na maior participação de mulheres à medida que as idades avançam.

As principais explicações para essa razão de sexo estão na melhoria do padrão de vida da população em decorrência do desenvolvimento das forças produtivas que enfatizam as contribuições da inovação médica, dos programas de saúde pública, do acesso ao saneamento básico e da melhoria da higiene pessoal, maior cuidados com a vida como um todo por parte das mulheres.

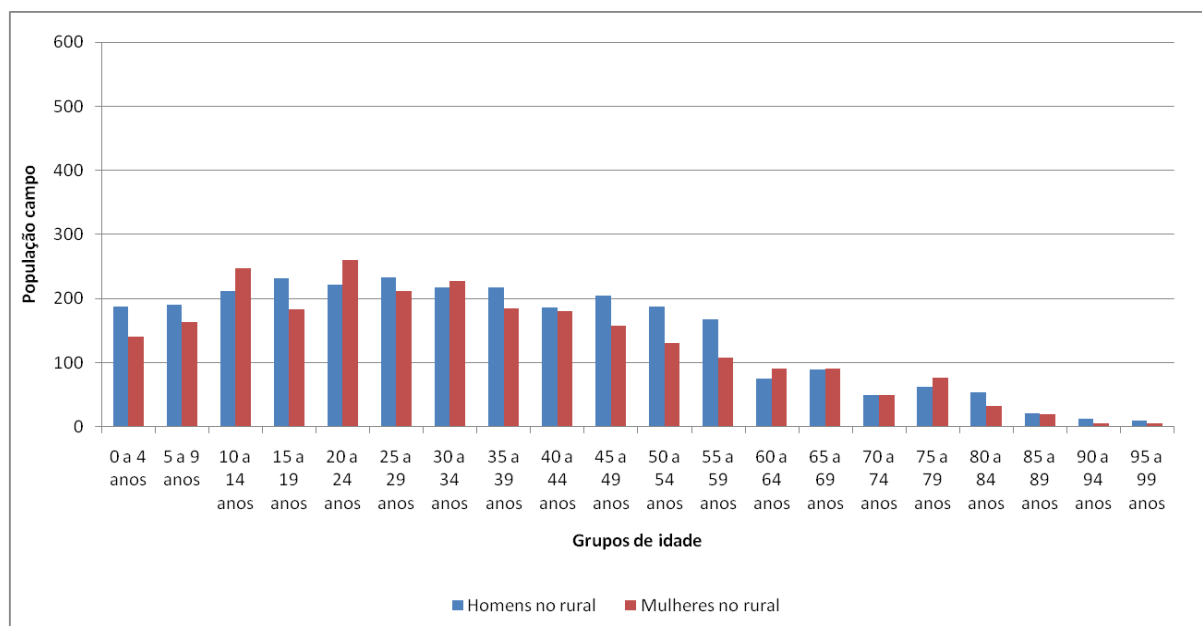
Vale destacar que, em 2010, a razão de sexo entre pessoas de idade com 95 a 99 anos chega a duplicar o número de mulheres em relação ao número de homens.

Gráfico 10 – População rural por sexo em Rio Novo do Sul – 1970



Fonte: IBGE – Censo Demográfico. Elaborado pela autora (2014).

Gráfico 11 – População rural por sexo em Rio Novo do Sul – 2010



Fonte: IBGE – Censo Demográfico. Elaborado pela autora (2014).

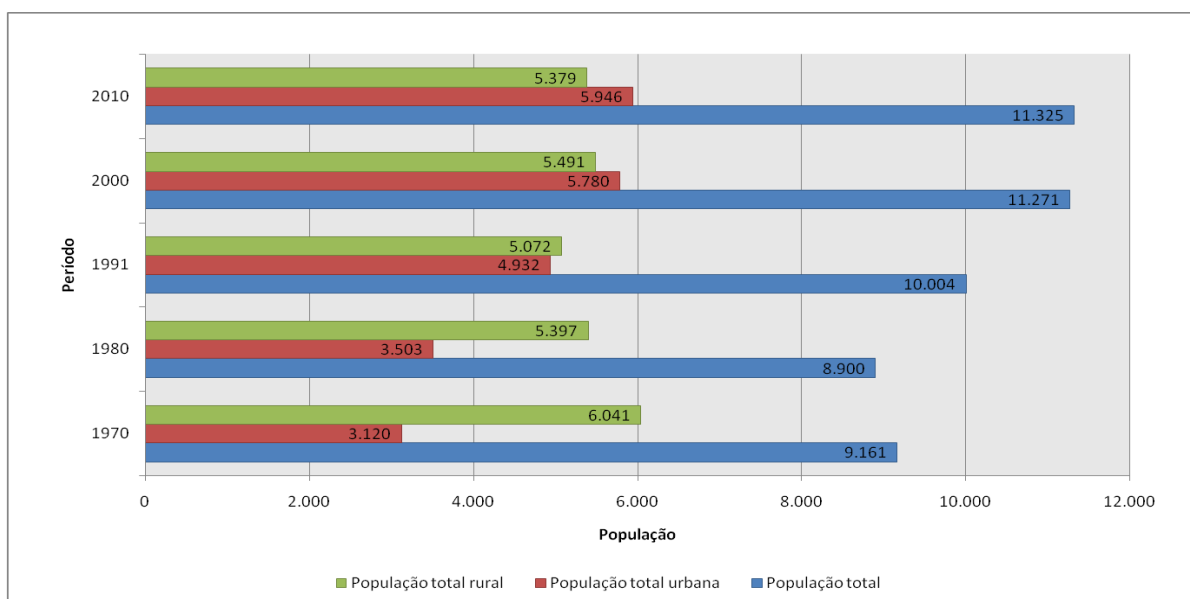
Em relação aos Gráficos 10 e 11, referentes à população rural de Rio Novo do Sul em 1970 e 2010, respectivamente, destaca-se que o meio rural de Rio Novo do Sul está envelhecendo, conforme analisado nos gráficos anteriores. Essa análise também foi observada durante as entrevistas realizadas na pesquisa de campo.

Os dados de campo se entrecruzam com os referidos gráficos, quando o rural, abordado nas entrevistas, mostrou um rural com uma carência em relação à mão de obra para trabalhar na atividade agrícola primária, visto que a dinâmica da população, abordada pelo Censo de 2010, já assinalava nos estudos um campo com uma população idosa, gerando uma “problemática” em relação à sucessão do trabalho no campo, o qual exige força, habilidade e inovação. São fatores que, para uma população em idade mais avançada e já cansada, ficam mais difíceis de alcançar. Destaca-se também maior número de homens em idades mais avançadas no campo.

Em contrapartida, Rio Novo do Sul possui um rural que também vive um bônus demográfico, com um grande número de jovens, os quais, em sua maioria, não estão trabalhando no campo, e sua forma física e intelectual está sendo usada em atividades nos centros urbanos. Poucos são os jovens que estão trabalhando na

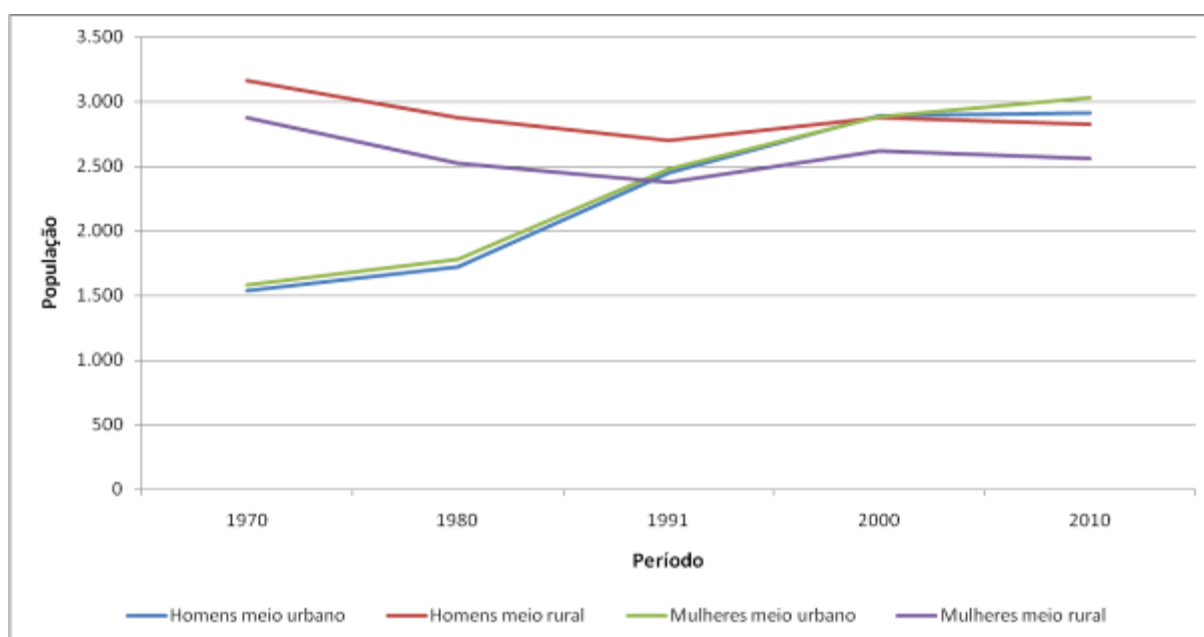
atividade agrícola, principalmente em virtude de uma problemática para o campo que já vinha sendo acenada e que se materializa, ao cruzar os dados com a pesquisa de campo.

Gráfico 12 – População rural e urbana de Rio Novo do Sul-ES – 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010



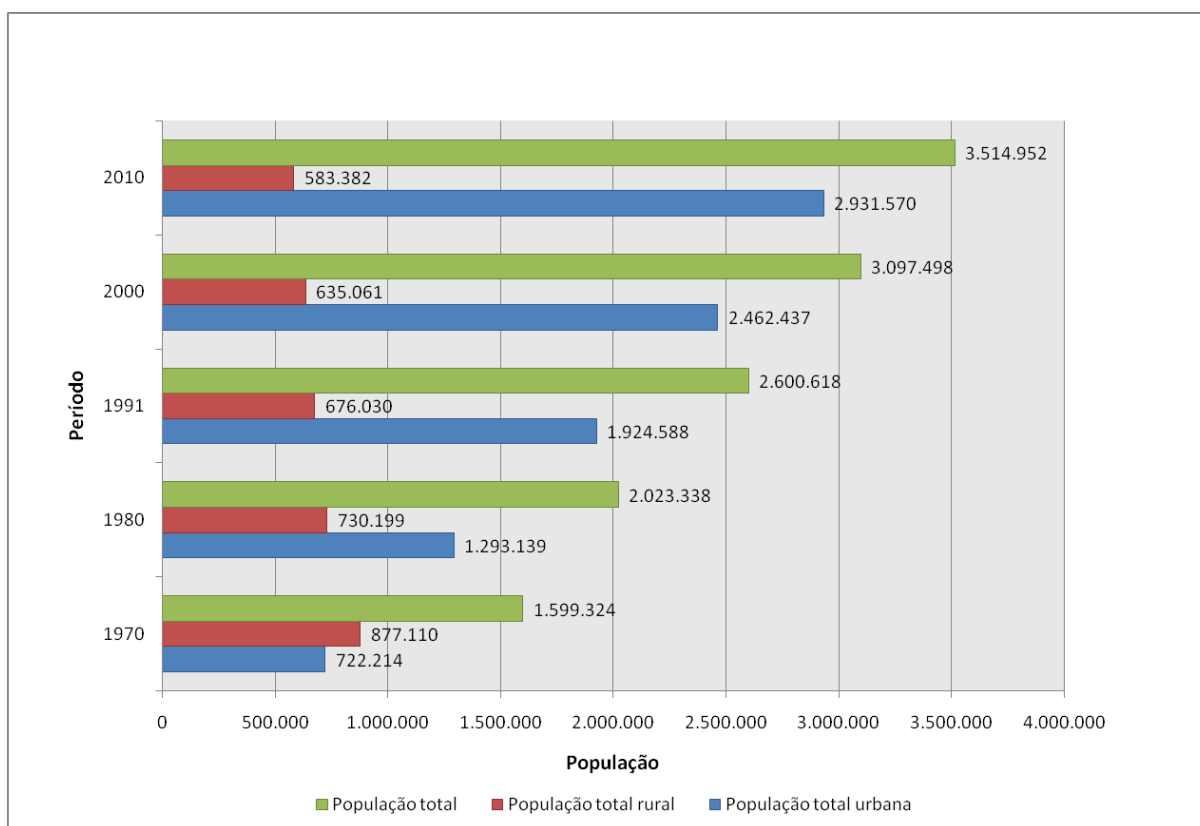
Fonte: IBGE – Censo Demográfico. Elaborado pela autora (2014).

Gráfico 13 – População rural e urbana por sexo – RNS – 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010



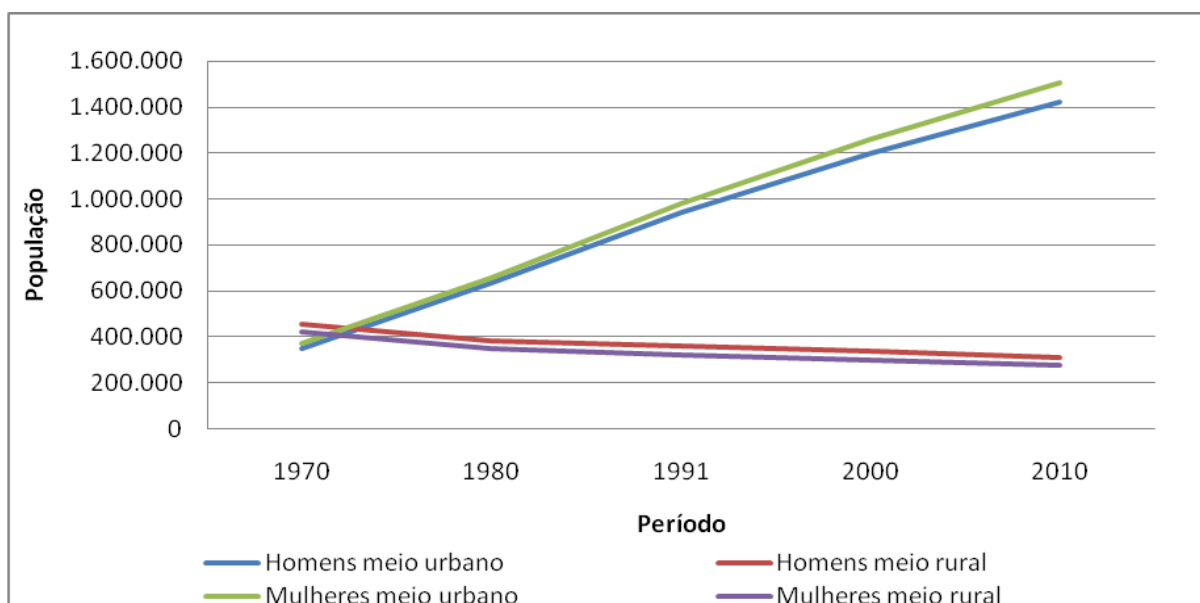
Fonte: IBGE – Censo Demográfico. Elaborado pela autora.

Gráfico 14 – População rural e urbana do Espírito Santo – 1970, 1980, 1991, 2000, 2010



Fonte: IBGE – Censo Demográfico. Elaborado pela autora (2014).

Gráfico 15 – População rural e urbana por sexo no ES



Fonte: IBGE – Censo Demográfico. Elaborado pela autora (2014).

Ao analisar a população rural e urbana do Espírito Santo e de Rio Novo do Sul, observa-se que, em ambos os espaços, ocorreu uma inversão do número populacional do campo para a cidade. No entanto, em relação ao Espírito Santo (Gráficos 14 e 15), em Rio Novo do Sul (Gráficos 12 e 13), essa inversão ocorreu mais tardiamente, na década de 2000, e possui uma diferença bem pequena, embora, se comprarmos a sede urbana de Rio Novo do Sul com a área rural, esta proporção se torne maior, pois a área urbana é mínima em relação à área rural. No Espírito Santo, essa inversão já vem desde a época de 1980, sendo bem mais significativa.

O Gráfico 8 referente à população rural e urbana de Rio Novo do Sul, nos anos de 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010, ilustra a dinâmica de inversão da população do rural para o urbano, o fenômeno chamado êxodo rural, em que se observa um aumento significativo da população total em Rio Novo do Sul, saindo de 9.161 em 1970 para 11.325 em 2010. Com esse aumento, ocorreu uma concentração na sede urbana do município e o “esvaziamento” do campo, principalmente da juventude.

Hoje se percebe, segundo as análises de campo, também um êxodo contrário da cidade para o campo, embora, em Rio Novo do Sul, essa inversão ainda não seja tão praticada, mas já existem alguns casos isolados. Outra questão também é que o espaço rural vem se tornando um espaço apenas de moradia, em que as pessoas buscam trabalhar em outras atividades que não sejam agrícolas, as quais são bem marcantes nas comunidades próximas à sede do município. Uma das questões que hoje inibiram um pouco o êxodo rural é a presença da pluriatividade no campo, onde as pessoas criam alternativas para aumentar a renda familiar, gerando novas atividades no espaço rural além da agricultura.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões mediadas nesta pesquisa partiram de uma análise no tempo, na qual se discutiu inicialmente sobre as décadas de 1960/1970, quando se instalou a Escola Família Agrícola no município de Rio Novo do Sul, propondo um paralelo com os dias atuais. O espaço em que esta pesquisa se materializou foi à área rural do município de Rio Novo do Sul-ES. Entende-se por rural, além de espaço produtivo, o lugar de vida e de interação social.

A década de 1960 foi um período em que o espaço rural passou por uma “crise” econômica e pela “crise” educacional descontextualizada do campo, isto é, era preciso uma educação que significasse o homem do campo e o seu trabalho dentro de suas especificidades. Nesse cenário, a Pedagogia da Alternância chega ao Brasil, tendo seu berço o Espírito Santo. Ademais, diante desse quadro, essa década suscitou uma série de questões e debates trazendo mudanças ideológicas e práticas tanto na área rural quanto na metodologia utilizada no processo de ensino-aprendizagem do campo.

A discussão referente ao rural nessa década pautou-se pela erradicação dos cafezais em detrimento do desenvolvimento industrial nos centros urbanos, que estava emergindo em nível tanto de Espírito Santo quanto de Brasil. Todavia, pensando no município de Rio Novo do Sul, este foi também diretamente influenciado.

Esse fato, para os agricultores familiares, ecoou como um chamado a sair do campo e buscar novas oportunidades nos centros urbanos. Com isso, as terras eram vendidas a preços baixos e nem sempre as pessoas que migravam conseguiam estabilizar-se na cidade, gerando uma série de problemas no campo e na cidade, consideradas verdadeiras mazelas sociais.

Ao caracterizar o rural de Rio Novo do Sul nesse período, observou-se uma quantidade maior de pessoas trabalhando na agricultura, onde toda a família trabalhava na mesma atividade, os filhos representavam força de trabalho, o campo

concentrava um maior número de pessoas, plantava-se quase tudo que precisava, utilizavam-se menos agrotóxicos e os jovens estavam no campo; contudo, o campo se apresentava inferior e isolado em relação à cidade.

O trabalho era mais rústico e as pessoas eram dotadas de muitos saberes empíricos, porém ir à escola era uma dádiva de poucos, não havia tanto acesso à tecnologia como se tem atualmente. O clima também mudou, pois antes se plantava na certeza de que iria chover e molhar a terra e atualmente não se pode mais contar com a essa garantia.

Não havia estradas, tampouco meios de transporte e a produção era escoada em lombos de animais e a longas distâncias. Entretanto, a atividade que prevalecia era a agricultura (pode-se dizer que 100% das famílias do campo viviam somente da atividade agrícola), as pessoas tinham mais amor à terra e a valorizavam, mesmo em meio às pressões exercidas pelo governo. Fator este, que fez com que muitos pequenos agricultores abrissem mão de sua propriedade, indo para a cidade, quando começa a ser introduzido, com mais vigor, o capitalismo no campo.

Nesse sentido, o debate da agricultura familiar e sua dinâmica se basearam na interferência do sistema capitalista de produção no campo, que trouxe uma série de mudanças para as atividades realizadas na década de 1960 em relação aos dias atuais. Nessa dinâmica, a agricultura familiar foi discutida por uma série de autores que a entendem por ângulos diferentes. E neste trabalho ela foi analisada como a metamorfose do campesinato, ou seja, do meu ponto de vista e baseada pela realidade de Rio Novo do Sul, o termo agricultor familiar traz novas visões e possibilidades de atuação no meio rural que ultrapassam o termo camponês.

Observamos que a inserção do capitalismo no campo vem gerando alterações tanto no espaço rural quanto na sua dinâmica, que engloba o espaço agrícola, bem como a relação das pessoas com esse espaço. Emerge uma agricultura mais moderna, na qual se introduziu a mecanização no setor agrícola, que veio carregado de possibilidades, como a utilização de novas técnicas no campo e de equipamento

como roçadeiras, secadores de café, meios de transportes, estradas, entre outros meios que facilitaram também o trabalho do pequeno agricultor.

No entanto, o mesmo que trouxe facilidades também trouxe preocupações para o pequeno agricultor, o mesmo que moderniza o campo gera o êxodo rural e o desapego à terra, uma vez que as políticas de preços são mediadas pelos grandes produtores ocasionando a desvalorização da produção.

No município de Rio Novo do Sul, ainda existe uma deficiência em relação às políticas públicas para o campo, pois o agricultor não recebe apoio do poder público, o que vem causando desmotivação por parte deles. Tais fatores levam muitos a buscar outras possibilidades.

O sistema capitalista, em suma, não fez com que as atividades do campo voltadas para o pequeno produtor fossem valorizadas, o que, nas décadas de 1990/2000, ocasionou forte êxodo rural, quando a maior parte da população saiu do campo e foi para a cidade.

Atualmente se observa também um êxodo rural, principalmente da população jovem, que não mais quer ficar no campo. Emerge, em Rio Novo do Sul, um rural com uma população mais idosa, que, em futuro breve, não mais terá forças para continuar o trabalho no campo, gerando uma série de preocupações em relação à sucessão da atividade agrícola. Observa-se ainda, em alguns casos isolados, um êxodo inverso, em que algumas pessoas estão retornando para o meio rural buscando novas formas de trabalho e intensificando, assim, as novas ruralidades.

Constata-se, portanto, que o rural deve ser compreendido como uma categoria histórica que se transforma e é mutável. Entender a modernização do espaço rural requer pensar nas atividades que nele são desenvolvidas, levando em conta o tempo, o espaço e o retorno financeiro que esta traz para a família, uma vez que a atividade primária de produção nem sempre supre a demanda da família, fatores que levaram a surgir uma nova ruralidade (a pluriatividade). Ademais, as atividades não agrícolas que compõem a pluriatividade de uma parcela significativa das

famílias que residem no meio rural são muito importantes para a permanência de muitas delas no campo.

Pensar essa nova ruralidade no município de Rio Novo do Sul, é pensar em atividades e funções, como enfermeiras, professoras, comerciantes, doceiras, agentes de saúde, artesãos, auxiliares administrativos, trabalhos com agroindústrias rurais, doceiras, costureiras, enfim, uma série de atividades que foram surgindo no espaço rural, desde a década de 1990, no município de Rio Novo do Sul e que muito representam para a economia, bem como para a permanência de muitas famílias no campo.

Constata-se também que o rural de Rio Novo do Sul está se tornando um espaço apenas de dormitório, onde as pessoas, em sua maioria os jovens, trabalham nos centros urbanos e, no fim do dia, retornam para suas casas no campo. Quem cuida da agricultura hoje no município de Rio Novo do Sul, em sua maioria, são as pessoas de idade mais avançada, fator que causa uma série de questionamentos, ao se pensar no futuro da atividade agrícola. O que vai acontecer?

Destaca-se também que a queda (crise) do café fez com que os agricultores em Rio Novo do Sul, procurassem outras alternativas. O que fez com que o campo em muitos casos se tornasse dormitório apenas e as atividades primárias de plantar e colher são substituídas por outras atividades não agrícolas, sejam elas dentro ou fora do espaço rural. Isto reflete em alguns casos como juízo de preocupação (Relato da entrevista realizada com o senhor JUSTINO MAMERI, em 2/10/2014).

Dentro dessas interpretações, observa-se hoje um rural mais desenvolvido em relação ao da década de 1960, porém com pessoas menos motivadas a trabalhar nesse espaço. No entanto, o trabalho no campo requer prática, sabedoria, conhecimento das possibilidades que este espaço oferece, bem como um rural que precisa organizar-se em associações para ganhar força, tendo agricultores com visão de futuro, pois, sabendo trabalhar a terra, ela produzirá, mesmo em meio às intempéries naturais, sociais e econômicas.

Observa-se que o rural da década de 1960 em relação ao dos dias atuais passou por grandes transformações, as quais perpassam a relação de trabalho e envolvem questões sociais, econômicas, culturais e ambientais, trazendo consigo outras que

se pautam pela necessidade de mais apoio ao agricultor familiar por parte do poder público, em suas diversas esferas, ao iniciar pela esfera local. Tem-se hoje um rural com grandes desafios, com uma população reduzida, mas que representa grande parte de sua arrecadação para Rio Novo do Sul e, em contrapartida, um poder público que não se atenta para isto.

O poder público municipal, no início, apoiou mais a escola, porém, com o passar do tempo, foi sendo “esquecida” e o apoio financeiro, além de pouco, não obedecia a um cronograma, chegando a EFA a ficar até seis meses sem repasse de verbas, o que para a EFA era um dos maiores desafios.

Infelizmente ainda hoje esse gargalo se faz presente, quando economicamente a EFA é pouco beneficiada, em vista de sua função social dentro do município. Há uma disparidade muito grande entre o envolvimento da EFA na comunidade e o poder público em relação à década de 1960.

Hoje, no rural de Rio Novo do Sul, das 22 comunidades rurais pesquisadas, o número de famílias de cada uma delas que vivem somente da atividade agrícola é mínimo, ou inexistente. Ou seja, o rural está ganhando um novo formato, em que as relações nele estabelecidas estão se transformando.

Entrelaçando essas questões, também esta pesquisa norteou a metodologia da Pedagogia da Alternância, que surge na França, segue para a Itália e chega ao Brasil, tendo o Espírito Santo por berço dessa metodologia. Rio Novo do Sul esteve entre os primeiros municípios a ser contemplado com essa escola na década de 1960. Para consolidação das EFA, antes foi institucionalizado o MEPES, uma instituição filantrópica que exerce atividades que abrangem a educação, saúde e ação social. Neste trabalho, abordou-se a atuação da EFA de Rio Novo do Sul, bem como pensou a Pedagogia da Alternância em alguns momentos, de forma mais abrangente em nível de movimento.

Constatou-se, em Rio Novo do Sul, que, para se efetivar, a Pedagogia da Alternância contou com apoio de todo o município (área rural e urbana), que

abraçaram a proposta, mediados pela ideia e incentivo de padre Humberto Pietrogrande, vindo da Itália, e aqui, também apoiados pelo padre João Confalonieri, que era pároco em Rio Novo do Sul na época, muito popular e querido, e envolvia a comunidade nas questões sociais.

Constata-se, ainda, que a Escola Família Agrícola, ao chegar ao Espírito Santo, bem como a Rio Novo do Sul, traz consigo uma metodologia até então desconhecida. Contudo, a comunidade, de modo geral, abraçou a causa porque era urgente uma ação que valorizasse o meio rural, cuja sociedade fosse vista de forma menos excludente, e essa ação se voltou para a educação.

Observou-se que o meio rural estava sendo “bombardeado” pelo sistema, emergente de uma Ditadura Militar, época da erradicação dos cafezais, agricultores desacreditados. E a Pedagogia da Alternância chega com sentido de resistência (como um projeto contra-hegemônico), trazendo um novo olhar para o meio rural, pois a realidade da época retratava um homem do campo desmotivado e pressionado pelo sistema a sair do campo para ser mão de obra barata nos centros urbanos.

A escola foi sendo construída à base de mutirões e doações (material, e também força de trabalho) e, em 1969, começou a funcionar trazendo para os jovens do campo a oportunidade de estudar em uma escola que trabalhasse a sua realidade e mostrasse os valores do campo e das pessoas que nele vivem.

Em linhas gerais, a EFA, em seu início, cumpriu com o seu papel pedagógico, pois trabalhava as questões pertinentes ao campo. Ela surge para atender uma demanda do povo, cuja clientela era toda voltada para o campo e o trabalho era em comum acordo com as comunidades. A base da escola estava sólida. As famílias buscavam mais a escola, visto que, para estudar, não se dispunha de transporte escolar e a EFA se tornou uma opção pelo sistema de alternância. Não obstante essa questão, os jovens do campo e suas famílias iam à busca da escola, pois esta trabalhava a sua realidade, com isso o campo começou a tomar uma nova visibilidade.

Segundo relatos abordados nesta pesquisa, os jovens que passavam pela EFA de Rio Novo do Sul levavam para suas casas novas técnicas, e os resultados iam emergindo nas comunidades, fazendo o campo sair aos poucos da obscuridade e invisibilidade vivida na década de 1960. Para nós ex-alunos também a EFA representou muito, pois a aprendizagem superava os conteúdos dos livros didáticos e aprendíamos a viver em grupo, compartilhar espaços, valorizar o espaço rural, melhorar a vida no campo com a família, enfim, o ensino ia além da sala de aula. Mas a escola passou por uma série de remodelagens na sua modalidade de ensino e, quando a clientela começava a decair, a escola se reestruturava com uma nova modalidade de ensino. E assim ela foi vivendo entre conquistas pelo seu resultado no meio, bem como pelos gargalos, principalmente os econômicos, os quais historicamente foram empecilhos na EFA.

Nessas circunstâncias, inclui-se a questão administrativa e pedagógica, como a pouca idade de clientela de alunos hoje com base na modalidade do 6.º ao 9.º ano, os quais chegam muito novos. Os pais não têm mais aquela segurança em deixar o filho tão pequeno uma semana fora de casa, o que faz com que a funcionalidade da Pedagogia da Alternância atualmente fique comprometida.

Diante desse panorama, mediado pela pesquisa de campo realizada nas comunidades das quais a EFA hoje está muito distante (em 100% das comunidades), a resposta foi a mesma: A escola não procura as comunidades e as comunidades também não procuram a escola. Embora saibamos que as atividades são intensas, a escola não pode perder esse vínculo, que se torna uma preocupação para a escola.

Como vimos, é preciso recontextualizar constantemente a EFA, que não pode desviar-se de seus princípios. Nessas circunstâncias, questiona-se: A EFA de Rio Novo do Sul está remodelada dentro do novo contexto de rural em que estamos vivendo? Sua modalidade hoje atende, de forma concreta, aos princípios da alternância? O que fazer para recuperar sua relação com as comunidades do município de Rio Novo do Sul? Eis algumas questões que necessitam de maior debate.

Como reflexo desse distanciamento, dentro desse novo contexto do rural, observou-se que a EFA não está mais com tanto vigor, a qual tanto contribuiu para o desenvolvimento do espaço rural mediado por seus elementos pedagógicos, em que muitas técnicas foram sendo desenvolvidas, novas culturas foram sendo implantadas e até mesmo as novas ruralidades em parte são fruto da EFA, que, por meio de sua metodologia específica, trabalha com cursos e palestras, o que desperta nos jovens novas possibilidades de atuarem no campo.

Neste trabalho, buscou-se questionar o espaço rural no município de Rio Novo do Sul, bem como a atuação da Pedagogia da Alternância nesse espaço. Foi possível identificar uma série de questões que geram inquietações ainda hoje, uma vez que a dinâmica das transformações do rural analisado é constante e a Pedagogia da Alternância precisa adequar-se e atuar de forma crítica nessas questões, sobretudo ganhar novamente espaço dentro do município de Rio Novo do Sul.

Sendo assim, esta pesquisa representou a tentativa de propor um debate sobre as transformações observadas no espaço rural do município de Rio Novo do Sul, fazendo um paralelo com a década de 1960, e a atuação da Pedagogia da Alternância nesse espaço/tempo, uma vez que este trabalho vai cobrir a lacuna da inexistência de documentos que abordam essa análise no município de Rio Novo do Sul, bem como fomentar o debate proposto, gerando uma contribuição na expectativa de que as questões levantadas sejam mais bem discutidas por muitos, pois o debate não cessa aqui, porque o campo é dinâmico e a Pedagogia da Alternância deve ser adaptável a essa dinâmica.

6 REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **Juventude rural: ampliando as oportunidades**, In: Raízes da Terra: parcerias para a construção de capital social no campo. Secretaria de Reordenamento Agrário do Ministério do Desenvolvimento Agrário. Brasília – DF, Abril de 2005, Ano 1, n. 1. Disponível em: <<http://www.creditofundiario.org.br/materiais/revista/artigos/artigo05.htm>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

AGUIAR, Arnalda Christina; PEIXOTO, José Ricardo Louzada; MAGGIONI, Tereza Martins. **Rio novo do Sul – nosso povo sua história**. Rio Novo do Sul:(s/e), 2003. 158p.

ALVES, José Eustáquio Diniz. **A transição demográfica e a janela de oportunidades**. São Paulo: Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial; 2008.

_____. **Bônus demográfico e o crescimento econômico do Brasil**. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/PopPobreza/Alves.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2012.

ALFREDO, Anselmo. **Negatividade e a crítica a crítica: sobre o espaço tempo e modernização**. Departamento de Geografia – USP.

ANDRADE, Gilmar dos Santos; ANDRADE, Edjane de Souza. **Historiando a Pedagogia da Alternância e a Escola Família Agrícola do Sertão da Bahia**. Revista Eletrônica de Culturas e Educação. n. 6., 2 p. 61-72, Ano III (2012). set./dez. ISSN 2179.8443. Caderno Temático V. Educação, Escolas e Movimentos Sociais do/no Campo, Culturas e Educação.

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (Org.). **Por uma Educação do Campo**. Petrópolis: Vozes, 2009. 214p. Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. Disponível em: <<http://www.ape.es.gov.br/index2.htm>>. Acesso em: 14 jun. 2014.

BERGAMIM, Márcia Cristina. **Agricultura Familiar no Espírito Santo**. Constituição, Modernização e Reprodução Econômica. Uberlândia, 2004. Disponível em: <<http://mstemdados.org/sites/default/files/2004%20MarciaBergamim.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2014.

BERGAMIM, Márcia Cristina; JÚNIOR, Carlos Teixeira de Campos. **Agricultura Familiar no Espírito Santo: Concentração fundiária e recomposição/socioeconômica**. Vitória. s.d. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/2/441.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2014.

BEGNAMI, João batista. Uma geografia na pedagogia da alternância. GIMONET, Jean Claude. **Método pedagógico ou novo sistema educativo?** As experiências das casas familiares rurais. Brasília. UNEBAB, 2004.

BERNSTEIN, Henry. **Dinâmicas de Classe de mudança agrária**. São Paulo: UNESP, 2011. 171p.

CENSO AGROPECUÁRIO. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 17 jun. 2014.

CALVÓ, Pedro Puig; MARIRRODRIGA, Roberto Garcia. **Formação em Alternância e Desenvolvimento Local** – O movimento educativo dos CEFFA's no mundo. Belo Horizonte: O Lutador, 2010. 192p.

CALIARI, Rogério Omar. **Pedagogia da Alternância e Desenvolvimento Local**. Minas Gerais: Lavras: UFLA, 2002. 237p.

CAMARANO, A. A.; ABRAMOVAY, R. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil**: panorama dos últimos cinquenta anos. Revista Brasileira de Estudos de População, v. 15, n. 2, p. 45-66, jul./dez. 1998.

CARNEIRO, Maria Jose; MALUF, Renato S. (Org.). **Para além da produção** – Multifuncionalidade e Agricultura Familiar. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. 230p.

CATEGLIONI, Aurélia H. **A revolução grisalha**. Revista Fluminense de Geografia 4, Revista Eletrônica da associação de geógrafos brasileiros – AGB, Niterói, RJ, p.1-17/dez. 2006.

CASTRO, Elisa Guaraná de. **Juventude do Campo**. In Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro/São Paulo. Expressão Popular, 2012. p. 437-444.

COBÉRIO. Caio Graco Valle. **Uma visão da agricultura brasileira através do conceito de modo de produção**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300634837_ARQUIVO_XXVISimp.Nac.Anpuh.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2014.

COGO, Anna Lúcia. **História Agrária do ES**. Disponível em: <[file:///C:/Users/Usuario/Downloads/TESE_ANNA_LUCIA_COGO%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/TESE_ANNA_LUCIA_COGO%20(1).pdf)>. Acesso em: 20 maio 2014.

COSTA, Valéria Gonçalves; GONÇALVES, Alícia Ferreira. **O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar**: uma análise crítica. 2012. Disponível em: <<http://wpmapp.oktiva.com.br/wp-aval/files/2013/11/PG-93-108.pdf>>. Acesso em: 5 abr. 2014.

COSTA. João Paulo Reis. **Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul (EFASC)**: Uma possibilidade de Desenvolvimento Local / Regional a partir da Pedagogia da Alternância no Vale do Rio Pardo. s.d. Disponível em:<file:///C:/Users/Ildranis/Downloads/artigo_completo.pdf>. Acesso em: 10 maio 2014.

DARÉ, Raquel. **A “crise” do café e a ideologia desenvolvimentista no Espírito Santo**. 2010. 201p. Monografia – Universidade Federal do Espírito Santo.

ELESBÃO, Ivo. **O Espaço rural brasileiro em transformação**. Periódico da CAPES. Finisterra, XLII, 84, 2007, p. 47-65. Recebido: 12/06/2007. Revisto: 20/09/2007. Aceite: 30/11/2007. Disponível em: <http://www.ceg.ul.pt/finisterra/numeros/2007-84/84_03.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2014.

ELIAS, Miguel Hemerly. Rio Novo do Sul. 1. ed. (póstuma). 2004. 90p. **Estudo sobre o funcionamento dos centros familiares de formação por alternância no Brasil – CEFFAs** – Produto – Edital Público n. 07/13 – SECADI/MEC – Projeto 914BRZ1367. Consultor: João Batista Begnami. Brasília, jun. 2013.

ESPÍRITO SANTO (Estado). Lei 11.326. Vitória: 2006. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br>>. Acesso em: 26 jun. 2014.

FASSARELLA, Roberto Amadeu; REGO, Milena Araújo. **A estrutura fundiária do Espírito Santo de 1970 a 2006**. Disponível em: <http://encontroeconomias.es.weebly.com/uploads/4/8/2/8/4828370/27_estrutura_fundiaria_es_1970_2006.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2014.

FELÍCIO, Munir Jorge. **Os camponeses, os agricultores familiares: paradigmas em questão**. Geografia – v. 15, n. 1, jan./jun. 2006 – Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Geociências. p 205-219. Disponível em: <www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/download/.../6010>. Acesso em: 28 maio 2014.

FOERSTE, Erineu; JESUS, Janinha Gerke. **Escolas Famílias Agrícolas: Um projeto de educação específico do campo**. In Projeto político-pedagógico da educação do campo/organizadores, Rogério Drago, Maria Hermínia Baião Passamai, Gilda Cardoso de Araujo; colaboradores, Paulo da Silva Rodrigues, Marcelo Lima – Vitória, ES: UFES, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2010. 192 p.

GIMONET, Jean Claude. **El desafío de una LA PEDAGOGIA DE LA ALTERNANCIA EN LOS CEFFAs1 Y LA AGRICULTURA FAMILIAR nueva cultura rural**. Alternancia y pertinencia en la educación rural. Disponível em: <<http://www.aimfr.org/Archivos/Documentos/Pedro%20Puig%20Colombia.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2014.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e Modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. 368p.

GROSSELLI, Renzo M. **Colônias Imperiais na Terra do café**. Camponeses trentinos (vênetos e lombardos) nas florestas brasileiras – Espírito Santo 1874 – 1900. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2008. 534p.

HARVEY, David. **O Enigma do capital e as crises do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2012. 235p.

IBGE **Cidades@**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 17 jun. 2014.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 17 jun. 2014.

IJSN. INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES – **Perfil ES 2012: Censo demográfico**. Vitória, ES, 2012. 1243p.

INCAPER. **Rio Novo do sul**. Disponível em: <http://www.incaper.es.gov.br/proater/municipios/Caparao/Rio_Novo_do_Sul.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2014.

INCRA. **Instituto nacional de Colonização e Reforma Agrária**. Disponível em: www.incra.gov.br. Acesso em: 1 jun. 2014.

JESUS, Janinha Gerke de. **Formação dos professores na Pedagogia da Alternância – Saberes e fazeres do campo**. Vitória: GM, 2011. 190 p.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4. ed. Paris: Éditions. Anthropos, 2000). Primeira versão: início – fev. 2006.

MARQUES, Maria Inez Medeiros. **A atualidade do uso do conceito de camponês**. Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo. Revista NERA Presidente Prudente, Ano 11, n. 12, p. 57-67, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/nera/revistas/12/9_marques_12.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2014.

MARTINS, Rodrigo Constante. **Modernização e relações de trabalho na agricultura brasileira**. AGRÁRIA, São Paulo, n. 4, p. 165-184, 2006. Disponível em: <file:///C:/Users/lldranis/Downloads/125-242-1-SM.pdf>. Acesso em: 27 maio 2014.

MAZOYER, Maecel; ROUDART, Laurence. **História das Agriculturas no mundo**. Do Neolítico a crise contemporânea. São Paulo: UNESP, 2010. 568 p.

MEPES. **Escritório Central**. Anchieta, 2014.

MEPES. Disponível em: <<http://www.MEPES.org.br/>>. Acesso em: 4 jun. 2014.

MULLER, Jovania Maria. **Multifuncionalidade da Agricultura e agricultura familiar: A reconstrução dos espaços rurais em perspectivas**. Disponível em: <http://paraiso.etfto.gov.br/docente/admin/upload/docs_upload/material_de0046932c.pdf>. Acesso em: 5 maio 2014.

NETO, Jaime Bernardo. **Pequenas propriedades rurais e estrutura fundiária no Espírito Santo: uma tentativa de entendimento das particularidades capixabas**. 2009. 177f. Monografia – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.

NEUMANN, Pedro Selvino; SILVEIRA, Laurício Bighelini. **Influência da pluriatividade nos estabelecimentos familiares rurais em São Vicente do**

Sul/RS. UFSM. 2010. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/13/280.pdf>>. Acesso em: 4 ago. 2014.

NOZELLA, Paulo. **Origens da Pedagogia da Alternância no Brasil**. Vitória: EDUFES, 2013. 288 p.

OLIVEIRA, Anderson Silva. **O envelhecimento populacional e o surgimento de novas demandas em políticas públicas em Viana/ES**. 2015. 239 p. Dissertação de Mestrado em Geografia. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária**. São Paulo: Labur Edições, 2007, 184p.

ORTEGA, Antonio César. **Territórios Deprimidos** – Desafios para as políticas públicas de desenvolvimento rural. São Paulo: Ed. Alínea, 2008.

PACHECO, Luci Mary Duso; GRABOWSKI, Ana Paula Noro. **A Pedagogia da Alternância e o enfrentamento das situações problemas no meio rural: Limites e possibilidades**. Disponível em: <<http://www.anpae.org.br/simposio2011/cdrom2011/PDFs/trabalhosCompletos/comunicacoesRelatos/0291.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2014.

PHILIPPI, Luciano. Entrevista concedida à Revista Sustentabilidade do Campo – **O novo rural**. Rio de Janeiro. Instituto Souza Cruz (2011). Relatório das Atividades do MEPES, 2013. Disponível em: <<http://www.MEPES.org.br/>>. Acesso em: 5 jun. 2014.

RELATÓRIO. **A centralidade do alimento** – Documento do congresso. 2012-2016. Disponível em: <http://www.slowfood.com/filemanager/official_docs/SFCONGRES,2012A%20centralidade_do_alimento.pdf>. Acesso em: 1 jul. 2014.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço habitado**. Fundamentos Teórico e metodológico da geografia. Hucitec. São Paulo, 1988. 28p.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: Edusp, 2012. 120p.

SAUER, Sérgio. **Terra e Modernidade a reinvenção do campo brasileiro**. São Paulo: Expressão Popular: 2010. 185p.

SCHNEIDER, Sérgio. **Teoria Social, Agricultura Familiar e a Pluriatividade**. Rev. bras. Ci. Soc. v. 18, n 51. São Paulo, fev. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v18n51/15988.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2015.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O Mundo como Vontade e como Representação**. São Paulo: Unesp, 2005. 695p.

SILVA, José Ribeiro da; JESUS, Paulo de. **Os desafios do novo rural e as perspectivas da agricultura familiar no Brasil**. Disponível em: <<http://connepi.ifal.edu.br/ocs/index.php/connepi/CONNEPI2010/paper/viewFile/1407/457>>. Acesso em: 26 abr. 2014.

SILVA, José Ribeiro da; JESUS, Paulo de. **Juventude rural e agricultura familiar: os determinantes dos processos migratórios e os desafios para a preservação da agricultura familiar.** Trabalho Apresentado ao VIII Congresso Latino-americano de Sociologia Rural, Porto de Galinhas, 2010. Disponível em: <<http://congressos.edu.br/index.php/connepi/index/search/titles?searchPage>>. Acesso em: 30 abr. 2014.

SILVA, Tânia Paula da. **As Redefinições do “Rural”:** breve abordagem. Revista NERA – Ano 7, n. 4 – jan/jul. 2004 – ISSN 1806-6755. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/nera/revistas/04/05_Tania.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2014.

SOUZA, Emílio Petri de. **Imigração Italiana em Anchieta/ES:** caracterização e contribuições para o desenvolvimento local. 2014. 362p. Dissertação de Mestrado em Geografia. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória.

STEDILE, João Pedro (Org.) **A Questão Agrária no Brasil. O debate tradicional: 1500-1960.** São Paulo: Expressão popular, 2005. p. 15-31.

STEDILE, João Pedro (Org.). **A questão agrária no Brasil. O debate tradicional: 1500-1960.** São Paulo: Expressão Popular, 2005. 304p.

_____. **A questão agrária no Brasil. O debate na esquerda: 1960-1980.** São Paulo: Expressão Popular, 2005. 320p.

_____. **A questão agrária no Brasil. Programas de reforma agrária: 1946-2003.** São Paulo: Expressão Popular, 2005. 240p.

_____. **A questão agrária no Brasil. História e natureza das Ligas Camponesas – 1954-1964.** São Paulo: Expressão Popular, 2006. 224p.

STEDILE, João Pedro (Org.); MENDONÇA, Sonia Regina de. **A questão agrária no Brasil. A classe dominante agrária: Natureza e comportamento 1964-1990.** 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. 200p.

VERGUTZ, Cristina Luisa Bencke. **O caminho da aprendizagem na Pedagogia da Alternância e o sujeito alternante.** UNISC – CAPES. s.d. Disponível em: <http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Movimentos_Sociais,_sujeitos_e_processos_educativos/Trabalho/05_23_50_3216-6439-1-PB.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2014.

UNEFAB – **União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil.** Disponível em: <<http://www.unefab.org.br>>. Acesso em: 8 jul. 2014.

XAVIER, Leonardo Henrique Sousa. **Juventude Rural e Mídia Televisiva: Influências no comportamento dos jovens rurais.** Natal. 2009. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/cienciassociais/arquivo/2009.2/Leonardo_Xavier.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2014.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **A valorização da agricultura familiar e a reivindicação da ruralidade no Brasil –** Universidade Federal de Pernambuco.

Professora Visitante. Bolsista do CNPq. Brasil. Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 2. p. 29-37. jul./dez. 2000. Editora da UFPR. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/made/article/view/22105>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **A valorização da agricultura familiar e a reivindicação da ruralidade no Brasil** – Universidade Federal de Pernambuco. Professora Visitante. Bolsista do CNPq. Brasil. Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 2. p. 29-37. jul./dez. 2000. Editora da UFPR.

ZAMBERLAM, Sérgio. **O lugar da família na vida institucional da Escola Família.** Participação e Relações de Poder. Universidade de Lisboa. Portugal. Universidade François Rabelais de Tours. França. Tese de Mestrado Internacional em Ciências da Educação. 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Quadro 4 – Procedência dos ex-alunos entrevistados, período em que estudou na EFA/RNS e profissão

Endereço no período de estudo na Escola Família Agrícola (MEPES) Rio Novo do Sul	Endereço atual	Período que estudou na efa	Profissão
Monte Alegre – RNS	Monte Alegre – RNS	1989 - 1992	Professora
Concórdia- Vargem Alto-ES	Cachoeiro de Itapemirim-ES	?	Auxiliar de Escritório
São Vicente – RNS	Fazenda Santa Cândida, Rio Novo do Sul	2008 - 2012	Estudante
Virgínia Velha – Rio Novo do Sul – ES	Bairro Santo Antônio Nº 50 – Cachoeiro de Itapemirim – ES	1993 - 1996	Professora Biologia/ Química
Cachoeirinha - Rio Novo do Sul	Cachoeirinha - Rio Novo do Sul	1999 – 2002	Lavradora
Sede - Rio Novo do Sul	Sede - Rio Novo do Sul	1997 – 2000	Analista de TI
Vila Alegre – Rio Novo do Sul	Alfredo Chaves – ES	1996 – 1998	Manicure e Pedicure
Virgínia Velha	Av. José Agrizzi, S/Nº - Jaciguá – Vargem Alta	1992 - 1996	Empresa consultoria ambiental
Vila Alegre – Rio Novo do Sul	Vila Velha – ES	1999 – 2002	Marceneiro
Capim Angola (Zona Rural), Rio Novo do Sul, ES.	Capim Angola (Zona Rural), Rio Novo do Sul - ES.	1992 – 1996	Professora e Pedagoga
Zona Rural, Capim Angola, Rio Novo do Sul-ES	Zona Rural, Capim Angola, Rio Novo do Sul-ES	2001 a 2003	Servidor Público
Alto São Vicente- Rio Novo do Sul-ES	Rua Prof. Virgíneo Marques Res Eliza Miranda BJ Ap 203 Bairro: Japiim. Manaus-AM.	1989 - 1992	Odontólogo
Rua Padre Guido Spolaor, MEPES, Rio Novo do Sul	Rua Padre Guido Spolaor, MEPES, Rio Novo do Sul	2002 – 2006	Promotor de vendas
Cachoeirinha - Rio Novo do Sul	Cachoeirinha - Rio Novo do Sul	1995 – 1998	Lavradora
Vila Alegre - Rio Novo do Sul	Vila Alegre - Rio Novo do Sul	2005 – 2008	Estudante
Vila Alegre - Rio Novo do Sul	Vila Velha	1994- 1997	Marceneiro
Arroio das Pedras - Rio Novo do Sul – ES	Rua Arildo Bianchi, 114 – Borsói - Rio Novo do Sul-ES	1992 – 1995	Professora
São Vicente- Zona Rural – Rio Novo do Sul	São Vicente- Zona Rural – Rio Novo do Sul	1993 – 1996	Servidor Público Municipal (Secretário Municipal de Adm.)
São Vicente, Rio Novo do Sul – ES	Vila Velha – ES	1996 – 1999	Estudante
São Vicente, Rio Novo do Sul – ES	Belém – PA	1993 – 1996	Dentista / estudante
Vila alegre – Rio Novo do Sul – ES	Rua José de Medeiros Côrrea Júnior – Castelo – ES e Vila Alegre- RNS	1992 – 1995	Professora (Diretora – EFA/MEPES – Castelo)
Vila Alegre – Rio Novo do Sul	Vila Alegre – Rio Novo do Sul	2003 – 2007	Estudante

Capim Angola - Rio Novo do Sul	Couro dos monos - Rio Novo do Sul	1995 a 1998	Garçom
Virgínia Velha – Rio Novo do Sul	Rua Maria Elias Mameri – nº 4 – Bairro Pe Guido – Rio Novo do Sul	1995 – 1996	Auxiliar Administrativo
Arroio das Pedras – Rio Novo do Sul	Rod. Miguel Curry Carneiro, KM 41 - Nestor Gomes, São Mateus- ES.	1988 - 1990	Professora MEPES
Arroio das Pedras – Rio Novo do Sul	Arroio das Pedras – Rio Novo do Sul	1991 – 1994	Agricultor
Couro dos Monos – Rio Novo do Sul	Campinho – Iconha	2008 – 2011	Estudante

Fonte: Pesquisa de campo realizada pela autora (2014).

APÊNDICE B – Quadro 5 – Motivos que fizeram alguns alunos estudar na Escola Família Agrícola (MEPES) Rio Novo do Sul

Período que estudou na EFA	Motivos que fizeram alguns alunos estudar na Escola Família Agrícola (MEPES) Rio Novo do Sul
1989 – 1992	Por que meus pais e eu achamos que era o melhor naquela época, e também porque gostamos de viver no campo.
	Por ser mais econômico, ter onde ficar e não ficar muito tempo fora de casa.
2008 – 2012	Por me interessar pela área rural
1993 – 1996	Porque me identifiquei com a Pedagogia e pelo fato de facilitar a continuação dos meus estudos, pelo fato de morar no interior.
1999 – 2002	Como eu era do interior, escolhi uma escola que se adaptava melhor com o meio em que eu vivia.
1997 – 2000	Por ter os pais professores da EFA RNS, e pela escola ser próxima a minha casa
1996 – 1998	1996 foi um ano de perda! Eu tinha 11 anos e morava em Reta Grande - Guarapari, quando no dia 16 de abril do decorrente ano, meus Pais em um acidente de carro chegaram a Óbito. Daí então fui morar com minha irmã na comunidade de Vila Alegre – Rio novo do Sul. Ela é casada com Melquisedequi, que é irmão da Mestranda Ildranis. Eles tinham muito conhecimento com a Escola Família Agrícola, que na qual ela e a irmã Silvana estava estudando. Foi então por incentivo delas e da Família que me despertou a curiosidade do conhecimento da mesma.
1992 – 1996	Como meu pai foi um aluno da escola e via a importância de manter os filhos na agricultura devido ao grande êxodo rural, sempre viu o método de alternância uma oportunidade de estudar e ao mesmo tempo profissionalizar, para melhorar a produtividade.
1999 – 2002	Porque tive boas informações do local, tinha amigos e parentes que estudamos lá, e era o tipo de escola que eu procurava e gostava.
1992 – 1996	Não me adaptava as escolas convencionais do município.
2001 a 2003	Devido ao fato de ter familiares e conhecidos que haviam estudado na escola e recomendaram
1989 - 1992	Foi à escola de meu pai.
2002 - 2006	Por influência familiar.
1995 - 1998	Porque meus pais achavam ter um ensino melhor e mais adequado pra quem morava na roça.
2005 - 2008	Influência da família que já havia estudado em escolas famílias
1993 – 1996	Prima e irmão que estudavam na época
1992 - 1995	Porque eu queria continuar meus estudos e na época não havia ônibus para me levar todos os dias para uma escola comum. Por isso, meus pais optaram por uma escola com pedagogia da alternância, assim eles teriam condições de me levar até a escola.
1993 - 1996	Fui estudar na EFA porque o acesso a outras escolas para os estudantes do interior era muito difícil e a EFA tinha um ensino voltado para a realidade do campo.
1996 - 1999	Meu pai é ex-aluno e quis que eu também estudasse no MEPES.
1993 - 1996	Indicação dos meus pais.
1992 – 1995	Conclui a 4ª Série com 10 anos de idade, esses anos escolar foram realizados com muito esforço e muito desejo de aprender. O esforço não foi meu somente, mas também de meu irmão que repetiu a 4ª série para me acompanhar até a escola, já que era grande à distância a ser percorrida. Assim, conclui a 4ª série, com desejos de continuar os estudos, porém sem condições de fazê-lo, pois teria que sair de casa e morar em casa de parentes ou ir até a Escola Família mais próxima que ficava cerca de 30 km de distância,

	<p>distância essa percorrida a pé pelo meu irmão. O desejo era o maior, porém a dificuldade se tornava ainda mais forte, impedindo a continuidade dos meus estudos.</p> <p>O sonho nunca morreu, e quando já estava com 16 anos surgiu à possibilidade de estudar na EFA de Rio Novo do Sul, esse desejo se aflorou quando fui convidada por uma amiga da época a participar de sua formatura de 8ª série. A partir desse dia uma nova luta se iniciava, pois a concorrência para ingressar na escola era grande e em dezembro já não havia mais vagas, foi quando me inscrevi e somente na sua 2ª sessão escolar abriu vaga e pude efetivar minha matrícula. Meu sonho de dar sequência os meus estudos que adormecera por um tempo se aflora novamente, por isso, abracei essa oportunidade como se fosse única em minha vida.</p>
2003 – 2007	Meu irmão estudava na escola e eu ouvia ele falar que era bom, e quis estudar lá, e por não gostar de viajar todo dia de ônibus.
1995 a 1998	Pois um irmão do meu pai já havia estudado lá e todas as pessoas da nossa comunidade tem um maior carinho por ele, e reverenciam a escola MEPES.
1995 – 1996	Porque foi nessa escola que analisando percebi que era o modelo ideal para o aprendizado que procurava, ambiente familiar e ensino por completo.
1988 - 1990	Na época era a única forma de dar continuidade aos estudos sem sair diretamente do meio familiar e a Escola Família possibilitava o acesso, devido ao sistema de Alternância. Na época para dar continuidade aos estudos os precisavam sair do seu meio familiar.
1991 – 1994	Motivado pela família.
2008 – 2011	Na época a escolha foi do pai.

Fonte: Pesquisa de campo realizada pela autora (2014).

APÊNDICE C – Quadro 6 – A distância percorrida de casa até a Escola Família e como era realizado o percurso

Período em que estudou na EFA	A distância percorrida de casa até a escola
1989 – 1992	25 km.
	18 a 20 km
2008 – 2012	8 km
1993 – 1996	21 Km,
1999 – 2002	12Km.
	300m
1996 – 1998	A distância é de 22 km.
1992 – 1996	Era de aproximadamente 18 km,
1999 – 2002	23 km + ou -
1992 – 1996	10Km
2001 a 2003	11 km
1989 – 1992	9 km.
2002 – 2006	Alguns metros
1995 – 1998	Mais ou menos 15 quilômetros
2005 – 2008	22 km
Mauro	22 km
1992 – 1995	A distância era de 15 km.
1993 – 1996	8 km
1996 – 1999	10 km
1993 – 1996	10 km.
1992 – 1995	A distância de casa até a escola era de 20 km, que às vezes parecia ter 50 km ou mais, conforme o trajeto.
2003 – 2007	20 km
1995 – 1996	20 km
1988 - 1990	18 Km
1991 – 1994	18 Km
2008 – 2011	10 km
Como era realizado o percurso	
1989 – 1992	O percurso era feito de ônibus, saindo de Princesa-Rodeio passando por Iconha e, chegando em Rio Novo, descia a pé.
	Caminhão que transportava leite.
2008 – 2012	De carro até a escola.
1993 – 1996	O transporte era ônibus de linha.
1999 – 2002	Ônibus escolar.
1997 – 2000	A pé
1996 – 1998	O percurso era feito através de ônibus, tínhamos que caminhar cerca de mais ou menos 1,5 km, que daria em torno de 30 a 40 minutos até o ponto do ônibus.
1992 – 1996	Era feito de ônibus e/ou pelo transporte próprio (carro da família).
1999 – 2002	Ônibus
2001 a 2003	De ônibus
1989 – 1992	Através do carro do leite.

2002 – 2006	Andando
1995 – 1998	De ônibus
2005 – 2008	Era feito de ônibus municipal
Mauro	Ônibus e às vezes quando chovia a pé
1992 – 1995	No 1º ano meus pais me levavam e buscavam de carro. Depois passou a ter ônibus, então eu passei a ir de ônibus.
1993 – 1996	Na segunda feira tinha o ônibus, mas quando voltava no sábado tinha que usar o caminhão que fazia o transporte de leite e algumas vezes fazia o percurso a pé.
1996 – 1999	Maioria das vezes de ônibus e algumas vezes carona
1993 – 1996	Às vezes a pé, outra de “carro do leite” e ônibus
1992 – 1995	Isso, devido à família não ter condições financeiras para adquirir um veículo. Nesse caso, ir e voltar da escola eram uma luta semanal, pois ônibus pouco fazia linha, então com bolsas de cadernos e roupas, se faziam o trajeto de várias formas: carro do leite, ônibus, carona em basculantes, a pé, às vezes passando por Cachoeiro, mais era inviável pela demora na viagem e o valor das passagens. Era difícil, mais a vontade de estudar sempre foi maior que a dificuldade de chegar até ela.
2003 – 2007	De ônibus.
1995 – 1996	Era feito através de ônibus, às vezes a pé devido as fortes chuvas que dificultavam o trajeto da condução.
1988 - 1990	Por meio do transporte que levava leite para Rio Novo do Sul ou carona com pessoas conhecidas. Algumas vezes precisava andar a pé aproximadamente 4 a 6 km.
1991 – 1994	Ônibus e carro de leite
2008 – 2011	Bicicleta, moto ou ônibus.

Fonte: Pesquisa de campo realizada pela autora (2014).

APÊNDICE D – Quadro 7 – Atividades realizadas no dia a dia da Escola Família Agrícola (MEPES) Rio Novo do Sul

Período em que estudou na EFA	Atividades realizadas no dia a dia da Escola Família Agrícola (MEPES) Rio Novo do Sul
1989 – 1992	Levantar, fazer as tarefas de limpeza e arrumação, estudar, participar do trabalho prático na propriedade da Escola, lazer, tomar banho, jantar, serão e dormir.
	Era muito bom, além dos estudos, tínhamos brincadeiras, aulas práticas e os professores e funcionários eram muito atenciosos conosco.
2008 – 2012	Acordava às 05h40min, fazia a tarefa a ser cumprida, tomava café às 06h30min e em seguida às 07h00min ia estudar, parava as 10h30min para o almoço que tinha o horário até 12h30min em seguida entrava novamente para sala de aula, saía às 03h30min para o lanche, e às 04 h ia para a propriedade fazer a aula prática que terminava às 05h00min que começava à hora de lazer, depois 06h00min tomava banho, jantava às 06h30min, em seguida às 07h00min começava o horário do serão e depois me dirigia para o dormitório às 09h00min para dormir.
1993 – 1996	O dia a dia na escola era cheio de atividades Pedagógicas/ Práticas/ Tarefas e convivência em grupo com bastante disciplina
1999 – 2002	Logo cedo acordava e limpava a escola, depois era o café da manhã, depois tinha aula na parte da manhã e na parte da tarde, a tarde tinha trabalho prático, e a noite era o serão.
1997 – 2000	Muito estudo, e muita prática, geralmente todos os alunos conviviam muito bem, raramente havia problemas de disciplina.
1996 – 1998	O dia a dia era de estudos, atividades e lazer. Cada semana havia um aluno que era responsável pelas tarefas. As mesmas eram divididas em grupos de 2 até 4 alunos. Cada grupo com uma tarefa a cumprir. Os estudos eram muito bem disciplinados juntando com o trabalho prático, que era a plantação e cultivo da maioria dos alimentos (hortaliças) que eram consumidos pelos alunos. À noite tinha o Serão que era a parte de lazer.
1992 – 1996	De manhã nós alunos acordávamos e cada um tinha sua atividade para fazer, mantendo a escola limpa e organizada, depois do café da manhã eram estudos na sala de aula. À tarde colocávamos em prática o aprendizado na propriedade da escola.
1999 – 2002	Muito bons estudos em horários alternados, trabalho nas dependências da escola e lazer.
1992 – 1996	Seguíamos uma rotina de estudos com aulas das disciplinas normais como em quaisquer outras escolas e o acréscimo de outras de acordo com a realidade (rural) do aluno como zootecnia e agricultura e mais aulas práticas na propriedade da escola.
2001 a 2003	Era muito bom, o convívio constate (quase que 24hs por dia) com os alunos e professores criavam laços quase que familiares.
1989 - 1992	Com atividades diárias.
2002 - 2006	Era agradável, eram feitas muitas tarefas durante o dia, de aulas a trabalho prático.
1995 - 1998	Era muito bom, estudávamos até às 15 horas e depois íamos fazer o serviço da roça e na horta e também a limpeza da escola.
2005 - 2008	Acordávamos cedo, fazia as tarefas, tomava café e tinha aula o dia todo, com intervalos para o almoço e café. As refeições eram realizadas em grupo, sempre antecedida de orações. À tarde tinha o trabalho prático onde eram feitas as atividades de campo da propriedade, logo após o trabalho prático, tinha um momento de lazer e à noite havia os serões que eram variados, muitas vezes assistíamos um filme, uma atividade pedagógica ou mesmo livre, depois do serão íamos dormir.
1995 - 1998	Seguia o regimento, eu achava interessante a metodologia
1992 - 1995	Era tranquilo, estudava, fazia as tarefas diárias e as atividades práticas, além de

	fazer amigos
1993 - 1996	O dia era de estudo intenso, visitas, palestras, tarefas, atividades práticas, lazer e serão. Gostava muito da convivência com os outros Estudantes, tinha uma grande família e até hoje tenho grandes amizades da época da EFA.
1996 - 1999	Tínhamos uma rotina diária com horários pré-estabelecidos para estudo, lazer, tarefas de organização do ambiente escolar e atividades práticas no campo (plantio de hortaliças, colheita de café, etc).
1993 - 1996	Gostava muito.
1992 - 1995	<p>Os meus dias de aluna na EFA de Rio Novo do Sul foram os melhores dias em escolas da minha vida. Meus melhores amigos fiz na EFA, meu maior desejo de estudar foi também na EFA. Acordar na escola, fazer as tarefas, a atividade prática quase sempre ajudando Aninha na secretária, plantar milho, feijão, fazer hortas, limpar pasto, cuidas das criações, do café, quebrar milho, cortar colônia e encher silo, colher café, fazer a limpeza semanal, avaliação de sessão, dividir tarefas quando coordenadora, coordenar as tarefas, torcer para na semana de provas estar numa tarefa que me liberasse no horário do almoço. Épocas de provas? Os meninos não gostavam, pois eu mais duas amigas aproveitávamos o tempo livre para estudar, quase não convivendo com os colegas nessas semana, além disso, estudávamos até altas horas e madrugávamos para novamente estudar, tudo por um 100 na média, confesso que tive vários e merecidos.</p> <p>Os serões eram maravilhosos, os monitores os melhores professores que já tive em toda minha escolar, os amigos, nem se fala. Visitas de estudo, visitas às famílias, o estágio de troca de famílias marcante pra todo o sempre em minha vida. Não posso deixar de dizer a alegria em trabalhar para ajudar a escola na época da festa de 1º de maio, quantos churrasquinhos sendo feitos, salgados, cachorro quente... Tudo pelas mãos habilidosas de Aninha, não esqueço dos bolinhos de aipim que Aninha fazia para esta festa, tudo numa perfeição que nos fazia aprender também. Numa dessas festas uma grande surpresa: nasceu meu sobrinho Kelmer.</p> <p>As aulas eram momentos de aprendizado, de troca de experiências, de colas entre os colegas de lutas para aprender, no meu caso em especial a matemática que sempre me atormentou.</p> <p>Quando um colega adoecia todos se preocupavam, quando alguém brigava logo faziam as pazes, naquele espaço não era possível ficar sem falar com o outro, pois o espírito de amizade era intenso. Quanto aprendizado, quantas alegrias vividas, quantos sonhos num mesmo espaço.</p> <p>Diante de tanta coisa boa, como esquecer de Vandeir e Aninha no dia a dia na escola, foram momentos que ficaram marcados pra sempre em minha história de vida</p>
2003 - 2007	Bom, sempre gostei muito de todas as atividades.
1995 a 1998	Ótimo, lá aprendi, a conviver, melhor com outras pessoas, a respeitar, a compartilhar e a ouvir.
1995 - 1996	Era mais que bom, ambiente mega agradável e familiar, todos circulavam com sorriso no rosto, as brincadeiras, os serões, as atividades, tudo era bom, a gente vivia aprendendo.
1988 - 1990	Considerava muito bom. Pois possibilitava a aprendizagem satisfatória e uma dinâmica diversificada no dia a dia. Com aulas teóricas, prática, visitas de estudos, serões, dentre outros.
1991 - 1994	Gostava da forma que era organizado o incentivo do estudo voltado para o campo
	Levantava as 05:30h, o dia era todo com hora marcada (Uma agenda cheia), e dormia as 21:30h.

Fonte: Pesquisa de campo realizada pela autora (2014).

APÊNDICE E – Quadro 8 – O perfil dos alunos por ano que passaram pela Escola Família Agrícola de Rio Novo do Sul

Período em que estudou na EFA	O perfil dos alunos por ano que passaram pela Escola Família Agrícola de Rio Novo do Sul
1989 – 1992	A maioria tinha mais ou menos a mesma idade, moravam e viviam do campo, e havia um número equilibrado de meninos e meninas.
2008 – 2012	Cerca de 10 á 16 anos, tinha pessoas de Rio Novo do Sul mesmo, Itapemirim e outros municípios.
1993 – 1996	O perfil dos alunos da minha turma era de acordo com a identificação na Pedagogia da Alternância, priorizava os filhos de Agricultores e trabalhadores Rurais, todos moravam no campo, com a idade entre 11 a 17 anos, pois alguns estavam defasados por encontrar dificuldades de continuar os estudos.
1999 – 2002	Moravam no interior, tinha 6 meninos e 4 meninas, a idade na época era entre 13 e 14.
1997 – 2000	Minha turma era bastante mista, haviam mais de 20 alunos quase meio a meio de meninos e meninas, e todos moravam em comunidade de Rio Novo do Sul, poucos eram de municípios vizinhos.
1996 – 1998	Os alunos eram meninos e meninas, de ambos sexos, de várias idades e de locais. Havia alunos de municípios vizinhos como Cachoeiro de Itapemirim, Vargem Alta, Iconha, Guarapari, Rio Novo do Sul...
1992 – 1996	95% dos alunos eram filhos de agricultores e moravam no município de Rio Novo do Sul, e outros 5% eram dos municípios vizinhos. A faixa etária dos alunos varia entre 11 e 16 anos e a turma era bem dividida 50 % de meninos e 50 % de meninas.
1999 – 2002	Idades variadas de mais ou menos 15 a 30 anos, a maioria morava no interior e eram em turma mista.
1992 – 1996	Existiam alunos entre 10 a 25 anos aproximadamente e não existia grande variação entre homens e mulheres. A grande maioria dos alunos moravam em comunidades entre 8 a 20Km aproximadamente da escola, existiam comunidades com vários alunos e no meu caso era única aluna de minha comunidade.(Muitos alunos optaram pela escola pelo difícil acesso as escolas convencionais).Eu optei pela escola pelo nível de ensino superior aos de outras escolas.
2001 a 2003	Mais ou menos a mesma idade que a minha (10 a 13 anos), a maioria morava no interior do município, com algumas exceções e a grande maioria era do sexo masculino.
1989 - 1992	Todos do campo e com idades entre 10 e 19 anos.
2002 - 2006	Logo que entrei a faixa etária era de 11 a 12, com poucas exceções de alunos mais velhos, o gênero era balanceado.
2005 - 2008	Moravam em sua maioria no município de Itapemirim, tinha uma média de idade equivalente à série que estudávamos, a relação entre os sexos era balanceada, a maioria residia em área rural.
Mauro	Acima dos 18 a maioria e do interior, sendo masculino e feminino
1992 - 1995	A minha turma era uma turma mista, homens e mulheres em idades bem diferentes, todos moravam no meio rural.
1993 - 1996	A idade dos estudantes era variada, apenas alguns tinham idade escolar regular, a maioria tinha idade avançada, pois terminavam os estudos nas escolinhas do interior e ficavam anos fora da escola até voltar a estudar novamente. Os estudantes da minha turma eram praticamente todos da zona rural e a quantidade de meninos era pouco maior que a quantidade de meninas.
1996 - 1999	A maioria possuía a mesma faixa etária e moravam no interior. Havia um equilíbrio entre os sexos feminino e masculino.
1993 - 1996	As idades eram semelhantes, moravam em sua maioria no interior e havia uma divisão quase igual entre meninos e meninas

1992 - 1995	A minha turma era composta por meninos e meninas, havia muitos alunos, moravam uma grande parte no município de Rio Novo do Sul ou nos arredores. O mais interessante era a idade, pois grande parte do grupo eram maiores de idade, chegando até aos 29, 30 anos de idade.
2003 - 2007	Em média 11 a 18 anos, moravam em Rio Novo do Sul, Itapemirm, Vargem Alta, Cachoeiro de Itapemirim, do total de alunos uns 40% era do sexo feminino.
1995 a 1998	A grande maioria muito calma, tinha uns três (3) mais agitados, 98% eram meninos e apenas 2% meninas, tinha idades variável entre 15 a 22 anos, quais todos do mesmo município, apenas dois que eram da Bahia em Itabuna.
1995 - 1996	A maioria meninos entre 11 a 20 anos e residiam na maioria no interior de Rio Novo, região serrana de Virgínia Velha, Virgínia Nova, Ribeirão, Arroio das Pedras e São Vicente.
1988 - 1990	A turma era composta de 11 alunos, 04 meninas e 07 meninos, filhos de camponeses, a idade entre 14 a 21 anos.
1991 - 1994	A turma em sua maioria era filhos de agricultores, a idade de 10 a 14 anos, 70% da turma era meninas. A procedência da turma era do município de Rio novo e um pequeno grupo pertencia ao município de Vargem Alta.
2008 – 2011	A idade era bem próxima, mas os endereços eram distantes como Viana, Itapemirim e também de Rio Novo do Sul. Na turma tinha uma mistura entre meninos e meninas.

Fonte: Pesquisa de campo realizada pela autora (2014).

APÊNDICE F – Quadro 9 – Atividades realizadas na semana em que os alunos estavam em casa

Período em que estudou na EFA	Atividades realizadas na semana em que os alunos estavam em casa
1989 – 1992	Compartilhava com a família o que tinha estudado na Escola e fazia o Plano de Estudo da semana. Continuava estudos e ajudava nas tarefas de casa.
2008 – 2012	Ajudava meus pais nos afazeres de casa.
1999 – 2002	Os deveres de casa, e ajudava minha mãe.
1993 – 1996	Na semana de alternância desenvolvia as atividades de casa colocando em prática o que havia aprendido na EFA, ajudava a família com os afazeres e desenvolvia o Plano de Estudo, as atividades de retorno e experiências com meus pais e na comunidade.
1997 – 2000	Tentava pôr o que foi aprendido na escola em prática.
1996 – 1998	A semana que estava em casa, era colocada em prática junto com a Família o que se aprendia na Escola. E também as atividades de estudo, como uma delas o Caderno da Realidade.
1992 – 1996	Ajudava nos afazeres domésticos em casa e passava os aprendizados agrícolas para os pais que juntamente conosco era aplicado na propriedade.
1999 – 2002	Ajudava meu pai na lavoura
1992 – 1996	Eram realizadas atividades com a família que visavam troca de experiências entre a escola e família numa troca de práticas e experiências, atividades tais como pesquisas sobre a rotina da família na propriedade para posterior troca de experiências na escola partindo daí os estudos propostos em sala de aula.
2001 a 2003	Estudava as tarefas para casa, descansava e realizava alguns trabalhos na roça.
1989 – 1992	Trabalhava no campo e estudava
2002 – 2006	Aproveitava o tempo livre e cumpria com as tarefas de escola.
1995 – 1998	Ajudava meus pais na roça
1993 – 1996	Trabalhava na roça com meus pais, aplicava em casa o que aprendia na EFA, eu cuidava da horta caseira da família. Toda semana tinha atividades escolares para fazer.
1996 – 1999	Ajudava minha mãe nas tarefas domésticas e a cuidar do quintal e horta.
1993 – 1996	Trabalhava no campo com meus pais.
1992 – 1995	Na semana em que eu estava em casa ajudava meus pais e irmãos nas atividades de casa, na propriedade fazia o que era possível, pois quase sempre participei das atividades do lar. Mesmo assim, já tive o prazer de trabalhar com café, arroz, feijão, hortas em pouca proporção, mais deixaram marcas positivas em minha vida. Na sessão no meio familiar comunitário era momento também de participar da vida da comunidade, pois sempre fui atuante nas atividades da comunidade, nos círculos bíblicos, novenas de natal, missas, pastorais, festas, etc.... Eram também momentos de desenvolver as atividades enviadas pelos monitores através das disciplinas. Essas atividades poderiam ser um exercício, atividade em grupo com os colegas de sala vizinhos, responder o plano de estudo que era sempre em família... A Escola Família permitiu que meu vínculo com a família nunca se quebrasse, se fortalecendo ainda mais. Minha maior alegria era como é até hoje a chegada da sexta feira, pois sei que é o dia de ir para casa e encontrar a família. Muito me marcou quando em sua aula de agricultura Vandeir pediu que em grupo e em casa fizéssemos um croqui de uma horta, em outro momento coletássemos terra para análise do solo e em outro fizéssemos em galhos

	tipos de enxertia, dentre outras atividades.
2003 – 2007	Ajudava minha mãe nos afazeres de casa e fazia os deveres de casa.
1995 a 1998	Sempre ajudava meus pais na propriedade, cultivar o café.
1995 – 1996	Eu fazia o plano de estudo que era proposto pelo ensino da pedagogia de alternância, com meus pais respondia questionários e avaliava meu desempenho na escola e o da escola na minha vida.
1988 - 1990	As atividades da estadia (plano de estudo na família e alguns na comunidade), atividade das disciplinas, ajudava nas atividades agropecuária e domésticas na família, Participava na comunidade das atividades religiosas.
1991 – 1994	Ajudava a família nas atividades do campo e colocava em prática os conhecimentos adquiridos na escola e nas atividades agropecuária.
2008 – 2011	Fazia os deveres de casa, o plano de estudo com a família, trabalhos em grupo com os colegas e ajudava a família no dia a dia.

Fonte: Pesquisa de campo realizada pela autora (2014).

APÊNDICE G – Quadro 10 – Aplicação da aprendizagem adquirida na Escola Família Agrícola (MEPES) Rio Novo do Sul no meio sociofamiliar e comunitário

Período em que estudou na EFA	Aplicação da aprendizagem adquirida na Escola Família Agrícola (MEPES) Rio Novo do Sul no meio sócio familiar e comunitário
2005 – 2008	Ajudava meus pais na roça, fazia as atividade de casa e outras atividades sociais.
1992 – 1995	Trabalhava na roça e estudava o plano de estudo
1992 – 1995	Fazia a atividade de casa e ajudava meus pais.
1989 – 1992	Sempre que possível, na propriedade dos meus pais, nas plantações, na criação de animais, no cultivo da horta e com a vivência em família.
	Quase não usava porque era mais voltado para a agricultura e meu pai tinha fábrica de cachaça e minha mãe era dona de casa, então compartilhava com minha mãe a parte do estudo e do lar.
1993 – 1996	Aplicava os estudos em minha casa através de práticas agrícolas e através de diálogos com a família sempre priorizando a preservação ambiental, ou seja, o orgânico.
1999 – 2002	O que eu aprendia na escola, quando chegava em casa passava todo meu aprendizado para minha família.
1997 – 2000	Como meu pai não era dono de propriedade, eu utilizava a da própria escola, geralmente tentando ajudar na horta, algo do tipo.
1996 – 1998	Tinha todas as matérias, e o período em que estava em casa, era feito junto com a família, os trabalhos e deveres que eram passados pelos monitores para serem entregues na semana em que retornaria para a Escola.
1992 – 1996	Desde a produção de hortaliças cultivada para o consumo próprio da família mostrando a importância de se produzir usando adubos orgânicos sendo aproveitado do curral (esterco); como a prática de capina deixando faixas entre as leiras sem capinar evitando assim quando chover a erosão, devido à região ser íngreme, o que evita o empobrecimento do solo; os adubos químicos e venenos podem ser usados de forma mais racional e consciente assim como o descarte correto dos recipientes entre outros métodos aplicados.
1999 – 2002	Aplicava no plantio, cuidado e colheita de hortaliças, assim como nos demais produtos que colhíamos.
1992 – 1996	As atividades desenvolvidas na escola partiam sempre da realidade do aluno através de coleta de informações através de pesquisas realizados pelos alunos com seus familiares e comunidade de vivência, as informações eram compartilhadas partindo daí o estudo propostos em sala de aula através de atividades contextualizadas e significativas.
2001 a 2003	Sempre junto com a família, tudo que se aprendia na escola, procurava trazer e aplicar em casa
1989 – 1992	Orientando meus pais.
1995 – 1998	As atividades que aprendia nas aulas teóricas e práticas falava para meus pais e eles aplicavam nos serviços diários da roça.
2002 – 2006	Na verdade se aplicava pouco, resumindo-se em cuidar do terreiro ao redor de casa
1995 – 1998	A atividade que aprendia nas aulas teóricas e práticas falava para meus pais eles aplicavam nos serviços diários da roça.
2005 – 2008	Tentando inserir na propriedade as práticas aprendidas na escola
1995 – 1998	Seguia algumas normas técnicas de plantio, mas os pais já tinham um sistema e não dava pra mudar de uma hora pra outra
1992 – 1995	Sempre conversava com meus pais sobre o que eu tinha aprendido na escola e tentava ajudá-los de alguma maneira.
1993 – 1996	Na horta caseira, na divisão dos trabalhos da família e no questionamento da realidade.

1996 – 1999	Aplicava algumas idéias novas aprendidas no colégio, como atividades manuais (bordados, pintura de gesso) e práticas no cultivo.
1993 – 1996	Conversando com meus pais e questionando atitudes diferentes das aprendidas no MEPES, sempre levando a momentos de discussão muito produtivas.
1992 – 1995	Mesmo sendo séries do Ensino Fundamental era possível aplicar alguns estudos junto com a família, não somente na parte técnica, mais também através das disciplinas.
1995 a 1998	Nas alternativas , como no consorciamento da lavoura, também nas tarefas domésticas , ajudando minha mãe nos afazeres da casa.
1995 – 1996	Juntamente com minha família, levava as ideias e tentava da melhor maneira coloca-las em prática.
2008 – 2011	Procurava por em prática nos trabalhos realizados.

Fonte: Pesquisa de campo realizada pela autora (2014).

APÊNDICE H – Quadro 11 – As contribuições que a Escola Família Agrícola (MEPES) de Rio Novo do Sul trouxe para a vida pessoal e profissional dos alunos e suas famílias

Período em que estudou na EFA	As contribuições que a Escola Família Agrícola (MEPES) de Rio Novo do Sul trouxe para a vida pessoal e profissional dos alunos e suas famílias
1989 – 1992	A valorização do espaço rural em que vivemos e a importância do mesmo para as gerações futuras, além da educação, disciplina e ética que são indispensáveis em qualquer ambiente.
1993 – 1996	A escola Família Agrícola muito contribuiu para a minha vida pessoal, pois foi na EFA que aprimorei minhas responsabilidades, compromisso e ética na vida aprendendo a conviver em grupo e acima de tudo valorizar o que tenho aprendendo que o homem do campo tem um importante papel de fornecer alimentos saudáveis para a cidade, profissionalmente optei em continuar com os trabalhos em Escola Família, pois fui aluna, trabalhei com Secretaria e agora faço parte da equipe de Professores da Escola Família Agrícola de Cachoeiro de Itapemirim, o período que estudei na EFA de Rio Novo foi um aprendizado muito intenso, pois me possibilitou ajudar minha família com práticas agrícolas e ambientais que foi cada vez mais se desenvolvendo e se atualizando.
1997 – 2000	Acabei não seguindo a atividade agrícola, mas com toda certeza o tipo de convívio que eu tinha com outras pessoas de outras culturas me deixou muito mais tolerante.
1999 – 2002	Ajudou-me no meu aprendizado tanto no meio escolar, tanto para a agricultura
1992 – 1996	A contribuição que a escola trouxe em minha vida foi em nível de conhecimento, pois eu tive uma formação crítica e significativa que facilitou muito a minha vida acadêmica e profissional, em relação a minha propriedade a escola influenciou na decisão de continuar morando no interior por gostar do ritmo de vida, porém como a maioria de filhos de agricultores sou desacreditada em relação ao trabalho no campo por isso optei em trabalhar fora da propriedade e acredito que essa situação de falta de apoio ao homem do campo e aos pequenos proprietários não vai mudar.
1996 – 1998	O bom relacionamento com a família. O desempenho com uma visão mais fixa em atividades, em grupos, comunidade e família. Tendo através das aulas práticas o aprendizado na convivência entre alunos e monitores.
1992 – 1996	Em primeiro lugar a vivência em grupo, pois tudo é feito em grupo, e com isso aprendi a respeitar as opiniões contrárias, a dialogar e também a questionar. Em segundo, agredir menos o meio ambiente a ter uma consciência mais ecológica
1999 – 2002	Pra mim, particularmente, contribuiu muito como amizades, as quais algumas ainda duram até hoje, apesar da distância. Já nas atividades agrícolas, infelizmente não aproveitei muito, pois pouco tempo depois que terminei no MEPES, sai para morar em Vila Velha, em busca de algo talvez mais rentável financeiramente.
2001 a 2003	Aprendi a dividir as tarefas em casa, a ter um controle dos meus horários e a consciência de ter responsabilidade para cuidar do meio ambiente.
1989 – 1992	O crescimento pessoal e maior vínculo familiar.
2002 – 2006	Para minha família teve muita, pois meus pais trabalham no colégio a bastante tempo, o que mais foi importante na minha vida foi a questão da convivência e respeito mútuo, pois nem um outro colégio oferece uma relação tão boa de aluno x professor.
1995 – 1998	Aprendi a lidar cedo com convivência social e fazer limpezas e cuidar de hortas (plantar, cultivar e colher).
2005 – 2008	Trouxe uma experiência de convivência em grupo, desenvolvimento das atividades básicas do dia a dia, também na agricultura era possível inovar podendo criar alternativas à agricultura convencional.
Mauro	Responsabilidade; convivência em grupo. Focar no que pretende fazer

	profissionalmente
1992 – 1995	A Escola Família Agrícola de Rio Novo do Sul fez parte da minha vida e de minha família. Na escola aprendi muito, principalmente a conviver com outras pessoas. Nela pude continuar meus estudos, o que na época era quase impossível. Acredito que para minha família ela foi muito importante também, pois meu pai, meus tios e até primos estudaram nela, dando continuidade a seus estudos. Além da minha mãe, que foi professora e coordenadora da escola por alguns anos. A Escola Família Agrícola de Rio Novo do Sul fez parte de nossas vidas.
1993 – 1996	O maior aprendizado que tive na EFA foi aprender a respeitar as diferenças devido à convivência intensa. Com relação à propriedade tenho uma paixão que não tem como medir, tenho emprego, mas no final de semana estou trabalhando na propriedade, esta hoje é produtiva e meus pais têm condições dignas de vida.
1996 – 1999	Além de conhecimento teórico das disciplinas, no MEPES tínhamos a oportunidade de usar esse conhecimento na prática agrícola sempre focando a importância da preservação ambiental. Além de estimular atividade em grupo e a importância em ter uma rotina organizada. Sendo esse aprendizado aplicado no convívio familiar e na propriedade
1993 – 1996	Sempre vejo que o MEPES, além de ajudar a praticar uma agricultura mais sustentável e de preservação, me ensinou muito e viver em grupo e a respeitar as várias opiniões existentes.
1992 - 1995	Para minha vida profissional a EFA RNS foi a que mais marcou, pois foi lá que tudo começou e onde as oportunidades surgiram e foram abraçadas com garra e coragem. Por ter uma idade já avançada e por possuir algumas habilidades para secretária desde que fui matriculada na escola Aninha responsável pela secretaria na época descobriu meus dons, daí por diante a assessorava nos momentos de atividades práticas e quando conclui a 8ª série fui convidada pela escola a dar continuidade ao trabalho na secretaria, sendo também responsável por dois serões na escola, já que dois monitores responsáveis desses dias faziam faculdade em Cachoeiro. Nesse tempo, iniciava a realização de mais um sonho cursar o magistério, e a única forma de fazê-lo seria tendo um lugar para ficar, pois não havia transporte da minha casa até a escola no horário que o curso era ofertado. Foi então, que trabalhei 4 anos como voluntária na EFA RNS. No ano seguinte fui contratada pela associação de pais para o mesmo cargo. Já no próximo ano fiz vestibular para área de História, passei e não tinha recurso para cursar, foi quando abriu vaga para assumir a área de História e Geografia. Quando conclui o curso em 2005, fui convidada a assumir a direção e abertura da Escola Família Agrícola de Castelo, local, onde permaneço até os dias atuais. Resumindo minha vida profissional iniciou na EFA de Rio Novo do Sul e me deu subsídios para ser a profissional que sou hoje.
2003 – 2007	Contribuí e muito para minha vida profissional, na escolha do meu curso superior, na minha formação como pessoa, principalmente nas atividades em grupos.
1995 a 1998	Eu tenho orgulho de ter feito e fazer parte dessa família
1995 – 1996	Primeiramente a reconhecer que na terra mãe tiramos todo nosso sustento e que precisamos sempre cuida-la com carinho. Aprendi a ser gente, crescer acreditando sempre no homem do campo e na agricultura familiar, usando sempre os métodos apresentados pela escola.
1988 - 1990	Abriu o caminho para dar continuidade aos estudos e promoção pessoal, fruto da formação integral resultado da pedagogia da alternância e compreender melhor o papel da família. Quanto ao aspecto profissional foi o despertar para o gosto e identidade com a educação do campo.
1991 – 1994	A educação e respeito às diferenças de ideias, contribuiu para definir os objetivos da vida pessoal e profissional e também possibilitou encontrar o grande amor. O resultado pessoal e profissional teve uma grande contribuição na vida familiar como resultado da formação que a EFA possibilitou. Pois aumentou o gosto e motivação pela permanência da vida no campo e o

	desenvolvimento das atividades na terra. Outra contribuição foi o aumento da renda familiar e qualidade de vida.
2008 – 2011	A EFA foi meu ponto de partida para os estudos e para a inclusão social.

Fonte: Pesquisa de campo realizada pela autora (2014).

APÊNDICE I – Quadro 12 – A Escola Família Agrícola (MEPES) Rio Novo do Sul trouxe resultados para o rural de Rio Novo do Sul que hoje podem ser observados

Período em que estudou na EFA	A Escola Família Agrícola (MEPES) Rio Novo do Sul trouxe resultados para o rural de Rio Novo do Sul que podem ser observados atualmente
1989 – 1992	Vários ex-alunos da EFA/MEPES continuaram seus estudos, se formaram academicamente e hoje residem e trabalham no seu município.
2008 – 2012	Sim, a plantação de mudas de árvores de Quarteirão em sentido a Cachoeirinha que está cada vez mais lindo.
1993 – 1996	Sim trouxe resultados bons, pois muitos ex-alunos permaneceram no campo e tocaram a propriedade da família cultivando diversas hortaliças e legumes para o mercado para sua sobrevivência, a pecuária do leite para a selita e famílias que abriram um agronegócio com muito sucesso, e Políticas Públicas que favorecem o homem do campo
1999 – 2002	Sim. Os alunos que estudavam chegavam em casa e passavam os conhecimentos obtidos na escola para seus pais.
1996 – 1998	Trouxe sim, um deles são os projetos que são passados para os alunos aplicarem no Campo, e também a formação de palestras, cursos, encontros que são realizados nas lavouras e na Escola Família.
1992 – 1996	Sim, trouxe mudança na forma de produzir, agredindo menos o meio ambiente e mostrando que devemos fazer uso racional dos agrotóxicos e incentivando na diversificação das culturas o que algumas famílias tem feito e que tem dado bons resultados. Ex.: produção de açaí.
1999 – 2002	Acredito que não, não devido ao MEPES, mais sim pelo fato de poucas oportunidades e investimentos dos órgãos públicos no interior do município.
2001 a 2003	Sim, formou pessoas que hoje trabalham e contribuem com as atividades rurais e agrícolas do município, que é muito importante para o desenvolvimento do município.
1989 – 1992	Sim. Na produção de Juçara.
2002 – 2006	Acredito que sim, por ser um colégio especializado na área, mas sinceramente não sei exemplificar como.
1995 – 1998	Não sei exatamente, mas com certeza deve ter resultados.
2005 – 2008	Sim, as famílias formadas pelas pessoas que estudaram na Escola Família de Rio Novo do Sul, geralmente são mais participativas em suas comunidades, desenvolvem atividades diferenciadas em suas propriedades e grande maioria colocariam os seus filhos para estudar em uma Escola Família se as condições de dormitório, transporte entre os motivassem.
	Os alunos do MEPES são pessoas que interagem melhor em grupo
1992 – 1995	Acredito que sim, pois sempre esteve preocupada com o meio rural, incentivou e mostrou a seus alunos a cuidar de maneira correta do meio ambiente, tirando dele seu melhor proveito.
1993 – 1996	As pessoas do interior que estudaram na EFA permaneceram mais tempo estudando comparado aos estudantes da escola tradicional, também as agroindústrias existentes no município são iniciativas de Ex-alunos da EFA.
1996 – 1999	Sim. Observo que alguns ex-estudantes tem uma melhor gestão de sua propriedade

1993 – 1996	Observo que os que estudaram no MEPES e estão no meio rural tem melhor gestão e avanços.
1992 – 1995	Até um tempo atrás se podia observar que em todas as comunidades alguma liderança tinha passado pela EFA RNS, as associações surgiram a partir de curso na escola. Ainda se pode observar esses fatores, porém perdendo as proporções no decorrer dos anos.
2003 – 2007	Sim na permanência das pessoas no campo.
1995 a 1998	Sim, preservação do meio ambiente das nascentes
1995 – 1996	Sim trouxe. Os jovens rurais que passaram pela escola demonstram sempre carinho, ao encontrar os amigos, também podemos analisar que a maioria ainda se encontram na agricultura, valorizando seu pequeno espaço e colhendo frutos do aprendizado no MEPES.
1988 - 1990	O fato de não residir na região e meu pouco contato com as comunidades do município de Rio Novo do Sul não sinto segura de falar dos resultados. No entanto, acredito que nas regiões onde existe Escola Família direta ou indiretamente essas pessoas fazem a diferença consequentemente o meio sócio comunitário ganha com isso.
1991 – 1994	Teve resultados no cultivo da terra, melhoria das genéticas dos animais e plantas, diversificação da propriedade, agroindústria no campo.
2008 – 2011	O interior está mais atento com os acontecimentos e avanços da vida em seu meio.

Fonte: Pesquisa de campo realizada pela autora (2014).

APÊNDICE J – Quadro 13 – A EFA hoje na visão de alguns ex-alunos

Período em que estudou na EFA	A EFA hoje na visão de alguns ex-alunos
1989 – 1992	Uma Escola necessitando de um olhar especial dos governantes e também da própria população de Rio Novo do Sul, que não está dando a verdadeira importância dessa Escola para o desenvolvimento e o progresso da região, e para a valorização do homem do campo. Mas, apesar de todas as dificuldades que enfrenta, está mantendo-se viva entre nós.
1993 – 1996	Hoje observo a Escola Família Agrícola de Rio Novo do Sul, como uma escola mais urbanizada, não está sendo valorizada pelos agricultores do município como poderia estar, a maioria dos alunos são de outros município e isso faz com que a Pedagogia da Alternância não seja trabalhada de forma completa e surta efeito na sociedade.
1999 – 2002	Hoje não é mais como antigamente, antigamente a maioria era do interior e dormia a semana toda na escola.
1997 – 2000	EFA continua tendo importância, porém não tão valorizada quanto deveria pelas pessoas do próprio município, sendo mais valorizadas por municípios vizinhos.
1996 – 1998	Uma Escola onde o Aluno, não só aprende como também coloca em prática o que aprende. Uma Escola que ensina os alunos a contribuir com a família nos deveres do dia a dia em casa.
1992 – 1996	Alguns proprietários aderiram as mudanças na forma de produzir, principalmente aqueles que tem uma visão globalizada da nova realidade hoje que buscaram se especializar e especializar seus filhos buscando culturas novas que produzam mais e mais resistente a pragas e doenças. Outros continuam a produzir de forma arcaica, sem expectativas de conseguir sobreviver por muito tempo da agricultura.
1999 – 2002	Infelizmente tenho pouco contato, mas sempre admirei a escola, os professores e os métodos de ensino, tanto dentro de sala de aula, como na agricultura.
1992 - 1996	Eu ainda acredito na escola, porém sabemos que existe uma mudança muito grande no nosso meio rural. Nosso meio rural é “urbanizado”, não existe grandes diferenças tecnológicas e culturais entre os meios, é preciso uma análise do que a escola oferece hoje a esse aluno e se atende as necessidades dos diferentes educandos.
2001 a 2003	Infelizmente hoje a escola não tem recebido tanta atenção da sociedade em geral, que devia, porém continua exercendo muito bem o seu papel de Escola Agrícola.
1989 - 1992	Como uma ótima escola e que prega valores para que o homem permaneça no campo.
2002 - 2006	O público freqüentador do colégio se configura em um perfil diferente de estudantes comparado a época em que estudei, hoje os adolescentes são difíceis de lidar, o que causa mais stress na relação dos mesmos.
1995 - 1998	Faz muito tempo que não vou na escola, mas acho que mudou um pouco.
2005 - 2008	Um pouco a desejar no que diz respeito à administração, podendo melhorar a propriedade para aumentar a produção e mesmo as condições de infraestrutura, buscando recursos para novas construções.
Mauro	Precisa de investimento e uma metodologia de ensino pra atrair alunos do interior e que incentivem a agricultura
1992 - 1995	Talvez pelas facilidades de acesso a outras escolas que tem hoje, a Escola Família Agrícola de Rio Novo do Sul perdeu sua importância. E o meio rural que poderia valorizá-la não o faz.
1993 - 1996	Uma escola que continua preservando os valores da família, os valores do campo, os valores da fé, resumindo o valor da vida, porém, parece lutar contra a maré, pois, não existe reconhecimento no trabalho da EFA, principalmente por parte dos políticos.

1996 - 1999	Não sei exatamente como está hoje, mas há algum tempo estava com uma quantidade reduzida de alunos.
1993 - 1996	Que pode estar sendo afetada pela grande quantidade de pessoas que procuram viver e trabalhar na zona urbana.
1992 - 1995	Hoje a EFA de Rio Novo do Sul não é mais a mesma, a idade dos alunos não são mais as mesmas e os monitores falando de uma forma geral muitos não tem o perfil de Escola Família, não abraçando a causa da Educação do Campo fazendo chega-la até as comunidades. Por isso, sinto que a escola se distanciou da comunidade e por isso esfriou em seus resultados positivos em relação ao número de alunos e a educação ofertada.
2003 - 2007	Como algo que enriquece o município, mas que precisa de maior divulgação, pois infelizmente muitos tem uma visão errônea da escola família, na minha opinião quem estudar nesse tipo de escola proporciona um melhor relacionamento com a família.
1995 a 1998	Hoje não vejo, a minha a nossa escola com tanto empenho produzido (verduras , legumes, alimentos etc...) para que possa ser um espelho .
1995 - 1996	Penso que muita coisa deveria mudar. A escola não consegue passar para os alunos aquilo que na minha época aprendíamos, claro houve um avanço enorme em vários sentidos da sociedade e isso causa influências, mas poderia manter o modelo de trabalho, acompanhamento que antes tínhamos.
1988 - 1990	Não sei opinar. Mesmo atuando em uma escola da mesma rede, não tenho contato
1991 - 1994	Percebo que a escola família aparentemente não atende seus reais objetivos, requer mudanças no funcionamento.
2008 – 2011	Muito boa e transmite o recado necessário.

Fonte: Pesquisa de campo realizada pela autora (2014).

APÊNDICE K – Quadro 14 – Colocaria seu filho, irmão, sobrinho hoje para estudar na Escola Família Agrícola (MEPES) Rio Novo do Sul?

Período em que estudou na EFA	Colocaria seu filho, irmão, sobrinho hoje para estudar na Escola Família Agrícola (MEPES) Rio Novo do Sul?
1989 – 1992	Sim, porque o estudo quando é valorizado e dedicado, ele dá bons resultados em qualquer tipo de escola, seja rural ou urbana, pública ou particular.
2008 – 2012	Sim, pois hoje em dia jovens estão cada vez mais não dando importância para o meio rural, e não é isso que quero para meus filhos ou parentes. Quero que eles cresçam e sejam capazes de mudar o mundo nesse sentido em relação à natureza.
1993 – 1996	Sim colocaria meu filho, irmão ou sobrinho para estudar na EFA de Rio Novo, desde que se identificassem com a Pedagogia da Alternância tivessem vontade de se formar cidadãos críticos e que saiba valorizar o meio do campo, pois o estudo nas EFA's torna as pessoas éticas, que saiba defender seus direitos e cumprir com seus deveres perante a sociedade e acima de tudo pessoas mais humanas.
1999 – 2002	Hoje não tenho como responder, pois meu filho ainda é pequeno até a idade de ele estudar as coisas vão mudar muito então vamos ver quando chegar lá.
1997 – 2000	Não vejo problema em colocar, mesmo não sendo do meio rural.
1996 – 1998	Uma escola onde o aluno, não só aprende como também coloca em prática o que aprende. Uma escola que ensina os alunos a contribuir com a família nos deveres do dia a dia em casa.
1992 – 1996	Sim, hoje a agricultura se encontra sem mão de obra e principalmente a qualificada, e a visão estão começando a mudar, pois todos dependem dos alimentos produzidos na agricultura e uma profissão importante como outras.
1999 – 2002	Sim. Fui feliz lá, tenho certeza que eles também seriam e se tornariam ótimos exemplos, com o exemplo e ensino da escola.
1992 - 1996	Primeiro analisaria o perfil da criança e da escola hoje se atendesse as necessidades colocaria sim.
2001 a 2003	Sim, caso um parente que visa a formação agrícola, indicaria com toda certeza, pois não há escola melhor para a preparação de futuros agricultores
1989 - 1992	Sim. Pois acredito no seu método
2002 – 2006	Sim, pois tenho boas lembranças de quando estudava lá, e é um ótimo aprendizado de convivência e responsabilidade
1995 - 1998	Colocaria, pois penso que o ensino é melhor e as crianças desde cedo aprendem a conviver com outras crianças e aprendem a importância do meio ambiente de modo geral.
2005 – 2008	Não, condições pouco desejáveis para um ensino fundamental, porém em um ensino médio colocaria.
Mauro	Sim, pois prepara melhor para os obstáculos da vida e convivência
1992 – 1995	Acho que não, pois hoje vivo no meio urbano e não vejo, no momento, alguma possibilidade de voltar para o interior. Por isso, a Escola Família Agrícola de Rio Novo do Sul não seria útil.
1993 – 1996	Colocaria meu filho para estudar na EFA sim. Porém, admito que todos os fatores influenciam para que o jovem vá estudar no colégio convencional, pois o transporte passa na porta de casa, o custo com a escola é zero, enquanto que no MEPES tem uma contribuição para custear a alimentação e o internato é visto como algo negativo.
1996 – 1999	Não sei como está o ensino atualmente, mas se for semelhante à época que estudei colocaria meu familiar para estudar no MEPES.
1993 – 1996	Não sei como está hoje, mas se fosse semelhante à época em que estudei, sim.
1992 – 1995	Sim. Mais para isso, seria necessário uma reestruturação na equipe de monitores, com pessoas verdadeiramente envolvidas com o campo rionovense, com uma revisão na proposta pedagógica da escola e a partir de um apoio mais

	sólido e eficaz da prefeitura Municipal de Rio Novo e demais parceiros, pois os órgãos públicos abandonaram a escola de uns anos pra cá. Retorno à pergunta. Por que será?
2003 – 2007	Sim, sem dúvidas, é uma escola que tem como objetivo educar o aluno para uma vida em grupo, respeitando o direito do próximo; ensina a respeitar o meio ambiente; mas é preciso que tenha a colaboração dos pais para que seus objetivos sejam alcançados.
1995 a 1998	Sim, pelos preceitos, pela formação educacional, pelo ambiente familiar que é construído lá.
1995 – 1996	Com certeza. Mesmo com tanta mudança ainda o MEPES é a melhor escola de ensino para a formação de um jovem, principalmente no campo.
1991 – 1994	Acredito que e a melhor escola para estudar, devido à convivência que a mesma possibilita, por meio da formação integral. Porém acha que precisa melhorar a organização e o funcionamento da escola
2008 – 2011	Sim. O MEPES continua sendo a opção mais indicada.

Fonte: Pesquisa de campo realizada pela autora (2014).

APÊNDICE L – Quadro 15 – Contribuições da Escola Família Agrícola de Rio Novo do Sul para o rural do município

Período que estudou na EFA	Contribuições da Escola Família Agrícola de Rio Novo do Sul para o rural do município
	Sim, pois muitos líderes das comunidades são ex-alunos da Escola Família, são associados das Associações Comunitárias, são moradores do meio rural e sabem das dificuldades e necessidades do campo.
1993 – 1996	Acho que a Escola Família contribuiu sim de forma positiva para as mudanças no meio rural, pois apesar de poucos mas alguns jovens continuam no meio rural dando continuidade a atividades agrícolas dos pais e outros implementaram com crescimento, e certamente esses jovens que continuam são de famílias que passaram pela EFA de Rio Novo do Sul.
1999 – 2002	Sim. Os alunos que lá estudaram passaram seus conhecimentos para seus familiares.
1996 – 1998	Sim, tem ajudado muitos. Através de cursos, palestras e o grande incentivo dos Monitores para com os alunos.
1992 – 1996	Acredito que sim, apesar do pouco conhecimento em relação ao meio rural e como estão desenvolvendo seu trabalho hoje, vejo em algumas propriedades a preocupação com o meio ambiente utilizando técnicas mais adequadas de cultivo.
1999 – 2002	Como disse anteriormente, acredito que pouco, devido ao grande número de jovens que saem em busca de empregos nas cidades.
2001 a 2003	Os poucos que ainda ficaram no meio rural, têm certa influencia da escola, que formou muitas pessoas com a capacidade de desenvolver essa atividade.
1989 - 1992	Sim. Proporcionando conhecimento para geração de empregos.
2002 – 2006	Acredito que de uma forma indireta possa ter influenciado, mas não sei exatamente como por falta de informação sobre o meio rural.
1995 – 1998	Creio que melhorou, temos mais recursos
2005 – 2008	Sim, preparou os alunos para serem aptos às mudanças, permitindo que tirem proveitos das mudanças do setor mais eficientemente, localizando oportunidades e refutando ideias inexecutáveis com auxílio da experiência que a EFA Rio Novo do Sul às deu.
1992 – 1995	Sim na formação dos alunos e nas melhorias existentes hoje
1993 – 1996	As mudanças que vem acontecendo são reflexos do capitalismo que visa o ter em detrimento do ser, como algo acima das pessoas, e a promessa de melhoria de vida que o emprego estável oferece, a EFA tenta reverter esta imagem, e acredito que grande parte dos estudantes da EFA conseguiram melhorar sua qualidade de vida, influenciados pelo grande aprendizado que a EFA proporciona.
1996 – 1999	Sim. Em algumas propriedades de ex-alunos observo uma melhor administração
1993 – 1996	Contribui de maneira a tentar minimizar essa evasão do meio rural.
1992 – 1995	Contribuiu na possibilidade das pessoas estudar, conhecer e valorizar o local onde residiam ou residem, dando oportunidades para os filhos de agricultores estudarem e concluírem uma faculdade com outras possibilidades de trabalho que não fosse no campo, mais sendo no campo.
2003 – 2007	Havia um maior número de pessoas que trabalhavam no interior.
1995 a 1998	Sim, alunos que lá estudaram, hoje são agrônomos.
1995 – 1996	Sim, o êxodo rural ocorre, mas aqueles que passaram pela escola, na sua maioria continuam no interior, como disse acima, a formação familiar também tem mostrado sinais.
2008 – 2011	Para as mudanças acontecerem é preciso ter consciência, e isso a EFA faz.

Fonte: Pesquisa de campo realizada pela autora (2014).

APÊNDICE M – Quadro 16 – Análise do meio rural de Rio Novo do Sul hoje em relação à época em que estudava na Escola Família Agrícola

Período em que estudou na EFA	Análise do meio rural de Rio Novo do Sul hoje em relação à época em que estudava na Escola Família Agrícola
1989 – 1992	Com muitas mudanças, a locomoção ficou melhor devido as estradas rurais estarem mais conservadas, o acesso a telefonia e a informática está presente na maioria da região, os produtores rurais tem mais facilidade de acesso a financiamentos de crédito (PRONAF), e estão mais conscientes da importância de usar o talão de produtor e manter as declarações anuais em dia. Por outro lado, não vemos tanto desenvolvimento na cidade, há sempre uma justificativa que o município é pequeno e a arrecadação de impostos é baixa, principalmente quando se reivindica por reajuste de salário para os professores
1993 – 1996	Avalio na época que estudei a maioria das pessoas que moravam no interior desenvolviam atividades agrícolas e pretendiam permanecer no campo, já hoje a maioria está indo para as cidades, são poucos que permanece com a agricultura, principalmente os jovens que mesmo os pais tendo propriedade preferem trabalhar como salarizados.
2008 – 2012	Bom, a cada ano passado vejo que com a ajuda de alguns projetos feito pela escola, podemos visar que a natureza está ficando mais verde, as águas graças ao projeto da nascente e bacia de RNS está ficando mais saudáveis e limpas.
1999 – 2002	Hoje melhorou muito, naquela época era muito difícil até para pagar os estudos.
1997 – 2000	Não tinha maturidade suficiente para entender o que se passava nessa época, e hoje tenho pouquíssimo contato com essa área.
1996 – 1998	Na época, eram aplicados vários cursos, palestras e tudo mais sobre o meio rural, mas eram mais difíceis, pois não havia muito conhecimento, era difícil o acesso à internet e telefone, mas no dia de hoje são mais atualizados, pois além de cursos, são feitas visitas nas grandes propriedades com ajuda de Técnicos
1992 – 1996	Alguns proprietários aderiram as mudanças na forma de produzir, principalmente aqueles que têm uma visão globalizada da nova realidade hoje que buscaram se especializar e especializar seus filhos buscando culturas novas que produzam mais e mais resistente a pragas e doenças. Outros continuam a produzir de forma arcaica, sem expectativas de conseguir sobreviver por muito tempo da agricultura.
1999 – 2002	Hoje o município sofre com o descaso político, com falta de infra-estrutura, investimentos na área agrícola para que os alunos de hoje possam permanecer na zona rural, diminuindo a quantidade de jovens que saem para as cidades em busca de empregos mais rentáveis.
1989 - 1992	Houve uma melhora substancial.
2002 – 2006	Não sei informar, pois não sou muito ligado ao meio rural do município.
1992 – 1995	Creio que melhorou, temos mais recursos
1995 – 1998	Tenho mais vizinhos, pessoas da família perto.
2005 – 2008	Poucas mudanças, porém com mais inovações tecnológicas, e ainda sendo vítima de desrespeito com a natureza, no que diz respeito às queimadas, desmatamento, caça e utilização indevida de agrotóxicos.
1995 – 1998	Melhorou bastante com o PRONAF e melhoria nas estradas, mas os jovens poucos querem trabalhar na roça
1992 – 1995	Na época em que estudava na Escola Família Agrícola de Rio Novo do Sul o meio rural tinha pouco acesso à cidade, coisa que hoje é mais fácil e tem contribuído e facilitado para o desenvolvimento do meio rural.
1993 – 1996	O meio rural de hoje tem muita influência do meio urbano, pois, uma parte das pessoas que moram no meio rural, não desenvolve atividades rurais, vivem basicamente do emprego da cidade. Os jovens de hoje não ajudam os pais na

	atividade rural. Na época que estudava na EFA as pessoas viviam das atividades rurais, os jovens ajudavam os pais e aprendiam as atividades desenvolvidas por eles.
1996 – 1999	Apesar dos avanços tecnológicos no meio rural atualmente, pela falta de apoio e incentivo a agricultura, observo que está cada vez mais crescente o número de jovens que estão buscando melhores condições no meio urbano.
1993 – 1996	Vejo um meio rural mais fragilizado devido à grande quantidade de jovens que estão procurando o meio urbano.
1992 – 1995	Muitos ex alunos permaneciam no campo, dando sequência as suas atividades, outro exemplo são as associações existente no município que surgiram a partir de ações junto ao INCAPER com curso para os alunos que foram disseminando a ideia em suas comunidades. Outro exemplo é que até pouco tempo em quase todas as comunidades o conselho comunitário era formado com algum ex-aluno. Isso está se perdendo, pois o município de Rio Novo não tem a mesma visão que tinha da escola na época em que eu estudava.
2003 – 2007	Havia um maior número de pessoas que trabalhavam no interior.
1995 a 1998	Na minha época não havia tantos meios, informatização, facilidades, muitas famílias de colegas de salas meu continuaram na lavoura, e com sucesso, mas, hoje o meio rural ainda recebe atenção como merece.
1995 – 1996	Quando estudava a nossa agricultura, meio ambiente não sofria tanta degradação, hoje estão destruindo o que pouco tinha. O uso indevido de venenos, a falta de respeito pelas nascentes, isso tem aumentado diariamente.
1988 – 1990	Percebo que na época que estudava na Escola Família existiam mais pessoas no campo e mais escolas de séries iniciais no campo. As pessoas eram mais inseridas nas comunidades e o meio rural tinha uma produção mais diversificada. Enquanto hoje as crianças do campo não tem a oportunidade de estudar no local onde mora, aumentou o uso de agrotóxicos e na região há monocultura do café e da banana.
1991 – 1994	Na época que eu estudava os jovens eram mais motivados a permanecer no campo e tinha mais dificuldade de produzir enquanto hoje em dia tem mais produção no campo e há uma escassez de mão-de-obra, pois as pessoas do campo tem procurado outros tipos de trabalho como (empresa, estudo entre outros) .
2008 – 2011	Com mudanças lentas

Fonte: Pesquisa de campo realizada pela autora (2014).

APÊNDICE N – Quadro 17 – Local onde moravam os ex-alunos em relação ao de hoje

Período em que estudou na EFA	Local onde moravam os ex-alunos em relação ao de hoje
1989 – 1992	Havia um pouco mais de matas, mais água nos rios e mais moradores. Muitas famílias abandonaram a comunidade e foram para a cidade em busca de condições de vida melhor. Mas, ainda hoje existem cerca de 35 famílias residentes na minha comunidade. O transporte escolar passa pela comunidade e as crianças estudam em Princesa e em Virgínia Nova, pois não temos escola na comunidade atualmente. Ela foi fechada em 2003 por falta de alunos, na época só havia dois alunos.
2008 – 2012	Antes quando cheguei lá estava meio que abandonado, mas quando eu e minha família mudamos pra lá, vimos que conseguimos mudar muito em relação a natureza que estava sendo destruída.
1993 – 1996	O local onde morei tinha bastantes atividades agrícolas apesar de ser uma comunidade pequena no meio rural de Rio Novo do Sul hoje têm terras paradas sem cultivo, muitas famílias se mudaram para as cidades e venderam as terras.
1999 – 2002	Melhorou.
1997 – 2000	Como eu morava nos entornos da escola, via a propriedade sempre bem cuidada, pois havia muitos alunos para dar continuidade ao trabalho, hoje a situação é bem diferente, poucos alunos, por conta disso a propriedade está menos produtiva do que era.
1996 – 1998	Era, e continua sendo uma comunidade bem humilde e muito acolhedora. Eram poucas Famílias, em torno de 15 a 18.
1992 – 1996	Hoje conta com internet, telefone, tv paga, transporte público, melhores condições das estradas rurais (existe um projeto para asfaltar), escola estadual de ensino fundamental e médio, tudo isto existe hoje. Há à aproximadamente 3 anos não existia.
1999 – 2002	Era muito bom, bastantes famílias, comunidade unida, e hoje muita gente já saiu de lá inclusive eu, mas está mais moderna, com telefone, internet, mas infelizmente com assaltos e drogas rondando toda a região, como muito pouco ou nenhum apoio de órgãos públicos, como segurança e prefeitura.
1992 – 1996	Era menor hoje em dia a comunidade cresceu muito em relação ao número de moradores.
2001 a 2003	Hoje em dia os filhos de agricultores não se interessam pelo meio rural, buscam outro tipo de formação, esvaziando as comunidades e propriedades do interior em direção aos grandes centros, um pouco diferente da minha época, quando era necessário e quase que obrigatório que quem ali nascesse, por ali ficaria e daria continuidade nos trabalhos agrícolas, passando de geração em geração.
	Com a chegada da tecnologia, houve grandes mudanças, como a chegada de sinal de celular e internet, as estradas estão melhores e há mais facilidade de acesso a informação.
1989 – 1992	Meus pais ainda moram lá. E possuem uma agroindústria de juçara ao lado da residência.
2002 – 2006	Continua muito semelhante, pouquíssimas coisas mudaram.
2005 – 2008	As culturas agrícolas não mudaram, apareceram novas construções domiciliares, novas atividades agrícolas diferenciadas, como agroindústrias, por exemplo.
1992 – 1995	Hoje para trabalhar melhorou muito com as novas técnicas e máquinas que facilitam o trabalho
1992 – 1995	Não mudou muita coisa.
1993 – 1996	O local onde moro era uma casa muito simples e com o passar dos tempos conseguimos melhorar bastante.

1996 – 1999	Na minha comunidade houve uma perda muito grande da força de trabalho jovem, já que a maioria foi para a região urbana. Já na propriedade de minha família houve uma melhora importante devido ao trabalho sustentável com a polpa da palmeira juçara
1993 – 1996	Na minha comunidade, noto uma perda da força do homem do campo.
1992 – 1995	O local onde eu morava não tinha tantas facilidades como existe hoje. Muitas mudanças ocorreram, por exemplo: as casas são melhores, as estradas estão bem melhores, há igreja na comunidade, uma associação ativa, escola perto de casa, porém longe dos ensinamentos voltados para o (a) jovem do campo, transporte escolar em três horários por dia, jovens cursando faculdades particulares, federais ou bolsistas, internet, TV, telefone, secador e pila de café, galpão para atender as necessidades da comunidade, pessoas que moram na comunidade e trabalham em outros segmentos, outros que continuam com as atividades do campo. Por outro lado, perdemos o contato um com o outro, raramente as pessoas se visitam, pois a internet e o telefone limitou o contato entre as pessoas. Quanto mais próxima, mais distante as pessoas estão ficando umas das outras.
2003 – 2007	Não mudou muito, grande parte dos moradores estudaram no MEPES, porém hoje quase não há estudantes daquela localidade frequentando essa escola. Mas em relação à agricultura evoluiu.
1995 a 1998	Era uma área descoberta, sem muito verde, hoje temos 70% do terreno coberto
1995 – 1996	Tudo tem avançado, às vezes não sei até onde isso é melhor.
1988 - 1990	Tínhamos uma propriedade menos estruturada com plantações agrícolas, não tinha preocupação com a genética dos animais. Hoje há uma maior preocupação com a raça dos animais, melhorou a estrutura da propriedade, cultivo da variedade do café conilon e consórcio de cacau e banana, melhoria na captação de recursos hídricos na propriedade. O acesso ao transporte e meios de comunicação.
2008 – 2011	Usava muita monocultura, leite e hoje já se observa alguns feirantes com uma produção diversificada.

Fonte: Pesquisa de campo realizada pela autora (2014).

APÊNDICE O – Quadro 18 – Atividades desenvolvidas pela família quando aluno(a) da EFA

Período em que estudou na EFA	Atividades desenvolvidas pela família quando aluno(a) da EFA
1989 – 1992	Agricultura e pecuária, e continua sendo à base da economia hoje.
1993 – 1996	As atividades desenvolvidas pela minha família era café, banana, algumas frutíferas, plantava arroz, feijão... etc, hoje meus pais moram no distrito de Cachoeiro de Itapemirim, não tem espaço para cultivar, mas continuamos mantendo algumas plantações no Município de Rio Novo dando manutenção e colhendo um pouco de café, banana e algumas frutas.
1999 – 2002	Naquela época papai trabalhava só na roça, e mamãe bordava, hoje papai trabalha na roça e no curral, e mamãe borda.
1997 – 2000	Meus pais ainda continuam dando aula no MEPES
1996 – 1998	O desenvolvimento da minha Família era de plantio de café e banana. Com o passar de alguns anos foi feita uma experiência com a produção de doce de banana: A Mariola. Que hoje ela ainda permanece como uma renda familiar.
1992 – 1996	As atividades continuam as mesmas, o que mudou foi à genética, o café que antes era arábica, hoje é clonal, a banana tornou-se mais resistente as pragas e doenças, e a produção bovina também melhorou, possibilitando maior produção em menor área e com menos uso de insumos.
1999 – 2002	As principais eram plantação de café, banana, arroz, milho, hortaliças e alguns animais. Hoje se mantém o café e a banana como fonte principal de renda.
1992 – 1996	São desenvolvidas atividades de plantação de coco, cacau, café, milho, mandioca e feijão.
1992 – 1995	Continuam as mesmas, atividade agrícola de Café.
1989 – 1992	Banana, café e gado bovino de leite. Hoje: banana, café e Juçara (polpa).
2002 – 2006	Relacionado ao meio rural, apenas o fato de meus pais trabalharem na EFA.
1995 – 1998	As mesmas atividades, plantações de café e banana, portanto, hoje meus pais estão aposentados e os filhos que cuidam das plantações.
2005 – 2008	A principal atividade era a agricultura, principalmente a cultura do café, banana e a criação de gado. Hoje além dessas existe a agroindústria que processa a banana.
1995 – 1998	Não mudou, pois sempre cultivamos café e banana a mudança que teve e do café arábica pro conilon pois o clima esta ficando quente sendo que antes era o tropical e chovia bastante
1992 – 1995	Minha família cultiva café e banana para comercialização, além de outros produtos para o consumo próprio, como: feijão, arroz, hortaliças, frutas, etc. Hoje minha família não vive mais na propriedade
1993 – 1996	As atividades desenvolvidas pela família era a cultura do café e a pecuária leiteira e hoje além da cultura do café e a pecuária a família também produz palmito, acerola e possui plantio de eucalipto.
1996 – 1999	Cultivo de banana, café e criação de gado. Hoje trabalhamos com produção de polpa de juçara.
1993 – 1996	Cultivo de banana, café e criação de gado. Hoje trabalhamos com produção de polpa de juçara.
1992 – 1995	A minha família trabalhava com café, banana, gado em pouca proporção, hortaliças e criações de porcos, peixes e galinhas para o consumo. Além de cultivar vários tipos de frutíferas. Hoje, destes todos continuam, acrescentando a fábrica de mariolas. As atividades antes da EFA em nossas vidas eram somente de agricultores, hoje além dessa atividade há também a profissão de professor, sendo duas professoras na família (eu e minha irmã Ildranis)

2003 – 2007	As mesmas (cultivo de café e banana), porém com mais tecnologia e maior conhecimento sobre as culturas.
1995 a 1998	A mesma , cultura do café, antes sem irrigação agora irrigada.
1995 – 1996	Antes o moinho de fubá funciona muito bem, hoje com a falta de água não funciona mais, os doces de mamãe com coco e gengibre já não são feitos como antigamente entre outras.
1988 - 1990	Antes cultivava mais culturas anuais, produção de leite e queijo. Trabalhava de meeiro para cultivar café e banana. Hoje existem outras fontes de renda além da propriedade estar mais estruturada com as atividades supracitadas.
1991 – 1994	Antes cultivava mais culturas anuais, produção de leite e queijo. Trabalhava de meeiro para cultivar café e banana. Hoje existem outras fontes de renda além da propriedade estar mais estruturada com as atividades supracitadas.
2008 – 2011	Tinha o plantio de hortaliças e fruticultura, mais meu pai trabalhava empregado e o sítio era pequeno.

Fonte: Pesquisa de campo realizada pela autora (2014).

APÊNDICE P – Quadro 19 – Os desafios e realizações como aluno da Escola Família Agrícola (MEPES) Rio Novo do Sul

Período que estudou na EFA	Os desafios e realizações como aluno da Escola Família Agrícola (MEPES) Rio Novo do Sul
1989 – 1992	A condução até chegar a Escola, conseguir manter as despesas, pois a renda familiar era muito baixa e concluir o curso.
2008 – 2012	Desafio era fazer com que as pessoas parassem de queimar, desmatar e destruir o meio no qual nós mesmo vivemos. E as realizações é que conseguimos fazer com que algumas pudessem mudar o meio de pensar e salvar a natureza.
1993 – 1996	Os principais desafios e realizações enquanto aluno eram implantar as técnicas que aprendia na escola, fazer as pessoas da comunidade valorizar a EFA e colocar seus filhos para estudar, mudar a cabeça dos agricultores em trabalhar com o novo, quando já estavam acostumados a trabalhar de uma forma e não aceitavam mudanças, a distância da escola até minha casa também dificultava, pois o transporte era precário e quando chovia o ônibus não chegava a EFA.
1999 – 2002	Desafios eram o estágio, e os trabalhos de observações
1997 – 2000	A questão de infra estrutura, hoje tem-se uma infra muito melhor do que a época em que estudei, hoje tem laboratórios de ciência e informática, essas coisas facilitam no aprendizado
1996 – 1998	Os desafios eram de cumprir com os deveres e normas da Escola, e as realizações eram de através disso, conseguir uma boa produção do que se aprendia na Escola.
1992 – 1996	Era de estudar e conseguir conciliar as novas transformações, ou seja, trazer a prática para a realidade.
1999 – 2002	Terminar os estudos como o objetivo de se tornar alguém melhor, tanto profissional como pessoalmente.
1992 – 1996	Sofri muito preconceito em relação a ser estudante dessa escola, porém em relação a conhecimento e competência acadêmica era muito superior tinha muita facilidade em relação aos demais educandos, nas outras escolas que frequentei, sempre soube da oportunidade e que dessa facilidade a escola foi responsável pelo meu sucesso, então não tinha o que questionar, sempre tive visão de mundo, fui segura do que queria e essa visão de mundo e segurança foi desenvolvida no MEPES.
2001 a 2003	Ficar por uma semana longe da família, e a distância para chegar até a escola, pois era preciso andar 03 km a pé para ter acesso ao transporte.
1989 – 1992	A falta de recurso. E as aprovações em cada ano.
2002 – 2006	Se integrar em atividades rurais, e práticas.
1995 – 1998	Era conseguir concluir o ensino e realizações foi ter conseguido terminar o ensino.
2005 – 2008	O principal desafio era a aceitação por parte da sociedade de um ensino diferencial, e a realização é mostrar que esse ensino pode dar frutos e na maioria das vezes mais “maduros” e “maiores”.
1993 – 1996	Na época, o principal desafio era conseguir se firmar como agricultor, extraindo renda e qualidade de vida do campo.
1996 – 1999	Desafio: ficar fora de casa por 5 dias - Realizações: Aplicar o aprendizado teórico na prática.
1993 – 1996	Na época, o meu maior desafio era ficar 5 dias fora de casa, mas que era minimizado pelas amizades
1992 – 1995	Principais desafios eram a dificuldade da família em manter os filhos na escola pelas dificuldades encontradas no campo rio-novense na época. Então isso também era pra mim um desafio, pois sabia das dificuldades encontradas por meus pais. As realizações eram diversas, só o fato de estar estudando era pra

	mim a maior de todas as realizações.
2003 – 2007	Pelo fato de não ser muito conhecida à escola, por não ter um interesse de algumas pessoas em conhecer como a escola funciona, muitas pessoas criticavam o fato de estar estudando no MEPES; tinha dificuldade com o transporte;
1995 a 1998	Condução (Transporte de casa pra escola, e da escola pra casa)
1995 – 1996	O primeiro desafio era ficar fora de casa, batia muita saudade, o clima, a distância e as locomoções eram grandes desafios.
1988 – 1990	Acesso ao transporte e comunicação, na realização das atividades da estadia tinha dificuldades, poucas pessoas apoiavam.
2008 – 2011	O transporte

Fonte: Pesquisa de campo realizada pela autora (2014).

APÊNDICE Q – Quadro 20 – Análise dos ex-alunos sobre a metodologia aplicada na Escola Família Agrícola (MEPES) Rio Novo do Sul

Período em que estudou na EFA	O estudo da metodologia aplicada na Escola Família Agrícola (MEPES) Rio Novo do Sul
2008 – 2012	É muito importante para o meio onde vivemos.
1993 – 1996	O estudo na EFA de Rio Novo foi muito bom e me possibilitou muito conhecimento no Ensino Fundamental que foi a base para as minhas escolhas pessoal e profissional, me considero uma Mepiana de raiz, pois valorizo muito a instituição que a mais de 46 anos vem formando jovens para o meio rural e profissionais de qualidade críticos e éticos. Muito bom necessário e enriquecedor.
1999 – 2002	Bom, ensina a lidar com a roça a organizar as coisas desde a limpeza e cozinhar e etc...
1996 – 1998	Os Estudos são bem Qualificados, pois além de aprender as matérias que eram aplicadas, também tínhamos a parte prática, ou seja, colocávamos em prática o que aprendíamos.
1997 – 2000	Decaiu muito, naquela época havia professores que se importavam realmente com a “escola”, não é a realidade da maioria dos professores de hoje.
1992 – 1996	Os estudos voltados para as matérias básicas estão dentro do padrão o que falta é o que está citado na questão 19.
1999 – 2002	Muito bom, não deixa nada a desejar para as escolas públicas da região.
1992 – 1996	Fazendo uma análise da época em que estudei penso que a formação é de qualidade e que os conhecimentos eram desenvolvidos com os educandos de forma crítica e reflexiva.
2001 a 2003	Muito bom, uma boa grade de ensino, bem avançado em relação a outras escolas públicas.
1989 – 1992	Muito bom. Não tenho o que reclamar.
2002 – 2006	Regular.
1995 – 1998	Quando eu estudava eu gostava muito, os professores eram muito bons.
2005 – 2008	Eficaz, mas passível de melhoras.
1992 – 1995	Bom.
1993 – 1996	O estudo é adequado aos estudantes do meio rural.
1996 – 1999	Acho muito importante a abordagem teórico-prática
1993 – 1996	Gostei muito.
1992 – 1995	Hoje não tenho como responder, pois estou fora do quadro da equipe, mesmo assim vejo que pode haver melhorias no se refere a escola de uma forma geral, tanto no que se refere a escola, como as parcerias.
2003 – 2007	Bom, porém tem potencial para melhorar, e de quando me formei até hoje sei que melhorou e muito, como por exemplo, a inclusão da língua inglesa, que na minha época não tinha.
1995 a 1998	Muito bom importante.
1995 – 1996	Acho mega maravilhoso, mas hoje em dia poderia ser melhor.
2008 – 2011	Não me vejo em outra situação, pois eu era muito tímida.

Fonte: Pesquisa de campo realizada pela autora (2014).

APÊNDICE R – Quadro 21 – Atividades realizadas pelos ex-alunos depois de terem concluído os estudos na Escola Família Agrícola (MEPES) de Rio Novo do Sul

Período em que estudou na EFA	Atividades realizadas pelos ex-alunos depois de terem concluído os estudos na Escola Família Agrícolas (MEPES) de Rio Novo do Sul
1989 – 1992	Fui para Vila Velha morar com uma tia e fiz o Magistério, voltei para a minha comunidade e comecei a lecionar na Escola daqui. Em 1999 ingressei no curso de História na Faculdade São Camilo, em Cachoeiro de Itapemirim, onde concluí o curso em 2002. Em 2004, fiz uma pós- graduação a distância em Cabo Frio-RJ, na área de História do Brasil. E atualmente leciono para a turma do 5º ano do Ensino Fundamental (Educação Básica), na EMPEIEF “Maria Giacomelli Peterle”, em Virgínia Nova, interior de Rio Novo do Sul.
2008 – 2012	Fui para a Escola Família Agrícola (MEPES) Cachoeiro de Itapemirim para que terminasse o estudo lá.
1993 – 1996	Após concluir o Ensino Fundamental na EFA de Rio Novo do Sul conclui o Ensino Médio em Escola Pública, e quando tive oportunidade cursei Faculdade de Ciências Biológicas no Centro Universitário São Camilo, nesta época trabalhava na EFA de Rio Novo do Sul como secretária depois continuou participando de formação de Professores do MEPES, Cursos Profissionalizantes, e Pós Graduação em Educação Ambiental.
1999 – 2002	Ensino Médio incompleto
1996 – 1998	Após o término da 8ª série no (MEPES), continuei os estudos em uma Escola Pública até o 2º grau.
1997 – 2000	Após concluir os estudos em RNS, foi para a EFA-O, lá conclui meu ensino médio, infelizmente não terminei o técnico.
1992 – 1996	Fiz o Ensino Médio na Escola Família Agrícola de Olivânia no qual obtive o curso técnico agrícola; conclui a faculdade de geografia estou concluindo o curso técnico de mineração (IFES).
1999 – 2002	Continuei ajudando meu pai na lavoura, mas logo depois surgiu a oportunidade de emprego fora, e sai.
1992 – 1996	Dei continuidade aos estudos concluindo posteriormente a faculdade e prestando concurso público.
2001 a 2003	Concluí o restante do ensino fundamental e Médio numa escola Pública e Estadual, e logo após fiz e passei num concurso Público Municipal.
1989 - 1992	Fiz faculdade de Odontologia(UFMG), trabalhei concursado no INCRA-AM como técnico em agropecuária e sou graduando em medicina(UEA).
2002 – 2006	Fui encaminhado à escola de ensino médio Waldemiro Hemery
1995 – 1998	Por causa da distância eu parei de estudar só voltei e completei o estudo 4 anos depois
2005 – 2008	Continuei estudando na EFA Castelo e hoje cursando ciências biológicas na UFES – Alegre.
1992 – 1995	Fiz o 2º grau, a faculdade e depois pós graduação
1993 – 1996	Parei os estudos e comecei a trabalhar empregado, devido à baixa renda extraída da propriedade naquela época, só mais tarde voltei a estudar e aos 29 anos conclui o meu curso de graduação e aos 31 após convite, voltei à mesma EFA, para dar aula, permanecendo por 2,5 anos, saí para assumir a secretaria municipal de administração.
1996 – 1999	Iniciei o ensino médio no colégio estadual da minha cidade e prestei o vestibular
1993 – 1996	Fiz o ensino médio e prestei vestibular.
2003 – 2007	Conclui meu ensino médio e estou concluindo o curso de Engenharia Agrônômica no Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Espírito Santo (Alegre).
1995 a 1998	Agradecer a Deus, depois fui fazer o ensino médio..
1995 – 1996	Continuei a estudar e me formei em Administração.
1988 - 1990	Estudar e me aperfeiçoar na educação do campo.
2008 – 2011	Continue os estudos na EFA de Cachoeiro de Itapemirim

Fonte: Pesquisa de campo realizada pela autora (2014).

APÊNDICE S – Quadro 22 – Pontos fortes e fracos da Escola Família Agrícola (MEPES) Rio Novo do Sul

Período em que estudou na EFA	Pontos fortes e fracos da Escola Família Agrícola (MEPES) Rio Novo do Sul
1989 – 1992	Pontos Fortes: A organização e metodologia de ensino. O incentivo ao aluno de estudar, trabalhar e permanecer no campo. Pontos Fracos: A carência de profissionais que se identificam com a EFA, a falta de recursos para investimento e aprimoramento da infraestrutura da Escola.
1993 – 1996	Os pontos fortes da EFA de Rio Novo é a sua história de 45 anos formando jovens do campo, contribuindo para o crescimento do meio rural, o ponto fraco é a falta de divulgação não tem mostrado os seus trabalhos para a sociedade falta de valorização do próprio município com o trabalho da EFA.
1999 – 2002	O estudo era bom, e ensinava a trabalhar. Não me recordo dos pontos fracos, eu gostava de tudo.
1997 – 2000	A pedagogia da alternância para mim é um ponto extremamente positivo. Como ponto fraco eu poderia destacar o total despreparo de alguns funcionários e professores para lidar com esse tipo de escola que tem uma proposta diferenciada de ensino.
1996 – 1998	Pontos fracos, não sei se tem, pois é uma Escola com um ótimo desempenho.
1999 – 2002	Pra mim só tem pontos bons lá, o ruim eram a falta de investimentos do governo na escola
1992 – 1996	O ponto forte da escola é a forma de trabalho contextualizado sempre partindo da realidade do aluno desenvolvido através de e método de investigação proporcionando o educando a ser agente de seu conhecimento, dessa forma o aluno se sente valorizado ao partilhar suas experiências e aprende de forma mais significativa a partir do seu contexto podendo comparar realidades e agir posteriormente sobre seu meio.
2001 a 2003	Pontos Fortes: forte relação entre Pais, Alunos e Professores; continuidade dos estudos na semana em que o aluno fica em casa; respeito rigoroso às normas da escola. Pontos Fracos: falta de divulgação dos trabalhos feitos na escola, o que poderia gerar um apoio e incentivo dessa nova geração em estudar na escola.
2002 – 2006	Colégio proporciona uma experiência diferenciada para seus alunos, os pontos em contato com o meio rural, ponto fraco é que na época questões tecnológicas eram menos postas em pauta, hoje este quadro já mudou, pois a escola conta com um extenso laboratório de informática com bons computadores
1995 – 1998	Não há pontos fracos, os professores eram bons e alimentação adequada.
2005 – 2008	Em consideração a minha época os pontos fortes eram os professores que eram empenhados, a pedagogia, a alimentação, os trabalhos práticos. Os pontos fracos eram o alojamento, pouca informatização para os alunos, quadra ruim e descoberta para as atividades físicas.
1992 – 1995	Pontos fortes: a pedagogia de alternância, as disciplinas específicas, o caderno da realidade, as atividades diárias e práticas que eram feitas em grupo.
1993 – 1996	Pontos fortes: Monitores da região, estudantes do Município e de municípios vizinhos. Pontos fracos: pouca visibilidade pela sociedade, prédio antigo precisando de reformas.
1996 – 1999	Pontos fortes: Professores, convívio em grupo, abordagem de agricultura sustentável e preservação ambiental. Pontos fracos: Falta de infraestrutura adequada e pessoas capacitadas para estimular a prática de esportes e exercícios físicos.

1993 – 1996	Pontos fortes: amizades, professores amigos, aprendizado de vida. Pontos fracos: A comida poderia ser um pouco mais variada.
1992 – 1995	Fortes: educação para filhos e filhas de agricultores, valorização do homem, da mulher e dos jovens do campo. Fracos: monitores sem perfil para atuar em EFAs, necessidade de uma revisão curricular da escola, abandono por parte dos órgãos públicos do município de Rio Novo do Sul, perda do vínculo da escola com as comunidades
2003 – 2007	Pontos fortes : Ter um ensino totalmente diferenciado em relação a maioria das escolas, por se preocupar principalmente com a vida de grupo do aluno, ter um trabalho em equipe, divisões de tarefas.; Pontos fracos: pouco apoio político e divulgação.
1995 a 1998	Ponto fraco : falta de apoio de autoridades. Ponto forte é que sempre a equipe era determinada.
1995 – 1996	Fortes são a maneira e metodologia de ensino. Fraco é a falta de divulgação dos trabalhos da escola.
1988 - 1990	Pontos fortes – antes tinha mais participação das comunidades. Pontos fracos – falta de articulação com as comunidades. A credibilidade da comunidade em relação à escola.
2008 – 2011	A escola era muito boa na teoria, porém precisa melhorar na prática com os alunos.

Fonte: Pesquisa de campo realizada pela autora (2014).

APÊNDICE T – Quadro 25 – O rural na década de 1960⁷⁷

Comunidades	DÉCADA DE 1960
Arroio das Pedras	Tinha muito mais participação na igreja, o pessoal se unia mais para trabalhar na comunidade, a igreja vivia sempre cheia, era muito mais motivados do que hoje Mudou, também em relação ao trabalho na agricultura, porque num tempo tinha mais pessoas que trabalhavam na roça. Mudou também que antigamente era tudo mais manual, hoje já veio à tecnologia, trabalhava com roça branca, hoje é mais café e banana, eu acho que mudou bastante. Também, não se usava agrotóxicos que usa hoje, tudo que a gente colhia era saudável.
Baixo São Vicente	Aqui, por exemplo, tinha produção de leite muito grande, café já tinha diminuído bem, mas ainda tinha alguma coisa, era uma produção grande, grande mesmo de leite, depois foi só fracassando, foi só diminuindo, daí pra frente. Na década de 1960, 1970 a principal fonte de renda das famílias era a agricultura, a família toda praticamente, inclusive os jovens, todo mundo trabalhava. Por que não tinham “tec, tec”. Gente eu não aguento isso. No natal lá em casa eu proibi todo mundo, “guarda essas porcarias, não tem que ninguém conversar com gente de fora, nós vamos conversar aqui, a não, não aguento”. Eles estão hipnotizados. Um das coisas que eu também acho que ajuda a mudar é que antes as pessoas trabalhavam na agricultura com prazer, todo mundo junto e ajudando a família. Tinha mais brincadeiras do que hoje. Muito mais, mas olha a gente dançava, a gente cantava, tomava banho de rio, um ia à casa do outro, quando uma mulher ganhava bebê ou alguém que fizesse cirurgia, todo mundo ia visitar, levavam galinha para fazer a canja. Hoje, muitas coisas se perderam e outras vieram que não conseguiram substituir o que as pessoas viveram naquela época.
Cachoeirinha	
Capim Angola	O que mudou são os encontros, as festas, qualquer movimento social que acontecia dava muita gente, hoje em dia, não tem mais tanto movimento, faz uma festa não tem mais aquele povão, o pessoal não anda mais a pé, todo mundo só vai se tiver um carro, se tiver uma moto. Eu lembro quando eu era criança e morava em São Francisco, tinha ainda meus dez anos, juntava aquele monte de gente a pé lá de São Francisco e vinha na festa de Capim Angola, ou ia lá a Tocaia, Morro da Palha, hoje em dia nem o do lugar quase não vai mais. Então são coisas que vão mudando de ano a ano.
Copaíba	Tinha uma criançada, uns adolescentes muito animados, menina em gincana a gente saía daqui para ir a São Caetano participar, eram uma turma muito animada, a gente tinha uma grupo bom de animação, mas hoje...
Couro dos Monos	Eu acho que a mudança que teve que pode ter sido melhor é o fato das pessoas de lá ter seu emprego e ter seu salário todo mês. Agora por outro lado, a questão da agricultura, a gente plantava feijão, arroz, milho, criava galinhas, estas coisas para se manter hoje não colhe mais, então isto foi uma coisa que piorou muito. Então as pessoas tendo a facilidade de ter um emprego e comprar são mais fácil do que produzir. E a questão do clima que já veio desfavorecendo.
Itataíba	Mudou muita coisa, mudou o clima, mudou as famílias que não ficam mais direto na roça, uma boa parte já saíram e estão empregados, o principais são estes. Na década de 70, a maioria trabalhava só na agricultura, não tinham estas outras atividades Não, eu até estava comentando com meu pai, poxa pai o senhor criou seis filhos e conseguiu manter todos na roça, hoje eu tenho dois, um já é empregado e o outro

⁷⁷ As informações contidas nos apêndices referentes ao meio rural de Rio Novo do Sul foram elaboradas com base em entrevistas realizadas com moradores das comunidades, sendo estes lideranças, ou que moram na comunidade há mais de 30/40 anos. Estes estão identificados no APÊNDICE BB – Quadro 33 – Pessoas entrevistadas por comunidade para a análise do meio rural e da EFA em Rio Novo do Sul. Uma análise da década de 1960 aos dias atuais.

	<p>não sei como vai ficar. Mudou bastante. Parece que mudou alguma coisa para melhor, mais muitas para pior, eu vejo que a tecnologia ajudou e atrapalhou muito.</p>
Monte Alegre	<p>A pessoa depende, é claro que você tem que trabalhar, se você quiser ter alguma coisa tem que ver o lado financeiro, é tem que trabalhar, comprar as coisas. Olha naquela época, o que mudou? As coisas vão mudando assim que às vezes você nem nota muito, mas aí às vezes as pessoas vão tipo assim, plantando mais roça, naquela época era pasto bem mal tratado no caso, e hoje as coisas vão mudando assim, eu fui plantando banana, café conilon não produzia naquela época, e hoje na verdade é tudo café conilon em nossa comunidade. E foi ampliando as coisas, naquela época o que mudou? A gente não tinha carro, era uma bicicleta, cavalo, depois nós compramos um jeep, o primeiro que comprou aqui em Monte Alegre, aí as coisas vão mudando, a coisas vão melhorando, nós colhíamos muita banana, muita banana mesmo e era muita gente que trabalhava, nós trabalhávamos em 10 pessoas você podia colher na faixa de 18 a 20 mil quilos de banana a cada corte. E aí as coisas vão mudando, hoje é carro novo, e vai embora modificando, o que mudou muito foi isso, mais também mudou muito assim também tipo assim, as águas antigamente eram muito mais, hoje você vê que tem quase nada, muito pouco. E em relação aos cultivos, naquela época a gente plantava muito milho, feijão, arroz, hoje já se planta bem pouco. Porque naquela época era uma cultura mais pra subsistência. Plantava e ficava com aquilo para consumir em casa. E era muita gente, era família grande então tinha que plantar, porque se fosse plantar tudo. Hoje a família é pequena, aí você hoje vai plantar arroz? Vai lá e compra cinco quilos de arroz e é bem mais fácil. Mais tem uma coisa também, eu vejo agora assim, antigamente o pessoal mais velho trabalhava igual burro de carga, eles tinham coragem de plantar uma moitinha de milho no meio da mata, e subir um morro a pique para plantar esta moita de milho.</p>
Mundo Novo	<p>Na década de 70 em relação ao trabalho na agricultura mudou nossa muita coisa, era todo mundo trabalhando na agricultura. Metia machado nas matas, derrubava, tacava fogo. Mais num ponto, era só mata, quem vai viver? Não é verdade? Tem que ter um pedaço de terra para cultivar também. Antigamente a pessoa pegava um animal e ia buscar um remédio em Rio Novo a cavalo, naquelas estradinhas só picadas assim iguais um degrau, esta estrada nossa aqui mesmo era tudo degrau o animal passava em cima e ia catando as pedras uma por uma. Parece até uma mentira dizer isto. Mais antigamente era tudo colhido, a gente olha para os morros assim os morros de pasto eles matavam era tudo amarelinho, arroz puro dava um vento chegava chiar o arroz. Era bonito de se ver. Hoje esta um paraíso, antigamente as coisas saiam daqui, à gente levava a tropa, levava laranja para vender na rua, em Rio Novo de madrugada, saia com dois ou três animais, tinha uma fábrica de cerveja lá no Leitão em Rio Novo, na década de 50 eu acho que era 55, então eram difíceis as coisas, não tinha estrada e nada, cada proprietário chegava e limpava sua estradinha de enxada. Em relação ao amor ao trabalho na agricultura, na década de 60/70, as pessoas tinham mais amor à agricultura do que hoje, assim mais vontade de trabalhar, incentivo de plantar e colher, mais não eram plantadas na técnica. Antigamente cada proprietário colhia sempre seus 100 a 150 sacos de milho colocava no paiol e tinha galinha, porco, comia tudo. Matava porco, tinha porca de cria, aquele galinheiro grande, ao redor da casa, era uma nojeira danada, cagava tudo, fedia muito mais. Agora não, agora é tudo mais limpo.</p>
Pau D'Alho	<p>Era assim muito deserta, depois que nós viemos para cá foi que começou a ter mais coisas. A única coisa que tinha aqui era só uma serraria de pedra que fica dentro da nossa comunidade e os produtores de leite. Agora fora isso não tinha quase nada. As pessoas trabalhavam mais no rural e menos fora. Só que depois foi mudando e evoluindo mais. Naquela época, as pessoas se dedicavam mais na agricultura do que hoje.</p>
Princesa	<p>Nossa vida mudou muito, quase não tinha estradas naquela época, o transporte era a cavalo. Nós compramos um jipinho, não me lembro quando que foi o</p>

	<p>primeiro jeep, mas sei lá acho que foi em 1970, quase 80 eu acho, agora hoje é assim tem carro, tem moto praticamente em todas as casas.</p> <p>Aqui nessa rua aqui só tinha a casinha deles aqui e outra casa aqui, não tinha nada dai pra lá. Pra estudar eu tinha que ir, eu sei que Duas Barras a Campinho eu ia a pé, eu subia ali e era uns 04 km.</p> <p>E, por exemplo, as culturas, a forma de trabalhar, tudo isso mudou tudo. Assim, uma mudança que teve, além do sistema de transporte que aumentou, também a tecnologia em adubações, quando eu comecei a trabalhar na roça não tinha adubos não naquela época, começamos em 75 mais ou menos, a primeira vez que começamos a colocar adubos eu lembro, não tinha adubação, técnicas, curva de nível, depois a Escola Família começou, naquelas épocas mesmo, então mudou bastante, existia a agricultura de subsistência o milho, eu lembro que papai plantava muito milho, feijão e arroz, tinha cana pra fazer café.</p> <p>O que colhia consumia em casa mesmo. Tínhamos energia própria, tinha e ainda lembro quando colocaram e era muito ruim, e a maioria tinha energia própria. Eles tinham energia e eu não era lamparina mesmo. Era tudo gerador. A energia chegou em 1985.</p> <p>Quantas dificuldades que nós vimos nossos pais passarem. Sem estradas, nossa vida eu socava arroz no pilão, tinha que socar por volta de duas horas pra fazer pra janta. Minha nossa quanta dificuldade pra separar aqueles marinheiros do arroz e os outros trabalhavam. O arroz só tirava aquela casca.</p> <p>Era um ajudava o outro. Portanto, matávamos um porco e dividíamos com todo mundo. Seu ai também fazia isso matava um porco e dividia, se galinhas, se tivesse ovos, se tivesse a mais dividia com os outros. Na minha família era assim dividia com os vizinhos.</p> <p>Era chamada de brizola, levar pedaços para os vizinhos. Quantas vezes eu sai pra levar brizola.</p>
Quarteirão de Sant'Ana	<p>Quarteirão não tinha 10% do povo que tem hoje, nem dá pra calcular, tinha uns 5% eu acho, tinha ninguém quase não, as casinhas de palha a maior parte, outras de Eternit, aqui pra cima ainda tinha casas de palhas, a estradinha aqui era uma trilha de carro em uma certa parte, o resto no meio das roças era tudo sem estradas, começou a fazer as estradas de roça dai pra cá, da década de 80, daí pra cá que começamos a fazer estradas no meio dos morros, hoje tem estradas no meio de tudo o que é bananal.</p> <p>Pouca gente que trabalhava na agricultura, quem incentivou o povo a plantar muito aqui café e banana, fomos nós quando chegamos aqui, quando viemos pra cá, ninguém tinha quase nada não, umas moitinhas de bananas, mas muito pouco, era muito mato, tinha quase nada, e onde nós compramos a propriedade era um pasto abandonado que com a época de uma seca brava que havia dado, os gados tinham comido tudo, nem capim tinha, tinha nada, só umas cercas velhas, no meio tudo cercado, não tinha nada no terreno, só vara de visgo, sapé, baleeira, não tinha nada, banana muito pouco, umas moitinhas de banana, uns pezinhos de café, plantio de café ninguém tinha não, tinham uns pezinhos perto de casa, uns pés de café conilon, uns pezinhos de banana, ai começamos e enchemos o terreno todo de banana, naquela época era o ouro daqui, banana e café dava dinheiro, ai na época não começamos com animal, com lavoura de café e banana ai nós ganhamos muito dinheiro, foi fácil pagar o terrenos que compramos com isso dai, compramos sem dinheiro e pagamos.</p> <p>Minha filha, não tinha quase ninguém aqui não, a maioria era de empregado</p>
Santa Cruz	<p>Se as pessoas tinham mais amor à agricultura, se tinham mais pessoas trabalhando na agricultura. O pessoal vivia da agricultura, os preços eram melhores, as pessoas viviam mais fáceis, naquela época eu poderia dizer que ninguém saia para trabalhar fora.</p>
Santa Helena	<p>Mudou e muito e mudou para melhor. Todo mundo, eu mesmo trabalhei quantos e quantos com meu pai na roça. Mais eu sempre trabalhei na roça, capinava e fazia tudo. Café eu tiro até hoje, se pegar uma moita de café boa ainda panho e vou longe, só não quero mais não.</p>
Santa Rita	<p>As coisas que as pessoas tinham aqui mudaram muito de dono. Por exemplo, quem tinha vendeu, outras pessoas compraram.</p> <p>Naquela época não tinha energia, agora tem, não tinha uma geladeira agora todo</p>

	<p>mundo tem, ninguém tinha um telefone hoje todo mundo tem. Quer dizer, a tecnologia das coisas mudou muito.</p>
São Caetano	<p>Na década de 70 plantavam na minha comunidade, plantavam arroz, feijão, milho e têm famílias que foram criadas, criou uns dez filhos dentro de uma propriedade plantando arroz e feijão.</p> <p>A agricultura era pra subsistência, hoje acabou, quem planta um feijãozinho lá hoje ainda somos nós que vendemos ainda para o pessoal lá da nossa comunidade. Na década de 70, só tinham algumas pessoas que trabalhavam fora e o restante todos nós vivíamos da agricultura com pouco dinheiro, de bicicleta, a cavalo e estava ali.</p>
São Domingos	<p>Sim era tudo no rural, porque mesmo na época a que eu vim morar aqui quase ninguém saía para trabalhar de empregado não, era só mesmo na agricultura. Cada um tinha o seu pedacinho de terra para plantar e colher. Na década de 70 eu era bem jovem, eu me lembro da agricultura e era muito melhor do que hoje, devido também a o clima, hoje ao tem como e você irrigar hoje já esta sendo proibido, na região Norte do estado já estão proibindo a fazer poço artesiano, a irrigação porque desvia a água do leito dos rios, eu posso dizer por que eu acompanhei isto lá. Agora na época de 70 até 80, por aí vinha vindo muito bem, agora piorou por causa do clima, eu mesmo tenho um lote que dá para fazer três casas, eu gosto de plantar umas coisas, mais se eu tirar água para irrigar duas ou três vezes por dia eu não posso, eu não colho um quiabo. Então tem estas dificuldades. Na década de 70 também, as pessoas em sua maioria viviam da agricultura.</p>
São Francisco	<p>Era todo mundo trabalhando na lavoura. Na década de 70 trabalhavam na agricultura a família inteira, na nossa comunidade as pessoas eram mais ativa, hoje estão muito desanimados, não estão cuidando como cuidavam. Na década de 70 era mais animada. Muitas coisas que eu falo com eles, cadê os terços no mês de maio? Nós tínhamos o pessoal que fazia o apostolado da oração, tinha isso tudo e vai acabando as coisas e a gente sente falta.</p> <p>Assim também na agricultura, as pessoas eram mais animadas. Tinha nada, essas estradas foram todas feitas a enxadão. Todos trabalhavam na roça, tinha fartura, paiol sempre cheio, de arroz.</p>
São Vicente	<p>Na década de 60 e 70 tinham pessoas. Muito mais, um aglomerado aqui, só nesse córrego aqui tinha umas 20 a 30 famílias, e agora tem três, quatro.</p>
Vila Alegre	<p>Não tinha nada, tinha muita gente pra trabalhar, porque os jovens estavam todos plantados aí, só que não tinha estrada, não tinha energia, não tinha telefone, não tinha nada, pronto. É nós carregávamos tudo no lombo de burro longe pra poder vender alguma banana, vender alguma coisinha, o café saia tudo no lombo de burro pra Rio Novo, pra todo lado, e a dificuldade era essa. O resto não existia nada. Não existia supermercado, não se comprava nada, o que comia era da roça, nós éramos assim, comia porco, galinha.</p>
Virgínia Nova	<p>Na década de 70 até 80 tinha muita dificuldade em relação ao transporte de produtos agrícolas, não tinha carro, pouca estrada no meio da lavoura, a produção era mais voltada pra produção de café e leite.</p>
Virgínia Velha	<p>Deus me livre, era muito difícil. Você saía daqui pra ir à reza tinha que ir a pé, não tinha carro, nem estrada, era tudo atrasado.</p> <p>Era bom, fazia caminhada, ainda tenho saudades. Em relação às atividades na agricultura, nossa, estavam todas as famílias unidas, há trinta, quarenta anos atrás era dez a quinze pessoas nas casas, era pai, filho e todo mundo trabalhando na roça. As famílias antigas, os filhos ficavam todos próximos. Hoje, os filhos, netos ficam ninguém mais na roça.</p> <p>Pra população eu acho que mudou pra pior, foram quase todos embora ficaram só nós os antigos. Depois que fizeram as estradas melhorou a tecnologia também que ajudou, antigamente era tudo a base da enxada e do enxadão e hoje já mudou muito.</p> <p>Hoje tem telefone, internet dentro de casa.</p>

APÊNDICE U – Quadro 26 – Média de idade das pessoas que estão trabalhando na agricultura e quantidade das famílias que migraram para o urbano

Comunidade	Média de idade das pessoas que estão trabalhando na agricultura	Quantidade das famílias que migraram para o urbano
Arroio das Pedras	40 anos para cima.	Da nossa comunidade foram poucas, saíram muitos jovens agora as famílias ficaram. Saíram uma base de umas 10 famílias.
Baixo São Vicente	Acima de 30 anos. Não tem jovem aqui na agricultura.	Ai foi que uma família enorme que aqui morava, até hoje eu tenho até afilhada, que moram em Niterói, moravam todos ali. Aqui, muitas famílias saíram para o urbano, muitas famílias daqui saíram e foram morar na cidade. Muitas aqui tiveram muitas. Muita gente da minha época, nessa época ai, eu me lembro que eu dei aula aqui e ficaram assim pouquíssimos alunos, dessa época porque foi todo mundo embora, foi o êxodo rural.
Cachoeirinha	A maioria idosa	
Capim Angola	No trabalho, na agricultura só vai ficando mesmo os antigos, mais velhos.	
Copaíba	32 anos (01). Os demais são todos de 60 para cima. Ninguém acredita mais, os novos não acreditam na agricultura mais.	As famílias que eu vim para cá estão até hoje.
Couro dos Monos	Na agricultura temos dois jovens que são envolvidos com a agricultura, os demais com mais idade	
Itataíba	A maioria idosa	
Monte Alegre	40 a 60 anos. Jovens têm poucos. Mais a maior parte são as pessoas mais velhas. Aí a gente pensa assim não sabe	A comunidade era muito maior, você sabe quantas pessoas moravam aqui antigamente? Era uma base de mais ou menos 60

	onde vai chegar isso.	<p>famílias. Saíram à metade. Alguns foram para a cidade, alguns foram para outros lugares. Mais isso da para explicar porque aconteceu. Porque a maioria não era dono da terra, só ficou quem é dono, eram meeiros. Quem é dono ficou, agora quem era meeiro vazaram fora.</p> <p>Mais aqui morava muita gente, era divertido. Os mais antigos falavam que aqui morava gente, gente, tinha padaria era um fazendeiro tão rico que era uma fazenda só ali. E era um monte de casa que tinha ali. Muita gente mesmo que morava ali.</p>
Mundo Novo	70 a 80 anos, que ainda trabalham na roça. Tem uma média jovens em idade de 22 anos que ainda continuam na roça. Tem alguns que estudaram no ginásio e depois ficaram na roça. Tem os que estudaram no MEPES e hoje estão todos na roça. ⁷⁸	Sim, tiveram muitos. Saíram bastantes famílias daqui. Alguns venderam a terra e saíram para a cidade para buscar talvez uma vida melhor, mais eu não sei se é melhor ou pior.
Pau D'Alho	Há deve ter de 50 a 70 anos por aí, os mais velhos e depois tem alguns novatos de 30 anos para cima. Mais em média você pode colocar uns 40 anos para cima. Porque daí para baixo todos buscam outra coisa fora da atividade agrícola.	Não teve muita saída, se tiver umas duas ou três que eu vi que saíram. Pois aqui é muito próximo da BR 101e facilita para as pessoas saírem e ir trabalhar.
Princesa	Aqui só tem as pessoas mais velhas	Diversas famílias saíram, claro aqui só tem as pessoas mais velhas, eu já cheguei a falar que aqui eu acho que sou uma que fiquei como lavradora, eu acho que eu sou uma das últimas mulheres, porque as outras, não tem de mim pra baixo, as mais novas já foram saindo, buscando outros meios.
Quarteirão de Sant'Ana	A maioria de 40 anos acima. Quando tem um garoto outro iniciando no trabalho na agricultura, logo arruma um emprego em uma pedreira ou outro pra outro lado. O que tem de novo é por influência dos pais e já estavam com esse processo da agricultura e eles permaneceram. Jovem	Aqui está só chegando, aqui a gente vê só chegar, sair bem pouco. Tem vindo muita gente de fora pra cá, que a gente nem conhece, tem muito mesmo, porque estão construindo diariamente muitas casas aqui.

⁷⁸ Mundo Novo é uma exceção então, das comunidades pesquisadas está é a única em que a média de idade das pessoas que trabalham na agricultura é de 22 anos. Nas demais comunidades destacam-se idade acima de 35/40 das pessoas que continuam no rural.

	se tiver um.	
Santa Cruz	40 a 45 anos. Jovens que trabalha mesmo na roça são poucos. Que vive da roça é pouco.	Não, depois que nós formamos a comunidade, duas famílias só que saíram.
Santa Helena	<p>A maioria do pessoal que depois se aposenta eles não querem mais trabalhar, porque já trabalhou muito, está calejado, um homem se aposenta com 60 anos, ele esta uma pessoas cansada, esta com o rosto todo queimado de sol, de chuva. Então aqui no nosso lugar vou te falar a verdade se tiver que pegar mesmo direitinho uma dez pessoas, porque o resto já se aposentaram.</p> <p>Mais de 40 anos de idade. No entanto, aqui tem um homem com quase 80 anos e ainda trabalha. As pessoas que ainda trabalham na agricultura aqui são pessoas mais idosas porque esta juventude de agora eles estão todos na cidade, não estão na roça mais não.</p>	Não saíram não a família continua plantada aqui, por exemplo se for a mulher ele vai lá trabalha mais de tarde está em casa. O marido é a mesma coisa, o marido vai mais a mulher esta em casa. Entendeu? Não saíram daqui do nosso lugar para morar na cidade.
Santa Rita		A partir da década de 80 a 90 saiu muita gente, mas até que agora parou um pouco. É porque os jovens que tem residência aqui saem pra trabalhar e voltam pra casa, tem asfalto em tudo e tem até pessoas que deixam de construir em Rio Novo porque lá é tudo mais caro e constroem aqui e constroem lá porque é muito perto.
São Caetano	Entre 15 a 29 anos têm-se dois jovens na agricultura os demais são todos mais adultos e idosos, acima de quarenta anos.	Os que foram pra fora anterior, não voltaram, aqueles que foram depois de 1990 pra cidade voltaram por questões assim, você tem uma moto hoje não paga imposto de nada, energia barata, você tem uma casa boa, água boa, entendeu? O transporte escolar para o seu filho tem o transporte, você não tem necessidade de ficar quebrando cabeça, vai lá na estrada, pegou o ônibus, ou a Kombi para levar, então quer dizer, essa facilidade ai fechou todas as escolas e isso ai facilitou para algumas pessoas que tem trabalho na cidade, é o tal do urbano, ele só vai dormir lá na roça, saiu de manhã colocou o filho pra escola, a Kombi passa ai e leva, é perto de casa, e vazou fora. Mas, em relação às pessoas que

		foram e não voltaram, tiveram muitas.
São Domingos	Só as pessoas idosas de 50 anos adiante que as firmas não contratam, então estes continuam na roça, porque também são obrigados a manter e ficar ali, principalmente se são proprietários, mantêm para não vender a propriedade, porque tem medo e acham difícil vender. Então estes sim ainda ficam porque é obrigado, agora se abrir um emprego de um salário mínimo, um salário e meio, eles vão sair.	Hoje tem mais, porque a minha avó falava que era só uma trilha e colocava um saquinho nas costas para ir lá na rua comprar coisas. Hoje a população aqui aumentou. Aqui também facilita por estar perto da sede.
São Francisco	De 40 anos pra cima. Os jovens mais é estudo, mais é estudo.	Somente algumas famílias. Porém, eu achei que foram embora, mas chegou mais gente ai. Então a comunidade não saiu tanta gente da comunidade não.
São Vicente	São os mais velhos, os mais idosos.	Uns 10% saíram. Estes se sentem melhor porque no todo mês tem um trocadinho, um dinheiro, recebe o salário, pra eles o que importa é isso e se vir pra roça trabalhar o terreno é bem cansado, meio defasado.
Vila Alegre	De 38 pra cima, dai pra lá. Jovens acabaram	02 famílias.
Virgínia Nova		
Virgínia Velha	De 40 pra cima. Aqui quem mais aguenta na roça são os mais velhos pra falar a verdade.	Umhas sete famílias nos últimos anos.

Fonte: Pesquisa de campo realizada pela autora (2014).

APÊNDICE V – Quadro 27 – Década de 1960 e atualmente: número de jovens e o que faziam

Comunidades	Número de jovens da comunidade hoje		O que fazem	Jovens e o rural na comunidade na década de 60	
	Total	Na Agricultura		Total	Na Agricultura
Arroio das Pedras	21	08	A maior parte todos saiu na agricultura Estão empregados, estão lá nas pedras “pedreiras”. Outros estudam.	Tinha bem mais do que 21 que tem hoje	Todos. Olha eles trabalhavam com a família, todos na agricultura, com a família, tinham seus momentos de lazer, dias de sábado tinham os bailes, aos domingos se reunia às vezes em um jogo de futebol.
Baixo São Vicente	Não, poucos. 10 jovens	Dois somente trabalham na roça,	Os outros empregados	Tinha bem mais jovens	E na década de 1960 esses jovens estavam todos na agricultura trabalhando com os pais
Cachoeirinha			Os que temos aqui hoje alguns atuam no rural ainda, mas grandes partes dos nossos jovens hoje estão atuando nas empresas de mármore e granitos, bem pouco no rural		
Capim Angola	Não, nossa comunidade tem poucos jovens.		Hoje todo mundo ta trabalhando empregado, acho que posso considerar 80% da juventude lá trabalham empregados em comércio e empresas. Principalmente Jolivan e Rochaz, Armani. Tudo empresa de transporte De manhã cedo é aquela fila de motos para Iconha. Na agricultura hoje bem poucos mais tem. Acho que uns 5% dos jovens.		Todos na agricultura
Copaíba	Não, nós não temos jovens, não temos crianças, minha filha o negócio ta feio. O	Nenhum.	Estudam e trabalham fora.	Tinha muitos jovens	Até os anos 80 todos estavam todos na agricultura

	padre falou a tarefa de filhos é com vocês, mais esta difícil. Média de 05 jovens				
Couro dos Monos	33 jovens	Na agricultura temos dois jovens que são envolvidos com a agricultura	Tem jovem que é motorista de caminhão, tem jovens que trabalha na marmoraria a maioria deles, trabalha em outras empresas em Iconha, na transportadora. Todos eles procuram sempre estar estudando. Alguns trabalham durante o dia e estudam a noite. Neste sentido é uma coisa que melhorou, porque naquela época não tinha muito isso. Hoje não, hoje buscam mesmo o estudo.	Era bem maior.	Todos trabalhavam na roça. Praticamente não tinha ninguém fora de lá empregado em outros setores.
Itataíba	Tem bastante, apesar de não ficarem todos lá. Uns 20 jovens	Na roça poucos trabalham. Uns 03 trabalham hoje na agricultura.	Uma boa parte estuda.	Bem mais jovens	Aí era 100%. Todos trabalhavam na agricultura ajudando a família.
Monte Alegre	Muitos não hoje. Tem uns 08 Vai ter assim, acabou uma remessa de jovens, mais está vindo outra com força.	04	Trabalhando e estudando também	Tinha mais ou menos uns 40 jovens	Todos na roça. Com certeza como que as coisas vão mudando
Mundo Novo	Tem bastante. Acho que dá uma média de uns 50 jovens.	Aqui em Mundo Novo ainda tem diversos jovens que trabalham na roça. Destes 50 jovens quantos estão trabalhando na	Também estes estudam a noite e ainda pegam pesado na roça, nem que se for, quando termina o serviço deles trabalha de diarista para um e para outro. Tem muitos jovens aqui ainda, eles trocaram o dia para trabalhar e a noite para estudar. Tem muitos		Só trabalhavam, nem estudar estudava. Só trabalhava. Não tinha bagunçada, eles eram menos bagunceiro. Não tinha área de lazer, não tinha nada naquela época, e iam para onde?

		lavoura menos da metade	jovens aqui que saem à noite para estudar. Muitos jovens saíram para ir para a cidade, foram para Rio Novo para trabalhar de empregado.		Todos os jovens estavam trabalhando na agricultura não tinha como sair.
Pau D'Alho	Tem, bastante. Mais de 50.	Na agricultura não tem nenhum jovem hoje aqui.	A maioria deles trabalha, alguns em comércio, outros no setor de rochas, outros estudam, outros nem trabalham. A maioria das mulheres que casaram ficam em casa, cuidando da casa.	Muitos jovens	Todos os jovens trabalhavam na agricultura. O que fez com que os jovens não trabalhem mais na agricultura foi de uns tempos para cá, uns 15 a 20 anos para cá que todo mundo esta buscando outras coisas.
Princesa	Poucos jovens. Aqui hoje tem 240 pessoas na comunidade, jovens vamos colocar mais ou menos uns 30% de jovens	Desses 20% de jovens na agricultura se a agente for analisar em porcentagem Por exemplo, eu estou contando moças e rapazes, então moças é difícil trabalhar na agricultura hoje, então esse percentual de mulheres então é praticamente 50, 60% de mulheres, então já a metade não trabalha mesmo, dos jovens vamos colocar uns 20% se tiver trabalhando na agricultura. Dá até pra contar. É uns 20% mesmo de jovens trabalhando	A maioria hoje estuda. Igual o meu filho já trabalha aqui no cartório, alguns trabalham aqui em algum emprego se tiver, ou às vezes trabalham fora, te poucos na agricultura	Tinha bastante jovens no campo.	Na década de 70 era o contrário de hoje, pois os jovens. Trabalhavam todos na roça. A maioria trabalhava na agricultura. Era do mais novo ao mais velho

		no campo. Trabalhando no campo hoje tem mais idoso.			
Quarteirão de Sant'Ana	É uma comunidade que tem muitos jovens em média uns 150 jovens	Na agricultura estou pra te dizer que não tem todos já passaram de trinta anos. Se chegar a 2% é muito	A maioria estudando e trabalhando fora. Os jovens não estão na agricultura, por causa dessa questão financeira, então eles preferem sair da agricultura, trabalhar de empregado, mas pra ter um lucro.	Bastante jovens	Na agricultura trabalhavam bem poucos desde aquela época.
Santa Cruz	Tem bastante jovens, morador têm bastante, participantes da comunidade poucos. Somando tem uma media de 20 jovens.	03 jovens na agricultura.	Empresas de mármore e granito.	Naquela época tinham mais jovens	Todos viviam da agricultura. Não tinha emprego e nem saia pra estudar.
Santa Helena	80 jovens	Aí tem pouco, se tiver tem uns oito jovens que hoje trabalham na agricultura	Hoje não, hoje eles terminam o estudo e estão prontos para trabalhar fora. Estão estudando, os que já terminaram o terceiro ano estão empregados, tem rapazes casados, com famílias, temos bastantes jovens neste lema já casados. E a maioria ainda está estudando.	Muitos jovens	A maioria dos jovens estava na agricultura. Aí estavam todos. Tinha muito mais jovens na agricultura, você vê que antigamente não só os homens, mais as mulheres também pegavam pesado na roça junto com a família. Eu lembro que o falecido papai fazia moita de arroz, moita de milho, ia à roça só colher, ele chegava e falava assim, minha filha, esta na hora de passar a enxada e a gente ia, limpava duas ou três linhas e depois ele só ia na hora de colher mesmo. Então quer dizer, hoje em dia o jovem não quer mais isso, hoje em dia o jovem

					estuda, aquele que não está estudando estão nas drogas. O que está acabando com os nossos jovens são as drogas, o que mais mata os nossos jovens tão bonitos são as drogas. Aqueles que não estão se drogando estão roubando.
Santa Rita	08	Na agricultura não tem.	Estudando, a maioria	Muitos jovens	Hoje mudou muito, porque o jovem da década de 70 era eu, era meu marido, esse povo que está ficando velho agora. E que continuam na roça. Os jovens de hoje não. E os jovens daquela época ficavam na comunidade, ajudavam na comunidade, hoje não ajudam. Os jovens na década de 70 permaneciam na agricultura
São Caetano	20	Tem dois um menino e uma menina. Esses eu tenho certeza que estão trabalhando na roça.	Estudando e trabalhando comércio da cidade e no setor de rochas	Bastante jovens	Jogando bola, subindo morro, subindo pedra, trepando na torres da Embratel, isso acabou tudo e trabalhando na agricultura.
São Domingos	Deve ter uns 30 por aí	Acho que aqui de jovem que trabalha na roça deve ter um ou dois	Hoje a maioria é marmoraria, serraria e estão estudando. Não tem outro caminho aqui. Na agricultura não tem nenhum	Bastante jovens	Os jovens, daquela época viviam da agricultura. Os jovens trabalhava na roça junto com pais e não tinha esse negócio não. Hoje eu digo mesmo filho meu ou filho de amigo meu, vai estudar não fica mexendo na agricultura não. Não fica não que você vai passar necessidade mais tarde, vai estudar. Passa fome hoje, mais estuda. Que se ficar na agricultura hoje ele vai passar necessidade, ele não vai fazer para comprar

					<p>uma camisa por ano. A maioria deles estava na agricultura. Agora inverteu a coisa, estão todos empregados. Porque primeiro eles acompanhavam o pai claro e a lavoura antigamente tinha um retorno hoje se você colocar sendo proprietário, não sendo colono, se você colocar todas as despesas que tem que colocar o proprietário não tem 30% de lucro não. Então e se ele for meeiro para trabalhar a meia com o patrão aí piora.</p>
São Francisco	Uma média de 15 jovens	Na agricultura apenas um trabalha, quem cuida são os mais velhos.	Só estudam. E tem alguns que trabalham empregados. Quando completam uma idade não querem mais ficar na comunidade.	Tinha bastante jovens	Não tinham muito estudo como tem hoje, quem me dera se no meu tempo tivesse isso. Eu também não ficaria na roça.
São Vicente	Comunidade possuiu poucos jovens	A maioria partiu pra empregos	A maioria partiram pra empregos e quem ficou ai um é pedreiro, outro é motorista, muito poucos jovens que atuam na nossa comunidade	Tinha bastante jovens	Nas décadas de 60 e 70 os jovens trabalham na roça, saiam menos. Naquela época era um ou dois por acaso, fulano foi embora pro Rio de Janeiro, ou Rio Novo, era até uma novidade quando alguém saía de casa pra estudar.
Vila Alegre	12 jovens	Na agricultura 01 jovem	Todos estudando ou trabalhando fora. Destaca-se que nenhum deles perdeu o vínculo com a comunidade.		Brincavam de fazer casinha com 16, 17 anos, nós íamos na cachoeira lá fora, colocava uma corda, um barbante num chiqueiro velho ficava em casa, coloca uma tabuazinha que batia o fio, estalava energia dentro, mas não sabia nem que era energia, dentro do chiqueiro, tirava toda flor de maracujá e pendura lá dentro, ai a

					<p>água lá batia e a luz ficava piscando, depois nós colocávamos venda, fazíamos venda também, tinha o dinheiro era folha, ai nós vendíamos talo de banana era fumo e fazia a venda, venda de tudo o que é porcaria.</p> <p>Todos esses dai trabalhavam na roça. Estudar não</p> <p>Quem fez a 4ª série aqui série dava aula naquele tempo, existia bem pouca escola, era contado quem ia.</p>
Virgínia Nova	20 jovens	Na agricultura deva estar trabalhando aqui uns cinco a seis jovens	Restante trabalham no comércio, e tem uns dois a três estudando fora.	Bastante jovens	Praticamente todos na agricultura
Virgínia Velha	12 jovens	Na agricultura tem três jovens trabalhando	Estudam. E alguns trabalham na agricultura e empregados	Bastante jovens	100% trabalhavam na agricultura

Fonte: Pesquisa de campo realizada pela autora (2014).

APÊNDICE X – Quadro 28 – Desafios das comunidades rurais de Rio Novo do Sul

Comunidades	Desafios das comunidades
Arroio das Pedras	Temos muita dificuldade nas estradas e transporte para colhermos os produtos. A gente não está tendo maquinário para fazer isso.
Baixo São Vicente	<p>Hoje em dia é difícil você ver um pai querendo ver que o filho vá pra roça, por causa das dificuldades que tem se for trabalhar na agricultura vai trabalhar e, por exemplo, quando crescer vai que te que jogar veneno, porque infelizmente hoje em dia não está dando pra conseguir levar a agricultura sem agrotóxicos, ai vêm depois os preços, eu não vejo os pais incentivando não.</p> <p>– Ai vai morar em São Paulo, vão se enterrar naqueles becos lá. No Rio de Janeiro, essa famílias mesmo que eu falei que moravam aqui e que eu admirava demais, meu compadre ele era um sábio na agricultura, menina ele colhia tanta coisa, era uma fartura na casa dele, foram embora, foram morar em Niterói, eu fui lá, um lugar assim horrroso, um lugar assim de você pensar, a pessoa morar num lugar onde não tem água limpa. Onde tem tanto lugar pra plantar, a natureza, viver bem e morar num lugar daquele? É assim. É assim. Viviam amontoados.</p> <p>A tecnologia ela influencia muito, porque a televisão se gente não souber ver a televisão, ela induz a gente a fazer muitas coisas, ela passa uma imagem do que não é e leva mesmo.</p> <p>Engraçado que você vai se acostumando, parece que vai ficando natural as coisas.</p>
Cachoeirinha	Eu ainda acredito muito que a gente tem como avançar em algumas coisas, primeiro eu vejo o seguinte, eu acho que nós estamos muito acomodados em muitas coisas, vê que as próprias atividades agrícolas e agropecuárias, você vê que são poucas as pessoas que estão avançando nas melhorias na qualidade do café, na melhoria da produtividade e na diversificação, nós temos um potencial e uma beleza natural muito grande, poderia ter mais trabalho na questão do agroturismo, então eu não fico desanimado. Só a única coisa que nós temos que fazer é se unir mais, a questão das próprias associações, da própria organização, você está reivindicando mais as questões que são importantes para a comunidade, então o que eu vejo que Rio novo tem um potencial muito bom, nós temos um potencial, com solo, com potencialidades de água, mas temos que fazer um trabalho de proteção de nascentes, combate a erosão, então nós temos um solo muito bom, água, clima, aqui nós temos possibilidades de produzir muita coisa, geograficamente nós estamos num ponto estratégico em Rio novo, só que pra mim falta que as pessoas que estão à frente sejam nas comunidades, sejam na sede do município, eu acho que tinha que avançar mais, então falta essa visão de desenvolvimento, o que se entende por desenvolvimento, então eu acho que falta um pouco isso ai.
Capim Angola	Acho que a dificuldade maior é a política de preço na agricultura, você trabalha o ano todo naquela esperança de chegar à colheita e ter uma colheita boa, ter um preço bom, quando chega na hora da colheita tudo cai, e você fica naquele negócio. Você deixa a colheita estragar? Não. Temos que aproveitar, aí fica difícil. Tem uma dificuldade danada, mais com transporte, estas coisas assim, tudo é bom, estamos pertinho da BR 101.
Copaíba	Olha eu falo mesmo, se a prefeitura, a única coisa que o município, ele favorecia é as estradas com a agricultura e infelizmente não fazem. Se a gente conseguiu a estrada este ano, quando o secretário de obras esteve aqui e pediu para eu levar todos os problemas lá, eu posso levar as reivindicações das pessoas, mais pelo menos você está olhando a estrada, você esta vendo que a gente está precisando, e veja o que pode ser feito. Se eu quis em setembro uma estrada pelo menos para limpar um pouquinho que a gente ia ter festa na comunidade no final de

	<p>setembro, teve quer ser feito um requerimento e enviado para a prefeitura que teria festa na comunidade que a gente vai consertar a estrada. Eu disse que absurdo isso porque a gente já havia pedido há meses e já tinha muita gente, ido lá pedir e reclamar que a gente estava sem estrada. Ele pegou e pediu para eu fazer isto, e eu pensei gente isto é um absurdo. Aí eu fico assim, parece que a gente é esquecido. E eu acho que é.</p> <p>Saúde até que nós não estamos más. Porque tem a médica no PSF, a gente vai lá e em vista de outros lugares, outros municípios, a gente não está ruim, mais ainda tem comunidade que reclama.</p>
Couro dos Monos	<p>Os problemas que a gente vê é a questão de drogas, hoje a gente não tem mais uma tranquilidade em questão de você sair e deixar sua casa sozinha, porque é roubo, e você tem que manter a casa fechada, tem que estar cercada, ter cachorro para poder cuidar da casa, então isto é uma dificuldade enorme que as pessoas estão encontrando. Os jovens e crianças vem para a rua estudar, como não estão estudando mais nas comunidades que não tem escola e então encontram uma outra realidade e esta realidade eles querem viver lá.</p>
Itataíba	<p>Na nossa comunidade eu acho que é se firmar na agricultura. Não esta ficando ninguém no rural, e nós somos sempre os culpados.</p>
Monte Alegre	<p>A dificuldade hoje na verdade eu acho que é esta falta de gente para trabalhar, falta de mão de obra. Transporte público também a gente não tem. Eu acho que tem a questão ainda tem muitos atravessadores no caminho, eu acho que isto devia acabar, porque os atravessadores ficam ricos nas custas dos pobres. E os pobres continuam trabalhando a vida inteira e não conseguem sair do lugar. E isto faz com que as pessoas cada vez mais vão se desanimando deste espaço. Imagina bem você cortar aí cem caixas de banana e vai vender é aquela merreca, se vendesse ela direto seria mais de o dobro do valor. Nós além de plantarmos, trabalhar igual um burro banca tudo.</p> <p>Tem uma questão ali também que o que falta é a segurança aqui na roça, porque segurança eu acho que é essencial para o pessoal da roça também. A gente não tem a assistência que deveríamos ter.</p>
Mundo Novo	<p>Para falar a verdade acho que não tem dificuldade não. Se a pessoa reclamar é até um pecado, eu acho por mim. Mais a gente tem dificuldade sim, agora esta até maneirado, mais teve muita dificuldade. Em relação a estradas, o meio rural aqui este meio pesado sem telefone, não tinha telefone na época, agora que esta melhorando, devagarzinho.</p> <p>Uma das dificuldades voltando à questão anterior é a escola, esta para reformar e até agora não saiu nada. Esta funcionando só uma, que aqui tem duas escolas, e a que esta funcionando no caso era dias sala que foram redivididas então são três salas, mais tem sala que não tem janela, esta aquele lugar apertadinho, e muito quente. Este final de ano teve uma barreira e caiu uma pedra e a escola foi interditada, aí as crianças foram para salão comunitário, aí ficaram uma semana no salão e voltou para escola e ai interditou novamente.</p>
Pau D'Alho	<p>As maiores dificuldades são para conseguirmos um trator, às vezes precisamos para trabalhar na agricultura e está muito difícil de conseguir. Precisamos de mais assistência do poder público, foi prometido mais até hoje nada. A educação nós temos que ir para a sede, pois aqui não temos escola, seria bom ter, mais não temos. Até os nossos pequeninos também vão todos para Rio Novo. Até ultimamente tem meus netinhos, as criancinhas por aqui, que estão querendo ir para a creche que já tem dois ou três aninhos e ninguém esta conseguindo porque os ônibus não são adequados para carregar estas crianças. Algumas crianças no ano passado deixaram de estudar por isso, que não tinha o transporte adequado. Na agricultura, além de ter pouca assistência tem mais algumas dificuldades. A banana está um preço até razoável, o café também, estes são só que a gente mais trabalha.</p>

Princesa	Aqui tem família que vive com R\$300,00, R\$ 400,00 na agricultura. É muito difícil viver com esse dinheiro, tá? Café é uma vez por ano, praticamente tem pouca renda café não é renda mensal, é renda anual. Então por isso começam a trabalhar a dia fora pra poder comer e ai quando eles vêem que não aguenta mais saem.
Quarteirão de Sant'Ana	Se não tiver um jeito de melhorar a agricultura desanimou muito, por que o preço das coisas, o gado tinha quantos anos que não subia nada, o café quantos anos que não sobe nada, melhora um pouquinho vai até perto de R\$ 300,00 dai uns dias tá despencando de novo, já despencou semana passada, caiu mais de R\$10,00 acho que ele vai pro fundo de novo.
Santa Cruz	Problemas têm muitos, o maior problema que a gente encontra é diretamente com a prefeitura, a gente precisa de uma máquina pra abrir uma estrada não tem, então precisamos de mais apoio na área da agricultura. O preço do produto também hoje que está lá em baixo, isso que desmotiva muito também. Você vai comprar as coisas pra investir na propriedade está caro, na hora de você vender o produto o preço está lá em baixo.
Santa Helena	Vai acabar. Eu acredito se a gente tivesse mais apoio da prefeitura, eu acho que as pessoas tinham mais coragem de trabalhar, porque se fosse fazer uma horta como falamos você tinha mais possibilidade de fazer, de trabalhar, mais como não tem apoio acaba desanimando. Como o menino ali coloca as vacas na exposição por isso ele ganha ração, mais só porque coloca lá, se não colocasse não ganhava. Os animais dele tinha feito o que? Tinha morrido. Igual nós, estamos com um barro para tirar já faz um tempão e nada. Ficam só empurrando com a barriga, e isso é complicado. Em relação à educação e saúde esta bem, vamos no posto de saúde aqui perto temos médico todos os dias e dentista também. Aqui também tem um pessoal que ganha cesta básica todo mês. A agente de saúde sempre nos atende também. Violência muito não, agora droga ta avançado mesmo.
Santa Rita	Nos tempos de hoje vivem porque tem que viver, mas o pessoal está desanimado. A saúde está difícil porque se você quer marcar uma consulta, você fica toda a vida esperando, por exemplo, a gente que tem mais condições acaba marcando uma consulta, muitas pessoas ficam esperando, esperando toda vida, a educação fecharam a escola aqui, não é também tão difícil porque principalmente criança que precisam acordar muito cedo. A agricultura as pessoas acham assim que o que conseguem produzir tem dificuldades em vender com preços baixos, não tem tanto valor. Mão de obra pra agricultura não é fácil encontrar aqui. Não, porque aqui também são poucos mesmo que tem colheita. O meu marido mesmo tem um pouquinho de café aqui e os que têm os próprios donos dá conta, parecem que já fazem daquilo que eles conseguem, porquês e for pagar mão de obra também, não sobra muita coisa. Se você for procurar também você não acha não.
São Caetano	A dificuldade de organização é muito grande, a dificuldade da organização das pessoas, a compreensão das pessoas, na área da saúde, educação. A questão da saúde para os idosos eu acredito que sim, ela é precária, não só na minha comunidade, mas em outras comunidades, a educação é essa que nós temos hoje de transporte, se chover também não tem aula, porque as estradas são uma precariedade. Uma educação também fora do contexto do aluno, e tem a questão das estradas, há anos que não se ensaibra mais e só fica passando máquina, e faz de conta só e pronto. Hoje que está faltando telefonia, carência muito grande, internet nós se viramos e colocamos, mas a questão da telefonia é muito importante no nosso meio pra segurar alguma coisa lá ainda, principalmente em algumas propriedades que temos hoje no nosso município.

São Domingos	Na agricultura é o que eu estou dizendo, mais o pessoal fala muito contra a educação, contra a saúde, eu acho que está médio, porque tem lugares muito pior do que aqui. Porque os jovens que estão chegando eles não querem mais trabalhar na agricultura. Os jovens hoje não querem nem saber, infelizmente, feliz aquele que não quer trabalhar no rural mais estão estudando e se preparando isso é bom. Porém, infelizmente pode ser até o meu neto, meu filho, tem que ter muito cuidado, mesmo tendo os pais que ajudam no que precisa, da o estudo mais se ele desviar parte para o lado errado que esta aí esta maldita droga que já tomou conta do mundo. Isto aí não tem mais jeito. Agora a segurança, quem esta violenta é a população. É só como diz quem crê em Deus, só Deus mesmo, se um dia vier a terra e dizer e ele mesmo agir, mais aqui o ser humano um não conserta o outro. Você vê que vem rapazes trabalhar nestas serrarias lá das comunidades serranas do município, descem fazendo atalho para chegar às firmas. E às vezes deixa uma propriedade boa em casa mais não querem trabalhar nela.
São Francisco	Tudo é difícil. A estrada agora melhorou um pouquinho, mas estava terrível.
São Vicente	Se relacionar com os próprios vizinhos e amigos, não tem diálogo de nada, não tem. São Vicente está deposto, está defasado. Não tem nada. Outra dificuldade é a mão de obra pra quem tem trabalho na agricultura, a mão de obra, porque está difícil a mão de obra, eles estão se empregando e aqui fica carente de mão de obra. Aqui em São Vicente hoje se precisar trazer, levar ou escoar a produção não tem um carro pra fazer isso. Fatal de veículo.
Vila Alegre	Precisava de mais apoio do governo pra fazer estradas de roça que tem que ser feitas particulares, o resto é beleza. – Hoje, tá mil vezes melhor.
Virgínia Nova	Eu acho que na agricultura é montar uma cooperativa com venda mais direta pra ter mais lucro para o agricultor. Saúde e educação a gente já está bem porque já tem escola aqui, tem posto de saúde.
Virgínia Velha	Educação, transporte que é muito fraco que não tem incentivo do poder público, ainda bem que tem essas vans ai hoje. Transporte público não, porque na época que eu estudava ia a pé. Eu saia daqui e ia a Rio Novo estudar no MEPES, ia e voltava a pé. Até na questão do transporte melhorou, as estradas melhoraram.

Fonte: Pesquisa de campo realizada pela autora (2014).

APÊNDICE W – Quadro 29 – O rural de Rio Novo do Sul nos dias atuais

Comunidades	O rural nos dias atuais
Arroio das Pedras	As pessoas falam há um tempo era melhor, eu não falo isso não, hoje todo mundo tem um carro, até dois, moto para sair, estrada tudo direitinho. Num tempo era mais eu acho assim, havia um pouco mais de união, e a religião era mais forte. Na cidade é pior ainda.
Baixo São Vicente	Empolgadas não estão não. Não têm incentivos. Ora é o clima, que vem o sol quente e destrói, ora é preço, por exemplo, não tem incentivo, você vende a caixa de banana por um preço mínimo. A banana dada a terça que eles falam, dá o mínimo para eles tirarem pra ele, está tudo no mato. Outra coisa, naquela época a gente nem sabia que existia drogas, hoje invadiu tudo na roça, não tem nem um lugar que está livre. Eu sempre falo, na roça, sem preconceito nenhum, na roça mesmo, as pessoas dizem roça é onde a gente planta, eu digo não. E lá se passavam muitas coisas boas e hoje se perdeu, de trabalhar pra ter o que se precisa, de não gastar além do necessário, todo mundo trabalhando, todo mundo se ajudando, a família crescia junto, se o pai ia arrastava todos atrás. Hoje, a gente tem muito mais conhecimento, muito mais acesso.
Cachoeirinha	Eu fico muito preocupado com o rural de Rio novo hoje, as comunidades rurais pra mim perderam muita força, pelo contrário, eram pra estar ganhando mais forças, se você começar como eram as nossas festas, poucas comunidades hoje organizam aquelas festas, aqueles momentos fortes das comunidades que eram as festas, as comunidades recebiam as visitas, a questão do esporte, futebol, o futebol também foi uma coisa muito presente e que aos domingos animava, hoje são poucas as comunidades, a maioria dos times se acabou, hoje os mais jovens não estão se interessando. E então vejo assim que as comunidades, a própria população, hoje a gente vê que diminuiu muito, aqui diminuiu muito e isso perde força. São pequenas coisas que pra mim que dá prestígio, dá forças políticas de você está reivindicando, olha vamos ter a festa precisamos de estradas, olha lá tem que ajeitar o nosso campo. Então aqui, por exemplo, a festa de Cachoeirinha era um chamariz de gente, uma força enorme.
Capim Angola	Está meio fracassado, principalmente a área de café e banana, não só devido o poder econômico das pessoas, ou seja uma política de preço, mais também tem o clima, que não está ajudando muito. Os jovens também não estão ficando muito mais também no meio rural, estão saindo muito, em Capim Angola, mais de 50% dos jovens estão trabalhando fora em empresas por exemplo. No centro em termos de segurança esta começando há ficar um pouco perigoso penetra muita gente de fora, passa e chega ali, encosta ali andarilhos, traficantes, usuários, esta começando a ficar meio diferente ali no centro. Mais com isso vai influenciando o pessoal do lugar, já vai levando para o interior, então esta começando a dar uma diferença.
Copaíba	Esta motivação do poder público eu nunca vi, se existe é desconhecido. Eu falo que meu filho está aqui porque ele gosta, porque já teve a oportunidade de sair e não quis. A maioria que estão aqui são todos aposentados, então não tem muita coisa mais para fazer. De jovem não tem ninguém mais.
Couro dos Monos	A questão que eu vejo que desenvolveu e ajudou foram algumas tecnologias como a roçadeira elétrica, que ajuda muito as pessoas. Mais as pessoas estão se acomodando muito, não tem estímulo para fazer as coisas, as pessoas mesmo não estão estimuladas a trabalhar na roça, porque é muito mais fácil trabalhar e ter um salário garantido do que trabalhar e não saber se vai produzir, e o valor que vai ter da mercadoria. Por exemplo, no ano passado neste período nós vendemos uma caixa de banana até a R\$ 25,00, hoje nós estamos vendendo a R\$ 7,00 caixa de banana especial. Então isso aí complica muito a situação e faz com que as pessoas se desmotivem do rural.
Itataíba	Hoje o meio rural esta muito carente. Carente até de mão de obra, vamos dizer.

Monte Alegre	<p>Eu acho que quem é dono da terra tem amor e cuida, mesmo as coisas estando barato ou caro. Agora quem é meeiro desanima. E sai, vai saindo tudo. Porque acha que não compensa.</p> <p>A produção de hoje é muito mais, a produção de hoje é com mais inteligência, mais técnicas, muito mais variedades de coisas. Hoje a agricultura familiar em Monte Alegre, o pessoal esta se interessando em plantar inhame, a fazer outras coisas e diversificar muito. Não sei o que ficou bom e o que ficou ruim. Voltando atrás o que daquela época melhorou, melhorou sim, porque naquela época tinha que carregar nas costas, e hoje em tudo quanto é lugar um carro vai.</p> <p>Hoje em dia não, o jovem que ficou e as pessoas que tem um pouco de instrução eles plantam as coisas com inteligência, então um pouquinho de coisas que planta com inteligência, vale para tudo o que aqueles mais antigos faziam, a produção de hoje é muito mais, a produção de hoje é com mais inteligência, mais técnicas, muito mais variedades de coisas.</p>
Mundo Novo	<p>Aquelas culturas de antigamente arroz, milho não se colhe mais. Hoje em dia a gente capricha mais numa cultura que então através daquela bem tratada você tira para comprar estas coisas.</p> <p>As pessoas mais antigas de idade eles não largam a agricultura por nada, agora os novos não querem mais saber quase de dureza como se diz, só quer cada vez mais procurar um rumo assim mais fácil, mais é sempre mais difícil o final disto aí. Antigamente as pessoas não tinham como estudar, era só a cavalo, hoje em dia tem carro, todo mundo sabe dirigir, moto, carro, é tudo mais fácil. Tem estradas de carro. Se a pessoa aplicar também uma técnica na propriedade com certeza ele vai fazer melhor do que qualquer emprego, não se discute. Mais só que tem que ter vontade e apoio.</p> <p>Melhorou em todos os aspectos. Desde o começo até o fim, tudo esta melhor agora.</p>
Pau D'Alho	<p>Aqui são poucos que trabalham no rural, mais os que têm estão animados. Porque a gente cuida mais com café e quando o tempo corre bem é bom.</p> <p>Eu acho que melhorou muito, principalmente em relação à religião, nós íamos à igreja, mais não era com aquela frequência igual temos hoje, aquela responsabilidade de chegar ao domingo e saber que tem a igreja, você tem aquele compromisso. E lá na matriz a gente ia uma vez lá e outra. Então esta nossa comunidade é uma benção.</p>
Princesa	<p>Ainda tem gente que plantam arroz e pila. Aqui eles têm os tabuleiros que foi feito, ai eles plantam. Eu acho que está faltando incentivo, como você mesmo comentou se existe cooperativismo, não existe ainda, e assim, o agricultor ele é digamos assim, uma classe um pouco desunida, eu acho, ele tem que aprender que ele tem que trabalhar em grupos, pra buscar soluções e a nível geral hoje a política brasileira não é voltada para ajudar a agricultura, não há uma política agrícola.</p> <p>Nunca se voltou para ajudar a agricultura. Até então isso desestimula, a gente sabe que o município também, a gente sabe que tem um país centralizador, então os próprios municípios não tem força para implantar uma política de incentivo, o nosso município a gente pelas comunidades, ainda é um município rural, mas a gente vê que o poder público não está em cima com aquela força, gente vamos trabalhar, estão faltando mecanismos, pessoas envolvidas pra ajudar.</p> <p>Por que se não tiver incentivo, se não tiver apoio desses órgãos públicos à tendência é cada vez mais ir esvaziando o campo. Você falou uma coisa certa, políticas públicas voltadas para isso, o ensino também, um ensino junto com a política, porque a pedagogia que tem hoje nas escolas públicas se fosse olhar das Escolas Famílias, elas têm que inserir, eu acho que a realidade nossa ela não está inserida. Leva os meninos para estudar numa realidade que não é deles.</p> <p>Nosso município bem como em nossa comunidade, não tem ninguém que produz e vende hortaliças. Muito pelo contrário, o pessoal sai do interior pra ir lá comprar lá na feirinha vocês acreditam? Não plantam, tem terra e não sabem fazer aproveitamento daquela terra. Talvez faltasse um pouco da gestão daquela terra. É verdade, talvez falta incentivo, tem que tentar levar esses agricultores para verem em outros lugares como que faz, ver que tem retorno, ninguém vai numa coisa que não tem retorno. Então a gente tem que pegar e ir falando com o</p>

	<p>agricultor é preciso diversificar, tem inhame, aipim, tem pupunha, laranja. Hoje o agricultor está vendo que tem no mercado, mas não tem produto, então eu penso que está faltando uma injeção de animo no agricultor.</p> <p>Melhorou de uns tempos pra cá a pavimentação, o asfalto, energia, energia antigamente não tinha, agora tem a trifásica, então isso faz com que melhore a vida do agricultor. Esta mudança é positiva, está sendo positiva, mas deveria ser melhor se tivesse apoio, porque os jovens, o meio rural a gente tem oportunidade. Eu falo que a gente está no céu e não sabe,</p> <p>Quantas dificuldades Ildranis, eu penso assim que a gente hoje em dia eu vejo que os jovens muitas vezes querendo sair, saem para trabalhar fora porque todos eles querem ter um carro, querem ter as coisas melhores e a gente naquela época trabalhava pra comer, e hoje em dia as coisas estão muito fáceis, eu sei aqui no interior tem pessoas que passam dificuldades, mas é falta de incentivo também.</p>
Quarteirão de Sant'Ana	<p>Está fraco, está difícil arrumar gente pra trabalhar, tá difícil, estão saindo todos da roça, a agricultura está acabando, Então, igual eu falar quem sabe trabalhar aqui agora são poucos, então agora tá muito cara a mão de obra. Então tá difícil pra mexer com a agricultura. Hoje já está diminuindo um pouquinho do jeito que está, estão fazendo mais pasto. Observa-se que hoje o trabalho na agricultura está diminuindo de novo.</p> <p>Em relação às pessoas que trabalhavam na agricultura, o amor pela terra, à vontade de plantar e colher, da década de 60/70 para hoje não mudou muito, as pessoas que permanecem na agricultura, não perderam a crença pela terra isso daí eles tem amor ainda. Sendo que, aqueles que tinham as terrinhas deles ai quase não vendem, mas foram dividindo, por que vem vindo filho, netos, foram dividindo, não compraram mais, mas tá ai, o que era de um hoje é de dez, quinze, então vai diminuindo, mas os que gostavam da lavoura, ainda gostam ainda, quase todos tem seu cafezinho, seus pés de banana, têm muita gente que colhe banana e café assim, poucos que trabalham na roça, mas aqueles poucos cada um colhe assim uns dez cachos de banana, apanha ia uns dez sacos de café, outros vinte, assim quase todo mundo tem café, mas lavouras maiores aqui têm pouco, mas lavoura grande tem mesmo tudo legalizado na agricultura com talão de produtor são poucos.</p>
Santa Cruz	<p>Sinceramente o pessoal está meio desanimado e devido essa crise no valor das colheitas, das mercadorias, do tempo agora também no caso, entendeu ai acabam desanimando um pouco. Mudou porque comparando os preços das coisas defasou muito e as pessoas foram saindo e ficando pouca gente nas propriedades. Eu acredito que o amor à agricultura se perdeu, devido a estes problemas todos. Olhando para as propriedades, para o interior, eu acredito que foi pior, porque as coisas hoje estão muito difíceis, essas mudanças todas piorou ainda mais a situação nas propriedades, as coisas se perderam o valor. Foi desmotivando o pessoal para trabalhar.</p>
Santa Helena	<p>Eu vejo no meu parecer que as pessoas estão desanimadas, porque quando a gente gosta de uma coisa você morre ali, a sua semente está ali e você vai acabar ali com aquela semente. Igual eu, eu tenho 16 anos de feira, mesma coisa é eu ser coordenadora da minha comunidade, sou pregadora do grupo de oração, eu sou apaixonada no meu grupo de oração, então eu não quero que aquele vidro quebre, assim como eu costuro, faço meus bolos, faço feira eu não quero que aquilo acabe, mesmo quando eu me aposentar eu quero continuar. Porque aqui eu nasci e aqui eu vejo a natureza diferente do que lá fora, se eu precisar de qualquer fruta como eu tenho eu vou ali e pego ela fresquinha e vou saborear. Agora lá não, lá eu vou ter que comprar, aqui se eu quiser comer uma galinha eu tenho no terreiro, um ovo também tem. Lá eu vou ter que comprar, então eu vou sair daqui para que? Desta benção aqui onde eu moro. Nunca eu vou querer sair. Eu acho que tiveram mudanças boas, você pensa bem, há uns tempos atrás quase ninguém tinha um carro, eu mesmo consegui com o meu esforço comprar um, como meu dinheiro mesmo, quando que eu pensava que ia comprar um carro com o meu trabalho e eu consegui. A maioria tem moto também. Então as coisas melhoraram muito mesmo.</p> <p>Sim a agricultura mudou muito.</p>

Santa Rita	<p>Estou achando difícil, porque as próprias pessoas acham difícil, é clima tempo que não favorece. A violência hoje em dia, a gente não tem mais a mesma liberdade que a gente tinha.</p> <p>Essas mudanças, com essas outras atividades que surgiram pra quem vive da lavoura é preocupante, se você tem casa aqui e trabalha fora, você está ganhando o seu sustento do dia a dia, mas se você tem que tirar o sustento do meio rural é preocupante porque, se o café está se formando vem a seca e chocha tudo, então se você precisa de uma animal pra vender, não tem pasto pra comer, então isso é preocupante, principalmente assim para os outros. Na hora de vender o produto o preço é baixo o preço está lá embaixo, isso também faz com que as pessoas vão se desmotivando, querendo ou não desmotiva, hoje se produz menos do que na década de 70, o pessoal plantava arroz, milho, faziam muito mais horta, tiravam mais o sustento da lavoura, hoje não, se compra tudo quase.</p> <p>A violência hoje em dia, a gente não tem mais a mesma liberdade que a gente tinha.</p>
São Caetano	<p>Mudou muito, primeiro em relação à vida na comunidade, um exemplo é o campo de futebol, isso ai acabou tudo, no domingo é dentro de casa, internet, rádio, televisão, pra praia onde você quiser, não existem mais aquela de você ir à casa de um vizinho, vai chegar um grupinho pra jogar uma bolinha de tarde, não existe mais acabou, não existe nem peteca mais, nem bola de pau, nada, nada, zerou.</p> <p>Em relação ao trabalho no campo as culturas que se produziam na década de 70 melhorou a questão da banana, a qualidade da banana, aquela banana prata que tinha acabou e foi chegando uma nova espécie, a pacovan, o café melhorou a qualidade, melhores plantios. Tudo isso ai melhorou, a questão de plantio e aumentou a quantidade de produção. No entanto, em relação a algumas culturas como milho, arroz, planta-se bem pouco. Essa mudança que veio de lá pra cá é a melhoria do plantio das mudas de café, a qualidade do café, melhorou qualidade, melhorou produtividade, melhorou um monte de coisas, o cara ficava lá no pé de café e ficava a vida toda ali e não enchia um saco de café, então de lá pra cá mudou muita coisa, isso facilitou muita gente, compraram um pedacinho de terra com café, lutando conseguiram, tem gente lá que consegue com a agricultura familiar, então a agricultura se você for tocar você e sua família ela é rentável, porque hoje tudo se vende, de uma abobrinha a um saco de feijão, um quilo de feijão, você vende um boi como você vende uma boiada, tem facilidades sim, só que tem que ter qualidade.</p> <p>As mudanças que tiveram na minha comunidade, aquele gadinho ruim que tinha lá, ainda persiste em algumas propriedades, aquele gado mediano, pé duro, mas tá se acabando pra entrar um animal de melhor qualidade, de melhor raça pra conseguir vender para o frigorífico, senão não vende.</p> <p>O rural da comunidade está mudando, principalmente o café, não tinha quase café em São Caetano, hoje graças a Deus você olha e vê lavouras de café.</p> <p>Eu fico assim falando gente o Brasil, que vai fazer a educação dizendo assim: você tem que estudar pra você ter um bom emprego, não é estudar pra você ser um empreendedor, um empregador, ser um patrão, eu vou estudar porque eu quero ser um patrão, eu quero mandar. O Brasil estuda seus jovens para ser mandado, muitas vezes pelos americanos e por outros mais, pelos estrangeiros, então eu vejo as perspectivas para a nossa comunidade não tão boa, daqui a vinte anos. Alguma coisa vai ter que ser feita para incentivar as agroindústrias, industrializar seus produtos lá no meio rural, melhorar um pouco a legislação, facilitar um pouco a legislação, a legislação é um pouco pesada, pra você licenciar qualquer coisa pra você vender. Ao invés de você levar esses produtos para serem industrializados no Rio de Janeiro, nós vamos industrializar ele aqui e vamos mandar eles pra lá, poderia agregar valor que na nossa comunidade e algumas comunidades no Brasil já tem esse incentivo, são cooperativas trabalhando nesse sentido, então, acho que a cooperativa também não é pra qualquer agricultor, cooperativa é uma coisa que tem que ser fiel, tem que ter fidelidade, tem que ter qualidade, se você não for fiel vai mandar um produto ruim pra o comércio.</p> <p>Na minha comunidade aquela reclamação de sempre, que não tá bom, que o preço do café tá ruim, que tá ruim, não tá ruim, mas está ali, mas essa</p>

	<p>preocupação em relação ao preço, isso aí a vida toda vai ser assim, é geral, o preço do leite não está bom, o café não está bom, então se tem uma maior produção o preço cai, é a lei da oferta e procura, não tem jeito.</p>
São Domingos	<p>Não estão acreditando a agricultura hoje está totalmente defasada uns 70% garanto. Porque em primeiro lugar não tem como produzir com este clima que está tendo aí, se você plantar hoje tem risco de 80% de não colher e de perder, então hoje a juventude nem pensa em agricultura. As crianças aqui agora estudam, pois de primeiro aqui não tinha ônibus para levar as crianças para a escola.</p> <p>A minha menina sai daqui para ir pra escola, se ela não quiser colocar o pé no chão, ela entra dentro do ônibus sem colocar o pé no chão e volta. Muita coisa melhorou, melhorou 90%. Ai eu vou ao médico e não consigo médico, nem pode conseguir não é na hora que a gente quer eu reconheço isto, temos que esperar porque têm outros também esperando a vez e necessitando daquilo ali.</p> <p>O ônibus passa aqui tem uns cinco anos eu acho. Antes as crianças desciam a pé. Você olha bem e daqui que é mais perto, e a gente quando estudava andava a pé duas horas para chegar à escola, pingando suor em cima dos cadernos. Hoje primeiro começa assim, tem o carro que busca o aluno na porta de casa eu acho que o máximo que anda um aluno hoje é uns 500 metros é muito. Porque todo lugar eu conheço, o município inteiro, e o ônibus vai a todos os lugares, quando não é o ônibus é a Kombi. Aqui passa um ônibus de manhã leva os alunos, trás no horário certinho, tem uma Kombi que vai buscar os alunos também que é um pouco mais longe e eles não vem a pé, depois tem outro carro que vem buscar meio dia, olha é um conforto muito grande. A criança que não estuda hoje é porque ele não quer mesmo, quer ter uma vida torta mesmo. Porque tem muita facilidade sim.</p> <p>Nossa mãe era tudo muito tranquilo. Você não era atacado por ninguém na estrada, a não ser um maluco que tem problemas. Agora hoje um meninozinho te assalta e leva tudo o que é seu. Entra aqui e domina uma família. Não temos segurança. Eu culpo o povo que ficou mais rebelde, ele não quer nada mais, não quer Deus mais, é ele mesmo, ele e a porcaria infelizmente da droga. Eu por exemplo não vou sofrer muito não, mais os pequenos de hoje, você que é muito jovem e enfim, só papai do céu mesmo.</p>
São Francisco	<p>Acho que as pessoas estão desanimadas com a agricultura. Eu acho que mudou muito porque muita gente nem cuida da terra mais. Arroz não se planta mais, feijão eu tinha um lugarzinho e plantava a enchente sempre vem e não deixava, então por aí o lugar bom o pessoal só quer plantar pasto.</p> <p>Essa mudança da década de 70 pra hoje, é preocupante, porque tinha que ser pra dar serviço pra todo mundo e não é.</p> <p>Hoje ninguém planta mais arroz, feijão... Vai todo mundo para o comércio comprar. Acho que as coisas estão para o fim do mundo mesmo.</p> <p>Na década de 70 tínhamos menos estudo, porém mais lugar para trabalhar, mais terra para plantar. Daí os fazendeiros foram comprando as terras e tirando os lugares bom de fazer roça.</p> <p>Várias pessoas venderam o terreno e foram trabalhar fora, no entanto ainda moram, apenas moram no rural.</p>
São Vicente	<p>No meu modo de pensar eu acho que está bem fraco muito desanimado. De São Vicente aqui mesmo vamos ser francos, aqui são 10% animados, 90% estão desanimados que nem na roça estão indo mais. Falta incentivo dos órgãos públicos.</p> <p>Na década de 70 a gente colhia um saco de café maduro, daria pra comprar três sacos de adubo, hoje um saco de café não dá pra comprar um saco de adubo. O produto se desvalorizou só o industrializado que está crescendo. O outro não está.</p> <p>Para pior eu acho que mudou, porque igual eu disse, a mão de obra se ausentou, uns partiram pra estudar, outros que não tem estudo se empregando em mineração e na nossa comunidade diminuiu uns 60%.</p> <p>O lance da melhora é que hoje é mais fácil fazer dinheiro, lá na década de 60 você não fazia dinheiro, você tinha que comprar o sal e alguma coisinha lá na rua, o resto colhia tudo, e hoje é porque eu ganho o meu salário vou comprar tudo na</p>

	<p>cidade, eu fico comprando lá.</p> <p>E se a gente for trabalhar um dia de serviço hoje R\$50,00 compra 10 kg de feijão, se a gente for trabalhar na roça pra colher 10 kg de feijão, já gastou muito mais de R\$ 50,00, ai a turma se acomodou e está se empregando e comprando tudo.</p> <p>Só que pra sobreviver hoje está melhor que na década de 60, porque eu nasci em 1966, por volta de 1975 tinha que fritar um ovo pra dividir por quatro pessoas ficava muito feio cortar em cruz ai, mamãe colocava água e trigo, dava pra quatro pessoas comer um ovo, hoje nós comemos cinco a dez quilos de carne todo dia se for preciso num churrasco, hoje que meu pai poderia estar aqui comigo pra comer uma carne, porque na casa dele não podia comer, não tinha, com dez filhos.</p> <p>Hoje a pessoa se ausentou da lavoura e foi pra cidade.</p>
Vila Alegre	<p>Os jovens não, os jovens acabaram todos. Vai levando a sorte é de roçadeira e muitas coisas novas que está ajudando pra render o serviço e trazem pessoas de fora para trabalhar, é o jeito, né?</p> <p>As mudanças que ocorreram, foram boas por um lado, que tem conforto, tem tudo, e por outro ficou ruim porque está entrando muita droga, muito ladrão safado, muita coisa errada que está chegando aqui também.</p>
Virgínia Nova	<p>Eu acho que na nossa região está bom, se a gente for comparar como outros lugares a nossa região está muito bem desenvolvida, tem um boa renda, acho que está muito boa.</p> <p>Num geral, sim. Algumas pessoas desanimam, mas no geral são animadas. Hoje, a produção é voltada exclusivamente para café e banana e algum gado de corte, de leite já não tem mais e hoje, se tem carro pra ir pra roça, facilidade de trabalho, mais mecanização, mais tecnologia investida na agricultura, que hoje melhorou muito esse modelo.</p> <p>Esta mudança foi para melhor. Hoje se carrega menos peso nas costas, tem mais máquinas, trabalha-se menos com enxada e mais com roçadeiras. Mais fácil.</p> <p>As pessoas que trabalham na agricultura estão envelhecendo também aqui, jovens têm poucos.</p>
Virgínia Velha	<p>Estão bem desanimados, os jovens não tem mais, os jovens pocaram fora todos não tem mais jovens na agricultura, só tem mesmo os mais antigos, só os reumatismos e osteoporoses.</p> <p>Não tem uma política pública voltada para o campo, não tem um incentivo para as pessoas continuarem no campo.</p> <p>São contados os jovens que estão na agricultura.</p>

Fonte: Pesquisa de campo realizada pela autora (2014).

APÊNDICE Y – Quadro 30 – Famílias que vivem apenas do rural. Para onde vai o rural de Rio Novo do Sul?

Comunidades	Número de famílias que vivem somente do rural		Para onde vai o rural de Rio Novo do Sul
	Total	Vivem só do rural	
Arroio das Pedras	59	50 por aí. Mais desta ainda tem os aposentados.	Aqui quase todo mundo ainda trabalha na roça. Porém, se continuar como este indo por aí, nós vamos ver só reserva de matas, porque você não encontra mais uma pessoa para trabalhar na roça. Ninguém quer mais, não tem mais mão de obra. E esta juventude de 45 para cima está indo embora, ninguém está querendo trabalhar, este pessoal jovem, novo aí não quer mais. É muito difícil encontrar uma pessoa para trabalhar. É um cenário muito preocupante.
Baixo São Vicente	26	Das 26 nenhuma. Nosso Deus, que situação estamos.	Pra te falar a verdade estamos todos fu..... Ela vai decaindo porque quem está na agricultura são os que estão ficando mais velhos, os novos não estão e aí quem vai cuidar depois? E a maioria está saindo. Vai ter produção em larga escala, só quem vai produzir em larga escala pra vender, porque ninguém quer plantar. O pessoal quer o mais fácil, ir lá e comprar. Não tem trabalho, não vai sujar a mão na terra. O triste é que agora, igual você falou do pé de alface, a gente deixa de plantar saudável e vai lá e compra o que está com conservante, com agrotóxicos pra o pé de alface bonita. Vai lá e compra pronto.
Cachoeirinha			
Capim Angola	480	25 famílias que trabalham direto na agricultura e não tem um extra. Mais é bem pouco. Nestas 25 famílias ainda têm aposentados. Tem em quase todas elas.	Há! Da forma que está indo acho que vai ser um êxodo total. Porque o pessoal não está tendo mais aquela esperança, começando pelo clima, e depois esta influencia de preço, você vê o café tem mais ou menos cinco anos que está no mesmo preço, você vai comprar um insumo todo ano tem alteração de preço, banana é a mesma coisa, assim o pessoal vai desanimando. Aí arruma um emprego bom, que tem um monte de mordomia danada e aí ele vai saindo. Eu por exemplo trabalho na agricultura durante o dia mais a noite tem que fazer bicos, eu tenho um emprego à noite para poder ajudar, eu estou trabalhando no restaurante. Vai virar não sei, uma fazenda e uma pessoa toma conta de tudo, não sei, você vê que de vez enquanto você passa de Iconha para cá e vê placas de vende-se, esta todo mundo colocando a propriedade a venda. Eu vim de Vitória e de lá até em Rio Novo eu vi umas seis placas de vende-se esta propriedade. E em Capim Angola esta a mesma coisa. Aí as pessoas querem sair do interior para vir pro Centro, comprar um lote e ficar no Centro.

			Muita gente que saiu do interior esta lá no centro, vendeu ou mora no centro e vai trabalhar na propriedade, aquele negócio assim. Aí o centro vai crescendo desordenadamente, tudo apertado, sem água.
Copaíba	60	Nenhuma. Pois a maioria tem um ou outro na família que trabalha fora e outras tem aposentados. É difícil isso aí.	É difícil uma família que não tem um empregado. Olha eu não sei, não sei nem qual seria a parte do governo, eu acho que não vai ter agricultores mais não, eu falo que o agricultor é teimoso, muito teimoso gente, eu não sei qual seria, tem os empréstimos no banco, estes dias eu até questionei isto aí, foi no INCAPER, que eu fui participar de um encontro lá um negócio de cacau foi eu e Beto, eu falei assim, claro que os empréstimos são ótimos, você dá por garantia o seu terreno, não paga para ver o que vai acontecer com o seu terreno. O banco confia no agricultor. Confia de que maneira? Se você não tiver uma garantia do terreno para você fazer, não faz. Então não sei qual seria o incentivo, pois está difícil. Eu te falo assim do jeito que está indo, os poucos que tem eu acho que não ficam na agricultura.
Couro dos Monos	78 famílias	06 famílias	É difícil prever porque tem a possibilidade de muitos voltarem para a roça, porque a gente já vê este interesse de pessoas que vieram para a cidade e estão valorizando o meio rural e buscando no caso a fazer alguma coisa na qual eles possam se manter ali também. Como por exemplo, o agroturismo, já tem pessoas lá procurando fazer um poço para fazer um pesque e pague as pessoas já estão pensando nesse sentido de trazer as pessoas do meio urbano para o meio rural. É o êxodo ao contrário. Então existe esta possibilidade, mais por outro lado se não tiver uma orientação pelo menos a meu ver, muito firme na questão do meio ambiente, questão de água, nascente, para poder orientar o produtor quanto à necessidade de preservar e cuidar não vai ter como. Porque a gente sabe também que tem produtores que são cabeça dura, tem que fazer mais se não tiver mesmo em cima, vim gente de fora para mostrar e fazer o que tem que ser feito, não é feito. Eu acho que vai acabar. As pessoas vão ter dinheiro para comprar mais não vão ter o que comprar. As pessoas vão morar lá, mas sem produzir, eles vão vir comprar na rua, nas feiras, mais sem produzir na sua propriedade. É esta a previsão que vemos que poderá acontecer.
Itataíba		Posso colocar 90% que já não vivem só do rural.	Vai para a cidade. Ou talvez vá virar um asilo rural, é o que esta parecendo.
Monte Alegre	34 famílias	Aqui a maioria vive da agricultura. Mais ou menos umas trinta famílias vivem só da agricultura. Porém nestas tem Um 10 famílias que têm aposentados. Apesar destes aposentados trabalham mais do que aqueles que	Na verdade eu falei que daqui nem dez anos não vai ter mão de obra, gente para trabalhar de meeiro. Não vai ter mais como você contratar uma mão de obra. Está muito difícil. É às vezes, bem, talvez até preocupe um pouco, tantas mudanças, porque se ninguém estiver plantando, fica difícil também. Já pensou amanhã ou depois? Gente cada vez tem mais para comer, e para plantar tem pouco. A minha mãe fala assim: Falam que não tem emprego, mais porque não vem para a roça trabalhar? Porque quem tem vontade de trabalhar não passa fome não. Ai nós vamos colocar uma faixa lá em baixo assim: Condomínio fechado "Asilo dos

		<p>não são aposentados. Então de 35 famílias uma média de 20 vivem exclusivamente do rural.</p>	<p>Velhos”.</p> <p>Olha, eu acho que igual Monte Alegre vai virar um lugar tipo turismo, por exemplo, as pessoas da cidade estão procurando um lugarzinho para ficar, e eu acho que o que vai virar as roças vai ser isto. Vai produzir ainda, vai, mais...</p> <p>Vai ter poucas pessoas aqui para trabalhar. Mais se o governo pegar e colocar um incentivo bem melhor.</p> <p>Eu falo isso porque tem gente que quer comprar casas aqui, outros já dizem que vão lotear alguns lugares aqui. Lá nos Ferrares eles não tem um filho homem é tudo menina, só uma que tem dois meninos. Você para pra pensar que quando os Ferrareis não vem na igreja a igreja fica vazia, e quando vem enche tudo, é desse jeito não é Zé? E homem que poderia ficar para pegar no batente mesmo são pouquíssimos. Ou vai virar uma pastaria só e todo mundo vai colocar boi que dá menos trabalho, e vai virar o que eu falei, ou sei lá, por mim eu já teria colocado uma placa lá embaixo “Condomínio fechado”</p>
Mundo Novo	130 famílias	<p>50 famílias. A maioria delas tem aposentados. Que não têm aposentados e vivem só da agricultura são umas 20 famílias. Se fossemos comparar com a década de 70 eu acho que de 130, 130 famílias iriam viver da agricultura.</p>	<p>Eu mesmo parei com a agricultura, tinha um café a meia e eles me entregaram, aí precisamos meter capim. Até que tem os velhos para trabalhar está bom, depois que não tiver mais, porque os novos não querem muito mais não, estão indo para fora.</p> <p>Vamos dizer assim, até que tiver os velhos em idade que trabalha eu acho que o planeta vai ficar no que está, depois que parar o planeta vai complicar.</p> <p>A não ser que a renda na agricultura possa melhorar, porque muitos saem para buscar uma qualidade de vida e uma renda melhor.</p> <p>Não é isso também não, muita gente sai por falta talvez de pouca vontade de trabalhar, com certeza absoluta.</p> <p>É porque às vezes querem o dinheiro, mas não querem trabalhar.</p> <p>Vai estar de outro jeito, como eu tenho meus netos ali eu falo para eles vocês estudam, agora não larga a propriedade, pois aqui é bem melhor e tem mais do que sair para ganhar um salário. Eu não falo para me agavar se fosse para eu ganhar dois, três salários... porque temos uma renda aqui que dá muito mais. Mais para isso é só saber trabalhar. Você viu a hora que você chegou aqui e a hora que eu cheguei em casa e eu sou aposentado, tenho minha parte de renda de pedra, tenho três partes como tenho três lá em Ibatiba e lá eu parto com os filhos e sobra pouco para mim. E eu não falo em parar de trabalhar só quando Deus quiser. Eu às vezes falo assim, to com vergonha e eu digo vergonha nada tem que ter orgulho.</p> <p>Ildranis você acredita que eu não ando e eu faço mais do que quem colhe ali banana e café. Mais porque a gente sempre incentiva as crianças.</p>
Pau D'Alho		<p>Para te falar a verdade? Nenhuma. Porque nós mesmos trabalhamos na agricultura mais nossos filhos estão todos</p>	<p>Daqui uns dez anos até mais, eu acho que isso tudo aqui vai acabar, quando nós que estamos chegando à idade de idoso e não trabalhar mais, eu acho que nós não vamos ter mais ninguém para fazer o que nós fazemos hoje não.</p> <p>O futuro do rural da comunidade é preocupante sim, porque nós mesmos, agora nós</p>

		empregados. Nas outras famílias é a mesma coisa, então é muito difícil. Às vezes os pais trabalham mais E os filhos estão todos empregados.	trabalhamos em três irmãos, mais quando eles chegarem a faltar não vai ter filho para continuar. Porque eles não querem, eles querem as coisas mais fáceis. Então ter o dinheiro todo mês, não vai querer igual à gente ter só por ano, então isso é complicado.
Princesa	110 famílias	<p>Que vive só da agricultura assim mesmo cálculo que 60% têm vínculo direto, talvez seja aposentado o pai, ai já é uma renda a mais, mas que de agricultura, mas assim mesmo eu calculo que mais de 60% ainda vivem quase que exclusivamente da agricultura.</p> <p>É ali em torno, eu não fiz o balanço, mas é quase toda casa, no caso o aposentado tem, porque a pessoa hoje com 60 anos está aposentada e está trabalhando, eu calculo que haja quase 60% da agricultura, meio a meio mais ou menos, tem que ver direitinho porque a gente não sabe ao certo o percentual, mas hoje quase que toda propriedade ela está, 50% ainda vive, mas ela está vinculando a alguma outra atividade, o próprio jovem ele tem oportunidade, talvez ele queira trabalhar na roça e ele pode trabalhar de empregado, ele sair e viver do comércio com a própria agricultura, está se tornado isso uma empresa pequena, então está acontecendo isso.</p>	Visão de futuro, a expectativa à gente não sabe por que, vai depender muito dos jovens, porque a gente vai passando, de uma coisa a gente vê tendo certeza, que as áreas de agricultura hoje ela está sendo intensificada, isso é quase a nível mundial, então é melhor você diminuir sua área e ao invés de você ser um produtor primário você começar ou fabricar doces, ou observar seu produto, diversificar, então indo e diversificando mais, por exemplo, horta, horta é uma coisa que dá muito emprego, dá muita renda, então eles estão optando para diminuir a área e aumentar o lucro, então estou vendo que está tendo essa visão, aproveitar mais a área.
Quarteirão de Sant'Ana		<p>Eu acho que não tem, sempre tem outra renda. Alguns cuidam um pouquinho de café, mas é empregado no granito.</p> <p>Não tem só uma renda fixa, só a agricultura não está mais valendo a</p>	<p>Na agricultura é preocupante, porque tem gente ainda como eu que não sei mexer em outra coisa a não ser com lavoura e pasto, na minha idade a gente não pensa em outra coisa mesmo. Porém, os novos estão partindo todos pra fora.</p> <p>Isso vai acabando dia a dia e se a agricultura acabar vem à fome, se acabar numa comunidade só vem à outra, mas se for todas iguais, na nossa comunidade aqui vão vir à fome, vai faltar alimento por que sai tudo da agricultura.</p>

		pena.	
Santa Cruz	30	09 famílias duas famílias, destas 09 têm aposentados.	Não vai ter mais jovens na agricultura. Daqui vinte anos vai ser difícil ter quem trabalhe na agricultura, assim vivendo da agricultura. Torna-se até difícil responder, eu acredito que daqui a alguns trinta anos vai estar quase se acabando eu acho isso, do jeito que tá. Tem mais cara de virar tudo mata as roças abandonadas mesmas. As maiores partes dos proprietários são pequenos proprietários, quer dizer pequenas propriedades têm poucas alternativas pra buscar lucro.
Santa Helena	250 famílias	Há são poucas que vivem. Eu acho bem pouca gente, porque tem alguns que vivem mais da aposentadoria e do terreno é pouco. Tem alguns que vivem com leite. Mais tem pouco. Em números umas cinco famílias que vivem somente da agricultura. A maioria são todos aposentados e já não querem mexer com isso. Preferem mais comprar pronto. Tem sim, lá sua laranja e às vezes até vendem seu limão, seu café, igual aqui praticamente todo mundo quase tem café, quando chega à época do café fazem um dinheirinho bom.	Não vai existir mais, vai acabar. Eu creio que vai acabar igual, por exemplo, meu marido ele é pedreiro, a gente tem um bar, "nosso não a gente toma conta, a gente não tem nada neste mundo". Ele não vive só daquilo ali, ele também é pedreiro, ele faz tudo quanto é serviço, capina faz tudo, mais eu to tirando por ele, ele falou que este ano em dezembro ela faz 60 anos, então quando der os 60 anos ele estará fazendo os papéis para se aposentar, ele falou que não vai trabalhar mais. Até o bar ele vai abandonar. Eu não penso assim não, eu penso diferente, eu mesmo me aposentando se eu chegar até lá meu Pai, eu quero continuar trabalhar mais, porque eu vou ter mais possibilidade como hoje eu trabalho na feira e recebo o vale feira por mês, e tem semana que a gente não tem dinheiro, então tenho que comprar no cartão, então eu me aposentando eu vou ter mais chance de comprar os produtos sem eu precisar passar o meu cartão. Então eu vou ganhar meu dinheiro com mais facilidade e menos dor de cabeça, pois não vou precisar sair na rua passar cartão. O futuro aqui é preocupante para o rural. Mais eu creio que tem alguns que não acabam não, como um vizinho aqui tem bastante terreno, tem boi, tem tudo, e o filho dele que é novo vem crescendo na doutrina do pai, e por isso não vai acabar. Tem outro rapaz aqui o filho dele é novo também e vem na doutrina do pai, por isso talvez não acabe tão fácil. E pode vir um filho dele e não querer mais dar sequência ao que o avô e o pai fizeram. Será que ele vai querer ficar na chuva, na lama, enfrentar um curral, não vai.
Santa Rita	42	Que vivem exclusivamente da agricultura há umas 07 famílias.	Um dia vai acabar, por exemplo aqui é o nosso terreno, mas tenho certeza que o meu filho e a minha filha não voltam pra cá. Ele ainda vem ajudar meu marido a mexer com boi, agora se ele vai cuidar disso eu não sei, é uma resposta difícil. E as pessoas que tem condições vão comprando pastos e criando animais e por ai se vai. Depois o pequeno proprietário vai vendendo tudo.
São Caetano	35	15 famílias. Desses Tem um aposentado.	Pelo que a gente vê de algumas famílias elas vão perdurar ainda por que tem o sangue de rural mesmo. Eu acredito que parte vai virar floresta, porque com essa questão do governo, do verde, aquela questão as pessoas vão para o emprego e falar em plantar uma árvore, que vai dar mais certo plantar árvore, eucalipto, plantar alguma árvore para deixar lá, provavelmente naquelas grotas ali serão plantio de árvores, o cara não vai querer ir lá cortar um cacho de banana e colocar nas costas, um cara estudado, um estudo graduado,

			<p>vai querer colocar um saco nas costas? Não vai. Isso ai é pra aquele cara matuto, aquele cara que lá atrás vinham à origem do pai, da mãe, que diziam vamos trabalhar.</p> <p>Saber trabalhar na terra dá muito mais lucro do que outra atividade, você pode ser autônoma, pode montar uma agroindústria, pode fazer muitas outras coisas com uma propriedade, tem muita saída hoje com uma propriedade pequena, não grande, grande você vai ter mão de obra. Nós da agricultura familiar temos que tentar conscientizar de uma melhor forma de não ficar com aquela enxada na mão capinando, capinando não. Tem que aprender a ser um gestor da sua propriedade.</p>
São Domingos	100 famílias	Somente os idosos mais que também vivem da aposentadoria. Acho que têm umas duas famílias somente. Estes vivem exclusivamente da agricultura.	<p>Já esta acontecendo, os pastos estão ficando no mato, a lavoura quem tem cuida da maneira que pode, não cuida como seria necessário, pois tem que ter uma irrigação e hoje não tem como, adubo como você vai adubar uma planta sem chuva? Eu acho que a tendência do rural aqui é acabar mesmo. Antes aqui bastante gente mandava leite para a SELITA, hoje só um produtor continua mandando o leite.</p> <p>Não vai ter quem planta sabe por quê? Um exemplo bem claro, ninguém aqui vive da agricultura ele tem a banana, pó de café e leite, daí você vai ao supermercado você compra o básico um feijão, o arroz, o óleo, o sal, o açúcar, e isso é tudo vindo dos grandes produtores lá de fora. Enfim, por aqui quase ninguém mais planta, nem mesmo para o gasto familiar.</p>
São Francisco		Todas as famílias tem uma outra atividade. Aqui se for só da roça não dá para vivermos.	O futuro só Deus sabe. Depois que tiveram estas mudanças não funciona mais. Acho que vai virar tudo uma fazenda só. Pois aqui já propriedades maiores. Mudou muito de 70 para cá... Ai Jesus e daqui para frente?
São Vicente	95 famílias	Umás 15 famílias. Porque a maioria consorcia o salário com a agricultura.	<p>No meu modo de pensar no momento atual aqui é bom porque rola dinheiro, rola bastante coisa boa e no futuro, vai suportar todo mundo ir pra cidade? Essa pergunta fica no ar. O que vai acontecer? Quem vai produzir né? O problema é esse.</p> <p>Essa transformação não tem como explicar na gramática, mas forma um monopólio de chegar um fazendeiro aqui e comprar 50, 60 alqueires uma pessoa só tomando conta. Ficar um latifúndio, uma coisa terrível.</p> <p>Ainda falo mais a lavoura virou colônião, a lavoura vai virar colônião, ninguém quer trabalhar na roça, na agricultura ninguém quer mais, até com razão porque não tem valor, têm quinze anos que o café tá no mesmo valor num patamar de R\$ 200,00 a 250,00, você não consegue, os camaradas sumiram, a mão de obra sumiu. Vai virar colônião, daqui a pouco vai virar colônião, não tem ninguém pra trabalhar, quem gosta de trabalhar está ficando velho, não está aguentando mais, é uma coisa triste, não é alegre.</p> <p>As águas estão secando, os caras vão ter que ir lá pra baixo, ir pra onde tem água, porque aqui pra cima vai ter não.</p>
Vila Alegre	19	Somente uma família	Eu nem sei responder, eu acho que vai melhorar mais do que tá. E quem que vai trabalhar será o pessoal que vem de fora, na cidade tem gente demais, ai o pessoal daqui vai buscar o pessoal da cidade pra trabalhar na roça. Eu acho que cada ano que passa as

			coisas estão melhorando.
Virgínia Nova	80 famílias	40 famílias, desta umas 10 famílias tem aposentados	<p>O que acontece é que eu acho que hoje o rural produz mais que antigamente, a produção é maior, então quer dizer uma pessoa produz pra dois de antigamente, automaticamente produz mais, a área da comunidade acaba ficando pequena e as pessoas acabam procurando outras atividades para complementar a renda. Eu acredito que daqui pra frente vai continuar no mesmo sistema.</p> <p>Eu acho que não é preocupante não. O que me preocupa é quando fica uma propriedade muito grande na mão de uma pessoa só, e quando são pequenas propriedade vai ter alguém sempre no rural.</p>
Virgínia Velha		Têm umas doze famílias que vivem somente do rural	<p>Daqui á dez anos acabou, virou o êxodo rural, eu, nós já estamos sem aguentar mais, e quem vai substituir? Ninguém. Igual aqui quem vai tocar? Hoje, as maiorias já estão fazendo pastagens, vai ser feito tudo pasto. Não dá pra nós mais, não tem como substituir, não tem o time de futebol, um se machuca substitui, aqui não tem como, então daqui a cinco anos, dependendo da saúde do pessoal, isso vai virar capoeira.</p> <p>Só se os estudantes voltarem, você teria coragem lldranis?</p> <p>Teria coragem, mas não tenho forças.</p> <p>Sabe por que vocês não voltam mais pra roça? Aqui é diferente.</p>

Fonte: Arquivo da autora (2014).

APÊNDICE Z – Quadro 31 – Pluriatividade (novas ruralidades) em Rio Novo do Sul

Comunidade	Atividades não agrícolas	Quando surgiram	Porque surgiram
Arroio das Pedras	Costureira, agente de saúde, pedreiros, enfermeira, professora.	16 anos para cá.	Para trazer o bem para o município, para a comunidade, trazer algumas coisas boas, pois não tinha agente de saúde, não vinha aqui um médico, não tinha quase nada e agora já está tendo isto tudo. Que facilita e ajuda mais.
Baixo São Vicente	Professor, pedreiro, marceneiro. Tem uns que trabalham com negócio de pedras, supermercado, comércio. Trabalha na fábrica de tijolos e serralheria	Não, muitas surgiram há pouco tempo. Tem uns dez	Aqui mesmo no nosso terreno, aqui de 20 alqueires papai tinha oito famílias que moravam na época de papai, todos tinham a plantação dele, viviam mesmo da terra, época do café colhiam o café, mas, eles plantavam muita coisa, colhiam, criavam também porco, galinha e plantavam, plantavam milho, feijão. Eu acho que o pessoal ficou muito desacreditado, acho que a mídia ajudou muito também, só cidade, cidade, só pensando em ir pra cidade.
Cachoeirinha	Artesã, costureiras, manicure, tem comércio.	Não são coisas muito antigas, é claro que quando se fala em atividades como o artesanato, da agroindústria que aqui tem alguém que mexe um pouquinho com isso, são coisas que claro que bem depois de ter surgido o MEPES aqui.	O MEPES contribuiu muito com as questões dos cursos de artesãs, do bordado, corte e costura, dessas coisas assim foi muita coisa surgida pelo próprio MEPES, outra coisa os próprios alunos, sobretudo quando tinha a escola feminina já era um curso que se falava muito sobre isso, cursos de capacitação que contribuiu muito para isso.
Capim Angola	Comerciante, bares e restaurantes doceiras, panificadora, pedreiro, professor, tem viveirista, beneficiador de café que compra e vende. Tem turismo também que inclusive está sendo muito influente.	Não, todas estas atividades secundárias que eu falei tem uns cinco anos mais ou menos que se intensificaram.	
Copaíba	Auxiliar administrativo, caminhoneiro, muitos trabalham em lojas (comércio) em geral, pessoas que trabalham no restaurante. . O pessoal aqui é mais a Jolivan, e mais para Iconha que aí vão e voltam.	De um período para cá. Mais ou menos uns dez anos para cá, porque antes quando os meninos estudavam a turma toda estudava no MEPES e na alternância ajudavam na agricultura, na lavoura, e a gente via isto aí, uma participação de jovens muito boas que a gente tinha na comunidade.	É porque aqui é perto da BR 101 fica mais fácil, pois todo mundo tem carro ou moto. E com cinco minutos está na BR 101.

		As coisas vão se acabando.	
Couro dos Monos	Tem duas famílias que vive do artesanato com fibra de banana, café. Tem costureiras, têm mulheres que fazem calcinha, sutiã para fora, tem agroindústria de biscoito, brevidade. Quem trabalha fora são os pedreiros, pessoas que trabalham em marmoraria a maioria, outros são funcionários da prefeitura, na função administrativa, tem eu que trabalho aqui (Secretaria de agricultura), tem que trabalha no correio. São bem diversificados as atividades.	Foi de um período para cá, de uns 10 anos para cá, tanto que há dez anos eu trabalhava na roça. Há dez anos o meu filho trabalhava na roça, e como outros jovens que saíram também trabalhavam na roça, outras mulheres também trabalhavam na roça.	Muitos deram a roça a meia, outros a roça virou capoeira, foi abandonada e alguns estão lá lutando ainda. Igual lá em casa mesmo, o meu filho trabalha no correio mais cuida também uma parte da roça. Então ficou nesta situação. Mais muitos deixaram e colocaram meeiros e outros terceirizaram para cuidar. Através destas atividades eles não vão conseguir manter o padrão de vida que eles estão acostumados hoje. Porque o padrão de vida na comunidade há 10 anos era muito simples, você via pessoas só andando de bicicleta, hoje você não vê ninguém andando de bicicleta, é só moto ou carro. Então acostumou com o luxo e agora não tem como voltar.
Itataíba	Costureira, pedreiro, mecânicos, técnicos, hoje também tem engenheiro.	Surgiram de um período para cá. Há uns dez anos, mais ou menos.	
Monte Alegre	Costureira, mecânico, professora, fábrica de farinha e fubá (Agroindústria), feirante, piscicultura.	De uns tempos para cá, como no caso do peixe não tinha, naquela época a gente tinha sim, mais hoje se você pega já tem orientações e faz os poços e já pega o peixe já trata, tem mais gastos com certeza mais também tem mais lucro. E isso é mais rápido. As agroindústrias, a costureira, estas outras atividades sempre existiram aqui ou começaram de um tempo para cá. Antes não tinha aqui em Monte Alegre. De uns 20 anos mais ou menos que começaram a surgir estas atividades	Surgiram por necessidade mesmo. Por exemplo, banana se você vai vender... É um meio de você ter seu dinheiro. Eu acho que surge porque os pais querem que os filhos vão estudando, aí por exemplo igual nossos filhos mesmos a gente colocou para estudar no MEPES, e foram estudando fez faculdade. Aí tem sua profissão, se eles voltarem para a roça se tiver oportunidade na roça é claro que eles vão morar na roça e trabalhar no que eles estudaram. Porque se tiverem oportunidade aqui no futuro é claro que eles voltam e moram na roça e trabalham na profissão deles. A pessoa depende, é claro que você tem que trabalhar, se você quiser ter alguma coisa tem que ver o lado financeiro, é tem que trabalhar, comprar as coisas.
Mundo Novo	Pedreira, professor, costureira, enfermeira, secretária escolar, agente de saúde, técnica de	Mais ou menos em 1990 a 1995 por aí. Não mais, acho que há uns 20 anos atrás, que começou	Através de pesquisa, que começou abrir as pedreiras e deram certo e as pessoas começaram a trabalhar nestas pedreiras. Acho também que é a fonte de renda, as pessoas procuram uma

	enfermagem, comerciante, motorista.	a surgir estas outras atividades, estes novos empregos.	fonte de renda melhor. Porque na roça não tem aquele salário fixo, e os mais jovens vão atrás disso. E agora os novos gostam mais de estudar, agora tem estrada de carro, tem ônibus, é tudo mais fácil para eles poderem ir estudar, naquela época não tinha nada disso.
Pau D'Alho	Doméstica, no caso das mulheres, mais são poucas, a maioria mesmo trabalha em marmorarias. Tem ainda costureira, e uma feirante que está começando a vender pães e bolo na feira municipal.	Algumas sempre existiram estas atividades aqui na comunidade. Desde quando a comunidade começou.	As pessoas não estão mais a fim de trabalharem na roça não. Eles querem as coisas mais fáceis, o dinheiro que vem mais fácil, todo mês certinho, não querem muita dificuldade não. No entanto, as pessoas que saíram daqui para trabalhar em outros empregos não venderam a propriedade. Elas ainda continuam com ela mais, como diz a moda só quem fica mais, quem cuida, são os avós, os pais, os netos mesmo que poderia estar tocando tudo aquilo saíram, foram trabalhar fora. Quer dizer, continuam no mesmo lugar morando, mais trabalhando fora dali.
Princesa	Salões de beleza, cartório, comércio. Atividade de granitos, empregados em pedreiras, vereador, pedagoga, empresa de bananas Veronez, cartório, transporte escolar, tem costureiras, agente de saúde, tem a unidade de saúde na comunidade, professoras, vereadora. Temos muitos aposentados também que gera renda.	Praticamente de um tempo pra cá. Comércio não tinha, vamos colocar de uns 20 anos pra cá estão se diversificando mais. No entanto, para atuar nessas profissões não precisa deixar o rural.	Eu acho que esta surgindo, sabe por quê? Houve um grande êxodo rural no passado, agora parece que está estabilizando, então está havendo necessidade de salão de cabelereiros, comércio, a geração de produção de bananas, por exemplo, empresa, então dá impressão que o meio rural está equilibrando, está em crescimento, está se expandindo, parou um pouco o êxodo rural, ainda tem mais, então há necessidade de explorar outras áreas, outras atividades. Aqui tem pessoas que ficam a semana fora e voltam fim de semana.
Quarteirão de Sant'Ana	A maioria aqui trabalha em marmoraria, tem pedreiros também em construções, que tem muitas construções, fábrica de blocos, nesta vem um pessoal lá de cima dos altos de Rio Novo para trabalhar, caminhoneiros, professores, enfermeiras, costureiras, padeiros, comércio, empregadas domésticas. Tem cortadeira de granitos para cortar miúdos pra fazer mesas, fazer pias, tem a fábrica de blocos, agora fizeram até lavador pra carro,	Marmoraria é mais nova, o granito ai que tem o pessoal que trabalha mais já tem tempo começou quando foi colocado o tear, eu não lembro a época não, mas foi na década de 80 mais ou menos.	

	caminhão.		
Santa Cruz	A maioria é para trabalhar fora e em empresas de mármore e granitos.	Há uns oito a dez anos mais ou menos	É pela crise que está à agricultura, pra quem tem pouca terra já não estava dando para o sustento da família então partimos para buscar outras formas.
Santa Helena	<p>Artesã, tem dois meninos que trabalham no mar pescando, levam meses fora daqui, tem professora, agente de saúde, caminhoneiro, comerciante, entregador, tem funcionário público. Aqui tem agente de saúde</p> <p>A maioria do pessoal do meu lugar praticamente quase todos também não tem um estudo avançado que possa pegar um serviço de qualidade um serviço que como se diz "ficar na sombra", então vai mesmo para o pesado, como serviço de pedreiro, tem uma turma que está trabalhando em Vargem Alta em estradas, aqueles que vestem aquela roupa amarela, laranja. Então a maioria daquele pessoal, poucas pessoas do meu lugar que trabalham em sombra, em serviço assim, terminou os estudos e tem um serviço fixo, to falando de serviço bom. Porque se você tem um estudo você vai conseguir um serviço bom. É o que eu falo com minha filha. Tem alguns que estudaram, fizeram faculdade, mais tem outros que estão no curral tirando leite, isto na mesma casa. A maioria das meninas daqui estão empregadas na Vila, em lojas,</p>	Surgiram de pouco tempo para cá, acho que uns 10 anos para cá. Porque muitas firmas apareceram agora, mais assim de pedreira tem mais tempo, caminhoneiro também há muito tempo.	Antes disso aí todo mundo trabalhava na lavoura. Praticamente todo mundo trabalhava na lavoura, ninguém tinha esta atividade de sair para outro lugar não. Como as coisas foram ficando ruim aqui, então foi onde o pessoal teve que "sair fora". Igual meu menino, saiu no primeiro ano do segundo grau, ele não concluiu, e hoje ele trabalha fazendo poço artesiano. E ele não falta serviço, trabalha até dia de domingo.

	supermercados, tem muitos daqui do nosso lugar que trabalham nos supermercados de Rio Novo. Assim, não trabalham na roça.		
Santa Rita	Polideira de pedra, as mulheres trabalham no comércio, professora e os rapazes, homens casados mesmo nas maiorias trabalham em marmoraria, tem costureira também.	Bom isso sempre existiu, as costureiras antigamente existiam bem mais do que agora, esses tempos existiam bem mais que agora. Antigamente as pessoas só compravam tecidos pra fazer, não comprava roupa pronta.	
São Caetano	Tem várias, pessoas que trabalham em indústria de mármore, agente de saúde, tinha enfermeira mais foi morar em outra comunidade, tem técnica de enfermagem, mais esta não está exercendo, tem engenheiro agrônomo e doceira. Os demais são agricultores.	Começaram na década de 90 para cá.	Porque foram descobrindo que aquelas propriedades que tinham as pedras não valiam nada, foi tendo o êxodo para outras cidades ai descobriu-se que a pedra tinha valor, ai começou a extração das pedras, isso então os jovens de dentro da comunidade iam trabalhar dentro da comunidade mesmo, depois de dentro da comunidade já saíram pras indústrias.
São Domingos	Tem costureiras, aqui são duas, tem muitos que fazem seus biquinhos, faz doces para vender, pedreiro, trabalha nas pedreiras, faxineiras, agente de saúde, aqui não tem professor, você acredita? Cozinheira, advogado, pintor, caminhoneiro.	O caminhoneiro já faz uns 13 anos, é ele e os três filhos dele. O pedreiro, já tinha mais pintor, advogado, chegaram agora. Estas outras profissões a maioria delas chegaram aqui a mais ou menos uns cinco anos. Agora as cozinheiras já fazem mais tempo, uns dez anos por aí.	Eu acho que as pessoas desanimam do rural, porque hoje você vai vender uma banana o preço esta lá embaixo, você tem uma lavoura tem adubo, e tudo se a pessoas for pegar a meia então aí sim que não compensa. Aí o serviço numa marmoraria, por exemplo, você trabalha ali e seu mês está certinho, você não tem preocupação se vai ter ou não.
São Francisco	Curraleiro, Agente de Saúde, montador de móveis, pedreiros, vendedores, muitas pessoas trabalham em supermercados, nos comércios de Rio Novo e em Iconha.	Não, de primeiro não tinha, tinha só lavoura de café, o pessoal foi acabando com as lavouras de café.	É porque não dava pra sustentar a família só com a agricultura
São Vicente	Comércio, pedreiras. As meninas são empregadas no comércio, costureira os meninos no setor de rochas, motorista, agroindústria,	De uns tempos pra cá, antigamente era só a agricultura.	Só a agricultura está ficando difícil.

	motorista, cobradora, marleteiros entram nas indústrias e mineração.		
Vila Alegre	Professor, secretária, massagista, costureira, agroindústria de mariola, feirantes, pedreiros, empregados em marmorarias, em comércio,	De uns quinze anos pra cá, uns vinte anos pra cá, saia um, saia outro, inventava uma coisa outro inventou a mariola, outro inventou as massagens, igual outro inventou a feira, cada um inventou alguma coisa.	Porque não estava dando mais pra viver, que a coisa estava ficando feia, porque não estava dando só pra viver na roça.
Virgínia Nova	Comércio, oficinas, armazéns de café, secretárias, merendeiras, faxineiras, costureira, cabelereira, doceira que faz bolos para festas.	De uns dez anos pra cá.	
Virgínia Velha	Agente de saúde, serventes de escola, merendeira, motorista, mecânico, comércio, segurança, auxiliar administrativo.	Alguns há poucos tempos, outros há uns dez anos que começaram essas outras atividades.	Por falta primeira de incentivo da parte do governo e o preço das coisas também está oscilando muito, um dia está muito baixo ai não dá nem pra suprir.

Fonte: Pesquisa de campo realizada pela autora (2014).

APÊNDICE AA – Quadro 32 – Análise de jovens por comunidade que estudaram e estudam atualmente na EFA de RNS e a relação da EFA com a comunidade hoje

Comunidade	Número de jovens que estudaram na EFA de RNS	Resultados destes jovens na comunidade	Alunos hoje estudando na EFA	Relação da EFA/RNS com a comunidade hoje
Arroio das Pedras		A Escola trouxe benefícios para o rural sim, pois ensinava realmente o trabalho na roça, o espaçamento de uma planta, de outra, como se fazia uma horta, e tudo isso aí eles trabalhavam lá. No entanto estas foram influências mais isoladas.	Nenhum	Existe um total distanciamento entre a escola e a comunidade. A comunidade não tem contato, não tem conhecimento de como está. Isso vinha muito quando era do tempo do Arturildo, seu pai deve falar dele. Ele sim, quando ele esteve aí, o MEPES funcionou muito bem, em todas as comunidades. Depois que ele saiu aí começou a decadência. A escola ficou mais ali no Centro mesmo.
Baixo São Vicente	03 alunos	Desses nada.	Não. Porque falam que o MEPES é escola ruim, falavam que é escola ruim.	A comunidade não procura e a escola também não procura não se manifesta não, nunca ouvi dizer. Mas, aqui a escola não vem na comunidade. Está enfraquecida. Mais eu acho que eu tenho esperança de melhorias, eu vejo gente boa entrando agora, eu tenho esperança assim de melhoras, o que precisa e o que eu acho que precisa na minha experiência, que eu trabalhei muito na educação, eu acho que precisa de gente entusiasmada e também tem certas coisas que eu acho que quem está lá em cima deveria saber, não deixam os alunos fazerem nada, menino não pode trabalhar, porque não pode fazer isso? Isso não é trabalho que mata ninguém, fazer um canteiro pra plantar, não pode fazer isso não? É o que eu falo pra Mônica, o pessoal não ensina mais isso não, ninguém quer trabalhar. Que bom se a escola voltar a ter aquele vínculo bom de puxar esses jovens, entrando gente entusiasmada lá, mostrando trabalho e os alunos mostrando um aprendizado

				bacana mudar essa concepção que as pessoas tem de que a escola não ensina, não educa, não está formando, mudaria.
Cachoeirinha	Passaram muitos, bastante.	Alguns sim, mas nem tanto, a gente que muitos que passaram eles em si, se promoveram, foram resultados particulares de cada um, para a família, mas como comunidade não teve assim quem tivesse muito destaque porque a gente vê poucos que assumiram papel de liderança aqui na questão de esportes, na igreja, na verdade mesmo não tiveram envolvimento com a comunidade.	Não, não existe. Hoje, os meninos estudam vão de ônibus de manhã e voltam à tarde, outros estudam a noite.	Ultimamente não. No passado sim, começava as visitas às famílias, participando de movimentos, debatendo na comunidade questões relacionadas ao campo, naquele tempo tinha presença, sobretudo na época de festa, participavam com atividades aqui, a gente fazia feiras, exposições, a escola estava presente, a escola não se faz mais presente.
Capim Angola	20	Em alguns casos sim, principalmente os que ainda estão na comunidade, influenciou na pecuária, implantou técnicas que antes não tinham, piquetes, inclusive estão bem sucedidos devido a isso. Também só conheço um aqui assim que se dedicou mesmo, agora os outros a maioria trabalha fora, ou às vezes nem tinha terra. Eu por exemplo não tinha terra na época que eu estudava no MEPES, se eu tenho alguma coisa hoje foi devido aquela associação AERGE, que também acabou em nada. Minha juventude foi toda gasta naquela associação, até os 35 anos. A gente comprava e arrendava terra tudo junto, mais	03	Ultimamente mudou muito este tipo de relação. Que uma época a escola ia muito à comunidade, fazia atividades, alguma coisa assim, hoje em dia mudou muito. A escola esta bem mais distante da comunidade. Teria que dar um jeito de aproximar mais, levar mais programas, qualquer coisa. palestras, alguma outra atividade. Sei lá, tem que inventar alguma coisa para poder aproximar mais. Olhando a situação dela, em relação a minha época enfraqueceu muito, não digo em termos de professores, eles são dedicados, mais não sei, a área externa na minha época os alunos eram grandes, tinham mais coragem, era realmente gente da roça, chegava para trabalhar na aula prática, eles pegavam pra valer, hoje os alunos são menores, não são aquelas pessoas de garra na agricultura, parece que são um pouco diferentes. Muito urbanos pequenos. Sei lá. Então nesta área enfraqueceu muito. E desta maneira não tem jeito, hoje você usar uma criança para fazer um tipo de

		<p>depois começou a mudar os pensamentos.</p> <p>Porém, é porque geralmente quem tem terra tem um benefício melhor. Quem não tem terra ficou apenas na teoria.</p>		<p>trabalho é até perigoso, com este monte de leis aí. Então a gente fica assim, meio sem pé e sem cabeça de dar um jeitinho. É complicado.</p>
Copaíba	25 alunos.	Muito, eles traziam muitas coisas boas.	Nenhum. O transporte escolar de Iconha vem buscar aqui. Buscar e trazer. De Capim Angola agora vem também, pois ia perder os alunos todos.	Não, ultimamente não. Perdeu-se este vínculo.
Couro dos Monos	01 - Os outros por ser perto da escola nunca tiveram incentivos de estudar no MEPES.	No nosso caso não, porque não teve alunos praticamente.	Não, mais não sei porque, se é falta de incentivo dos pais, ou da comunidade em valorizar mais a escola, eu não acredito, porque eu tiro isto mesmo pelos meus filhos, eu nunca incentivei o meu filho a estudar lá, eu nunca procurei conhecer a escola, saber o que a escola oferecia, talvez se eu tivesse feito isso ele não teria saído para trabalhar fora, porque eu sei que ele gosta da roça. Então eu não sei se falta este incentivo da comunidade de estar mostrando esta realidade.	<p>A única coisa é quando chega no final do ano na época de matrícula que mandam uma carta para a comunidade avisando se tiver alguém interessado que as matrículas estão abertas. Não temos a presença da escola na comunidade, e nem a comunidade procura a escola.</p> <p>Eu acho que ela está um pouco apagada. Embora eu acho que deveria ter uma ligação maior com a comunidade. Não só da escola com a comunidade, mais eu acho que as comunidades também tinham que buscar a escola, eu percebo isso pela minha comunidade, nós nunca tivemos interesse de ir até a escola conhecer, para ver o que a escola oferecia e oferece, para poder incentivar também os filhos a estarem lá. Eu não posso dizer a culpa é da escola, a comunidade também tem culpa nisto.</p>
Itataíba	03	Da minha comunidade foram poucas pessoas mesmo.	Hoje não tem jovens estudando no MEPES No MEPES, o estudo é para	Em momento nenhum, eu acho que nem vai e nem vem. Hoje é difícil eu te dar um ponto sobre a escola, pois eu não tenho muitas referencias dela.

			a agricultura e hoje o povo já está desinteressado.	Eu não posso dizer se é boa ou ruim, pois eu não tenho filhos aqui. Com a comunidade hoje não tem ligação nenhuma mais.
Monte Alegre	10	<p>Trouxe sim, nós plantamos banana e meu irmão orientava. Naquela época a fossa era ao ar livre, ele a primeira coisa que ele trouxe foi fazer a fossa, até nas bananeiras tinha fossa direitinho tapadinho tudo certinho. Isto foi um benefício para a saúde da gente. Porque fazendo as fossas evitou muitas doenças também.</p> <p>E em relação à agricultura, foi muito bom, porque ele aprendeu muito e ensinou e na verdade até hoje ele sabe fazer muita coisa e trás muito benefício e orientação para a gente aprender a trabalhar também.</p>	Hoje não tem mais	<p>Eu acho que não tem mais procura pelo MEPES, porque eles vão estudar em Virgínia Nova, ou Rodeio que seja que o carro passa leva e de tarde já esta em casa, tem mais facilidade. Lá no MEPES, tem que ficar uma semana lá, é isso talvez.</p> <p>Que eu saiba nada. Ninguém vem até a comunidade e ninguém vai até a escola.</p> <p>Pelo que eu vejo lá, eu vejo até bastante aluno lá. Então eu acho que está até bem, na vista de Campinho, pois que até fechou.</p>
Mundo Novo	<p>Aqui já estudaram bastante</p> <p>Tiveram bastante, a família dos Diirr mesmo todos eles estudaram no MEPES, eles davam até pousada para os jovens que vinham de fora, de Minas Gerais,</p>	<p>Relação ao trabalha na agricultura mudou nossa muita coisa, porque veio o MEPES e muitos foram estudar no MEPES, as primeiras lavouras de café quem plantou foi Louro Diirr, que aprendeu as técnicas do MEPES e trouxe. Ninguém tinha nada vamos falar a verdade, quando eu me casei não tinha nada quatro ou cinco pés de café lá longe que catava aquela caroçada, nada. Aí depois ele veio, estudou e ensinou a plantar, eu me lembro que aquele morro</p>	<p>Hoje não tem mais.</p> <p>Eles estão todos no ginásio, tem a escola em Virgínia Nova também, aqui mesmo vai mais para Virgínia Nova do que para Rio Novo.</p>	<p>.</p> <p>Hoje não existe esta relação entre a escola e comunidade aqui em Mundo Novo.</p> <p>Eu acho que continua uma coisa boa.</p>

	<p>Maranhão, eles ficavam quinze dias no MEPES e quinze dias com eles.</p> <p>Acho que dá uma base de uns 40 alunos.</p>	<p>todinho ali ele fez tudo na técnica certinho e aí começou a produzir muito, muita coisa mesmo. Aí todo mundo começou plantar e ter fartura, mais ninguém tinha nada não, era uma pobreza danada, ninguém tinha casa boa, ninguém tinha energia, ninguém tinha lavoura.</p> <p>Aqui teve muitos alunos que estudaram no MEPES. Teve uns que estudaram e depois colocaram os filhos para estudar lá.</p> <p>Tinha as aulas de capoeira, que eles aprendiam na escola e nos ensinavam aqui na comunidade.</p> <p>Trouxe também as técnicas de lavouras, isto foi vindo do MEPES ta? O cafezal que tem aí é tudo fruto do MEPES, as turmas aprenderam pelo MEPES. Eles vinham e depois faziam as técnicas para os outros. Tinha também Arturildo da EMATER na época que andava pela roças.</p> <p>Foi muito bom o MEPES para nós aqui foi muito bom.</p>		
Pau D'Alho	<p>Teve gente daqui que estudou sim, mais o número previsto não sei certo. Eu de certeza duas</p>	<p>Olha eu posso te responder com certeza, trouxe nada de bom, nada que pudesse expandir para a comunidade.</p>	Não.	<p>Aqui também é perto da sede e temos transporte escolar de fácil acesso. A escola não está presente aqui. Até a gente gostaria que vissem, poderia vir, incentivar os jovens a estudar lá, tem vários jovens que vão para o sexto ano e quem sabe talvez tivesse o transporte.</p> <p>Eu acho uma escola maravilhosa. E agente vê que</p>

	<p>peessoas.</p>			<p>para as crianças estudarem hoje é uma boa escola, melhor que outras por aí. É um colégio de menos bagunça. Então a gente acha melhor o MEPES agora. Porém, nunca teve ninguém para chegar aqui e conversar como um professor, alguém para incentivar os pais a colocarem os filhos na escola. Durante o tempo que eu estou aqui, eu nunca vi a escola aqui. Lá hoje é uma escola melhor, pois o aluno tem mais responsabilidades, mais atividades. E se hoje não observarmos bem os nossos filhos eles vão para o caminho errado. Senão acompanharmos é difícil.</p>
Princesa	<p>Rio Novo era longe, foram todos pra EFA de Campinho</p> <p>Campinho foi bastante</p>	<p>Eu posso falar que eu e o Gildo somos os únicos que conseguimos segurar os dois filhos aqui, a única família completa que vive na semana toda todos juntos. Praticamente somos os únicos e que nossos filhos estudaram na Escola Família. Mesmo que foram pra Campinho e não foram pra Rio Novo, esses jovens, desde que começou a escola, quando a escola ainda estava em atividades trouxeram algo de novo para esta comunidade.</p> <p>Trouxeram bastante, claro que hoje a tecnologia a nível geral evoluiu na agricultura, mas de início. Nossa mãe se não fosse a Escola Família. A Escola Família hoje é claro você vai fazer lá um café vem um agrônomo, vendendo tudo, mas as primeiras técnicas quem trouxe para o nosso meio rural foi a Escola</p>	Não	<p>Atualmente a escola de Rio Novo não tem contato, antigamente talvez tinha, eu lembro que eles mandavam ler na igreja isso tem tempo já, que ia abrir o ano letivo pra escola, se tinha algum jovem, era uma cartinha e tal se quisesse ir estudar que era do município, mas ultimamente não tem ligação. – Rio Novo a gente não tem muito contato, Campinho nem funciona mais. A gente vê assim, os meus filhos um estudou em Campinho e Olivânia, estudaram em Duas Barras e depois que foram para o MEPES, então pelas facilidades falando nas mudanças que já teve transporte, escola próxima, hoje tem condução pra levar aluno, então à escola pública ficou um pouco mais acessível, ficou fácil, agora a escola agrícola é aquela que a realidade é voltada pra ela, atende muito bem parece o município de Itapemirim por ai que está mais próximo. Está atendendo mais os alunos de Itapemirim pelo que estou sabendo.</p>

		Agrícola, foi um avanço que na formação todo ficou.		
Quarteirão de Sant'Ana	Uns 20 alunos	<p>Ai eu acho que ajudou bem pra ensinar na agricultura pra trabalhar, desenvolver a agricultura.</p> <p>Mais de forma geral não ajudou muito.</p>	Tem sim, vem um carro buscar, esse ano aumentou a procura, de dois anos passados que aumentou a procura.	<p>A comunidade está procurando a escola eu acho que era por causa dos problemas que estavam acontecendo no colégio estadual, muitas pessoas quiseram matricular os filhos lá por isso. Hoje em dia tem o distanciamento da escola com a comunidade. Talvez aqui seja menor esta relação, porque é mais urbano.</p> <p>Eu estou meio desinformado daquilo lá, sei que eles fazem as festas lá, às vezes fazem bingo pra arrecadar dinheiro.</p> <p>Mas, tem um distanciamento da comunidade. Pra falar a verdade eu nem conheço o pessoal de lá. Pra falar a verdade, eu acho que por ser uma escola agrícola, deveriam trazer esses alunos pra onde eles moram, inserir eles mais na questão da agricultura.</p>
Santa Cruz	11 alunos	Continuam, dos onze quatro na comunidade e trabalhando de empregados e na agricultura, na agricultura somente só tem um. Ajudou no incentivo, na maneira da gente trabalhar, desde o plantio até a conservação das plantas, ajudou muito nisso ai.	Não.	Sinceramente Santa Cruz com o MEPES não tem essa ligação. Depois que formamos a comunidade não tivemos contato com o MEPES, com a escola, nem a comunidade procura pela escola. Sinceramente eu de uns dois anos pra cá eu nem tenho acompanhado a escola mais, difícil até de falar.
Santa Helena	Tem bastante aluno sim, deve ter mais ou menos uns 30 alunos que estudaram lá	Teve um que estudou no MEPES e quando saiu foi fazer muda de café, venderam foi muita muda de café. Então foi um desenvolvimento muito bom o MEPES. Minha filha Natália se fosse por mim, ela estava lá até hoje, que eu amava aquela	Daqui do nosso lugar não. Tem ônibus também que passa aqui na porta e vai e volta para casa.	A escola com esta comunidade não tem ligação nenhuma.

		<p>escola, ela teve um avanço enorme no MEPES. Quando Natália estudava no MEPES, ela vinha com muitas atividades, que me despertava também, e aquilo que me despertava eu passava para os outros, então eu achei que foi bom. Na Fazenda Velha teve muitos alunos lá também, eu achei que foi muito bom, teve um menino igual eu falei quando ele saiu do MEPES, veio fazer muda de café para vender. Então foi um desenvolvimento que ele não ficou só ali, ele jogou para fora também àquilo que ele aprendeu. E eu gostei.</p> <p>Todas as pessoas que moram aqui e estudou lá como o meu sobrinho, minha filha, eles amavam o MEPES, eu acho uma escola maravilhosa, uma responsabilidade muito grande com os filhos dos outros, na forma de tratar, de agir, eu como mãe eu amava quando Natália minha filha estudava no MEPES, minha cunhada também colocou os dois filhos dela para estudar lá, eles também gostavam muito, todas as mães adoravam que os filhos estudavam lá. Eu acho que não tenho nada de mal para falar do MEPES. Na comida, no dormir, no tratar, no ensinar, eu acho que estão de parabéns também.</p>		
--	--	---	--	--

Santa Rita	10 alunos	<p>Assim que saiam da escola eles trabalhavam, fazia alguma horta alguma coisa, mas levar alguma coisa adiante ai não.</p> <p>Só um mais ou menos, porque ele trabalha em marmoraria e nas horas vagas ele ainda tem animais, meche um pouco, só ele mesmo, os outros não.</p> <p>Meu irmão é outro que trabalha na SELITA, mas tem animal e meche com alguma coisa ainda. Só os dois</p>	Não. Devido a ter o ônibus eles preferem estar todo dia em casa.	<p>Só procuram na época de matrículas que mandam uma cartinha avisando que as matrículas estão abertas</p> <p>Nem a comunidade procura a escola</p> <p>Ai tem aquele negócio daquelas crianças dentro do ônibus que vai e vem, mas preferem isso. Eu não tenho ligação nenhuma com a escola do MEPES, não vejo falar nada, em Rio Novo nem sei se funciona direito. Talvez podem divulgar em outras comunidades, mas aqui que sei não</p>
São Caetano	06 alunos	<p>Passaram e não tiveram oportunidade por causa dos pais, os pais eram proprietários e não teve como eles deslancharem, pois os pais tinham resistência ao novo, principalmente pela descendência nossa daqui da comunidade que é Suíço, Alemão e Italiano, são meios duros pra querer abrir mão com um filho pra fazer um projeto, igual no meu caso eu fui adquirir terra depois que meu pai faleceu, antes até certo tempo eu não tinha nada, eu trabalhava sempre pro meu pai, é de vocês, de vocês e ia trabalhando.</p>	Nenhum. Por que é mais fácil a questão do transporte, antes não havia o transporte, ai fazia essa alternância, ai entrou o transporte ficou melhor você ter o filho nessa casa, você está mais próximo do seu filho, o transporte é a facilidade pra não ir.	<p>Hoje em dia existe um distanciamento da comunidade com a escola. Ela ficou meio que abandonada, ela ficou meio assim que capenga, dependente do poder público pra pagar uma gasolina, isso, aquilo, atrasou salário, ficou uma coisa insustentável, até para a opinião pública ela ficou uma escola falida, é isso que eu percebi e isso caiu na boca do povo, a escola está fechando, a escola vai fechar, então isso que eu ouvi e senti, nisso, houve a alternativa de trazer os alunos de Itapemirim, então deu uma guinadazinha na escola, mas aquela escola de todo mundo, aquela não volta mais, tá? Na minha visão, ela não volta mais.</p> <p>Se não fizer um trabalho que eu acredito que pelo espaço que tem, pela dinâmica que nós temos aqui, poderia fazer naquela baixada toda um hortão municipal, fazer alguma coisa dentro do município, chamar o município pra dentro, pra fazer alguma coisa, participar ativamente com viveiro e tudo ali eu acho que daria algum resultado, a escola seria a cabeça do negócio, daria um impulso, essas</p>

				<p>verduras seriam vendidas ou doadas pelas pessoas carentes, faziam em trabalho de mutirão e incentivaria alguma coisa nesse sentido ai, chamar os pais para conversas, fazer reuniões nas comunidades, fazer um trabalho de base igual o Sindicato tem que fazer, tem que fazer um trabalho de base, com pessoas de credibilidade, tem essa também, vale quem tá na frente da coisa. Senão não vai pra frente, agora chegar um cidadão na sua comunidade pra falar de qualquer jeito o pessoal não vai, o pessoal não dá atenção. Pessoas com pouco empenho pra poder trabalhar, ajudar. Acha assim, deram cinco horas acabou meu dia, não é assim. Esse chamamento pra dentro tem que fazer um trabalho de base, juntar essas forças, desse povão ai, desse povo antigo, chamar esse povão todo pra dentro fazer um trabalho, porque a cúpula de hoje não tem credibilidade pra estar dentro do contexto.</p>
São Domingos	20 alunos desde quando começou até hoje.	<p>Meu filho aprendeu boas coisas lá, com certeza. Mais assim para ele sobreviver não, o levar ideia para a roça também não.</p> <p>Principalmente aqueles que saíram e não continuaram estudando, foram trabalhar, se casaram. Alguns saíram muito cedo para trabalhar.</p>	01 aluno	<p>Nem a comunidade procura a escola e nem a escola procura a comunidade. A escola já foi mais ativa nas comunidades sem dúvidas</p> <p>A escola do MEPES tem poucos alunos que estuda ali, mais ela está ainda muito bem organizada ainda eu acho. Inclusive eu tenho amigos que trabalham lá. A escola está boa, o aluno que estuda lá está em um bom lugar, melhor estudar lá do que no ginásio, que hoje em dia eu observo as violências aqui tem muito mais.</p> <p>Lá eles ensinam muitas coisas.</p> <p>Eu só não coloquei minha filha lá, pois não tenho como ir levar todos os dias, se tivesse uma condução ela iria para lá sim.</p>

São Francisco	04 alunos	Trouxeram, mais não serviu de nada, pois não cuidara, pois aprenderam muita coisa e depois largaram as terras aqui e foram buscar outros empregos fora.	Não	Falta de informação e incentivo, por parte da escola e da comunidade. A escola está um pouco apagada, não vem ninguém aqui na nossa comunidade, nem para ver se tem algum aluno para estudar lá.
São Vicente	30 alunos	Trouxe, o que está em pé hoje de bom na comunidade foi através da Escola Família Agrícola. Foi muito bom, muito bom mesmo Tudo o que eu faço hoje, um pouquinho é o que eu estudei lá. Um dia eu falei numa assembleia no MEPES em Rio Novo me perguntaram com sendo um dos pioneiros do MEPES o que eu tinha pra dizer do MEPES. Tudo o que eu sou até hoje eu devo ao MEPES, até como ser motorista eu agradeço ao MEPES, porque se eu não tivesse estudado no MEPES, ter aprendido alguma coisa, na hora de fazer a prova eu não teria passado na prova, então até isso eu devo ao MEPES. Porque a agroindústria de polpa, foi tudo em cima da Escola Família, veio de lá. Outro que cortava 30 mil quilos de banana mês aprendeu lá. Outra coisa, isso ajudou a comunidade de um modo geral, os que estudaram e	01 aluno	Já esteve bem mais que agora. Ela está meia distante. – Na década de 80 ela vinha e fazia até teatro com a Escola Família Agrícola. Mas vinha ai, faziam palestras, incentivam. Na época de Roseli, vinha o pessoal de Anchieta, faziam gincana. Em vista de antigamente está mais fraca. Mas, tem uma explicação também, porque nos 60 e 70 nós pioneiros do MEPES, eu tive essa oportunidade de estudar, só que os meus irmãos e os amigos da minha idade não tinham esses ônibus que passavam pra estudar em Rio Novo, então tinha preferência que era o MEPES, que tinha mais conforto com ônibus para buscar em casa e levar em casa, os próprios alunos abandonaram o MEPES também. Mas, a Escola Família foi fundada desse jeito, porque o cara estudava lá e tinha três turmas, estudava uma semana e ficava duas em casa, quando você ficava em casa ficava trabalhando, você aprendia o teórico lá e a prática em casa. Hoje a clientela é do urbano, não tem cultura para a agricultura, não vai ter, fica mais difícil, alguns talvez serão catados pra fazer uma horta, até na próxima cidade. Mas, o MEPES se não abrir mão pode perder por

		<p>indiretamente eles aprenderam alguma coisa, a desbastar bananas, plantar café, desbrotar café, trabalhamos as técnicas</p> <p>Nem 100% na época não tinha como, mas uns 60% das técnicas eles vão e copiam da gente, como que seu café colheu assim e nós não conseguimos, faz desse jeito, então vamos fazer assim, e está dado certo pra eles ainda.</p> <p>Ajudou indiretamente a quem não estudou também.</p>		falta de alunos.
Vila Alegre	15 alunos	Pra falar a verdade trouxe sim, trouxe coisas que vocês ensinam nós. Ensinam muitas coisas a nós que não sabíamos nada.	Hoje não.	Beleza, eu tenho que falar que está boa, eu não posso falar nada, até no outro dia vieram os jovens da escola aqui pra visita a fábrica de mariola, veio um montueiro, tá bom, beleza.
Virgínia Nova	05 alunos	Eu acho que não. Só que eles são mais dedicados que os outros. Mesmo na profissão deles eles são mais desenvolvidos na mentalidade deles.	Não.	<p>Tem outra escola aqui pertinho.</p> <p>Não existe ligação de nada.</p> <p>Praticamente com a EFA de Rio Novo e a comunidade.</p> <p>Eu acho que ela tem um trabalho bonito, um trabalho bom, mas que com o desenvolvimento das escolas nas comunidades diminuiu quantidade de alunos que podem ir por MEPES, que a escola é mais perto, e mais fácil, acabam que as pessoas não estão indo. Mas, o MEPES para o rural é uma maravilha porque trás os jovens para o campo e de volta.</p>
Virgínia Velha	10 jovens	Certamente trouxe, principalmente na minha época.	Não. Pelo transporte que passa aqui na	Que faz o vínculo entre escola e comunidade, não.

		<p>Eu comecei estudar lá e chegava à casa que lá eles começaram a ensinar a desbastar as bananas, era uma touceira, cortava e os outros diziam que eu era doido que ia acabar com tudo, tinha que deixar a mãe, filha e neta, você acha. E quando eu cheguei em casa falando do negócio de inseminação artificial, diziam que isso não existia, era caso de quase bater na gente.</p> <p>Conseguia aplicar na propriedade</p> <p>Na época não, porque tinha aquela barreira, diziam que não existia aquilo.</p> <p>Tanto barreira família, quanto a barreira de incentivo.</p> <p>Sim, trouxeram. Começaram a acordar, é preciso mudar. O que é inseminação artificial, onde você viu? Não tem. E curva de nível? Perguntavam como ia ruar café atravessado. Como capinar de lado? Não existe isso, brigavam. Veio mudando dali. Foi um grande incentivo, mudou.</p>	<p>comunidade todo dia.</p>	
--	--	--	-----------------------------	--

Fonte: Pesquisa de campo realizada pela autora (2014).

APÊNDICE BB – Quadro 33 – Pessoas entrevistadas por comunidade para a análise do meio rural e da EFA em Rio Novo do Sul. Uma análise da década de 1960 aos dias atuais

Comunidade	Data da Entrevista	Entrevistados
Arroio das Pedras	21/11/2014	<p>Nome: Danilo Marinato Profissão: lavrador Idade: 65 anos Escolaridade: 2ª série primária (Depois não veio mais professor)</p> <p>Nome: Maria de Lourdes Silvestrini Profissão: lavradora Idade: 63 anos Escolaridade: Não sabe ler (Eu fui na escola mais não aprendi)</p> <p>Nome: Patrícia Silvestrini Marinato Profissão: Lavradora Idade: 28 anos Escolaridade: 4ª série primária</p>
Cachoeirinha	14/09/2014	<p>Nome: João Batista Martins Profissão: Aposentado Idade: Escolaridade:</p>
Capim Angola	12/11/2014	<p>Nome: Geraldo Alves Profissão: Lavrador Idade: 59 anos Escolaridade: Ensino Fundamental completo. Fui aluno do MEPES em Rio Novo e depois que saí, fiz curso que não foram completos.</p>
São Caetano	17/11/2014	<p>Nome: Camilo João Thompsom Diirr Profissão: Agricultor Idade: 47 anos Escolaridade: 8ª série primária</p>
Copaíba	23/11/2014	<p>Nome: Maria Catarina Schaider Sartório Profissão: Professora Aposentada Idade: 57 Escolaridade: Graduada em Pedagogia e Pós Graduada</p> <p>Nome: Márcia Helena Costa da Silva Sartório Profissão: Auxiliar Administrativo Idade: 32 Escolaridade: Cursando superior</p>
Couro dos Monos	12/11/2014	<p>Nome: Eliane Louzada Wetler Profissão: Servente Idade: 53 anos Escolaridade: Ensino Médio Completo</p>
Itataíba	12/11/2014	<p>Nome: Jeneir Castelari Marconsini Profissão: Lavrador Idade: 45 anos Escolaridade: 4ª série</p>
Monte Alegre	20/11/2014	<p>Nome: José Adão Polonini Profissão: Lavrador Idade: 52 anos</p>

		<p>Escolaridade: 5ª série</p> <p>Nome: Maria Brili Polonini Profissão: Lavradora Idade: 49 anos Escolaridade: 4ª série primário.</p>
Mundo Novo	02/01/2015	<p>Nome: Balbino Luiz Castelari Profissão: lavrador, Pecuarista (tudo na vida) Idade: 67 anos Escolaridade: 3ª série primário</p> <p>Nome: Regiane de Freitas Castelari Profissão: Professora Idade: 28 anos Escolaridade: Superior completo (Pedagogia)</p> <p>Nome: Maria Euvira Freitas Castelari Profissão: lavradora Idade: 63 anos Escolaridade: 4ª série primário</p>
Pau D'Alho	22/11/2014	<p>Nome: Maria da Conceição Diirr de Verás Profissão: lavradora Idade: 45 anos Escolaridade: 3ª série primário</p>
Princesa	15/11/2014	<p>Nome: Gildo Miguel Natal Mozer Profissão: Agricultor familiar Idade: 56 anos Escolaridade: 2º Grau</p> <p>Nome: Lurdes Sangiörgio Mozer Profissão: Vereadora/ Agricultura Idade: 46 Escolaridade: 2º Grau</p>
Quarteirão	25/02/2015	<p>Nome: Antonio Emanuel Schuina Profissão – Agricultor Idade – 65 anos Escolaridade: 4ª</p> <p>Nome: Michelli Peixoto Schuina Profissão – Psicóloga Idade – 30 Escolaridade – Superior completo</p>
Santa Cruz	25/02/2015	<p>Nome: Emanuel Antonio Louzada Profissão: Agricultor e polidor Idade: 42 anos Escolaridade: Ensino Técnico – EFA – RNS</p>
Santa Helena	23/11/2014	<p>Nome: Maria da Penha Campos Peçanha Profissão: lavradora Idade: 49 anos Escolaridade: 8ª série</p>
Santa Rita	14/11/2014	<p>Nome: Aldenir Louzada Scheidegger Profissão: Professora aposentada Idade: 66 anos Escolaridade: Ensino Médio - Magistério</p>
São Domingos	18/11/2014	<p>Nome: Adélia da Silva Almeida Profissão: lavradora (Se não eu não me aposento depois) Idade: 53 anos Escolaridade: 4ª série</p>

		<p>Nome: Patrícia Carvalho Wetler Almeida Profissão: Lavradora Idade: 26 anos Escolaridade: 8ª série</p> <p>Nome: Nalmir Louzada da Silva Profissão: Lavrador aposentado Idade: 67 anos Escolaridade: 4ª série primário</p>
São Vicente	09/11/2014	<p>Nome: Ademar Emílio Bortolotti Profissão: Motorista e agricultor Idade: 59 anos Escolaridade: Estudei no MEPES</p> <p>Nome: Manoel Antonio Bortolotti Profissão: Pedreiro, agricultor, polidor, operador de máquinas Idade: 48 anos Escolaridade: Estudei no MEPES (1966). Primário</p>
São Francisco	09/12/2014	<p>Nome – Jair Ferreira Bastos Profissão – Agricultor Idade – 75 anos Escolaridade – A minha filha se eu te contar só fiz o 1º ano A. Não teve mais aula pra gente, a gente estudou de noite, mas já estava de idade já, eu aprendi um bocado, mas eu sei ler, escrever, eu escrevo.</p>
Virgínia Velha	18/01/2015	<p>Nome: Luiz de Gonzaga Passos Profissão: Agricultor Idade: 62 anos Escolaridade: Ensino Médio</p> <p>Nome: Rodrigo Valiati Passo Profissão: Técnico Agrícola Idade: 30 anos Escolaridade: Ensino Superior completo</p> <p>Nome: Genoefa Valiati Passos Profissão: Agricultora Idade: 59 anos Escolaridade: Ensino Primário</p>
Virgínia Nova	15/11/2014	<p>Nome: Edvaldo Elias Três Profissão: Mecânico e agricultor Idade: 46 anos Escolaridade: 8ª série</p>
Vila Alegre	27/12/2014	<p>Nome: Waldir Augusto Moro Profissão – Agricultor/Aposentado Idade – 72 anos Escolaridade: Alfabetizado em casa</p>
Baixo São Vicente	30/12/2014	<p>Nome: Amélia Adade Elias Profissão: Professora aposentada Idade: 78 Escolaridade: Ensino Superior em Pedagogia</p> <p>Nome: Mônica Polonini Castelari Bressamini Profissão: Professora Idade: 27 Escolaridade: Pedagogia</p>

Fonte: Pesquisa de campo realizada pela autora (2014).

APÊNDICE CC – Quadro 34 – Análise da Pedagogia da Alternância – Fundação do MEPES e da Escola Família Agrícola de Rio Novo do Sul-ES

OBS.: No processo de fundação da Escola Família Agrícola de Rio Novo, diversas pessoas além das citadas nesta pesquisa participaram do mesmo. Deste muitos já faleceram, outros estão morando em outros lugares mais distantes de Rio Novo do Sul, outros devido à idade avançada não recordam de muitos detalhes da década de 60.

Destaca-se também o envolvimento das comunidades, que foi apresentado na análise das comunidades.

Entrevistados (as)	Endereço	Profissão, Idade, Escolaridade	Data da Entrevista
João Batista Martins Participou da fundação do MEPES e da EFA de Rio Novo do Sul	Cachoeirinha – Rio Novo do Sul/ES	Profissão: Aposentado Idade: Escolaridade:	14/09/2014
Niedy Athaide Muito colaborou com os mutirões de construção da EFA	Sede – Rio Novo do Sul	Profissão: Funcionária estadual trabalhava na coletoria estadual (Aposentada) Idade: 92 anos Escolaridade: Segundo grau Contabilidade	16/10/2014
Sérgio Zamberlam Veio da Itália para atuar nas EFA1s no Espírito Santo	Rua Cristiano de Herlopes, 254, Anchieta	Profissão: Sempre fui monitor aqui das escolas famílias e agente foi um pouco coordenador do Centro de formação durante poucos anos e depois colaboramos na formulação e também com a equipe pedagógica nacional da UNEFAB, na formação da equipe e também na preparação de material didático e pedagógico durante quase uns dez anos. Idade: Eu nasci em 14/09/1947, portanto eu fiz 67 anos. Grau de instrução: A minha instrução é essencialmente autodidática ou informal, eu sou técnico agrícola (agrotécnico)	07/11/2014
Edinys Antônio Orlandi Foi para a Itália conhecer a experiência das EFA's e	Endereço: Rua Arlindo Costa, 84, bairro Imigrantes.	Profissão: Aposentado Idade:	27/11/2014

voltou atuou nas EFA's do Brasil.	Alfredo Chaves – ES. O CEP é 29240-000.	Escolaridade: Curso científico, aquele antigo segundo grau, e tenho o curso da Itália de técnicas agrícolas em São Benedito, na Escola Família da Itália, em Castel Franco. eu fiz a UFES era um curso de ciência matemática a distancia	
Glícia Mameri de Azevedo Muito colaborou com os mutirões de construção da EFA	Sede – Rio Novo do Sul/ES	Profissão: doméstica, eu costurava muito pra fora, cresci numa loja muito grande, minha mãe era compradora de café, comprava em coco do interior, pilava e exportava. Então a gente trabalhava assim com ela, no comércio Idade: 86 anos Escolaridade: 4ª série	23/10/2014
João Bráz Bortolote Foi para a Itália conhecer a experiência das EFA's e voltou atuou nas EFA's do Brasil. Sendo um dos primeiros diretores da EFA	C.	Profissão: Idade: 70 anos Escolaridade: veja bem, eu fiz o ginásial, até está no documento aqui, eu fiz o ginásial, quando eu ia iniciar para fazer o científico, aí surgiu esta oportunidade de ir a Itália, aí fiz segundo grau lá.	21/10/2014
Vera Bortolote Vice prefeita de Rio Novo do Sul e secretária de Educação atual. Esposa do Sr João Bortolote	Rua Coronel Francisco Alves de Athaide, nº 74.	Profissão: Vice Prefeita de RNS Idade: Escolaridade: Superior Completo	21/10/2014
Joel Duarte Benísio Gerente Pedagógico do MEPES	Alfredo Chaves	Profissão: Gerente Pedagógico do MEPES Idade: Escolaridade: Superior Completo	27/10/2014
Idalgizo José Monequi Superintendente Geral do MEPES	Avenida Ralta, Bairro da Justiça – Anchieta – Espírito Santo	Profissão: Superintendente Geral do MEPES Idade: 60 anos Escolaridade: Pós Graduação em Gestão de Empresas com foco na Gestão de Organizações Sociais também. A Pós Graduação foi Gestão Empresarial. Por estar trabalhando numa organização social eu me dediquei também a estudar um pouco a gestão nas organizações sociais.	29/12/2014

Getúlio de Oliveira Mota Primeiro diretor administrativo da EFA de Rio Novo do Sul	Sede – Rio Novo do Sul/ES	Profissão: Aposentado Idade: Escolaridade: Superior Completo	18/09/2014
Justino Mameri Atuou como preitonas primeiros tempos da EFA	Sede – Rio Novo do Sul	Profissão: Aposentado Idade: 86 anos Escolaridade:	02/10/2014
Elenita Mameri Esposo do Senhor Justino Mameri Contribuiu nos mutirões de construção da EFA	Sede – Rio Novo do Sul	Profissão: Professora Aposentado Idade: Escolaridade: Superior Completo – pedagogia	02/10/2014
Vandeir Spadetti Ex Diretor e monitor da EFA de Rio Novo do Sul	Rua padre Guido Spolaor – Rio Novo do Sul/ES	Profissão: Professor (monitor) da EFA de Rio Novo do Sul Idade: Escolaridade: ensino Superior completo (Pedagogia)	18/09/2014
Ronald de Souza Rohr Ex monitor e atual diretor da EFA de Rio Novo do Sul	Rua Luiz Huller – Rio Novo do Sul	Profissão: Diretor atual da EFA de Rio Novo do Sul Idade: 36 anos Escolaridade: Curso superior completo em Ciências Biológicas e sou formado em Técnico Agrícola também, Técnico em Agropecuária em River	27/11/2014
Firmino Costa Martins Articulador da Juventude do MEPES	Praça da Matriz, S nº, Centro – Anchieta- ES	Profissão: Padre e funcionário do MEPES – Centro de Formação e Reflexão Idade: Escolaridade: 3º grau em Filosofia, Teologia	31/10/2014
Arthurildo Trabalho na INCAPER, Emater na época		Profissão: Idade: Escolaridade:	
Ronaldo Alemães Stephanato Ex monitor da EFA de Rio Novo do Sul	Cachoeiro de Itapemirim	Profissão: Engenheiro Agrônomo – INCAPER – Rio Novo do Sul	24/10/2014

Fonte: Pesquisa de campo realizada pela autora (2014).

APÊNDICE DD – Roteiros das entrevistas realizadas para análise do meio rural de Rio Novo do Sul

Roteiro A:

Comunidade:

Responsável pelas informações:

1. Data da Fundação:
2. Número de famílias
3. Distância até a Sede de Rio Novo do Sul
4. Principais culturas agrícolas da comunidade
5. Destino da produção
6. Possui associação comunitária? Número de sócios
7. Principal fonte de renda da comunidade
8. Atividades não agrícolas presente na comunidade. Quando e porque surgiram?
9. Número de famílias que migraram para a área urbana
10. Como observa o rural hoje?
11. Média de idade das pessoas que hoje estão trabalhando na agricultura
12. Perspectivas sobre o meio rural
13. Desafios enfrentados pela comunidade
14. O rural da comunidade na década de 1960 e o rural hoje. Como observa estas mudanças?
15. Número de jovens da comunidade que estudaram na EFA de Rio Novo do Sul
16. O que trouxeram para a comunidade os jovens que passaram pela EFA?
17. Hoje a comunidade possui muitos jovens? Em que atuam? E o que faziam na década de 1960?
18. Hoje na comunidade tem alunos estudando na EFA de Rio Novo do Sul?
19. Qual a relação da EFA de Rio Novo do Sul com esta comunidade e da comunidade para coma EFA?
20. Quantas famílias da comunidade vivem apenas do rural (atividade primária)?
21. Para onde vai o rural desta comunidade?
22. Como analisa a EFA de Rio Novo do Sul hoje?

Roteiro B:

Análise sobre o rural de Rio Novo do Sul – INCAPER

Nome: Ronaldo Alemães Stephanato

Grau de escolaridade: Ensino Superior Completo Agronomia

Endereço: Cachoeiro de Itapemirim

Profissão: Engenheiro Agrônomo – INCAPER – Rio Novo do Sul

1. O INCAPER conhece a fundo a realidade rural do município de RNS?
2. Faz visitas frequentes para diagnosticar a demanda do mesmo? Existem registros desta visitas? Quais os objetivos das mesmas?
3. Como funciona o INCAPER (atividades realizadas) com as comunidades?
4. Como o INCAPER esta atendendo ao rural e aos produtores rurais de RNS?
5. Como você analisa o meio rural de Rio Novo do Sul nos dias atuais? Mudou? O que?
6. Existe algum projeto para a área rural do município? Como este está estruturado? Como foi elaborado? Está sendo praticado? Podemos ter uma cópia? – Se não tiver, explicar o porquê ainda não tem.
7. Como analisa o desenvolvimento rural do município? E qual a participação da INCAPER no mesmo?
8. Como o INCAPER analisa o meio rural em meio às transformações vividas pelo sistema capitalista de produção? E como atua neste espaço em meio a estas mudanças?
9. Quais as atividades agrícolas e não agrícolas são predominantes no município de RNS?
10. Em relação às associações comunitárias o INCAPER tem alguma atuação junto às mesmas? Quais?

11. Como analisa e atua na EFA – RNS?
12. Existem aqui registros das comunidades, das propriedades e/ou outros documentos que podem ser reproduzidos?

APÊNDICE EE – Roteiro das entrevistas realizadas com ex-alunos da EFA de Rio Novo do Sul

Nome:

Grau de escolaridade:

Endereço no período de estudo na Escola Família Agrícola (MEPES) Rio Novo do Sul:

Endereço atual:

Estado civil:

Idade:

Profissão:

Profissão dos Pais:

Ano da matrícula: Concluiu o curso? Ano de afastamento da Escola Família Agrícola:

1. Porque foi estudar na Escola Família Agrícola (MEPES) Rio Novo do Sul?
2. Qual era a distância que percorria de casa até a Escola? Como era feito o percurso?
3. Como era o dia a dia na Escola Família Agrícola (MEPES) Rio Novo do Sul?
4. O que fazia na semana em que estava em casa?
5. Como aplicava os estudos da Escola Família Agrícola (MEPES) Rio Novo do Sul em casa?
6. Qual era o perfil dos alunos da sua turma (idade, onde moravam, sexo...)?
7. Que contribuições Escola Família Agrícola (MEPES) Rio Novo do Sul trouxe para a sua vida pessoal e profissional para a sua família e nas atividades desenvolvidas na propriedade (ou outra atividade não agrícola)?
8. A Escola Família Agrícola (MEPES) Rio Novo do Sul trouxe resultados para o rural de Rio Novo do Sul que podem ser observados atualmente? Quais?
9. Como observa a Escola Família Agrícola (MEPES) Rio Novo do Sul hoje?
10. Colocaria seu filho, irmão, sobrinho.... hoje para estudar na Escola Família Agrícola (MEPES) Rio Novo do Sul? Justifique.
11. Como analisa o meio rural de Rio Novo do Sul hoje e na época em que estudava na Escola Família Agrícola?
12. Para você a Escola Família Agrícola (MEPES) Rio Novo do Sul contribuiu nas mudanças que hoje vem acontecendo no meio rural? Como?
13. Como era o local onde morava e como está hoje?
14. Quais atividades eram desenvolvidas pela sua família e quais são desenvolvidas hoje?
15. Quais eram os principais desafios e realizações enquanto aluno da Escola Família Agrícola (MEPES) Rio Novo do Sul?
16. O que acha do estudo na Escola Família Agrícola (MEPES) Rio Novo do Sul?
17. O que fez após concluir os estudos na Escola Família Agrícola (MEPES) Rio Novo do Sul?
18. Pontos fortes e fracos da Escola Família Agrícola (MEPES) Rio Novo do Sul.
19. Possui fotos ou outros documentos daquela época (caderno da realidade, caderno de acompanhamento, relatórios...) que podem ser compartilhadas com a minha pesquisa?

Depoimento livre.....

APÊNDICE FF – Roteiros das entrevistas realizadas referentes à análise da Pedagogia da Alternância no Espírito Santo e em Rio Novo do Sul

Roteiro A:

Nome: Idalgizo José Monequi

Endereço: Avenida Ralta, Bairro da Justiça – Anchieta – Espírito Santo

Profissão: Superintendente Geral do MEPES

Idade: 60 anos

Grau de Instrução: Pós Graduação em Gestão de Empresas com foco na Gestão de Organizações Sociais também. A Pós Graduação foi Gestão Empresarial. Por estar trabalhando numa organização social eu me dediquei também a estudar um pouco a gestão nas organizações sociais

1. Como iniciou o seu envolvimento com a Pedagogia da Alternância?
2. Em que funções já atuou na PA? O que esta experiência representou na sua vida?
3. Como foi sua atuação na UNEFAB? E como você analisa a atuação das EFA's no ES em relação aos demais estados brasileiros?
4. Quais as principais desafios e realizações vividos na PA?
5. Com surge a PA no ES?
6. Qual o contexto observado no ES para a implantação da PA (marco 0 – 1968)? E quais transformações são observadas na relação entre 1968 a 2013?
7. Porque Padre Humberto escolhe primeiro o ES para implantar a PA no Brasil?
8. A PA é fruto de uma questão anterior a ela? Qual?
9. Antes da chegada PA no ES qual era a real preocupação?
10. A PA no ES surge como sentido de resistência as questões vivenciados no período de sua chegada (Ditadura Militar, Erradicação dos cafezais, êxodo rural...)? Explique.
11. Qual é o sentido da Pedagogia da Alternância hoje?
12. Porque a igreja entra com tanto interesse neste contexto e decide agir nele?
13. A P.A. é um movimento dentro da igreja?
14. Porque a igreja resolve agir pelo viés da educação em todos os locais de seu surgimento da PA?
15. O nascimento do MEPES refaz uma pergunta diferente da feita na França, Itália....? Pois sabemos que o contexto muda e a pergunta de sua criação muda? Justifique.
16. O que dizer de “novo” sobre a PA e a EFA? Que questões ainda não foram colocadas e que, no entanto precisam de uma reflexão mais profunda?
17. Como a EFA trabalha a questão da transformação do campesinato no sistema capitalista? Ela está atenta a estas questões? Como?
18. Como observa o meio rural hoje? Quais a transformações ocorridas 1969 aos dias atuais?
19. Qual é a relação entre as transformações recentes do espaço rural e a Pedagogia da Alternância?
20. Para onde vai a PA e as EFA's em meio às transformações do rural no sistema capitalista de produção?
21. A EFA está recontextualizada no debate sobre a educação do campo e da agricultura familiar em meio às transformações sofridas pelo sistema capitalista? Justifique.
22. Qual o debate hoje da Pedagogia da Alternância? (“Se o mundo mudou a geografia precisa mudar! Milton Santos”)... Se o mundo rural mudou, as EFA's a PA, estão acompanhando esta mudança? Como?

Rio Novo do Sul

1. Como surgiu a ideia de trazer a Pedagogia da Alternância para RNS?
2. Qual era a preocupação no município para trazer a Pedagogia da Alternância para o mesmo?
3. Como era a relação da EFA com o meio familiar e comunitário do aluno e como está esta relação hoje?
4. Como você analisa a Pedagogia da Alternância neste espaço de tempo em RNS?
5. Como observa a dinâmica da EFA hoje?
6. Hoje a PA esta se concretizando no município? Pois sabemos que o contexto mudou, no entanto, o sentido e os resultados esperados na criação da EFA na década de 60/70 são vivenciados hoje? Como?

7. Para você as transformações vividas pelo rural de Rio Novo do Sul têm relação com a PA? Como?

Roteiro B:

Nome: Sérgio Zamberlam

Endereço: Rua Cristiano de Herlopes, 254, Anchieta

Profissão: Sempre fui monitor aqui das escolas famílias e agente foi um pouco coordenador do Centro de formação durante poucos anos e depois colaboramos na formulação e também com a equipe pedagógica nacional da UNEFAB, na formação da equipe e também na preparação de material didático e pedagógico durante quase uns dez anos.

Idade: 67 anos

Grau de Instrução: A minha instrução é essencialmente autodidática ou informal, eu sou técnico agrícola (agrotécnico)

1. Como iniciou o seu envolvimento com a Pedagogia da Alternância na Itália e no Brasil?
2. Porque decidi vir para o Brasil? Ano de vinda... atuação... como estava o ES em sua chegada aqui?
3. Como era a Pedagogia da Alternância na Itália? Em que atuava lá?
4. Em que funções já atuou na PA (Brasil e Itália)?
5. Quais as principais desafios e realizações vividos por você na PA?
6. O que conhece do surgimento da PA no ES? Como se deu este processo?
7. Qual o contexto observado no ES para a implantação da PA (marco 0 – 1968)?
8. E quais transformações são observadas nas relações humanas, no rural...entre 1968 a 2013?
9. Porque Padre Humberto escolhe primeiro o ES para implantar a PA no Brasil?
10. A PA é fruto de uma questão anterior a ela? Qual?
11. Antes da chegada PA no ES qual era a real preocupação?
12. A PA no ES surge como sentido de resistência as questões vivenciados no período de sua chegada (Ditadura Militar, Erradicação dos cafezais, êxodo rural....)? Explique.
13. Qual é o sentido da Pedagogia da Alternância hoje?
14. Porque a igreja entra com tanto interesse neste contexto e decide agir nele?
15. A P.A. é um movimento dentro da igreja?
16. Porque a igreja resolve agir pelo viés da educação em todos os locais de surgimento da PA?
17. O nascimento do MEPES refaz uma pergunta diferente da feita na França, Itália....? Pois sabemos que o contexto muda e a pergunta de sua criação muda? Justifique.
18. O que dizer de “novo” sobre a PA e a EFA? Que questões ainda não foram colocadas e que, no entanto precisam de uma reflexão mais profunda?
19. Como a EFA trabalha a questão da transformação do campesinato no sistema capitalista? Hoje ela está atenta a estas questões? Como?
20. Como observa o meio rural hoje?
21. Existe relação entre as transformações recentes do espaço rural e a Pedagogia da Alternância? Quais?
22. Para onde vai a PA e as EFA's em meio às transformações do rural no sistema capitalista de produção?
23. A EFA está recontextualizada no debate sobre a educação do campo e da agricultura familiar em meio às transformações sofridas pelo sistema capitalista? Justifique.
24. Qual o debate hoje da Pedagogia da Alternância? (“Se o mundo mudou a geografia precisa mudar! Milton Santos”)... Se o mundo rural mudou, as EFA's a PA, estão acompanhando esta mudança? Como?

Rio Novo do Sul

25. Como surgiu a ideia de trazer a Pedagogia da Alternância para RNS?
26. Qual era a preocupação no município para trazer a Pedagogia da Alternância para o mesmo?
27. Como era a relação da EFA com o meio familiar e comunitário do aluno e como está esta relação hoje?
28. Como você analisa a Pedagogia da Alternância neste espaço de tempo em RNS?
29. Como observa a dinâmica da EFA hoje?
30. Hoje a PA esta se concretizando no município? Pois sabemos que o contexto mudou, no entanto, o sentido e os resultados esperados na criação da EFA na década de 60/70 são vivenciados hoje? Como?

31. Para você as transformações vividas pelo rural de Rio Novo do Sul têm relação com a PA? Como?

Roteiro C:

Nome: Ronald de Souza Rohr

Endereço: Rua Luiz Huller – Rio Novo do Sul

Função que Exerce na EFA/RNS: Monitor e atualmente Diretor Administrativo

Idade: 36 anos

Escolaridade: Curso superior completo em Ciências Biológicas e sou formado em Técnico Agrícola também, Técnico em Agropecuária em River

1. Como iniciou o seu envolvimento com a Pedagogia da Alternância?
2. Qual é o sentido da Pedagogia da Alternância hoje?
3. Quais as principais desafios e realizações vividos pela EFA?
4. Como está a relação da EFA com o meio familiar e comunitário do aluno?
5. Como você analisa a Pedagogia da Alternância neste espaço de tempo aqui em RNS?
6. Como você vê o meio rural hoje? Quais as transformações ocorridas?
7. O que mudou “transformou” na P.A. e nas questões que envolvem o meio rural, no período em que está na EFA?
8. Como está a escola hoje?
9. Qual é o perfil dos alunos hoje?
10. Quanto tempo atua na EFA? O que esta experiência representou na sua vida?
11. Como a EFA trabalha a questão da transformação do campesinato no sistema capitalista? A PA está atenta a estas questões? Como?
12. Qual é a relação entre as transformações recentes do espaço rural e a Pedagogia da Alternância?
13. A PA está recontextualizada no debate sobre a educação do campo e da agricultura familiar em meio às transformações sofridas pelo sistema capitalista? Justifique
14. Hoje qual é a preocupação do município para com a PA?

Roteiro D:

Nome: Vandeir Spadetti

Endereço: Rua Padre Guido Spolaor – Snº - Rio Novo do Sul

Função que Exerceu e exerce na EFA/RNS: Monitor e Diretor da EFA

Escolaridade: ensino Superior completo (Pedagogia)

1. Como iniciou o seu envolvimento com a Pedagogia da Alternância?
2. Como surgiu a ideia de trazer a Pedagogia da Alternância para RNS?
3. Como foi o movimento de criação da EFA? De quem foi a iniciativa?
4. Quais pessoas integravam a equipe de fundação e de monitores na época?
5. Qual era o perfil dos alunos na época? E hoje que aluno vem para a Pedagogia da Alternância?
6. Qual era o sentido da Pedagogia da Alternância naquela época e hoje?
7. Como era e é participação do poder público na EFA – RNS?
8. Qual era a preocupação no município para trazer a Pedagogia da Alternância para cá?
9. Hoje qual é a preocupação do município para com a PA?
10. Como estava o município na época 1985 e como o vê hoje (econômico, social e político)?
11. Qual era e qual é a relação da igreja com a criação da escola?
12. Quanto tempo atua na EFA? O que esta experiência representou na sua vida?
13. Quais as principais desafios e realizações vividos na EFA?
14. Como era a relação da EFA com o meio familiar e comunitário do aluno e como está esta relação hoje?
15. Como você analisa a Pedagogia da Alternância neste espaço de tempo aqui em RNS?
16. Como você observa o meio rural hoje? Quais as transformações ocorridas 1975 aos dias atuais?
17. O que mudou “transformou” na P.A. e nas questões que envolvem o meio rural, no período em que você passou pela EFA?
18. Como a EFA trabalha a questão da transformação do campesinato no sistema capitalista? A PA está atenta a estas questões? Como?
19. Qual é a relação entre as transformações recentes do espaço rural e a Pedagogia da Alternância?

20. Depoimento livre.

Roteiro E:**Nome:** Padre Firmino Costa Martins**Atuação:** Padre e funcionário do MEPES – Centro de Formação e Reflexão**Grau de escolaridade:** 3º grau em Filosofia, Teologia**Endereço:** Praça da Matriz, S nº, Centro – Anchieta- ES

1. Como iniciou o seu envolvimento com a Pedagogia da Alternância?
2. O que conhece sobre o surgimento da Pano ES?
3. Qual o contexto observado no ES quando iniciou os trabalhos com a PA?
4. Participou do movimento de criação de alguma da EFA? De que forma? De quem foi à iniciativa?
5. Como era vista a EFA de RNS no período em que iniciou os trabalhos na PA?
6. Qual era o sentido da Pedagogia da Alternância naquela época?
7. Qual é o sentido da Pedagogia da Alternância hoje?
8. A Escola Agrícola em RNS e no ES surge como preocupação em relação às transformações do campesinato no sistema capitalista?
9. Qual era a relação da igreja com a escola?
10. O que esta experiência representou na sua vida?
11. Em que atuou na PA (monitor, aluno...)? Relate sua experiência nestas vivências.
12. Os principais desafios e realizações vividos na EFA?
13. Como era a relação da EFA com o meio familiar e comunitário do aluno?
14. Como o Senhor vê a EFA hoje esta relação com as comunidades e famílias?
15. Como o Senhor vê a EFA de RNS de RNS hoje?
16. Como o Senhor analisa a Pedagogia da Alternância neste espaço de tempo em RNS?
17. Como o Senhor analisa o meio rural de RNS hoje em meio a transformação do campesinato no sistema capitalista de produção? Quais as transformações ocorridas de 1968 aos dias atuais?
18. Para você as transformações vividas pelo rural de Rio Novo do Sul têm relação com a PA? Como?
19. O que mudou “transformou” na P.A. e nas questões que envolvem o meio rural, no período em que o senhor iniciou na PA?
20. Qual é a relação entre as transformações recentes do espaço rural e a Pedagogia da Alternância?
21. O senhor tem algum documento, ou foto da época em que passou pelo MEPES?
22. Qual o sentido da criação da PA?
23. Porque a igreja entra com tanto interesse neste contexto e decide agir nele?
24. Antes da PA no ES qual era a real preocupação?
25. Para onde vai a PA em meio às transformações do mundo?
26. O nascimento do MEPES refaz uma pergunta diferente da feita na França, Itália...? Pois sabemos que o contexto muda e a pergunta de sua criação muda? Justifique.
27. O que dizer de “novo” sobre a PA e a EFA? Que questões ainda não foram colocadas e que, no entanto, precisam de uma reflexão mais profunda?
28. A PA está recontextualizada no debate sobre a educação do campo e da agricultura familiar em meio às transformações sofridas pelo sistema capitalista? Justifique.

Roteiro F:**Nome:** Justino Mameri**Endereço:** Sede – Rio Novo do Sul**Idade:** 86 anos**Grau de Instrução:****Profissão:** ex-prefeito de Rio Novo do Sul década de 60/70**Nome:** Elenita Mameri**Profissão:** Professora Aposentada**Endereço:** Sede – Rio Novo do Sul**Idade:****Grau de Instrução:** Superior Completo - pedagogia

1. Quando e como iniciou o envolvimento do Senhor com a Pedagogia da Alternância no ES e em RNS?
2. Comitê de criação da EFA.
3. Como surge a iniciativa de implantação de uma EFA aqui?
4. Como foi a iniciativa para a implantação deste projeto?
5. Como era a participação do poder público, das comunidades e da igreja neste processo?
6. Como estava Rio novo do Sul na década de 60 (Econômico, político e social)
7. Qual era o sentido da criação da EFA aqui?
8. A EFA surge como resistência ao que o campo passava na época? Por quê?
9. A PA surge como preocupação em relação às transformações do campesinato no sistema capitalista?
10. Porque o envolvimento da igreja?
11. Como o senhor observa o rural de Rio Novo hoje em relação à década de 60? O que mudou?
12. Como era vista a PA quando surge aqui em Rio Novo? (poder publico igreja agricultores)
13. Como o senhor observa a EFA hoje?
14. As transformações sofridas pelo rural, o senhor observa alguma influencia da EFA?
15. O que a PA trouxe para Rio Novo?
16. Que outras pessoas podem ser citadas que participaram no inicio da EFA de Rio novo
17. O senhor tem algum documento ou foto daquela época?

Roteiro G:

Nome: Joel Duarte Benísio

Endereço: Alfredo Chaves

Profissão: Superintendente Pedagógico do MEPES

Grau de Instrução: Superior Completo

1. Como iniciou o seu envolvimento com a Pedagogia da Alternância?
2. Em que funções já atuou na PA? O que esta experiência representou na sua vida?
3. Quais as principais desafios e realizações vividos na PA?
4. Com surge a PA no ES?
5. Qual o contexto observado no ES para a implantação da PA (marco 0 – 1968)? E quais transformações são observadas na relação entre 1968 a 2013?
6. Porque Padre Humberto escolhe primeiro o ES para implantar a PA no Brasil?
7. A PA é fruto de uma questão anterior a ela? Qual?
8. Antes da chegada PA no ES qual era a real preocupação?
9. A PA no ES surge como sentido de resistência as questões vivenciados no período de sua chegada (Ditadura Militar, Erradicação dos cafezais, êxodo rural....)? Explique.
10. Qual é o sentido da Pedagogia da Alternância hoje?
11. Porque a igreja entra com tanto interesse neste contexto e decide agir nele?
12. A P.A. é um movimento dentro da igreja?
13. Porque a igreja resolve agir pelo viés da educação em todos os locais de surgimento da PA?
14. O nascimento do MEPES refaz uma pergunta diferente da feita na França, Itália....? Pois sabemos que o contexto muda e a pergunta de sua criação muda? Justifique.
15. O que dizer de “novo” sobre a PA e a EFA? Que questões ainda não foram colocadas e que, no entanto precisam de uma reflexão mais profunda?
16. Como a EFA trabalha a questão da transformação do campesinato no sistema capitalista? Ela está atenta a estas questões? Como?
17. Como observa o meio rural hoje? Quais a transformações ocorridas 1969 aos dias atuais?
18. Qual é a relação entre as transformações recentes do espaço rural e a Pedagogia da Alternância?
19. Para onde vai a PA e as EFA's em meio às transformações do rural no sistema capitalista de produção?
20. A EFA está recontextualizada no debate sobre a educação do campo e da agricultura familiar em meio às transformações sofridas pelo sistema capitalista? Justifique.
21. Qual o debate hoje da Pedagogia da Alternância? (“Se o mundo mudou a geografia precisa mudar! Milton Santos”)... Se o mundo rural mudou, as EFA's a PA, estão acompanhando esta mudança? Como?

EFA de Rio Novo do Sul

22. Como surgiu a ideia de trazer a Pedagogia da Alternância para RNS?
23. Qual era a preocupação no município para trazer a Pedagogia da Alternância para o mesmo?
24. Como era a relação da EFA com o meio familiar e comunitário do aluno e como está esta relação hoje?
25. Como você analisa a Pedagogia da Alternância neste espaço de tempo em RNS?
26. Como observa a dinâmica da EFA hoje?
27. Hoje a PA esta se concretizando no município? Pois sabemos que o contexto mudou, no entanto, o sentido e os resultados esperados na criação da EFA na década de 60/70 são vivenciados hoje? Como?
28. Para você as transformações vividas pelo rural de Rio Novo do Sul têm relação com a PA? Como?

Roteiro H:

Nome: Edinys Antônio Orlandi

Endereço: Endereço: Rua Arlindo Costa, 84, bairro Imigrantes. Alfredo Chaves – ES. O CEP é 29240-000.

Profissão: Aposentado

Escolaridade: Curso científico, antigo segundo grau. Curso da Itália de técnicas agrícolas em São Benedito, na Escola Família da Itália, em Castel Franco. Na UFES era um curso de ciência matemática a distância

1. Como iniciou o seu envolvimento com a Pedagogia da Alternância?
2. Com surge a PA no ES?
3. Qual o contexto observado no ES para a implantação da PA (marco 0 – 1968)? E quais transformações são observadas na relação entre 1968 a 2013?
4. Porque Padre Humberto escolhe primeiro o ES para implantar a PA no Brasil?
5. Como surgiu a ideia de trazer a Pedagogia da Alternância para RNS?
6. Participou do movimento de criação da EFA de RNS? De que forma? De quem foi à iniciativa?
7. O senhor teve participação no Comitê de criação da EFA? Explique.
8. Em que período atuou como monitor na mesma?
9. Como era vista a EFA no período em que por lá esteve?
10. Como era a relação da EFA com a comunidade e famílias?
11. Quais pessoas integravam a equipe de monitores na época em que atuou na escola?
12. De onde eram os alunos? E qual era o perfil dos mesmos?
13. Qual era o sentido da Pedagogia da Alternância naquela época?
14. Qual é o sentido da Pedagogia da Alternância hoje?
15. A Escola Agrícola em RNS e no ES surge como preocupação em relação às transformações do campesinato no sistema capitalista?
16. A Escola Agrícola surge como resistência ao que o campo passava na época? Por quê?
17. Como era a participação do poder público na EFA – RNS?
18. Como estava o município na época em que atuou na escola (econômico, social e político)?
19. Qual era a relação da igreja com a escola?
20. O que esta experiência representou na sua vida?
21. Em que atuou na EFA (monitor, aluno...)? Relate sua experiência nestas vivências.
22. Os principais desafios e realizações vividos na EFA?
23. Como era a relação da EFA com o meio familiar e comunitário do aluno?
24. Como o Senhor vê a EFA (escola Família Agrícola) aqui em RNS hoje?
25. Hoje qual é a preocupação do município para com a Escola?
26. Como o Senhor analisa a Pedagogia da Alternância neste espaço de tempo em RNS?
27. Como o Senhor vê o meio rural de RNS hoje? Quais a transformações ocorridas de 1968 aos dias atuais?
28. O que mudou “transformou” na P.A. e nas questões que envolvem o meio rural, no período em que o senhor passou pela EFA?
29. Qual é a relação entre as transformações recentes do espaço rural e a Pedagogia da Alternância?
30. Que outras pessoas podem ser citadas que participaram no inicio da EFA de Rio novo
31. O senhor tem algum documento, ou foto da época em que passou pelo MEPES?

32. Na Itália como foi à visita? Vocês se hospedaram nas Escolas Agrícolas? Como foi a experiência lá? Quanto tempo ficaram lá? Ao retornarem o que mudou na atuação das Escolas Agrícolas aqui?

Depoimento livre.

Roteiro I:

Nome: João Batista Martins

Endereço: Cachoeirinha - Rio Novo do Sul

Função que Exerceu e exerce na EFA/RNS: Participou da criação do MEPES, atuante na Junta Diretora do MEPES, dentre outras.

1. Como iniciou o seu envolvimento com a Pedagogia da Alternância?
2. Com surge a PA no ES?
3. Qual o contexto observado no ES para a implantação da PA (marco 0 – 1968)? E quais transformações são observadas na relação entre 1968 a 2013?
4. Que linha de ação era seguida na década de 60?
5. A escola surge como sentido de resistência?
6. Qual o sentido da criação da PA?
7. Porque a igreja entra com tanto interesse neste contexto e decide agir nele?
8. Antes da PA no ES qual era a real preocupação?
9. Para onde vai a PA em meio às transformações do mundo?
10. Qual era o sentido da Pedagogia da Alternância naquela época e hoje?
11. O nascimento do MEPES refaz uma pergunta diferente da feita na França, Itália....? Pois sabemos que o contexto muda e a pergunta de sua criação muda? Justifique.
12. O que dizer de “novo” sobre a PA e a EFA? Que questões ainda não foram colocadas e que no entanto precisam de uma reflexão mais profunda?
13. A P.A. é um movimento dentro da igreja?
14. Porque a igreja resolve agir pelo viés da educação?
15. A PA é fruto de uma questão anterior a ela? Qual?
16. A PA está recontextualizada no debate sobre a educação do campo e da agricultura familiar em meio às transformações sofridas pelo sistema capitalista? Justifique.

Rio Novo do Sul

17. Como surgiu a ideia de trazer a Pedagogia da Alternância para RNS? Antes dela, qual era aqui a preocupação?
18. Como foi o movimento de criação da EFA? De quem foi à iniciativa?
19. Quais pessoas integravam a equipe de fundação da EFA na época? Como ocorreu esta organização?
20. Qual era o perfil dos alunos na época? E hoje que aluno vem para a Pedagogia da Alternância?
21. Como era e é participação do poder público na EFA – RNS?
22. Hoje qual é a preocupação do município para com a PA?
23. Qual era a preocupação no município para trazer a Pedagogia da Alternância para cá?
24. Como estava o município na época 1968 e como o vê hoje (econômico, social e político)?
25. Em que funções já atuou na PA? O que esta experiência representou na sua vida?
26. Quais as principais desafios e realizações vividos na PA?
27. Como era a relação da EFA com o meio familiar e comunitário do aluno e como está esta relação hoje?
28. Como o senhor analisa a Pedagogia da Alternância neste espaço de tempo aqui em RNS e no ES?
29. Como o senhor observa o meio rural hoje? Quais as transformações ocorridas 1969 aos dias atuais?
30. O que mudou “transformou” na P.A. e nas questões que envolvem o meio rural, no período em que o senhor passou pela EFA aos dias atuais?
31. Como a EFA trabalha a questão da transformação do campesinato no sistema capitalista? A PA está atenta a estas questões? Como?
32. Qual é a relação entre as transformações recentes do espaço rural e a Pedagogia da Alternância?

Roteiro J:**Nome:** Getúlio Mota de Oliveira**Endereço:** Sede – Rio Novo do Sul/ES**Função que Exerceu na EFA/RNS:** Primeiro diretor da EFA de Rio Novo do Sul e também foi monitor da mesma.

1. Como iniciou o seu envolvimento com a Pedagogia da Alternância?
2. Como surgiu a ideia de trazer a Pedagogia da Alternância para RNS?
3. Como foi o movimento de criação da EFA? De quem foi à iniciativa?
4. Quais pessoas integravam a equipe de fundação e de monitores na época?
5. De onde eram os alunos? Qual era o perfil dos alunos?
6. Qual era o sentido da Pedagogia da Alternância naquela época?
7. Quem era o prefeito na época? Qual a participação do poder público na fundação da EFA – RNS?
8. Qual era a preocupação no município para trazer a Pedagogia da Alternância para cá?
9. Como estava o município na época 1969 (econômico, social e político)?
10. Qual era a relação da igreja com a criação da escola?
11. Quanto tempo durou sua experiência na EFA? O que esta experiência representou na sua vida?
12. Quais as principais desafios e realizações vividos na EFA?
13. Como era a relação da EFA com o meio familiar e comunitário do aluno?
14. Como o Senhor vê a EFA hoje esta relação com as comunidades e famílias?
15. Como o Senhor analisa a Pedagogia da Alternância neste espaço de tempo aqui em RNS?
16. Como o Senhor vê o meio rural hoje? Quais as transformações ocorridas de 1968 aos dias atuais?
17. O que mudou “transformou” na P.A. e nas questões que envolvem o meio rural, no período em que o senhor passou pela EFA?
18. A EFA trouxe resultados para o rural? Quais?
19. Qual a relação entre as transformações no rural e a pedagogia da Alternância?

Roteiro K:**Nome:** João Brás Bortolote**Endereço:** Sede – Rio Novo do Sul/ES**Função que exerceu na EFA:** Monitor e Diretor**Escolaridade:** Ginásial, quando eu ia iniciar para fazer o científico, aí surgiu esta oportunidade de ir a Itália, aí fiz segundo grau lá.**Nome:** Vera Bortolote**Endereço:** Sede – Rio Novo do Sul/ES**Escolaridade:** Ensino superior

1. Como iniciou seu envolvimento com a Pedagogia da Alternância?
2. Como surgiu a ideia de trazer a Pedagogia da Alternância para Rio Novo do Sul?
3. Como foi o movimento de criação da EFA? De quem foi a iniciativa?
4. O senhor teve participação no comitê de criação da EFA? Explique.
5. Quais as pessoas integravam a equipe de fundação e de monitores na época em que atuou na escola?
6. De onde eram os alunos? Qual o perfil dos mesmos?
7. Qual era o sentido da Pedagogia da Alternância na década de 60? E hoje este sentido permanece?
8. A EFA em Rio Novo do Sul e no ES surge como preocupação em relação às transformações do campesinato no sistema capitalista de produção?
9. A EFA surge como resistência ao que o campo estava passando na década de 60? Por quê?
10. Quem era o prefeito na época? Qual era a participação do poder público na fundação da EFA – RNS?
11. Qual era a preocupação do município em trazer a PA para RNS?
12. Como estava RNS na década de 1960 (econômico, político e social)?
13. Qual era a relação da igreja com a criação da EFA?
14. Quanto tempo durou sua experiência na Pedagogia da Alternância? O que esta experiência representou para sua vida?
15. Quais as principais realizações e os principais desafios vividos na EFA?
16. Como era estabelecida a relação entre a EFA, a família e o meio comunitário dos alunos?

17. Como o senhor analisa a EFA de Rio Novo do Sul hoje?
18. Como o senhor analisa a Pedagogia da Alternância neste tempo em Rio Novo do Sul?
19. Como analisa o meio rural de Rio Novo do Sul hoje? Quais as transformações observadas da década de 1960 aos dias atuais?
20. O que mudou, transformou na PA em relação as questões que envolvem o rural?
21. Como foi sua viagem para a Itália? Como foi escolhido e qual era o objetivo desta viagem? Ao retornarem para o Brasil o que fizeram?

Roteiro L:

Nome: Niedy Athaide

Endereço: Sede – Rio Novo do Sul

Idade: 92 anos

Função na EFA RNS: Participante atuante nos mutirões e campanhas de construção da EFA

Profissão: Funcionária estadual trabalhava na coletoria estadual (Aposentada)

Escolaridade: Segundo grau Contabilidade

Nome: Glícia Mameri de Azevedo

Endereço: Sede – Rio Novo do Sul

Profissão: doméstica, eu costurava muito pra fora, cresci numa loja muito grande, minha mãe era compradora de café, comprava em coco do interior, pilava e exportava. Então a gente trabalhava assim com ela, no comércio

Função na EFA RNS: Participante atuante nos mutirões e campanhas de construção da EFA

Idade: 86 anos

Escolaridade: 4ª série

1. Como estava Rio Novo do Sul na década de 1960?
2. O que mudou desta época para os dias atuais?
3. Quem era Padre João Confalonieri?
4. Como era a atuação dele em relação a construção da EFA de RNS?
5. A senhora participou das campanhas de construção da EFA de RNS?
6. Como eram feitas as campanhas? Quem as coordenava?
7. Porque a senhora se propôs a ajudar na construção da EFA de RNS?
8. O que acha da EFA?
9. As pessoas se dedicavam muito na construção da escola? Como era analisada a EFA na década de 1960?

ANEXOS

ANEXO A – Ata de fundação do MEPES

[Handwritten Signature]

ATA DE FUNDAÇÃO DO MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO PROMOCIONAL DO ESPÍRITO SANTO
(M E P E S)

Aos vinte e seis dias do mes de abril de mil novecentos e sessenta e oito, no Salão Nobre da Prefeitura Municipal de Anchieta, estado do Espírito Santo, compareceram as pessoas no fim desta assinado, com a finalidade de fundar uma Sociedade com a finalidade de promover a elevação da pessoa humana através uma ação comunitária que desenvolva a mais ampla atividade relativa ao interesse do homem do Campo e, principalmente no tocante à elevação cultural, social e econômica dos agricultores Capixabas

Presente o Pe Humberto Pietrogrande, idealizador da nova Sociedade convidou o Dr. José de Oliveira M.M. Juiz de Direito da Comarca de Anchieta para dirigir os trabalhos iniciais, o que foi aceito tendo assumido a Presidencia e convojado as Autoridades presentes para compor a Mesa.

A seguir Pe Humberto Pietrogrande convidou os representantes / das Comunidades presentes, para tomarem lugar à mesa aonde se desenrolou os trabalhos e demais pessoas unidas à Entidade. Pe Humberto Pietrogrande apresentou as Escusas daquêles que não puderam comparecer à Reunião.

Em seguida fez agradecimentos às palavras de Pe Pedro e disse tudo seria mais fácil pois tudo já estava bem planejado. O Dr. José de Oliveira teceu considerações quanto ao Homem do Campo, dizendo do sacrifício com o qual eles veem lutando. Falou da União que deve existir entre todos os seres para a fundação de algo que venha beneficiar não só o agricultor, como também a coletividade. Explica a finalidade dizendo que é uma promoção que abrangerá vários setores e para isso precisa dar um pouco de si para os seus semelhantes

Em seguida foi lida pelo Secretário do Comitê Executivo "as laudas do Estatutos, que darão nome Jurídico à Entidade. Em seguida foi submetido a aprovação artigos por artigos do Estatuto, pelo M.M. Juiz de Direito da Comarca de Anchieta o Ilm^o Sr. Dr. José de Oliveira Rozas, os quais foram aprovados com a emenda na letra G do Artigo 21 e no Artigo 24.

Em seguida se fez a Eleição da Diretoria Provisória a qual ficou assim constituída: Ficou como Membros da Diretoria Provisória os Membros do "COMITÊ EXECUTIVO" DE PROMOÇÃO, ficou escolhido para presidente da Diretoria Provisória o Revm^o Pe Humberto Pietrogrande (Houve aplausos). Foi escolhido para Vice-Presidente o Ilm^o Sr. Dr. Eusébio Terra. Para Tesoureiro foi escolhido o Sr. José Scherrer, para vice-Tesoureiro Sr. Carlos Margori, para Secretário, Getúlio Motta de Oliveira Filho, para vice-Secretário

Rev^m Pe Luis Gonsaga Maccia. Ficou tambem constituído um Conselho, um Conselho com os seguintes Membros: Il^m Sr. Zeferino Vitorace, Prefeito Municipal da cidade de Anchieta, Dr. Wilson Resende, João Batista / Martins, Srtas. Celma Cahim e Nazira Abrahão da Costa, dignissimas Assistentes Sociais, e o Rev^m Pe João Francisco Confalonieri, vigário de Rio Novo do Sul.

Os Estatutos ora rubricados foram, digo, os Estatutos ora aprovados foram rubricados pelo M.M. Juiz e pela Diretoria Provisória, recém-eleita.

A seguir, pediu a palavra pela ordem o Sr. José de Souza Soares, D.D. Prefeito Municipal de Iconha, e propôs que a nova diretoria, tomasse posse na cidade de Iconha no dia 28, Domingo proximo, ás 09:00 horas do corrente mes. Nada mais havendo, deu-se por encerrados os trabalhos, eu Getulio de Oliveira Filho, secretário escolhido pelo plenário datilografei a presente ATA, que vai por todos assinada.

João de Souza Soares
Carlos Pacheco

Marcos Antonio da Costa
Dr. José Carlos da Costa

Roberto da Silva
Dr. Luiz de Maccis
Domingos

Marcos Antonio da Costa
Dr. José Carlos da Costa

Dr. Luiz de Maccis
Domingos

Dr. Luiz de Maccis
Domingos

Dr. Luiz de Maccis
Domingos

ANEXO B – TABELA 4 – POPULAÇÃO RESIDENTE POR GRUPO DE IDADE E SEXO – ES – 2010

Espírito Santo				
Variável = População residente (pessoas)				
Situação do domicílio = Total				
Ano = 2010				
Sexo e grupo de idade				
Grupos de idade	Total	Homens	Mulheres	Razão de sexo
0-4	124133	120308	244441	103,18
5-.9	135019	129876	264895	103,96
10-.14	153469	148837	302306	103,11
15-19	151475	150054	301529	100,95
20-24	162608	160591	323199	101,26
25-29	160892	161740	322632	99,48
30-34	147792	151970	299762	97,25
35-39	126533	132181	258714	95,73
40-44	120050	125090	245140	95,97
45-49	110741	117028	227769	94,63
50-54	96536	102862	199398	93,85
55-59	77443	82979	160422	93,33
60-64	54566	60562	115128	90,10
65-69	38996	45383	84379	85,93
70-74	29532	36114	65646	81,77
75-79	20604	26704	47308	77,16
80+	20829	31455	52284	66,22
TOTAL	1731218	1783734	3514952	97,06

Fonte: IBGE – Censo Demográfico. Elaborado pela autora (2014).

ANEXO C – TABELA 6 – POPULAÇÃO RESIDENTE POR SEXO E IDADE – RIO NOVO DO SUL – 1970

População residente por sexo, situação e grupos de idade – características gerais da população – ano 1970				
Município = Rio Novo do Sul-ES				
Variável = População residente (pessoas)				
Situação do domicílio = Total				
Sexo				
Grupos de idade	Total	Homens	Mulheres	Razão de sexo
0 a 4 anos	1.244	647	597	108,38
5 a 9 anos	1.338	640	698	91,69
10 a 14 anos	1.397	740	657	112,63
15 a 19 anos	1.134	553	581	95,18
20 a 24 anos	868	496	372	133,33
25 a 29 anos	536	270	266	101,50
30 a 34 anos	412	201	211	95,26
35 a 39 anos	487	248	239	103,77
40 a 44 anos	474	259	215	120,47
45 a 49 anos	367	180	187	96,26
50 a 54 anos	264	126	138	91,30
55 a 59 anos	190	125	65	192,31
60 a 64 anos	171	85	86	98,84
65 a 69 anos	121	46	75	61,33
70 a 74 anos	65	45	20	225,00
75 a 79 anos	30	17	13	130,77
Total	9.098	4678	4420	105,84

Fonte: IBGE – Censo Demográfico. Elaborado pela autora (2014).

ANEXO D – TABELA 8 – POPULAÇÃO RESIDENTE POR SEXO E IDADE – RIO NOVO DO SUL – 2010

População residente por sexo, situação e grupos de idade – características gerais da população				
Município = Rio Novo do Sul-ES – ano = 2010				
Variável = População residente (pessoas)				
Situação do domicílio = Total				
Grupos de idade	Sexo			Razão de sexo
	Total	Homens	Mulheres	
0 a 4 anos	694	371	323	114,86
5 a 9 anos	796	410	386	106,22
10 a 14 anos	913	460	453	101,55
15 a 19 anos	907	462	445	103,82
20 a 24 anos	1.007	485	522	92,91
25 a 29 anos	1.020	522	498	104,82
30 a 34 anos	937	483	454	106,39
35 a 39 anos	788	423	365	115,89
40 a 44 anos	787	389	398	97,74
45 a 49 anos	761	406	355	114,37
50 a 54 anos	687	370	317	116,72
55 a 59 anos	585	289	296	97,64
60 a 64 anos	365	177	187	94,65
65 a 69 anos	350	149	202	73,76
70 a 74 anos	229	108	121	89,26
75 a 79 anos	229	96	132	72,73
80 a 84 anos	138	82	55	149,09
85 a 89 anos	77	33	44	75,00
90 a 94 anos	41	12	29	41,38
95 a 99 anos	15	10	5	200,00
100 anos ou mais	-	-	-	0,00
Total	11326	5737	5587	102,68

Fonte: IBGE – Censo Demográfico. Elaborado pela autora (2014).

**ANEXO E – TABELA 10 – POPULAÇÃO POR SEXO E GRUPO DE IDADE
(RURAL E URBANO) – RNS – 1970**

População residente por sexo, situação e grupos de idade – características gerais da população						
Município = Rio Novo do Sul-ES						
Variável = População residente (pessoas)						
Ano = 1970						
Grupos de idade	Sexo X situação do domicílio					
	Homens			Mulheres		
	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural
0 a 4 anos	647	204	443	597	198	399
5 a 9 anos	640	206	434	698	226	472
10 a 14 anos	740	254	486	657	239	418
15 a 19 anos	553	175	378	581	218	363
20 a 24 anos	496	132	364	372	139	233
25 a 29 anos	270	90	180	266	90	176
30 a 34 anos	201	97	104	211	76	135
35 a 39 anos	248	76	172	239	90	149
40 a 44 anos	259	83	176	215	94	121
45 a 49 anos	180	59	121	187	60	127
50 a 54 anos	126	49	77	138	36	102
55 a 59 anos	125	42	83	65	25	40
60 a 64 anos	85	32	53	86	35	51
65 a 69 anos	46	13	33	75	28	47
70 a 74 anos	45	14	31	20	3	17
75 a 79 anos	17	-	17	13	7	6
Total	4.703	1.540	3.163	4.458	1.580	2.878

Fonte: IBGE – Censo Demográfico (2014).

**ANEXO F – TABELA 11 – POPULAÇÃO POR SEXO E GRUPO DE IDADE
(RURAL E URBANO) – RNS – 2010**

População residente por sexo, situação e grupos de idade – características gerais da população						
Município = Rio Novo do Sul-ES						
Variável = População residente (pessoas)						
Ano = 2010						
Grupos de idade	Sexo X situação do domicílio					
	Homens			Mulheres		
	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural
0 a 4 anos	371	184	187	323	184	140
5 a 9 anos	410	220	190	386	223	163
10 a 14 anos	460	249	211	453	206	247
15 a 19 anos	462	231	231	445	262	183
20 a 24 anos	485	264	221	522	262	260
25 a 29 anos	522	289	233	498	287	211
30 a 34 anos	483	265	218	454	227	227
35 a 39 anos	423	206	217	365	181	184
40 a 44 anos	389	203	186	398	218	180
45 a 49 anos	406	202	204	355	198	157
50 a 54 anos	370	183	187	317	188	130
55 a 59 anos	289	122	167	296	188	108
60 a 64 anos	177	102	75	187	96	91
65 a 69 anos	149	60	89	202	112	90
70 a 74 anos	108	59	49	121	71	50
75 a 79 anos	96	34	62	132	55	77
80 a 84 anos	82	29	53	55	24	32
85 a 89 anos	33	12	21	44	25	19
90 a 94 anos	12	-	12	29	24	5
95 a 99 anos	10	-	10	5	-	5
100 anos ou mais	-	-	-	-	-	-
Total	5.737	2.915	2.822	5.588	3.031	2.557

Fonte: IBGE – Censo Demográfico (2014).